UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**No Limiar dos Impérios: projetos, circulações e experiências na
fronteira entre a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas
(c.1780-c.1820).**

Versão Corrigida

Carlos Augusto de Castro Bastos

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História Social para obtenção
do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo G. Pimenta.

São Paulo
2013

RESUMO:

Esta tese analisa as políticas destinadas à área fronteiriça entre a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas, bem como as circulações e experiências que caracterizaram esse espaço “amazônico”. O recorte cronológico abarca, inicialmente, os trabalhos de demarcação de limites empreendidos por representantes das Coroas espanhola e portuguesa, na década de 1780, compreendendo ainda os anos de crise política do Antigo Regime e a eclosão dos movimentos de independência na América nas primeiras décadas do século XIX. Nesse trabalho, privilegia-se uma análise que atente para as relações transfronteiriças, os impactos no espaço em questão das grandes transformações vivenciadas pelos impérios ibéricos e as leituras, interpretações e ações gestadas pelos sujeitos que habitavam essa fronteira ibero-americana.

Palavras-chave: Fronteira; Capitania do Rio Negro; Província de Maynas; América ibérica, séculos XVIII-XIX; Independências.

ABSTRACT:

This thesis examines the policies concerning the border area between the Captaincy of Rio Negro and the Province of Maynas, as well as the circulations and experiences that characterize this “Amazonian” space. Initially, the chronological period considered includes the demarcation of boundaries undertaken by representative members of the Spanish and Portuguese crowns in the 1780s, the years of political crisis of the Old Regime, and the outbreak of the independence movements in America in the early decades of the XIXth century. In this work, the analysis attempts to cross-border relations, the impacts this space has suffered due to great changes experienced by the Iberian empires, and also, the readings, interpretations and actions generated by the subjects who inhabited this Iberoamerican frontier.

Key words: Boundaries; Captaincy of Rio Negro; Province of Maynas; Iberian America; XVIIIth-XIXth centuries; Independences.

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT.	02
ABREVIATURAS.	05
LISTA DE MAPAS E FIGURAS	06
AGRADECIMENTOS.	11
INTRODUÇÃO.	14
CAPÍTULO I: NOS CONFINS DOS IMPÉRIOS.	34
1.1- Fronteiras americanas em tempos de conflitos e reformismos.	35
1.2 - Domínios extremos na América ibérica: a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas.	58
1.3- O Tratado de Santo Ildefonso: experiências e as expectativas para os territórios fronteiriços.	96
CAPÍTULO II: DEMARCAÇÕES E CIRCULAÇÕES ENTRE O RIO NEGRO E MAYNAS.	124
2.1- A demarcação de limites sob o espectro da guerra.	134
2.2- Entre o abastecimento e o contrabando.	165
2.3 – Entre os sertões e <i>la montaña</i> : fluxos e fugas na fronteira.	206
CAPÍTULO III: NOTÍCIAS E REDEFINIÇÕES NO ESPAÇO DA FRONTEIRA.	246
3.1- Notícias que trazem os rios.	247
3.2- A fronteira entre desafios na passagem do século XVIII para o XIX.	276
3.3- Uma nova fronteira para o Vice-Reino do Peru no começo do século XIX.	301

CAPÍTULO IV: A FRONTEIRA, ENTRE DISSOLUÇÕES.	310
4.1- Peru e Brasil: crises monárquicas e desafios políticos a partir de 1808 e ao longo da década de 1810.	311
4.2- Contatos, projetos e temores na fronteira Maynas/Rio Negro.	340
4.3- Independências limítrofes.	399
CONCLUSÃO.	442
BIBLIOGRAFIA.	446

ABREVIATURAS

AGI- Archivo General de Indias

AGN- Archivo General de la Nación, Perú

AGS- Archivo General de Simancas

AHI- Arquivo Histórico do Itamaraty

AHLPE- Archivo Histórico de Límites del Perú

AHN- Archivo Histórico Nacional de España

AHU- Arquivo Histórico Ultramarino (projeto Resgate)

AMIP- Arquivo do Museu Imperial de Petrópolis

ANRJ- Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

ANTT- Arquivo Nacional da Torre do Tombo

APEP- Arquivo Público do Estado do Pará

CDIP- Colección Documental de la Independencia del Perú

CLDRDL- Colección de Leyes, Decretos, Resoluciones y otros Documentos Oficiales referentes al Departamento de Loreto

IEP- Instituto de Estudios Peruanos

IFEA- Instituto Francés de Estudios Andinos

IHGB- Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

IRA- Instituto Riva-Agüero

MNM- Museo Naval de Madrid

PCDL- Primeira Comissão Demarcadora de Limites

LISTA DE MAPAS E FIGURAS.

Mapas:

1. Mapas coevos (c.1780-c.1820).

Mapa 1.1: *Mapa do Estado e Capitanias do Grão Pará e Rio Negro, com as do Maranhão e Piauí, que delle de desanexarão em separado Governo Geral no anno de 1774 aumentado até o paralelo de cinco grãos de latitude boreal, com as communicações dos rios, Negro, Oniroco, e Cavaboris, a situação da nova fortaleza, e verdadeiro curso do rio Branco. Feito em 1778.....63*

Mapa 1.2: *Plan Geografico del Virreinato de Santa Fe de Bogota Nuevo Reyno de Granada, que manifiesta su demarcación territorial, islas, ríos principales, prouincias y plazas de armas; lo que ocupan indios barbaros y naciones extranjerias; demostrando los confines de los dos Reynos de Lima, Mexico, y establecimientos de Portvga, sus lindantes; con notas historiales del ingreso anual de sus rentas reales, y noticias relatiuas a su actual estado civil, político y militar. Formado en servicio del Rey N[uest]ro. S[eñ]or. Por el D. D. Francisco Moreno, y Escandòn, Fiscal Protector de la Real Avdiencia de Santa Fe y Juez Conseruador de Rents. Lo delineo D. Joseph Aparicio Morata año de 1772.....76*

Mapa 1.3: *Mapa de que comprende todo el distrito de la Audiencia de Quito -- en que se manifiesta con la maior individualidad los Pueblos y Naciones barbaras que hay por el Río Marañon y demás que en el entran. Para acompañar a la descripcion del nuevo Obispado que se proyecta en Maynas. Construido de Orden del Sr. Don Josef García de Leon y Pizarro Presidte. Regte. Comandte. y Visitador Gral. de la misma Audiencia. 1779.....78*

Mapa 1.4: *Plan Geografico del Virreinato de Santa Fe de Bogota Nuevo Reyno de Granada, que manifiesta su demarcación territorial, islas, ríos principales, prouincias y plazas de armas; lo que ocupan indios barbaros y naciones extranjerias; demostrando los confines de los dos Reynos de Lima, Mexico, y establecimientos de Portvga, sus lindantes; con notas historiales del ingreso anual de sus rentas reales, y noticias relatiuas a su actual estado civil, político y militar. Formado en servicio del Rey N[uest]ro. S[eñ]or. Por el D. D. Francisco Moreno, y Escandòn, Fiscal Protector de la Real Avdiencia de Santa Fe y Juez Conseruador de Rents. Lo delineo D. Joseph Aparicio Morata año de 1772. Gouernando el Reyno el*

Ex[elentísi]mo S[eñ]or. Bailio Frey D. Pedro Messia de la Cerda. Fiel reproducción del original elaborada por el Instituto Geográfico Militar de Colombia a solicitud de la Academia de Historia. -1936- Dibujaron J. Restrepo Rivera- A. Villaveces R. - O. Roa A. – R. García P. [Detalhe: Gobernación de Maynas].....89

Mapa 1.5: *Mapa corográfico de la Nueva Andalucía, Provincias de Cumaná y Guayana, vertientes del Orinoco, su cierto origen, comunicación con el de las Amazonas, situación de la Laguna Parime y nuevas Poblaciones. Construido sobre las mejores observaciones y posteriores noticias por D. Luis de Surville. Año de 1778.....97*

Mapa 1.6: *Plan Geografico del Virreinato de Santa Fe de Bogota Nuevo Reyno de Granada, que manifiesta su demarcación territorial, islas, ríos principales, prouincias y plazas de armas; lo que ocvpan indios barbaros y naciones extranjerias; demostrando los confines de los dos Reynos de Lima, Mexico, y establecimientos de Portvga, sus lindantes; con notas historiales del ingreso anual de sus rentas reales, y noticias relatiuas a su actual estado civil, político y militar. Formado en servicio del Rey N[uest]ro. S[eñ]or. Por el D. D. Francisco Moreno, y Escandòn, Fiscal Protector de la Real Avdiencia de Santa Fe y Juez Conseruador de Rents. Lo delineo D. Joseph Aparicio Morata año de 1772. [Detalher: Ligação fluvial entre Maynas, Rio Negro e Pará].....115*

Mapa 1.7: *Mapa de una parte del Rio Yapura : comprendida desde su entrada en el Rio Marañon por su boca más occidental hasta el pueblo de San Antonio de Maripi, Francisco Requena (1788).....131*

Mapa 1.8: *Plano general de las montañas orientales al Reyno el Perú, pertenecientes a la Corona de España y confines de Portugal hecho de orden del Exm. Sr. Virrey B. Fr. Dn. Francisco Gil y Lemos por Dn. Andrés Baleato, año de 1795138*

Mapa 1.9: *Mapa de una parte del río Marañón en que se manifiesta la costa septentrional, comprendida desde la Fortaleza de Tabatinga, en frente de la boca del río Yavarí, hasta la boca más occidental del Yapurá, que por el tratado de 1777 debía haver entregado la corona de Portugal a la de España.....144*

Mapa 1.10: *Fielding Lucas, Jr. 1823. Peru. B. T. Welch and Co. Sc. Drawn and Published by F. Lucas Jr. Baltimore. A General Atlas Containing Distinct Maps Of all the Known Countries in the World, Constructed from the Latest Authority.....425*

Mapa 1.11: <i>Nova carta do Brazil e da América Portuguesa, 1821</i> [detalhe: a Capitania do Rio Negro no início da década de 1820].....	432
--	-----

2. Mapas não coevos.

Mapa 2.1: Vilas e povoações no Rio Negro do século XVIII.....	65
Mapa 2.2: Jurisdição da Província de Maynas e domínios luso-espanhóis da bacia amazônica até 1780.....	92
Mapa 2.3: Localização do rio Japurá/Caquetá no território sul-americano.....	129
Mapa 2.4: <i>Carta del Virreinato de Santa Fé y de la Capitanía General de Venezuela. In: Atlas geográfico e histórico de la República de Colombia, 1890</i> [Detalhe: Rios percorridos pelas partidas hispano-portuguesas nos anos de 1781 e 1782].....	132
Mapa 2.5: <i>Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, Adaptado do Mapa de Curt Nimuendajú, 1944</i> [Detalhe: Amazonas e Roraima, território que corresponde aproximadamente à Capitania do Rio Negro].....	207
Mapa 2.6: <i>Mapa de los limites septentrionales del Virreinato del Perú en el año 1810. 1906</i> [detalhe: Populações indígenas na Província de Maynas].....	208
Mapa 2.7: Localização do rio Putumayo/Içá no território sul-americano.....	219
Mapa 2.8: América do Sul, Joaquín de Salas [versão adaptada a partir do original de 1799].....	300
Mapa 2.9: O Vice-Reino do Peru em 1810.....	307

Figuras (Séculos XVIII-XIX):

Figura 1 <i>Plano que manifiesta la figura de los Marcos construidos para colocar, con sus respectivas inscripciones, en la boca del Río Yavarí y en la más occidental del Yapurá, límites de las dos Coronas de España y Portugal, según el tratado de 1777</i>	128
Figura 2: <i>Raudal Mirí en el río Yapurá. A. Comisarios español y portugués. B. Embarcaciones pasando a la liga después de descargadas en que se vinieron algunos soldados. C. Pongo o estrechura muy correntosa</i>	130

Figura 3: <i>Plano y elevación del Palacio construido en la frontera de San Francisco Xavier de Tabatinga a costa de la Compañía del Comercio del Gran Pará.....</i>	139
Figura 4: <i>Plano de la población de Tabatinga cedida por los Portugueses a los Españoles en virtud del Tratado de Paz y Límites de 11 de Octubre de 1777 (...). Tabatinga, 24 de Junio de 1781, Francisco Requena.....</i>	142
Figura 5: <i>Embarcações empregadas no comércio fluvial da região: igarité, ubá, jangada....</i>	189
Figura 6: <i>Remeiros indígenas em uma igarité.....</i>	190
Figura 7: <i>Índios Ticuna.....</i>	212
Figura 8: <i>Vista del pueblo de San Joaquín de Omaguas provincia de Mainas. Las Canoas de Infieles que atacaron la Población hallándose con pocas gentes el Comisario, y fueron rechazados con muerte de algunos de dichos Indios,.....</i>	225
Figura 9: <i>Cascadas del río Cuñaré. Pequeño bote en que los dos comisarios fueron a reconocer estas cascadas. B. Comisario español informándose de los infieles por medio del negro interprete.....</i>	244
Figura 10: <i>Gaceta de Madrid, um dos periódicos trocados entre as Partidas demarcadoras.....</i>	266
Figura 11: <i>Plano del Palácio Episcopal de Maynas [detalhe].....</i>	354
Figura 12: <i>Loreto.....</i>	372
Figura 13: <i>Miliciano do Batallón de Infantería de Montaña de Moyobamba.....</i>	378
Figura 14: <i>Tabatinga.....</i>	392
Figura 15: <i>Ega.....</i>	394

*Para Siméia,
companheira na travessia de tantas fronteiras.*

AGRADECIMENTOS

Meu doutorado contou parcialmente com o apoio da CAPES, através da bolsa Prodoutoral. Usufruí sempre da compreensão, incentivo e colaboração de meus colegas do curso de História na Universidade Federal do Amapá. Agradeço especialmente aos professores Guilherme Jarbas de Santana, Simone Pereira Garcia, Cecília Maria Chaves Brito Bastos, Dorival da Costa dos Santos (“Nei”) e Iza Vanessa Guimarães.

Na USP, agradeço aos colegas do grupo de orientandos do Prof. João Paulo, cujas sugestões e críticas foram importantes para ajustar os rumos do trabalho. Meu obrigado a Jaqueline Lourenço, Rafael Fanni Dias Resende, Edú Trotta Levati e Santiago Cabrera Hanna. Sou especialmente grato a Maria Júlia Manão Pires Neves, que muito me auxiliou com referências historiográficas e documentais sobre o Peru, e a Oscar Javier Castro, colega atencioso, sempre disposto a ajudar no que fosse preciso.

O desenvolvimento dessa tese exigiu a pesquisa em arquivos no Brasil e no exterior. Sou grato aos funcionários do Arquivo Público do Estado do Pará, da Primeira Comissão Demarcadora de Limites (e principalmente a Ivete Botelho), do Arquivo Histórico do Itamaraty (especialmente a Rose e ao Sr. Miranda), do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Arquivo do Museu Imperial de Petrópolis (com meus agradecimentos à Neibe) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Com relação à pesquisa em arquivos brasileiros, registro a inestimável ajuda de Waldiron Silva na coleta da documentação colonial no Arquivo Público do Pará. Em Lima, contei com a colaboração dos funcionários do Archivo Histórico de Límites del Perú, e agradeço de maneira especial a Joan Manuel Morales Cama e a Silvia Patricia Herrera Castañeda. Sou grato igualmente ao Instituto Riva-Agüero, representado na pessoa de Ada Arrieta. No Archivo General de la Nación del Perú, contei com a ajuda de César Duran, Bernardo Reyes Cueva e Lizbeth Orihuela Soto. Registro também meus agradecimentos aos funcionários do Instituto de Estudios Peruanos e do Instituto Francés de Estudios Andinos. Sou igualmente grato aos funcionários do Archivo General de Indias e da Escuela de Estudios Hispanoamericanos, em Sevilla. Em Madri, contei com a colaboração dos arquivistas do Museo Naval de Madrid e do Archivo Histórico Nacional. Meus agradecimentos também para o pessoal do Archivo General de Simancas. Por fim, meu obrigado aos funcionários do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa.

O desenvolvimento da tese foi beneficiado pelo diálogo com professores que apontaram possibilidades e indicaram fontes, autores e ideias que balizaram a pesquisa e a

escrita. Nesse caso, deixo meus agradecimentos às professoras Ascensión Martínez Riaza e Nuria Sala i Vila, e aos professores Carlos Gabriel Guimarães, Carlo Romani e Juan Sebastián Gómez González. Meus agradecimentos especiais à Profa. Scarlett O’Phelan Godoy, por suas sugestões e indicações valiosas e por sua gentil ajuda em Lima. O trabalho beneficiou-se muito das críticas e sugestões apresentadas pelas professoras Márcia Eckhert Miranta e Iris Kantor por ocasião de minha qualificação. Agradeço a ambas pela generosa contribuição. A minha banca de defesa contou com os já citados professores Carlos Gabriel Guimarães, Scarlett O’Phelan Godoy, Márcia Eckhert Miranda e Iris Kantor, agradeço a todos pela leitura criteriosa da tese e pelas sugestões e questionamentos valiosos.

Sou especialmente grato a meu orientador, Prof. Dr. João Paulo Pimenta, por sua orientação dedicada, por suas leituras (e releituras) críticas das primeiras versões dos capítulos, e pelas sugestões sempre precisas. Ao longo dos últimos quatro anos, o Prof. João Paulo apontou os caminhos mais seguros para atravessar essa “fronteira,” incentivando-me e auxiliando-me em diferentes momentos.

Em São Paulo, pude contar com a presença amiga de André Machado e Fernanda Sposito, sempre solícitos e prestativos, ajudando a fazer de Sampa um lugar mais acolhedor. Agradeço muito também a Alexandre José Barboza da Costa pelo companheirismo em minhas idas a São Paulo e pelos bate-papos sobre livros, academia e tudo o mais que vale a pena.

Durante minha permanência no Rio de Janeiro, tirei a sorte grande de conhecer e conviver com pessoas queridas, com as quais pude dividir um pouco das angústias e dúvidas de um doutorado e, principalmente, esquecê-lo totalmente! Meu abraço para aqueles que, na minha fase carioca, me ajudaram a viver para além da tese: Livia Beatriz da Conceição, Tony Leão da Costa, Marcelino Lyra Júnior, Glaydson Matta, David Lacerda, Nayara Damas, Letícia Guterres, Rafaela Balsinhas, Daniela Vallandro, Moacir Maia, Pablo Porfirio e Francisco Aimara. Um abraço especial para Jonas Vargas e Leandro Andrade, pela amizade que começou na Marquês de Abrantes e chegou à Freguesia dos Anjos.

Foi bom contar com o apoio de amigos de longa data, muitos deles espalhados pelo mundo, mas não menos companheiros por isso. Meu muito obrigado a Edvan Costa dos Santos, César Augusto Martins de Souza, Eliane Cristina Soares, Shirley Maria Nogueira, pessoas queridas que ficaram em terras paróaras. Adilson Júnior Ishihara Brito, amigo e interlocutor generoso, muito me ajudou na pesquisa arquivística, assim como a pensar sobre a tese, os entusiasmos e as agruras de nosso meio. Alírio Carvalho Cardoso, companheiro de andanças (às vezes trôpegas) pelo “antigo Estado do Maranhão” e pela velha Ibéria. À Albina

Pereira e ao Rodrigo “Ládis” eu agradeço muito pelo carinho e pelo mineiríssimo porto seguro na Glória. A Albina, como se não bastasse, também me franqueou seu porto *madrileño*.

Minha família, que sempre me apoiou e entendeu minhas ausências, é parte essencial dessa história. Meus beijos para minha mãe, Raquel, minha avó, Durvalina, meu irmão, Eduardo, e minha cunhada, Solange. Em muitos momentos, pude “recarregar” minhas energias e esperanças na alegria de casa, deixando a tese de lado.

Para Siméia, os agradecimentos ficarão sempre aquém do apoio, companheirismo, parceria, cumplicidade, diálogo, amizade e amor dos últimos 14 anos e dos próximos que se abrem em nosso futuro. Obrigado por tudo.

INTRODUÇÃO.

As áreas de fronteira representavam grandes desafios para os Impérios ultramarinos. Mais especificamente no continente americano, eram elas as principais zonas de disputa entre as Coroas europeias, representando ainda obstáculos para a expansão das atividades econômicas, dos padrões culturais e das instituições políticas vigentes em zonas centrais do mundo colonial. Além disso, a própria noção de vassalagem a um monarca, algo essencial nas sociedades de Antigo Regime, revelava-se bastante fluido e inconstante nos confins da América, de modo que, para as autoridades locais, era necessário empenhar-se, de uma maneira quase contínua, na elaboração de alianças e acordos com as populações que habitavam as fronteiras americanas. Entre as zonas fronteiriças do Novo Mundo, pode-se apontar como uma das maiores e mais desafiadoras o vasto espaço de florestas e rios localizado no norte da América Meridional, uma área às margens das principais zonas coloniais costeiras e andinas, e para onde avançavam (e se chocavam) os empreendimentos coloniais de portugueses, espanhóis, franceses, holandeses e britânicos, um espaço que, na atualidade, pode ser definido como Amazônia.

Na segunda metade do século XVIII, a Amazônia passou a ser um espaço de experimentações coloniais, buscando-se incrementá-la economicamente, modificando também os padrões culturais de seus habitantes. Essa conjuntura é amplamente analisada para o lado português da fronteira,¹ contudo nas zonas de colonização espanhola do período

¹ Da ampla bibliografia sobre a Amazônia colonial portuguesa, e particularmente para a segunda metade do século XVIII, podem ser citadas as seguintes obras: Marcos Carneiro de MENDONÇA. *A Amazônia na Era Pombalina: Correspondência inédita do governador e capitão-general do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1751-1759. Tomos I, II e III*. Rio de Janeiro: IHGB, 1963; Manuel Nunes DIAS. "Colonização da Amazônia (1755-1778)." *Revista de História*. São Paulo, v. 34, n. 70, abr./jun. 1967, pp. 471-490; Ciro Flamarion S. CARDOSO. *Economia e Sociedade em Áreas Coloniais Periféricas: Guiana Francesa e Pará (1750-1817)*. Rio de Janeiro: Graal, 1984; Maria Regina Celestino de ALMEIDA. *Os Vassallos Del Rey nos Confins da Amazônia: a colonização da Amazônia Ocidental (1750-1798)*. Dissertação de Mestrado em História. Niterói: UFF, 1990; Nádia FARAGE. *As Muralhas dos Sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; ANPOCS, 1991; Francisco Jorge dos SANTOS. *Além da Conquista: guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina*. Manaus: EDUA, 1999; Ângela DOMINGUES. *Quando os índios eram vassallos: colonização e relações de poder no norte do Brasil na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000; Patrícia Maria Melo SAMPAIO. *Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na colônia. Sertões do Grão-Pará, c.1755-c.1823*. Tese de Doutorado em História. Niterói: UFF, 2001; José Alves de SOUZA JÚNIOR. *Tramas do Cotidiano: Religião, política, guerra e negócios no Grão-Pará do Setecentos. Um estudo sobre a Companhia de Jesus e a política pombalina*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC-SP, 2009.

também ocorreram iniciativas parecidas.² No entanto, o encontro mais claro das políticas lusa e espanhola na região deu-se na questão da definição dos limites territoriais, com as iniciativas de demarcação de fronteiras determinadas pelos tratados de Madri (1750) e de Santo Ildefonso (1777). A partir das demarcações, autoridades portuguesas e espanholas, bem como os habitantes dos dois lados da fronteira, promoveram aproximações, alimentaram desavenças e possibilitaram circulações que marcaram os limites iberoamericanos no espaço amazônico.

Nesse estudo, o espaço analisado consiste, de maneira específica, em duas unidades administrativas limítrofes no norte da América Meridional, a Província de Maynas e a Capitania do Rio Negro. A primeira fez parte da Audiência de Quito até início do século XIX, quando então foi incorporada ao território do Vice-Reino do Peru. Maynas, pode-se afirmar, constituía uma fronteira oriental e amazônica dos territórios andino-costeiros dos quais fazia parte. A segunda, por sua vez, era uma capitania subordinada à do Pará, formando com a mesma, no período considerado nesse estudo, o Estado do Grão-Pará e Rio Negro. O Rio Negro, compreendendo a fronteira oeste do mencionado Estado, divisava com as terras hispano-americanas, bem como a possessão colonial holandesa do Suriname. Porém, mais do que um estudo sobre essas duas áreas coloniais ibéricas na América Meridional, trata-se, de fato, de um trabalho sobre os espaços fronteiriços entre ambas, privilegiando-se uma análise atenta para as interrelações, circulações, visões e interpretações cruzadas que atravessavam uma linha fronteiriça que figurava, na passagem do século XVIII para o XIX, muito mais como uma possibilidade a ser instaurada pelos poderes coloniais na região.

O recorte cronológico adotado, por sua vez, abarca desde os anos finais da década de 1770 até princípios da década de 1820. Em seu marco inicial, enfoca-se o contexto dos acordos firmados entre os Impérios português e espanhol (nos anos de 1777 e 1778), os quais deliberaram a realização dos trabalhos de demarcação de limites nos confins da América

² Conferir: Joseph GUMILLA S.J. *El Orinoco Ilustrado y Defendido*. Caracas: Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia, 1963; Mariano USECHE LOSADA. “Colonización española e indígenas en el Alto Orinoco, Casiquiare y Río Negro.” In: Roberto PINEDA CAMACHO, Beatriz ALZÁTE ÁNGEL (comp.). *Los Meandros de la Historia en Amazonia*. Quito: Abya-Yala, MLAL, 1990; Manuel LUCENA GIRALDO. *Laboratorio Tropical: La expedición de límites al Orinoco*. Caracas: Monte Ávila Editores, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991; Eric BEERMAN. *Francisco Requena: la expedición de límites. Amazonia, 1779-1795*. Madrid: Compañía Literaria, 1996; Carlos Oswaldo ARBUTO COTRINA. “Políticas y métodos de evangelización en Maynas durante el siglo XVIII: definiendo los elementos de la cultura misionera.” In: Sandra NEGRO, Manuel M. MARZAL. *Un Reino en la Frontera: Las misiones jesuitas en la América colonial*. Lima: PUCP, Ediciones Abya-Yala, 1999; Víctor PERALTA RUIZ. “La frontera amazónica en el Perú del siglo XVIII: Una representación desde la Ilustración.” *Brocar: Cuadernos de Investigación Histórica*, n. 30. Logroño: Universidad de la Rioja, 2006; Miguel Ángel PERERA. *El Orinoco Domeñado: Frontera y límite. Guayana, siglo XVIII. Ecología cultural y antropología histórica de una colonización breve e inconclusa, 1704-1816*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Consejo de Desarrollo Científico y Humanístico, 2006.

ibérica. Quando ao período que encerra o estudo, trata-se da conjuntura de crise do Antigo Regime e independência nas Américas portuguesa e espanhola. Em termos gerais, o estudo aborda a fronteira durante um período marcado pelas políticas reformistas ibéricas do Setecentos, as rápidas transformações políticas e econômicas vivenciadas pelos Impérios ultramarinos na passagem do XVIII para o XIX, a crise do Antigo Regime e a emergência das propostas de autonomia política e dissolução dos laços monárquicos no Novo Mundo, bem como as primeiras experiências de formação de Estados Nacionais na América de colonização ibérica. Em certa medida, as relações sustentadas na fronteira em questão, bem como as políticas voltadas para ela, dialogavam com as amplas transformações elencadas.

Os empreendimentos de demarcação de limites no extremo norte da América do Sul, levados a cabo por partidas demarcadoras luso-espanholas na Capitania do Rio Negro nas décadas de 1780-1790, assumiram um papel de peso na elaboração das expectativas quanto ao desenho territorial dos Impérios luso e espanhol nessa área. A partir das demarcações, oficiais das duas Coroas buscaram reconhecer os espaços limítrofes, inscrevendo territorialmente as soberanias monárquicas das quais eram representantes de acordo com os interesses e expectativas de seus respectivos impérios. Em meio às demarcações, velhos problemas eram recolocados em pauta, e novos desafios e desentendimentos surgiam, alimentando a histórica rivalidade entre Portugal e Espanha. Mais do que isso, as demarcações, conforme será abordado, alimentaram as circulações transfronteiriças, o que não deixava de sinalizar os limites das próprias políticas de definição de limites no vasto horizonte amazônico.

Contudo, o estudo da fronteira entre Maynas e o Rio Negro não se encerra ao período em que operaram as partidas luso-espanholas determinadas pelo Tratado de Santo Ildefonso. A definição dos limites, objetivo maior das demarcações, não foi bem sucedida, de modo que, nos anos posteriores ao encerramento dos trabalhos conjuntos de demarcadores espanhóis e portugueses, o controle sobre os territórios confinantes continuou a ser uma questão problemática para as autoridades locais. Com a crescente tensão envolvendo os Impérios ibéricos na passagem do século XVIII para o XIX, as relações mantidas nas zonas limítrofes ganhavam contornos ainda mais ameaçadores e incertos, suscitando o temor de que eclodissem conflitos bélicos na região.

A partir de 1808, e principalmente nas décadas de 1810-1820, o turbilhão revolucionário que envolveu as Monarquias ibéricas não deixou de inscrever problemas e dilemas nas zonas limítrofes americanas. No caso da Província de Maynas e da Capitania do Rio Negro, as interpretações sobre a crise em curso, assim como a formulação de expectativas sobre como superá-la, deveriam levar em conta as dinâmicas próprias da fronteira, em que as

circulações e interrelações que marcavam aquele espaço acenavam para as possibilidades e limites das ações dos sujeitos que habitavam os confins dos Impérios em dissolução.

A historiografia sobre a Amazônia³ carece ainda de mais estudos acerca das interações socioeconômicas nas fronteiras, assunto, em contrapartida, melhor explorado por trabalhos sobre a fronteira sul da América portuguesa.⁴ Sobre as fronteiras entre a América portuguesa e a espanhola (e, posteriormente, o Império do Brasil e as Repúblicas sul-americanas) no vale amazônico, os trabalhos historiográficos enfatizam as ações oficiais de definição dos limites político-administrativos entre os territórios coloniais e nacionais. Nesses trabalhos, as interações são tratadas muito mais como situações de desavenças ou desconfianças entre as autoridades da área, destacando-se as ações do Estado (tanto no período colonial quanto no nacional) na delimitação e controle das fronteiras. Para a fronteira em foco nesse trabalho, é possível encontrar interpretações desse tipo tanto em estudos de historiadores brasileiros quanto de autores peruanos e equatorianos.

Com relação ao período colonial, parte significativa da produção historiográfica sobre os limites ibéricos no vale amazônico destaca as disputas, ameaças, agressões que marcaram as relações entre espanhóis e portugueses, bem como as medidas defensivas adotadas pelas Coroas portuguesa e espanhola para a região. As circulações e interrelações que ocorriam entre os territórios coloniais limítrofes, em meio (ou a despeito) dos conflitos e desconfianças, são pouco aludidas ou desconsideradas. Além disso, na produção historiográfica de peruanos e equatorianos sobre o tema é recorrente que a análise sobre essa fronteira volte-se para o tema dos direitos históricos do Peru ou do Equador sobre o território que correspondia à Província de Maynas, tendo em vista as disputas territoriais e diplomáticas que opuseram os dois países desde o século XIX quanto à definição de seus limites territoriais na área amazônica.

No caso do lado português/brasileiro da fronteira, há uma ênfase na ação da Coroa portuguesa e seus agentes no conhecimento e delimitação da soberania portuguesa no vale amazônico, soberania essa da qual o Brasil seria o herdeiro “natural”. Nesse caso, deve ser

³ O termo “Amazônia”, como denominação de uma região específica, não era corrente durante os anos delimitados para essa pesquisa. No Vice-Reino do Peru, o termo “Oriente” era mais utilizado para referir-se à região onde se localizava a Província de Maynas. No entanto, optou-se por utilizar a denominação Amazônia (no que pese seu anacronismo) para que o leitor possa localizar-se mais facilmente quanto ao espaço estudado.

⁴ Conferir os trabalhos de: Fábio KÜHN. *Gente da Fronteira: família, sociedade e poder no sul da América portuguesa – século XVIII*. Niterói: PPG-História/UFF, tese de doutorado, 2006; Helen OSÓRIO. *O Império Português no Sul América: Estancieiros, lavradores e comerciantes*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

destacada a obra de Arthur Czar Ferreira Reis, certamente o mais prolfico e marcante historiador brasileiro do sculo XX sobre a regio amaznica. Ferreira Reis autor de um estudo denso sobre a fronteira da Amaznia portuguesa com a Amrica espanhola, no qual traa um quadro geral do movimento de expanso e demarcao do espao colonial portugus no vale amaznico.⁵ Defensor da poltica portuguesa na Amaznia, Ferreira Reis elogia o expansionismo dos “lusobrasileiros” nos rios da regio, fruto do empenho da Coroa portuguesa em promover um “movimento evidentemente oficial desde o nascedouro”⁶ de expanso da soberania territorial. Sob conduo rgida e esclarecida de um Estado luso, esse movimento operou o “deslocamento da fronteira, empurrando-a do litoral, levando-a alta hinterlndia at onde chegaram como leais servidores da coroa lusitana,”⁷ resultando assim em “um domnio manso, perfeito, da Coroa portuguesa”⁸ sobre o territrio.

Na interpretao de Ferreira Reis, as expedies demarcatrias de limites do sculo XVIII objetivavam to somente oficializar uma soberania portuguesa construda desde o sculo anterior, visando tambm barrar a entrada de espanhis.⁹ O autor considera a expanso territorial portuguesa na Amaznia uma poltica de Estado, coerente e eficaz, e que contou com a participao de missionrios e sertanistas como colaboradores no esforo oficial de exerccio da soberania lusa no territrio. Sobre os sertanistas, o autor destaca o papel comercial importante que exerceram, abrindo vias de comunicao fluvial e promovendo a circulao de produtos no territrio lusitano.¹⁰ O comrcio organizado pelos sertanistas agiu como vetor econmico da poltica de Estado dos portugueses na construo do espao colonial na Amaznia.

Ao apontar a presena de comerciantes oriundos do Gro-Par nas terras hispano-americanas vizinhas, Ferreira Reis atenta para uma das manifestaes das circulaes que ocorriam nas zonas fronteirias coloniais. No entanto, embora Ferreira Reis indique a circulao de comerciantes portugueses na Amrica espanhola,¹¹ tais relaes comerciais so minimizadas na anlise do autor. Certamente essa dinmica comercial pouco explorada pelo

⁵ Arthur Czar Ferreira REIS. *Limites e Demarcaes na Amaznia Brasileira: A Fronteira com as Colnias Espanholas* (vol. 2). Belm: SECULT, 1993 (primeira edio de 1948). Embora sua obra aborde a questo at a dcada de 1750 (no abrangendo, portanto, o recorte cronolgico delimitado nessa tese), a leitura de Ferreira Reis sobre a expanso da fronteira um referencial importantssimo para a discusso sobre o tema das relaes entre lusitanos e espanhis nas reas limtrofes.

⁶ Arthur Czar Ferreira REIS. *Limites e Demarcaes na Amaznia Brasileira*. Op cit., p. 12.

⁷ Idem, p. 12.

⁸ Idem, p.24.

⁹ Idem, p.87.

¹⁰ Idem, p.14.

¹¹ O autor refere-se “constncia do comparecimento dos lusobrasileiros” nos rios Napo e Marafn, em rea administrada pela Audincia de Quito. Idem, p.21.

autor por não se enquadrar em sua análise legalista da construção do território colonial português, o qual teria sido fruto da ação do Estado e de seus colaboradores. A presença desses comerciantes em colônias espanholas não só representaria uma ação desviante, como também não estaria necessariamente comprometida com a concretização de uma política de expansionismo territorial da Coroa portuguesa no vale amazônico. Além disso, como será abordado na presente tese, esses comerciantes, ao atuarem na Amazônia espanhola, estabeleciam contatos comerciais e alianças circunstanciais com habitantes desses locais, obedecendo a objetivos próprios e não somente aqueles ditados pela Coroa portuguesa.

Quanto à Província de Maynas, a obra da historiadora espanhola Maria Del Carmen Martin Rubio¹² salienta o projeto defensivo das fronteiras, destacando a ação de Francisco Requena na demarcação e defesa dos interesses espanhóis em Maynas no final do século XVIII. Segundo a autora, o ponto mais importante dessa política defensiva para as fronteiras era conter os “portugueses [que] invadían y se apropiaban de gran parte de sus bosques desde Brasil.”¹³ A ameaça portuguesa sobre Maynas era personificada pelos regatões que ingressavam na possessão espanhola, dedicando-se à escravização da população indígena. Mesmo após a assinatura do Tratado de Madri, que “sancionó las usurpaciones de Portugal”¹⁴ na América, os portugueses prosseguiram em suas investidas agressivas sobre os índios de Maynas. A autora afirma que a exploração das selvas prossegue no século XIX, mas dirigida “por una nueva figura que va a adquirir el máximo protagonismo: la del regaton o comerciante.”¹⁵ Os regatões, mediante um sistema comercial abusivo em relação aos indígenas, contribuíram para a destruição das “formas colectivistas habituales en las etnias aborígenes”, substituídas pelo “individualismo capitalista.”¹⁶ No período pós-Independência, os comerciantes brasileiros continuaram a exercer uma grande influência em Maynas, aumentada com os primeiros acordos comerciais entre Peru e Brasil, e essa incômoda influência comercial foi um dos motivos para a criação do Departamento de Loreto em 1853, pois a criação de um poder administrativo local ajudaria a deter a influência brasileira na fronteira.¹⁷

¹² Maria Del Carmen MARTIN RUBIO. *Historia de Maynas, Un Paraíso Perdido en el Amazonas*. Madrid: Ediciones Atlas, 1991.

¹³ Maria Del Carmen MARTIN RUBIO. *Historia de Maynas*. Op cit., p.10.

¹⁴ Idem, p.99.

¹⁵ Idem, p.103.

¹⁶ Idem, p. 123.

¹⁷ Idem, p.124.

Martin Rubio considera haver uma permanência, do período colonial para o nacional, da presença de comerciantes portugueses/brasileiros na Amazônia peruana. Essa presença era algo essencialmente negativo para a sociedade local, ameaçadora para as populações indígenas. Para a economia de Maynas, de modo geral, os comerciantes eram exploradores, o comércio revela-se desvantajoso para a sociedade local, e o poder público agiu para deter sua influência na província. O estudo de Martin Rubio, nesse sentido, não considera que a presença de tais comerciantes, quer no século XVIII quer no XIX, poderia contar com o apoio de alguns grupos locais, de modo que o comércio com esses sujeitos poderia se mostrar vantajoso de algum modo, e não somente uma relação de exploração.

Já a historiadora equatoriana Maria Elena Porras, em seu livro sobre Maynas nos séculos XVII e XVIII, destaca os marcos de ocupação colonial da fronteira e as formas de organização administrativa aplicadas à área. Porras entende que a administração dessa fronteira foi menos influenciada pela jurisdição direta da Audiência de Quito e dos Vice-Reinos do Peru e de Santa Fé, do que pelas transformações conjunturais pelas quais a Coroa espanhola atravessou ao longo do XVIII, “lo que obligó a la Metrópoli a intentar la renovación del régimen administrativo en sus colonias americanas”¹⁸. A administração dessa fronteira teve, igualmente, que lidar com as investidas dos portugueses, frequentes na área desde o século XVII, e minimamente barradas pela presença dos jesuítas no território maynense.

Com a expulsão da Companhia de Jesus, segundo Porras, as autoridades locais intensificaram a adoção de estratégias defensivas contra os lusos. Outros planejamentos colocados em pauta nesse momento dialogavam com os ideais característicos do reformismo borbônico, como o desenvolvimento do comércio e a demarcação dos limites territoriais no espaço colonial, essa última regulamentada pelo Tratado de 1777.¹⁹ Contudo, as tentativas de delimitação se mostraram ineficazes, na medida em que os trabalhos demarcatórios deram margem muito mais para desentendimentos entre portugueses e espanhóis do que para a solução das pendências territoriais. Paralelamente, as incursões portuguesas em Maynas não cessaram, dando mostras de que se tratava de uma ação estratégica da Coroa lusa.²⁰

¹⁸ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas, siglos XVII-XVIII*. Quito: Ediciones Abya-Ayala, Taller de Estudios Historicos, 1987, p. 8

¹⁹ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., pp. 74-78.

²⁰ Idem, pp. 80-86

Em um abrangente e denso estudo sobre Maynas, o historiador peruano Waldemar Espinoza²¹ ressalta as ameaças representadas pelo ingresso de portugueses na província limítrofe espanhola. A penetração territorial portuguesa nas terras hispano-americanas, segundo Espinoza, teria sido facilitada por duas características marcantes da colonização portuguesa do Brasil:

Primero la movilidad, y segundo el desenfrenado mestizaje. En efecto, la movilidad fue uno de los secretos de la victoria portuguesa, sin ella no se explicaría la existencia de un Portugal casi sin gente logrando trasladarse a lugares tan diversos y distantes en Asia y Sudamérica, dominando espacios enormes; y dondequiera que se asentaran procreando hijos con una actividad genésica tan instintiva y calculada. Se adaptaron rápidamente al caluroso clima el Brasil, de modo que este hecho, unido a su capacidad de movilidad, dio como fruto el buen éxito de las empresas colonizadoras que emprendieron a expensas de España.²²

Tais incursões, qualificadas pelo autor como “invasiones bandeirantes”, levaram as autoridades espanholas a implantar diferentes medidas para povoar a fronteira e impedir a circulação de portugueses, principalmente comerciantes dedicados ao apresamento e escravização dos indígenas que se encontravam sob a tutela dos jesuítas no lado espanhol. A presença desses portugueses em Maynas não se limitava à prática do comércio, mas constituía parte importante da política expansionista portuguesa no vale amazônico. Espinoza é enfático ao apontar o quanto as autoridades de Maynas estavam acuadas pela proximidade com os domínios de Portugal. A conquista portuguesa de Maynas possibilitaria o avanço dos limites do “Brasil”²³ até o interior da América do Sul, sendo o contrabando uma prática essencial nesse movimento de ampliação do território.²⁴

Ao referir-se à presença de portugueses em Maynas no século XVIII, Espinoza define os comerciantes lusitanos que ingressavam na província espanhola como “bandeirantes”, homens empenhados em apresar índios nos territórios americanos da Espanha e representantes

²¹ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú: Historia de la Gobernación y Comandancia General de Maynas (Hoy Regiones de Loreto, San Martín, Ucayali y Provincia de Condorcanqui). Del siglo XV a la primera mitad del siglo XIX*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2007.

²² Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p. 112.

²³ O autor não considera anacrônico referir-se ao Estado do Grão-Pará como Brasil no período colonial.

²⁴ O autor qualifica a expansão lusitana como “un perfeccionado sistema de despojo. Fue el tiempo de una verdadera invasión y conquista de los territorios de Maynas, para lo cual tenía el apoyo del imperio británico”. Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p. 329.

da política expansionista portuguesa.²⁵ A leitura de Espinoza surge também como uma crítica do autor aos sociólogos e historiadores brasileiros, os quais sustentam que os bandeirantes “actuaron muy bien”, usando de violência para empreender a “formación del territorio y de la nacionalidad brasileña”.²⁶ Nesse ponto, os autores que Espinoza seleciona como representantes de toda a produção acadêmica brasileira sobre bandeiras são dois: Alfonso de Taunay (autor do livro *História Geral das Bandeiras Paulistas*, de 1948) e Cassiano Ricardo (em sua obra *A Marcha para o Oeste*, de 1940). O autor desconsidera, assim, a existência de estudos mais recentes e com leituras diferenciadas sobre o tema.²⁷ Além disso, é questionável a validade de um modelo de bandeirante aplicável para todo o período colonial e para todas as partes da América portuguesa – os próprios termos “bandeiras” e “bandeirantes” não são comuns para o Grão-Pará do Setecentos.

O historiador peruano Fernando Rosas Moscoso, por sua vez, publicou recentemente um livro que reúne artigos escritos desde a década de 1970, e no qual apresenta uma leitura mais atenta às interrelações das partes portuguesa e espanhola da América Meridional a partir do século XVI ao começo do XIX, tomando como referência abordagens da história conectada (e especialmente o trabalho de Sanjay Subrahmanyam²⁸) para compreender as articulações dos espaços coloniais limítrofes. Nesse caso, o autor enfatiza o “proceso de expansión luso-brasileña” na configuração dos limites territoriais do Vice-Reino do Peru ao longo do período colonial. No caso dos limites amazônicos, Rosas Moscoso contrasta o sucesso do movimento expansionista dos portugueses ao “desinterés y la inactividad de las autoridades y la Corte española” na região.²⁹

A fim de compreender tais diferenças, Rosas Moscoso detém-se na formação da América portuguesa, sua organização político-administrativa, seus traços econômicos fundamentais e as formas através das quais se processou o expansionismo territorial para o oeste das terras luso-americanas, estabelecendo comparações com o que ocorria nas

²⁵ Idem, p. 334. Sobre os bandeirantes, o autor define-os da seguinte forma: “(...) éticamente sólo eran unos bandidos que sabían aprovecharse del descuido hispánico y de la indiferencia de los virreyes del Perú, para introducirse por todos los rincones de los *sertones*, ríos y selvas del dominio territorial del virreinato peruano, con el absoluto desprecio del derecho de España (y de sus herederas, las repúblicas del XIX)”. Idem, ibidem.

²⁶ Idem, ibidem.

²⁷ Cf.: John Manuel MONTEIRO. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²⁸ O artigo referido por Rosas Moscoso é o seguinte: Sanjay SUBRAHMANYAM. “Connected Histories: Notes toward a reconfiguration of Early Modern Eurasia.” In: *Beyond Binary Histories*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999, pp. 289-316.

²⁹ Fernando ROSAS MOSCOSO. *Del Río de la Plata al Amazonas: El Perú y el Brasil en la Época de la Dominación Ibérica*. Lima: Universidad Ricardo Palma, 2008, pp. 26-27.

possessões hispano-americanas.³⁰ Convém assinalar, no entanto, que nessa abordagem mais propriamente de uma história comparada do que conectada, Rosas Moscoso sublinha, uma vez mais, a figura do bandeirante como “pieza vital en el juego de fuerzas que determinan las relaciones luso-brasileñas con el Virreinato del Perú durante los siglos XVII y XVIII,” relações essas que “definen los espacios amazónicos sujetos” à soberania de Castela.³¹

Segundo Rosas Moscoso, os portugueses procuraram manter fechado o acesso ao rio Amazonas aos espanhóis, mesmo durante a União Ibérica, o que contrastava com a pressão deles para ter acesso franco ao comércio na bacia do Prata.³² A estratégia de penetração dos lusos nos terrenos da Coroa espanhola na América complementava-se, no caso da raia fronteiriça norte, com o papel exercido pela cidade de Belém na região, “convirtiéndose en la São Paulo de la Amazonía,” de onde buscavam os portugueses “llegar al Perú, funcionando esto con un imán atractivo por el cual, los más ansiosos de riquezas buscaban calmar sus aspiraciones.”³³

Na segunda metade do século XVIII, destaca Rosas Moscoso, as possessões portuguesas na região foram estabilizadas, figurando nesse momento a criação da Capitania do Rio Negro como um marco de reforma territorial de defesa das fronteiras. Na parte espanhola da fronteira, as autoridades buscaram incrementar a economia das zonas fronteiriças, bem como a defesa militar, a exemplo das reformas e medidas adotadas para Maynas, com o intuito de barrar a entrada de portugueses e promover a melhor integração daquela fronteira a outros pontos dos domínios espanhóis no continente. Contudo, a expulsão dos jesuítas representou um duro golpe na política de proteção dos índios e defesa territorial dos espanhóis para seus limites com os portugueses. Na segunda metade do Setecentos, a ação de Francisco Requena à frente da Partida demarcadora espanhola representou a defesa mais enfática dos direitos espanhóis frente às investidas territoriais dos portugueses.³⁴

Os trabalhos citados apresentam avanços significativos na compreensão das sociedades ibero-americanas nas zonas de fronteira do norte, destacando os jogos geopolíticos e medidas adotadas pelas autoridades portuguesas e espanholas. Estudos mais recentes, no

³⁰ Fernando ROSAS MOSCOSO. *Del Rio de la Plata al Amazonas*. Op. cit., capítulo I.

³¹ Idem, p. 96.

³² “Con respecto a la Amazonía, la política de los soberanos fue distinta a la que presentaban en el Plata. Mientras que éste estaba abierto a los españoles, el Amazonas no lo estaba, a pesar de ser los primeros en surcarlo; por lo tanto, interesaba a los monarcas españoles lograr el control del territorio y la navegación; lo contrario sucede con los portugueses a quienes les interesaba tener cerrado el Amazonas y en cambio poder penetrar el Plata.” Idem, p. 247.

³³ Idem, p. 264.

³⁴ Idem, capítulo X.

entanto, têm procurado salientar, ao lado dos indiscutíveis atritos e temores que permearam a relação entre autoridades lusas e espanholas na fronteira norte, a ocorrência de fluxos e aproximações nas zonas fronteiriças. Tais circulações, por um lado, criavam novos problemas e desafios na definição das soberanias monárquicas nesses espaços. Por outro, as aproximações concretizadas entre as partes portuguesa e espanhola na fronteira lançavam outras relações para além dos conflitos e discordâncias.

Nesse caso, cabe destacar a tese de Alírio Cardoso sobre o Estado do Maranhão e Grão-Pará, centrada principalmente no período da União Ibérica, e voltada para os projetos e ações visando promover as conexões desse espaço territorial com as Índias de Castela. Claro que, no período estudado por Cardoso, a integração de Portugal e seus domínios na Monarquia hispânica ampliava sobremaneira as possibilidades de se pensar uma integração mais efetiva do antigo Estado do Maranhão ao Vice-Reino do Peru e ao espaço caribenho próximo, impulsionando rotas comerciais que incluíam a prata andina e as drogas do sertão. Além disso, certas experiências de conquista e de organização econômica e administrativa aplicadas às Índias de Castela foram implantadas nas terras luso-americanas, como a instituição da *encomienda*, defendida por autoridades lusas no Maranhão.³⁵

Mesmo abordando um período anterior ao delimitado para essa pesquisa, a interpretação lançada por Cardoso é válida por romper com uma tradição historiográfica de viés nacionalista sobre a região, segundo a qual a conquista da Amazônia seria um movimento de defesa dos direitos portugueses (dos quais os interesses brasileiros seriam herdeiros diretos) contra o assédio de estrangeiros (de franceses, holandeses, britânicos e espanhóis), sempre dispostos a explorar as riquezas naturais da região.³⁶ Com relação às demarcações de limites no século XVIII, abordadas na presente tese, o peso de uma leitura nacionalista acaba por barrar as possibilidades de análise para as circulações e interrelações que existiam em meio às disputas luso-espanholas nas fronteiras.

Juán Sebastián Gómez González, historiador colombiano e autor de uma tese sobre a Província de Maynas entre 1700-1777, atenta para as dinâmicas desse espaço fronteiriço e suas relações com os domínios luso-americanos. As fricções imperiais que ocorriam na área, envolvendo populações indígenas, religiosos e autoridades laicas, alimentaram propostas de colonização e defesa militar, bem como de definição dos limites territoriais entre Maynas e os

³⁵ Alírio CARDOSO. *Maranhão na Monarquia Hispânica: intercâmbios, guerra e navegação nas fronteiras das Índias de Castela (1580-1655)*. Tesis Doctoral. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2012, capítulo IV.

³⁶ Paradigmática, nessa linha de interpretação, é a obra de Ferreira Reis. Conferir especialmente: Arthur César Ferreira REIS. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

domínios lusitanos no vale amazônico. Ao lado dessas questões, os fluxos transfronteiriços faziam parte desse cenário, a exemplo do contrabando. Nesse caso, o autor destaca a preocupação das autoridades espanholas em conter a presença de comerciantes portugueses na fronteira hispano-americana, assim como a importância do comércio clandestino para o abastecimento de povoações de Maynas e de outras partes do Vice-Reino de Nova Granada.³⁷

Com relação ao período das independências, as abordagens sobre os fluxos na fronteira norte tornam-se bem menos presentes na produção historiográfica. No caso de Maynas, há uma tendência em reportar, para as primeiras décadas do XIX, a continuidade da ameaça de incursões portuguesas em meio ao tumultuado contexto de dissolução do império espanhol. Nesse ponto, por exemplo, Waldemar Espinoza destaca as medidas defensivas adotadas em Maynas por conta da transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, a presença de embarcações portuguesas nos rios da região e a oposição dos patriotas contra tais incursões.³⁸

A respeito do Rio Negro nesse contexto, Ferreira Reis analisa, em artigo publicado na revista do IHGB, as relações dos oficiais portugueses com os rebeldes da Venezuela na área limítrofe.³⁹ Após apresentar as linhas gerais do movimento dos “lusobrasileiros” em garantir a soberania da Coroa portuguesa nos rios Negro e Branco, Ferreira Reis aborda as relações luso-espanholas na região no momento em que “o domínio espanhol começou a declinar, pela tomada de armas dos hispano-americanos, que se firmavam na posse de uma consciência já perfeitamente definida de seus direitos à liberdade de organização e de vida.” Em um primeiro momento, as mencionadas relações, na avaliação do autor, caracterizavam-se muito mais pela boa vizinhança do que a ameaça de um confronto bélico. Como sintetizou Ferreira Reis:

Vivia-se uma bonança, uma quietude que mais parecia inércia. Os desentendimentos que marcavam a hora política na Europa ecoavam muito mansamente ali. Os destacamentos lusobrasileiros e hispano-americanos na fronteira, de quando em vez avisados dos sucessos do Velho Mundo, mandados estar alertas para qualquer eventualidade, não davam mostras de ardor bélico, de vontade de medir forças entre si. Teria passado o período dos desentendimentos que levariam às soluções drásticas ou aquele arrefecimento representava

³⁷ Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática: Historia de Maynas, siglo XVIII*. Tesis Doctoral. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, Posgrado en Estudios Latinoamericanos, 2012, pp. 172-173.

³⁸ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p. 406 e pp. 464-465

³⁹ Arthur César Ferreira REIS. “Neutralidade e boa vizinhança no início das relações entre brasileiros e venezuelanos. Documentário.” *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 235, abril/junho de 1957, pp. 3-84.

apenas um hiato na desafeição de raízes tão profundas? O princípio da boa vizinhança que constaria do Tratado de Madrid estava produzindo frutos?⁴⁰

Ferreira Reis destaca a orientação política das autoridades portuguesas na região de manter a neutralidade das relações com os vizinhos espanhóis, ao passo que para a fronteira sul a Corte no Rio de Janeiro dirigia operações militares “para salvaguardar a paz e defender os interesses” de Fernando VII. Diante da peculiaridade da política externa joanina para a fronteira norte, Ferreira Reis expõe os motivos: “Na zona norte, a fronteira mostrava-se mansa, pacífica. Não autorizava sobressaltos. O que se devia fazer, portanto, era manter a neutralidade.”⁴¹ A aproximação dos rebeldes, visando obter dos portugueses o reconhecimento da República da Venezuela, deveria ser respondida com a manutenção da posição neutral dos oficiais da fronteira. As relações mantidas com os rebeldes espanhóis pelo oficial dirigente do forte português na fronteira, o tenente Miguel Ferreira Barreto, por sua vez, primaram pela harmonia, o que viria a constituir uma continuidade nas relações entre Brasil e Venezuela:

A política da neutralidade fora mantida, é certo. As relações amistosas entre brasileiros e venezuelanos, todavia, estavam iniciadas, graças a ele [o tenente Miguel Ferreira Barreto], sem a retumbância das missões diplomáticas, mas no contato de seus “fronteiros”, que se procuravam dar as mãos para a boa vizinhança e para o relacionamento mercantil. Feita a independência brasileira, as autoridades paraenses ordenaram para o Rio Negro que esse relacionamento pacífico continuasse. Nenhum motivo devia ser dado que autorizasse a quebra da boa vizinhança.⁴²

Apesar de Ferreira Reis contrapor o quadro da fronteira norte (onde a paz se mantinha de maneira quase natural naquele momento) com as turbulências da política externa para a fronteira sul, a percepção dos homens naquele momento não diferenciava, de maneira tão absoluta, as partes fronteiriças naquela conjuntura. É certo que as questões e desafios vivenciados na região platina, por exemplo, não eram os mesmos para o extremo norte. No entanto, eram questões conectadas dentro das transformações amplas que estavam ocorrendo nos Impérios ibéricos. Como será discutido nesse trabalho, em certos momentos as

⁴⁰ Arthur César Ferreira REIS. “Neutralidade e boa vizinhança no início das relações entre brasileiros e venezuelanos. Documentário.” Op. cit., pp. 4-5.

⁴¹ Idem, pp. 5-6.

⁴² Idem, p. 12.

autoridades portuguesas do Rio Negro e espanholas de Maynas traçavam suas interpretações e expectativas para suas fronteiras a partir das experiências em curso em outros pontos dos domínios americanos, como a fronteira sul. Por outro lado, as leituras sobre as possibilidades das relações na fronteira (e mesmo sobre a inserção das zonas fronteiriças em unidades territoriais coloniais ou nacionais) eram bastante diversificadas, de modo que, se para alguns a manutenção da paz e harmonia parecia um encaminhamento possível das relações fronteiriças, para outros a eclosão de uma guerra não parecia menos provável. Em meio às imprevisibilidades que marcaram a crise do Antigo Regime na América ibérica, é necessário atentar para a diversidade de leituras políticas dos homens que habitavam as áreas de fronteira.

Perspectiva diferente em relação a Ferreira Reis apresenta Adilson Júnior Ishihara Brito em sua dissertação sobre a cultura política popular no Grão-Pará do período da independência, na qual dedica um item de seu trabalho às conexões políticas do Rio Negro com a América espanhola.⁴³ A ameaça da revolução nas zonas fronteiriças (tanto com a América espanhola quanto com a Guiana Francesa) revelava-se mais fluida, na medida em que o fluxo de desertores, escravos fugidos e populações indígenas ampliava as possibilidades de circulação de ideias para além das possibilidades de controle exercido pelas autoridades portuguesas da área. A formação de juntas em cidades hispano-americanas surgia como uma ameaça a mais, na medida em que a experiência de constituição de poderes autônomos no continente poderia servir de parâmetro para discursos e práticas políticas contestatórios na América portuguesa. Ressonâncias dos conflitos que marcaram a independência do Peru também chegaram ao Rio Negro e às autoridades em Belém, alertando-as quanto ao perigo de que existissem redes de contato entre sediciosos nas partes portuguesa e espanhola da América. Como conclui o autor, as teias cotidianamente entretidas entre os habitantes da fronteira criavam as possibilidades de circulação de experiências políticas contrárias à ordem monárquica, deixando em alerta as autoridades portuguesas do Grão-Pará e Rio Negro:

As fronteiras norte e oeste da Amazônia portuguesa, portanto, eram espaços por onde a utopia revolucionária adentrava o Grão-Pará, a partir de intensa e rica comunicação – escrita e, sobretudo, oralizada - construída por baixo das malhas finas atadas pelo poder para contê-las. A extensão dessas linhas divisórias que, teoricamente, separavam as Américas portuguesa,

⁴³ Adilson Júnior Ishihara BRITO. *“Vila a Liberté!”: Cultura política popular, revolução e sentimento patriótico na independência do Grão-Pará, 1790-1824*. Dissertação de Mestrado em História Social. Recife: UFPE, 2008.

francesa e espanhola aumentava a dificuldade de policiá-las com o mínimo de eficiência, deixando-a praticamente aberta para que as trocas de experiências cotidianas comuns entre os habitantes se dessem sem nenhum controle efetivo por parte do Estado. De forma lícita ou oculta, as relações políticas e os projetos de futuro tecidos nesses lugares foram se fortalecendo nas primeiras décadas do século XIX, remetendo a Amazônia à antiga ilha grega de Lerna, onde vivia a temível *Hydra*.⁴⁴

No presente trabalho, a proposta é ampliar o estudo das interrelações entre as partes portuguesa e espanhola da fronteira americana, e particularmente a zona fronteira entre a Província de Maynas e a Capitania do Rio Negro, buscando compreender os conflitos e aproximações surgidas a partes desses contatos. Tais contatos na fronteira, por sua vez, eram essenciais para traçar os planejamentos no próprio espaço em questão. Ao mesmo tempo, a partir deles os habitantes e autoridades da área podiam tomar contato com experiências políticas que alimentavam a construção de seus projetos de futuro.

A área analisada nesse trabalho constituía uma zona de fronteiras imperiais ibéricas no norte da América Meridional, e na qual os representantes dos poderes coloniais buscaram definir espacialmente, na segunda metade do século XVIII, a soberania territorial das Coroas de Portugal e Espanha. Desse modo, o conceito de fronteira assume um papel relevante para a análise do espaço em questão, devendo-se, assim, esclarecer brevemente qual a leitura de fronteira assumida nessa pesquisa.

Com relação ao período colonial de muitos espaços do continente americano, a temática da fronteira representou (e continua a representar) um campo amplo e referencial de estudos, abarcando questões tais como os contatos entre europeus e populações originárias, as transformações culturais e econômicas advindas dessas interações, a constituição de instituições e valores políticos, a configuração dos espaços coloniais, bem como a prefiguração dos futuros espaços nacionais.⁴⁵ No que diz respeito ao vale amazônico no

⁴⁴ Adilson Júnior Ishihara BRITO. “*Vila a Liberté!*” Op. cit., p.78.

⁴⁵ A produção historiográfica sobre fronteira no continente americano é vasta, diversificada e, em alguns casos, de extrema importância para a construção das identidades nacionais, de modo que seria fora de propósito (e das possibilidades desse trabalho) realizar um balanço sobre o tema nessa introdução. Nesse caso, apenas serão elencados alguns trabalhos que se voltam de maneira circunstanciada à produção e aos debates historiográficos sobre a temática das fronteiras, e particularmente no período colonial. A respeito da historiografia norte-americana sobre fronteiras (certamente a mais tradicional, ampla e referencial nas Américas), o leitor pode consultar as seguintes obras: William M. BREWER. “The Historiography of Frederick Jackson Turner.” *The Journal of Negro History*, vol. 44, No. 3, Jul. 1959, pp. 240-259; Richard JENSEN. “On Modernizing Frederick Jackson Turner: The Historiography of Regionalism.” *The Western Historical Quarterly*, Vol. 11, No. 3, Jul. 1980, pp. 307-322; David J. WEBER. “Turner, the Boltonians, and the Borderlands.” *The American Historical*

período em questão, sua condição de espaço fronteiro era evidente para as autoridades coloniais luso-espanholas, tendo em vista o desconhecimento reinante sobre boa parte de seu espaço, o isolamento ou frágil conexão com outras áreas das possessões coloniais no continente, e a dificuldade (ou mesmo impossibilidade) de exercer controle sobre significativa parcela de seu território e habitantes. Tais desafios para os poderes constituídos, de fato, prosseguiriam na região para além do período colonial, sendo possível considerar mesmo hoje a Amazônia como uma área de fronteira.

Nesse trabalho, a fronteira é compreendida menos como uma delimitação aplicada a um espaço a fim de definir a administração territorial de um Estado, e mais como uma zona de interações sociais, culturais, econômicas e políticas em uma espacialidade de definições incertas ou sujeitas a contestações quanto à sua soberania.⁴⁶ Esclarecedora, nesse sentido, é a diferenciação proposta pelo historiador francês Jean Chesneaux entre fronteira-linha e fronteira-zona. Segundo ele, a fronteira-linha constitui uma delimitação espacial estrita que responde às necessidades de controle dos poderes estatais sobre um território, ao passo que a fronteira-zona deve ser compreendida como um espaço de trocas comerciais, culturais e humanas.⁴⁷ No caso analisado no presente trabalho, as demarcações setecentistas na Capitania do Rio Negro e na Província de Maynas intentavam efetivar a existência de uma fronteira-linha, delimitando territorialmente as soberanias portuguesa e espanhola sobre amplos espaços do que pode ser chamado de uma Amazônia colonial ibérica. No entanto, conforme será visto no decorrer desse estudo, as ações direta ou indiretamente relacionadas às partidas

Review, Vol. 91, No. 1, Feb. 1986, pp. 66-81; Allan G. BOGUE. "Frederick Jackson Turner Reconsidered." *The History Teacher*, Vol. 27, No. 2, Feb. 1994, pp. 195-221; Helena M. WALL. "Confessions of a British North Americanist: Borderlands Historiography and Early American History." *Reviews in American History*, Vol. 25, No. 1, Mar. 1997, pp. 1-12; Russell M. MAGNAGHI. *Herbert E. Bolton and the Historiography of the Americas*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1998; Arthur Lima de AVILA. *Território Contestado: a reescrita da história do Oeste norte-americano (c.1985-c.1995)*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Com relação à produção historiográfica sobre fronteiras na América Latina colonial, conferir: Herbert E. BOLTON. "The Mission as a Frontier Institution in the Spanish-American Colonies." *The American Historical Review*, Vol. 23, No. 1, Oct. 1917, pp. 42-61; Thomas M. BADER. "A 'Second Fiel' for Historians of Latin America: An application of the theories of Bolton, Turner, and Webb." *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, Vol. 12, No. 1, Jan. 1970, pp. 47-54; Alistair HENNESSY. *The Frontier in Latin American History*. Albuquerque: University of New Mexico, 1978; Gerald E. Poyo and Gilberto M. HINOJOSA. "Spanish Texas and Borderlands Historiography in Transition: Implications for United States History." *The Journal of American History*, Vol. 75, No. 2, Sep. 1988, 393-416; David J WEBER and Jane M. RAUSCH. *Where Cultures Meet: Frontiers in Latin American History*. Wilmington, Delaware: Jaguar Books, 1994; David J. WEBER. "The Spanish Borderlands, Historiography Redux." *The History Teacher*, Vol. 39, No. 1, Nov. 2005, pp. 43-56.

⁴⁶ A esse respeito, Jeremy Adelman e Stephen Aron apresentam uma definição sucinta de fronteira que corresponde ao que foi exposto acima: "By frontier, we understand a meeting place of peoples in which geographic and cultural borders were not clearly defined." Jeremy ADELMAN & Stephen ARON. "From Borderlands to Borders: Empires, Nation-States, and the Peoples in Between in North American History." *The American Historical Review*, vol. 104, No. 3, Jun. 1999, p. 815, pp. 814-841

⁴⁷ Jean CHESNEAUX. "L'insertion de l'histoire dans l'espace: la géopolitique." *Du passe faisons table rase?* Paris: François Maspero, 1976, p. 159, 157-167.

demarcadoras incrementavam as dinâmicas próprias de uma fronteira-zona, impulsionando as circulações e trocas entre as partes portuguesa e espanhola confinantes.

É preciso atentar, além disso, que as interações mantidas no espaço fronteiriço em questão devem ser compreendidas dentro dos quadros de aproximações e rivalidades que marcaram as relações dos Impérios ultramarinos no período, e de modo particular as relações luso-espanholas. A esse respeito, cabe destacar as considerações de Jeremy Adelman e Stephen Aron sobre a América do Norte nos séculos XVIII-XIX, enfatizando como as relações comerciais, culturais e políticas de populações indígenas e mestiças nas fronteiras manejavam as rivalidades imperiais naquele espaço, buscando preservar certas vantagens e autonomias em meio às pressões, disputas e negociações das Coroas europeias. Nos espaços fronteiriços, configurava-se a interface entre as agendas diplomáticas imperiais e as aproximações/negociações interculturais envolvendo europeus e nativos, um quadro que se viu radicalmente alterado, no continente norte-americano, com a derrocada das disputas dos Impérios ultramarinos e a emergência das fronteiras nacionais dos Estados Unidos em princípios do Oitocentos.⁴⁸

Tomando as considerações de Adelman e Aron como pontos de referência, deve-se compreender igualmente como as autoridades ibéricas, envolvidas nas demarcações de limites e na administração dos espaços limítrofes entre fins do XVIII e princípios do XIX, equacionavam as demandas políticas de suas Monarquias e as relações entretidas com as populações que habitavam as zonas de fronteira, estabelecendo contatos, negociações e conflitos. O encaminhamento das políticas para as fronteiras requeria, de maneira evidente, levar em conta as relações vigentes nas zonas fronteiriças. Afinal, como observa Wolfgang Kaiser, o exercício do poder público sobre um território, e de modo particular em um espaço de fronteira, demanda a cooperação dos atores locais, garantindo assim aos poderes do Estado o controle sobre os fluxos transfronteiriços.⁴⁹

O estudo das políticas para a fronteira, bem como das relações que caracterizavam esse espaço, exige, assim, a compreensão de suas articulações com os conjuntos coloniais e imperiais dos quais essas zonas faziam parte. No caso em questão, a análise das políticas, circulações e interações na fronteira entre a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas deve atentar para os espaços coloniais nos quais essas duas unidades estavam inseridas, assim

⁴⁸ Jeremy ADELMAN & Stephen ARON. "From Borderlands to Borders: Empires, Nation-States, and the Peoples in Between in North American History." Op. cit.

⁴⁹ Wolfgang KAISER. "Penser la frontière – notions et approches." *Histoire des Alpes-Storia delle Alpi-Geschichte der Alpen*, 1998/3, pp. 63-74. Disponível on-line: http://www.arc.usi.ch/index/aisa/ris_ist_labi_aisa_rivista.htm/1998_06_labi_rivista.pdf

como para as relações entre os dois Impérios ibéricos. É necessário, assim, buscar as conexões existentes entre os espaços limítrofes, bem como as que atavam os mesmos com os conjuntos políticos maiores dos quais eles faziam parte.

Um segundo conceito importante como chave de interpretação nesse estudo é o de experiência. Os empreendimentos de demarcação, a gestão do espaço fronteiriço e a formulação de expectativas sobre as zonas limítrofes recorriam a interpretações sobre as experiências pretéritas das relações luso-espanholas, as transformações em curso no período e as relações/interações existentes nas zonas de fronteira.

O encaminhamento dos trabalhos de demarcação e das políticas para as áreas de fronteira amparava-se, entre outras coisas, nas experiências das relações luso-espanholas, em particular quanto às disputas envolvendo as duas Coroas nas terras americanas. A despeito dos entendimentos diplomáticos firmados pelo Tratado de 1777, o histórico conflituoso das relações entre os dois Impérios ultramarinos era frequentemente evocado pelos oficiais envolvidos nas Partidas demarcadoras, constituindo parte das referências a partir das quais as autoridades ibéricas interpretavam suas ações políticas e seus possíveis desdobramentos. Contudo, as desavenças entre lusos e espanhóis quanto à definição dos territórios coloniais não constituía o único elemento do espaço de experiência, para utilizar a definição proposta por Reinhart Koselleck.⁵⁰ Outras transformações em curso nas décadas finais do século XVIII e as primeiras do XIX também deveriam ser equacionadas nas interpretações a respeito das políticas para as fronteiras. Tomando como referência as ideias lançadas por João Paulo Pimenta (tanto em sua tese de doutorado e, mais particularmente, em sua tese de livre docência),⁵¹ faz-se necessário compreender as relações na fronteira a partir do entrecruzamento das experiências luso-americanas e hispano-americanas, bem como das experiências revolucionárias que marcaram o período em questão.

A inserção dos espaços fronteiriços ibero-americanos nos conjuntos imperiais dos quais faziam parte dialogava com as transformações amplas vivenciadas pelas Monarquias espanhola e portuguesa, como as políticas reformistas do Setecentos, a crise do Antigo Regime e a dissolução/reformulação dos Impérios ibéricos nas décadas iniciais do XIX. Esse conjunto de experiências históricas deveria ser levado em consideração nas interpretações dos

⁵⁰ Reinhart KOSELLECK. “Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas.” In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, pp. 305-327.

⁵¹ João Paulo G. PIMENTA. *O Brasil e a América espanhola (1808-1822)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: FFLCH/USP, 2003; João Paulo G. PIMENTA. *Tempos e Espaços das Independências: a inserção do Brasil no mundo ocidental (c.1780-c.1830)*. Tese de Livre Docência. São Paulo: FFLCH/USP, 2012.

homens que viviam mesmo nas mais remotas partes dos Impérios ibéricos na América, servindo como referencial para a formulação das ações práticas voltadas para a fronteira. As áreas de fronteira recebiam influxos dessas transformações gerais, ao mesmo tempo em que, a partir delas, gestavam-se questões e desafios que impactavam os conjuntos imperiais dos quais elas faziam parte.

A documentação selecionada na pesquisa consiste, em sua maior parte, em ofícios, relatórios e memórias produzidos por autoridades espanholas e portuguesas que serviram em Maynas e no Rio Negro no período de c.1780-c.1820, documentos que abordam os trabalhos de demarcação de limites, as questões relativas à administração dos espaços fronteiriços e as leituras políticas das autoridades locais quanto às transformações e desafios vivenciados pelas Monarquias ibéricas, pelas áreas coloniais americanas e pelas zonas fronteiriças onde esses sujeitos atuavam. Trata-se de uma documentação coletada em arquivos brasileiros, peruanos, portugueses e espanhóis, privilegiando-se, desse modo, o cruzamento de fontes sobre a fronteira iberoamericana em questão.⁵²

A tese está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, a discussão inicial está voltada para as políticas de reconhecimento, delimitação e aproveitamento das zonas fronteiriças coloniais no quadro das formulações geopolíticas dos Impérios ibéricos na segunda metade do século XVIII, enfatizando-se sua inserção nas propostas reformistas do período. Em seguida, a análise centra-se na Província de Maynas e na Capitania do Rio Negro, traçando a constituição dessas duas entidades territoriais fronteiriças, suas principais características econômicas, demográficas e políticas. Na terceira parte desse capítulo, aborda-se a conjuntura dos anos finais da década de 1770, quando são firmados os acordos diplomáticos entre as Coroas portuguesa e espanhola a respeito das demarcações de limites no continente americano, enfatizando-se ainda os preparativos e as expectativas em Maynas e no Rio Negro com relação às demarcações.

No segundo capítulo, o período das demarcações na fronteira norte (1780-1791) é estudado, discutindo-se, em um primeiro momento, as tensões que marcaram a condução dos trabalhos de reconhecimento e delimitação das fronteiras. Além disso, discute-se os fluxos comerciais (legais e ilegais) entretidos a partir dos empreendimentos demarcatórios nas zonas limítrofes de Maynas-Rio Negro. Outra questão levantada são as fugas e deslocamentos

⁵² Nesse trabalho, optou-se por atualizar a ortografia da documentação manuscrita citada.

populacionais ocorridos na fronteira durante as demarcações, o que se tornou um objeto de disputas e desavenças entre as autoridades espanholas e portuguesas.

O capítulo terceiro, por sua vez, detém-se na questão da circulação de informações políticas nas zonas fronteiriças durante as demarcações de limites, destacando-se nesse item as formas e a importância desse fluxo de notícias, boatos e suspeitas na formulação das políticas para a fronteira, bem como no modo como os habitantes da área construíam suas expectativas de futuro. Em seguida, é analisada a conjuntura de passagem do século XVIII para o XIX, momento em que as rivalidades luso-espanholas voltam a ser acirradas, o que repercute nos espaços limítrofes da América Meridional. Ao fim desse capítulo, são discutidas as propostas e medidas adotadas para o Rio Negro e Maynas nesse período, destacando-se, nesse quesito, a transferência da administração sobre o território *maynense* da Audiência de Quito para o Vice-Reino do Peru no ano de 1802.

O último capítulo da tese concentra-se na tumultuada conjuntura de crise das Monarquias ibéricas e eclosão dos movimentos de independência (de 1808 à primeira metade da década de 1820). Nesse ponto, a análise privilegia a compreensão dos processos em curso nos mundos luso-americano e hispano-americano (destacando-se aí o caso peruano, tendo em vista a inserção de Maynas no Vice-Reino do Peru), e em particular nas zonas limítrofes entre o Rio Negro e Maynas. Nas áreas de fronteira como a analisada nesse estudo, o enfrentamento da crise política desse período e a formulação de projetos de futuro demandavam a leitura sobre o que está se passando no *outro lado da fronteira*, privilegiando-se, assim, uma perspectiva conectada de interpretação a respeito dos processos em curso e de intervenção sobre a realidade.

CAPÍTULO I

NOS CONFINS DOS IMPÉRIOS.

A segunda metade do século XVIII foi um período chave na história da definição territorial dos domínios coloniais ibéricos na América. As amplas desavenças que opunham secularmente as Coroas de Portugal e Espanha no Novo Mundo foram enfrentadas e negociadas, de maneira mais marcante em dois tratados: primeiramente o de Madri, datado de 1750, e depois de Santo Ildefonso, do ano de 1777. As políticas adotadas para as fronteiras americanas refletiam as modificações processadas na ocupação dos espaços coloniais, bem como os conflitos internacionais que envolveram Portugal e Espanha. Ao mesmo tempo, tais políticas estavam inseridas nas discussões e nos valores que marcaram o pensamento ilustrado vigente nos dois países, cujas monarquias procuraram efetivar reformas tanto no cenário europeu quanto nas possessões ultramarinas.

Nesse capítulo, tal contexto será abordado tomando-se como foco da análise a fronteira entre a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas. Embora se faça referência a outros momentos, o recorte cronológico a ser privilegiado será o das décadas de 1750-1780, quando há uma intensificação das desavenças luso-espanholas nas fronteiras da América Meridional, a reaproximação entre as duas Coroas com os tratados de Madri (1750) e de Santo Ildefonso (1777), bem como o Tratado de Comércio de Amizade e Comércio (1778), além do início dos trabalhos das comissões de delimitação das fronteiras.

O capítulo divide-se em três partes. Primeiramente, a abordagem está voltada para as ações reformistas das Monarquias ibéricas, e em especial para o continente americano, destacando-se como os territórios e as fronteiras são tratados nessas formulações políticas. Os planejamentos e as medidas postas em prática nas fronteiras americanas (e, de modo particular, nas fronteiras do Rio Negro e de Maynas) dialogavam com expectativas comuns às políticas dos Impérios ibéricos para o ultramar, como defesa territorial e crescimento do comércio. Além disso, as rivalidades internacionais exerciam um peso nada desprezível nas relações entre os impérios ultramarinos e nos esforços de conhecimento e delimitação dos territórios coloniais.

Em seguida, discute-se a constituição dos dois territórios de fronteira centrais neste trabalho, Maynas e Rio Negro. Serão destacados alguns marcos no processo de incorporação desses espaços de fronteira aos domínios de Espanha e Portugal na América, os territórios

políticos criados para administrar essas áreas bem como algumas características socioeconômicas de ambas, em especial na segunda metade do XVIII. Por fim, discute-se o Tratado de 1777, suas implicações para a fronteira norte e as expectativas das autoridades luso-espanholas quanto ao futuro dos territórios limítrofes em questão.

1.1- Fronteiras americanas em tempos de conflitos e reformismos.

As políticas das Coroas ibéricas para áreas de fronteira na América, como a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas, estavam perpassadas pelas tensões diplomáticas que caracterizaram os impérios ultramarinos. No século XVIII, as disputas internacionais entraram em uma nova fase, com o acirramento das concorrências entre esses impérios pela hegemonia no mundo colonial, o que influenciou as medidas visando delimitar e proteger as fronteiras dos domínios europeus no Novo Mundo. Além disso, os planejamentos e as ações adotados para as possessões europeias no ultramar estavam inseridas no contexto intelectual do pensamento ilustrado. Este, embora marcado por diferenças internas e eivado de ecletismo, caracterizou-se pela defesa de alguns pressupostos básicos, como o fortalecimento do poder monárquico e o racionalismo. No caso ibérico, o pensamento ilustrado mostrou-se particularmente influente na segunda metade do século XVIII, quando os Estados monárquicos, assumindo a defesa de alguns princípios das “Luzes”, procuraram efetivar reformas da sociedade, da educação e da economia, tanto no cenário peninsular quanto no americano.¹

A atuação reformista das Coroas ibéricas nesse contexto costuma ser citada como um exemplo do despotismo esclarecido, o qual vigorou em outras monarquias europeias do período. Contudo, Pedro Ruiz Torres, analisando o caso espanhol, rejeita o termo “despotismo ilustrado” ou “despotismo esclarecido”, afirmando que essa denominação era estranha ao século XVIII, no qual nenhum monarca europeu se representaria como um déspota. Ruiz Torres prefere referir-se à existência de relações entre a Ilustração e soberanos absolutistas. Quanto à Ilustração, o autor classifica-a como uma cultura, um conjunto de valores, atitudes e ideias que defendiam a promoção do progresso das sociedades. Essa defesa do aprimoramento das sociedades, marcante na cultura ilustrada, trazia em si tanto uma crítica do presente

¹ Cf.: José Carlos CHIARAMONTE. “Prologo.” *Pensamiento de la Ilustración: Economía y sociedad iberoamericanas em el siglo XVIII*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1992, pp. ix-xxxix; Francisco J. C FALCON. *Iluminismo*. São Paulo: Ática, 1986; Luiz Carlos VILLALTA. *Reformismo Ilustrado, Censura e Práticas de Leitura: Usos do Livro na América Portuguesa*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: USP, 1999, pp. 115-123.

quanto uma expectativa de um futuro melhor. No entanto, na Espanha, como em outros países europeus, os projetos reformistas ilustrados não apresentavam a intenção de modificar substancialmente as bases do Antigo Regime.² Os melhoramentos efetivados pelas reformas deveriam possibilitar a regeneração econômica do Império espanhol, com a expansão do comércio e a modernização industrial, assim como o aprimoramento da administração dos Estados monárquicos.³

No pensamento e nas ações políticas das monarquias europeias, as possessões ultramarinas assumiram progressivamente um papel central. O equilíbrio político entre as monarquias ibéricas no XVIII passava pelo controle sobre os domínios territoriais no ultramar e sobre suas rotas de comércio, na medida em que suas vastas possessões americanas conferiam a Portugal e Espanha vantagens em relação a outras monarquias europeias, sinalizando ainda a perspectiva de recuperação econômica e política dos impérios espanhol e português. Desse modo, o mundo colonial tornou-se o motivo e o espaço privilegiados para a eclosão dos conflitos imperiais. Desde o início do XVIII, com a assinatura do Tratado de Utrecht, delinearam-se duas alianças que se rivalizaram em boa parte do século, a anglo-portuguesa e a franco-espanhola, ao passo que o controle sobre os domínios e o comércio coloniais desses países constituiu o principal campo de disputa e guerra.⁴

Essas alianças, no entanto, foram também perpassadas por tensões internas, e em alguns momentos países rivais tentaram estabelecer relações mais estáveis e de colaboração, como ocorreu com Espanha e Portugal em meados do século XVIII e no final década de 1770, o que será abordado mais adiante. No caso do Reino português, a grande marca de sua política diplomática foi a busca da preservação da neutralidade frente aos conflitos europeus.⁵ A neutralidade portuguesa, entretanto, foi construída em boa parte graças à sua aliança com a Grã-Bretanha, o que, em contrapartida, significou a maior dependência em relação aos

² Pedro RUIZ TORRES. *Historia de España, volumen 5: Reformismo e Ilustración*. Barcelona: Crítica, Marcial Pons, 2008, p. 435.

³ Horst PIETSCHMANN. *Las Reformas Borbónicas y el Sistema de Intendencias en Nueva España: Un estudio político administrativo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996, pp. 24-30.

⁴ Fernando A. NOVAIS. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1750-1777)*. São Paulo: Editora Hucitec, 2005, pp. 40-43.

⁵ Como sintetiza Sofia Tuma, o que define o estatuto neutral de um país nas relações diplomáticas não é a “abstinência ou renúncia em escolher facções,” mas sim a “escolha simultânea de um e de outro partido acabando eventualmente por esvaziar as razões do confronto.” No caso de Portugal do século XVIII, sua política externa caracterizou-se “não propriamente pela ausência de alianças, mas antes pela superabundância das mesmas e expressando inclusive interesses contraditórios.” Cf.: Sofia Valdez TUMA. *A Neutralidade Portuguesa no Século XVIII: de Huco Grócio à Acção Política e Diplomática*. Tese de Doutorado em História. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História; Paris: Université Paris 1, Pantheon-Sorbonne UFR Histoire, 2010, pp. 13-14.

britânicos tanto no campo político quanto no das relações econômicas.⁶ Dentro das estratégias políticas do reformismo português, a subordinação do Império luso em relação ao da Grã-Bretanha seria atenuada mediante o maior controle e aproveitamento do continente do Brasil. A América, que havia se firmado desde o século XVII como a principal área no conjunto dos domínios ultramarinos portugueses, assumia um papel de destaque nas alianças militares e econômicas luso-britânicas do século XVIII.

Em Portugal, no reinado de D. João V (1707-1750) foram postas em prática medidas visando fortalecer o poder real, assim como ampliar, conhecer e salvaguardar os domínios coloniais na América.⁷ Entre meados da década de 1750 a 1777, período em que a condução da política do reinado de D. José I (1750-1777) foi influenciada pela ação de Sebastião José de Carvalho e Melo⁸ (o qual acumulou os cargos de Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra e Secretário dos Negócios do Reino, recebendo em 1769 o título de Marquês de Pombal), a América portuguesa tornou-se um espaço privilegiado para a implementação de políticas reformistas. As medidas postas em prática durante a chamada Época Pombalina visavam estimular a diversificação e o crescimento da economia colonial, devendo ela beneficiar o engrandecimento do Reino português e, por consequência, sua autonomia política no concerto das nações europeias. Questões como o povoamento, a civilização dos índios, a integração territorial, o comércio interno e atlântico, a modernização fiscal e a defesa militar da América receberam especial atenção por parte dos poderes metropolitanos e das autoridades luso-americanas, o quais passaram a desempenhar ações políticas mais abrangentes a fim de realizar a transformação do mundo colonial e do próprio Império

⁶ Fernando A. NOVAIS. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial*. Op. cit., pp.54-56.

⁷ Luís Ferrand de ALMEIDA. "O Absolutismo de D. João V." *Páginas Dispersas: Estudos de História Moderna de Portugal*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1995, pp. 183-201; Charles R. BOXER. *A Idade de Ouro do Brasil: Dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000 (especialmente os capítulos X e XII); Ricardo de OLIVEIRA. "Política, diplomacia e o império colonial português na primeira metade do século XVIII." *História: Questões e Debates*. Curitiba: UFPR, n. 36, 2005, pp. 251-278; Maria Beatriz Nizza da SILVA. *D. João V*. Lisboa: Temas e Debates, 2009, pp. 241-288.

⁸ O futuro Marquês de Pombal só se firmou como o mais influente ministro da Corte de D. José I após o terremoto de 1755, o qual devastou Lisboa; nessa trágica situação, Sebastião José de Carvalho e Melo conduziu os trabalhos de reconstrução da capital, acumulando poderes administrativos e prestígio junto ao monarca. Discutindo a "política pombalina," Joaquim Romero de Magalhães defende que a mesma não pode ser "tomada como homogênea, nem sequer coerente ao longo dos anos," pois ela respondia a "conjunturas e acontecimentos inesperados." Além disso, deve-se atentar que a formulação e a efetivação da "política pombalina" dependiam também da participação de outras autoridades, e que só poderiam ser concretizadas mediante a aprovação do monarca. Joaquim Romero MAGALHÃES. "Sebastião José de Carvalho e Melo e a economia do Brasil." *Labirintos Brasileiros*. São Paulo: Alameda, 2011, pp. 173-198.

português.⁹

Algumas das preocupações recorrentes nas políticas formuladas durante o consulado pombalino estavam presentes no pensamento de homens de Estado que atuaram após a queda de Pombal (na chamada “Viradeira”) em 1777. Ocorreram, assim, continuidades programáticas,¹⁰ principalmente nas questões coloniais, entre os reinados de Dom José I (1750-1777), Dona Maria I (1777-1816) e a regência do Príncipe Dom João¹¹. Em todos esses momentos, continuavam sendo centrais as seguintes questões: a importância estratégica do Brasil para a sobrevivência do Império português, o desenvolvimento da economia luso-americana em proveito da metrópole peninsular, a busca da expansão do território americano e a defesa de sua unidade.¹²

A permanência de algumas diretrizes políticas do período pombalino é também clara na atuação de D. Rodrigo de Souza Coutinho como ministro da Marinha e Domínios Ultramarinos, entre finais do século XVIII e princípios do XIX. A reflexão e a atuação política de D. Rodrigo de Souza Coutinho pautaram-se por duas questões de fundo, recorrentemente debatidas nas esferas centrais de poder em Portugal ao longo do Setecentos: a manutenção da unidade política do Império e a dependência econômica das colônias em relação à metrópole. As reformas deveriam, entre outras coisas, atentar para a manutenção do sistema colonial, imprescindível para a economia metropolitana.¹³ Ainda com relação à

⁹ Kenneth MAXWELL. *Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996; Marcos Carneiro de MENDONÇA. *O Marquês de Pombal e o Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960; Nuno Gonçalo MONTEIRO. *D. José na Sombra de Pombal*. Lisboa: Temas e Debates, 2008.

¹⁰ Na avaliação de Fernando Novais, a queda de Pombal e a chamada Viradeira não “passaram de fenômenos conjunturais,” tendo em vista que não houve uma ruptura com os referenciais iluministas das políticas de Estado implantadas pelo Reino português entre 1750-1777. Segundo o mesmo autor, o final do século XVIII, “longe de um retrocesso, marca um avanço, aparece como um desdobramento: o ponto mais alto da Ilustração em Portugal.” Fernando A. NOVAIS. “O reformismo ilustrado luso-brasileiro: alguns aspectos.” In: *Aproximações: estudos de história e de historiografia*. São Paulo: Cosacnaify, 2005, 168, pp. 167-182.

¹¹ A regência de Dom João teve início oficialmente em 1799, ainda que desde 1792 ele estivesse à frente dos negócios do reino devido à debilidade mental da Rainha; sua regência duraria até 1816, quando se deu sua coroação como Rei de Portugal, Brasil e Algarve. Cf.: Jorge PEDREIRA e Fernando Dores COSTA. *D. João VI: um príncipe entre dois continentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹² André Mansuy DINIZ SILVA. “Portugal e o Brasil: A Reorganização do Império, 1750-1808.” In: Leslie BETHELL. *História da América Latina, Volume 1: América Latina Colonial*. São Paulo: EDUSP; Brasília: FUNAG, 2004, pp. 479-480.

¹³ Segundo Jorge Pedreira, “o sistema colonial preenchia quatro funções principais para a economia portuguesa: (i) abastecia o território metropolitano de produtos alimentares mais ou menos exóticos (açúcar, café, cacau e arroz) e de matérias-primas (sobretudo peles, algodão, tabaco, drogas e madeiras); (ii) abria mercados privilegiados para alguns dos produtos portugueses (bens manufacturados, vinho, etc.); (iii) estimulava as trocas entre as próprias colônias, principalmente por intermédio do tráfico de escravos; e, por último, (iv) estabelecia a base para um amplo comércio de reexportação de produtos coloniais para as nações estrangeiras e de produtos estrangeiros para o ultramar. Por todos estes motivos, desempenhava igualmente um papel crucial na estrutura das finanças públicas, através das suas contribuições para as receitas do Erário.” Jorge Miguel Viana PEDREIRA. *Estrutura Industrial e Mercado Colonial: Portugal e Brasil (1780-1830)*. Lisboa: DIFEL, 1994, p.270.

questão econômica, a crise do Império português em 1808 e a abertura dos portos coloniais no mesmo ano impuseram a reformulação do modelo de dependência das partes coloniais para com a metrópole europeia.¹⁴ Naquele ano, as relações comerciais marítimas da metrópole portuguesa com a Ásia cessaram, e a retomada das transações com o Brasil alcançou uma “ínfima fracção dos valores anteriores à invasão de Junot,”¹⁵ o que contribuiu para o colapso do setor industrial português.

Na conjuntura de afirmação da proeminência política da Coroa, a partir de meados do XVIII, outras instâncias de autoridade que atuavam no conjunto da Monarquia portuguesa passaram a ter seus poderes limitados, ou mesmo eliminados. Nesse último caso enquadrou-se a Companhia de Jesus, duramente combatida por Pombal por sua atuação autônoma e contrária ao poder da Coroa. O conflito com os jesuítas se desenhou mais claramente por ocasião dos trabalhos de delimitação de fronteira determinados pelo Tratado de Madri (1750), principalmente na parte sul, quando eles foram acusados pelas autoridades portuguesas de se opor às ordens de Lisboa e comandar a guerra das populações indígenas missionadas contra portugueses e espanhóis. Em 1759, por determinação do futuro Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos de todos os territórios portugueses.¹⁶ Em 1767, a Coroa espanhola tomou a mesma decisão, expulsando os jesuítas de seus territórios, também em um movimento de afirmação da soberania monárquica sobre as demais instâncias de poder.¹⁷

Em relação à Espanha, os conflitos armados em torno da sucessão dinástica, as guerras europeias com a consequente perda de domínios territoriais da Coroa espanhola no continente, assim como o enfraquecimento comercial espanhol frente ao britânico no mundo atlântico, configuraram a situação crítica do Império de Sua Majestade Católica em meados do XVIII. A avaliação crítica sobre a decadência da Espanha tornou-se um tema recorrente nos escritos de homens de Estado da monarquia espanhola, situação essa que só poderia ser revertida mediante a implantação de reformas sociais, políticas e econômicas.¹⁸ Já no reinado de

¹⁴ José Luís CARDOSO. “Nas malhas do Império: A economia política e a política colonial de D. Rodrigo de Souza Coutinho.” In: José Luís CARDOSO (Coordenador). *A Economia Política e os Dilemas do Império Luso-Brasileiro (1790-1822)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, pp. 65-109. Conferir também: André Mansuy DINIZ SILVA. “Uma figura central da Corte Portuguesa no Brasil: D. Rodrigo de Sousa Coutinho.” In: Ismênia MARTINS, Márcia MOTTA (org.). *1808: A Corte no Brasil*. Niterói: Editora da UFF, 2010, pp. 133-157.

¹⁵ Jorge Miguel Viana PEDREIRA. *Estrutura Industrial e Mercado Colonial*. Op. cit., p. 318.

¹⁶ João Lúcio de AZEVEDO. *O Marquês de Pombal e a sua Época*. São Paulo: Alameda, 2004, pp. 204-209 e pp. 294-325; Kenneth MAXWELL. *Marquês de Pombal*. Op. cit., pp. 91-94.

¹⁷ David A. BRADING. “A Espanha dos Bourbons e seu Império Americano.” In: Leslie BETHELL. *História da América Latina*. Op. cit., pp. 404-405.

¹⁸ Luis SANCHES AGESTA. *El Pensamiento Político del Despotismo Ilustrado*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1953, pp.13-16.

Fernando VI (1746-1759), colocaram-se em prática medidas reformistas, destacando-se a atuação política dos ministros Marquês de Ensenada e Don José de Carvajal y Lancaster na realização de algumas das reformas (como as voltadas para o desenvolvimento agrícola e a modernização da marinha), vivenciando a Espanha um momento de paz externa e recuperação econômica.¹⁹ Na segunda metade do século, as políticas reformistas adotadas durante o reinado de Carlos III (1759-1788) e de Carlos IV (1788-1808) visaram aumentar o grau de poder da Coroa sobre a sociedade peninsular, bem como sobre as possessões americanas. A América que os Bourbons herdaram da Dinastia dos Habsburgos figurava muito mais como um conjunto de reinos unidos à Castela, cabendo à nova casa monárquica empreender a remodelação dessas relações, transformando as terras americanas em colônias que impulsionariam o engrandecimento do combalido Império espanhol.

Parte significativa da reformulação dos laços entre Espanha e América passava pelo fortalecimento do poder central em relação àqueles enraizados no Novo Mundo, onde as elites locais usufruíam de grande margem de autonomia no exercício de seus cargos. As elites *criollas*, assentadas nas mais diferentes atividades econômicas (agricultura e mineração, comércio ultramarino e interno, controle da mão de obra indígena e africana, propriedades rurais e urbanas), e ligadas entre si por relações de parentesco e alianças econômicas e políticas, controlavam muitas das principais instâncias locais de poder, como Audiências e *corregimientos*. Entre esses órgãos políticos da América hispânica, as Audiências representavam de maneira mais evidente os poderes locais. Esses tribunais locais não se limitavam às questões judiciárias, legislando também sobre assuntos administrativos e políticos. Os espanhóis americanos dominavam as Audiências, sendo eles a maioria, até meados do XVIII, nas de Lima, Chile, Charcas e Quito. As relações entre o centro do poder imperial e as instâncias locais na América deveriam ser mediadas pela busca do consenso e da colaboração entre as partes. Contudo, frente às prementes necessidades do Império espanhol, e em conformidade com o regalismo das reformas ibéricas, era necessário realizar uma “segunda colonização” da América, o que significava fortalecer o poder central de Madri nas

¹⁹ Manuel ESPADA BURGOS. “Fernando VI o el reformismo pacifista.” *Anales del Instituto de Estudios Madrileños*, III, 1968, pp. 319-330. Sobre a atuação do Marquês de Ensenada nas políticas reformistas do reinado de Fernando VI, conferir: José Luis GÓMEZ URDÁÑEZ. “El proyecto político ensenadista en la polémica sobre el despotismo ilustrado en España. Notas sobre el proyecto de investigación “Ensenada 2002.” *Brocar: Cuadernos de investigación histórica*, n.19, pp. 85-130. Com relação ao ministro Carvajal y Lancaster e sua atuação na política econômica espanhola de meados do XVIII, conferir: José Miguel DELGADO BARRADO. “América y el proyecto de compañías privilegiadas de José de Carvajal (1745-1754).” *Brocar: Cuadernos de investigación histórica*, n.22, 1998, pp. 103-120.

terras americanas.²⁰ Tal era a condição para que a Coroa espanhola pudesse estimular o comércio atlântico em seu benefício, a diversificação das produções coloniais, o povoamento e a defesa do território, ameaçado pelo avanço do Império britânico e pelas ameaças expansionistas dos domínios de Portugal no continente sul-americano.

As experiências reformistas ibéricas, portanto, visavam alçar os dois impérios a uma posição menos marginal no interior de um sistema europeu que se tornava cada vez mais mundial. Para isso, era essencial que Espanha e Portugal exercessem um controle mais eficaz sobre suas colônias, tanto em termos militares quanto econômicos. O fomento da economia, objetivando diversificar as produções coloniais e impulsionar as trocas mercantis ultramarinas, deveria atender às demandas dos centros políticos dos impérios ultramarinos e promover o bem geral de todos os vassallos do rei, tanto nas metrópoles quanto nas colônias. Tais reformas não deixaram de ser perpassadas por contradições e variações, tendo igualmente alimentado conflitos no interior das sociedades americanas.²¹ Entretanto, o ritmo de implantação das reformas cresceu ao longo da segunda metade do XVIII, principalmente após a Guerra dos Sete Anos (o que será discutido mais adiante). Como resultado, no final do Setecentos os impérios ibéricos encontravam-se muito mais integrados do que no início do século.²²

Como já foi destacado, uma das questões que suscitavam conflitos entre os Impérios ibéricos no mundo americano era a delimitação espacial de seus domínios. Com relação à fronteira luso-espanhola na América do Sul, as disputas tornaram-se mais intensas no XVIII. No que se refere às zonas limítrofes da bacia amazônica, os avanços territoriais portugueses foram mais bem sucedidos, ao passo que na parte espanhola as frentes de expansão colonial foram mais contidas, permanecendo os principais assentamentos populacionais e atividades econômicas na região serrana e no litoral.²³

Para as autoridades espanholas, a *montaña* (denominação recorrente para as áreas de selva tropical na fronteira oriental da região andina²⁴) carecia da importância econômica e política usufruída pelos Andes desde o início da ocupação espanhola no continente sul-

²⁰ Jonh LYNCH. *La España del Siglo XVIII*. Barcelona: Editorial Crítica, 2009, pp. 298-301.

²¹ Tulio HALPERIN DONGHI. *Reforma y Disolución de los Imperios Ibéricos, 1750-1850*. Madrid: Alianza Editorial, 1985, pp. 17-22.

²² Jeremy ADELMAN. *Sovereignty and Revolution in the Iberian Atlantic*. Princeton University Press, 2006, p. 54.

²³ Magdalena CHOCANO. "Población, Producción Agraria y Mercado Interno, 1700-1824." In: Carlos CONTRERAS (editor). *Compendio de Historia Económica del Perú, Tomo 3: La Economía del Período Colonial Tardío*. Lima: BCRP; IEP, 2010, pp. 19-101.

²⁴ Pilar GARCÍA JORDÁN. *Cruz y Arado, Fusiles y Discursos: La construcción de los Orientes en Perú y Bolivia, 1820-1940*. Lima: IFEA, 2001, p. 31.

americano. No lado espanhol, as mais importantes frentes de expansão territorial na selva tropical eram aquelas mantidas pelas missões religiosas, com destaque para as da Companhia de Jesus.²⁵ Na parte portuguesa, além das iniciativas missionárias, as práticas de comercialização de produtos da floresta e de escravização de índios permitiram igualmente a expansão pelos *sertões* do Grão-Pará do espaço sob a autoridade da Coroa lusa. Contudo, a indefinição dos limites territoriais entre os Impérios da Espanha e de Portugal na América tornou-se um problema a ser enfrentado em meados do século.

Já nos anos finais da década de 1740, as autoridades espanholas mostravam-se convencidas da inviabilidade de ocupar de modo mais efetivo todas as suas faixas de fronteira com a América lusa, bem como a extrema dificuldade de sustentar campanhas militares em um espaço continental para deter os avanços portugueses no interior do continente. Para a Coroa espanhola, a busca de uma solução diplomática para as disputas territoriais na América do Sul pareceu a opção política mais viável, levando-se em conta o contexto de conflitos armados com os britânicos na Europa e no Atlântico. Para a Coroa portuguesa, interessava igualmente evitar a guerra com os vizinhos espanhóis, tanto no espaço europeu quanto no americano: a paz com a Espanha permitiria o incremento da exploração colonial do interior do continente do Brasil, o qual vinha sendo percorrido e ocupado por conta das explorações de metais preciosos; além disso, a iminência de uma guerra com a Espanha fazia com que a diplomacia portuguesa ficasse cada vez mais dependente dos britânicos, de forma que a paz com os espanhóis poderia significar a diminuição da influência da Grã-Bretanha sobre o Império português. Assim, depois de cerca de três anos de negociações, os Ministros de Estado Alexandre de Gusmão e José de Carvajal (representantes, respectivamente, dos monarcas D. João V e Fernando VI) assinaram, no dia 13 de janeiro de 1750, o acordo diplomático que ficou conhecido como Tratado de Madri.²⁶

A partir do acordo diplomático de 1750, as diferenças que opunham os dois reinos ibéricos na definição de suas possessões americanas deveriam ser resolvidas, primeiramente, pelo reconhecimento da perda de validade do Tratado de Tordesilhas (1494). A aplicação de

²⁵ Na interpretação de Manuel Lucena Giraldo, a política da Coroa espanhola para as fronteiras americanas, vigente até 1750, era ainda herdeira da própria concepção de poder pactista e delegada da monarquia dos Austrias. Assim, a “concesión del control de las fronteras americanas a las órdenes religiosas – especialmente a los jesuitas – entraba, por tanto, dentro de un comportamiento político que se dio a lo largo y ancho de un imperio gobernado sobre un sistema de ambigüedades calculadas”. Manuel LUCENA GIRALDO. “La Delimitación Hispano-Portuguesa y la Frontera Regional Quiteña, 1777-1804.” *Procesos, Revista Ecuatoriana de Historia*. Quito: Corporación Editora Nacional, n. 04, 1993, p. 22.

²⁶ Manuel LUCENA GIRALDO (Editor). *Francisco Requena y otros: Ilustrados y bárbaros. Diario de la exploración de límites al Amazonas (1782)*. Madrid: Alianza Editorial, 1991, pp. 9-11.

um princípio do direito civil romano, o *uti possidetis*, ao campo das relações internacionais possibilitou a legalização dos avanços territoriais dos domínios portugueses em terras americanas que, segundo o Tratado de Tordesilhas, pertenceriam à Castela. Com isso, parte significativa da bacia amazônica ficaria sob a soberania portuguesa, assegurando-se, por outro lado, a soberania espanhola na zona platina. Para essa última região, ficou ainda determinado que Portugal desocuparia a Colônia do Sacramento, ponto militar avançado do Império português na foz do Rio da Prata e local estratégico para o contrabando com as áreas produtoras de prata do Alto Peru. A Espanha, por sua vez, deveria ceder aos portugueses as áreas missionárias jesuíticas na fronteira, três em Baures, uma em Mojos e sete no Paraguai (o que, neste último caso, levou à eclosão de um conflito militar de espanhóis e portugueses contra jesuítas e os índios missionados). As negociações firmadas em Madri também determinaram a desmilitarização das faixas fronteiriças na América do Sul, a neutralização das possessões americanas em possíveis conflitos futuros envolvendo as Coroas de Portugal e Espanha, a navegação fluvial mútua nos rios limítrofes e a proibição do contrabando.²⁷

Em relação à bacia amazônica, o Tratado de Madri indicou que a definição das linhas demarcatórias entre os territórios de Espanha e Portugal deveria guiar-se principalmente pelo curso dos rios, abarcando desde a boca do rio Jauru até a parte austral do rio Guaporé, seguindo pelo mesmo até o Mamoré, o Madeira, o Javari e o Japurá, partindo então na direção norte até a cordilheira que, acreditava-se, dividia as bacias fluviais do Orinoco e do Amazonas. Quanto à navegação, os portugueses teriam exclusividade nos rios Japurá e Negro, ficando o Orinoco reservado aos espanhóis.²⁸ Ao privilegiar rios e cordilheiras como pontos de referência para definição dos espaços territoriais, o Tratado de Madri indicava o anseio das duas Coroas em exercer com mais facilidade a soberania sobre seus domínios coloniais, dentro de uma concepção do espaço como “fuente de poder susceptible de ser controlado y

²⁷ Manuel LUCENA GIRALDO (Editor). *Francisco Requena y otros*. Op. cit., pp. 15-17. Uma numerosa produção historiográfica brasileira sobre o Tratado de Madri tende a interpretá-lo como um dos marcos de fundação da nacionalidade brasileira, responsável pela edificação da territorialidade nacional. Nessa mesma linha interpretativa, Alexandre Gusmão é visto como um proto-estadista brasileiro, defensor dos interesses nacionais. Em sua crítica a essa tradição historiográfica nacionalista, Demétrio Magnoli sublinha que, nas negociações diplomáticas que levaram à assinatura do Tratado de 1750, “o que estava em jogo não era – e não podia ser – a construção do território brasileiro na América,” mas sim “a partilha dinástica de territórios coloniais.” Somente dessa maneira se pode compreender a negociação, no mesmo tratado, “de territórios tão disparatados como as Filipinas e o Amazonas.” Demétrio MAGNOLI. *O Corpo da Pátria: Imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Editora da UNESP, Moderna, 1997, pp. 74-75.

²⁸ Carlos CALVO. *Colección completa de los Tratados, Convenciones, Capitulaciones, Armisticios y otros actos diplomáticos de todos los Estados de la América Latina, comprendidos entre el Golfo de Méjico y el cabo de Hornos, desde el año de 1493 hasta nuestros días, precedidos de una memoria sobre el estado actual de la América, de cuadros estadísticos, de un diccionario diplomático, y de una noticia histórica sobre cada uno de los tratados más importantes. Tomo II*. París: Librería de A. Durand, 1862, p. 244.

repartido politicamente.”²⁹

A escolha de rios e cordilheiras como balizas demarcatórias das soberanias territoriais revelava, também, a concepção da existência de fronteiras naturais para os territórios americanos dos Impérios ibéricos. A doutrina das fronteiras naturais passou a ser considerada uma forma superior de demarcação do território, posto que facilitaria a delimitação política dos espaços.³⁰ Ao mesmo tempo, essa noção de fronteira traz em si uma forte carga simbólica e ideológica, conferindo a uma prática política temporalmente datada (a delimitação de fronteiras territoriais) um caráter atemporal e natural.³¹

No caso das terras luso-americanas, a demarcação do território com base no princípio da fronteira natural também mobilizava o mito da ilha-Brasil. A “ilha-Brasil” tratava-se da suposição, alimentada por cartógrafos desde o século XVI, de que existiria uma conexão no interior entre as bacias amazônica e platina, o que conferiria à América portuguesa uma espacialidade própria, naturalmente separada das possessões espanholas no continente. Embora não seja correto afirmar que o mito da ilha-Brasil tenha sempre sido instrumentalizado pela diplomacia portuguesa para justificar e impulsionar a expansão territorial, essa concepção foi manejada pelos diplomatas portugueses para defender a posse da Colônia de Sacramento e os direitos de Portugal na margem oriental do Prata.³²

Pelo Tratado de Madri, a definição das linhas demarcatórias caberia a comissões científico-militares formadas por portugueses e espanhóis, devendo elas realizar os trabalhos de reconhecimento e delimitação do espaço fronteiriço. Na parte norte da fronteira, essas expedições demarcatórias consistiriam em três, as quais deveriam traçar a linha divisória desde a boca do rio Jaurú (ponto inicial dos trabalhos das partidas luso-espanholas para a fronteira sul) até a colônia holandesa do Suriname. Entretanto, as partidas espanholas e

²⁹ Manuel LUCENA GIRALDO (Editor). *Francisco Requena y otros*. Op. cit., p. 16.

³⁰ Luís Ferrand de Almeida destaca a importância do princípio das fronteiras naturais nas demarcações de limites realizadas pelas comissões luso-espanholas no século XVIII. Cf.: Luís Ferrand de ALMEIDA. *A Colônia do Sacramento na Época da Sucessão de Espanha*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973, p. 318.

³¹ Demétrio MAGNOLI. *O Corpo da Pátria*. Op. cit., p. 21.

³² Iris KANTOR. “Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas.” *Varia Historia*. Belo Horizonte: vol. 23, n.37, Jan/Jun 2007, pp. 70-80. A noção de “fronteiras naturais” marcou presença na diplomacia de outros espaços no período moderno. Escrevendo sobre a ideia de fronteiras naturais para a França a partir do século XVII, Peter Sahllins destaca sua importância tanto para a definição da agenda diplomática francesa (seja na monarquia do Antigo Regime, seja no período revolucionário e posteriormente), bem como para a construção da própria identidade nacional, funcionando simbolicamente como um dos fatores que confirmariam a unidade francesa. Nesse caso, os rios e montanhas demarcariam “naturalmente” o território político francês, devendo tais pontos de referência ser defendidos ou mesmo conquistados a bem da consolidação e manutenção da unidade territorial da França. Peter SAHLINS. “Natural Frontiers Revisited: France’s Boundaries since the Seventeenth Century.” *The American Historical Review*, vol. 95, n. 5, 1990, pp. 1423-1451.

portuguesas não chegaram a trabalhar conjuntamente na delimitação da fronteira norte: os espanhóis tiveram que se ocupar com as rebeliões indígenas na área do Orinoco, envolvendo-se também em conflitos com os jesuítas, ao passo que os portugueses permaneceram por anos na fronteira, realizando uma intensa atividade de reconhecimento do território fronteiriço enquanto esperavam pelo início dos trabalhos conjuntos com a partida espanhola.³³ Contudo, o retorno das tensões diplomáticas entre Portugal e Espanha pôs fim às tentativas de demarcação.

Em 1760, o monarca espanhol Carlos III determinou a anulação do tratado e, em 1761, o Tratado de El Pardo estabeleceu que a linha divisória dos domínios sul-americanos voltaria à situação anterior a 1750. Do início dos anos de 1760 até fins da década de 1770, os conflitos imperiais na Europa inviabilizaram tentativas mais duradouras de aproximação entre as Cortes de Madri e Lisboa.³⁴ Para a Coroa portuguesa, tornava-se cada vez mais difícil a manutenção de uma posição neutra no cenário das disputas imperiais europeias, principalmente com o aumento da pressão de franceses e espanhóis sobre o país após a assinatura do Terceiro Pacto de Família (agosto de 1761) entre os monarcas Bourbon, medida tomada para fazer frente à Grã-Bretanha durante a Guerra dos Sete Anos (1756-1763).³⁵ Aos franceses interessava solapar o comércio marítimo da Grã-Bretanha, forçando Portugal a fechar seus portos na Europa e em suas colônias para os produtos britânicos. No ano de 1762, as forças espanholas atacaram o território português, fazendo com que Portugal mais uma vez requeresse o auxílio da Coroa britânica para proteger-se.

A campanha na península Ibérica, ao final da Guerra dos Sete Anos, demonstrou a fragilidade portuguesa frente às outras potências europeias, dependendo o país do apoio dos britânicos para rechaçar a agressão estrangeira. Contudo, o poderio bélico britânico ficou mais do que nunca comprovado no cenário ultramarino, com as vitórias sobre França e Espanha na América do Norte (resultando na anexação dos territórios franceses no Canadá), no Caribe (ocupação de Havana) e no Oriente (captura de Manila).³⁶ Além do mais, tratava-se de um contexto no qual a Grã-Bretanha vivenciou uma fenomenal expansão de seu comércio internacional e de sua indústria, garantindo aos britânicos a posição hegemônica no sistema

³³ Manuel LUCENA GIRALDO (Editor). *Francisco Requena y otro*. Op. cit., pp. 18-19. Conferir também: Athur Cezar Ferreira REIS. *Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira – A Fronteira com as Colônias Espanholas*. Belém: SECULT, 1993, pp. 41-94.

³⁴ Aproximações mais circunstanciais ocorreram durante os motins de fome e contra os ministros estrangeiros do monarca espanhol (os chamados “motins de Esquilache”, do ano de 1766), e durante a expulsão da Companhia de Jesus dos domínios da Espanha, em 1767, ocasiões em que a Coroa portuguesa manifestou apoio à espanhola.

³⁵ João Lúcio de AZEVEDO. *O Marquês de Pombal e a sua Época*. Op.cit., pp. 237-246.

³⁶ Kenneth MAXWELL. *Marquês de Pombal*. Op. cit., pp. 119-122.

econômico mundial e na relação de forças entre os países europeus.³⁷

A consolidação da Grã-Bretanha como a grande potência europeia, capaz de alcançar vitórias militares em todo o mundo, alertou os homens de Estado portugueses para a situação frágil de seu Império, o qual também poderia sucumbir à preponderância britânica.³⁸ Nos anos imediatamente posteriores à Guerra dos Sete Anos, as autoridades portuguesas buscaram reforçar as defesas militares na América e investir na preparação e manutenção de tropas. Para Pombal, era necessário preparar o território colonial contra possíveis ataques dos britânicos, tendo em vista que suas forças militares havia demonstrado a capacidade de atacar e anexar áreas coloniais de outros impérios europeus.

Além das desconfianças em relação à Grã-Bretanha, os domínios portugueses no Novo Mundo continuavam ameaçados pela vizinhança com as possessões coloniais francesas e espanholas. Ao mesmo tempo em que nutria um temor em relação às intenções expansionistas do Império britânico, Pombal ambicionava contar com o apoio de Londres em possíveis ataques contra a América espanhola, principalmente na fronteira sul. Com a anulação do Tratado de Madri, essa parte do continente sul-americano continuou a representar uma fonte de conflitos entre portugueses e espanhóis. Visando, entre outras coisas, atender com maior eficiência a parte sul do Estado do Brasil em campanhas militares contra os espanhóis (sublinhando-se que, em 1763, os castelhanos haviam invadido a vila e porto do Rio Grande, onde permaneceriam até 1776³⁹), foi determinado no ano de 1763 a transferência da capital de Salvador para a cidade do Rio de Janeiro.⁴⁰

Quanto ao Império espanhol do pós-Guerra dos Sete Anos, a derrota militar e as perdas territoriais (como da Flórida, restituída à Espanha somente em 1781) para a Grã-Bretanha, a qual também consolidou seu poder naval no Caribe, marcaram profundamente a condução da política de Madri para a América. A necessidade de aprimorar e intensificar a força bélica se fez urgente, investindo-se em um plano de defesa continental, que abarcou

³⁷ Giovanni ARRIGHI. *O Longo Século XX. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora da Unesp, 1996, pp.47-51 e pp. 163-165.

³⁸ Como sintetizou Fernando Novais sobre esse contexto: “O período que se segue ao Tratado de Paris (1763), até a Revolução Francesa e crise do Antigo Regime, em todos os seus aspectos, marca o apogeu da preponderância inglesa, na Época Moderna. Efetivamente, o término da Guerra dos Sete Anos, consagrando a supremacia marítima e comercial da Grã-Bretanha, com o esvaziamento do mundo colonial francês, colocava o Reino Unido numa posição de ascendência nas relações internacionais.” Fernando A. NOVAIS. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial*. Op. cit., p. 51. Conferir também: Kenneth MAXWELL e Maria Beatriz Nizza da SILVA. “A Política.” In: Joel SERRÃO, A.H. Oliveira MARQUES. *Nova História da Expansão Portuguesa. Volume VIII: O Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*. Lisboa: Editora Estampa, 1986, pp. 340-342.

³⁹ Fábio KÜHN. *Gente da Fronteira: Família, Sociedade e Poder no Sul da América Portuguesa – Século XVIII*. Tese de Doutorado. Niterói: PPGH-UFF, 2006, pp. 115-126.

⁴⁰ MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal*. Op. cit., pp. 122-126.

desde a criação de milícias e batalhões fixos em áreas como Nova Espanha, Nova Granada e Peru, até a construção ou reaparelhamento de fortificações.⁴¹ Esses investimentos nas forças armadas requereram, evidentemente, um aumento de gastos, ao mesmo tempo em que o aumento do efetivo militar local abriu espaço para o ingresso de americanos na carreira das armas. O sentido defensivo do reformismo bourbônico também influenciou na criação de novas demarcações territoriais, a exemplo das *comandancias* militares em zonas limítrofes, como as de Quijos e Maynas.⁴² Além dos perigos externos, as rebeliões populares do início da década de 1780 (a dos *comuneros*, na Nova Granada, e as indígenas lideradas por Tupac Amaru, no Peru, e por Tupac Catari, no Alto Peru) também evidenciaram a necessidade de manter o controle sobre as sociedades locais.

A reconfiguração do território da América espanhola seguiu orientações de cunho defensivo, com a criação de unidades administrativas capazes de gerir a proteção de zonas fronteiriças, como a do Rio da Prata, ou próximas ao espaço de hegemonia britânica, como o Caribe. A instituição desses novos territórios também esteve pautada por projetos de ordem econômica, na medida em que demandava maiores esforços para a dinamização do comércio e da economia dessas novas unidades administrativas, dentro de uma interpretação de desenvolvimento das áreas coloniais em benefício do fortalecimento do Império.⁴³ As interligações comerciais entre as partes da América, e o fluxo de riquezas dos pontos mais interiores do continente para o mercado atlântico, deveriam ser incentivadas pelas políticas reformistas ibéricas para o Novo Mundo. No caso luso-americano, a ligação entre as partes do enorme território colonial na América permitiria sua defesa, assim como o desenvolvimento econômico integrado do Império ultramarino português e a unidade política da nação lusa em seus diferentes espaços.⁴⁴ Nos domínios coloniais espanhóis do Novo Mundo, foram igualmente postas em prática medidas que visavam integrar economicamente as áreas mais

⁴¹ John H. ELLIOT. *Imperios del Mundo Atlántico: España y Gran Bretaña en América (1492-1830)*. Madrid: Taurus, 2011, pp. 440-443.

⁴² José Francisco GÁLVEZ. “Burócratas y Militares en el Siglo XVIII.” In: Scarlett O’PHELAN GODOY (Compiladora). *El Perú en el Siglo XVIII: La Era Borbónica*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Instituto Riva Agüero, 1999, pp. 243-262.

⁴³ István JANCÓS. *Na Bahia, Contra o Império: História do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo: Editora HUCITEC; Salvador: EDUFBA, 1996, pp. 40-41. Conferir também: Ramón María SERRERA. “La definición de regiones y las nuevas divisiones políticas.” In: Enrique TANDETER. *Historia General de América Latina, Volumen IV: Procesos americanos hacia la redefinición colonial*. Madrid: Ediciones UNESCO, Editorial Trotta, 2007, pp. 231-249.

⁴⁴ Maria de Lourdes Viana LYRA. *A Utopia do Poderoso Império. Portugal e Brasil: bastidores da política, 1798-1822*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994, pp. 20-21, p.44 e pp.77-78. Conferir também: Cláudia Maria das Graças CHAVES. *Melhoramentos no Brasil: integração e mercado na América Portuguesa (1780-1822)*. Tese de Doutorado. Niterói: PPGH-UFF, 2001, pp. 100-110 e pp. 249-273.

afastadas do continente com os centros exportadores locais.⁴⁵

Seguindo essas preocupações básicas, em 1776 foi criado o Vice-Reino do Rio da Prata, em 1777, a Capitania Geral da Venezuela, em 1778, a do Chile. Com a exceção de Nova Granada, nas demais áreas foi instituído também o sistema de Intendências: em Cuba no ano de 1764, em Caracas, em 1776, no Rio da Prata, em 1782, no Peru no ano de 1784, e em 1786 no México, na Guatemala e no Chile.⁴⁶ Originalmente implantadas na Espanha, e influenciadas pelo modelo francês dos *intendants*, as intendências hispano-americanas possuíam mais atribuições do que as peninsulares, usufruindo também de autonomia em relação aos vice-reis e às Audiências.⁴⁷ As intendências ficavam encarregadas de funções como a cobrança de tributos, a aplicação da lei, o estímulo ao comércio, substituindo também o sistema de *repartimientos*.⁴⁸

O comércio foi uma área estratégica no interior das reformas levadas a cabo pela Coroa espanhola nas Índias, na medida em que viabilizaria o objetivo de incrementar as transferências de recursos do mundo colonial para a metrópole ibérica. Uma das preocupações era coibir as práticas de contrabando, as quais eram recorrentes em vários pontos do território colonial espanhol. Outra questão enfrentada pelas autoridades foi a manutenção e ampliação das rotas comerciais. Com relação à América andina, a malha viária continuava sendo, em grande parte, a herdada dos tempos do Império Inca (*Tahuantinsuyo*), com extensões para o Atlântico, na parte norte.⁴⁹ Outra medida tomada no campo do comércio foi a criação de companhias privilegiadas, as quais usufruiriam de monopólios nas trocas comerciais com certas áreas americanas, a exemplo da Compañía Guipuzcoana de Caracas. Porém, a reforma mais abrangente nessa área foi o estabelecimento da liberdade de comércio na América.

⁴⁵ Nesse caso podem ser citados os trabalhos de construção de um caminho ligando Popayán ao Pacífico, medida necessária para sustentar o “comercio activo” local. Renán SILVA. *Los Ilustrados de Nueva Granada, 1760-1808: Genealogía de una comunidad de interpretación*. Medellín: Fondo Editorial EAFIT, coedición Banco de la República, 2008, p.445

⁴⁶ Margarita GARRIDO. “América y España en el concierto de naciones.” In: Margarita GARRIDO (coord.). *Historia de América Andina. Volumen 3: El Sistema Colonial Tardío*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Libresa, 2001, pp.38-39.

⁴⁷ Miguel LUQUE TALAVÁN. “La intendencia de Puno: de circunscripción colonial a departamento de la República del Perú (1784-1824).” *Revista Complutense de Historia de América*, 1999, 25, pp. 219-252.

⁴⁸ Pelo *repartimiento*, as comunidades indígenas deveriam fornecer um determinado número de homens adultos para trabalhar em atividades tais como mineração, agricultura e construção de obras públicas, recebendo um jornal diário pelo trabalho. Cf.: Helen OSÓRIO. “Estruturas Socioeconômicas Coloniais.” In: Claudia WASSERMAN (org.). *História da América Latina: Cinco Séculos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p.43. Segundo J. R. Fisher, o sistema de *intendências* deveria também contribuir para a recuperação econômica de regiões devastadas pelos levantes indígenas, o que se deu no caso do Vice-Reino do Peru. Cf.: J. R. FISHER. *Government and Society in Colonial Peru: The Intendant System, 1784-1814*. London: University of London, The Athlone Press, 1970, pp. 29-31.

⁴⁹ Margarita GARRIDO. “América y España en el concierto de las naciones.” Op. cit., p.52.

O *comercio libre* constituiu um conjunto de medidas aplicadas pela Coroa espanhola visando modificar o tradicional sistema de tráfico mercantil no Atlântico, o qual garantia o monopólio de Cádiz no comércio com o continente americano. No ano de 1765, decretou-se a abertura de Cuba ao comércio com nove portos peninsulares. Entre 1768 e 1770, essa medida foi ampliada para Luisiana, Yucatán, Campeche e Santa Marta. Em fevereiro do ano de 1778, Buenos Aires e os portos do Pacífico foram incluídos. Em outubro do mesmo ano, foi decretado o *Reglamento y aranceles para el comercio libre de España a Indias*, considerado o marco na liberalização do comércio, estendendo-o para Nova Granada e Guatemala. Além disso, ficou determinado um total de treze portos peninsulares com direito ao comércio direto com vinte e quatro portos no Caribe, América Central e América do Sul. Estavam excluídos nesse momento os portos da Venezuela, reservados à Companhia Guipuzcoana, e de Vera Cruz, porto de entrada da Nova Espanha, a principal possessão espanhola na América; Nova Espanha e Venezuela ingressariam no sistema de livre comércio no ano de 1789.⁵⁰

O *Reglamento* também determinou o favorecimento tarifário aos produtos espanhóis, que pagariam menos do que de outros países, ou mesmo seriam isentos de tributos. Alguns produtos americanos também foram isentos de tributação, o que incentivou a expansão das mercadorias agrícolas coloniais no mercado europeu. As medidas de estabelecimento do livre comércio respondiam a dois objetivos básicos: incentivar o aumento da arrecadação tributária, levando-se em conta a conjuntura de crescentes gastos militares, e impulsionar as atividades produtivas americanas e peninsulares. As trocas comerciais entre os dois lados do Atlântico vivenciaram um movimento ascendente no final do século XVIII, incorporando ao mercado exportador regiões e produtos americanos antes pouco expressivos.⁵¹ O conjunto de mudanças no comércio marítimo respondeu ainda pelo crescente ingresso de gêneros nas colônias espanholas na América, saturando de produtos certos mercados do continente, ao mesmo tempo em que impulsionou as competições entre mercadores do continente e gerou impactos sobre a produção local de manufaturas.⁵²

⁵⁰ Pedro RUIZ TORRES. *Historia de España*. Op. cit., pp. 499-504.

⁵¹ Pedro RUIZ TORRES. *Historia de España*. Op. cit., pp. 515-516. John Lynch, por sua vez, afirma que o comércio livre significou essencialmente o fim do monopólio de Cádiz, mas a reafirmação do monopólio espanhol, abrindo os portos americanos para todos os espanhóis, mas fechando-os com mais firmeza para o resto do mundo. Ainda segundo Lynch, a medida de 1778 visava a reestruturação do comércio colonial, objetivando a substituição das reexportações de produtos estrangeiros para a América pelo envio de manufaturas espanholas. Entretanto, esse objetivo não foi plenamente alcançado, tendo em vista a debilidade do setor manufatureiro peninsular frente a outras economias europeias. John LYNCH. *La España del Siglo XVIII*. Op. cit., pp. 316-319.

⁵² Sergio VILLALOBOS R. *El Comercio y la Crisis Colonial*. Santiago: Editorial Universitaria, 1990, pp. 94-111.

Quanto às relações entre Espanha e Portugal no continente sul-americano nos anos posteriores à Guerra dos Sete Anos, elas foram marcadas pelo acirramento dos conflitos fronteiriços, os quais foram mais expressivos na parte sul. Houve um permanente esforço bélico das duas Coroas para efetivar a expansão de seus territórios, caracterizando, assim, uma guerra de fronteira.⁵³ As autoridades portuguesas e espanholas sustentaram operações militares para ocupação de territórios vizinhos, a exemplo das invasões espanholas ao Rio Grande, à ilha de Santa Catarina e ao Rio Branco, e do avanço português no rio Marañón.

Na segunda metade dos anos de 1770, a condução da política externa das duas Coroas ibéricas teve que manejar igualmente as tensões e os conflitos gestados a partir da revolta dos colonos britânicos, revolta essa que passou para a ruptura política em 1776, com a declaração de independência das treze colônias continentais da América do Norte. Essa luta criou uma situação nova, de afronta ao poderio britânico no continente americano, da qual França e Espanha procuraram tirar vantagem após a derrota para a os britânicos na Guerra dos Sete Anos. Em 1778, a França entrou no conflito contra a Grã-Bretanha, no ano seguinte a Espanha deu o mesmo passo, esperando tomar de volta Gibraltar, Menorca, Mobile, Pensacola, a baía de Honduras e a costa de Campeche, além de afastar os ingleses do golfo do México e das margens do rio Mississippi. Com o Tratado de Paz de Versalhes, de 1783, a Coroa espanhola não alcançou seu objetivo de recuperar Gibraltar, retomando somente Menorca e Florida.⁵⁴

Nesse contexto dos anos finais da década de 1770, a perspectiva de um novo conflito com os britânicos fez com que a Coroa espanhola buscasse o entendimento com Portugal, neutralizando assim um tradicional aliado da Grã-Bretanha. Em 1776, o monarca francês, Luís XVI, ofereceu-se para mediar um acordo luso-espanhol para as fronteiras americanas. O gabinete português, liderado pelo Marquês de Pombal, esperava, contudo, o apoio britânico para efetivar a expansão militar sobre os territórios espanhóis no Novo Mundo. O gabinete espanhol, sob a administração de Grimaldi, reivindicava como base para as negociações a divisão territorial estipulada pelo Tratado de Tordesilhas; ao mesmo tempo, os espanhóis mantinham-se desconfiados das intenções francesas em mediar o acordo, já que estes

⁵³ A expressão foi lançada por Manuel Lucena. Cf.: Manuel LUCENA GIRALDO. “La Expedición Imaginaria: La ejecución del Tratado de San Ildefonso en la Guayana Española (1776-1784).” In: Francisco de SOLANO, Salvador BERNABEU (coord.). *Estudios (Nuevos y Viejos) Sobre la Frontera*. Madri: CSIC, 1991, pp. 249-276.

⁵⁴ Pedro RUIZ TORRES. *Historia de España*. Op. cit., pp. 507-508.

poderiam advogar ganhos territoriais para a Guiana Francesa em prejuízo dos domínios da Espanha na parte norte da América do Sul.⁵⁵

No ano de 1776, no extremo sul do Estado do Brasil, as forças militares portuguesas lograram expulsar os espanhóis do Rio Grande. Contudo, os avanços portugueses na fronteira meridional precipitaram a decisão de Madri de atacar os portugueses na América, invadindo a ilha de Santa Catarina em 1777.⁵⁶ No mesmo ano, porém, deu-se um movimento rápido de aproximação entre as duas Cortes. Tal mudança foi facilitada por um novo contexto político: no caso português, a morte de D. José I e a queda do Marquês de Pombal, seguidas pela coroação de Maria I, sobrinha do monarca espanhol Carlos III, o que viabilizou a adoção de uma agenda diplomática menos conflituosa com a Espanha. Por parte dos espanhóis, a ascensão de Conde de Floridablanca na condução dos negócios imperiais também significou uma reorientação das relações com Portugal, buscando-se evitar um possível conflito com os britânicos, tradicionais aliados da Coroa portuguesa, e adotando-se a via diplomática para a resolução das disputas territoriais na América.⁵⁷

No dia 1º de outubro de 1777, as duas Coroas firmaram em San Ildefonso de la Granja um tratado preliminar de limites para as possessões americanas e asiáticas, determinando a interrupção das hostilidades nas fronteiras e oficializando a intenção de resolver futuramente as pendências territoriais. Pelo Tratado de Santo Ildefonso, ficou decidida a entrega para a Espanha da Colônia de Sacramento, fixando-se a linha fronteira sul no rio Uruguai. Por outro lado, Portugal recebeu de a ilha de Santa Catarina.⁵⁸ Em 1778, portugueses e espanhóis assinaram o Tratado de Amizade, Garantia e Comércio, pelo qual a Coroa portuguesa se comprometeria, entre outros pontos, em não intervir em um possível conflito entre Espanha e Grã-Bretanha. A partir de 1780, e até princípios do século seguinte, as autoridades ibéricas

⁵⁵ Manuel LUCENA GIRALDO (Editor). *Francisco Requena y otros*. Op. cit., pp. 19-22.

⁵⁶ Dauril ALDEN. "The Undeclared War of 1773-1777." *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 41, No. 1 (Feb., 1961), pp. 55-74; João Rafael Moraes de OLIVEIRA. "A invasão espanhola na província de Santa Catarina em 1777: reações e mobilidade política." In: Wilma Peres COSTA, Cecília Helena de Salles OLIVEIRA (Org.). *De Um Império a Outro: Formação do Brasil, séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Editora HUCITEC, FAPESP, 2007, pp. 167-179; Augusto da SILVA. *A Ilha de Santa Catarina e sua Terra Firme: Estudo sobre o governo de uma capitania subalterna (1738-1807)*. Tese de Doutorado em História Econômica. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo, 2007, pp. 211 - 216.

⁵⁷ Josep Juan VIDAL e Enrique MARTINEZ RUIZ. *Política Interior y Exterior de los Borbones*. Madrid: Ediciones Istmo, 2001, pp. 317-318.

⁵⁸ Também ficou determinada a cessão para a Espanha das ilhas de Fernando Poo e Anobón, na costa africana, para servir de ponto de apoio para o comércio de escravos. Josep Juan VIDAL e Enrique MARTINEZ RUIZ. *Política Interior y Exterior de los Borbones*. Op. cit., p. 318. Conferir também: Marcela VIVIANA TEJERINA. "La lucha entre España y Portugal por la ocupación del espacio: una valoración alternativa del Tratado de San Ildefonso de 1777." *Revista de História*. São Paulo: n. 135, dez. 1996, pp. 31-39.

iniciaram os trabalhos de delimitação dos limites entre as Américas espanhola e portuguesa, almejando com isso definir os espaços de seus impérios no continente.⁵⁹

Embora a assinatura de acordos diplomáticos de delimitação territorial respondesse às modificações na ocupação dos espaços coloniais, assim como às pressões das disputas diplomáticas entre os Impérios ultramarinos, deve-se também entender essa política a partir das novas atribuições que os Estados monárquicos assumiram gradualmente, como a definição e gestão do território. Ao longo do século XVIII, as monarquias europeias passaram a ocupar-se de modo mais evidente com o conhecimento e a administração do espaço, tornando-se isso uma de suas responsabilidades elementares. Graças aos avanços tecnológicos no campo dos estudos sobre a terra e à acumulação de conhecimentos sobre os elementos físicos e naturais do espaço, a ação territorial do Estado tornou-se cada vez mais embasada cientificamente, revestindo-se de uma importância estratégica para a defesa da soberania monárquica e a para promoção dos avanços econômicos do período.⁶⁰

Segundo Jacques Revel, em seu artigo sobre a política territorial francesa do século XIII ao XIX, o conhecimento do território esteve ligado às necessidades militares, administrativas e tributárias do Estado, tendo sido impulsionado de maneira concomitante ao desenvolvimento da estatística como instrumento de apreensão do perfil populacional das sociedades europeias. Ao lado da realização de grandes levantamentos estatísticos, os homens de Estado preocuparam-se com a elaboração e divulgação de representações gráficas cada vez mais elaboradas do espaço francês, passando a constituir o mapa como uma das imagens fundamentais da soberania do Monarca sobre o espaço, e um dos instrumentos mais básicos

⁵⁹ O Tratado de Santo Ildefonso mereceu uma leitura crítica de alguns historiadores brasileiros, a exemplo de Francisco Adolpho de Varnhagen em sua *História Geral do Brasil*, para quem os acordos luso-espanhóis firmados no final da década de 1770 feriam os direitos da Coroa portuguesa na América, indo, assim, na direção contrária das vantagens territoriais obtidas por Portugal mediante o Tratado de 1750. Nas palavras do autor, “os artigos do tratado [de 1777] foram dictados pela Hespanha, quase com as armas na mão, e os pactos não podiam deixar de parecer-se aos do leão com a ovelha timorata.” Francisco Adolpho de VARNHAGEN. *História Geral do Brasil. Tomo II*. Rio de Janeiro, em caza de E. e H. Leammert, R. da Quitanda, MLCCCLVII, pp. 254-255.

⁶⁰ Como afirma Renata Araújo, referindo-se ao caso português na segunda metade do XVIII, o conhecimento do território ultramarino, bem com o estabelecimento de alianças dos representantes da Coroa com os agentes locais, revestiram-se de papel estratégico na condução de uma nova política territorial. Nas palavras da autora: “A principal lição das disputas territoriais, reforçada por toda esta questão ideológica, foi o surgimento de um novo conceito. Finalmente, confirmava-se a posse da terra, que não mais se baseava numa suposição de domínio político mas que se concretizasse de facto pelo poder de intervenção sobre o território. E era evidente que tal poder precisava estar fundamentado em duas vertentes que se mostravam incontornáveis: o conhecimento concreto da região e a aliança com os seus habitantes naturais.” Renata Malcher de ARAÚJO. *As Cidades da Amazônia no Século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1998, pp. 104-105.

para a orientação das políticas estatais sobre o território.⁶¹ Conhecer espaço e população tornava-se imprescindível para apreender de maneira mais exata o reino e orientar as decisões do Estado Moderno. Por conseguinte, o “conhecimento do território – e de fato, o próprio território – tornam-se então, declaradamente, problemas políticos que põem em causa o destino da nação.”⁶²

No caso espanhol, os trabalhos de engenheiros militares contribuíram para as políticas de organização territorial implementadas tanto no espaço peninsular quanto no das colônias ultramarinas. Ao longo do XVIII, as autoridades espanholas determinaram a realização de investigações sobre os recursos naturais e humanos dos territórios da Coroa, procurando construir uma base cartográfica segura sobre eles, o que era necessário para apoiar as reformas administrativas, fiscais e econômicas em curso.⁶³ Em Portugal na última década do Setecentos, por sua vez, os projetos e debates de reordenamento político-administrativo do espaço propunham a implantação de critérios considerados mais racionais de divisão territorial, critérios esses capazes, entre outras coisas, de agilizar a atuação do aparelho judiciário e de tornar mais eficaz a gestão do próprio território do Reino.⁶⁴

Com relação ao espaço ultramarino lusitano, nas últimas décadas do século XVIII também houve um esforço de investigação e planejamento dos territórios coloniais. A

⁶¹ Jacques REVEL. “Conhecimento do território, produção do território: França, séculos XIII-XIX.” *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, s/d, pp. 103-158.

⁶² Jacques REVEL. “Conhecimento do território, produção do território: França, séculos XIII-XIX.” Op. cit., pp. 127-128.

⁶³ Horacio CAPEL SÁEZ. “Los estudios sobre el territorio.” In: José Luís PESET REIG (Dir.). *Historia de la Ciencia y de la Técnica en la Corona de Castilla. Volumen IV: Siglo XVIII*. Junta de Castilla y León: Consejería de Educación y Cultura, 2002, pp.465-497; Em seu estudo para o Novo Reino Granada entre fins do século XVIII e princípios do XIX, Oscar Javier Castro destaca as medidas adotadas para o conhecimento e reconfiguração do extenso território desse Vice-Reino, em que se coadunavam demandas locais e exigências da Coroa espanhola. Questões como aproveitamento econômico, defesa militar (contra ofensivas de outros impérios ultramarinos ou de grupos indígenas “selvagens”) e aprimoramento administrativo orientavam as ações de investigação e mapeamento do espaço e de seus habitantes, bem como as políticas de alteração dos limites territoriais. Cf.: Oscar JAVIER CASTRO. *Reconfiguração de Entidades Político-Territoriais e Constitucionalismo Moderno no Novo Reino de Granada, 1808-1816*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: FFLCH-USP, 2013 (capítulo 1). Para as reformas territoriais aplicadas na sociedade do Vice-Reino da Nueva España na virada do XVIII para o XIX, conferir: Beatriz ROJAS. “Orden de gobierno y organización del territorio: Nueva España hacia una nueva territorialidad, 1786-1825.” In: Clara GARCÍA AYLUARDO (coord.). *Las Reformas Borbónicas*. México, DF: CIDE, FCE, Conaculta, INEHRM, Fundación Cultural de la Ciudad de México, 2010, pp. 131-163.

⁶⁴ Ana Cristina Nogueira da SILVA. *O Modelo Espacial do Estado Moderno: Reorganização Territorial em Portugal nos Finais do Antigo Regime*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998 (ver especialmente o capítulo 5). No Iluminismo, o pensamento geográfico passou por uma valorização, tendo em vista seu papel importante nas políticas de Estado. Charles Withers afirma que, no século XVIII, a produção de um conhecimento sobre o espaço, aliado à sistematização de dados sobre a população, embasaram as medidas fiscais e militares das nações europeias, concorrendo assim para o “bom governo” e o “bem comum”, termos esses valorizados nos discursos políticos do período. Charles W. J. WITHERS. *Placing the Enlightenment: Thinking Geographically about the Age of Reason*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2007 (capítulo 9).

natureza das possessões no Ultramar foi sistematicamente coletada e catalogada por expedições científicas, as quais se ocuparam também do reconhecimento dos espaços e dos povos sob o domínio da Coroa portuguesa, tanto na América (destacando-se as viagens empreendidas por Alexandre Rodrigues Ferreira pelos sertões do Pará, Rio Negro e Mato Grosso) quanto na África (a exemplo da expedição liderada pelo geógrafo e astrônomo Francisco José de Lacerda e Almeida). O conjunto das informações produzidas a partir de tais expedições viabilizou forjar uma visão mais abrangente e integrada do Império português, e sustentar os planejamentos de reorganização política do vasto espaço imperial.⁶⁵

O reformismo espanhol setecentista mostrou-se mais atuante principalmente na chamada Era Carolínea do período borbônico, isto é, durante os reinados de Carlos III e Carlos IV, quando os poderes centrais da Coroa procuraram tornar-se protagonistas da economia, aspirando alcançar o domínio amplo das esferas política e social. Um dos pontos relevantes dos projetos reformistas da Monarquia espanhola nesse contexto foi a assimilação das áreas periféricas do Império ultramarino ao sistema mundial, o que significava a incorporação dessas áreas (ou pelo menos a tentativa de efetivá-la) aos fluxos econômicos imperiais, assim como sua ocupação e defesa contra a ameaça de outros impérios europeus. Por periferia imperial entende-se as regiões no interior dos domínios coloniais espanhóis atrasadas em termos econômico, demográfico e de instituições administrativas, isso quando comparadas às duas “joias da Coroa espanhola”, os Vice-Reinos do Peru e da Nova Espanha. Entre as áreas periféricas que receberam maior atenção por parte dos administradores coloniais, estavam o Caribe espanhol, a Patagônia e a Califórnia.⁶⁶

As áreas periféricas atraíram de forma mais evidente e profunda o entusiasmo reformista dos burocratas borbônicos. Entre as medidas realizadas, as autoridades espanholas buscaram povoar as zonas de fronteira, consideradas mais vulneráveis aos avanços de outros impérios, às práticas de contrabando e aos ataques de populações indígenas hostis aos espanhóis. A política demográfica levada a cabo nesse momento para as áreas fronteiriças respondia tanto aos objetivos de incremento da economia colonial, quanto às preocupações

⁶⁵ Ana Rosa Cloquet da SILVA. *Inventando a Nação: Intelectuais Ilustrados e Estadistas Luso-Brasileiros na Crise do Antigo Regime Português (1750-1822)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2006, pp. 150-160. Segundo Charles Withers, ao longo do Setecentos foi marcante o aporte humano e financeiro despendido pelos impérios europeus na organização de expedições de reconhecimento de territórios, bem como na posterior sistematização e divulgação do conhecimento geográfico sobre diferentes pontos do globo. Charles W. J. WITHERS. *Placing the Enlightenment*. Op.cit., capítulo 5.

⁶⁶ Gabriel B. PAQUETTE. *Enlightenment, Governance, and Reform in Spain and its Empire, 1759-1808*. London: Palgrave Macmillan, 2008, pp. 93-98. Conferir também: Tulio HALPERIN DONGHI. *Reforma y Disolución de los Imperios Ibéricos*. Op. cit.

geopolíticas do Império espanhol. De modo geral, o crescimento da população foi compreendido pelos administradores coloniais como uma das condições para o soerguimento do Império, assim como o comércio. Ao lado das políticas de povoamento, também se efetivou a expansão da rede de fortificações e postos militares nas fronteiras, medida considerada indispensável para consolidar o controle da Coroa espanhola sobre as áreas mais remotas da América.⁶⁷

Dentre as ações empreendidas pela Monarquia espanhola para as regiões fronteiriças da América, estava a organização e o envio de expedições científicas de reconhecimento do território. Algumas delas estavam orientadas primordialmente para a investigação científica sobre a natureza americana, sem que isso deixasse de significar a produção de um conhecimento importante para a elaboração das políticas econômicas e militares para o continente. Outras, por sua vez, eram mais diretamente voltadas para a defesa das possessões espanholas no Novo Mundo, como era o caso das expedições de limites. Essas expedições consistiam em comissões, geralmente binacionais, destinadas às tarefas de reconhecimento e delimitação das fronteiras em zonas disputadas, tendo sido recorrente sua atuação na segunda metade do século XVIII.⁶⁸

Entre as expedições de limites que se ocuparam da defesa da soberania territorial do Império espanhol no Novo Mundo, pode-se citar as enviadas para o noroeste da América do Norte na década de 1770, região que vivenciava a incursão de russos, os quais agiam no comércio ilegal de peles na costa do Pacífico, e de britânicos, que avançavam sobre essa fronteira a partir da parte leste do continente. Na mesma década, no Pacífico sul, foram organizadas expedições que, a partir da costa peruana, destinaram-se à defesa das pretensões coloniais da Coroa espanhola nas ilhas de Páscoa e do Taiti (essa última abandonada pelos espanhóis em 1776), buscando barrar as reivindicações territoriais de britânicos e franceses naquele Oceano. Já no extremo sul do continente sul-americano entre as décadas de 1760-1790, a Monarquia espanhola, temerosa dos avanços navais da Grã-Bretanha, determinou o envio de expedições destinadas à proteção da Patagônia e do Estreito de Magalhães, procurando assim proteger essa estratégica rota de navegação entre o Atlântico e o Pacífico.⁶⁹ As expedições luso-espanholas na América do Sul estão, desse modo, inseridas em um leque

⁶⁷ Gabriel B. PAQUETTE. *Enlightenment, Governance, and Reform in Spain and its Empire*. Op. cit., pp. 98-126.

⁶⁸ Fermín del PINO e Angel GUIRAO DE VIERNA. "Las Expediciones Ilustradas y El Estado Español." *Revista de Indias*, 1987, vol. XLVII, núm. 180, pp. 379-429.

⁶⁹ Fermín del PINO e Angel GUIRAO DE VIERNA. "Las Expediciones Ilustradas y El Estado Español.", pp. 411-418.

mais amplo de experiências demarcatórias no continente no século XVIII.

Para Manuel Lucena Giraldo, esse conjunto de ações da Monarquia bourbônica colocadas em prática nas zonas tropicais da América do Sul, e em grande medida impulsionadas pelos tratados demarcatórios de Madri e de Santo Ildefonso, é conceituado como um “reformismo de fronteira.” Lucena Giraldo critica a ênfase por parte da historiografia nas ações reformistas voltadas para o meio urbano, ignorando-se consequentemente as importantes modificações ocorridas nos espaços regionais, e principalmente nas áreas marginais do continente americano. Essa dimensão fronteiriça da política reformista também foi pouco valorizada em razão de uma tendência historiográfica de enfatizar as motivações fiscalistas dos Bourbons. Para Lucena Giraldo, não seria compreensível o esforço político, humano e econômico da Coroa espanhola em ocupar zonas nos confins da América, caso se privilegiasse a análise do reformismo espanhol apenas pela dimensão das necessidades fiscais do Império.⁷⁰

Em contrapartida, Manuel Lucena Giraldo prefere entender as reformas como orientadas, de maneira geral, pela busca de uma nova integração do espaço do Império espanhol. Isso significava estabelecer primordialmente “uma nova funcionalidade econômica imperial,” integrando os territórios ultramarinos em um espaço econômico que reforçaria o sistema colonial, mantendo as possessões americanas em uma posição de subordinação em relação à metrópole peninsular. Nesse programa de reformas, fazia-se necessário também organizar os territórios coloniais buscando articular o controle social e político do espaço, tornando, por fim, efetiva a “ocupação física do continente americano e seu controle estatal.”⁷¹

Para que os objetivos acima descritos fossem alcançados, o controle do espaço deveria não mais ser feito através da tradicional organização missionária, mas sim mediante uma política laica e regalista, pois somente a presença efetiva de representantes da autoridade espanhola nas fronteiras (e essas, com seus limites devidamente demarcados) poderia evitar levantes indígenas, barrar o contrabando e rechaçar os avanços de outras potências europeias. Mais do que anteriormente, as fronteiras passaram a ser compreendidas como espaços para serem colonizados e integrados ao restante do território. Nesse esforço, as comissões demarcadoras assumiam um papel imprescindível, visando impulsionar a presença do poder monárquico nas zonas mais distantes e sua incorporação ao conjunto do Império. Ao mesmo

⁷⁰ Manuel LUCENA GIRALDO. “Le réformisme de frontière.” *HSAL*, n.7, premier semestre 1998, 209-220.

⁷¹ Manuel LUCENA GIRALDO. “Le réformisme de frontière.” *Op. cit.*, pp. 210-212.

tempo, o trabalho de delimitação dessas comissões marcou a conversão de “regiões marginais e quase desconhecidas” em áreas de grande valor estratégico.⁷²

O reconhecimento e a delimitação dos territórios imperiais no continente americano impulsionaram sensíveis mudanças na organização dos espaços e na própria atuação do Estado nas sociedades coloniais. Em relação à segunda metade do século XVIII, Iris Kantor destaca o processo de construção das fronteiras entre os impérios português e espanhol na América do Sul, processo esse que mobilizou recursos das duas Coroas para a efetivação da política de demarcação de limites, principalmente a partir da assinatura do Tratado de Madri. No que diz respeito aos domínios americanos da Coroa portuguesa, o contexto das demarcações de limites impulsionou a “expansão das estruturas administrativas” para o interior do continente, com a criação de novas vilas, comarcas e capitanias em zonas limítrofes, como as do Mato Grosso, de Santa Catarina e do Rio Negro.⁷³

Esse movimento de interiorização das estruturas político-administrativas coloniais estimulou igualmente o controle sobre os fluxos de homens e mercadorias pelos rios, assim como o repovoamento do território. Além disso, o percurso que as comissões demarcadoras realizaram pelos confins do território luso-americano permitiu a reunião de conhecimentos que orientaram as políticas voltadas para ocupação e defesa do espaço, estimulando também o que a autora qualifica como a “elaboração de uma consciência territorial e geográfica.”⁷⁴

Além disso, tal processo de construção das fronteiras foi igualmente responsável pela instauração de “uma nova lógica de apropriação jurídica do espaço americano,”⁷⁵ com a definitiva extinção das capitanias hereditárias em 1759 e sua incorporação à Coroa. Com isso, tem-se de maneira mais clara um ideal de consolidação da soberania moderna representada pelo controle direto da Coroa portuguesa sobre o território colonial e seus habitantes. Em relação às populações das áreas de fronteira, a ação política das autoridades na América lusa voltou-se principalmente para as comunidades indígenas, empregando-as nas tropas e nos trabalhos de edificação de defesas militares em pontos estratégicos do espaço colonial americano. Com o Diretório dos Índios (1755-1798), o reconhecimento dos índios como

⁷² Manuel LUCENA GIRALDO. “Le réformisme de frontière.” Op. cit., pp.215-219.

⁷³ Iris KANTOR. “Impasses e Repercussões do Reformismo Ilustrado na Segunda Metade do Século XVIII.” In: Cecília Helena de Salles OLIVEIRA, Vera Lúcia Nagib BITTENCOURT, Wilma Peres COSTA (Org.). *Soberania e Conflito: Configurações do Estado Nacional no Brasil do Século XIX*. São Paulo: HUCITEC, FAPESP, 2010, pp. 64-65.

⁷⁴ Iris KANTOR. “Impasses e Repercussões do Reformismo Ilustrado na Segunda Metade do Século XVIII.” Op. cit., p.76.

⁷⁵ Iris KANTOR. “Impasses e Repercussões do Reformismo Ilustrado na Segunda Metade do Século XVIII.” Op. cit., p.64.

vassallos portugueses significou, entre outras coisas, o fortalecimento do poder secular frente ao poder missional sobre as populações indígenas, e a participação desses sujeitos nos esforços de defesa e ocupação dos domínios portugueses no continente.⁷⁶

Os trabalhos demarcatórios, previstos pelo Tratado de Santo Ildefonso, mobilizaram o envio de recursos e a montagem de instituições político-administrativas em áreas de fronteira. Nesse contexto, que tem início nos anos finais da década de 1770 e se prolonga até o início do século XIX, toma impulso a ocupação de regiões que já vinham sendo incorporadas aos Impérios português e espanhol na América. Entre essas regiões, estavam a Capitania de São José do Rio Negro e a Província de Maynas.

1.2 - Domínios extremos na América ibérica: a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas.

Ao abordar a fronteira luso-espanhola, e com destaque a que compreendia a zona fronteiriça entre a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas, faz-se necessário em um primeiro momento situar a inserção dessas duas áreas no interior dos impérios ultramarinos português e espanhol, respectivamente. Para isso, deve-se discorrer sobre alguns marcos do processo de ocupação dessas áreas de fronteira durante a montagem das sociedades coloniais ibero-americanas, a instituição de Maynas e Rio Negro como unidades administrativas locais, bem como apresentar algumas características socioeconômicas e demográficas das mesmas em fins do século XVIII, contexto no qual são realizados os trabalhos das comissões luso-espanholas de demarcação de limites. Primeiramente, será focado o caso do Rio Negro; em seguida, o de Maynas. Por fim, serão analisados alguns pontos de aproximação e de diferenças entre essas duas áreas.

A Capitania do Rio Negro.

O vale amazônico foi inicialmente abarcado no interior do espaço administrativo do Estado do Maranhão, unidade separada do Estado do Brasil e instituída pela monarquia espanhola (durante a chamada União Ibérica, 1580-1640) em 1621.⁷⁷ O antigo Estado do Maranhão compreendia as capitanias reais do Ceará, Maranhão e Gurupá, além das capitanias

⁷⁶ Iris KANTOR. “Impasses e Repercussões do Reformismo Ilustrado na Segunda Metade do Século XVIII.” Op. cit., pp. 66-70.

⁷⁷ Sobre a inserção do vale amazônico no conjunto dos domínios de Castela na América durante a União Ibérica, conferir: Alírio CARDOSO. *Maranhão na Monarquia Hispânica: intercâmbios, guerra e navegação nas fronteiras das Índias de Castela (1580-1655)*. Tesis Doctoral. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2012.

hereditárias do Caeté, Cametá, Cabo Norte, Marajó, Xingu e Tapuitapera. Na década de 1650, deu-se o reordenamento dessa extensíssima área com a instituição do Estado do Maranhão e Grão-Pará (1654), e a transferência da capitania do Ceará para o Estado do Brasil (1656). A cidade de São Luís desempenharia a função de sede político-administrativa do Estado até o ano de 1737, quando Santa Maria de Belém assumiu essa condição.⁷⁸

O processo de conquista lusa do vale amazônico, no início do século XVII, dependeu inicialmente do deslocamento de soldados do nordeste da América portuguesa para a região. Nesse movimento, a fundação da cidade de Belém representou o núcleo de expansão para o interior do vale e de apoio a ataques contra populações indígenas e outros europeus que tentavam fixar estabelecimentos coloniais nos rios (como holandeses, franceses, ingleses e irlandeses). As cidades de Belém, São Luís e Gurupá desempenhavam a função de pontos chave para defesa do extremo norte.⁷⁹

No plano militar, a conquista dependeu da fundação de fortificações nas margens de alguns rios, bem como do apoio armado de populações indígenas aliadas aos portugueses. Ao lado do aspecto militar da conquista, a produção historiográfica sobre a região também enfatiza a presença das missões religiosas, a caça a índios e a coleta de drogas do sertão como fatores estruturadores da expansão portuguesa na bacia amazônica.⁸⁰ Além das ações desempenhadas na conquista por militares, sertanistas e missionários, podem-se identificar outros vetores da ocupação da região pelos portugueses. Um desses vetores foi o estabelecimento de capitanias privadas (instituição consagrada na experiência portuguesa de expansão ultramarina), pensada pelas autoridades coloniais como um empreendimento de ocupação territorial e de incentivo à produção agrícola, o que foi efetivado em alguns casos. Outro vetor foi a doação de sesmarias, a qual também foi um recurso oficial para incrementar a ocupação de terras e seu aproveitamento para a agricultura, principalmente de gêneros como açúcar, tabaco, mandioca e cacau. A fundação de vilas, por fim, também funcionou como uma estratégia de alargamento da fronteira econômica e militar. Essas formas de ocupação diziam

⁷⁸ Ângela DOMINGUES. “Estado do Grão-Pará e Maranhão.” In: Maria Beatriz Nizza da SILVA (coord.). *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa, São Paulo: Editorial Verbo, 1994, pp. 314-319.

⁷⁹ Ernesto CRUZ. *História de Belém*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973; Sérgio Buarque de HOLANDA. “Os franceses no Maranhão”. In: Sérgio Buarque de HOLANDA (org.). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo I, 1º Volume: Do Descobrimento à Expansão Territorial*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1976, pp. 231-234.

⁸⁰ Eduardo HOORNAERT. “A Amazônia e a cobiça dos europeus”. In: Eduardo HOORNAERT. (org.). *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1992, pp. 49-60; Arthur Cezar Ferreira REIS. *A Política de Portugal no Valle Amazônico*. Belém: SECULT, 1993; Arthur Cezar Ferreira REIS. “A ocupação portuguesa do vale amazônico”. In: Sérgio Buarque de HOLANDA (ed.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Op. cit., pp. 283-99.

respeito não apenas à *Amazônia* (termo, aliás, inexistente no período colonial para designar o vale amazônico como uma região específica), mas a todo o espaço que então compreendia o Estado do Maranhão (espaço esse extremamente vasto e diversificado, abrangendo desde as densas florestas da região do Rio Negro até o semi-árido interior da Capitania do Piauí).⁸¹

Na segunda metade do século XVII, o vale do Rio Negro passou a ser acessado com mais frequência por tropas de resgate de índios, assim como por missionários, buscando-se com isso abastecer de mão-de-obra indígena os mercados nas povoações ocidentais da “Amazônia” portuguesa. Áreas como os vales dos rios Solimões, Japurá, Negro e Branco tornaram-se fornecedoras de indígenas. Entretanto, o apresamento de índios por essas expedições e os surtos de epidemias levaram à queda da população nativa, assim como o deslocamento de comunidades indígenas para outras áreas.⁸² Ao mesmo tempo em que a busca de mão-de-obra indígena foi marcante na história dos avanços coloniais portugueses para a direção oeste, deve-se também destacar a atividade de coleta de cacau (produto em expansão no comércio marítimo do Estado do Maranhão e Grão-Pará) como impulsionadora das incursões portuguesas no espaço do que viria a constituir a Capitania do Rio Negro.

Já na primeira metade do século XVIII, o antigo Estado do Maranhão ainda vivenciava um quadro de dificuldades no que dizia respeito ao aproveitamento econômico de sua vasta área, assim como em relação ao perigo de avanços de outros europeus na região. O problema do controle da mão-de-obra indígena por colonos e missionários (principalmente jesuítas) deu ensejo à ocorrência de conflitos políticos locais, levando-se em conta a diminuição demográfica das populações indígenas e a incapacidade de promover o tráfico de escravos africanos para suprir as demandas por trabalhadores.⁸³ O Regimento das Missões, instituído em 1686 e que vigoraria até 1757, procurou regular as relações estabelecidas entre colonos, missionários e índios aldeados, muito embora os conflitos tenham continuado em torno do recurso à força de trabalho indígena.⁸⁴

⁸¹ Rafael CHAMBOULEYRON. « Plantações, sesmarias e vilas. Uma reflexão sobre a ocupação da Amazônia seiscentista », *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 14 maio 2006. URL : <http://nuevomundo.revues.org/index2260.html>. Do mesmo autor, cf.: *Portuguese colonization of the Amazon region, 1640-1706*. PhD Thesis. University of Cambridge, 2005.

⁸² Antonio PORRO. “História Indígena do Alto e Médio Amazonas, Séculos XVI a XVIII.” *O Povo das Águas: Ensaios de Etno-História Amazônica*. Petrópolis: Editora Vozes/EDUSP, 1996, pp. 37-73.

⁸³ Rafael CHAMBOULEYRON. “Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (séculos XVII e início do século XVIII).” *Revista Brasileira de História*, vol.26, n.52, 2006, pp. 79-114.

⁸⁴ Joel Santos DIAS. *Os “Verdadeiros Conservadores” do Estado do Maranhão: Poder local, redes clientelares e cultura política na Amazônia colonial (primeira metade do século XVIII)*. Dissertação de Mestrado. Belém: PPGH-UFGA, 2008, pp. 62-84; Marcia Eliane Alves de Souza MELLO. “O Regimento das Missões: Poder e negociação na Amazônia portuguesa.” *Clio- Revista de Pesquisa Histórica*, n. 27-1, 2009, pp. 46-75.

As missões religiosas e a fundação de estabelecimentos militares contribuíram para o avanço do espaço pertencente aos domínios portugueses no vale amazônico. Nesse movimento, foram abarcadas áreas como os rios Guaporé, Mamoré, Madeira, Solimões e Negro, possibilitando a conexão com o Mato Grosso e o estabelecimento de uma rota comercial fluvial entre esta área e o Grão-Pará, principalmente a partir da segunda metade do século XVIII. Ao mesmo tempo, o deslocamento dos domínios de Portugal para o oeste da América significou o estreitamento das áreas de contato com os territórios espanhóis de Maynas, Moxos e Chiquitos, intensificando assim os atritos com as autoridades espanholas dessas áreas.⁸⁵ As frentes de incorporação territorial dos domínios portugueses também avançaram do oeste para o norte da América, incentivadas pela busca de ouro ou de cativos indígenas na primeira metade do século XVIII. Esse movimento de incorporação de terras pontilhou de vilas a fronteira oeste da América lusa, favorecendo igualmente ao longo do Setecentos as iniciativas de ligação fluvial com a parte norte do continente do Brasil através da já referida rota Guaporé-Mamoré-Madeira, tornando possível as conexões administrativas e as relações mercantis entre Vila Bela, no Mato Grosso, e Belém, no Grão-Pará.⁸⁶

Os atritos luso-espanhóis na definição dos limites imperiais na América foram expressivos na zona platina do continente (onde os portugueses possuíam interesses comerciais assentados na colônia de Sacramento), tornando-se um ponto fundamental nas negociações diplomáticas do Tratado de Madri, de 1750.⁸⁷ A diplomacia nesse contexto não poderia desconsiderar também a extensa modificação dos espaços coloniais ibéricos na parte norte da América do Sul, com os alargamentos territoriais portugueses sobre áreas formalmente consideradas espanholas, movimento esse iniciado ainda no período da União Ibérica e que prosseguira ao longo da segunda metade do século XVII e primeira metade do XVIII. Em meados do Setecentos, o esforço diplomático português, capitaneado por Alexandre de Gusmão, foi o de garantir o reconhecimento das bacias do Prata e do Amazonas

⁸⁵ José Roberto Amaral LAPA. “Do Comércio em Área de Mineração.” *Economia Colonial*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973, pp.36-43.

⁸⁶ Charles R. BOXER. *A Idade de Ouro do Brasil: Dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, pp. 265-284; Loiva CANOVA. *Antônio Rolim de Moura e as Representações da Paisagem no Interior da Colônia Portuguesa na América (1751-1764)*. Tese de Doutorado. Curitiba: PPGH-UFRP, 2011, pp. 154-170; Virgílio CORRÊA FILHO. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969, pp. 251-254 e pp. 325-326; André Nicácio LIMA. *Caminhos da integração, fronteiras da política: a formação das províncias de Goiás e Mato Grosso*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PPGH-USP, 2010, p.50.

⁸⁷ Jaime CORTESÃO. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri, Tomo II*. Brasília: FUNAG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, pp.59-81; Miguel Paranhos de RIO BRANCO. “Alexandre de Gusmão e o Tratado de 1750.” In: Miguel Paranhos de RIO BRANCO, Vasco MARIZ. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de 1750 e A Tormentosa Nomeação do Jovem Rio Branco para o Itamaraty*. Brasília: FUNAG, 2010, p.21-26.

como fronteiras naturais da América portuguesa, legitimando no plano da política internacional os avanços territoriais ocorridos nos domínios americanos.⁸⁸

Nas ações para a América levadas a cabo pela Coroa portuguesa em meados do Setecentos, buscou-se também efetivar o controle dos sertões do Grão-Pará e intensificar sua ligação com o Mato Grosso, unindo assim as duas áreas limítrofes com os domínios espanhóis no continente. No caso da bacia amazônica, definiu-se como limite entre Portugal e Espanha o rio Javari, reconhecendo-se o Napo como pertencente aos domínios espanhóis.⁸⁹

O Tratado de Madri também determinou a realização de expedições demarcatórias luso-espanholas para aquela zona fronteira. Como as expedições espanholas não foram enviadas para a fronteira, a demarcação não foi efetivada.⁹⁰ Conforme foi visto anteriormente, em 1761, porém, o Tratado do Pardo cancelou o de Madri, de modo que as fronteiras tornaram oficialmente a ser consideradas indeterminadas, assinalando a possibilidade de ocorrer novos confrontos entre portugueses e espanhóis na América. A perspectiva do confronto tornou-se mais premente quando, no mesmo ano, os monarcas de Espanha, França, Áustria e das Duas Sicílias, e o duque de Parma firmaram o Pacto de Família, celebrando assim uma aliança válida tanto na Europa quanto nos domínios ultramarinos dessas Coroas. Nesse novo contexto, ficava claro para os homens de Estado portugueses o que isso traria de ameaçador para o extremo norte da América lusa: o Grão-Pará, confinante com domínios espanhóis e franceses, poderia ser invadido por vários pontos. Até a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, a região viveria em um estado de conflito latente em suas fronteiras.

Em meados do século XVIII, durante o consulado pombalino, o extremo norte da América portuguesa foi mais uma vez redesenhado em suas fronteiras políticas, de maneira a responder às novas contingências estratégicas do Império português no continente. Em 1751, o Estado do Maranhão e Grão-Pará tornou-se Estado do Grão-Pará e Maranhão, cuja capital passou a ser a cidade de Belém, uma mudança que evidenciava as expectativas da Coroa lusa em administrar de maneira mais efetiva a zona “amazônica” dessa vastíssima unidade

⁸⁸ Synesio Sampaio GOES. *Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas: aspectos da descoberta do continente, da penetração do território brasileiro extra-Tordesilhas e do estabelecimento das fronteiras da Amazônia*. Brasília: IPRI, 1991.

⁸⁹ *O Tratado de Limites Brasil-Peru*. Brasília: Editora do Senado, 2009.

⁹⁰ Na raia fronteira norte, os oficiais e técnicos da partida portuguesa (chefiada pelo próprio governador e capitão general do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado) chegaram a Belém em 1753, partindo no ano seguinte para a aldeia de Mariuá, no rio Negro, onde deveria ocorrer o encontro com a partida espanhola. Durante quatro anos, os portugueses realizaram os trabalhos de reconhecimento e medição do território, sem que os espanhóis tivessem chegado. Quando a comissão espanhola chegou à fronteira, os demarcadores portugueses já haviam se retirado. Cf.: Renata Malcher de ARAÚJO. *As Cidades da Amazônia do Século XVIII*. Op. cit., pp. 109-110.

administrativa.⁹¹ Em 1755, a parte mais ocidental do Grão-Pará (limítrofe com os domínios de Castela e com a colônia holandesa do Suriname) foi desmembrada, criando-se então a Capitania de São José do Rio Negro, subordinada à Capitania do Pará. No Rio Negro, a vila de Barcelos (antiga Mariuá) foi escolhida para ser a capital, por ser considerada mais central no território e, por isso, menos exposta a possíveis ataques dos espanhóis. Na década de 1770, procedeu-se a novos desmembramentos do espaço administrativo, com a divisão entre o Estado do Maranhão e Piauí e o Estado do Grão-Pará e Rio Negro (este último com sede em Belém e com subordinação direta a Lisboa).⁹²

Mapa 1.1

Mapa do Estado e Capitânicas do Grão Pará e Rio Negro, com as do Maranhão e Piauí, que delle se desanexarão em separado Governo Geral no anno de 1774 aumentado até o paralelo de cinco graus de latitude boreal, com as comunicações dos rios Negro, Oniroco, e Cavaboris, a situação da nova fortaleza, e verdadeiro curso do rio Branco. Feito em 1778. Primeira Comissão Demarcadora de Limites, Mapoteca. Esse amplo mapa do norte da América portuguesa registra os limites políticos internos, tendo em vista a redivisão territorial ocorrida na década de 1770, como também os espaços fronteiricos nos quais atuavam as comissões demarcadoras a partir de 1780.

⁹¹ Segundo Renata Araújo, ficou estabelecido que “ambas as capitânicas [Pará e Maranhão] seriam divididas e teriam contacto directo com a metrópole a partir dos seus dirigentes, e que não haveria ‘submissão’ do governador do Maranhão ao do Pará. (...). A mudança trouxe de facto uma melhor gestão política de ambas as capitânicas. Contribuiu também, e prioritariamente, para a definição de um controlo do território muito mais efectivo, na medida em que as capitais [Belém e São Luís] detinham autonomia de gestão sobre áreas correspondentes às suas capacidade de actuação e de efectivo deslocamento no espaço.” Renata Macher de ARAÚJO. *As Cidades da Amazônia do Século XVIII*. Op. cit., p. 106.

⁹² Ângela DOMINGUES. “Rio Negro, Capitania de São José do.” In: Maria Beatriz Nizza da SILVA (coord.). *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Op. cit., pp. 718-722.

Como foi discutido anteriormente, dentro das novas contingências estratégicas para os domínios americanos, e em consonância com as reformas centralizadoras empreendidas por Pombal, foi determinada a expulsão da Companhia de Jesus, já que a ordem religiosa passou a ser vista como um obstáculo aos poderes centrais monárquicos na Colônia, e como entrave para execução das políticas de controle das áreas de fronteira e das populações indígenas que nelas viviam. O papel das demais ordens religiosas também foi diminuído em favor do clero secular durante o chamado período pombalino, na medida em que o controle que as ordens mantinham sobre as comunidades indígenas limitava o poder das autoridades portuguesas em recorrer aos índios na execução de seus projetos de defesa do território e de fortalecimento da economia da região.⁹³

No que se refere à parte oeste do vale amazônico, a criação da Capitania do Rio Negro buscou efetivar o avanço do espaço colonial português realizado desde o século anterior, organizando esse território a partir da instituição de uma burocracia local. Entre os objetivos perseguidos pelas autoridades lusas na criação da nova capitania, estavam o reconhecimento e controle do território e seus habitantes, a contenção de avanços dos espanhóis vizinhos, e o incremento das atividades econômicas locais. O sentido geopolítico da Capitania do Rio Negro evidenciava-se, além disso, na escolha de suas autoridades dirigentes, prevalecendo oficiais militares no cargo de governador, alguns dos quais com larga experiência nas partidas demarcadoras de fronteira, como eram os casos de Manuel da Gama Lobo de Almada, José Simões de Carvalho e José Joaquim Vitório da Costa.⁹⁴

Com relação à ocupação da Capitania do Rio Negro, é possível distinguir duas sub-regiões principais, nas quais se distribuíram as povoações na segunda metade do XVIII. A primeira, correspondente à região leste da capitania, mais próxima à Belém (sede política do Estado e mais importante porto do vale amazônico), concentrava a maior parte da população e as atividades econômicas mais produtivas, destacando-se nela as povoações de Borba, Silves, Serpa, Barra, Airão, Moura, Carvoeiro, Poiares, Barcelos (sede do governo local, antiga aldeia de Mariuá), Moreira, Tomar, Alvelos, Ega, Nogueira e Alvarães. A segunda sub-região, a oeste, dividia-se em Alto Rio Negro e Alto Solimões, e era a fronteira com os domínios espanhóis na América; nessa sub-região, destacavam-se as povoações de Fonte Boa, Castro de

⁹³ Carlos de Araújo MOREIRA NETO. "Reformulações da Missão Católica na Amazônia entre 1750 e 1832." In: Eduardo HOORNAERT (org.). *História da Igreja na Amazônia*. Op. cit., pp. 210-261.

⁹⁴ Mário Ypiranga MONTEIRO. *A Capitania de São José do Rio Negro*. Manaus: Valer Editora, s/d.

1776⁹⁶) – Tabatinga, deve-se ressaltar, constituiu um ponto central nas relações entre Rio Negro e Maynas e nas disputas hispano-portuguesas na fronteira, o que será visto ao longo desse trabalho.

O estabelecimento de pontos militares também foi efetivado nos limites com a possessão holandesa do Suriname (Forte de São Joaquim do Rio Branco, datado de 1777) e, na Capitania do Pará, nos limites com a Guiana Francesa (Fortaleza de São José de Macapá, cuja construção ocorreu entre 1764-1782).⁹⁷ Ao lado do aspecto militar, a fundação de núcleos populacionais na segunda metade do século XVIII deveria atender às necessidades econômicas, servindo essas povoações como áreas de abastecimento de alimentos e produtos extrativos, para arregimentação de mão-de-obra indígena, bem como pontos de apoio para navegações e comércio, potencializando dessa maneira a expansão e a integração do território.

Ao lado da segurança nas zonas limítrofes do Estado do Grão-Pará, a política levada à cabo pelas autoridades coloniais também voltou-se para o controle sobre os habitantes dos domínios portugueses. Assim, foram empreendidas expedições militares contra algumas populações indígenas não-aldeadas, como os Mura, os Mundurucu e os índios da região do rio Branco. As guerras sustentadas por esses grupos indígenas contra portugueses e outras populações indígenas ameaçavam os empreendimentos comerciais e de fixação de povoados nas margens dos rios, podendo também colocar em risco a presença portuguesa em áreas limítrofes, como era o caso do Rio Branco.⁹⁸ Foram igualmente realizadas expedições contra mocambos,⁹⁹ bem como tentativas de controle e punição aos homens que promoviam o tráfico ilegal de escravos índios.¹⁰⁰

A capitania do Rio Negro foi também palco de políticas que buscaram diversificar e incrementar a economia, objetivando assim conferir a ela a independência econômica e fiscal em relação à Capitania do Pará. A exploração de gêneros da floresta (cacau selvagem, breu, salsa, piaçaba, óleos) continuava ocupando um lugar significativo na esfera econômica local. Paralelamente aos produtos extrativos, mais valorizados nas pautas de exportação, existia uma

⁹⁶ Rebeca STEIMAN. *A Geografia das Cidades de Fronteira: um estudo de caso de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia)*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Rio de Janeiro: PPGG-UFRJ, 2002, p.60.

⁹⁷ Arthur Cezar Ferreira REIS. *Limites e Demarcações da Amazônia Brasileira*. Op. cit., pp. 57-58.

⁹⁸ Nádia FARAGE. *As Muralhas dos Sertões: Os povos indígenas no Rio Branco e a colonização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ANPOCS, 1991, pp. 121-168; Francisco Jorge dos SANTOS. *Além da Conquista: Guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

⁹⁹ Flávio dos Santos GOMES. “Fronteiras e Mocambos: o protesto negro na Guiana Brasileira.” In: Flávio dos Santos GOMES (org.). *Nas Terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira (séculos XVII-XIX)*. Belém: Editora da UFPA, 1999, pp. 225-381.

¹⁰⁰ Ângela DOMINGUES. *Quando os Índios eram Vassalos: colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000, pp. 106-114.

pequena agricultura, praticada em grande parte nas terras indígenas, imprescindível para o abastecimento do mercado interno. Contudo, em fins do XVIII, incentivou-se igualmente a produção agrícola, a qual consistia principalmente em lavouras de cacau, anil, algodão, café, maniva e arroz. No caso da maniva, sua produção era particularmente incentivada tendo em vista sua utilização na produção de farinha, gênero essencial no abastecimento dos povoados do Estado do Grão-Pará e Rio Negro.¹⁰¹ A rizicultura, por sua vez, foi realizada no rio Branco, onde os pastos naturais serviram também para a criação de gados *vacum* e cavalos.¹⁰²

As atividades comerciais da Capitania do Rio Negro na segunda metade do século XVIII foram marcadas pela importância das exportações das drogas do sertão para o mercado atlântico. Entre os produtos exportados, destacava-se o cacau, cujas exportações chegaram a representar 61% do que era escoado do porto de Belém no período 1745-1753. Durante a atuação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, o cacau constituía cerca de 60% de todos os produtos transportados pelas embarcações da companhia. Além de sua importância na pauta de exportações, as atividades de coleta e comercialização desse produto mobilizaram grande quantidade de mão-de-obra indígena, o que acarretou a intensificação das expedições de apresamento de índios.¹⁰³

Além das rotas atlânticas de comércio, era de fundamental importância o comércio interno que se desenvolvia na rede fluvial do Estado do Grão-Pará. Eram essas atividades que possibilitavam as conexões entre Belém e os sertões do Rio Negro, assim como com as capitanias vizinhas de Goiás e Mato Grosso. Em relação a esta última, as ligações comerciais mantidas através dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé contribuíam para o abastecimento de Vila Bela, no Mato Grosso, sendo também uma ligação estratégica para a defesa da fronteira oeste da América portuguesa contra possíveis investidas militares espanholas vindas do Peru e do Alto Peru. Desse modo, as autoridades coloniais portuguesas incentivaram a manutenção de redes de contatos comerciais e administrativos entre Pará, Rio Negro e Mato Grosso, redes essas, como será abordado posteriormente, que se mostrariam essenciais na coordenação dos trabalhos de demarcação na enorme raia fronteiriça ibero-americana.¹⁰⁴

¹⁰¹ Nírvea RAVENA. “O abastecimento no século XVIII no Grão-Pará: Macapá e vilas circunvizinhas.” In: Rosa ACEVEDO MARIN (Org.). *A escrita da História Paraense*. Belém: NAEA/UFPA, 1998, pp. 29-52.

¹⁰² Arthur Cezar Ferreira REIS. *Lobo d’Almada, Um Estadista Colonial*. Manaus: Editora Valer, 2006, pp. 42-48.

¹⁰³ Dauril ALDEN. *O significado da produção de cacau na região amazônica no fim do período colonial: um ensaio de história econômica comparada*. Belém: NAEA, 1974.

¹⁰⁴ José Roberto Amaral LAPA. “Do Comércio em Área de Mineração.” Op. cit., pp. 15-110. Sobre as comunicações entre Mato Grosso e Grão-Pará, Renata Araújo destaca a diferença entre as ordens emitidas no reinado de D. João V e as do período josefino. Quando foi criada a Capitania do Mato Grosso em 1748

Visando incrementar a economia no extremo norte da América portuguesa, a administração pombalina instituiu no ano de 1755 a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, que seguiu atuando até o ano de 1778. A Companhia usufruiu do monopólio nas atividades de comércio, seja o que era destinado ao fornecimento de produtos para os habitantes da região, seja aquele voltado para a exportação de gêneros locais para outros mercados atlânticos. Além dessas modalidades de comércio, a Companhia também deveria abastecer o mercado local de mão-de-obra escrava africana, medida considerada de extrema importância para o desenvolvimento da economia da região e para desestimular a escravização de índios. A Companhia também participou das ações de defesa do território colonial, pois seus navios realizavam o transporte de material bélico para a América. Em pontos fronteiriços do território, a Companhia estabeleceu postos comerciais, devendo, dessa forma, contribuir para a circulação de produtos, atingindo as terras hispano-americanas vizinhas, aliando, dessa maneira, a atividade comercial com os planejamentos político-militares para a região.¹⁰⁵

As atividades comerciais monopolísticas da Companhia de Comércio geraram protestos de membros da praça mercantil de Belém, insatisfeitos com os altos preços pagos pelos artigos importados pela Companhia (como escravos). Outra reclamação recorrente era direcionada aos preços dos produtos nativos que deveriam ser exportados pela Companhia, argumentando-se que eram vendidos por valores menores do que poderiam alcançar se não houvesse o monopólio do comércio. Embora subsistam interpretações divergentes sobre o alcance das transformações econômicas promovidas na região pela companhia, deve-se destacar o sentido estratégico conferido pela Coroa a essa empresa monopolística, dentro de um esforço político de fortalecimento da economia do Grão-Pará na segunda metade do século XVIII.¹⁰⁶

(desmembrada da Capitania de São Paulo), a preocupação maior das autoridades era isolar a nova capitania do Grão-Pará, proibindo os fluxos pelos rios que as conectavam. Tal proibição objetivava impedir o escoamento ilegal para o Grão-Pará do ouro e do diamante explorados no Mato Grosso, bem como desestimular o êxodo de colonos do extremo norte para o extremo oeste da América portuguesa. A partir da década de 1750, contudo, há uma preocupação nos planejamentos da Coroa em estreitar os fluxos comerciais entre Mato Grosso e Grão-Pará, incrementando economicamente ambas as conquistas, incentivando a ocupação da área para a defesa militar contra os castelhanos. Cf.: Renata Malcher de ARAÚJO. *As Cidades da Amazônia no Século XVIII*. Op. cit., pp. 113-114.

¹⁰⁵ Antônio CARRERA. *A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão*. São Paulo: Editora Nacional, 1988, pp.91-96.

¹⁰⁶ Conforme sugere Antônio Carrera, no período posterior à Companhia há uma tendência de continuidade (e mesmo de crescimento) dos fluxos de exportação do porto de Belém, o que pode indicar a melhoria do comércio atlântico do Grão-Pará nesse período. Antônio CARRERA. *As Companhias Pombalinas de Navegação, Comércio e Tráfego de Escravos entre a Costa Africana e o Nordeste Brasileiro*. Lisboa: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1969, p.45.

A arregimentação de mão-de-obra representava um ponto crítico para uma economia dependente, em grande medida, do trabalho indígena. A introdução do trabalho cativo de origem africana não chegou a formar um contingente de escravos numeroso no Estado do Grão-Pará e Rio Negro, de modo que o trabalho indígena permaneceu (ao longo do século XVIII e por parte do XIX) fundamental para a manutenção econômica daquela sociedade. Dentro das reformas empreendidas pelas autoridades coloniais na região, as relacionadas à questão indígena foram as mais abrangentes e transformadoras. No ano de 1755, estabeleceu-se a Lei da Liberdade dos Índios, proibindo-se a partir de então as práticas de escravização de indígenas, embora elas continuassem de maneira ilegal em vários pontos dos remotos sertões do Grão-Pará. A defesa da liberdade indígena era a condição necessária para transformar esses sujeitos em vassalos da Coroa portuguesa na região. No entanto, a garantia da liberdade dos índios deveria ser acompanhada também da tutela do Estado sobre populações que, na visão dos administradores coloniais, não estariam preparadas para usufruírem plenamente da condição de livres. Sem a tutela, temia-se comprometer a utilização do trabalho indígena pelos colonos. Para que os índios se tornassem vassalos, havia a necessidade de disseminar entre eles os valores da civilização.¹⁰⁷

A fim de responder a essas questões, as autoridades coloniais colocaram em prática, no Estado do Grão-Pará e Maranhão, o chamado “Directorio que se deve observar nas Povoações dos Índios do Pará, e Maranhão em quanto Sua Magestade não mandar o contrario.” O Diretório dos Índios, um amplo conjunto de leis visando regulamentar o trabalho indígena e promover a civilização dessas populações, foi implementado por quase toda a segunda metade do século XVIII, mais precisamente de 1758 a 1798. Os 95 parágrafos da lei regulamentam questões econômicas, administrativas, religiosas e culturais.

Em relação à economia, o Diretório estimulava a agricultura de exportação, a agricultura de gêneros para o abastecimento do mercado interno, a regulamentação de atividades extrativas e o comércio nas povoações indígenas. No que diz respeito à questão do trabalho indígena, instituiu-se a repartição dos trabalhadores índios em duas partes, uma para as necessidades econômicas das aldeias e para as necessidades de defesa do Estado (empregando-os, por exemplo, nas expedições demarcadoras de limites), outra para as demandas por mão-de-obra dos colonos (sendo recorrente o emprego dos índios como remeiros de canoas de comércio, ou como trabalhadores nas plantações). Do ponto de vista

¹⁰⁷ Rita Heloísa de ALMEIDA. *O Diretório dos Índios: um projeto de “civilização” no Brasil do século XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

administrativo, criou-se a figura dos diretores, responsáveis pela execução das leis do Diretório e pela administração das antigas aldeias, as quais foram transformadas em vilas (núcleos de povoamento) e lugares (núcleos voltados para arregimentação e distribuição de mão-de-obra indígena).¹⁰⁸ Ao substituírem os religiosos na condução das aldeias, os diretores deveriam reforçar a política colonial do Estado monárquico português na região, servindo também como intermediários entre a administração colonial e as lideranças indígenas (os Principais) e os colonos. Quanto às normatizações culturais presentes no Diretório, destacavam-se a proibição do uso das línguas indígenas e da língua geral, a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa e o aportuguesamento dos nomes dos índios.¹⁰⁹

A dinâmica de funcionamento do Diretório foi marcada pelas intervenções, negociações e mesmo resistências dos sujeitos nele envolvidos. As comunidades indígenas, centrais em toda a legislação do Diretório, buscaram em diferentes situações influenciar na condução da política indigenista, a qual objetivava modificar profundamente os padrões culturais das populações nativas. Foram recorrentes os casos de fugas de índios (individuais, de pequenos grupos ou de toda uma comunidade) das vilas e lugares durante a vigência do Diretório. Algumas fugas eram temporárias, visando impor limites ao poder de um determinado diretor ou alcançar alguns objetivos almejados pelos índios – quando esses objetivos eram alcançados, os fugitivos retornavam para as povoações. Entretanto, outras fugas foram definitivas, esvaziando os núcleos populacionais criados com base no Diretório. Alguns índios fugidos reuniam-se em mocambos, os quais se tornaram outro problema a ser enfrentado pelas autoridades coloniais. Ocorreram também casos de populações nativas não *descidas* (isto é, que não haviam ainda sido transferidas para vilas e lugares) que negociaram com as autoridades portuguesas, a fim de aceitarem se estabelecer nas novas povoações. Com

¹⁰⁸ Eliane Ramos FERREIRA. “Estado e administração: a vila de Mazagão.” In: Rosa ACEVEDO MARIN (org.). *A Escrita da História Paraense*. Op. cit., p.98, pp. 93-114.

¹⁰⁹ Sobre o Diretório, conferir.: Rita Heloísa de ALMEIDA. *O Diretório dos Índios*. Op. cit.; Cecília Maria Chaves BRITO. “Índios das “corporações: trabalho compulsório no Grão-Pará no século XVIII.” In: Rosa ACEVEDO MARIN (org.). *A Escrita da História Paraense*. Op. cit., pp. 115-137; Mauro Cezar COELHO. *Do Sertão para o Mar: Um estudo sobre a experiência portuguesa na América, a partir da Colônia – o caso do Diretório dos Índios (1751-1798)*. 2005. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2005; Colin M MACLACHLAN. “The Indian Directorate: forced acculturation in Portuguese America (1757-1799). *The Americas*. Washington (DC), v. 28, n.4, pp. 357-387, abr. 1972; SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na Colônia – Sertões do Grão-Pará, c. 1755-c.1823*. Tese de Doutorado. Niterói: PPGHS-UFF, 2001; Barbara A. SOMMER. *Negotiated Settlements: native Amazonians and Portuguese policy in Pará, Brazil, 1758-1798*. PhD in History. University of New Mexico, Albuquerque, 2000; José Alves de SOUSA JÚNIOR. “O Projeto Pombalino para a Amazônia e a Doutrina do Índio-Cidadão.” *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Revista do CFCH/UFGA*. Belém, v.12, n.1/2, pp. 85-98, jan./dez. 1993. Com relação à questão linguística abordada pelas políticas coloniais e do período imperial no vale amazônico, conferir: José Ribamar Bessa FREIRE. *Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGL-UERJ, 2003, pp.107-122.

essas negociações, os índios poderiam alcançar algumas vantagens para se colocarem sob a tutela de um diretor. Desse modo, as populações indígenas, apesar das regulamentações previstas pelo Diretório, poderiam, em determinadas situações, influenciar a política indigenista então em curso.¹¹⁰

Por outro lado, ao determinar simultaneamente a condição de vassalos livres aos índios e a continuação do trabalho compulsório desses sujeitos, o Diretório deu margem para o prosseguimento dos conflitos em torno da utilização da mão-de-obra indígena. A repartição do trabalho indígena entre serviços para as comunidades indígenas, para o Estado e para particulares tornou-se um terreno conflituoso que envolveu diretores, outras autoridades coloniais, lideranças indígenas, colonos e, obviamente, os próprios índios. Havia uma quase constante acusação lançada pelas autoridades coloniais contra os diretores, considerados corruptos e os maiores beneficiários do trabalho indígena. Alguns particulares eram mais beneficiados do que outros no recebimento de concessões de trabalhadores indígenas, em grande parte graças a boas relações mantidas com diretores e vigários de vilas.¹¹¹

As normatizações coloniais que incluíam os índios na condição de vassalos respondiam também aos problemas geopolíticos enfrentados pelo Império português na continente sul-americano. Ao serem considerados vassalos, os índios encontravam-se submetidos à soberania do monarca português. Com isso, esses sujeitos não deveriam mais ser vistos como pertencentes a grupos étnicos (“nações”) específicos, mas sim como integrantes de uma identidade política de vassalos portugueses.¹¹² Na documentação do período, como a dos militares envolvidos nas partidas demarcatórias (o que será tratado mais adiante nesse trabalho), passou a ser recorrente a diferenciação entre “índios portugueses” e “índios espanhóis”, o que não deixava de ser uma forma de marcar a soberania de cada Coroa sobre as populações (e territórios) do continente. Além disso, os índios, como bons vassalos, deveriam contribuir nas tarefas de defesa e ocupação do espaço colonial, a exemplo da Capitania do Rio Negro.

¹¹⁰ Patrícia Maria Melo SAMPAIO. *Espelhos Partidos*. Op. cit., capítulo 10.

¹¹¹ Mauro Cezar COELHO. *Do Sertão para o Mar*. Op. cit., pp.258-284.

¹¹² Sobre os referenciais identitários portugueses durante o Antigo Regime, cf.: Ana Cristina Nogueira da SILVA e António Manuel HESPANHA. “A identidade portuguesa.” In: António Manuel HESPANHA (Coord.). *História de Portugal. Volume IV: O Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992, pp.19-37. Para as identidades políticas na América portuguesa, conferir: István JANCÓS e João Paulo G PIMENTA. “Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira).” In: Carlos Guilherme MOTA (org.). *Viagem Incompleta. A experiência brasileira, 1500-2000. Formação: histórias*. São Paulo: SENAC, 1999, pp. 129-174; João Paulo G PIMENTA. “Portugueses, americanos, brasileiros: identidades políticas na crise do Antigo Regime luso-americano.” *Almanack Braziliense*, n.03, maio de 2006, pp. 69-80.

Na avaliação de Ângela Domingues, um dos objetivos presentes no conjunto de reformas ilustradas aplicadas no Estado do Grão-Pará era a “produção de um espaço ocidentalizado”, o que significava a realização de uma transformação cultural na região. Entre as mudanças culturais, a autora destaca a renomeação das povoações indígenas, que passaram a receber nomes de vilas portuguesas, buscando-se com isso traçar uma equivalência, ao menos simbólica, entre o espaço da fronteira amazônica e o espaço do reino português. Outra mudança foi o incentivo ao casamento entre índias e europeus, entendido como uma prática capaz de viabilizar mudanças culturais no mundo indígena. Por fim, a proibição do uso do *nheengatu* (língua geral) e a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa reforçavam a ideia da predominância da identidade portuguesa na região. Essas ações visavam o reforço da ideia de pertencimento daquele território de fronteira ao Império português, e, consequentemente, contribuíam para a defesa da soberania lusa frente à ameaça de outros impérios coloniais.¹¹³

Em 1798, a Coroa portuguesa suprimiu o Diretório, substituindo-o pela Carta Régia de 12 de maio daquele ano, a qual permaneceu em vigência no Pará e no Rio Negro até 1838. Com a nova lei, extinguiu-se a tutela sobre os índios exercida pelos diretores, os quais eram regularmente criticados pelas demais autoridades devido a seus desmandos e abusos na administração das vilas. Nessa nova regulamentação, determinou-se que os descimentos de índios não seriam mais realizados por autoridades laicas, mas por particulares, que se responsabilizariam pela civilização dos índios, podendo, em contrapartida, empregá-los como trabalhadores. A Carta Régia também determinou o livre acesso dos moradores às terras indígenas e a liberdade de comércio com as populações nativas. Esta lei dialogava com uma nova conjuntura da sociedade local no final do século XVIII, quando já havia uma crescente população de indígenas e de mestiços fora do alcance da tutela dos diretores, residindo em outros locais que não os aldeamentos pombalinos, dedicando-se a diversas atividades produtivas e compondo as fileiras das milícias coloniais. Contudo, assinala Patrícia Sampaio, a Carta Régia regulamentava certas modalidades de tutela sobre os índios: a tutela deveria ser exercida não mais pelas autoridades do Grão-Pará e Rio Negro, mas por particulares, e incidiria não sobre comunidades indígenas inteiras (como ocorria durante o Diretório), e sim

¹¹³ Ângela DOMINGUES. *Quando os Índios eram Vassalos*. Op. cit., pp. 65-66.

sobre índios individualmente (como aqueles que fossem declarados órfãos ou que fossem recém-descidos).¹¹⁴

Outra preocupação que orientou a ação das autoridades portuguesas no vale amazônico foi o a construção de um conhecimento mais abrangente sobre o território, a natureza, os habitantes e as riquezas naturais do Grão-Pará e Rio Negro. Dentro dessas prerrogativas, pode-se entender a atuação, nas décadas de 1780-1790, do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira no vale amazônico, responsável por relevantes estudos nas áreas de fronteira, destacando-se sua *Viagem Filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro*. A elaboração de seus trabalhos esteve intrinsecamente relacionada à implementação da política colonial na região, na medida em que suas investigações estavam orientadas pelos projetos da Coroa de defesa do território e de seu aproveitamento econômico.¹¹⁵

Em relação à população da Capitania do Rio Negro, os dados demográficos mais sistemáticos foram produzidos entre finais da década de 1770 e início dos anos de 1780, período em que as autoridades do Estado do Grão-Pará realizaram um grande censo (instrumento indispensável para conhecer a população local, e por extensão balizar as políticas econômicas e de ocupação da área). Contabilizando-se os moradores livres, escravos e índios aldeados, a população rio-negrina somava 11.723 almas no ano de 1778. O número total de habitantes do Rio Negro era um pouco superior à população de Belém, que comportava naquela altura 10.074 habitantes,¹¹⁶ e muito inferior à população da Capitania do Pará, esta última estimada em 37.543 habitantes; em relação à população do Estado do Grão-Pará, a Capitania do Rio Negro no ano de 1778 comportava aproximadamente 24% dos moradores. Outros dados disponíveis para o Rio Negro apontam que, no ano de 1790, a população dessa capitania cresceu para o número estimado de 12.954 moradores, no ano de 1793 ela chegou a 13.728 pessoas, atingindo o total de 14.131 habitantes no ano de 1796.¹¹⁷

Apesar de serem números absolutos modestos, a Capitania do Rio Negro experimentou um crescimento populacional na segunda metade do século XVIII, crescimento esse motivado possivelmente pelo deslocamento de pessoas para os trabalhos demarcatórios,

¹¹⁴ Patrícia Maria Melo SAMPAIO. “Entre a Tutela e a Liberdade dos Índios: Relendo a Carta Régia de 1798.” In: Mauro Cezar COELHO et al. *Meandros da História: trabalho e poder no Pará e Maranhão, séculos XVIII e XIX*. Belém: UNAMAZ, 2005, pp. 67-84.

¹¹⁵ Ronald RAMINELLI. “Ciência e colonização: Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira.” *Revista Tempo*, n.6, 1998, pp. 157-182.

¹¹⁶ Euda Cristina Alencar VELOSO. “Estrutura de apropriação de riqueza em Belém do Grão-Pará, através do recenseamento de 1778.” In: Rosa ACEVEDO MARIN. *A Escrita da História Paraense*. Op. cit., pp.7-28.

¹¹⁷ Shirley Maria Silva NOGUEIRA. “*A soldadesca desenfreada*”: politização militar no Grão-Pará da Era da Independência (1790-1850). Tese de Doutorado. Salvador: PPGH-UFBA, 2009, p.44 e p. 90.

como era o caso dos militares (oficiais e soldados) e seus familiares. Houve também um aumento no período da população escrava africana, possivelmente porque muitos escravos pertenciam aos militares que foram para o Rio Negro para os trabalhos demarcatórios na fronteira, ou em parte devido ao incentivo que a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão concedeu para a introdução de mão-de-obra cativa africana na região.¹¹⁸ Quanto à participação dos índios no quadro demográfico da região, Maria Regina Celestino de Almeida defende a tese de que não houve, verdadeiramente, um crescimento dessa população, mas tão somente uma redistribuição dos índios de algumas áreas para outras através dos descimentos e da fundação de novos núcleos habitacionais. De acordo com a autora, em algumas áreas da Capitania do Rio Negro chegou a ocorrer a diminuição da população, e as povoações indígenas do período apresentavam baixos índices de crescimento vegetativo.¹¹⁹

Entre os moradores do Rio Negro no ano de 1778, 10.247 (87%, aproximadamente) eram índios aldeados, 1.150 (cerca de 10%) foram contabilizados como livres e 326 (aproximadamente 3%), como escravos.¹²⁰ Entre os moradores “cabeças de família”, os brancos totalizavam 66,2%, seguidos de índios e mamelucos (31,1%), mulatos (2,3%) e pretos (0,4%). Com relação às categorias de renda registradas no censo, os considerados ricos perfaziam somente 1,7% (três brancos e um mameluco), os de renda mediana foram estimados em 22,9%, enquanto que a maioria (75,4%, percentual composto esmagadoramente por índios) foi registrada nas seguintes categorias: “passa ordinariamente”, “vive pobremente”, “pobre”, “pobríssimo.”¹²¹ Um dos critérios de estabelecimento de faixas de riqueza (ou “possibilidades”) era a posse de cativos, sendo que apenas 28% dos cabeças de família possuíam escravos; ainda com relação a esse quesito, os moradores cabeças de família brancos representavam 91% dos proprietários, concentrando 88% dos escravos da Capitania do Rio Negro, ao passo que os mamelucos estavam em segundo lugar (6% dos proprietários, possuidores de 7% dos escravos), e por último os índios (3% dos proprietários, detentores de

¹¹⁸ Patrícia Maria Melo SAMPAIO. *Espelhos Partidos*. Op. cit., p.70.

¹¹⁹ De acordo com Almeida, “o crescimento vertiginoso [da população no Rio Negro] deu-se entre 1764 e 1774, período da expansão da colonização para o oeste, quando um grande número de povoados foi fundado. A partir daí até 1797, embora tenha havido sempre uma tendência para o crescimento, ele jamais voltou a ser tão acentuado. De qualquer forma, a intensa flutuação populacional da capitania só pode ser explicada pelos constantes deslocamentos de população: as fugas e os “descimentos” foram os movimentos migratórios característicos do período colonial na Amazônia ocidental.” Maria Regina Celestino de ALMEIDA. “A Falácia do Povoamento: ocupação portuguesa na Amazônia Setecentista.” In: Mauro Cezar COELHO et al. *Meandros da História*. Op. cit., p.25.

¹²⁰ Em 1790, os dados disponíveis apontam para a seguinte distribuição étnica da população: brancos, 9%, negros, 4%, índios, 87%. Em 1793: brancos, 10%, negros, 4%, índios, 86%. Para o ano de 1796: brancos, 10%, negros, 4%, índios, 86%. O cálculo desses percentuais foi realizado a partir dos números de habitantes apresentados por: Antonio BAENA. *Ensaio Corográfico*. Op. cit., p.30.

¹²¹ Patrícia Maria Melo SAMPAIO. *Espelhos Partidos*. Op. cit., p.65.

5% dos cativos). Com relação aos ofícios desempenhados pelos moradores, os dados disponíveis no censo são numericamente limitados, já que constam apenas para 200 moradores, dos quais 75% eram militares, o que é indicativo da importância do serviço das armas em uma região de fronteira na qual a Coroa portuguesa buscava intensificar seu controle, seja por meio do estabelecimento de fortalezas e fortes, seja através dos trabalhos das comissões demarcadoras nas quais oficiais e soldados tomavam parte. Deve-se observar, porém, que entre os militares um número considerável possuía também outro ofício, de modo que esses sujeitos não sobreviviam tão somente à custa de seus soldos.¹²²

A Província de Maynas.

As referências iniciais a Maynas como uma entidade espacial datam de fins do século XVI, embora ainda não se tratasse de um território oficialmente estabelecido pelos poderes coloniais.¹²³ Até princípios do século XIX, Maynas esteve ligada à Audiência de Quito, a qual, por sua vez, fazia parte do Novo Reino de Granada. No início do século XIX, Maynas passou para a administração do Vice-Reino do Peru.

¹²² Idem, pp. 64-65.

¹²³ Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática: Historia de Maynas, siglo XVIII*. Tesis Doctoral. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, Posgrado en Estudios Latinoamericanos, 2013, p. 21.

Mapa 1.2

Plan Geografico del Virreinato de Santa Fe de Bogota Nuevo Reyno de Granada, que manifiesta su demarcación territorial, islas, ríos principales, provincias y plazas de armas; lo que ocupan indios barbaros y naciones extranjeras; demostrando los confines de los dos Reynos de Lima, Mexico, y establecimientos de Portvga, sus lindantes; con notas historiales del ingreso anual de sus rentas reales, y noticias relativas a su actual estado civil, político y militar. Formado en servicio del Rey N[uest]ro. S[eñ]or. Por el D. D. Francisco Moreno, y Escandón, Fiscal Protector de la Real Avdiencia de Santa Fe y Juez Conseruador de Rents. Lo delinea D. Joseph Aparicio Morata año de 1772. Disponível on line:

http://www.bibliotecanacional.gov.co/recursos_user//mapoteca/fmapoteca_262_frestrepo_36/fmapoteca_262_frestrepo_36.htm. Trata-se de uma magnífica representação cartográfica do enorme território do Vice-Reino de Nova Granada, com suas variações geográficas, suas divisões internas (como a Província de Maynas) e seus limites com outras possessões (representados pelos “Territorio ocupado por los portugueses”, “Terreno que ocupan los holandeses” e “Terreno que ocupan los franceses”). A linha divisória com as terras luso-americanas, projetadas nesse plano cartográfico, figuram muito mais como uma expectativa, tendo em vista que ele data de 1772, portanto anteriormente aos trabalhos das comissões demarcadoras.

A organização espacial dos domínios do Império espanhol na América realizou-se mediante a criação de jurisdições administrativas denominadas de *Provincias Menores* e *Provincias Mayores*.¹²⁴ As primeiras abrangiam as chamadas *gobernaciones*, enquanto que às últimas correspondiam as Audiências. Inicialmente, as Audiências funcionavam como

¹²⁴ Segundo definição apresentada pelo dicionário da Real Academia Española do ano de 1737, uma província constitui a “parte de un Reino o Estado, de que se suele gobernar en nombre del Príncipe, por un ministro que se llama Gobernador.” *Diccionario de la lengua castellana, en que se explica el verdadero sentido de las voces, su naturaleza y calidad, con las frases o modos de hablar, los proverbios o refranes, y otras cosas convenientes al uso de la lengua (...). Compuesto por la Real Academia Española. Que contiene las letras O.P.Q.R.* Madrid. Imprenta de la Real Academia Española, por los herederos de Francisco del Hierro, 1737, p.415 (disponível em [http://buscon.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtlle?cmd=Lema&sec=1.0.0.0.0.0.](http://buscon.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtlle?cmd=Lema&sec=1.0.0.0.0.))

tribunais de apelação locais. Contudo, suas atribuições foram paulatinamente ampliadas, de maneira que elas assumiram também funções governativas.¹²⁵ Ao longo do processo de ocupação territorial e de estruturação dos poderes coloniais no Novo Mundo, as Audiências se tornaram as circunscrições territoriais, jurídicas e políticas que englobavam as *gobernaciones*, figurando aquelas como aquelas como a “*demarcacion básica y permanente de la cual surgirán las demás jurisdicciones.*”¹²⁶

O governo superior sobre as *Audiencias* ficou a cargo dos Vice-Reis, os quais deveriam presidir as Audiências de seus Vice-Reinos. A *Audiencia y Cancillería Real de San Francisco de Quito* (comumente referido também como Reino de Quito) foi instituída pela Real Cédula de 29 de Novembro de 1563, e encontrava-se ligada, por sua vez, ao Vice-Reino do Peru (criado em 1543). A administração do vasto espaço sul-americano do Império espanhol foi modificada no início do século XVIII, mais precisamente em 1717, quando foi criado o Vice-Reino de Nova Granada, ao qual Quito passou a fazer parte. A partir dessa data, foi suprimida a *Audiencia* de Quito, passando então a ser administrada diretamente pela *Audiencia* de Santa Fé de Bogotá, que ficaria responsável pelas questões de governo, justiça, fazenda e guerra do distrito *quiteño*.¹²⁷

Em 1723, contudo, o Vice-Reino de Santa Fé foi suprimido, enquanto que a Audiência de Quito foi reinstituída e colocada mais uma vez sob dependência do Vice-Reino do Peru. Em 1739, Nova Granada tornou a adquirir o status de Vice-Reino, e Quito foi novamente a ele incorporado, na condição de Audiência subordinada e dependente.¹²⁸ Contudo, de fato o Reino de Quito usufruiu de certa autonomia, cabendo à Audiência e a seu presidente o exercício da autoridade política local e a interlocução direta com Madri ao longo da segunda metade do século XVIII.¹²⁹ Com relação ao espaço *virreinal* peruano, ele seria ainda mais desmembrado no ano de 1776, quando se criou o Vice-Reino do Rio da Prata, que passou a

¹²⁵ Segundo Tamar Herzog, a Audiência consistia em um “cuerpo colegial compuesto por un presidente – que hasta principios del siglo XVIII era siempre letrado, lo que no era necesario posteriormente – cuatro oidores, un fiscal y un protector de naturales.” Tamar HERZOG. *La Administración como un Fenómeno Social: La justicia penal de la Ciudad de Quito (1650-1750)*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1995, p.34

¹²⁶ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas, Siglos XVII y XVIII*. Quito: Ediciones Abya-Ayala, 1987, pp.11-12.

¹²⁷ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., pp. 12-13.

¹²⁸ Além de Quito, passaram a integrar o Vice-Reino de Nova Granada em 1739 as seguintes províncias ou governações: Chocó, Popayán, Guayaquil, Antioquia, Cartagena, Santa Marta, Rioacha, Maracaibo, Caracas, Cumaná, Guayana, Islas de la Trinidad y Margarita, Río Orinoco, Panamá, Portobelo, Veragua e Darién. Cf.: Oscar JAVIER CASTRO. *Reconfiguração de Entidades Político-Territoriais e Constitucionalismo Moderno no Novo Reino de Granada, 1808-1816*. Op. cit., p. 23.

¹²⁹ Federica MORELLI. *Territorio o Nación: Reforma y disolución del espacio imperial en Ecuador, 1765-1830*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2005, p. 24.

congregar importantes unidades administrativas peruanas: Potosí, Santa Cruz de la Sierra e Charcas.

Mapa 1.3

Mapa de que comprende todo el distrito de la Audiencia de Quito -- en que se manifiesta con la maior individualidad los Pueblos y Naciones barbaras que hay por el Río Marañon y demás que en el entran. Para acompañar a la descripcion del nuevo Obispado que se proyecta en Maynas. Construido de Orden del Sr. Don Josef García de Leon y Pizarro Presidte. Regte. Comandte. y Visitador Gral. de la misma Audiencia. 1779. Archivo Histórico de Límites del Perú, Mapas, VNG-009. Nesse mapa da Audiência de Quito elaborado por Francisco Requena às vésperas dos trabalhos das partidas demarcatórias, Maynas é identificada como “Misiones Españolas del Marañón o Maynas,” limitrofe com uma área idenficada como “Países Desconocidos” e com os estabelecimentos portugueses. Como informa a observação na parte inferior do mapa, a linha desenhada representava os futuros limites com os domínios portugueses, tendo em vista o Tratado de 1777.

Inicialmente, Quito constituía uma *gobernación* que abrigava, além dessa cidade, Guayaquil e Portoviejo. Na década de 1560, o cabildo *quiteño* solicitou a criação da Audiência, cujo espaço deveria abranger outros territórios que haviam sido conquistados por expedições partidas de Quito: Cali e Popayán, ao norte; Piura, ao sul; e os chamados territórios de Yaguarzongo, no Oriente, área que corresponde atualmente à região amazônica. As penetrações no século XVI aos rios Napo, Pastaza, Ucayali e Amazonas marcaram o início da incorporação desses territórios ao espaço da Audiência de Quito. Tal incorporação se fez também mediante a fundação de cidades, como Loja, Zamora, Valladolid, Loyola, Santiago de las Montañas e Logroño de los Caballeros.¹³⁰

¹³⁰ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., pp.16-17.

Através da Real Cédula de 1571, os territórios de Yaguarzongo ficaram sob a administração de Juan de Salinas, agraciado pelo título de *Gobernador y Capitán General* dos mesmos. Em 1593, a *Gobernación* de Yaguarzongo foi transformada em *corregimiento*¹³¹. Entre as décadas de 1570 e 1590, ocorreram rebeliões indígenas na zona fronteiriça oriental da Audiência de Quito. As expedições armadas contra os índios jíbaros,¹³² lideradas pelo *corregidor* Don Diego Vaca de Veja (natural da cidade de Lojas) em princípios do século XVII, possibilitaram a penetração espanhola em novos espaços, como o dos índios Maynas, que habitavam as imediações do chamado *pongo* de Manseriche (um estreito fluvial no rio Marañón) e onde os espanhóis fundaram a cidade de San Francisco de Borja no final da década de 1610.¹³³ Em reconhecimento à suas ações, Vaca de Vega recebeu o título de *Gobernador y Capitán General* da província de Maynas (ou *Gobernación* de Maynas) no ano de 1618. Naquela altura, o território de Maynas alargava-se por mais de 700 quilômetros entre as áreas norte e ocidental da bacia amazônica. A partir dos anos de 1630, ocorreram novas incursões dos espanhóis na área, possibilitando a expansão da fronteira colonial. Uma Real Cédula de 1656 estendeu os limites da província até as regiões ocupadas por missões jesuíticas e franciscanas.¹³⁴

O estabelecimento de *encomiendas*¹³⁵ em Maynas foi marcado pela eclosão de vários levantes indígenas, limitando assim a ocupação da fronteira pelos espanhóis. Frente a esse quadro, entre os séculos XVII e XVIII as autoridades espanholas incentivaram as atividades missionais, as quais contaram com a presença de franciscanos e mercedários, mas foram realizadas principalmente pela Companhia de Jesus. Os jesuítas permaneceram em Maynas da

¹³¹ Também chamados de *alcaldías mayores* na Nova Espanha, os *corregimientos* constituíam distritos administrativos locais que englobavam um centro urbano e sua área rural próxima, cabendo sua administração aos *corregidores* (os quais eram designados para o cargo pela Coroa ou pelos vice-reis). J. H ELLIOT, “A Espanha e a América nos Séculos XVI e XVII.” In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina. Volume 1: A América Latina Colonial*. São Paulo: EDUSP; Brasília: FUNAG, 2004, p.294.

¹³² Sobre os índios do grupo linguístico-cultural jíbaro na fronteira oriental peruana, nos primeiros anos da colonização espanhola, conferir: Anne-Christine TAYLOR, Philippe DESCOLA. “El conjunto jivaro en los comienzos de la conquista española del Alto Amazonas.” *Bulletin de l’Institut Français d’Etudes Andines*, 1981, X, N.3-4, pp.7-54; Philippe DESCOLA. *Las Lanzas del Crepúsculo: Relatos jíbaros. Alta Amazonía*. México, DF: FCE, 2005.

¹³³ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas, Siglos XVII y XVIII*. Op. cit., p.23.

¹³⁴ O chamado *noroccidente amazónico*, segundo Juan Sebastián Gómez, compreendia as seguintes unidades administrativas: “los virreinos del Perú (Lamas y Moyobamba) y del Nuevo Reino de Granada (Gobernación de Popayán), la jurisdicción de la Real Audiencia de Quito (Quixos, Macas y Maynas) y las capitanías portuguesas.” Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática*. Op. cit., p. 9 e p. 22.

¹³⁵ Primeira forma institucionalizada de trabalho indígena na América espanhola, a *encomienda* consistia em uma concessão real aos conquistadores de um determinado número de aldeias e índios. O *encomendero* poderia utilizar o trabalho dos indígenas, ou exigir deles o fornecimento de gêneros, devendo, em contrapartida, encarregar-se de sua catequização e proteção. Helen OSÓRIO. “Estruturas Socioeconômicas Coloniais.” Op. cit., p.43.

década de 1630 até finais dos anos de 1760, período no qual foram estabelecidas mais de 150 reduções.¹³⁶ Os missionários jesuítas empreenderam explorações sistemáticas do território, objetivando estabelecer rotas de comunicação com a cidade de Quito.¹³⁷ Coube justamente aos jesuítas do colégio de Quito a realização da maior parte das reduções, conhecidas a partir da década de 40 do século XVII como *Misiones de Maynas*, tornando possível a expansão territorial da fronteira oriental da Audiência de Quito com a fundação de novas povoações. Além disso, as reduções missionais possibilitaram, entre outros pontos, o emprego mais sistemático do trabalho indígena (de grupos como os Mayna, Andoa, Pinche, Urarina, Jebero, Cocama, Mayoruna, Omagua) em atividades como agricultura e transporte de pessoas e produtos, incrementando assim o abastecimento da região.¹³⁸

O território correspondente às missões de Maynas variou ao longo dos cerca de 130 anos de atuação da Companhia de Jesus naquele espaço. No início do século XVIII, o território missional abarcava os rios Marañón e Amazonas, desde o *pongo* de Manseriche até a desembocadura do rio Negro. Essa área foi reduzida com o avanço dos portugueses, fazendo com que as missões fossem recuadas até a boca do rio Javari, a qual acabou se convertendo na fronteira entre os domínios espanhol e português. Economicamente, as missões se apoiaram a princípio no financiamento concedido pela Coroa através do Sínodo Real, contudo o esforço dos jesuítas foi de alcançar a auto-suficiência econômica (embora esse ideal não tenha se concretizado). Entretanto, a produção das missões era reduzida, concentrando-se em produtos como canela, cacau e ceras. Entre os produtos adquiridos pelas missões, constavam tabaco, ferramentas, tecidos, açúcar, arroz e carne seca. Além disso, esse comércio enfrentava as dificuldades de locomoção por uma topografia marcada por rios caudalosos e montanhas, de modo que uma viagem de ida e volta para Quito durava cerca de seis meses.¹³⁹

Mesmo não tendo se destacado no conjunto das missões jesuíticas atuantes na América, as missões de Maynas desempenharam um papel fundamental na história da constituição do espaço colonial daquela fronteira. Além dos missionários, ligados ao Colégio jesuítico de Quito, havia poucos soldados espanhóis estabelecidos na fronteira. Os jesuítas gozaram de uma ampla autonomia em seus trabalhos e em geral contaram com o apoio dos governadores de Maynas. O estabelecimento da Companhia de Jesus naquela fronteira

¹³⁶ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., pp. 24-30.

¹³⁷ Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática*. Op. cit., p.31.

¹³⁸ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., p.28.

¹³⁹ Sandra NEGRO. “Maynas, una Misión entre la ilusión y el desencanto.” In: Sandra NEGRO, Manuel MARZAL. *Un Reino en la Frontera: Las misiones jesuitas en la América colonial*. Quito: Abya-Yala, 2000, pp. 185-203.

também se beneficiou com o fundamental auxílio dos índios Jeberos, do grupo linguístico pano, natural do rio Huallaga (um dos afluentes da margem direita do rio Marañón). Os Jeberos serviram militarmente na guerra contra os índios Maynas, tendo sido aqueles cristianizados e recebendo dos jesuítas alguns benefícios, como a isenção do pagamento de tributos e *mitas*¹⁴⁰. Outros grupos, como os Cocamas e Paranapuras, também seriam beneficiados mais tarde por essas isenções em troca de seu auxílio no combate a comunidades nativas hostis aos jesuítas. Para os indígenas que apoiaram missionários e espanhóis, essas alianças significavam, além da isenção de tributos, o acesso privilegiado às redes de trocas de ferramentas e de escravos indígenas.¹⁴¹

A preponderância dos jesuítas nas atividades missionais da região foi confirmada através de uma Real Cédula de 1679, determinando que as missões do rio Ucayali ficassem sob a direção da Companhia de Jesus. Em 1683, outra Real Cédula declarou que os jesuítas teriam o direito de missionar no rio Marañón, desde a cidade de San Francisco de Borja até a fronteira portuguesa, delimitada naquele momento pelo forte de São José de Javari. Nesse momento da história missional em Maynas, as preocupações dos jesuítas com a proximidade da fronteira portuguesa se tornaram mais fortes, temendo-se a incursão de tropas lusas no território maynense, motivadas principalmente pelo aprisionamento de índios missionados.

O funcionamento das missões de Maynas se enquadrava no movimento de expansão territorial das conquistas espanholas, alargando-se áreas já ocupadas. Os jesuítas buscaram estabelecer uma rede de missões e *pueblos* situados em alguns rios e comunicados entre si, contando, quando necessário, com o apoio militar espanhol para debelar comunidades indígenas insubordinadas. Os espaços organizados e controlados pelos missionários deveriam ser integrados gradualmente ao espaço colonial espanhol. Além disso, o cotidiano do trabalho missional deveria concorrer para mudanças culturais no mundo indígena, seja, evidentemente, na conversão religiosa, seja na uniformização linguística pelo ensino do quéchua (a língua do *Inga*, como usualmente era denominada na documentação coeva) ou mesmo no estabelecimento de novas modalidades de trabalho capazes de gerar excedentes.¹⁴²

¹⁴⁰ A *mita*, cuja origem remonta ao período pré-conquista das sociedades andinas, era a prestação de trabalhos compulsórios de uma comunidade indígena. Na América andina colonial, a *mita* foi incorporada ao sistema do *repartimiento*, o qual, por sua vez, substituiu as *encomiendas*. OSÓRIO, Helen. “Estruturas Socioeconômicas Coloniais.” Op. cit., p.45.

¹⁴¹ Fernando TORRES-LONDOÑO. “De Gentis a Defensores da Missão: Os Jeberos e as Missões de Maynas.” *CLIO – Série Revista de Pesquisa Histórica* – N.27-1, 2009, pp. 51-62.

¹⁴² Fernando TORRES-LONDOÑO. “Trabalho indígena na dinâmica de controle das reduções de Maynas no Marañón do século XVII.” *História*. São Paulo, v. 25, n.1, pp. 15-43, 2006.

A conquista territorial em Maynas sempre teve que se relacionar com o movimento de expansão do lado português do continente. As relações entre o Marañón espanhol e os estabelecimentos portugueses no Pará já eram correntes desde o período da União Ibérica (1580-1640); para as autoridades lusitanas e espanholas, a inserção do antigo Estado do Maranhão na Monarquia espanhola poderia incrementar as conexões comerciais com o Peru, possibilitando o acesso às zonas produtoras de prata. Dentro dos anseios imperiais, a chamada Conquista do Maranhão (o que equivalia no século XVII também ao vale amazônico) tratava-se de um empreendimento estratégico para a articulação econômica entre espanhóis e lusos no Novo Mundo, beneficiando-se das rotas fluviais para dinamizar a ligação entre os domínios lusitanos na América e o Vice-Reino do Peru. Esses planejamentos alimentavam (e eram alimentados) por uma imaginação cartográfica que sugeria a existência de um complexo fluvial interligando os rios Amazonas, Marañón e Orinoco, permitindo a entrada de navios de grande porte na região. Segundo algumas proposições apresentadas por autoridades espanholas e portuguesas do período filipino, haveria igualmente conexões entre o Amazonas e o rio da Prata, o que reforçaria ainda mais os fluxos entre os domínios ibéricos no continente, bem como o já referido mito da Ilha Brasil.¹⁴³

Quanto à referida cartografia, deve-se levar em conta que ela se alimentava não apenas das imprecisões científicas da época em avaliar o espaço territorial, mas também da retórica de autoridades e homens de Estado para convencer a Coroa espanhola a intensificar a conquista daquela vasta fronteira.¹⁴⁴ Nos anos de 1620, Estácio da Silveira apresentou a proposta de estabelecer a navegação fluvial entre o Peru e o Atlântico através do rio Amazonas, o que, segundo estipulou, diminuiria a viagem para quatro meses.¹⁴⁵ Entre os anos de 1637 e 1638, uma armada portuguesa, capitaneada por Pedro Teixeira, subiu o Amazonas, alcançando o rio Napo, onde se situava um porto próximo a Quito, empreitada essa que foi acompanhada com desconfiança pelas autoridades espanholas.¹⁴⁶

¹⁴³ Sérgio Buarque de HOLANDA. “Um mito geopolítico: a ilha Brasil.” In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979. Conferir também: Demétrio MAGNOLI. *O Corpo da Pátria*. Op. cit., p. 21; Iris KANTOR. “Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas.” Op. cit.

¹⁴⁴ Como observa Alírio Cardoso, “o conhecimento cartográfico, entre os séculos XVI e XVII, não estava limitado a uma junção de dados astronômicos, físicos, espaciais e matemáticos. A cartografia do período amiúde reproduzia certas tópicas existentes nas crônicas. Com efeito, foi a partir de uma cartografia imaginária, carente de dados empíricos mais sólidos, que muitas autoridades portuguesas e espanholas tentaram convencer Filipe III sobre a necessidade de conquistar militarmente o Maranhão.” Alírio CARDOSO. *Maranhão na Monarquia Hispânica*. Op. cit., pp. 73-74.

¹⁴⁵ Fernando ROSAS MOSCOSO. *Del Rio de La Plata al Amazonas: El Perú y el Brasil en la Época de la Dominación Ibérica*. Lima: Editorial Universitaria, 2008, p. 250.

¹⁴⁶ Fernando ROSAS MOSCOSO. *Del Rio de La Plata al Amazonas*. Op. cit., pp. 254-261.

No decorrer do século XVII, com a dissolução da União Ibérica e o recrudescimento das disputas entre espanhóis e portugueses, as autoridades assentadas na região andina buscavam fortalecer sua presença nos limites orientais do Peru, os quais poderiam ser acessados de modo mais fácil a partir dos domínios portugueses no continente. A região andino-amazônica (para utilizar uma terminologia contemporânea) passou a ser paulatinamente percorrida pelos espanhóis, os quais, mediante a instituição das *encomiendas*, se abasteciam de mão-de-obra indígena, além de impor às populações indígenas o pagamento de tributos e obrigações de trabalho (*mita*). Como em tantas outras áreas americanas, tal processo desencadeou experiências de revoltas indígenas, como a dos índios Maynas em 1635, duramente reprimidos.¹⁴⁷ A presença de missões religiosas foi incentivada pelos *encomenderos* locais como uma iniciativa que possibilitasse a difusão do cristianismo e a utilização do trabalho das comunidades indígenas. Contudo, isso não impediu a explosão de revoltas indígenas entre os nativos missionados, como os índios Cocamilla da missão de Lagunas, os quais, confederados com índios Cocama e Shipibo, tomaram parte de um levante no ano de 1695.¹⁴⁸

As incursões de portugueses na fronteira de Maynas ganharam fôlego a partir do século XVIII,¹⁴⁹ o qual se iniciou com a declaração de guerra entre as Coroas de Portugal e Espanha, conflito esse que viria a aprofundar-se com a chamada Guerra de Sucessão espanhola (1701-1714). Entre os espanhóis, havia o temor de que se firmasse uma aliança anglo-portuguesa para atacar a Audiência de Quito por mar e pela fronteira. Além disso, especulava-se sobre a intenção dos lusos em alcançar as minas de ouro no rio Napo e as proximidades das grandes cidades andinas, estabelecendo desse modo rotas de contrabando para ter acesso à prata espanhola.¹⁵⁰ Em 1707, os portugueses, contando com uma força de 100 índios, alcançaram a povoação de Las Nieves de Yurimaguas, nas proximidades da povoação de Pebas, obrigando as autoridades de Quito a enviar tropas para a área. Três anos depois, outra expedição portuguesa, contanto com cerca de 4000 indígenas, atacou as missões jesuíticas, aprisionando índios Omaguas e enviando-os para o lado português da fronteira.

¹⁴⁷ Zulema LEHM ARDAYA. “Efectos de las reducciones jesuíticas en las poblaciones indígenas de Maynas y Mojos.” In: Fernando SANTOS GRANERO (compilador). *Opresión Colonial y Resistencia Indígena en la Alta Amazonía*. Quito: FLACSO-Sede Ecuador, 1992, 137, pp.135-164.

¹⁴⁸ Idem, p.148.

¹⁴⁹ Esse quadro é válido para outros segmentos da fronteira luso-espanhola no norte ao longo dos séculos XVII-XVIII, a exemplo da zona limítrofe do Alto Orinoco e Casiquiare. Cf.: Mariano USECHE L. “Colonización española e indígenas en el Alto Orinoco, Casiquiare y Río Negro.” In: Roberto PINEDA CAMACHO, Beatriz ALZATE ANGEL. *Los Meandros de la Historia en Amazonía*. Quito: ABYA-YALA, 1990, pp. 95-124.

¹⁵⁰ Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática*. Op. cit., p. 70 e *passim*.

Entre as décadas de 1720 a 1730, segundo informes produzidos por religiosos da Companhia de Jesus, a entrada de portugueses oriundos do Pará haviam contribuído para a destruição de 38 povoações fundadas “entre la boca del río Napo y la del río negro.”¹⁵¹ Somado a isso, os estabelecimentos missionais em Maynas sofreram com os ataques de índios Jíbaros, Pirros, Cunibos e Abijiras, afetando inclusive a cidade de Borja, capital da *gobernación*.

No que diz respeito aos conflitos com os portugueses, os jesuítas requereram às autoridades espanholas a delimitação das possessões das Coroas de Portugal e Espanha no continente, com a retirada dos portugueses dos rios Napo e Madeira. Além disso, defenderam a fundação de fortalezas na fronteira visando impedir a entrada de “piratas y gente criminal.”¹⁵² Na década de 1730, as incursões dos portugueses alcançaram os rios Mutanay, Napo e Aguarico. Por conta de tais incursões, as missões foram deslocadas para outras áreas, o que viabilizou o avanço dos estabelecimentos de Portugal na zona fronteira. Por outro lado, procedeu-se também à fundação de novas povoações, como a de Santa Bárbara de Iquitos, em 1740.¹⁵³ A preocupação voltava-se também para a entrada de produtos, como denunciou em 1751 o padre Milanesio, afirmando que o rio Napo constituía “camino de cuantos extranjeros que se introducen en estas provincias trayendo mercaderías de ilícito comercio.”¹⁵⁴

Para as autoridades espanholas, a manutenção da segurança na região oriental da América andina não requereu apenas rechaçar a entrada de portugueses. Nesse mesmo período, os espanhóis voltaram sua atenção para as fronteiras orientais por conta da revolta indígena liderada por Juan Santos Atahualpa.¹⁵⁵ Iniciada em 1742, a revolta duraria mais de dez anos, e provocou o abandono de povoações e estabelecimentos missionais na selva central peruana, assim como a destruição de fortificações militares. Além disso, a revolta levou ao abandono de estabelecimentos agrícolas, interrompendo os fluxos comerciais regionais. As ações armadas para debelar o levantamento indígena levaram à militarização de áreas da

¹⁵¹ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., p.42.

¹⁵² Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., p.42.

¹⁵³ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú: Historia de la Gobernación y Comandancia General de Maynas (Hoy Regiones de Loreto, San Martín, Ucayali y Provincia de Condorcanqui)*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2007, pp. 246-265.

¹⁵⁴ “Representación del P. Pedro José Milanesio, Procurador de las Misiones de jesuitas del Marañón, para que se nombre un Teniente de Gobernados en el río Napo, para que se establezca la paz entre las diversas tribus existentes en Maynas, 1751” (ANH, P.Q., Vol. 41, 1750, Doc. 1583, f. 135). Apud: Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., p.49.

¹⁵⁵ Fernando SANTOS GRANERO. “Anticolonialismo, mesianismo y utopía en la sublevación de Juan Santos Atahualpa, siglo XVIII.” In: Fernando SANTOS GRANERO (compilador). *Opresión Colonial y Resistencia Indígena en la Alta Amazonía*. Op. cit., pp. 103-134; Steve STERN. “La era de la insurrección andina, 1742-1782: una reinterpretación.” In: Steve STERN (comp.). *Resistencia, rebelión y conciencia campesina en los Andes, siglos XVIII al XX*. Lima: IEP, 1990, pp. 50-117.

região amazônica, procurando-se, naquele contexto, evitar o contato entre os índios sublevados nas áreas de selva com as populações serranas, temendo-se uma fuga em massa desses últimos para a *montaña*.¹⁵⁶ Existia mesmo o temor de que a rebelião de Juan Santos Atahualpa atingisse Alto Amazonas, invadindo San Francisco de Borja, então capital de Maynas.¹⁵⁷

As disputas entre as Coroas portuguesa e espanhola na delimitação de suas possessões americanas levaram a uma tentativa de resolução do problema pela via diplomática, através do Tratado de Madri, no ano de 1750, como já foi indicado anteriormente. Entre os pontos arbitrados pelo Tratado, estava a definição dos limites na região do Prata e do rio Amazonas. A partir do reconhecimento dos direitos adquiridos por Portugal mediante o princípio do *uti possidetis*, Lisboa assegurou seus estabelecimentos nos rios Negro e Amazonas, assim como nos rios Guaporé e Madeira.¹⁵⁸ Ainda em relação à parte norte dos limites de Portugal e Espanha na América meridional, ficou estipulado que a fronteira consistiria em uma linha reta partindo da boca do rio Javari até a margem austral do rio Guaporé, seguindo seu curso até sua união com o rio Mamoré. Nos rios fronteiriços, a navegação ficaria comum às duas Coroas, enquanto que a navegação pelo Javari ficaria privativa aos portugueses.¹⁵⁹

Até meados do século XVIII, a Companhia de Jesus figurava como a mais atuante e influente congregação religiosa em Maynas. Em função desse quadro, a expulsão dos jesuítas dos domínios espanhóis, determinada por Carlos III em 1767, representou uma mudança na organização da província de Maynas, como também em outras áreas do Império espanhol. As missões foram assumidas por padres franciscanos de Popayán e de Ocopa, e por sacerdotes seculares, consistindo em finais dos anos de 1760 nos seguintes *pueblos*: San Francisco de Borja, Santo Tomás de Andoas, San Ignacio de Maynas, San José de Pinches, Nuestra Señora de la Concepción de Cahuapanas, Chayavitas, Concepción de Jeberos, Santiago de la Laguna, Nuestra Señora de las Nieves de los Yurimaguas, Muniches, San Javier de Chamicuros, San Javier de Urarinas, San Francisco de Regis, San Joaquín de los Omaguas, San Pablo de Napaeanos, Santa María de Nanay, Reducción de Santa Bárbara de Nanay, San Ignacio de Pebas, Nuestra Señora de Loreto de Ticunas, Nombre de Jesús, Santísima Trinidad de Capucui.¹⁶⁰

¹⁵⁶ Pilar GARCÍA JORDÁN. *Cruz y Arado, Fusiles y Discursos*. Op. cit., pp. 24-28.

¹⁵⁷ Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática*. Op. cit., p. 153.

¹⁵⁸ Fernando ROSAS MOSCOSO. *Del Río de la Plata al Amazonas*. Op. cit., p. 358-360.

¹⁵⁹ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., pp. 71-72.

¹⁶⁰ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., pp. 56-58.

Há uma tendência por parte da produção historiográfica sobre Maynas de interpretar a saída da Companhia de Jesus do território da província como um fator negativo para a economia local, assim como para a defesa da fronteira contra as incursões de portugueses. Nessa linha de interpretação, Waldermar Espinoza classifica a expulsão dos inacianos como o “momento más triste para la Gobernación de Maynas,” com consequências funestas principalmente para as populações indígenas. Em relação aos portugueses, Espinoza destaca que a expulsão da Companhia de Jesus facilitou o envio de expedições dos lusos aos rios Japurá, Caquetá e Putumayo, ocupando as povoações de San Pablo e Javier de Omaguas, e fundando a fortaleza de Tabatinga.¹⁶¹ Maria del Carmen Martin Rubio, por sua vez, afirma que, com a expulsão dos jesuítas, os “territorios de Maynas entraron en fase de absoluta decadencia,” com o desaparecimento de missões e os indígenas voltando a “vivir esparcidos por la selva.”¹⁶² Uma interpretação divergente é apresentada por Maria Elena Porras, sustentando que a decadência das missões não ocorreu após a retirada dos jesuítas, tratando-se de uma situação que datava desde antes devido aos ataques dos portugueses, ao número reduzido de missionários e aos levantes de índios.¹⁶³

Na década de 1770, as autoridades espanholas intentaram consolidar as missões estabelecidas na Província de Maynas. Para tanto, o Bispado de Quito enviou à região novos eclesiásticos seculares, ao passo que do Vice-Reino do Peru foram destacados os franciscanos para assumir os estabelecimentos missionais nos rios Huallaga e Ucayali. Ao mesmo tempo em que se buscou dar prosseguimento ao trabalho missional após a expulsão da Companhia de Jesus, a Coroa espanhola fortaleceu o poder político do governador de Maynas mediante uma Real Cédula do ano de 1772. Por esse documento, ficou determinado que o governador de Maynas usufruiria de mais poder do que os das vizinhas províncias de Quijos e Macas; além disso, previa que deveria ser incentivado o estabelecimento de colonos espanhóis nos territórios de Maynas, Macas e Quijos, distribuindo-se terras aos colonos e fundando-se escolas de primeiras letras para o ensino do idioma castelhano e da religião católica, de modo a fortalecer o domínio da Coroa espanhola na região. Por fim, projetava-se a transferência da capital da província de Maynas para a cidade de Pebas, medida essa considerada importante para a defesa do território contra possíveis invasões do lado português da fronteira, e também

¹⁶¹ Waldermar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp. 297-302.

¹⁶² Maria del Carmen MARTIN RUBIO. *Historia de Maynas, Un Paraíso Perdido en el Amazonas*. Madrid: Ediciones Atlas, 1991.

¹⁶³ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., pp. 37-60.

para conter a introdução de contrabando. No entanto, essas amplas modificações não forma concretizadas.¹⁶⁴

A defesa do espaço limítrofe com as possessões de Portugal ocupou parte significativa dos planejamentos das autoridades espanholas para Maynas. Em 1777, em um informe sobre a fronteira, o oficial e engenheiro militar Francisco Requena (sobre quem se abordará mais detidamente no próximo capítulo) argumentava que a província de Maynas deveria ser colocada sob administração direta do governo de Lima, em condições de prover a região de maneira mais rápida e eficaz do que a Audiência de Quito. Na avaliação apresentada por Requena, o movimento expansionista português na fronteira poderia, com o tempo, alcançar as minas localizadas nas áreas de serra, como as minas de Hualgayoc, no Peru. Além disso, Requena propôs a instalação de um estaleiro em Santiago de la Laguna, povoação mais afastada da zona limítrofe com as possessões portuguesas, para a construção de embarcações necessárias para a navegação nos rios da região. Na avaliação de Requena, Santiago de la Laguna estava mais protegido de possíveis ataques portugueses do que a vila de Borja, capital da *gobernación*.¹⁶⁵

Em seu período como governador de Maynas (1779-1794), Francisco Requena propôs uma série de medidas visando proteger a fronteira, incentivar a economia e aumentar a população local. Requena organizou explorações nos rios locais, objetivando conhecer rotas mais eficazes de comunicação do território *maynense* com outras áreas da América espanhola, principalmente com o Vice Reino do Peru, visto que Requena considerava ser mais fácil socorrer militarmente Maynas, bem como manter contatos comerciais a partir do território peruano, do que a partir do território da Audiência de Quito. Dessa forma, procurou-se incentivar o estabelecimento de rotas de comunicação com as cidades da parte norte do Peru, notadamente Moyobamba, Chachapoyas, Trujillo e Piura. Francisco Requena transferiu a capital de Borja para Santiago de la Laguna, reiterando também o projeto de fundar cidades com povoadores espanhóis na fronteira com os domínios portugueses. Outra medida defendida foi o incentivo aos casamentos mistos, concedendo o status de espanholas às índias que se casassem com homens brancos. Requena também defendeu o ensino da língua espanhola para as etnias nativas, visto que o quéchua prosseguia como língua franca na fronteira.¹⁶⁶ O conjunto de propostas e medidas adotadas por Francisco Requena guardam

¹⁶⁴ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp. 318-321; Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática*. Op. cit., pp. 210-211.

¹⁶⁵ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p. 325.

¹⁶⁶ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp 340-343.

claras semelhanças com o que estava em curso no lado português da fronteira, como foi discutido anteriormente, sinalizando as convergências das políticas reformistas aplicadas nas zonas fronteiriças da América ibérica.

Entre as medidas colocadas em prática por Francisco Requena, estava a nomeação de diretores de *pueblos*, assunto ainda não estudado de maneira específica pela bibliografia sobre Maynas. Segundo a proposta apresentada pelo governador espanhol, os diretores deveriam ser escolhidos entre homens de bons costumes, cabendo a eles dirigir o trabalho dos índios, como o que estes deveriam realizar nas plantações dos *pueblos* destinadas a socorrer de víveres missionários e outras autoridades, chamadas *Misiones del Rey*. Os diretores deveriam evitar o ingresso de forasteiros nas povoações indígenas, cuidando ainda da agricultura, do comércio e do doutrinação das populações indígenas. A figura dos diretores de *pueblos* não existiu nas províncias serranas, carecendo ainda maiores informações sobre essa experiência no território *maynense*.¹⁶⁷

É provável que a proposta de Francisco Requena tenha surgido durante sua permanência na Capitania do Rio Negro para a realização das demarcações (o que será discutido mais adiante), quando teve oportunidade de conhecer de maneira mais balizada o funcionamento do Diretório. Quando Requena implementou sua política de nomeação de diretores para os *pueblos* de Maynas, na década de 1780, o Diretório já existia no Grão-Pará desde os anos de 1750. Desse modo, a experiência acumulada da política do Diretório no lado português poderia servir de parâmetro para a formulação de propostas nos domínios espanhóis vizinhos. Há pontos evidentes de aproximação entre os dois casos, como a exigência de bons comportamentos para os candidatos ao cargo de diretor, o controle que ele deveria exercer sobre o trabalho indígena e sua produção, sua responsabilidade quanto à catequização das populações nativas. Contudo, a ação dos *directores de pueblos maynenses*, assim como a inserção dos índios nessa política, ainda carecem de maiores estudos, de modo que as possibilidades de comparação do caso de Maynas com a experiência do Grão-Pará são ainda limitadas.

A produção de um saber pormenorizado a respeito do território de Maynas, de seus habitantes e de suas potencialidades econômicas também despertou atenção das autoridades espanholas. Ao final do século XVIII, foram organizadas expedições científicas de reconhecimento das zonas fronteiriças com os domínios portugueses, como a liderada por Tadeo Haenke em 1799, autor de uma memória sobre os rios navegáveis na região da

¹⁶⁷ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., pp. 107-109.

montaña. Ainda na década de 1790, os padres Narciso Girbal de Barceló e Manuel Sobreviela percorreram os rios Huallaga e Marañón, recolhendo dados sobre os grupos étnicos, povoações e estado econômico de Maynas. Ao padre Sobreviela coube a elaboração de um mapa dos rios Huallaga e Marañón, o qual foi publicado em 1791 no *Mercurio Peruano* (importante periódico editado em Lima na última década XVIII).¹⁶⁸ Desse modo, procurou-se gerar um conhecimento mais preciso do espaço, de modo a orientar as ações do Estado na defesa e engrandecimento das províncias espanholas mais remotas no continente americano.

Mapa 1.4

Plan Geografico del Virreinato de Santa Fe de Bogota Nuevo Reyno de Granada, que manifiesta su demarcación territorial, islas, ríos principales, provincias y plazas de armas; lo que ocupan indios barbaros y naciones extrangeras; demostrando los confines de los dos Reynos de Lima, Mexico, y establecimientos de Portvga, sus lindantes; con notas historiales del ingreso anual de sus rentas reales, y noticias relatiuas a su actual estado civil, político y militar. Formado en servicio del Rey N[uest]ro. S[eñ]or. Por el D. D. Francisco Moreno, y Escandón, Fiscal Protector de la Real Avdiencia de Santa Fe y Juez Conseruador de Rents. Lo delinea D. Joseph Aparicio Morata año de 1772. Gouernando el Reyno el Ex[elentí]simo S[eñ]or. Bailio Frey D. Pedro Messia de la Cerda. Fiel reproducción del original elaborada por el Instituto Geográfico Militar de Colombia a solicitud de la Academia de Historia. -1936- Dibujaron J. Restrepo Rivera- A. Villaveces R. - O. Roa A. - R. García P. [Detalhe da Governación de Maynas]. Disponível on line: http://www.bibliotecanacional.gov.co/recursos_user///mapoteca/fmapoteca_262_frestrepo_36/fmapoteca_262_fr estrepo_36.htm

¹⁶⁸ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp. 347-352.

No ano de 1785, a Província de Maynas contava com 22 povoados, localizados às margens dos rios Marañón (Borja, Barranca, Urarinas, San Regis, Amaguas, Vapeanos, Pebas, Cuchiquinas, Camuchiro, Loreto), Pastaza (Andoas, Pinches, Ranchería de Santanderes), Huallaga (Muniches, Yurimaguas, La Laguna, Chamicuros), Apena (Xeveros), Paranapura (Chayavitas), Caguapanas (Caguapanas) e Napo (Capueni, San Miguel). Muitas das povoações fundadas tiveram curta existência, em alguns casos foram destruídas pelos ataques de comunidades indígenas não-aliadas dos colonos. Contudo, outras povoações de Maynas desapareceram em decorrência da diminuição de sua população, principalmente dos índios, vitimados por surtos epidêmicos.¹⁶⁹

Do ponto de vista do estado econômico de Maynas na segunda metade do século XVIII, os relatos disponíveis dão conta de uma economia essencialmente extrativa, com a exploração de produtos como ceras, resinas, salsaparrilha, baunilha e cacau. O comércio, por sua vez, era geralmente restrito em razão da pouca presença de comerciantes que possibilitassem a saída dos produtos para outras áreas, ocorrendo muito mais a troca dos artigos extrativos por produtos de metais. Poucas povoações possuíam um tráfico de mercadorias mais regular com outras províncias, como era o caso de Santiago de la Laguna, Yurimaguas, Urarinas e particularmente Loreto. As atividades produtivas também eram prejudicadas pela diminuição demográfica ocasionada pelas epidemias que esporadicamente atingiam as populações indígenas da região. Havia povoações nas quais a população se dedicava também à produção de tecidos, cultivo de frutas, tabaco, cana de açúcar, pesca de peixe boi e produção de manteiga de tartaruga.¹⁷⁰

Em seu estudo sobre a região *nororiental* peruana (Piura, Chachapoyas, Moyobamba, Lamas e Maynas) entre 1780-1820, Alejandro Reyes Flores destaca as limitações da atividade comercial, explicadas por fatores como baixa produção, relativo isolamento em relação a áreas economicamente mais dinâmicas, péssimos caminhos de integração regional. A atividade comercial, a despeito da existência de pequenos e médios comerciantes, encontrava-se controlada por poucas famílias de *hacendados-comerciantes-corregidores*, os quais monopolizavam o comércio mantido com as cidades costeiras. Em relação à Maynas, o autor sublinha o monopólio comercial dos missionários, tanto os jesuítas quanto os seculares que os substituíram. Contudo, tal comércio teve também a participação de contrabandistas vindos do

¹⁶⁹ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp. 342-343.

¹⁷⁰ Maria Elena PORRAS P. *Gobernación y Obispado de Mainas*. Op. cit., pp. 50-53 e p. 58.

lado português da fronteira (o que será analisado mais adiante nesse trabalho), além de comerciantes das cidades de Chachapoyas e Moyobamba, para onde eram enviadas canoas com produtos tais como bálsamos, venenos e baunilha.¹⁷¹

Carlos Oswaldo Aburto Cotrina, por sua vez, também destaca o importante papel dos missionários nas atividades comerciais em Maynas, principalmente no período posterior à expulsão da Companhia de Jesus. Segundo o autor, tal período foi marcado pelo fortalecimento na esfera local do cargo de governador, o que também estava de acordo com a política de delimitação territorial a partir do Tratado de Santo Idelfonso, posto que exigia a ampliação dos poderes dos agentes da Coroa para efetivar os trabalhos de delimitação da linha fronteira. As práticas de comércio das missões tomaram fôlego em fins do século XVIII, com o aumento dos negócios entre elas e as cidades peruanas de Lamas e Moyobamba, ao passo que o comércio com Quito prosseguiu limitado.¹⁷²

¹⁷¹ Alejandro REYES FLORES. *Hacendados y Comerciantes: Piura, Chachapoyas, Moyobamba, Lamas, Maynas (1780-1820)*. Lima: Juan Brito, 1999, pp. 155-172.

¹⁷² Carlos Oswaldo ABURTO COTRINA. “Régimen Político y Economía en un Espacio Fronterizo Colonial: Maynas durante la Segunda Mitad del Siglo XVIII.” *Histórica*. Vol. XX, n.1, 1 Julio de 1996.

Mapa 2.2

Jurisdição da Província de Maynas e domínios luso-espanhóis da bacia amazônica até 1780. Apud: Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática*. Op. cit., p. 246.

Quanto ao quadro demográfico de Maynas para o final do século XVIII, Manuel Lucena Samoral apresenta dados mais precisos para o ano de 1784. Em seu estudo sobre a demografia do Reino de Quito entre as reformas borbônicas e o período das independências, Lucena Samoral, valendo-se dos levantamentos populacionais do período, informa que a população da *Gobernación* de Maynas foi estimada em 9.321 indivíduos, o que correspondia a pouco mais de 2% da população total da Audiência de Quito (calculada em 456.098 habitantes). Em relação à configuração demográfica de Maynas, ela era própria de um território missional, com um número extremamente baixo de sujeitos qualificados como brancos (141 indivíduos, ou menos de 2% dos habitantes, constituídos principalmente por religiosos e autoridades civis e militares), enquanto que quase a totalidade da população foi classificada como indígena (9.180 indivíduos, ou mais de 98% dos habitantes). A cidade de

Borja concentrava a maior parte da população branca, 86 indivíduos (nenhum índios foi contabilizado no local), ao passo que na cidade de Jeveros habitava o maior número de índios, 2.098 (e apenas um branco); já a cidade de Omaguas, transformada em capital da *Gobernación*, contava apenas com dois brancos para 366 índios. As autoridades responsáveis pela contagem população não contabilizaram escravos, pelo simples fato de não existirem indivíduos nessa condição em Maynas.¹⁷³

Para estabelecer comparações entre algumas das características mais importantes do Rio Negro e de Maynas no período colonial, deve-se, de antemão, reconhecer as diferenças entre as historiografias das duas áreas, ao menos no que diz respeito ao volume de estudos sobre elas. A “Amazônia” portuguesa recebeu mais atenção por parte da historiografia, seja aquela produzida localmente, ou por historiadores de outras partes do Brasil ou de outros países.¹⁷⁴ A historiografia sobre a área “andino-amazônica”, por sua vez, vem mantendo um status marginal, persistindo uma carência de estudos sobre as articulações entre as zonas andina e amazônica no período colonial, enquanto que para a época republicana dos países da região a produção historiográfica volta-se principalmente para temas como ciclos econômicos e políticas de integração regional, permanecendo assim inúmeras lacunas no conhecimento histórico sobre essas áreas.¹⁷⁵

Essa diferença quantitativa na produção historiográfica se faz presente para os casos rio-negrino e *maynense* no período colonial, havendo um volume maior de trabalhos sobre a

¹⁷³ Manuel LUCENA SALMORAL. “La población del reino de Quito en la época de reformismo borbónico: circa de 1784.” *Revista de Indias*: 54: 200 (1994), pp. 33-81. Oscar Javier Castro, baseando-se na documentação censitária para o Vice-Reino de Nova Granada nos anos de 1778 e 1780, trabalha com estimativas populacionais um pouco diferentes das apresentadas no estudo de Manuel Lucena Samoral. Especificamente para o caso de Maynas, a população calculada foi de 12000 indivíduos, todos classificados como índios. Tanto em Maynas quanto em Macas (localizadas na zona “amazônica” do Vice-Reino, para utilizar uma definição regional contemporânea), tratava-se de uma população basicamente formada por “grupos de indígenas nômades, o que dificultou, de certa maneira, o trabalho das missões espanholas para evangeliza-los e dominá-los,” como observa Javier Castro. Essas dificuldades devem ter contribuído igualmente para as atividades de recenseamento, explicando, ao menos em parte, a disparidade dos números disponíveis quanto à população de Maynas. Oscar JAVIER CASTRO. *Reconfiguração de Entidades Político-Territoriais e Constitucionalismo Moderno no Novo Reino de Granada, 1808-1816*. Op. cit., p. 43 e p. 46.

¹⁷⁴ Para uma avaliação sobre a historiografia acerca da Amazônia portuguesa/brasileira, cf.: Jonas Marçal QUEIROZ, Mauro Cezar COELHO. “Fronteiras da História, limites do saber: a Amazônia e seus intérpretes. In.: Jonas Marçal QUEIROZ, Mauro Cezar COELHO. *Amazônia, modernização e conflito (Séculos XVIII e XIX)*. Belém: Universidade Federal do Pará; Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2001, pp. 157-190.

¹⁷⁵ Frederica Barclay REY DE CASTRO. “Olvido de Una Historia: Reflexiones acerca de la historiografía andino-amazónica.” *Revista de Indias*, 2001, vol. LXI, núm. 223, pp. 493-511.

Capitania do Rio Negro do que para a Província de Maynas. Mesmo assim, é possível, com base nas informações mais recorrentes na produção historiográfica sobre as duas áreas, estabelecer algumas comparações entre elas. No caso, a comparação está voltada para a segunda metade do XVIII, período quando se efetuam acordos diplomáticos para definição da linha limítrofe luso-espanhola na América, e quando atuam as comissões demarcadoras das duas Coroas na zona fronteiriça entre Rio Negro e Maynas.

Na segunda metade do Setecentos, o Rio Negro e Maynas foram objeto de políticas voltadas para o conhecimento e a defesa do território. A realização de viagens ilustradas, organizadas por autoridades portuguesas e espanholas, procurou inventariar a natureza e as populações das áreas de fronteira, atentando para o aproveitamento das potencialidades econômicas e a integração dos dois territórios a outros pontos dos domínios luso-espanhóis no continente. A fundação de novos povoados nesse período também respondia a essas demandas estratégicas. Essas ações foram mais abrangentes no lado português do que em Maynas, na medida em que o Rio Negro deveria lidar com a proteção de uma vasta faixa fronteiriça com os outros domínios coloniais espanhóis e com a possessão holandesa do Suriname.

Do ponto de vista econômico, tanto Maynas como Rio Negro estavam assentados na utilização dos índios como mão-de-obra fundamental para as atividades produtivas locais. Autoridades espanholas e portuguesas, assim como os religiosos a serviço das duas Coroas, buscaram sistematizar o uso do trabalho indígena, através das atividades missionais, *encomiendas* (no caso espanhol) e do Diretório (no caso português, tendo igualmente ocorrido a experiência da nomeação de *directores de pueblos* em Maynas). A sobrevivência dos empreendimentos coloniais naquela fronteira dependeu das alianças que lusos e espanhóis construíram com as comunidades nativas. Ao mesmo tempo, os representantes das duas Coroas tiveram que enfrentar revoltas indígenas na segunda metade do Setecentos, como as dos índios Mura e Mundurucu, na Capitania do Rio Negro, e dos índios jívaros, no lado espanhol da fronteira.

A agricultura nas duas áreas estava primordialmente voltada para o abastecimento da população local, ao mesmo tempo em que as atividades extrativas destacavam-se na economia do Rio Negro e de Maynas, visto que boa parte de suas trocas comerciais envolvia os produtos da floresta. Quanto ao comércio, o território maynense encontrava-se afastado dos núcleos populacionais maiores (localizados na parte andina) e de portos no Pacífico, o que limitava muito suas trocas comerciais. Com relação ao Rio Negro, ainda que constituísse uma Capitania na fronteira, havia a manutenção de ligações mercantis mais frequentes com o porto de Belém, importante elo com os mercados atlânticos, assim como com a Capitania do Mato

Grosso. Essa posição garantia ao território rio-negrino um maior contato mercantil com outras partes da América portuguesa e com as rotas atlânticas do Império luso, ao passo que a Província de Maynas não usufruía das mesmas facilidades de conexão com o comércio colonial do Pacífico e com outras partes do território hispano-americano. Ainda com relação ao Rio Negro, deve-se lembrar que a constituição da Companhia de Comércio do Grão-Pará na segunda metade do século XVIII também buscou dinamizar o abastecimento das localidades mais afastadas dos sertões paraenses, iniciativa essa que não teve paralelo em Maynas.

No que diz respeito ao quadro demográfico das duas áreas no final do século XVIII, as comparações esbarram na disparidade dos dados disponíveis. As informações censitárias existentes para Maynas, datadas de 1784, não são tão abrangentes quanto as para o Rio Negro no ano de 1778. Não há em relação à Maynas, por exemplo, indicações sobre faixas de riqueza, como ocorre no censo de 1778 para o Rio Negro. Além disso, enquanto que para o Rio Negro existem contagens populacionais para a década de 1790, não há informações da existência do mesmo para o caso de Maynas nesse período – um novo levantamento populacional na província espanhola seria realizado apenas na década de 1810.

Nos dois casos, as contagens populacionais disponíveis não abrangem os índios não aldeados, de modo que os dados disponíveis devem ser compreendidos como meras estimativas do número de habitantes e do perfil socioeconômico dos mesmos. Tomando como base o censo de 1784, para Maynas, e o de 1778, para o Rio Negro (e atentando-se para os seis anos de diferença entre as duas contagens), pode-se elencar algumas comparações. As duas áreas apresentavam um contingente populacional aproximado, girando na casa dos dez mil habitantes na década de 1780, com uma vantagem para a Capitania do lado português (enquanto que no ano de 1784 foram contabilizados 9.321 moradores em Maynas, em 1778 o Rio Negro possuía 11.723 almas, chegando a 12.954 em 1790, o que indica uma tendência do Rio Negro possuir, ao longo dos anos de 1780, uma população um pouco maior do que a existente na *Gobernación* vizinha).

Quanto ao perfil dos moradores dos dois territórios, os levantamentos populacionais confirmam a presença esmagadora do elemento indígena: 98% para Maynas em 1784, e 87% para Rio Negro em 1778. A escassa população branca nos dois casos era composta principalmente por autoridades coloniais, militares e religiosos. Por outro lado, o censo para o Rio Negro releva uma população um pouco mais diversificada do ponto de vista étnico do que a de Maynas, com escravos de origem africana e mestiços, talvez resultado das políticas econômicas de introdução de mão-de-obra cativa africana e de incentivos previstos pelo

Diretório para os casamentos inter-étnicos. Contudo, o não registro de africanos no censo de Maynas não deve ser compreendido como a inexistência deles nesse território, já que há relatos da presença na *Gobernación* espanhola de escravos fugidos do lado português da fronteira (o que será tratado no próximo capítulo). Nesse caso, para os espanhóis a ação de não registrar os escravos fugidos poderia ser uma forma de continuar ocultando esses sujeitos das autoridades portuguesas, já que os acordos diplomáticos firmados por Espanha e Portugal previam, entre outras coisas, a devolução mútua de escravos que passassem para o território vizinho. Em todo caso, esses dados podem ser interpretados como indícios de que as políticas voltadas para a integração e diversificação econômicas das áreas da fronteira norte, assim como para sua transformação demográfica e étnica (aumento da população mestiça e introdução do trabalho africano), tenham sido mais efetivas (ou surtido efeitos mais evidentes) no lado português do que no espanhol.

Na segunda metade do século XVIII, as zonas limítrofes do norte da América meridional mereceram a atenção das autoridades espanholas e portuguesas. A instauração da Capitania do Rio Negro e as políticas direcionadas para a Província de Maynas são reveladoras das preocupações geopolíticas dos dois impérios ibéricos para suas fronteiras americanas, objetivando marcar uma presença mais efetiva do poder colonial na região. Ao mesmo tempo, buscava-se integrar os dois territórios da fronteira aos fluxos comerciais mais amplos dos sistemas coloniais, estimulando-se a introdução da mão-de-obra escrava africana, novas formas de utilização do trabalho indígena e a produção e exportação de produtos que poderiam ser valorizados no mercado internacional. Além disso, Maynas e Rio Negro eram vistos pelas autoridades ibéricas como espaços estratégicos para a integração com outras partes da América, como será abordado mais adiante. Essas preocupações das autoridades ibéricas concernentes a essas duas áreas da fronteira, e que faziam parte de questões gerais enfrentadas pelos Impérios espanhol e português do período, foram levadas em consideração no momento em que se discutiu a implementação do Tratado de Santo Ildefonso e as preparações para os trabalhos das comissões demarcadoras luso-espanholas, como será discutido a seguir.

1.3- O Tratado de Santo Ildefonso: experiências e as expectativas para os territórios fronteiriços.

Como já foi assinalado anteriormente, o Tratado de Santo Ildefonso, assinado pelos representantes das Coras espanhola e portuguesa em 1º de outubro de 1777, visou por fim ao longo histórico de conflitos territoriais na América, conflitos esses que atingiram o clímax na

segunda metade do século XVIII. Enquanto que na fronteira sul ocorreu a invasão espanhola ao Rio Grande e a Santa Catarina, colocando em risco a posição portuguesa na imediações do Prata, na fronteira norte a movimentação dos espanhóis também alertava a Coroa portuguesa. Na Capitania do Rio Negro, no ano de 1776, os militares portugueses detiveram na região do Rio Branco, área limítrofe com a Capitania da Venezuela e o Suriname, uma tropa espanhola acompanhada de índios aliados que, sob a justificativa de realizar o descobrimento “da Lagoa dourada [do Parime] e das Minas [do *Cerro Dorado*],”¹⁷⁶ havia invadido os domínios de Portugal.

Mapa 1.5

Mapa corográfico de la Nueva Andalucía, Provincias de Cumaná y Guayana, vertientes del Orinoco, su cierto origen, comunicación con el de las Amazonas, situación de la Laguna Parime y nuevas Poblaciones. Construido sobre las mejores observaciones y posteriores noticias por D. Luis de Surville (...) Año de 1778. AHN, Mapoteca, ESTADO MPD 81. Esse mapa representa a zona limítrofe que abarca o Estado do Grão-Pará e Rio Negro, a Capitania Geral da Venezuela, o Suriname e a Guiana Francesa. Deve-se observar que há uma linha pontilhada que representa os possíveis limites entre as colônias holandesas (“Colônias Olandesas de Suriñan”) e francesas (“Colônias Francesas de Cayana”) com os domínios das Coroas ibéricas no extremo norte da América

¹⁷⁶ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 75, D. 6307. Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Pará, 28/04/1776.

Meridional. No entanto, o mesmo não ocorre com os limites luso-espanhóis, não representados nesse mapa, embora seja marcante o esforço de representar as povoações limítrofes, seus rios e seus caminhos de comunicação, o espaço, portanto, onde a linha da fronteira deveria ser definida pelas Partidas demarcadoras.

As ameaças na parte sul do continente do Brasil também eram acompanhados no Estado do Grão-Pará. Da praça de Macapá, seu comandante militar Manuel da Gama Lobo d'Almada (que alguns anos depois assumiria o governo da Capitania do Rio Negro, coordenando os trabalhos de demarcação) afirmou ao governador do Pará estar ciente de que “as armas espanholas se dirigem a insultar-nos no Rio da Prata, Rio Grande de São Pedro e Santa Catarina,” colocando-se por isso à disposição para defender Macapá de uma possível ofensiva da Espanha, não obstante desconfiasse de que os esforços de guerra dos espanhóis não se dirigissem ao Pará.¹⁷⁷ No início do ano de 1777, porém, um ataque espanhol à Capitania do Pará, e mais particularmente à fortaleza de Macapá, começou a parecer mais provável. Nessa ocasião, Pereira Caldas informou ter recebido notícias sobre a saída de uma frota espanhola de Cádiz com destino à América, temendo que as embarcações de guerra atacassem o litoral do Pará, e principalmente a fortaleza na foz do Amazonas. Por isso, ordenou o governador que se reforçassem as tropas naquela área.¹⁷⁸ As inquietações demonstradas pelos oficiais do Grão-Pará são indicativas de como as autoridades lusas concebiam a unidade das diferentes partes da América portuguesa, em que uma ameaça dirigida ao extremo sul do continente poderia trazer perigo às possessões na parte norte. Tais ameaças, por sua vez, estavam inseridas nas disputas imperiais que opunham entre si as monarquias européias e seus respectivos conjuntos coloniais.

Para a Capitania do Rio Negro, foram igualmente tomadas medidas visando reforçar a defesa contra possíveis agressões externas. No mesmo ano de 1777, na região do rio Branco, foi realizado o descimento de “sete povoações de índios,” medida útil para “constituir ali uma barreira contra os progressos e intentos dos Espanhóis e Holandeses.”¹⁷⁹ Na fortaleza de Marabitanas, no lado português da fronteira, os oficiais buscaram coligar informações sobre o estado das forças militares na vizinha fortaleza espanhola de San Carlos e nas cidades de San

¹⁷⁷ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 76, D. 6366. Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Pará, 27/12/1776.

¹⁷⁸ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 76, D. 6371. Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Pará, 15/01/1777.

¹⁷⁹ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 76, D. 6402. Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Pará, 12/06/1777.

Felipe, Angostura e San Vicente de Orion.¹⁸⁰ Ainda em 1777, foi organizada em Quito uma expedição militar que deveria desalojar os portugueses do Rio Marañón e avançar sobre o Amazonas. Francisco Requena, que viria a comandar a partida demarcadora espanhola e a Província de Maynas, recebeu a incumbência de estudar as possíveis rotas da invasão à fronteira norte da América portuguesa, como será visto mais adiante. A chamada “Expedición del Marañón” deveria, segundo os planejamentos de autoridades da Audiência de Quito e do Vice-Reino do Peru, mobilizar 1075 homens (alguns dos quais seriam militares experientes), consumindo 1.685.474 pesos. Contudo, essa ofensiva bélica foi cancelada em razão dos acordos diplomáticos luso-espanhóis firmados em Santo Ildefonso.¹⁸¹

No plano das negociações diplomáticas mantidas pelas Coroas de Portugal e Espanha, o Tratado de 1777 reconheceu, por um lado, os históricos conflitos nas fronteiras da América Meridional e, por outro, a necessidade de superá-los a partir daquele momento: “Habiendo la divina Providencia excitado en las augustas coronas de Sus Majestades Católica y Fidelísima el sincero deseo de extinguir las desavencias que ha habido entre las dos Coronas de España y Portugal y sus respectivos vasallos por caso el espacio de tres siglos,” firmou-se o Tratado de Santo Ildefonso, o qual serviria de “base y fundamento al definitivo de límites.” No primeiro artigo, o reconhecimento dos conflitos do passado e a expectativa da paz no futuro são mais uma vez reafirmados: “Habrá una paz perpetua y constante así por mar como por tierra em cualquier parte del mundo entre las dos naciones española y portuguesa, con olvido de lo pasado y de cuanto hubieren obrado las dos en ofensa recíproca.”¹⁸²

Quanto à delimitação entre os territórios espanhol e português na parte norte da América Meridional, reafirmou-se a proposta de delimitação do Tratado de Madri, ficando definido no artigo 12 da seguinte forma:

“Continuará la frontera subiendo aguas arriba de dicha boca más occidental del Japurá y por en medio de este río hasta aquel punto en que quedar cubiertos los establecimientos portugueses de las orillas de dicho río Japurá y Negro, como también la comunicación o canal de que se servían los mismo portugueses entre estos dos ríos al tiempo de celebrarse el

¹⁸⁰ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 77, D. 6420. Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Pará, 18/07/1777.

¹⁸¹ Manuel LUCENA GIRALDO. “La Delimitación Hispano-Portuguesa y la Frontera Regional Quiteña, 1777-1804.” Op. cit., p. 25; Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática*. Op. cit., pp. 226-230.

¹⁸² “Tratado Preliminar de Límites en la América Meridional, ajustado entre las Coronas de España y Portugal, firmado en San Ildefonso el 1 de Octubre de 1777”. Apud.: BEERMAN, Eric. *Francisco Requena*. Op. cit., p. 80.

Tratado del 13 de enero de 1750, conforme al sentido literal de él y de su artículo 9, lo que enteramente se ejecutará según el estado que entonces tenían las cosas, sin perjudicar tampoco las posesiones españolas ni a sus respectivas pertenencias y comunicaciones con ellas y con el río Orinoco, de modo que ni los españoles puedan introducirse en los citados establecimientos y comunicación portuguesa, ni pasar aguas debajo de dicha boca occidental del Japurá, ni del punto de línea que se formare en el río Negro y en los demás que en él se introducen, ni los portugueses subir aguas arriba de los mismos ni otros ríos que se les unen, para bajar del citado punto de línea a los establecimientos españoles y a sus comunicaciones, ni remontarse hacia el Orinoco, ni extenderse hacia las provincias pobladas por España o a los despoblados que han de pertenecer según los presentes artículos; a cuyo fin las personas que se nombraren para la ejecución de este tratado señalarán aquellos límites, buscando las lagunas y ríos que se junten al Japurá y Negro y se acerquen más al rumbo del norte, y en ellos fijarán el punto de que no deberá pasar la navegación y usos de la una ni de la otra nación, cuando apartándose de los ríos haya de continuar la frontera por los montes que median entre el Orinoco y Marañón o Amazonas, enderezando también la línea de la raya cuanto pudiere ser hacia el norte, sin reparar en el poco más o menos del terreno que quede a una u otra corona, con tal que se logren los expresados fines hasta concluir dicha línea donde finalizan los dominios de ambas monarquías.”¹⁸³

O artigo referente à fronteira norte enfatiza o objetivo de salvaguardar as possessões portuguesas nos rios Japurá e Negro, ao mesmo tempo em que protege os direitos espanhóis sobre os territórios fronteiriços, proibindo-se o ingresso de portugueses nesses espaços. De modo geral, reconheciam-se os direitos de Lisboa sobre o Amazonas, e os de Madri sobre o Orinoco. E tal como no Tratado de 1750, um dos eixos demarcatórios escolhidos foi a cordilheira inter-fluvial Amazonas-Orinoco. Mais adiante, o Tratado determinou que a navegação seria comum a portugueses e espanhóis em rios cujas margens pertencessem às duas Coroas, e privativa a uma das nações para aqueles rios cujas margens estivessem somente em um território.

Mais importante do que a escolha dos rios e outros pontos naturais que balizariam o desenho das fronteiras americanas seriam os trabalhos efetivos de demarcação, os quais deveriam ser realizados por comissões (ou partidas) espanholas e portuguesas. Essas partidas (que contariam com a presença de militares, engenheiros, geógrafos, além de mobilizarem as populações nativas das áreas de fronteira) deveriam trabalhar conjuntamente no

¹⁸³ “Tratado Preliminar de Límites en la América Meridional, ajustado entre las Coronas de España y Portugal, firmado en San Ildefonso el 1 de Octubre de 1777.” Op. cit., p. 83.

reconhecimento dos espaços limítrofes, determinando de comum acordo os pontos que serviriam de referência para demarcar a soberania territorial de cada Coroa. O desenho final dos limites entre os territórios ibéricos da América dependia, desse modo, do trabalho dessas comissões, que ficariam responsáveis pela produção dos mapas das áreas percorridas e pelo estabelecimento dos marcos na fronteira. Outra atribuição de extrema relevância nas mãos dos chefes das partidas era a resolução de dúvidas e conflitos na execução do tratado, o que poderia influir decisivamente na configuração dos espaços coloniais. A formação das comissões e seus objetivos foram determinados no artigo 15 do Tratado:

“Para que se determinen también con la mayor exactitud los límites insinuados en los artículos de este tratado, y se especifiquen sin que haya lugar a la más leve duda en lo futuro, todos los puntos por donde deba pasar la línea divisoria, de modo que se pueda extender un tratado definitivo con expresión individual de todos ellos, se nombrarán por Sus Majestades Católica y Fidelísima, o se dará facultad a los gobernadores de las provincias para que ellos o las personas que eligieren sean de conocida probidad, inteligencia y conocimiento del país, juntándose en los parajes de la demarcación, señalen dichos puntos con arreglo a los artículos de este tratado; otorgando los instrumentos correspondientes y formando mapa puntual de toda la frontera que reconocieren y señalaran, cuyas copias autorizadas y firmadas de unos y otros se comunicarán y remitirán a las dos cortes, poniendo desde luego en ejecución todo aquello en que estuvieren conformes, y reduciendo a un ajuste y expediente interino los puntos en que hubiere discordia, hasta que por sus cortes, a quienes darán parte, se resuelva de común acuerdo lo que tuvieren por conveniente.(...)”¹⁸⁴

Os trabalhos demarcatórios para a parte norte da América do Sul ficaram a cargo da chamada Quarta Partida. No lado português, o comando da partida ficou inicialmente com João Pereira Caldas, capitão general do Rio Negro, enquanto que para o lado espanhol foi nomeado Don Ramón García de León y Pizarro como plenipotenciário da comissão, sendo logo sem seguida substituído por Don Francisco Requena y Herrera, o qual acumulava igualmente o cargo de governador político e militar da Província de Maynas. A vila de Barcelos foi escolhida como sede para a comissão portuguesa, sendo que seus trabalhos também foram realizados em outras vilas do Rio Negro, como Tabatinga, Borba e Ega. O governo do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, além de ser responsável pela Quarta Partida, deveria auxiliar a Terceira Partida,

¹⁸⁴ “Tratado Preliminar de Límites en la América Meridional, ajustado entre las Coronas de España y Portugal, firmado en San Ildefonso el 1 de Octubre de 1777.” Op. cit., p. 84.

sediada no Mato Grosso. A comissão espanhola, por sua vez, estava submetida às ordens de Quito. O trabalho conjunto das duas comissões teve início no ano de 1781, quando ambas se encontraram na vila de São Francisco Xavier de Tabatinga.¹⁸⁵

A recepção em Belém das notícias sobre a assinatura do Tratado de 1777, e depois o de Paz e Amizade de 1778, foram prontamente repassadas para as autoridades dirigentes das Capitanias do Rio Negro e do Mato Grosso, as quais haviam pedido do Pará auxílio em soldados, armas e munições para enfrentar a possível invasão espanhola por suas fronteiras. O restabelecimento da paz aliviava o governo do Pará, o qual se via obrigado a sustentar a própria defesa local e a atender aos pedidos de ajuda das vizinhas capitanias; em relação ao Rio Negro, o governador do Pará defendia para ela o estabelecimento de tropas locais para a proteção dessa “remota Capitania.” No caso do Mato Grosso, seu governador acompanhava com extrema apreensão as vitórias das armas espanholas contra os portugueses na ilha de Santa Catarina; além disso, as autoridades no Mato Grosso recebiam com preocupação notícias a respeito da movimentação de tropas espanholas nas vizinhas províncias do Paraguai, Santa Cruz, Chiquitos e Moxos, notícias todas transmitidas à Belém para justificar os pedidos de ajuda bélica para a fronteira oeste do Brasil.¹⁸⁶ Enquanto que a paz havia sido recentemente restabelecida com a Corte de Madri, o governo da Capitania do Pará mantinha-se alerta com relação à fronteira com a Guiana Francesa, procurando coligir informações se havia “rumor algum de guerra” em Caiena ou da vinda da Europa de “algumas tropas.”¹⁸⁷

Gestado em uma conjuntura de disputas territoriais entre Portugal e Espanha, mas também uma conjuntura marcada pelo desejo de ambas as coroas de evitar o acirramento das tensões devido à debilidade de seus impérios e à possibilidade de conflitos maiores em um futuro próximo, o Tratado de Santo Ildefonso consagrou as ocupações territoriais já efetivadas pelas coroas ibéricas na América do Sul. Para Portugal, evitou-se a perda de territórios, principalmente na parte sul do continente. Para Espanha, os anseios de conquistas territoriais no continente foram refreados, o que não deixou de frustrar muitos membros da burocracia imperial que esperavam ampliar o espaço colonial sul-americano à custa das possessões portuguesas. A assinatura do Tratado de Santo Ildefonso demonstrou o anseio por parte das

¹⁸⁵ Simeia Maria de Souza TORRES. “Dominios y Fronteras en la Amazonía Colonial. El Tratado de San Ildefonso (1777-1790).” *Fronteras de la história*, año/vol.8, 2003, pp. 185-216.

¹⁸⁶ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 77, D. 6431. Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Pará, 10/09/1777.

¹⁸⁷ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 78, D. 6505. Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Pará, 30/12/1777.

duas Coroas ibéricas de atenuar os conflitos no cenário internacional, construindo possibilidades de cooperação entre portugueses e espanhóis, os quais deveriam se ocupar com a competição contra impérios mais fortes no cenário internacional. O Tratado, contudo, não deixou de ser contestado por parte de autoridades portuguesas e espanholas e, conforme será visto mais adiante nesse trabalho, durante a realização dos trabalhos de delimitação de fronteiras foi frequente a enunciação de críticas por oficiais demarcadores contra o acordo de 1777.¹⁸⁸

A conquista do rio Amazonas figurava como um dos objetivos da expansão territorial espanhola sobre a América portuguesa. Poucos meses antes da assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, o conde de Aranda escrevia a Floridablanca sobre suas expectativas quanto às vantagens que a conquista do Amazonas proporcionaria para o conjunto das possessões espanholas na América:

“Las bocas del rio de las Amazonas en poder de la España son de una entidad suma y aún indispensable, porque las utilidades que puede dar de sí la América no se han de graduar por las pocas que hasta aquí ha rendido, sino por las que el mejoramiento de los tiempos y las mayores luces que se tienen de sus diferentes distritos pueden proporcionar.”¹⁸⁹

Os planejamentos defensivos das autoridades espanholas visavam, em primeiro lugar, barrar os avanços da fronteira lusa sobre os territórios coloniais de Castela. No ano de 1777, quando o desenrolar dos conflitos entre Lisboa e Madri no espaço americano levou à invasão espanhola à parte sul da América portuguesa, os preparativos para a guerra nas fronteiras norte foram impulsionados. Nesse mesmo ano, Francisco Requena, em sua *Descripción de los varios caminos que dan paso desde la Ciudad de Quito al río del Marañón*, analisa o espaço fronteiriço com os domínios portugueses atentando para as vantagens e desvantagens na realização de uma operação bélica na Província de Maynas. Em seu trabalho de planejamento militar, Requena elenca quatro caminhos possíveis para sustentar a guerra contra os portugueses: o primeiro pelo rio Napo, o segundo pelo rio Pastaza, seguindo-se a esse o

¹⁸⁸ Na produção historiográfica, o Tratado de Santo Ildefonso também recebeu duras críticas, a exemplo do trabalho de Varnhagen, já comentado anteriormente.

¹⁸⁹ Aranda a Floridablanca, 20 de Julio de 1777, AGS, Estado, 7412. Apud: Manuel LUCENA GIRALDO. *Francisco Requena y otros*. Op. cit, p. 28.

caminho pelas províncias de Loja e Jaén, e finalmente pelas províncias de Guayaquil e Piura.¹⁹⁰

A análise de Francisco Requena levou em conta principalmente o tempo e as condições de deslocamento de tropas, munições e mantimentos para as inóspitas florestas nos confins da América andina, de modo que ele considerou o último caminho (pelas províncias de Guayaquil e Piura) o mais seguro de todos, podendo ser percorrido em menos tempo que os demais. Nesse caminho, as tropas, mesmo tendo que ser deslocadas por mar do Reino de Quito ao norte do Peru, percorreriam um espaço mais povoado, de modo que as povoações existentes desde a costa peruana até o rio Marañón, na parte oriental da Audiência de Quito, poderiam servir de pontos de apoio para os soldados. As forças militares deslocadas por essa via poderiam ser atendidas com mais facilidade pelas autoridades de Lima do que de Quito; além disso, elas poderiam ser abastecidas pelos *corregimientos norperuanos* de Piura, Lambayeque, Trujillo, Cajamarca e Chachapoyas.¹⁹¹

Segundo as considerações de Francisco Requena, a urgência em deslocar tropas para a Província de Maynas não se justificava tão somente pela defesa dessa fronteira contra os ataques oriundos do lado português. Mais do que isso, Requena via naquela área uma porta de entrada da penetração lusitana em todos os domínios de Castela no continente sul-americano. As incursões lusitanas partidas do Amazonas em direção ao Marañón, e desse aos rios Huallaga, Pastaza e Napo, estavam combinadas com outras frentes expansionistas da América portuguesa. O objetivo maior do expansionismo português, do qual a área limítrofe entre Maynas e Rio Negro constituía apenas um segmento, era reduzir a soberania de Sua Majestade Católica às terras andinas e ao litoral do Pacífico, garantindo em contrapartida à Sua Majestade Fidelíssima o acesso direto e exclusivo às riquezas existentes no interior da América do Sul, recorrendo-se para isso às práticas de contrabando na fronteira. Nas palavras de Requena:

“Si se continúa con el mismo desentendimiento que hasta ahora ha habido, respecto a la seguridad y conservación del Marañón, *será después mucho más costoso, si no imposible, el poner barreras a los enemigos*. En llegando éstos, como lo están continuamente intentando, a señorearse de las bocas de los grandes ríos que fomentan el anchuroso caudal del Marañón, *nos confinarán en la cordillera de los Andes y se apoderarán del comercio de los dos*

¹⁹⁰ “Descripción de los varios caminos que dan paso desde la Ciudad de Quito al río del Marañón.” In: Manuel LUCENA GIRALDO. *Francisco Requena y otros*. Op. cit., pp. 39-64.

¹⁹¹ “Descripción de los varios caminos que dan paso desde la Ciudad de Quito al río del Marañón.” Op. cit., pp. 50-54.

Virreinos de Santa Fe y Lima como si se hubieran hecho del de los gobiernos de Caracas, Cumaná y Guayana, a no tenerlos confinados los fuertes de Alto Orinoco en el río Negro. Con justa razón se debe temer que así como penetran por el río de la Madera a las minas de Matogrosso y a las proximidades de Santa Cruz de la Sierra, si se fortifican en el Pongo de Manseriche y en las bocas de Huallaga, Pastaza y Napo, internarán sus tropas por dicho Pongo a las ricas minas de plata de Chota y a los gobiernos de Jaén y Loja, por Huallaga a las provincias de todo el Bajo Perú y por Pastaza y Napo a toda la Audiencia de Quito, así como ahora las adelantan por los ríos Putumayo y Caquetá a los gobiernos de Popayán y Santa Fe, esclavizando por estos dos ríos indios, extrayendo los frutos que dan sin necesidad de cultivo sus orillas y el oro que arrastran sus arenas, pero no es la utilidad que reportan el daño principal que nos ocasionan, *el mayor perjuicio es el que nos privan de descender por estos mismos ríos Huallaga, Pastaza y Napo y por el Pongo de Manseriche se llevarán las riquezas del Perú, sin necesidad de entrar en el Mar del Sur y sin poder nosotros estorbárselo, pues teniendo tantas entradas sería imposible contener el espíritu de contrabando que reina por estas partes*”.¹⁹²

A respeito dos perigos representados pelo contrabando na fronteira, muito embora ele fosse incentivado pelas autoridades portuguesas,¹⁹³ havia dúvidas entre elas sobre as possibilidades de sucesso de tal prática em todas as áreas fronteiriças da América espanhola. Essa dúvida foi claramente lançada em 1776 pelo governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, em ofício dirigido a Martinho de Melo e Castro, secretário de Estado da Marinha e Ultramar. Pereira Caldas informou que os oficiais militares portugueses que serviam nas fronteiras esperavam receber das autoridades do lado espanhol uma relação das fazendas que estas desejavam adquirir, com os respectivos preços que pretendiam pagar por elas. Contudo, discorrendo sobre as possibilidades de manutenção do contrabando com os domínios de Espanha, o governador demonstrou desconfiar da suposta opulência da Audiência de Quito, o que, conseqüentemente, desmotivaria o contrabando:

“Porém nem a dita Relação [de fazendas e preços] tem até agora chegado, nem eu tanto me confio da Negociação por aquela parte como pela outra do Javari, caso que, enfim, se realizem as continuadas esperanças que me tem dado o referido comandante [da fronteira do rio Javari], e que tanto mais me persuadem as circunstâncias da maior facilidade de comunicação para

¹⁹² “Descripción de los varios caminos que dan paso desde la Ciudad de Quito al río del Marañón.” Op. cit., pp. 58-59 (grifos meus).

¹⁹³ Isso será abordado no próximo capítulo.

Quito, e da sua reconhecida opulência, a qual não havendo em toda a raia confinante, e, antes sim, pelo contrário, a maior pobreza e miséria, isso é o que na verdade dificulta o estabelecer-se logo o intentado contrabando, que só o tempo poderá ir facilitando na sua desejada execução.”¹⁹⁴

Os temores das autoridades espanholas com relação ao expansionismo português não miravam somente para o futuro das relações entre as Coroas ibéricas. Na elaboração dos planejamentos defensivos para a fronteira, a longa história dos conflitos entre portugueses e espanhóis em torno da expansão territorial em terras americanas era igualmente enfatizada. A despeito das determinações que iniciavam o Tratado de Santo Ildefonso para que os conflitos entre Espanha e Portugal fossem esquecidos a bem da construção de uma nova e harmônica história da relação entre os dois reinos, as experiências pretéritas eram continuamente reelaboradas pelas autoridades de ambos os lados da fronteira para justificar a desconfiança em relação às verdadeiras intenções dos vizinhos no continente sul-americano.

A construção de uma memória histórica sobre a configuração dos domínios ibéricos na América também foi um dos empreendimentos levados a cabo por autoridades espanholas e portuguesas que, em finais do século XVIII, atuaram nos trabalhos demarcatórios e na administração das terras fronteiriças, como Rio Negro e Maynas. As abordagens sobre a história da ocupação e dos conflitos fronteiriços, produzidas por representantes das Coroas portuguesa e espanhola, sintetizavam os argumentos manejados pelas autoridades de ambos os reinos na defesa de seus direitos territoriais, servindo, conseqüentemente, como obras referenciais nas negociações diplomáticas futuras. No caso português, o discurso historiográfico setecentista elegia como um dos seus objetivos a glorificação do espaço imperial, isto é, a exaltação da história da expansão colonial da monarquia portuguesa, o que estava de acordo com a geopolítica de Lisboa voltada para a defesa da soberania territorial portuguesa frente a outros impérios ultramarinos europeus. Nessa produção historiográfica, ressaltavam-se, entre outras coisas, os conflitos com outras monarquias europeias no ultramar e os feitos de conquista do espaço americano pelos portugueses (a exemplo da expedição de Pedro Teixeira, do Pará até Quito), o que garantiria os direitos da Coroa lusa sobre espaços que ainda não estavam suficientemente reconhecidos e delimitados (como o vale

¹⁹⁴ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 75, D. 6275. Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Pará, 01/02/1776.

amazônico).¹⁹⁵ Desse modo, esses paradigmas da historiografia portuguesa do XVIII marcavam presença nos escritos das autoridades ibéricas envolvidas no empreendimento de demarcação de limites no continente americano.

A respeito da Capitania do Rio Negro, o ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio produziu relatórios sobre a ocupação portuguesa na região nos quais destacava a história dos conflitos com os vizinhos espanhóis na conquista daquelas fronteiras. Os trabalhos do ouvidor Sampaio, produzidos em fins da década de 1770, estão relacionados aos conflitos recentes na região (como a invasão espanhola à região do Rio Branco), bem como aos acordos diplomáticos entre Madri e Lisboa para pôr fim às contendas na demarcação dos limites, a partir do ano de 1777. Esse é o caso de sua *História do Rio Branco em 1778*, trabalho dividido em onze capítulos e que destaca o processo de ocupação da região pelos portugueses, os conflitos com os espanhóis (destacando-se, nesse ponto, a invasão espanhola no ano de 1777), trazendo também dados sobre as populações indígenas e os recursos naturais da região.¹⁹⁶

Ao relatar a invasão espanhola à região do Rio Branco, o ouvidor Sampaio desconstrói os argumentos das autoridades da vizinha Província de La Guayana sobre as incursões que elas estavam organizando naquela fronteira. Segundo argumentavam os espanhóis, a intenção era finalmente achar a Laguna Parime, ou *El Dorado*. Nesse ponto de seu texto, o ouvidor Sampaio constrói um relato histórico sobre a invocação do mito de *El Dorado* em várias circunstâncias e lugares da América do Sul de colonização espanhola. Por fim, Sampaio ironiza os argumentos apresentados pelas autoridades espanholas, demonstrando como a mítica cidade de ouro estava presente em outros momentos da conquista da América, servindo para justificar os avanços espanhóis. Nesse caso, a entrada dos espanhóis no Rio Branco seria apenas mais uma incursão justificada pela busca de uma cidade inexistente, um argumento ridicularizado por Sampaio por considerá-lo extremamente anacrônico:

“Querem, pois, fazer-nos crer os Espanhóis que o fim de tão cansadas diligências era descobrir aquele decantado, e famosíssimo Lago Dourado, por outro nome Parime, objeto de tantas fadigas depois do descobrimento da América até o presente, e que, com efeito, chegaram a descobrir.

¹⁹⁵ Iris KANTOR. *Esquecidos e Renascidos: Historiografia Acadêmica Luso-Americana (1724-1759)*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004, pp. 45-57.

¹⁹⁶ Rio Negro. AHU_ACL_020, cx. 3, D. 192. Relação do ouvidor da Capitania do Rio Negro, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, geográfico-histórica do Rio Branco; descobrimento; progressos dos estabelecimentos; rios; limites; invasões espanholas; história natural; índios, seus usos e costumes. 1778.

Confesso que não sei, se mais move a ira ou provoca o riso, ouvir em sério tom que se chegou a descobrir a Laguna Dourada? (...) Os que não tiverem suficiente instrução da história decantada da Laguna Dourada poderão, contudo, ficar iludidos com as asseverações que acham escritas nas cartas dos dois Espanhóis de que falamos.(...)

(...) Pode-se crer que já estariam os Espanhóis desenganados pela sucessiva inutilidade de tantas expedições frustradas [na busca da Lagoa Dourada]. Este desengano parece que bastava que a sã Filosofia o produzisse, sem que uma custosa experiência obrigasse a reconhecê-lo. Mas ainda no filosófico, no iluminado Século 18, nos nossos dias, o usa o Governador Espanhol [da Província de La Guayana], D. Manoel Centurion, anelar com diligências repetidas, a invenção desta quimera, ou desta pedra crisopéia das descobertas. O êxito dessas diligências, se tem visto, foi semelhante ao das primeiras. Não merecem, na verdade, refutação séria, como sonhos de febricitantes, ou ao menos só lhe podemos servir de adequada resposta as ironias de Voltaire no seu *Candide*.¹⁹⁷

Mais adiante, em oposição às justificativas míticas apresentadas pelas autoridades espanholas para suas entradas na fronteira do Rio Branco, o ouvidor Sampaio apresenta quais seriam os reais objetivos da Espanha: efetuar a expansão de seus territórios coloniais sobre a Capitania do Rio Negro. Nas palavras de Sampaio:

“Apoderados os Espanhóis do Rio Branco, entram à sua vontade no Negro, e asseguram empresas de maiores conseqüências que pretendam intentar. Enquanto ao projeto de intentá-los, é inegável, pelo que uma continuada experiência nos tem mostrado em toda a América em que confinam conosco. A invasão ao Rio Negro será de uma tal conseqüência que podem invadi-lo e ocupá-lo, quase sem resistência. Porquanto, sendo eles senhores do Rio Branco, se comunicam ao Negro com a maior facilidade, ocupando assim a sua parte inferior. E como já ocupam a superior, tem todas as facilidades para bloquearem a Capitania do Rio Negro. De sorte que, estabelecidos os Espanhóis no Rio Branco, ficamos em um bloqueio perpétuo, e que só pode frustrar todas as nossas precauções. Demais, como possuem a parte superior do Orinoco, se dominarem o Rio Branco dão-se as mãos para a ocupação de todos os mais que, entre o Cassiquiari e o Branco, deságuam no Rio Negro, o que é um dos seus antigos projetos (...).”¹⁹⁸

¹⁹⁷ Rio Negro. AHU_ACL_020, cx. 3, D. 192. Relação do ouvidor da Capitania do Rio Negro, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, geográfico-histórica do Rio Branco; descobrimento; progressos dos estabelecimentos; rios; limites; invasões espanholas; história natural; índios, seus usos e costumes. 1778.

¹⁹⁸ Rio Negro. AHU_ACL_020, cx. 3, D. 192. Relação do ouvidor da Capitania do Rio Negro, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, geográfico-histórica do Rio Branco; descobrimento; progressos dos estabelecimentos; rios; limites; invasões espanholas; história natural; índios, seus usos e costumes. 1778.

No caso espanhol, pode-se destacar a obra escrita por Francisco Requena e Vicente Aguilar, e publicada no ano de 1797, intitulada *Historia de las Demarcaciones en la América entre los Domínios de España y Portugal*.¹⁹⁹ Dividida em três partes e acompanhada de um mapa, a obra destinava-se, segundo seus autores, a “arreglar los límites por Ministros plenipotenciarios de ambas Monarquías, sin necesidad de más datos ni conocimientos.”²⁰⁰ O problema das demarcações de limites americanos entre os reinos ibéricos era, como advertiam os autores na introdução da obra, “tan antiguo en su origen como el del descubrimiento y conquista de aquella parte del mundo,”²⁰¹ sendo que os acordos celebrados sobre essas questões aparentemente visaram mais “confundir los derechos de España con gravísimos perjuicios de sus intereses, que para terminar las continuas disensiones de los vasallos” portugueses e espanhóis e evitar as guerras.²⁰² A obra foi produzida tomando como base não apenas o estudo de tratados e mapas sobre a América Meridional desde o início de sua conquista, mas também se apoiou na experiência das demarcações realizadas a partir de 1777, e da vivência de Requena nas áreas de fronteira da América, com destaque para a entre Maynas e Rio Negro.

A respeito da história das incorporações das terras americanas aos domínios imperiais de Portugal e Espanha, os autores da obra enfatizavam a desmesurada e ilegítima expansão portuguesa na América Meridional, usurpando terrenos, povos e riquezas que deveriam pertencer ao soberano espanhol. Esse traço histórico das relações entre os dois reinos na conformação de seus territórios coloniais americanos impunha uma constante desconfiança em relação aos portugueses, os quais, apesar do Tratado de Santo Ildefonso, certamente prosseguiriam com seu intento de dominar o máximo possível do continente, desrespeitando os direitos espanhóis:

“Sea, pues, cual fuera la causa de tan extraña extensión no cabe duda en que los rápidos progresos de los Portugueses en la América Meridional, y los medios de que en todos los

¹⁹⁹ AHI, Documentos Encadernados. “Historia de las Demarcaciones en la América entre los Domínios de España y Portugal. Madrid, Año de 1797”. Francisco Requena é também autor de uma memória sobre as demarcações na América do Sul. Cf.: AHI, Documentos Encadernados. “Memoria de Requena sobre los límites en la América Meridional.”

²⁰⁰ AHI, Documentos Encadernados. “Historia de las Demarcaciones en la América entre los Domínios de España y Portugal. Madrid, Año de 1797,” folha 02v.

²⁰¹ AHI, Documentos Encadernados. “Historia de las Demarcaciones en la América entre los Domínios de España y Portugal. Madrid, Año de 1797,” folha 03.

²⁰² AHI, Documentos Encadernados. “Historia de las Demarcaciones en la América entre los Domínios de España y Portugal. Madrid, Año de 1797,” folhas 03 e 03v.

tiempos se han valido para llevar adelante su ambicioso sistema, *dan sobrado fundamento para creer que sus intenciones se dirigen a dominar solos en aquella parte del Mundo*. Una sucinta narración histórica de lo ocurrido en este punto hasta el año de 1777, en que se celebró el último tratado, y la conducta observada por los Portugueses, apoyada y aun dirigida por su Corte para la ejecución de lo acordado en él, harán demostrable esta proposición”.²⁰³

Com relação aos domínios de Portugal no vale amazônico, a explanação de Requena e Aguilar contesta totalmente os direitos de Lisboa na região, visto que os primeiros conquistadores do rio foram espanhóis. Mesmo os reconhecimentos feitos por portugueses no vale, com destaque para a expedição de Pedro Teixeira, não representariam qualquer direito de Lisboa, visto que haviam ocorrido sob o patrocínio e incentivo das autoridades espanholas durante o reinado filipino. Desde então, segundo os autores do estudo, os portugueses empenharam-se em anexar as terras de Espanha, contando para isso com a falta de ação das autoridades espanholas em barrar as investidas portuguesas nos limites dos Vice-Reinos do Peru e de Santa Fé.²⁰⁴ A assinatura do Tratado de Santo Ildefonso poderia representar uma mudança nessa histórica política expansionista de Portugal; contudo, para Requena e Aguilar, os trabalhos conduzidos pelos comissários portugueses só confirmavam a experiência acumulada desde o início da ocupação da América, indicando, por consequência, que a Coroa portuguesa continuaria futuramente a ameaçar os domínios de Madri no continente sul-americano. Como eles afirmam:

“La claridad con que en este [Tratado de Santo Ildefonso] se designaron los parajes por donde debía trazarse la línea divisoria, y las ventajas que según ella conseguía Portugal, conservando los dilatados terrenos que había usurpado, prometían desde luego que agitaría su cumplimiento para asegurarse en su posesión, y que reconocido y contento con un partido que no podía esperar de la justicia de su causa y sí solo de la liberalidad de España, aunque sin merito, no daría el menor motivo de queja, ni cometería el menor insulto; pero la experiencia acreditó todo lo contrario, pues las disputas que tan sin fundamento [os portugueses] promovieron y con tanta obstinación han sostenido sus comisarios demarcadores, y los nuevos

²⁰³ AHI, Documentos Encadernados. “Historia de las Demarcaciones en la América entre los Domínios de España y Portugal. Madrid, Año de 1797,” folhas 171v. e 172 (grifos meus).

²⁰⁴ AHI, Documentos Encadernados. “Historia de las Demarcaciones en la América entre los Domínios de España y Portugal. Madrid, Año de 1797,” da folha 193 à folha 200v.

establecimientos que han hecho en este tiempo son un irrefragable testimonio de que nunca ha pensado la Corte de Lisboa en cumplir el tratado, y de que su ambición no sufre límites”.²⁰⁵

No ano de assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, algumas autoridades da América espanhola sustentavam o anseio de que a condução das negociações diplomáticas e dos trabalhos demarcatórios pudesse garantir à Madri uma posição hegemônica no vale amazônico. Em dezembro daquele ano, em um longo ofício escrito por José Digusa, Presidente da Audiência de Quito, essas expectativas são largamente discutidas. No documento, Digusa inicia lembrando as intromissões efetuadas de maneira ilegal pelos portugueses no rio Marañón, realizadas em grande parte pelas ordens religiosas apoiadas por Lisboa, como a dos Carmelitas. Esses religiosos, “con el especioso pretexto del celo por la Religión,” haviam adentrado nos domínios espanhóis, formando um conhecimento circunstanciado sobre os rios e suas comunicações com outras províncias limítrofes. Tais incursões e conhecimentos tornaram viáveis os empreendimentos expansionistas dos domínios portugueses na América sobre as vizinhas conquistas espanholas, na avaliação de Digusa. Em um futuro próximo, caso nada fosse feito, Digusa previa o domínio luso sobre o comércio na fronteira, atingindo vários pontos dos territórios do Peru e de Nova Granada, introduzindo produtos nos *corregimientos*, o que acarretaria prejuízos para as finanças espanholas:

“(…) como se habían [os portugueses] dueños de todo el Comercio de estos Reinos, si llegaban a apoderarse, como dar a entender lo pretenden por la conducta que observan, de las Bocas de los Ríos Pastaza, Napo, Guallaga, y de la salida del Pongo de Manceriche, pues por la primera, y la segunda pueden traer sus efectos a todos los Corregimientos de esta Audiencia, y por Guallaga, y Manceriche a todas las Provincias [del] Bajo Perú, así como los han llevado por los Ríos Putumayo, y Caquetá a los Gobiernos de Santa Fe, y Popayán, y por el Rio de la Madera, hasta las ricas Minas de Mato Grosso, sin que uno, y otro se pueda estorbar.”²⁰⁶

Na avaliação de José Digusa, não bastava expulsar os portugueses nas terras que legitimamente pertenciam ao Rei espanhol. O esforço de defesa daquela fronteira sempre seria

²⁰⁵ AHI, Documentos Encadernados. “Historia de las Demarcaciones en la América entre los Domínios de España y Portugal. Madrid, Año de 1797,” folhas 203v., 204 e 204v.

²⁰⁶ AGI, Quito, 239, n.74. “Sobre acuerdos que se deben hacer con los portugueses en el Marañón.” Quito, 31/12/1777.

demasiado, exigindo deslocamento de tropas por terrenos de difícil acesso, e a custosa manutenção de uma rede de fortificações no extenso espaço fronteiriço. A resolução do problema residia na conquista da foz do Amazonas, o que findaria com as ameaças lusas naquela parte da América, possibilitando, além do mais, o engrandecimento do comércio das partes interiores dos domínios espanhóis.

*“(...) solo cediendo los Enemigos todo el Marañón hasta su desemboque en el Mar, pudiera quedar la frontera bien demarcada, asegurados estos Países, y sacar nuestro Soberano de ellos mucha utilidad; y por el contrario, aunque nos cedan algunos centenares de Leguas, como no seamos dueños de la Boca de dicho Río, más costosos, y menos útiles han de ser para la España los nuevos terrenos que adquieran por la imposibilidad de sacar a la serranía los frutos que dan, ni llevarlos a Europa, por las muchas fortalezas que eran necesario construir para asegurarlos, y porque nunca quedarían los Límites bien establecidos.”*²⁰⁷

Enquanto que para as autoridades espanholas sediadas em Quito o socorro à fronteira sempre esbarraria na distância e no custo para a defesa de terras que pouco contribuíam na geração de riquezas para a Coroa, os portugueses, por seu turno, “en cualesquiera parte en que esté la frontera, poseyendo a el Pará, no les es dificultoso mudar su guarnición, ni el tenerla bien pertrechada, transitando solo por agua.” Contudo, caso a Espanha conquistasse o rio Amazonas, segundo José Digusa:

“(...) ya se deja comprender bastante las ganancias que traería al Estado esta adquisición; porque entonces con sola una Plaza, Puerto, y establecimiento fortificado, en su boca, o en las cercanías, como Gobernación, con dependencia inmediata con España, para poderla tener más asegurada, se ahorran muchos pequeños puestos fortificados, que en el estado presente, o en cualesquiera otro que posean los Portugueses para de aquel Río, se necesitan establecer, para impedirles la internación por los Ríos Negros, la Madera, o Mamoré, Ucayale, Guallaga, Caquetá, Putumayo, Napo, Pongo de Manceriche, y se cerraba la entrada a todos estos Países, pudiéndose extraer de todos los dichos Ríos hacia el Mar oro, cacao, Canela, cera, zarza, maderas de construcción, Gomas, Bálsamos, resinas, y otros preciosos frutos, los que después de dar con los justos derechos de su salida, para mantener en aquella nueva Plaza, grande guarnición para abrir los caminos de esta serranía con aquellos

²⁰⁷ AGI, Quito, 239, n.74. “Sobre acuerdos que se deben hacer con los portugueses en el Marañón.” Quito, 31/12/1777 (grifos meus).

mismos Ríos, y para multiplicar las Poblaciones en ellos, quedaría un grande aumento en las Rentas Reales.”²⁰⁸

Expectativas muito parecidas foram defendidas por Francisco Requena em 1777. Segundo ele, como sempre fora objetivos dos portugueses “*señorearse de aquellos vastos países*” nas proximidades de seus domínios na América, os espanhóis deveriam “arrojarlos de cuantos terrenos poseen por nuestra tolerancia en el Marañón y río Negro.” Nessa ofensiva definitiva contra as agressões portuguesas, a Espanha deveria enviar uma armada contra os portugueses em Belém, e “después mandase gruesos destacamentos a rendir los fuertes que desde esta ciudad se van ahora a atacar.” Ao mesmo tempo, as tropas espanholas atacariam a partir da fronteira, penetrando pelo rio Marañón, “*haciéndose de este modo más fácil la expulsión de los enemigos de toda la longitud de este grande río.*” Com o domínio do Amazonas/Marañón nas mãos da Coroa espanhola, seria possível então tirar

“(…) muchas utilidades del río Marañón y de los que en él entran, con los preciosos frutos que rinden y que tendrían breve salida a España. De esta suerte se asegurarían mejor estos dominios, pues se podría establecer un presidio en aquella ciudad [Belém], que al mismo tiempo que nos permitiese la navegación de dicho río hasta el mar, dejase a los portugueses confinados en sus antiguas, únicas y legítimas posesiones de Brasil.”²⁰⁹

Entre as possibilidades de aproveitamento da rede fluvial nas fronteiras orientais da América andina estava a utilização dos rios como caminhos de ligação regional e de escoamento da produção americana. Essa perspectiva foi defendida em um artigo datado de 1791, e publicado por José Hipólito Unanue no já citado *Mercurio Peruano*. Tomando como base outro escrito, o *Diario de Viaje de Fray Narciso Girbal y Barceló* à Maynas, Unanue (escrevendo sob o pseudônimo de Aristio) tece considerações sobre as potencialidades das fronteiras orientais, como a de servir de via de conexão sul-americana, integrando os Vice-Reinos entre si e com outras partes do mundo. Em um contexto de redefinição de espaços políticos e econômicos, e de busca de novas rotas comerciais, a rede fluvial andino-amazônica, segundo a explanação de Unanue, poderia se consolidar como um dos mais importantes caminhos de circulação das riquezas do Império espanhol. Nesse próspero

²⁰⁸ AGI, Quito, 239, n.74. “Sobre acuerdos que se deben hacer con los portugueses en el Marañón.” Quito, 31/12/1777 (grifos meus).

²⁰⁹ “Descripción de los varios caminos que dan paso desde la Ciudad de Quito al río del Marañón.” Op. cit., p.62.

cenário que o autor projetava para o futuro, a povoação de Omaguas desempenharia o papel de principal entreposto mercantil:

“San Joaquín de Omaguas, situado en la confluencia del Ucayali y Marañón, figuraría entonces como la antigua Tiro a cuyos puertos llegaban las naves y los frutos de todo el mundo. Por el río de las Amazonas entrarían los de la América y el Asia. Por el Pastaza y Marañón enviaría Quito sus paños y estatuas. Por el Huallaga y Mayro remitiría Lima el óleo delicioso que destilan las frondosas parras y olivas que hermosean las costas que baña el mar pacífico. Por el Apurímac, irían las pinturas y azúcares del Cuzco y el oro de Carabaya. Por el Beni navegarían los lienzos de Moxos y todas las riquezas del paititi...La idea encanta, la realidad es obra del tiempo.”²¹⁰

As avaliações e os planejamentos de José Digusa, Francisco Requena e José Hipólito Unanue evidenciam valores e expectativas do reformismo ilustrado borbônico para a América, em que a defesa militar do território estava ligada ao aproveitamento econômico da colônia. As diferentes riquezas da fronteira oriental da América andina (ouro, cacau, madeiras, salsaparrilha, gomas e bálsamos, entre outros itens) deveriam fluir para os portos na Espanha, alimentar as rendas reais e o crescimento populacional. A conquista da foz do Amazonas seria a chave de toda essa modificação. Segundo José Digusa no documento anteriormente referido, a cessão do Pará à Espanha deveria ser a principal meta das negociações diplomáticas com os portugueses, mesmo que para isso se recompensasse a Coroa lusa com outras transferências territoriais ou com indenizações. Essas transferências de território (ou conquista militar, como propunha Francisco Requena), por sua vez, pareciam extremamente factíveis às autoridades espanholas tendo em vista as mudanças de soberania ocorridas nas terras americanas recentemente, durante e logo após a Guerra dos Sete Anos.

²¹⁰ “Peregrinación por los ríos Marañón y Ucayali a los pueblos de Manoa, hecha por el padre Predicador Apostólico Fr. Narciso Girbal y Barceló en el año pasado de 1790.” *Mercurio Peruano*, n. 77 (Lima, 29.09.1791), T.III, ff. 65-66. Apud.: Pilar GARCÍA JORDÁN. *Cruz y Arado, Fusiles y Discursos*. Op. cit., p.40.

Mapa 1.6

Plan Geografico del Virreinato de Santa Fe de Bogota Nuevo Reyno de Granada, que manifiesta su demarcación territorial, islas, ríos principales, prouincias y plazas de armas; lo que ocypan indios barbaros y naciones extranjerias; demostrando los confines de los dos Reynos de Lima, Mexico, y establecimientos de Portvga, sus lindantes; con notas historiales del ingreso anual de sus rentas reales, y noticias relatiuas a su actual estado civil, político y militar. Formado en servicio del Rey N[uest]ro. S[eñ]or. Por el D. D. Francisco Moreno, y Escandòn, Fiscal Protector de la Real Avdiencia de Santa Fe y Juez Conseruador de Rents. Lo delineo D. Joseph Aparicio Morata año de 1772. [Detalhe: Ligação fluvial entre Maynas, Rio Negro e Pará]. Disponível on line:

http://www.bibliotecanacional.gov.co/recursos_user///mapoteca/fmapoteca_262_frestrepo_36/fmapoteca_262_frestrepo_36.htm.

Para José Digusa, entretanto, a preservação dessa nova configuração territorial mais favorável aos interesses de Sua Majestade Católica impunha também um maior cuidado na definição dos referenciais demarcatórios com a parte portuguesa do continente, para assim evitar qualquer dúvida sobre a territorialidade de cada Coroa ibérica na América do Sul. Invocando sua experiência nas comissões de demarcação no rio Orinoco na década de 1750, durante as quais a empresa demarcatória consumira “muchos caudales, sin haberse conseguido efectuarla,” Digusa defendeu a escolha dos rios como fronteiras naturais entre os domínios português e espanhol. Com essa medida, seria evitado o desgastante empreendimento de percorrer um espaço continental a fim de medir os meridianos demarcatórios. Além disso, e o que mais importava na argumentação de Digusa, as fronteiras naturais encerrariam a possibilidade de novas contestações territoriais no futuro, assegurando definitivamente os interesses de cada Monarquia (e em particular da espanhola) no continente sul-americano. Tratava-se de uma avaliação alimentada tanto pela experiência de Digusa nos trabalhos demarcatórios na América, quanto pela história da configuração territorial e dos conflitos imperiais de Espanha e Portugal no Novo Mundo:

“En estos bastos terrenos solo por los Ríos se puede asegurar la estabilidad de los Límites: no valiéndose de ellos, para arreglarlos, es buscar una causa permanente de disputas, y de guerras; pues intentar dividir las dos Naciones con un solo Meridiano desde el Norte del Virreinato de Buenos Aires, hasta el Sur del de Santa Fe, costeando los confines del Perú, es

obra que aun que se vencieran las grandes dificultades que se oponen, para trazarlo en tan basta tierra, las que no expongo por no hacer más difusa esta representación, nunca evitaría entre las dos Coronas las mismas contiendas que han tenido hasta aquí sobre sus Derechos; por esto aun que sea preciso que ceda nuestro soberano algún terreno, o comprarlo al de Portugal; el medio de hacer un tratado durable, inteligible, y sin dudas, es valerse de los Ríos, y despreciar la difícil, costosa, y larga demarcación de un Meridiano, ya sea el que por su mediación, determinó la Santidad del Papa Alejandro Sexto, o ya el que después hayan alargado en favor de los Portugueses, hacia el Occidente, los Predecesores de Nuestro Rey.”²¹¹

As considerações de José Digusa sobre a Província de Maynas e o encaminhamento dos trabalhos de demarcação da fronteira estão presentes nos escritos de outras autoridades espanholas do período. O Tratado de Santo Ildefonso impôs uma avaliação mais detida, por parte das autoridades coloniais de ambos os lados da fronteira, sobre o estado em que se achavam as partes mais extremas dos domínios ibéricos, bem como suas potencialidades e as medidas que deveriam ser tomadas para a defesa, a ocupação e o aproveitamento econômico das zonas periféricas.

Escrevendo no ano de 1779, Francisco Requena apresentou à Presidência da Audiência de Quito um projeto de criação de um Bispado para a Província de Maynas (o que viria a ser efetivado no começo do século XIX), o qual estaria sediado na cidade de Borja e congregaria também as missões de Quijos, Sucumbios, Canelos, Lamas e do curato de Santiago de las Montañas (esse último submetido ao governo de Jaén). Essa configuração espacial do bispado, proposta por Requena, visava aproximar áreas fronteiriças entre si. Esses espaços administrativos na fronteira estavam distantes das principais sedes governamentais (como Quito e Lima), o que dificultava sobremaneira o auxílio às missões religiosas nas áreas limítrofes com os portugueses. O novo bispado de Maynas daria continuidade ao trabalho evangelizador realizado, antes, pelos jesuítas. Além disso, outras questões deveriam ser contempladas, como a criação de novas povoações para fazer frente às ameaças representadas pelas incursões de portugueses na fronteira. As novas povoações, fundadas em pontos estratégicos nos limites com os domínios de Portugal, deveriam ser habitadas preferencialmente por espanhóis brancos, os quais auxiliariam na defesa territorial e na incorporação de novas populações indígenas ao jugo da Coroa espanhola:

²¹¹ AGI, Quito, 239, n.74. “Sobre acuerdos que se deben hacer con los portugueses en el Maraón.” Quito, 31/12/1777 (grifos meus).

“También sería conveniente para estrechar más la amistad entre estas diferentes Misiones, el que algunos blancos de Lamas pasaren a establecerse al Marañón, en donde ahí hay muy pocos como lo están solicitando varios de ellos, bajo ciertas condiciones poco onerosas al Erario desde el año de 1774 (...), pues con ellos se lograría unir por unos mismos Intereses Pueblos tan inmediatos, y *se poblaría Maynas de gente Española para tener con ellos el Gobernador auxilio con que continuar la conquista de Indios y aún con el tiempo para observar, y poner en respecto a los Portugueses*. Con este ultimo objeto debían situarse estas Gentes en las bocas [dos ríos] Ucayale, Javarí, Putumayo y Jupurá (...).²¹²

O desenho territorial do novo bispado de Maynas, agregando missões submetidas a governos vizinhos ao dessa província, também iria contribuir para o incremento dos fluxos comerciais na região, segundo planejava Francisco Requena. Diante do isolamento que caracteriza a áreas fronteiriças, com poucas trocas de mercadoria com outros pontos do território hispano-americano, fazia-se imprescindível impulsionar as aproximações políticas e econômicas entre as cidades na zona fronteiriça, permitindo também as ligações dessas com núcleos urbanos maiores e mais dinâmicos da América espanhola, principalmente os localizados nas áreas serranas. Por essa razão, Requena argumentou que a incorporação da cidade de Santiago de las Montañas ao Bispado de Maynas propiciaria um “camino muy corto del Marañón a la Ciudad de Cuenca, de suerte que fueren portables los frutos de aquellos bastos Países a la Serranía,” proporcionando “un comércio constante que civilizará a sus moradores”. De maneira semelhante, a incorporação de Lamas ao Obispado de Maynas não seria útil tão somente para que “logren sus habitantes el Sacramento de la Confirmación y demás auxílios que les pueda dar su Obispo,” mas também era vantajoso para “el fomento temporal de unas y otras misiones.” Como argumentou Requena sobre esse ponto:

“De las [missões] del Marañón aunque se cogen en excelentes frutos no tienen salida a las Poblaciones de la Serranía, ya por la larga distancia que hay que caminar, como por lo poco valor de ellos después de extraídos con mucho costo, *lo que no sucedería así, si se entablara una constante comunicación, y comercio entre los Pueblos de Maynas y Lamas, pues se permutarían recíprocamente sus efectos y frutos para facilitarse algunas conveniencias y alivios*: el cacao, pescado, bodoqueras y coparba [copaíba?], lo pagan bien en Lamas y

²¹² AGI, Quito, 241, n. 58. Carta de José García de León y Pizarro, Presidente y Visitador General de la Audiencia de Quito, a José de Galvez, Ministro de Indias. Quito, 19/02/1779 (grifos meus).

Moyobamba, y en recompensa dan tocuios [lenços de algodão], colchas, tabaco y azúcar con lo que se vuelven los Indios a sus casas con cuanto necesitan por su frugalidad, para vestir sus familias.”²¹³

Dentro dos planejamentos econômicos enunciados pelas autoridades coloniais espanholas para a Província de Maynas, o desenvolvimento de um comércio regular dessa área com outros pontos do Império espanhol impulsionaria a agricultura local. Como foi discutido anteriormente nesse capítulo, um dos pontos recorrentes nas políticas reformistas do XVIII, e que se faziam presentes nos discursos dos espanhóis com relação a Maynas, era a integração comercial entre as colônias, medida considerada de grande importância para impulsionar economicamente o conjunto do Império ultramarino. Além disso, em um contexto de dinamização das atividades agrícolas, quando a Coroa borbônica incentivou o plantio de novos gêneros em novas áreas de seus domínios americanos, Maynas poderia contribuir para os ganhos econômicos de Madri, aumentando a produção e a exportação de seus gêneros.

No ano de 1784, em um relatório apresentado pelo Bispo de Quito sobre o estado em que se encontrava Maynas, são apresentadas algumas propostas para o desenvolvimento da agricultura local. Nas considerações tecidas pela autoridade religiosa, o solo da Província de Maynas era fértil o suficiente para a produção em larga escala de diferentes gêneros, contando ainda com recursos extrativos de alto valor. Com relação aos gêneros que poderiam ter seu cultivo incentivado, o Bispo de Quito enfatizava a necessidade de tornar mais efetivas as ligações comerciais de Maynas com o restante da América espanhola e com a Europa, o que impulsionaria a agricultura na fronteira e a prosperidade econômica de todas as partes do Império espanhol. Tal argumento é desenvolvido com relação ao cacau, gênero silvestre que poderia ter seu plantio aprimorado caso se incentivasse o comércio entre os índios e os espanhóis da América e da Europa, e também se encontrasse mercado para esse produto em outras partes do Império espanhol:

“Debemos decir que para el adelantamiento de ella [Maynas], es conveniente establecer (...) el comercio posible entre esos Naturales [indios] y los Españoles, que así de España, como de esta Provincia, pueden practicarlo. Para lo cual parece oportuno el plantío de los frutos que parecen más apetecibles, entre los cuales el primer lugar el cacao. En el día lo hay silvestre, por todo lo que se extienden ambas las riberas del Río Marañón, del Napo, Guallaga y

²¹³ AGI, Quito, 241, n. 58. Carta de José García de León y Pizarro, Presidente y Visitador General de la Audiencia de Quito, a José de Galvez, Ministro de Indias. Quito, 19/02/1779 (grifos meus).

Pastaza, de tan bello gusto y calidad que excede al de Guayaquil y al de Caracas. Pero como no se han plantado los arboles, a designio, no se encuentran tantos frutos que puedan proveer cantidad considerable y hacer el objeto de un comercio regular. (...) *En circunstancias de intentarse un comercio corriente, mediante la Navegación del Marañón, con lo restante del mundo se podrán formar grandes plantíos capaces de abastecer con abundancia el antiguo continente, y atraer mucha riqueza a la Provincia.*²¹⁴

Ainda na avaliação do bispo de Quito, o anil era outro gênero de Maynas que, caso fosse cultivado e destinado ao comércio com outros portos espanhóis, renderia grandes lucros. Esse produto, que a Província de Maynas produzia em “tan buena calidad que excede a la de Guatemala y Piúra”, poderia ser destinado ao “Reino de Mexico y a este del Perú, para las tinturas de azul y morado, conduciendo grande parte a la Europa, donde tiene igual aprecio.” O algodão também poderia ter seu cultivo incentivado no território de Maynas, conduzindo-se a produção para o mercado europeu.²¹⁵

Ainda com relação às potencialidades econômicas das áreas fronteiriças da América espanhola, outra atividade aventada era a produção e exportação de minérios. Na segunda metade do século XVIII, a busca e descoberta de novas zonas produtoras de prata e ouro deram novo impulso às exportações de minerais americanos. Embora a produção da Nova Espanha tenha superado à das minas sul-americanas desde fins do século XVII, as reformas borbônicas buscaram revitalizar a mineração de prata no Baixo Peru, no qual a produção de Hualgayoc teve seu auge entre 1776-1800, enquanto que na Nova Granada a produção aurífera aumentou significativamente no XVIII.²¹⁶ Desse modo, na avaliação de autoridades espanholas era possível encontrar novas zonas produtoras de riquezas minerais nas terras americanas, como na Província de Maynas. Sobre ela, Don Ventura Diaz del Castillo, Presbítero de Quito, listou o ouro e a prata como uma das riquezas que possivelmente existiriam nos rios da região. Depois de tratar dos produtos agrícolas de Maynas e da necessidade de um porto no Marañón para escoar as riquezas para a Espanha, Diaz del Castillo escreve sobre a provável localização das minas, das informações correntes sobre o uso de ouro pelos índios no pagamento dos tributos, defendendo, por fim, a introdução de mineiros para o desenvolvimento da exploração de prata e ouro:

²¹⁴ AGI, Quito, 242, n.117. Carta de Juan Jose Villalengua, Presidente y Superintende de la Audiencia de Quito, a Jose de Galvez, Ministro de Indias. Quito, 18/10/1784 (grifos meus).

²¹⁵ AGI, Quito, 242, n.117. Carta de Juan Jose Villalengua, Presidente y Superintende de la Audiencia de Quito, a Jose de Galvez, Ministro de Indias. Quito, 18/10/1784.

²¹⁶ Enrique TANDETER. “Economía minera en el espacio andino.” In: Margarita GARRIDO. *Historia de América Andina, Volumen 3*. Op. cit., pp.61-86.

“La Provincia de Maynas tiene un territorio sumamente fértil y produce efectos muy estimables como son tabaco, algodón, cacao, cascarilla, canela sobresaliente, y otros de suerte que trabajándose podrían rendir más de dos millones de pesos anuales poniéndose un Puerto al otro lado del Marañón, por donde haiga paso franco para los de España. En las cabeceras de esta dicha Provincia hay minerales de plata. En Napo y Archidona mucho oro, tanto, que como es notorio, recogen los Indios aquello necesario para pagar sus tributos, y lo demás lo botan y menosprecian. Remitiendo VM setenta u ochenta mineros extranjeros y bien instruidos podrían trabajar en Maynas unos y otros distribuirse en Loja, Cuenca, Riobamba, Guaranda, Tacunga, y otras partes pues en toda la Provincia hay cuantiosas minas, y solo faltan mineros prácticos.”²¹⁷

No lado português da fronteira, é possível rastrear na documentação produzida pelas autoridades locais anseios e temores muito semelhantes aos que os espanhóis expressavam em seus ofícios. De fato, constituem questões que refletem as preocupações recorrentes no pensamento reformista ilustrado, tanto espanhol quanto português, como o aproveitamento econômico das áreas coloniais, a centralização política, a transferência de recursos da América para os centros imperiais, a integração das várias partes do Império em busca do engrandecimento econômico do conjunto da monarquia, a difusão de novos valores em meio aos grupos sociais mais variados do Novo Mundo. Além disso, as conjunturas políticas dos impérios ibéricos, marcada pelo histórico de divergências e as recentes tentativas de aproximações, alimentavam o planejamento e a ação política destinadas às fronteiras luso-espanholas na América.

A respeito do Rio Negro, o ouvidor Francisco Xavier Ribeiro Sampaio escreveu uma memória sobre a Capitania na qual enfocou a situação das fronteiras com as possessões espanholas, as possíveis mudanças territoriais que seriam realizadas após a concretização do Tratado de Santo Ildefonso, e as transformações econômicas necessárias para o domínio fronteiriço português. A análise do ouvidor Sampaio não deixava de atentar para os projetos e políticas postas em práticas pelas autoridades espanholas, o que servia de ponto de referência na elaboração de suas propostas para o território rio-negrino. Sobre as modificações econômicas que deveriam ser efetuadas no Rio Negro, e principalmente nas localidades mais próximas à raia limítrofe com os espanhóis, Sampaio destacou o aprimoramento da cultura da

²¹⁷ AGI, Quito, 342. “Expediente sobre lo representado por Don Ventura Diaz del Castillo, Presbítero vecino de Quito sobre varios [ilegível] que necesitan de remedio en la Provincia de Maynas.” Quito, 25/06/1792.

mandioca, gênero importantíssimo para a alimentação dos moradores, bem como a do café e a do cacau. No caso do cacau, Sampaio alertou que os espanhóis estavam adiantando seu cultivo na fronteira, embora “tivessem mais dificuldades que vencer” do que os portugueses do Rio Negro. “O mesmo podemos e devemos nós fazer”, concluiu Sampaio. A América espanhola se fazia presente nas reflexões econômicas de Sampaio não apenas como uma referência para pensar o Rio Negro, mas também como uma área com a qual a Capitania portuguesa mantinha estreitas relações comerciais. Essas relações datavam de longo tempo, haviam decaído, mas deveriam ser estimuladas, segundo a análise do ouvidor Sampaio. Os caminhos fluviais que ligavam as áreas portuguesa e espanhola na fronteira norte serviam para o escoamento de produtos locais, bem como da Europa, nesse caso se destacando a presença do contrabando realizado com as colônias francesas, inglesas e holandesas. Sobre as vias de comércio fluvial, seu estado e suas possibilidades, o ouvidor Sampaio afirmou:

*“O comércio com as Colônias Espanholas é de importância tal que merece toda a atenção e desvelo em se reintroduzir. Digo reintroduzir porque houve um tempo em que floresceu, foi depois interrompido por causa de algumas preocupações, as quais causaram de mais o dano de porem de má fé os espanhóis a nosso respeito sobre aquele objeto; de sorte que esta é uma das maiores dificuldades para novamente se instaurar. Antigamente eram dois os canais por onde se introduzia este comercio, hoje há mais um. Os dois antigos eram a introdução pela Província de Maynas e Napo, por onde se dirigia o comércio para Quito; e o segundo era pelo rio Iça, para Pasto e Popayan. Foi muito considerável este negócio, e os espanhóis chegavam a vir ao Pará a tratá-lo; outras vezes se lhe conduzião às fronteiras as fazendas. O terceiro canal, que é o moderno, é pelo rio Negro. Por via da imediação da nova Fortaleza de Marabitanas com as espanholas de San Carlos e San Felipe, se conserva presentemente algum comércio; ele não faz grande vulto, mas dá saída a alguns gêneros da Capitania e da Europa. É certo que as Colônias Espanholas daquela fronteira, que são as do Orinoco, são sortidas das fazendas da Europa pelos holandeses, franceses e ingleses, como é bem sabido, e precisamente a melhor preço. E esta a causa de este último canal não poder chegar a muito. Dos dois primeiros, o de Solimões para Tabatinga em correspondência a Maynas, está em vigor, mas não com a profuência antiga; o do rio Içá está inteiramente obstruído.”*²¹⁸

²¹⁸ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx. 3, D. 200. Notas à memória de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio sobre o governo do Rio Negro, com observações sobre as fronteiras, o comércio, os colonos brancos e o governo econômico da vila de Barcelos. Lisboa, 30/03/1780. (grifos meus).

Se o desenvolvimento do comércio com as colônias espanholas deveria ser estimulado, as autoridades portuguesas, por outro lado, deveriam atentar para prováveis perdas econômicas advindas com o novo tratado de limites com a Corte espanhola. Esse era o caso da mão-de-obra indígena, ponto central na estruturação econômica da fronteira, a qual poderia ser afetada pelas transformações territoriais advindas com o Tratado. O ouvidor Sampaio temia que certos rios (a exemplo do Içá, Japurá, Uaupés, Içana e Ixié) pertencentes aos domínios de Portugal e que eram grandes fornecedores de índios para as vilas (ou, nas palavras do ouvidor, “viveiros de índios”), passassem para a soberania espanhola. Nesse caso, perderiam os colonos uma quantidade significativa de índios.²¹⁹

Dentre os temas que se faziam marcantes nos discursos das autoridades portuguesas e espanholas com relação às áreas de fronteira na parte norte da América do Sul, é possível elencar como os mais recorrentes a defesa militar dos limites territoriais e o aproveitamento econômico desses espaços. A abordagem de tais questões, por sua vez, recorria tanto à formulação de planos para o futuro dessas zonas dentro do conjunto das possessões coloniais, como também à análise sobre a história da incorporação dessas regiões aos domínios coloniais ibéricos e dos conflitos envolvendo Portugal e Espanha na conquista das terras americanas. Nesse sentido, em um momento chave no processo de demarcação dos territórios imperiais americanos, como o que teve início com a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, a formulação da política para as áreas de fronteira manejava tanto as experiências de conquista territorial quanto as expectativas sobre o futuro da América no interior dos Impérios ibéricos.

Desse modo, as análises e as propostas efetuadas pelas autoridades portuguesas e espanholas para as fronteiras da América (como as da parte norte do continente) exemplificam a operacionalidade de duas categorias históricas fundamentais: espaço de experiência e horizonte de expectativa. Em seu estudo sobre essas categorias, Reinhart Koselleck sustenta que experiências e expectativas entrelaçam as formas pelas quais os homens constroem suas compreensões sobre passado e futuro, sendo igualmente adequadas para “se tentar descobrir o tempo histórico, pois, enriquecidas em seu conteúdo, elas dirigem as ações concretas no movimento social e político.”²²⁰ As experiências, incorporadas, elaboradas e reelaboradas de maneiras diferentes pelos sujeitos ao longo do tempo, constituem o “passado atual” de uma

²¹⁹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx. 3, D. 200. Notas à memória de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio sobre o governo do Rio Negro, com observações sobre as fronteiras, o comércio, os colonos brancos e o governo econômico da vila de Barcelos. Lisboa, 30/03/1780.

²²⁰ Reinhart KOSELLECK. “Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas.” In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p. 308.

sociedade, ao passo que as expectativas, baseadas nas experiências, apontam para as possibilidades do que pode ser realizado no futuro, orientando a ação humana, ainda que suscitando novas soluções para questões/problemas já experimentados.²²¹

No caso das políticas para as fronteiras, as experiências conflituosas entre Espanha e Portugal nos confins da América eram continuamente invocadas pelas autoridades ibéricas. O futuro de paz anunciado pelo Tratado de Santo Ildefonso não apagava o passado de guerra que envolveu os dois impérios. Os planejamentos, os temores e as esperanças (o horizonte de expectativas) para as áreas fronteiriças dialogavam com as desconfianças, as desavenças e as lutas (o espaço de experiência) que marcaram a construção dos territórios coloniais até 1777.

O encaminhamento dos trabalhos da Quarta Partida, iniciados no ano de 1780, efetivou mudanças sensíveis no dia a dia das comunidades fronteiriças do norte da América meridional. A árdua e estratégica tarefa de delimitação de fronteiras demandou recursos humanos e financeiros dos vizinhos territórios coloniais, ao mesmo tempo em que impulsionou o deslocamento pela fronteira de homens, produtos e informações. Esses fluxos fronteiriços também foram vitais na formulação das políticas para as fronteiras, ao mesmo tempo em que permitiram que se tomasse conhecimento, de maneira mais detalhada, do que se passava nos domínios limítrofes de Portugal e Espanha. O conhecimento sobre os espaços confinantes e sobre os contextos políticos dos Impérios ibéricos era incessantemente perseguido pelas autoridades envolvidas nas comissões; vale destacar, porém, que outros sujeitos (índios, soldados desertores, escravos fugidos) também faziam parte dessa paisagem em transformação, participando do processo de redefinição do território colonial e formulando leituras sobre as mudanças em curso. A formulação de expectativas quanto ao encaminhamento das demarcações e da própria configuração desses espaços valeu-se, assim, dessas experiências próprias às áreas de fronteira. Essas questões serão analisadas no capítulo seguinte.

²²¹ Há outras questões que merecem ser comentadas. Primeiramente, Koselleck não concebe uma relação estática entre espaço de experiência e horizonte de expectativa, na medida em que a conexão entre ambas pode estar sujeita a modificações. Em segundo lugar, com o triunfo da modernidade, ocorre uma diferença cada vez maior entre experiência e expectativa, na medida em que o conceito de progresso torna viável conceber o futuro como um tempo cada vez mais diferenciado (e aprimorado) em relação ao passado. KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas.” Op. cit., pp. 305-327. Por fim, deve-se destacar que no pensamento dos intelectuais e homens de Estado de Portugal e Espanha do século XVIII, embora a ideia de que a prosperidade futura das monarquias seria alcançada através das políticas reformistas, esse futuro estaria referenciado pelas supostas glórias do passado dos impérios português e espanhol nos séculos XV e XVI. Tratava-se, assim, de recuperar no futuro o apogeu existente no passado, não constituindo assim uma concepção moderna de futuro, isto é, como algo absolutamente novo e diferenciado em relação às experiências anteriores.

CAPÍTULO II

DEMARCAÇÕES E CIRCULAÇÕES ENTRE O RIO NEGRO E MAYNAS.

A partir de 1780, a definição dos limites políticos entre as possessões coloniais americanas voltou a ser um desafio enfrentado pelas autoridades ibéricas. Naquela oportunidade, iniciaram-se os trabalhos das Partidas espanholas e portuguesas para a demarcação das fronteiras no continente americano. Segundo o Tratado de Santo Ildefonso, a demarcação deveria ser feita por quatro divisões luso-espanholas, “cada uma delas composta de dois comissários principais, dois engenheiros, dois geógrafos e dois práticos do país, com a comitiva proporcionada a este número de gente e ao serviço que for incumbida.” A primeira pertenceria “à distribuição do Rio de Janeiro”, a segunda ao governo de São Paulo, a terceira ao do Mato Grosso e a quarta ao governo do Estado do Grão-Pará.¹

Nesse capítulo, parte significativa dos documentos analisados foi produzida pelos comandantes da Partida portuguesa e da espanhola, respectivamente, João Pereira Caldas e Francisco Requena. Embora não tenham sido os únicos a assumirem o cargo, foram eles os que permaneceram nele por mais tempo. Os ofícios escritos por Pereira Caldas e Requena são reveladores dos conflitos e das interações que marcaram o cotidiano das Partidas, assim como dos planejamentos políticos dos Impérios ibéricos para suas fronteiras americanas. Cabe, aqui, apresentar alguns dados sobre esses dois importantes personagens.

A direção da Partida portuguesa ficou a cargo, primeiramente, de João Pereira Caldas, oficial com larga experiência no Estado do Grão-Pará e com fortes vínculos políticos e familiares com a família de Sebastião José de Carvalho e Melo. Na década de 1750, Pereira Caldas chegou à região para trabalhar nas comissões demarcadoras de limites determinadas pelo Tratado de Madri, assumindo o posto de ajudante de ordens do governador e capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado. No final da década, assumiu Pereira Caldas o governo da Capitania de São José do Piauí, cabendo a ele implementar um amplo programa de reformas e estruturação econômica e governativa dessa capitania, onde permaneceria até o

¹Essas informações foram repassadas por João Pereira Caldas a Teodósio Constantino de Chermont, em ofício de 30 de dezembro de 1780. Cf.: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.3, D.213. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 21/01/1781.

final da década de 1760. No ano de 1772, Pereira Caldas tomou posse do cargo de capitão-general do Estado do Grão-Pará e Rio Negro, governando-o até 1780. Após conclusão de seu governo no Grão-Pará, Pereira Caldas deveria ter assumido o comando da Capitania do Mato Grosso, o que não se efetivou, já que ele foi empossado das funções de Plenipotenciário da Quarta Divisão de Limites, instalando-se na vila de Barcelos. João Pereira Caldas deixaria suas funções na Partida portuguesa em 1788, sendo então substituído por Manuel da Gama Lobo d'Almada, o qual também assumiu o governo da Capitania do Rio Negro. De volta a Portugal, no ano de 1790, Pereira Caldas foi agraciado com o cargo de conselheiro do Conselho Ultramarino, um reconhecimento pelos anos de serviços prestados no continente americano. Essa experiência nos sertões da América lusa seria importante para as tarefas assumidas por Pereira Caldas durante os trabalhos de demarcação de limites, em que o conhecimento da natureza e das populações das zonas de fronteira se mostraria estratégico para a defesa dos interesses portugueses na região. Morreu em Lisboa em 1794.²

Em relação à Partida espanhola, sua direção foi determinada para Don León García Pizarro, o qual deveria assumir o posto de Primeiro Comissário e de Governador da Província de Maynas. Contudo, García Pizarro não assumiu tais funções tendo em vista sua nomeação para presidir a Audiência de Quito, ficando o governo de Maynas e a direção da Partida nas mãos de seu *ayudante de ordens*, Don Francisco Requena y Herrera. Francisco Requena era um militar com larga experiência na América. Nascido no ano de 1743 em Mazalquivir (na baía africana de Orán), Requena era filho de um contador do Exército espanhol, tendo ingressado aos 15 anos na escola militar local, integrando-se depois ao regimento de engenheiros de Orán, quando iniciou seus trabalhos como engenheiro militar. Em 1764, no posto de subtenente, Requena partiu para a América, mais especificamente para o Panamá, realizando trabalhos cartográficos e de arquitetura militar em Cartagena, Portobelo e Chagres. Tornou-se ele subtenente de engenheiros em 1762, e em 1764, já alferes, rumou para a Audiência do Panamá, sendo destacado alguns anos depois para Guayaquil, onde trabalhou em projetos de fortificação e de levantamento cartográfico. Além dessas atividades, ocupou-se do levantamento de mapas dos *corregimientos* da Audiência de Quito. Em 1776, durante as preparações para um possível conflito militar luso-espanhol (o que foi abordado no capítulo anterior), o já capitão Requena realizou uma descrição dos rios que ligavam a cidade de Quito ao Marañón. Dois anos mais tarde, era ajudante de ordens de García Pizarro, e no ano

² Fabiano Vilaça dos SANTOS. “Uma vida dedicada ao Real Serviço: João Pereira Caldas, dos sertões do Rio Negro à nomeação para o Conselho Ultramarino (1753-1790).” *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 26, n. 44, jul/dez. 2010, pp.499-521.

seguinte Requena assumiu o cargo de Primeiro Comissário da Partida espanhola de demarcação, bem como o governo de Maynas, tendo autoridade também sobre as províncias vizinhas de Quixos e Macas. Logo Francisco Requena, já no posto de Coronel, e seus comandados partiriam para o lado português da fronteira, onde permaneceriam até 1791, quando retornaram a Maynas, depois de uma série de desavenças com as autoridades portuguesas. De volta a Espanha, Requena se ocupou da elaboração de estudos e mapas sobre as fronteiras luso-espanholas, como a *História de las Demarcaciones*, escrita com a colaboração do secretário de Estado Don Vicente Aguilar Jurado, e o *Mapa de la América Meridional*. No ano de 1798, Francisco Requena ingressou como membro do *Consejo Real Supremo de Indias*, e em 1802 tornou-se vocal da *Junta de Generales Consultiva de Defensa de ambas Indias*. No ano de 1812 foi nomeado conselheiro de Estado pelas Cortes de Cádiz, vindo a falecer em Madri em 1824.³

Tal como no caso da Partida portuguesa, o comando da comissão espanhola foi assumido por um militar com uma folha de serviços na América de peso, embora Requena, ao contrário de Pereira Caldas, não tivesse antes das demarcações assumido postos de governo no continente. De qualquer modo, Requena era um militar com experiência na elaboração de mapas e na formulação de planos defensivos, tarefas importantes nos serviços das demarcações. De volta a Europa, a experiência nas fronteiras americanas conferiu a Requena e a Pereira Caldas reconhecimento e cargos de prestígio junto a suas respectivas Cortes.

A comissão portuguesa, composta por cerca de 500 pessoas (entre oficiais, soldados e índios), chegou a vila de Barcelos em outubro de 1780. A comissão, tendo o Governador e Capitão General do Grão-Pará João Pereira Caldas como seu Plenipotenciário, contava ainda como Primeiro Comissário o Tenente-Coronel Theodoro Constantino de Chermont. O Tenente-Coronel João Batista Mardel também viria a ocupar o cargo de Primeiro Comissário, enquanto que o Coronel Manoel da Gama Lobo d'Almada igualmente viria a ocupar o comando do Rio Negro e dos trabalhos de demarcação, em substituição a Pereira Caldas.⁴ No

³ Eric BEERMAN. *Francisco Requena. La Expedición de Límites: Amazonía, 1779-1795*. Madrid: Compañía Literaria, 1996; José Luis del RÍO SARDONIL. "Don Francisco Requena y Herrera: una figura clave en la Demarcación de los Límites Hispano-Lusos en la cuenca del Amazonas (s. XVIII)." *Revista Complutense de Historia de América*. Madrid: 2003, n. 29, 51-75.

⁴ Além desses homens, a Partida portuguesa contou ainda entre seus oficiais com o Tenente Coronel Henrique João Wilckens como Segundo Comissário, o Sargento-Mor Joaquim Antunes do Valle como Ajudante de Ordens, o Sargento-Mor de Infantaria Euzébio Antônio de Ribeiros como cartógrafo, o Capitão de Infantaria Pedro Alexandrino Pinto de Souza como cartógrafo, o capitão de Infantaria José Simões de Carvalho como astrônomo e cartógrafo, o Capitão Severino Euzébio de Matos como cartógrafo, o Tenente Francisco Luiz Carneiro como desenhista, o Capitão João Bernardes Borralho como almoxarife de viagem, o Alferes José Joaquim Cordeiro como administrador da Real Mesa da Expedição, o Padre Pedro Thomaz como capelão, o

ano seguinte, no mês de abril, os espanhóis chegaram ao território do Rio Negro, mais especificamente à vila de Tabatinga, trazendo aproximadamente 300 indivíduos.⁵ No ano de 1781, o ponto de reunião das duas partidas foi a vila de Ega (Tefé), a qual se tornou um espaço privilegiado de convívio entre os oficiais ibéricos. A vila, por sua vez, teve que passar por uma intensa reformulação de seu espaço a fim de abrigar o contingente de homens empregados nas demarcações, obrigando-se muitos moradores a cederem suas casas aos novos habitantes.⁶

Entre as tarefas exercidas pelas comissões, uma das mais importantes era reconhecer os rios e assinalar os marcos divisórios entre os dois territórios – na precisa expressão de Neil Safier, tratava-se de “transformar água em linhas.”⁷ Em observância às determinações contidas no Tratado de Santo Ildefonso para a definição do limite norte, as partidas demarcatórias luso-espanholas deveriam explorar o rio Javari, reconhecer as ligações entre os rios Japurá e Negro, bem como averiguar a existência de rios e lagoas mais ao norte,

capitão José Antônio Landi nos trabalhos de exploração, o Capitão Antônio Coutinho de Almeida como provedor, o Capitão José Antônio Carlos de Avellar como secretário, o Capitão Francisco Xavier de Andrade como almoxarife e tesoureiro, o Alferes Sebastião José Prestes como escrivão da Fazenda Real da Expedição, o Soldado da Cavalaria Bernardo Francisco de Paula como amanuense da provedoria, o Anspeçada Domingos Antônio de Sampaio também como amanuense da provedoria, o Cabo de Esquadra João Lopes na escrituração, o Soldado Granadeiro Mathias José da Silva como ajudante do fiel do armazém, contando também a Partida com o primeiro cirurgião Antônio José de Araújo Braga, o cirurgião Francisco de Almeida Gomes, o ajudante de cirurgia José Ferreira, o escriturário Francisco Jacob do Rio, o fiel do armazém José Antônio da Cunha e o cadete Antônio Pinto. Desses homens, alguns já tinham experiência nas demarcações da década de 1750, como Pereira Caldas, Chermont, Wilckens e Landi. Cf.: Simeia Maria de Souza TORRES. *Onde os Impérios se Encontram: Demarcando fronteiras coloniais nos confins da América (1777-1791)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: PUC, 2011, pp. 46-50.

⁵ O oficialato da comissão espanhola era composto pelo já mencionado Primeiro Comissário Don Francisco Requena, o Segundo Comissário Don Felipe de Arrechua y Sarmiento, o astrônomo e geógrafo Apolinário Días de la Fuente, o Sargento-Mor de Naturais ou de Índios Joaquin Fernandes del Busto, o Tenente de Milícias Juan Manuel Benitez (empregado como provedor e tesoureiro da Real Fazenda), o capelão Mariano Bravo, o cirurgião Manuel de Vera, o cadete Gaspar Santisteban (cunhado de Requena, e que exerceu a função de secretário), o cadete Juan Salinas como ajudante, o oficial maior de tesouraria Felipe Ramon Alegria e o guarda de armazém Justo Ventura Munar. Tratava-se de uma comissão menor do que a portuguesa, e com oficiais nascidos na América ou com anos de vivência e serviços no continente, embora sem a experiência de trabalhos de demarcação como possuíam alguns dos oficiais portugueses. Simeia Maria de Souza TORRES. *Onde os Impérios se Encontram*. Op. cit., pp. 53-58.

⁶ Patrícia Melo SAMPAIO. “Amazônia: Fronteiras, Identidades e História.” *Ciência e Cultura*, v.61, 2009, pp.26-29. Em relato de Spix e Martius para o final da década de 1810, há referências aos tempos em que Ega sediou os trabalhos das comissões demarcadoras, quando a vila assumiu um papel importante do ponto de vista político e econômico no rio Solimões, o que marcou a memória dos habitantes da região. Segundo o relato: “ouve-se designar Ega como a corte do Solimões, nome que pôde ter merecido apenas na ocasião em que a última Comissão de Limites luso-ibérica reunida (...) aqui estava estabelecida com o seu quartel-general. A presença então de muitos estrangeiros do Pará e de Mainas produziu desusada animação, e comércio relativamente considerável (...). Ega tinha, naquele tempo, o duplo da população de agora [cerca de 600 pessoas no final da década de 1810].” Johann Baptist von SPIX e Karl Friedrich Philipp von MARTIUS. *Viagem pelo Brasil, 1817-1820. Volume III*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1983, pp. 178-179.

⁷ Neil SAFIER. “The Confines of the Colony: Boundaries, Ethnographic Landscapes, and Imperial Cartography in Iberoamerica». In: James R. AKERMAN (ed.). *The Imperial Map: Cartography and the mastery of Empire*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2009, 145, pp. 133-183.

assegurando assim a posse espanhola sobre os estabelecimentos no Orinoco e a dos portugueses nos rios Negro e Branco.⁸

Figura 1

Plano que manifiesta la figura de los Marcos construidos para colocar, con sus respectivas inscripciones, en la boca del Río Yavarí y en la más occidental del Yapurá, límites de las dos Coronas de España y Portugal, según el tratado de 1777. AHN, Estado MPD 95. A identificação dos pontos limítrofes e o estabelecimento de marcos como o representado na figura eram atividades primordiais executadas pelas comissões demarcadoras. No texto que acompanha a imagem (assinado por Francisco Requena e Teodosio Constantino Chermont), são estipuladas as coordenadas de localização do marco, bem como as regras de navegação que deveriam ser obedecidas por vassallos portugueses e espanhóis, condições básicas para o exercício da soberania das Coroas ibéricas nos limites americanos.

Em 1781, esses trabalhos foram realizados no rio Javari, colocando-se um marco divisório em sua embocadura, assim como no canal do Auaty paraná, considerado pelos portugueses a boca mais ocidental do rio Javari. No ano seguinte, porém, o reconhecimento do rio Japurá (conhecido como Caquetá na parte espanhola) opôs frontalmente as duas comissões, havendo divergências entre ambas na definição de qual seria a boca mais ocidental do dito rio. Tanto no Tratado de Madri quanto no de Santo Ildefonso, o Japurá foi considerado

⁸ Simeia Maria de Souza TORRES. *Onde os Impérios se Encontram*. Op. cit., p. 107.

Tratado de Madri. Contudo, a demarcação do Japurá não chegou a ser concluída, apesar dos estafantes trabalhos empreendidos por portugueses e espanhóis. Diante do impasse, os comandantes das partidas espanhola e portuguesa ficaram à espera de deliberações de suas respectivas Cortes sobre como resolver a questão.

Figura 2

Raudal Mirí en el río Yapurá. A. Comisarios español y portugués. B. Embarcaciones pasando a la liga después de descargadas en que se vinieron algunos soldados. C. Pongo o estrechura muy correntosa [autoria de Francisco Requena]. Acervo da Biblioteca Oliveira Lima, The Catholic University of America, Washington DC]. Disponível on line: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.148/4506>. Francisco Requena produziu uma série de aquarelas que constitui um precioso registro visual do cotidiano das demarcações, representando, entre outras coisas, a paisagem da fronteira, os tipos humanos que compunham as expedições de demarcação e a própria tarefa de reconhecimento do espaço, como na figura acima.

A não conclusão dessa tarefa, considerada de importância estratégica naquela fronteira, levou ao afastamento do Primeiro Comissário Chermont, em 1783, sendo então substituído pelo Segundo Comissário Wilckens, e logo depois pelo Tenente Coronel João Batista Mardel. No mesmo período, João Pereira Caldas partiu para Ega para acompanhar os trabalhos de demarcação, enquanto que Manoel da Gama Lobo d'Almada (que assumiu o comando militar do Rio Negro em 1784, vindo a ser governador dessa capitania entre 1788-1799) seguiu para a parte superior do Rio Negro, no intuito de fazer reconhecimento dos rios daquela parte, principalmente as possíveis comunicações entre o alto rio Negro e o Japurá, assim como a exploração do rio Branco. Além disso, chegava à capitania a expedição de

Alexandre Rodrigues Ferreira (que permaneceu na região entre 1783 e 1792), a qual deveria receber todo o apoio por parte das autoridades lusas envolvidas na demarcação.¹¹

Mapa 1.7

Mapa de una parte del Rio Yapura : comprendida desde su entrada en el Rio Maran por su boca ms occidental hasta el pueblo de San Antonio de Maripi, Francisco Requena (1788). Disponvel on-line: <http://www.loc.gov/item/2003683910>. Trata-se de uma representao do rio Japur de autoria de Requena, percorrido por portugueses e espanhis no incio da dcada de 1780, em uma expedio que se tornou objeto de discordncias entre os demarcadores ibricos.

¹¹ Simeia Maria de Souza TORRES. "Dominios y Fronteras en la Amazona Colonial. El Tratado de San Ildefonso (1777-1790)." *Fronteras de la Historia*, ao/vol.8, 2003, pp. 198-205.

Essas ações tornaram possível o reconhecimento de conexões fluviais e terrestres entre alguns dos principais rios das zonas fronteiriças. Ao mesmo tempo, espanhóis e portugueses puderam realizar viagens por áreas não previstas pelos acordos de demarcação firmados entre as Coroas, o que alimentou desavenças entre as autoridades ibéricas. No final da década de 1780, quando o governo do Rio Negro e o comando da Partida portuguesa estavam nas mãos de Manoel da Gama Lobo d'Almada, as desavenças entre portugueses e espanhóis foram agravadas, na medida em que Lobo d'Almada procurou controlar a circulação da comissão de Requena no Rio Negro. Em 1791, como foi mencionado anteriormente, a Comissão espanhola retirou-se de volta para a Província de Maynas, pondo fim ao trabalho conjunto das autoridades ibéricas na demarcação dos limites. Oficialmente, os trabalhos da Partida espanhola prosseguiram até 1804.¹²

Mapa 2.4

Carta del Virreinato de Santa Fé y de la Capitanía General de Venezuela. In: Atlas geográfico e histórico de la República de Colombia, 1890 [Detalhe: Rios percorridos pelas partidas hispano-portuguesas nos anos de 1781 e 1782]. Disponível on line:

[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9c/Virreinato de Santaf%C3%A9 y Capitan%C3%ADa General de Venezuela.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9c/Virreinato_de_Santaf%C3%A9_y_Capitan%C3%ADa_General_de_Venezuela.jpg). Nesse mapa da última década do século XIX, as linhas em vermelho representam duas rotas importantes dos trabalhos conjuntos das Partidas na década de 1780, destacando-se a vila de Ega como ponto de confluência das demarcações.

¹² Simei Maria de Souza TORRES. “Dominios y Fronteras en la Amazonía Colonial. El Tratado de San Ildefonso (1777-1790).” Op. cit., p.206-213. Como será visto no capítulo 4, há referências a trabalhos de reconhecimento da fronteira em Maynas na década de 1810, bem como críticas à continuidade da estrutura administrativa da comissão demarcadora nessa província, o que indica que os trabalhos não foram finalizados no lado espanhol no ano de 1804.

Nesse capítulo, não se pretende analisar propriamente os trabalhos de demarcação de fronteiras empreendidos pelas Partidas luso-espanholas no final do século XVIII.¹³ O que se objetiva abordar são as interações entre demarcadores e outros sujeitos naquele espaço fronteiriço durante a vigência das demarcações. As demarcações exigiram e viabilizaram as aproximações entre autoridades e moradores dos dois lados da fronteira, no caso específico desse trabalho, a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas. Essas aproximações poderiam ser permeadas por desconfianças, gerando conflitos, ao mesmo tempo em que possibilitaram a troca de mercadorias e a circulação de pessoas.¹⁴

As interações na fronteira americana concretizavam, no plano local, as relações sustentadas entre Espanha e Portugal nas décadas finais do século XVIII. Tratavam-se de relações permeadas por tensões e auxílios, aproximações e desconfianças, alianças e competições, enveredando para a eminência de um conflito armado. O espaço da fronteira americana, nesse sentido, não poderia deixar de refletir essas variações do conjunto do qual faziam parte (os Impérios espanhol e português). Contudo, ao mesmo tempo as interações na fronteira concorreram para que se forjasse o espaço de experiência¹⁵ a partir do qual as autoridades ibéricas planejaram suas práticas políticas. Por meio dos trabalhos de demarcação, os representantes das Coroas ampliaram seu conhecimento sobre seus territórios, como também a respeito dos territórios confinantes, e puderam formular suas expectativas e suas medidas práticas para as regiões limítrofes das colônias. O tempo das demarcações foi também um tempo de circulações nas zonas limítrofes, como de pessoas e produtos, alterando o cenário social e econômico daquele espaço. Com isso, as interpretações e decisões das autoridades coloniais sobre a fronteira, ao mesmo tempo que se valiam de referências ao passado¹⁶ da conquistas de Espanha e Portugal na América e das relações entre os dois reinos

¹³ Sobre esse tema, conferir: Simeia Maria de Souza TORRES. *Onde os Impérios se Encontram*. Op. cit.

¹⁴ A circulação de informações no espaço fronteiriço será abordada no próximo capítulo.

¹⁵ Reinhart KOSELLECK. “Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas.” In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, pp. 305-327. Conferir também: João Paulo G PIMENTA. *O Brasil e a América Espanhola (1808-1822)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, pp. 15-26.

¹⁶ Ainda segundo Koselleck, ocorre no século XVIII uma transformação no modo como as sociedades europeias concebem a relação entre passado e futuro, deixando aquele de ser compreendido como uma fonte exemplos para a interpretação das consequências das ações praticadas pelos homens. O advento da modernidade nesse período marca, entre outras coisas, a concepção de que o futuro será cada vez mais diferenciado em relação ao passado, processando-se uma ruptura com as experiências anteriores que torna imprevisíveis os desdobramentos das ações humanas. Ocorre, assim, a “destruição do espaço tradicional da experiência,” aquele que concebia a história como a mestre da vida, pois já não “se pode mais esperar conselho a partir do passado, mas sim apenas de um futuro que está por se constituir.” Reinhart KOSELLECK. “Historia Magistra Vitae: Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento.” In: *Futuro Passado*. Op. cit., pp. 41-60.

(como foi abordado no final do capítulo anterior), tornaram-se mais complexas com as modificações que estavam ocorrendo nas áreas limítrofes durante as demarcações. Essas experiências na fronteira, viabilizadas pelas interações dos sujeitos nos limites luso-espanhóis da América, ajudaram a moldar as territorialidades coloniais, deixando marcas também nos espaços nacionais que seriam construídos a partir do século XIX.

Nesse capítulo, serão consideradas as aproximações e circulações ocorridas durante os trabalhos demarcatórios, enfatizando-se a de homens e produtos, bem como as interpretações e medidas adotadas pelas autoridades envolvidas nas demarcações. No primeiro item do capítulo, serão abordados os contatos entre oficiais espanhóis e portugueses, o que suscitava colaborações e desconfianças entre os demarcadores. Em seguida, será analisada a circulação de mercadorias, ou seja, a ocorrência de trocas comerciais entre Maynas e Rio Negro durante as demarcações. Na terceira parte do capítulo, serão discutidos os fluxos de pessoas entre os dois lados da fronteira, principalmente de populações indígenas, soldados e desertores.

2.1- A demarcação de limites sob o espectro da guerra.

Os acordos diplomáticos firmados entre as Coroas de Portugal e Espanha, em fins da década de 1770, buscaram pôr fim às disputas territoriais em suas possessões americanas, prevendo igualmente a cooperação mútua na definição das fronteiras coloniais e a manutenção da paz entre os dois impérios. No que se refere às comissões para demarcação na América, o Tratado de Santo Ildefonso estipulou que os representantes portugueses e espanhóis deveriam prestar auxílio uns aos outros para o bom andamento dos trabalhos de reconhecimento e delimitação do espaço fronteiriço.

A despeito das declarações de entendimento e cooperação presentes nos tratados luso-espanhóis, a realização do empreendimento de demarcação dos limites deixou clara a persistente desconfiança que mediava a interação entre as autoridades ibéricas. Para os oficiais encarregados da demarcação, a declaração de paz perpétua entre Portugal e Espanha não implicava desconsiderar a longa história de disputas entre os dois reinos, na qual as colônias assumiam a condição de espaço privilegiado para a eclosão de conflitos. Além da longa experiência conflituosa, o encaminhamento das demarcações deveria levar em consideração a possibilidade de novas disputas e guerras, cabendo aos demarcadores avaliar a conjuntura política e suas possíveis implicações nas zonas fronteiriças, bem como preparar o território para conflitos futuros.

Considerações dessa natureza foram de extrema importância para a formulação e encaminhamento de medidas voltadas para a organização territorial do Rio Negro e de Maynas, em que a situação de fronteira imperial da capitania portuguesa e da província espanhola pesava na forma como as autoridades lusas e castelhanas planejavam a disposição das vilas no espaço. No caso português, pode-se entender a proposta apresentada por João Pereira Caldas, em 1785, de estabelecer a capital da Capitania na boca do Rio Negro, local considerado mais seguro contra futuras agressões militares dos espanhóis dirigidas não apenas ao território rio-negrino, como também ao restante do Estado do Grão-Pará e à fronteira oeste da América portuguesa. Escrevendo para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, Pereira Caldas justificou seu projeto afirmando:

(...) considero que a Capital da Capitania se deve estabelecer na boca deste Rio Negro, pois que ficando assim como no centro da mesma Capitania, e com tantos mais abundantes e cômodos meios para do diário alimento subsistir, é fácil de reconhecer pelo respectivo mapa o quanto *por razões políticas e militares* convém não desprezar ou demorar o dito estabelecimento, para evitar-se que, *havendo no futuro algum ataque dos espanhóis pelo rio Solimões ou Amazonas abaixo, segundo as maiores noções que lhe tem subministrado a atual diligência de demarcação*, eles se não senhoreiem daquele vantajoso posto cortando a comunicação deste Rio Negro, e cercando, reduzindo e fazendo inúteis todas as forças que no mesmo, no Branco e suas fronteiras existem, e que nesses termos com tanto melhor sucesso poderão atacar da parte do Orinoco, e assim proporem-se e confiarem *a conquista de toda a Capitania, e olharem depois para o mais do Estado, e para o Mato Grosso*, conforme repetidas vezes tenho ponderado a V. Ex^a, e o quanto com tempo se precisa precaver todo aquele iminente risco.¹⁷

Da parte das autoridades de Castela, as inquietações eram semelhantes. Para o Primeiro Comissário espanhol, Francisco Requena, os trabalhos de sua comissão deveriam atentar para os prováveis movimentos de tropas portuguesas em uma guerra, protegendo-se os espaços mais sensíveis a um ataque inimigo. Os limites dos domínios hispano-americanos deveriam ser guarnecidos, evitando-se que forças portuguesas alcançassem partes centrais das terras de Sua Majestade Católica no Novo Mundo. Assim, no ano de 1781, no início dos trabalhos das Partidas de demarcação, Requena escreveu sobre a necessidade de reforçar as defesas do rio

¹⁷ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.9, D. 370. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 19/02/1785 (grifos meus).

Putumayo contra as incursões vindas do lado português da fronteira. Na boca do Putumayo deveria ser estabelecido um “respetable destacamento mandado por un oficial de juicio, entereza y buena conducta,” devendo ser colocado outro posto militar na “boca más occidental del río Japurá” com a finalidade de criar obstáculos aos ataques lusos. Requena destacou que as medidas eram importantes caso viesse a ocorrer “alguna guerra” com Portugal, visto que os sobreditos rios possuíam “fáciles comunicaciones con nuestras Provincias de Quito, Popayan, Napo y otros territorios de nuestro dominio.”¹⁸

Na interpretação de oficiais da Partida espanhola, a forma como os trabalhos de demarcação eram conduzidos pelos portugueses visava tão somente efetivar o avanço territorial sobre os domínios espanhóis, angariando à Coroa portuguesa, mediante as demarcações, o que poderia ser conquistado através da guerra. No caso dos trabalhos de reconhecimento e delimitação do rio Japurá e seus afluentes, os portugueses estariam prolongando excessivamente o deslocamento da Partida para a direção norte, sob o pretexto de encontrar “aquella imaginada cordillera de montes que indica el artículo 9º del Tratado de Límites de 1750”, como observou o Primeiro Comissário espanhol. Tal percurso, entretanto, não tinha outro objetivo que não aproximar-se os portugueses de “nuestros distritos poblados en aquel Virreynato [de Santa Fe] y en la Capitanía General de Venezuela.”¹⁹ Os novos desenhos territoriais que se projetavam à partir das demarcações representariam, dessa forma, um perigo para o conjunto das possessões espanholas no norte da América Meridional, na medida em que a diplomacia e o trabalho dos demarcadores lusos alcançavam vantagens estratégicas para futuras guerras contra os espanhóis.

A possibilidade de novos conflitos assumia um papel de peso nos planejamentos de configuração dos espaços imperiais no continente, em que os futuros limites territoriais deveriam oferecer vantagens estratégicas em prováveis enfrentamentos armados entre as duas Coroas. Considerações dessa natureza alimentaram boa parte das divergências que opuseram espanhóis e portugueses nos trabalhos de demarcação. Essas questões foram levantadas em 1782 pelo oficial Henrique João Wilckens, em ofício escrito durante viagem de reconhecimento do rio Japurá e enviado a João Pereira Caldas. No dito ofício, Wilckens

¹⁸ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Jose de Galvez. Ega, 30/01/1781. Para as autoridades portuguesas, era interessante manter sob controle os rios que se comunicavam com as áreas mais prósperas do território colonial espanhol no continente. Entre os rios que possivelmente apresentavam essa vantagem estava o Jari, no qual se supunha haver ouro, e “é assim bem acreditar pela maior vizinhança das minas espanholas de Popayán,” segundo especulou João Pereira Caldas. Rio Negro, AHU_ACL_CU-020, Cx.5, D. 244. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 31/05/1782.

¹⁹ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Jose de Galvez. Ega, 08/03/1783.

defendeu a posse por Portugal da margem norte do rio dos Enganos, também reivindicada pelos espanhóis. Em sua avaliação, Wilckens ressaltou que essa posse garantiria aos portugueses vantagens não apenas do ponto de vista do aproveitamento econômico do território (exploração de áreas ricas em produtos extrativos e acesso à mão de obra indígena), mas também de sua defesa contra tentativas de invasão dos castelhanos, colocando-se em suas margens presídios para proteção da fronteira. Afirmou Wilckens:

(...) tenho a honra de lembrar a Vossa Excelência que instar se deve sobre a posse da margem norte neste dito rio dos Enganos ou Cumuari, pois que a maior fertilidade do terreno entre o Apaporis e o dito compreendido, os mais eficazes meios subministra para úteis estabelecimentos para muitos descimentos de gentios, para a oportuna colheita de salsa e cacau, para a abundância de mantimentos que oferece o bosque, é o rio, pela bela qualidade das suas terras e elevados solos, guarnecido de excelentes e diferentes madeiras, *e ultimamente por ser o mais vantajoso para alguns presídios, ou presídio, que impedir e vigiar possa as incursões e comunicações clandestinas dos espanhóis.*²⁰

Outro caso exemplar, nesse sentido, foram as discussões entre as duas partidas sobre a entrega de Tabatinga aos espanhóis. De acordo com o Tratado de 1777, os estabelecimentos situados em terras que seriam cedidas (tanto para a Coroa espanhola quanto para a portuguesa) deveriam ser entregues, como era o caso de Tabatinga.

²⁰ APEP, Códice 383, Documento 96. Ofício de Henrique João Wilckens a João Pereira Caldas. De viagem pela cachoeira do Cupati, do rio Japurá, 29/03/1782 (grifos meus).

Mapa 1.8:

Plano general de las montañas orientales al Reyno el Perú, pertenecientes a la Corona de España y confines de Portugal hecho de orden del Exm. Sr. Virrey B. Fr. Dn. Francisco Gil y Lemos por Dn. Andrés Baleato, año de 1795 [Detalhe]. MNM, Mapoteca, mapa 34-A-3. O mapa acima, datado de 1795 e feito por ordem do Vice-Rei do Peru, representa as frustradas expectativas dos espanhóis quanto à linha fronteira entre as possessões espanhola e portuguesa. A longa linha vertical pontilhada no canto esquerdo indica onde deveria ser o limite entre as possessões espanholas e portuguesas ("Línea que deviera ser la división de límites entre España y Portugal"), ao passo que Tabatinga é representada como o marco do limite vigente naquele momento (representado por uma pequena linha vermelha contínua), próxima de Loreto, povoação espanhola em Maynas

Para as autoridades lusas, essa entrega só poderia ser realizada respeitando algumas condições. Primeiramente, os espanhóis, para tomar posse de Tabatinga, deveriam indenizar os administradores da extinta Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão pela construção do chamado Palácio da Fronteira de São Francisco Xavier de Tabatinga. Esse

Tabatinga poderia funcionar como ponta de lança de um movimento expansionista para o interior da América lusa, colocando em risco a soberania portuguesa sobre o Grão-Pará como também sobre o Mato Grosso. Para Pereira Caldas, Tabatinga serviria para reunir forças espanholas que se internariam nos rios do Grão-Pará, cortando suas comunicações com o centro do território luso-americano. Por isso, trocar a vila fronteiriça pelas fortificações espanholas do rio Negro não traria vantagem para a Coroa portuguesa, como explicou Pereira Caldas a Martinho de Melo e Castro:

(...) parece-me que o largarmos o vantajoso posto da Tabatinga, e o deixarmos tanto internar ou descer os espanhóis pelos rios Amazonas e Madeira, ainda mesmo que nos cedam e entreguem os pretendidos fortes e estabelecimentos da parte superior deste rio Negro, *nos pode isso ser muito prejudicial*, porque em qualquer desconfiança ou rotura futura eles ficam tanto mais à mão de serem a esta Capitania e a do Pará demasiadamente pesados; pelo Amazonas, fortificando-se principalmente na Tabatinga, e estabelecendo e acumulando ali forças, que auxiliadas de outras que ao mesmo tempo acumulem, introduzam pela parte superior deste rio, lhes facilitem favoráveis sucessos em quaisquer projetadas ou deliberadas empresas, e pelo Madeira ganhando também a vantagem de se porem no meio das cachoeiras, *para lhes ser assim tanto mais fácil o cortarem-nos a importante comunicação com o Mato Grosso logo que o pretenderem, ou tal resolução tomarem.*²²

Se por um lado a entrega de Tabatinga à Espanha parecia inviável pelas ameaças que isso traria ao território luso-americano,²³ as autoridades portuguesas também especulavam a respeito das razões estratégicas pelas quais os espanhóis se negavam a ceder a Portugal parte da área fronteiriça. Nesse caso estava a proposta de entregar aos espanhóis a vila de Tabatinga em troca das fortificações de San Carlos e San Felipe, como foi mencionado. Segundo analisou João Pereira Caldas, a permuta de Tabatinga por San Carlos e San Felipe abriria caminho aos portugueses para o rio Orinoco, conferindo a eles uma vantagem sobre os espanhóis. Por tal motivo, os espanhóis não concordariam com essa troca territorial, já que eles, na visão de Pereira Caldas, estavam mais inclinados a promover a guerra do que a paz com os portugueses. Nas palavras dele

²² Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.4, D. 227. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 21/09/1781 (grifos meus).

²³ Essa questão também é abordada por Simeia Torres. Cf.: Simeia Maria de Souza TORRES. *Onde os Impérios se Encontram*. Op. cit., pp. 125-127.

O rio Cacicoari é por onde, em poucos dias, se pode fazer passagem para o rio Orinoco, porém como [as fortalezas de] San Carlos e San Felipe ficam próximos a este rio, este [é] o motivo porque os espanhóis não querem ceder estes fortes, e fazer-lhes uma tal proposição é o mesmo que situá-los num estado o mais penoso, o mais sensível, razão porque eles em nenhuma forma hão de despojar-se dessa fronteira, que vigiam hoje com o maior cuidado (...). Nestes termos queira V. Ex.^a acautelar-se em suas medidas com estes aparentes amigos, *que vem sempre explorar rios para nos trazerem à casa mais a guerra do que a paz, que por tantas razões deva permanecer entre as duas Monarquias.*²⁴

A despeito das objeções dos portugueses, o Primeiro Comissário espanhol Francisco Requena procurou efetivar a posse sobre o posto fronteiriço de Tabatinga, enviando para a vila um grupo de famílias espanholas bem como índios da Província de Maynas. Antes de se estabelecerem na vila fronteiriça, as famílias espanholas permaneceram em uma praia próxima à Tabatinga, esperando a autorização do comandante português para nela ingressarem. Contudo, ocorrendo entre os espanhóis “varias dolencias por el desabrigo e incomodidad” da praia onde aguardavam, pediu Requena permissão ao comandante de Tabatinga para que as famílias se estabelecessem o quanto antes na vila. No dia sete de março de 1781, os espanhóis chegaram a Tabatinga. As famílias espanholas iniciaram a plantação de algumas roças para sua subsistência e, tendo em vista a falta de moradias na vila, também plantaram “unos ranchos de cañas y paja para poner a cubierto no solo las dichas Familias Españolas, si no la gente del servicio de mi expedición, y más de 200 índios bogas de ella.”²⁵

²⁴ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.4, D. 236. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 02/01/1782 (grifos nossos).

²⁵ APEP, Códice 380, Documento 52. Ofício de Francisco Requena a João Pereira Caldas. Ega, 14/01/1783.

Figura 4

Plano de la población de Tabatinga cedida por los Portugueses a los Españoles en virtud del Tratado de Paz y Límites de 11 de Octubre de 1777 (...). Tabatinga, 24 de Junio de 1781, Francisco Requena. AHN, Estado MPD 107. As letras indicam as principais construções de Tabatinga e suas funções militares e para a expedição demarcadora, a saber: “A. Fortaleza de madera. B. Quartel cubierto de paja. C. capilla también de paja. D. Hermosa casa de campo que llaman Palacio, construída el Año de 1775, de Orden del Rey de Portugal. E. Almacen de Polvora empleado para hospital, por las partidas de Expedición. F. Casas que hallaron los Españoles. G. Casas mandadas hacer por el Comisario Español para los Pobladores que tiene trasladados. H. Otras casas proyectadas, señalados los solares con estantes y estacadas. Y. Yslas de casas que se deben hacer, quando se aumente el Pueblo, por el modelo que se ve en n. J. Paraje en que se debe construir una Fortaleza para impedir la Navegación del Marañón a los Portugueses, hacia las Misiones de Maynas.” Mais do que uma representação do espaço de Tabatinga, esse plano indica as expectativas que estavam sendo gestadas pelos demarcadores espanhóis para o local, que deveria ser ocupado por famílias espanholas e servir como barreira aos avanços de embarcações portuguesas para a Província de Maynas.

A chegada dessas famílias a Tabatinga causou desentendimentos com as autoridades portuguesas, que julgaram que isso só poderia ser concretizado após a entrega dos fortes espanhóis a Portugal. A oposição do comandante de Tabatinga, Francisco Vitorino da Silveira, obrigou os espanhóis a voltarem a Maynas, o que, evidentemente, levou Requena a representar protestos às autoridades lusas sobre o desenrolar desse caso. O fato de alguns espanhóis chegados a Tabatinga portarem armas contribuiu para a desconfiança entre os oficiais portugueses, contudo Requena argumentou que as armas haviam sido compradas de portugueses, e que eram necessárias para os espanhóis se protegerem de possíveis agressões dos índios Mura (o que será discutido posteriormente). Além disso, algumas famílias

começaram a se dedicar a suas roças, ponto também criticado pelos militares de Tabatinga, ao que o Primeiro Comissário espanhol defendeu como uma medida necessária para garantir a subsistência dos espanhóis.²⁶ O mais importante nos protestos de Requena, entretanto, foi lembrar aos portugueses de que a entrega da vila de Tabatinga e “de su costa hasta la boca más occidental del Japurá” eram pontos determinados pelo Tratado preliminar de 1777, e que portanto deveriam ser acatados sem demora.²⁷

Pereira Caldas, por sua vez, argumentou a Requena que o Tratado preliminar não determinava a entrega imediata por ocasião da reunião das duas Partidas, como interpretava o Comissário espanhol, condicionando-a à cessão das fortalezas espanholas. Com relação à entrega da boca mais ocidental do Japurá, era preciso antes, segundo Pereira Caldas, seguir “o exame e reconhecimento da fronteira.” A respeito da presença das famílias espanholas em Tabatinga, o comandante local não havia recebido ordem para permiti-la, embora, segundo soube Pereira Caldas, os espanhóis tenham sido tratados “com a atenção sempre devida a venturosos vassallos de tão Excelso e Magnânimo Monarca.”²⁸ Em outra oportunidade, ressaltou o Plenipotenciário da Partida portuguesa ao Primeiro Comissário espanhol que o oficial superior de Tabatinga tinha, de fato, ordens para não permitir que as famílias espanholas para lá enviadas plantassem roças, mas que as autoridades lusas se encarregariam de facilitar a remessa de farinha para os espanhóis.²⁹ Nas objeções dos oficiais portugueses à cessão da povoação fronteira aos espanhóis, outro argumento foi levantado: segundo as negociações diplomáticas das Cortes ibéricas, as povoações fronteiriças que deveriam ser entregues eram aquelas fundadas anteriormente ao Tratado de 1750, o que não incluiria Tabatinga, pois sua fundação havia se dado posteriormente, em 1766.³⁰

²⁶ Segundo Requena, a oposição do comandante militar local, apoiada pelo Primeiro Comissário português, criava para os espanhóis em Tabatinga obstáculos aos “medios precisos de su natural conservación,” como se fosse objetivo das autoridades lusas obrigar aquelas famílias a retornar a Maynas. APEP, Códice 383, Documento 01. Ofício de Francisco Requena a João Pereira Caldas. Tefé, 08/01/1782.

²⁷ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.6, D. 269. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 12/05/1783.

²⁸ APEP, Códice 399, Documento 08, Anexo I. Ofício de João Pereira Caldas a Francisco Requena. Barcelos, 05/04/1783. Ver também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.6, D. 269. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 12/05/1783.

²⁹ APEP, Códice 383, Documento 17. Ofício de João Pereira Caldas a Francisco Requena. Ega, 28/01/1782.

³⁰ Simeia Maria de Souza TORRES. *Onde os Impérios se Encontram*. Op. cit., pp. 111-112.

Mapa 1.9

Mapa de una parte del río Marañón en que se manifiesta la costa septentrional, comprendida desde la Fortaleza de Tabatinga, en frente de la boca del río Yavarí, hasta la boca más occidental del Yapurá, que por el tratado de 1777 debía haver entregado la corona de Portugal a la de España (...). AGS, M.P. y D., legajo XVIII, Documento 34. Nesse mapa elaborado pela Partida espanhola, as explicações que o acompanham ressaltam os planejamentos bélicos para a fronteira, indicando os principais destacamentos militares e as povoações portuguesas fundadas em terras que deveriam pertencer à Coroa espanhola. Além disso, novas povoações, fundadas no decorrer das demarcações, são assinaladas, registrando as transformações em curso naquele espaço. De modo geral, o mapa é uma representação no espaço da experiência dos conflitos já ocorridos entre portugueses e espanhóis durante as demarcações, e sobre as possibilidades de novos, a julgar pela reforço bélico luso nos pontos fronteiriços às terras de Espanha. As notas explicativas são as seguintes: “A. Fortaleza de Tabatinga a donde han conducido Artillería, que nunca la tubieron ni aun em tempo de la ultima Guerra, y es donde tienen em el día mucha más guarnición, con la qual mantienen un destacamento en el Pueblo de Yavarí, una Guardia en una Ysla por ensima de la misma Fortaleza, y unos botes de Guarda costas cruzando siempre el Rio. B. Destacamento de la boca del Rio Putumayo, a donde han trasladado también Artillería. D. Entrada del caño de Abatiparaná, que lleva las agoas del Marañón al Yapurá, adonde han puesta una Guardia. E. Destacamento en el Pueblo de Fontebo, para cubrir otros caños que del Marañón salen al Yapurá. F. Otro destacamento en el Pueblo de Maripi dentro del Rio Yapurá cerca de donde desemboca el Caño de Abatiparaná. G. Otro destacamento en una barrera en que se estrecha el Marañón. H. Guardia colocada a la salida del Rio Tefé en el Marañón en cuyo lago inmediato donde esta el Pueblo de Ega, se hallan las Partidas de Expedición detenidas por no querer los Portugueses a dar curso a las demarcaciones. Al citado Pueblo de Ega o Tefé han traído también Artillería. Y. Pueblos que por la demarcación devian quedar a la Corona de España, pero ya des poblados y destruidos por los Portugueses poco antes del Reconocimiento echo de aquellos terrenos por la Partida Española. J. Nuevas Poblaciones echas por los Portugueses en la margen Septentrional del Yapurá con Yndios Ynfieles de la banda opuesta durante el Reconocimiento de aquel Río por las Partidas de las dos Coronas. K. Límites conocidos antes del tratado de 1777.”

A entrega do posto fronteiriço de Tabatinga aos espanhóis não se efetivou, e as famílias transportadas por ordem de Francisco Requena tiveram que retornar para a Província

de Maynas. Ficou deliberado que essa questão seria decidida posteriormente pelas Cortes ibéricas.³¹ As incertezas políticas para a definição dos limites territoriais americanos, evidenciadas nesse episódio, reforçavam a instabilidades e transitoriedades marcantes nas sociedades coloniais,³² impelindo o deslocamento de pessoas. Além disso, no caso em questão, o direito sobre uma pequena povoação na fronteira projetava no futuro a questão da soberania das Coroas ibéricas. Entre os portugueses, como foi mencionado anteriormente, a entrega de Tabatinga era vista como uma cessão territorial que traria perigo a outras partes de seus domínios americanos. Esse ponto foi discutido entre os oficiais da Partida lusa, em que os argumentos contrários à entrega se mostravam preponderantes. Em 1782, o oficial Eusébio Antônio de Ribeiro enviou a João Pereira Caldas um longo ofício voltado para esse assunto. Logo de início, afirmou Ribeiro que a entrega de Tabatinga à Espanha não deveria ser feita de nenhum modo, sob risco de trazer “grande ruína” ao Estado do Grão-Pará. A troca de Tabatinga pelas fortalezas de San Carlos e San Felipe não traria compensações à Coroa portuguesa, visto que essas fortificações espanholas não ofereciam tanto perigo aos domínios luso-americanos quanto poderia fornecer Tabatinga nas mãos da Monarquia espanhola. Com relação ao perigo em termos estratégicos da entrega de Tabatinga, Ribeiro dissertou sobre os prováveis caminhos de uma futura invasão espanhola, na qual o referido posto fronteiriço seria de extrema importância. Sua argumentação revelava também seu conhecimento sobre o território espanhol vizinho, suas comunicações e as possibilidades de movimentação de forças armadas. Além disso, a análise de Ribeiro remetia ao já citado plano de invasão do território luso a partir da Audiência de Quito, datado do final da década de 1770, e no qual Francisco Requena havia assumido o comando.

A razão é que por semelhante passo pode vir ao Estado a maior ruína e prejuízo. Todos estes males hão de ser fomentados pelos Presidentes de Quito, pelos Vice-Reis de Santa Fé de Bogotá, os quais prejuízos, para se porem em prática, obrigarão aos vassalos de Sua Majestade Católica a seguirem a derrota de Jaén de Bracamoyros (sic), para virem buscar o canal do pongo de Manserique (sic); porém abandonando este caminho, por causa da sua grande

³¹ Simei Maria de Souza TORRES. *Onde os Impérios se Encontram*. Op. cit., p. 124.

³² Sobre essa característica da sociedade colonial luso-americana, Fernando Novais afirma: “Mobilidade, dispersão, instabilidade enfim, são características das populações nas colônias, que vão demarcando o quadro dentro do qual se engajaram os laços primários e se foi desenrolando a vida do dia-a-dia.” In: Fernando A. NOVAIS. “Condições da privacidade na colônia.” In: Fernando A. NOVAIS, Laura de MELLO E SOUZA (org.). *História da Vida Privada no Brasil, volume 1: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 22, pp. 13-39. Na mesma coletânea, conferir: Laura de MELLO E SOUZA. “Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações”..., pp. 42-81.

cordilheira, situada de norte a sul, e outros embaraços como é o próprio tempo de passarem o canal do pongo, poderão seguir derrota pelo rio Pastaza, mas no caso que ainda deixem esta, infalivelmente hão de vir buscar Aretidona, para daí passarem ao porto do rio Napo, para conseguirem o seu fim. *Mas todas estas derrotas vêm a passar pela povoação de São Francisco Xavier de Tabatinga*, cujo canal é passo estreito e defendido pelo alcance de artilharia, logo aqui concluo que Sua Majestade Fidelíssima *deve neste lugar fazer fronteira, por todos os modos, por todas as razões*, por não se achar outra paragem com as precisas e indispensáveis circunstâncias de passo estreito, para que desse modo possam embaraçar os desígnios de Sua Majestade Católica, *cujas medidas já na guerra passada tinham tomado os seus vassalos, aos quais comandava D. Francisco Requena (...).*³³

Outro ponto que mereceu críticas de Eusébio Antônio de Ribeiro foi a cláusula de navegação comum a espanhóis e portugueses nos rios limítrofes, prevista nos trabalhos de demarcação. Para Ribeiro, essa liberdade de navegar seria fonte de “contínuos males, pois os vassalos [espanhóis] não servirão de outra coisa mais que de explorar os segredos e interesses de Portugal”, dando motivos a “continuados movimentos de armas.” No lugar da liberdade de navegação, o mais acertado a se fazer seria “fechar por uma vez as portas desse Estado, para assim evitar disputas e novas pretensões de Sua Majestade Católica.” Nesse caso, a navegação deveria permanecer privativa aos portugueses “da raia ou fronteira de São Francisco Xavier de Tabatinga” para o leste, enquanto que para o oeste pertenceria aos espanhóis. Além disso, os espanhóis não poderiam gozar dessa permissão de navegar para o leste de Tabatinga tendo em vista os direitos dos portugueses como descobridores dos rios Amazonas e Solimões. Na explanação de Ribeiro, não apenas seria imprudente entregar Tabatinga, como também seria um atentado aos direitos históricos da Coroa portuguesa no vale amazônico, direitos esses datados da expedição de Pedro Teixeira no século XVII.³⁴ Assim, para Ribeiro, o que deveria de fato ocorrer era a retirada dos espanhóis de terras que pertenceriam, por direito, a Portugal:

³³ APEP, Códice 383, Documento 31. Ofício de Eusébio Antônio de Ribeiro a João Pereira Caldas. Ega, 30/01/1782 (grifos meus).

³⁴ Como sintetizou Eusébio Antônio de Ribeiro: “O descobrimento do rio Amazonas e Solimões até as vertentes do Napo, só DEUS tinha reservado para os portugueses, pois os vassalos de Sua Majestade Católica nunca souberam esta navegação, se não depois que Teixeira chegou a Quito, pois antes deste tempo jamais passaram das montanhas do Amazonas e Solimões. Logo do que dito fica se colige que a nenhuma Coroa mais que a de Portugal pertence o Rio Solimões e Amazonas, e os territórios setentrionais e meridionais do mesmo rio.” APEP, Códice 383, Documento 31. Ofício de Eusébio Antônio de Ribeiro a João Pereira Caldas. Ega, 30/01/1782.

“Sua Majestade Católica deve ceder a Sua Majestade Fidelíssima a povoação de Loreto, a do Camucheros e Pebas, e o Rio Napo até a Província dos Encabelados, e o rio Aguarico.”³⁵

A definição territorial das soberanias monárquicas na América meridional exigia dos oficiais demarcadores a avaliação das possíveis ameaças bélicas na fronteira, bem como das transformações políticas em curso nos impérios ultramarinos europeus e suas repercussões nos espaços coloniais americanos. Essas questões foram evidenciadas nas palavras de João Pereira Caldas a Martinho de Melo e Castro, no ano de 1783. Informando sobre o reforço de tropas espanholas na fronteira por ocasião dos trabalhos de demarcação, Pereira Caldas não deixou de avaliar essa questão como um sinal ameaçador à soberania da Augusta Rainha naquela área. Circulavam informações de que soldados oriundos de Quito estariam reforçando as povoações de Maynas, embora não se soubesse o número aproximado de homens enviados à área limítrofe com a capitania do Rio Negro. De qualquer modo, temia Pereira Caldas que as forças espanholas pudessem, no futuro, praticar “qualquer insulto” aos domínios portugueses. No momento em que escrevia suas observações, o oficial português não via qualquer sinal de que os espanhóis tivessem tal intenção, o que não descartava, porém, que isso se realizasse em momento posterior. Como observou Pereira Caldas, o Grão-Pará era limítrofe a domínios coloniais de três grandes potências (Espanha, França e Holanda) que, naquele momento, estavam envolvidas em conflitos com a Grã-Bretanha por ocasião da revolta dos colonos ingleses na América do Norte.³⁶ Em um momento futuro, entretanto, as potências com colônias limítrofes ao Grão-Pará poderiam ameaçar os domínios portugueses, o que justificava a desconfiança de Pereira Caldas com relação ao movimento de tropas espanholas na fronteira.

É certo que eu não tenho por ora uns mais positivos indícios de desconfiança, porém os que cá julgo serem bastantes para prudentemente me acautelar, e que em assim o praticar não

³⁵ APEP, Códice 383, Documento 31. Ofício de Eusébio Antônio de Ribeiro a João Pereira Caldas. Ega, 30/01/1782.

³⁶ Analisando as interpretações da diplomacia portuguesa em Londres sobre o desenrolar da Revolução Americana, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da Silva destaca o temor de que o conflito enfraquecesse o poder da Grã-Bretanha no plano internacional, algo que poderia repercutir de maneira ameaçadora sobre os portugueses, tradicionais aliados da Coroa britânica. Esse temor levava em conta não somente as vitórias militares dos colonos sobre as forças britânicas, mas também a entrada no conflito, ao lado dos americanos rebeldes, de França (1778), Espanha (1779) e Províncias Unidas (1780). Ver: Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da SILVA. “A Guerra da Independência dos E.U.A. e os diplomatas portugueses. Luís Pinto de Sousa Coutinho e os primórdios do conflito (1774-1776).” *Actas do XV Colóquio de História Militar -Portugal Militar nos Séculos XVII e XVIII até às Vésperas das Invasões Francesas*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2006, pp. 913-928.

desmerecerei a Real Aprovação de Nossa Augusta Soberana, pois que tendo em maior respeito esta parte dos Seus Domínios, também não será tanta a facilidade dos Nossos Vizinhos em se nos atreverem. V Ex^a sabe que neste Estado confinamos com espanhóis, franceses e holandeses, e que a atual aliança das ditas três grandes potências, e da revolta da América inglesa, tudo isto deve contribuir para com o tempo se disporem e tomarem as convenientes precauções de defesa e segurança (...).³⁷

Ao mesmo tempo em que as autoridades portuguesas buscavam barrar as reivindicações territoriais espanholas, elas tentavam acompanhar a movimentação de tropas espanholas na América. Tratava-se de uma tarefa essencial para evitar possíveis agressões dos espanhóis contra os Domínios de Portugal. No mês de setembro de 1783, João Pereira Caldas mandou avisar aos oficiais comandantes dos pontos fronteiriços dos rios Negro, Branco e Javari que mantivessem de sobreaviso os diretores de povoações próximas, para que eles prestassem auxílio com homens e mantimentos em caso de ataque espanhol. No mesmo ano, Teodósio Constantino Chermont procurou apurar junto aos índios oriundos do lado espanhol se eram verdadeiras as notícias a respeito do reforço de tropas na Província de Maynas.³⁸ Na Fortaleza de Marabitanas, o comandante local solicitou a remessa de mais homens e armas, pois ficara sabendo do deslocamento para a fronteira espanhola de cerca de 200 soldados, número que considerou perigosamente grande. Ainda segundo ele, todo cuidado deveria ser tomado, mesmo considerando as boas relações com a Espanha e falta de notícias mais exatas sobre o lado espanhol da fronteira.³⁹ Já na vila de Ega, corriam rumores de que as povoações espanholas limítrofes estavam recebendo de Quito reforços no número de soldados; ao mesmo tempo, despertavam suspeitas as declarações de Francisco Requena de que sua Partida não poderia funcionar regularmente com menos de 100 homens, e, como naquela altura sua comissão não dispunha nem de 50 soldados, isso indicava a intenção do Comissário espanhol de promover o reforço de seu contingente militar em terras portuguesas.⁴⁰

³⁷ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.6, D. 276. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 14/05/1783.

³⁸ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx. 6, D. 291. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 26/09/1783.

³⁹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.5, D. 253. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/02/1783.

⁴⁰ APEP, Códice 392, Documento 40. Ofício de Teodósio Constantino de Chermont a João Pereira Caldas. Ega, 09/03/1783.

Em 1784, um oficial português informou que ficara sabendo, a partir de conversas mantidas com os espanhóis, que dois regimentos “bem disciplinados”, e que haviam participado da guerra contra os ingleses, haviam sido enviados para Cartagena de Indias e Santa Fé; parte dessa tropa deveria também reforçar a cidade de Quito para a defesa contra as “frequentes sublevações de índios.”⁴¹ Na segunda metade do XVIII, as autoridades de Quito ocuparam-se de maneira mais detida com a segurança militar da Audiência. As reformas militares e o reforço de tropas no território *quiteño* não estavam dirigidos somente à proteção contra ameaças externas nas áreas costeiras, mas também para o controle das tensões sociais e políticas que ocorreram na Audiência e nos espaços coloniais espanhóis vizinhos, como a sublevação de índios em Riobamba (1764), Otavalo (1777), Guano (1778) e Ambato (1780), assim como a rebelião dos Comuneros (1780) na Nova Granada.⁴² Entre os portugueses, temia-se, contudo que essas tropas pudessem mais tarde ser mobilizadas para fazer a guerra contra seus territórios americanos.⁴³ No ano de 1785, Pereira Caldas tornou a demonstrar preocupações com as movimentações de soldados na povoação de Loreto, próxima à Tabatinga, e com o grande trânsito de militares e índios de Maynas para o Rio Negro.⁴⁴

No mesmo ano, o oficial português João Batista Mardel determinou que fossem averiguadas as notícias sobre o reforço de tropas em Maynas (cerca de 70 soldados), a colocação de um posto militar no rio Içá e o acúmulo de mantimentos nas povoações limítrofes, o que poderia significar a intenção das autoridades espanholas em atacar a fronteira portuguesa. “Poderá (...) não haver nada,” admitiu Mardel a Pereira Caldas, mas não seria a “primeira vez que se vê a Guerra nas conquistas, e Paz na Europa, como sucedeu governando o Sr. Conde de Azambuja o Mato Grosso”, experiência que justificava plenamente suas desconfianças a respeito dos movimentos dos espanhóis.⁴⁵ Em 1790, o governador do Rio Negro, Manuel da Gama Lobo d’Almada, demonstrou atenção à presença de um posto militar espanhol no rio Içá, às proximidades do posto militar português na fronteira, condenando a colocação desse posto e “outras liberdades que estes senhores espanhóis querem tomar, com

⁴¹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx. 8, D. 347. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/09/1784.

⁴² Christiana BORCHART DE MORENO. “Las reformas borbónicas en la Audiencia de Quito.” *La Audiencia de Quito: Aspectos económicos y sociales (Siglos XVI-XVIII)*. Quito: Abya-Yala, 1998, pp. 299-322.

⁴³ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D. 330. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 30/07/1784.

⁴⁴ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx. 10, D. 394. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/10/1785.

⁴⁵ APEP, Códice 414, Documento 07. Ofício de João Batista Mardel a João Pereira Caldas. Ega, 09/05/1785.

se esta Capitania não tivesse Governador de Sua Majestade Fidelíssima.” Para evitar surpresas, Lobo d’Almada determinou que se enviasse uma *igarité* com soldados em diligência ao destacamento espanhol do Içá. Nessa averiguação, foi constatada a presença de um pequeno destacamento, o que levou o Governador do Rio Negro a apresentar protestos ao Primeiro Comissário espanhol a esse respeito.⁴⁶

Mesmo com os acordos diplomáticos que sinalizavam a paz nas relações luso-espanholas, a condução da política de demarcação de limites na América de fins do XVIII demonstra bem como a perspectiva da guerra exercia um papel de destaque na forma como as autoridades ibéricas pensavam e agiam para a delimitação dos territórios. No que diz respeito aos oficiais portugueses, a histórica desconfiança com relação à Espanha e a possibilidade da eclosão de novos conflitos entre Lisboa e Madri deveriam ser levadas em consideração no contexto das demarcações de limites.

As instruções passadas ao comandante de Tabatinga para que cuidasse do reforço militar de sua guarnição e ficasse atento ao movimento dos espanhóis vizinhos, em 1785, expõem como o espectro da guerra deveria ser levado em consideração, pois parecia bastante provável aos oficiais portugueses que a fronteira com a Província de Maynas pudesse ser um dos pontos da invasão espanhola aos domínios americanos da Augusta Rainha. A própria atividade de demarcação poderia encobrir os objetivos de agressão militar, como avaliou João Batista Mardel, segundo o qual a Partida espanhola estaria adquirindo informações circunstanciadas sobre o território e a fragilidade militar portuguesa na fronteira, informações essas indispensáveis para um futuro ataque contra a Capitania do Rio Negro. Outro oficial português, o Sargento-Mor engenheiro Eusébio Antônio de Ribeiro, advertia que, no futuro, os espanhóis poderiam representar uma ameaça: “Quem duvida que aqueles mesmos que hoje estão tratando-nos debaixo do sagrado véu da paz, amanhã rompendo os vínculos da amizade, mui facilmente nos sejam nossos inimigos declarados?”. E completava seus temores com as seguintes perguntas: “Por acaso será a primeira vez? Não nos tem os tempos nos dado reiteradas provas?”. O militar Henrique João Wickens, por sua vez, em ofício dirigido a Mardel reiterava a interpretação de que os espanhóis não respeitariam por muito tempo os acordos de paz, tendo em vista o histórico de agressão da nação espanhola contra a portuguesa e os intentos de Madri de conquistar as possessões luso-americanas:

⁴⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D. 602. Ofício do Governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo de Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 31/03/1791.

De uma Nação, finalmente, cujos soberanos com os nossos Augustíssimos unidos se acham pelos mais estreitos vínculos de parentesco e aliança, ao mesmo passo que lembrar nós devemos que é aquela mesma Nação que mal sofrendo a nossa independência, as nossas forças, o nosso aumento, a nossa opulência repetidas vezes, apesar dos mesmos sagrados, respeitáveis, estreitos vínculos, apesar da maior harmonia e unidade de interesses recíprocos, apesar da mais profunda e sólida paz, *tem buscado alienar, diminuir e apropriar-se dos nossos domínios, principalmente na América*, já obreptícia, e sub-repticiamente; já à força de mão armada, já com as ocultas intrigas e negociações do seu gabinete.⁴⁷

Quanto às medidas de segurança a serem adotadas contra um futuro ataque militar espanhol nas fronteiras da Capitania do Rio Negro, João Batista Mardel advertia ser necessário reforçar as guarnições nos pontos limítrofes com a América espanhola, sendo que Tabatinga seria provavelmente um dos mais vulneráveis ao ataque dos espanhóis. Outro ponto a ser cuidado era o fornecimento de armas e munições para os soldados. Além disso, assim que os trabalhos de demarcação chegassem ao fim, os portugueses deveriam manter uma armada nos rios da região, a qual circularia de povoado em povoado, podendo atacar diferentes pontos do território espanhol limítrofe. Enquanto durasse a demarcação, a movimentação dos espanhóis da Partida deveria ser acompanhada com absoluto cuidado, de modo que eles não coletassem tantas informações sobre o território português e não representassem qualquer ameaça à segurança local. Eusébio Antônio de Ribeiro, por sua vez, argumentou que a maneira mais acertada de dispor as forças militares naquela área era aquela destinada a fazer a “pequena guerra” contra o inimigo, com emboscadas para derrotar os espanhóis. Quanto a Henrique João Wilckens, sua avaliação sobre como deter as possíveis ameaças espanholas e de outras potências com colônias vizinhas ao Estado do Grão-Pará e Rio Negro era de que se adotassem medidas já tomadas pelos “monarcas e gabinetes mais iluminados da Europa,” conservando-se um Exército bem pago e municiado, dirigido por hábeis oficiais, contando ainda com praças militares bem armadas e por uma marinha de guerra “lúcida e pronta.” Tal sistema seria o “único meio de fazer respeitável a Monarquia, de iludir e frustrar os sinistros fundamentos das vizinhas potências”, concluiu Wilckens.⁴⁸

⁴⁷ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx. 10, D. 395. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/10/1785 (grifos meus).

⁴⁸ Ainda em sua defesa da adoção pelo Império português das medidas militares já aplicadas por outros reinos europeus, Henrique João Wilckens expõe, por um lado, um dos tópicos recorrentes dos discursos ilustrados ibéricos: a aplicação de reformas que haviam contribuído para a força e riqueza das principais potências da Europa. Por outro lado, sua análise também se volta para a recente crise do Império inglês, representada pela

Relatando a João Pereira Caldas uma conversa mantida com o Primeiro Comissário espanhol, João Batista Mardel afirmou que entre os espanhóis havia igualmente o temor de que os portugueses pretendessem atacar a Província de Maynas. Segundo o relato de Mardel, Francisco Requena teria dito a ele que causava muita desconfiança entre os espanhóis o reforço de tropas por todo o rio Solimões, temendo-se alguma “sinistra intenção” dos vassalos portugueses contra os domínios de Sua Majestade Católica. Mardel retrucou que o reforço militar não atendia a pretensões expansionistas, e que o número alto de soldados era para evitar a falta de homens devido à grande quantidade de deserções. Para garantir o entendimento entre as duas Partidas, firmou-se em setembro de 1785 uma declaração conjunta cujo primeiro artigo afirmava não ser objetivo dos portugueses apropriar-se dos domínios espanhóis, ao passo que o segundo artigo dizia o mesmo com relação aos espanhóis e os domínios portugueses. A intenção de Requena em desfazer os temores dos portugueses levou o comissário espanhol a convidar um oficial da Partida lusa a visitar a Província de Maynas, a fim de verificar se havia realmente alguma movimentação militar que pudesse ser ameaçadora à Capitania do Rio Negro.⁴⁹

Entre os espanhóis, no entanto, era firme a ideia de que o reforço militar no Rio Negro constituía um perigoso sinal das intenções expansionistas portuguesas sobre as terras espanholas vizinhas. Escrevendo ao Ministro Jose de Galvez, o Primeiro Comissário Requena relatou sua desconfiança com relação às fortificações postadas ao longo do rio Amazonas, desde a vila de Ega até a de Tabatinga, nas imediações com a Província de sua governança. A disposição dos postos militares, somada à desconfiança com que a Partida espanhola era acompanhada na Capitania do Rio Negro, seriam sinais de um intento dos portugueses de fazer a guerra naquelas terras contra os espanhóis. Essa situação foi assim descrita por Francisco Requena:

independência dos colonos da América do Norte, enfatizando o oficial português que o poderio militar de um reino não poderia prescindir de uma boa relação do poder metropolitano com os vassalos no Novo Mundo: “Este foi e é o sistema do gabinete de França desde o tempo e reinado do seu grande rei Luís XIV. Este é o de Inglaterra, Reino na extensão medíocre, nas forças o mais agigantado e respeitável, que toda a força de tantas nações combinadas não chegariam a vencer, nem de algum modo humilhar, se por uma errada política não alienasse Inglaterra dos seus interesses comuns seus vassalos americanos, subministrando-lhes um certo desprezo e [cabimento] com que os tratavam, o pensamento de se valerem estes de todas as suas forças, e das que os seus protetores, os inimigos de Inglaterra, lhes franquearam gostosos para a sua independência fundamentarem.” Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx. 10, D. 395. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/10/1785.

⁴⁹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx. 10, D. 395. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/10/1785.

Prosiguen los portugueses fortificándose cada día más en toda la extensión del Marañón, que corre desde este paraje hasta su destacamento de Tabatinga en la frontera de Maynas con tanto cuidado, *como quién se previene para rompimiento formal de guerra*, cercándonos por todas las partes de guardias y centinelas, no solo en la citada frontera de Maynas, sino también aquí [vila de Ega], sin poder penetrar Yo el fin de esta desconfianza, siendo en esto como en todo lo demás tratados nosotros aquí por los portugueses *como unos enemigos insidiosos de su Corona*, teniéndonos con una opresión muy desusada, fiscalizando la más inocente acción nuestra, y haciéndonos vivir a toda hora bajo de centinelas.⁵⁰

O controle sobre as informações a respeito do território era essencial para que a Coroa portuguesa preservasse seus interesses na fronteira norte da América. Era necessário evitar que os demarcadores espanhóis soubessem das comunicações entre o território luso-americano e suas possessões no continente. Em ofício dirigido a João Pereira Caldas, o oficial português Eusébio Antônio de Ribeiro protestou contra uma atitude do Tenente-Coronel Teodósio Constantino de Chermont que contrariava esse cuidado imprescindível. Durante encontro entre os comissários portugueses e espanhóis no rio Japurá, Chermont teria mostrado a Francisco Requena um mapa do Estado do Grão-Pará e Rio Negro. A ação de Chermont foi duramente reprovada por Eusébio Antônio de Ribeiro, já que Requena, “engenheiro de profissão”, ficara sabendo ao ver o mapa que o canal da fortaleza espanhola de San Carlos correspondia ao canal de Vapuaporis, tendo por isso solicitado nele entrar para fazer os reconhecimentos da fronteira. Para Ribeiro, os trabalhos conjuntos de demarcação não deveriam anular as desconfianças e os cuidados com relação às pretensões da Coroa espanhola – ao contrário, a Espanha sempre representara (e continuaria a representar) o papel de inimiga da nação portuguesa, independentemente dos acordos diplomáticos firmados com Portugal. Em sua interpretação, Ribeiro enfatizou as históricas relações conflituosas com a Coroa espanhola, e como essa experiência deveria ser levada mais em conta do que as aproximações estabelecidas entre Portugal e Espanha naquele momento. Nas palavras do oficial luso sobre esse episódio:

Os mapas do Estado não se mostram aos inimigos, e principalmente a estes, dos quais temos física certeza que *jamais serão nossos verdadeiros aliados*, pela sua injusta e desproporcionada ambição, pelas suas disparatadas e lesivas pretensões, contra toda a razão e

⁵⁰ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a José de Galvez. Ega, 22/10/1784 (grifos meus).

justiça. Não, Exmo Senr., não é assim que as negociações se dispõem, é preciso maliciar mais nelas, ter mais cautela, e segurar melhor.

*Todos os males, todas as misérias e opressões com que hoje vive Portugal, tudo lhe veio da Espanha.*⁵¹

De modo aproximado, as autoridades de Castela recorriam ao histórico das relações luso-espanholas para justificar suas desconfianças com relação aos seus então aliados, os vassalos de Sua Majestade Fidelíssima, principalmente no que tocava a respeito dos direitos espanhóis nas terras americanas. O Tratado de Santo Ildefonso seria, nessa leitura, apropriado pelas autoridades portuguesas para promover o avanço de seu território colonial até os estabelecimentos, minas e cultivos nos Andes, como levantou Don Francisco Requena em ofício dirigido ao Ministro de Indias. No mesmo documento, Requena sentenciou que a intenção do Ministério português no negócio das demarcações não seria outro que

divertir y entretener el tiempo a fin de ver si en el transcurso de él puede eludir o relajar el presente Tratado de Límites para dejar siempre abierta la puerta a sus incursiones en estas partes de nuestra América, *como así lo han practicado siempre los Portugueses por engrandecer su Dominación en ella.*⁵²

A desconfiança mútua poderia ser alimentada na interação entre os membros das duas Partidas, principalmente na vila de Ega, local de reunião das comissões espanhola e portuguesa na Capitania do Rio Negro. Para os oficiais, estar atento ao que era falado no dia a dia também era importante para desvendar as possíveis intenções que, de fato, orientariam a demarcação dos limites. As conversas mantidas cotidianamente, em um cenário, como o da fronteira, no qual as condições de privacidade eram mínimas,⁵³ poderiam fornecer indícios importantes sobre desdobramentos políticos de relevo. Ouvir atentamente o que era dito nas situações corriqueiras constituía, nesse sentido, uma verdadeira arma política, principalmente em uma fronteira e durante um contexto marcado pela desconfiança. Assim, um oficial relatou ao Primeiro Comissário português a seguinte conversa mantida entre um membro da Partida espanhola e sua amásia:

⁵¹ APEP, Códice 384, documento 70. Ofício de Eusébio Antonio de Ribeiro a João Pereira Caldas. Tefé, 28/04/1782 (grifos meus).

⁵² AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a José de Galvez. Ega, 08/06/1784 (grifos meus).

⁵³ Laura de MELLO E SOUZA. “Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações.” Op. cit., pp. 42-81.

Chegou a notícia que Dom Gaspar [Santisteban] dissera a uma amásia sua, que dentro de pouco tempo se visse suceder alguma desordem grande, que se escondesse no mato, porque eles pretendiam levar os portugueses a bofetões; e que ela assustada perguntara se pretendiam tomar isto, respondeu “que isto já era deles, que pretendiam tomar a cidade.”⁵⁴

O oficial português avaliou que as palavras de Dom Gaspar Santisteba bem poderiam ser expressões de um rapaz que ansiava gabar-se “diante do bom sexo,” mas alertava que ele era Secretário da Partida espanhola, de modo que aquelas “notícias não se podem desprezar.” Além do mais, a fronteira lusa encontrava-se de tal modo desfalcada de forças militares, com povoações “já cansadas” dos ataques dos índios Mura, que um avanço espanhol surpreenderia os portugueses.⁵⁵ Desse modo, as informações adquiridas cotidianamente na convivência entre os membros das duas comissões não poderiam ser minimizadas, na medida em que poderiam revelar as verdadeiras orientações das políticas de demarcação.

A entrada no Rio Negro de participantes da comissão espanhola deveria ser acompanhada pelas autoridades portuguesas, objetivando com isso controlar a circulação desses sujeitos nos domínios lusos. Por estar instalada na vila mais próxima da fronteira, e sendo por isso ponto de passagem entre Maynas e Rio Negro, a fortificação de Tabatinga deveria acompanhar a entrada das embarcações espanholas. Seus militares ficavam incumbidos da tarefa de informar-se sobre o número de canoas, de homens e quais produtos que ingressavam na Capitania. Segundo as instruções de João Pereira Caldas ao Comandante da Fronteira de Javari e Posto de Tabatinga, era indispensável verificar se os homens da Partida espanhola entravam munidos do passaporte regulamentar, devendo, entretanto, fazer tal verificação com a maior prudência, acompanhando assim o número de soldados introduzidos de Maynas no Rio Negro. Deveria ainda o comandante certificar-se de que os espanhóis não extraíam “nenhum indivíduo português” do território rio-negrino para o lado maynense.⁵⁶

Evidências sobre a locomoção de pessoas entre Rio Negro e Maynas, durante as demarcações, podem ser apontadas com base em registros de Tabatinga para o ano de 1789. Segundo informou o comandante do posto fronteiriço, em setembro de 1789 navegou do Rio

⁵⁴ APEP, Códice 402, Documento 01. Ofício dirigido a João Pereira Caldas. Ega, 22/06/1784.

⁵⁵ APEP, Códice 402, Documento 01. Ofício dirigido a João Pereira Caldas. Ega, 22/06/1784.

⁵⁶ APEP, Códice 382, Documento 49. Ofício de João Pereira Caldas ao Comandante da Fronteira de Javari e Posto de Tabatinga. Barcelos, 25/07/1783.

Negro para Maynas uma “canoa espanhola com um marinheiro, um soldado e 27 índios,” ao passo que no mesmo mês um padre castelhano voltou para o lado espanhol, assim como outra canoa tripulada por 34 índios, um cabo e um soldado.⁵⁷ No ano seguinte, em janeiro, uma canoa espanhola, oriunda de Ega e navegando para Maynas, trazia um cadete, três soldados, um sargento “preso em ferros” e 23 índios; em fevereiro, entrou no lado português uma igarité espanhola com destino a Ega, com dois soldados e “207 índios de equipação”. Ainda nesse ano, navegou para o lado espanhol uma canoa com “um cabo de esquadra, um soldado e 19 índios.”⁵⁸ Em abril do mesmo ano, veio de Maynas um bote “com dois soldados, nove índios e uma índia” acompanhada de seu filho, ao passo que em maio outra canoa, trazendo víveres do território maynense para a Partida espanhola, atravessou a fronteira.⁵⁹ O comandante de Tabatinga afirmou que prestava atenção para que “indivíduo algum português” passasse para o lado espanhol nas canoas que atendiam à Partida comandada por Francisco Requena.⁶⁰ No final do ano de 1790, o comandante de Tabatinga informou que, pela fronteira, haviam transitado “uma canoa grande espanhola” carregada de víveres para a vila de Ega (contando a embarcação com “um cabo de esquadra, três soldados e 19 índios”), e outra canoa para Maynas (na qual viajaram “dois soldados e 18 índios, e mais um índio preso em ferros, todos espanhóis”).⁶¹ Esses são apenas alguns exemplos colhidos na documentação em que se evidencia o olhar atento com que os militares nos postos fronteiriços procuraram acompanhar o fluxo de homens e produtos entre as partes espanhola e portuguesa da América, durante a vigência dos trabalhos de demarcação.

O trânsito de espanhóis na Capitania do Rio Negro constitui uma das questões delicadas que opuseram as duas Partidas durante as demarcações. Do ponto de vista dos militares portugueses, os entendimentos diplomáticos entre as Coroas ibéricas não dispensavam os espanhóis de apresentar o passaporte – o que seria uma das garantias para manter sob controle os passos dos demarcadores de Sua Majestade Católica nas terras de Sua Majestade Fidelíssima. Para os espanhóis, contudo, esse controle constituía uma tentativa de

⁵⁷ APEP, Códice 382, Documento 56. Ofício do comandante de Tabatinga, Francisco Rodrigues Campos, a Manoel da Gama Lobo de Almada. Tabatinga, 12/11/1789.

⁵⁸ APEP, Códice 382, Documento 64. Ofício do comandante de Tabatinga, Francisco Rodrigues Campos, a Manoel da Gama Lobo de Almada. Tabatinga, 26/02/1790.

⁵⁹ No mesmo ofício, Francisco Rodrigues Campos informou que outras embarcações espanholas entraram no Rio Negro transportando mantimentos: uma igarité no dia 15 de maio e uma canoa no dia 16. APEP, Códice 382, Documento 74. Ofício do comandante de Tabatinga, Francisco Rodrigues Campos, a Manoel da Gama Lobo de Almada. Tabatinga, 18/05/1790.

⁶⁰ APEP, Códice 382, Documento 74. Ofício do comandante de Tabatinga, Francisco Rodrigues Campos, a Manoel da Gama Lobo de Almada. Tabatinga, 18/05/1790.

⁶¹ APEP, Códice 382, Documento 100. Ofício do comandante de Tabatinga, Francisco Rodrigues Campos, a Manoel da Gama Lobo de Almada. Tabatinga, 31/12/1790.

prejudicar os trabalhos de seus demarcadores, e assim ampliar as vantagens territoriais lusas no vale amazônico.

No começo da década de 1780, João Pereira Caldas instruiu seus subordinados a não permitir o ingresso de oficiais espanhóis e seus dependentes vindos de Maynas sem que os mesmos portassem os “legítimos e devidos passaportes”. Uma das situações que motivaram os protestos de Pereira Caldas e outros oficiais foi a viagem executada por militares e índios da Partida espanhola para a cidade de Belém, acompanhados do vassalo português Antônio Guerreiro da Luz e sob a justificativa de tratar de “particulares negociações”. Os participantes dessa viagem não estiveram munidos de passaportes, e o Primeiro Comissário espanhol argumentou aos oficiais portugueses que não se aplicava a seus subordinados a exigência de semelhante documento para os deslocamentos necessários aos trabalhos de sua Partida. Sobre isso, Pereira Caldas, em ofício dirigido ao Tenente Coronel Teodósio Constantino de Chermont, afirmou que tal procedimento era “contra a formalidade de uma geral prática, e contra o Real Decoro e Soberania e Independência portuguesa, intentando a dita independência dentro dos Reais Domínios de Sua Majestade.” Também lembrou Pereira Caldas que a liberdade de navegação só teria validade a partir do momento em que se realizasse a entrega dos terrenos espanhóis à Coroa portuguesa.⁶²

Teodósio Constantino de Chermont, por sua vez, ao escrever para Francisco de Requena em setembro de 1782, expôs ao Primeiro Comissário espanhol as razões jurídicas para que exigisse passaporte dos espanhóis, tanto quando eles entravam no Estado do Grão-Pará e Rio Negro quanto em seu retorno para a Província de Maynas ou para Quito. Segundo Chermont, a exigência dos passaportes fundava-se no “Direito Natural das Gentes, e da boa e necessária Polícia, e do impreterível Direito de Senhorio das Terras e Domínios de minha Augusta Soberana, nos quais não é permitido aos nacionais, quanto mais aos estrangeiros, o viajarem sem passaporte.” Argumentou mais Chermont que não era prática lícita “viajarem a país estranho sem passaportes quaisquer pessoas, por maior dignidade que sejam,” a exemplo dos embaixadores, “pois estes, não obstante representarem seus Amos, se fazem prover de passaportes para viajarem no país de outra Dominação.” Lembrou também ao Comissário Requena que o passaporte expedido pelas autoridades portuguesas garantiria aos espanhóis

⁶² Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.5, D. 255. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/02/1783.

serem auxiliados por outras autoridades ao longo de suas viagens pelo Grão-Pará, assim como serem recebidos com a dignidade devida.⁶³

O controle das autoridades lusas sobre a locomoção dos espanhóis envolvidos na demarcação alimentou protestos do Primeiro Comissário Francisco Requena. Respondendo a Chermont em fevereiro de 1783, Requena afirmou que nunca fora seu objetivo “violar en ningún modo los derechos territoriales de Su Majestad Fidelísima,” não tendo sido antes solicitado passaporte de outros oficiais espanhóis que retornaram a Maynas depois de formalmente comunicarem a viagem aos membros da Partida portuguesa. Lembrou mais a Chermont que, tendo em vista as circunstâncias da demarcação de limites, “ni VS puede negarme el paso para mi Provincia [Maynas] (...) ni Yo creo tengo necesaria obligación de pedir diariamente pasaporte para ello cuando ya el permiso lo tengo general de Su Majestad Fidelísima.” Mas para não embarçar os trabalhos da comissão, Requena declarou que cederia à exigência dos passaportes.⁶⁴

Em outro ofício, dirigido a João Pereira Caldas, Requena retomou suas críticas às exigências dos oficiais portugueses, afirmando que acreditava serem necessários tão somente os passaportes expedidos pelo presidente da Audiência de Quito para que as canoas espanholas ingressassem na Capitania do Rio Negro, como antes ocorria. Com a exigência dos passaportes expedidos pelos portugueses para as embarcações espanholas transitarem entre Maynas e Rio Negro, afirmava Requena, sua Partida vivenciava atrasos no recebimento e envio de correios e de mantimentos.⁶⁵ Contudo, as exigências das autoridades do Grão-Pará receberam aprovação da Coroa. Em 1784, João Pereira Caldas recebeu do Secretário de Estado de Marinha e Ultramar a informação de que era “a vontade de Sua Majestade sobre o modo por que os espanhóis só devem transitar por estes seus Reais Domínios, no caso de urgência, e sempre com passaportes portugueses, como se tem e está observando,” embora tal medida causasse a “repugnância dos ditos espanhóis.”⁶⁶

Além disso, esse controle sobre a movimentação dos soldados e índios da Partida espanhola era interpretado pelas autoridades lusas como necessário para evitar a concentração

⁶³ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.5, D. 255. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/02/1783.

⁶⁴ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.6, D.272. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 13/05/1783.

⁶⁵ APEP, Códice 392, Documento 33. Ofício de Francisco Requena a João Pereira Caldas. Ega, 22/03/1783.

⁶⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.322. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 28/07/1784.

de forças militares estrangeiras no interior da América portuguesa, o que era considerado uma ameaça à soberania da Coroa lusa naquela fronteira. Em 1791, Manuel da Gama Lobo d'Almada instruiu ao comandante de Tabatinga que se providenciassem canoas, cabos e índios para fazer o transporte de material e homens requisitados pela Partida espanhola. Os soldados e índios vindos da parte espanhola da fronteira deveriam se retirar o quanto antes de volta para a Província de Maynas, permanecendo assim o menor tempo possível no lado português. Só poderiam permanecer no Rio Negro espanhóis que viessem substituir outros que já se encontravam servindo na Capitania, exigindo-se os passaportes para que esses homens nela entrassem. Essas medidas foram indicadas por Lobo d'Almada tendo em vista as preocupantes informações de que o número de espanhóis que entravam no lado português, e que principalmente ficavam na vila de Ega, era maior do que o número de homens que voltavam para a Província de Maynas. A concentração de soldados espanhóis, considerados particularmente indisciplinados por Lobo d'Almada, dava margem para a ocorrência de conflitos com a tropa portuguesa, o que poderia alimentar divergências mais sérias entre as autoridades ibéricas. Nas palavras de Lobo d'Almada:

(...) sabendo eu pelas partes que tenho recebido, que os espanhóis que entram da Província de Maynas para o quartel da Ega são em número mais do que os que saem, engrossando-se assim o corpo dos ditos espanhóis dentro desta Capitania, principalmente em Ega, de sorte que já os seus soldados, confiados no número e pela má disciplina [que] têm, passam a praticar insolências que eu devo embarçar, não só pelo que elas em si são, mas porque podendo obrigar os nossos soldados a alguns despiques, se pode seguir de uma contenta particular uma ação geral em que nos vejamos empenhados sem muito recurso, se antes eu lhe não tiver prevenidamente embarçado as forças, e por consequência a audácia.⁶⁷

Na avaliação das autoridades espanholas, a exigência de passaportes para os subordinados de Francisco Requena era mais uma artimanha portuguesa para a prática da usurpação de terras americanas de Sua Majestade Católica. Escrevendo ao Marques de Sonora no ano de 1787, o Primeiro Comissário espanhol afirmou que os passaportes eram mais um dos entraves enfrentados pela Partida de seu comando, entraves esses que visavam impedir que os espanhóis acompanhassem as expedições de reconhecimento e demarcação dos limites ibero-

⁶⁷ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.605. Ofício do Governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo de Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 21/05/1791.

americanos. As poucas rotas permitidas aos espanhóis eram acompanhadas pelos oficiais portugueses, que destacavam soldados ou canoas para seguir as embarcações espanholas que circulavam entre o Rio Negro e Maynas. Outros caminhos eram interditados às canoas espanholas, como a ligação com o Orinoco, enquanto que o fornecimento de víveres e o serviço de correio com a Corte espanhola eram dificultados pelos portugueses, em um claro procedimento de sabotagem da Partida comandada por Francisco Requena. Nas palavras de Requena, os portugueses agiam da seguinte forma

para ocultar de mi conocimiento por todos los medios posibles estas expediciones, les es necesario tener esta Partida de mi mando encerrada en este cuartel, obligar a todos los individuos de ella al más estrecho y riguroso pasaporte, sin permitirles más camino que el que hay por el río Marañón hasta Maynas, poniendo para este efecto uno o dos soldados de su Nación en cada canoa, o haciendo seguir a ella otra inmediata, excusándose a dar los auxilios que se les pide sin permitir que a los Pueblos que están a la vista de este puedan pasar mis empleados a comprar alguna cosa, negando el paso por el río Negro al Orinoco sin embargo de haberse muchas veces pedido, demorando las cartas que vienen de España y los víveres del Pará, según convienen a sus intenciones (...).⁶⁸

As divergências entre oficiais espanhóis e portugueses tornaram-se mais acentuadas no decorrer da convivência entre os membros das duas partidas. Essas divergências cotidianas colocavam em questão a soberania das autoridades ibéricas na gestão dos espaços e dos conflitos que nele ocorriam. Isso se deu quando o soldado-auxiliar português e oficial carpinteiro José Antônio Pimpim foi preso por ordem de Francisco Requena. Pimpim trabalhava na construção de botes para os castelhanos quando, “tomado de aguardente” em uma tarde, foi repreendido pelo Comissário espanhol. Indignado, Pimpim fez menção de “tirar uma faca da algibeira” para atacar Requena, pelo que foi detido e mantido preso no quartel espanhol. Ao saber do ocorrido, o Tenente-Coronel João Batista Mardel escreveu ao Comissário espanhol, questionando-o se ele “queria exercer ações de jurisdição punitiva nos vassalos de minha Augusta Soberana.” Requena determinou que se libertasse o soldado Pimpim, apresentando formais desculpas às autoridades portuguesas pelo ocorrido.⁶⁹ Em primeiro lugar, tal caso expressa a dimensão mais local e cotidiana das relações políticas entre portugueses e espanhóis, principalmente nas fronteiras: a cooperação que deveria mediar a

⁶⁸ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena ao Marques de Sonora. Ega, 12/02/1787.

⁶⁹ APEP, Códice 383, Documento 20. Ofício de João Batista Mardel a João Pereira Caldas. Ega, 26/01/1782.

relação (o carpinteiro português estava construindo botes para a Partida espanhola), a eminência do conflito (o desentendimento entre ele e Requena) e a indefinição da soberania (quem deveria prender o carpinteiro?). Esse caso evidencia, também, que não eram somente os limites espaciais que estavam em constante disputa durante as demarcações: a jurisdição de espanhóis e portugueses sobre os sujeitos que viviam na região (ou que nela estavam temporariamente por conta das demarcações) também estava em jogo. Saber a quem cabia aplicar punições, sobre quem elas deveriam recair e quais elas deveriam ser, são questões pouco nítidas na fronteira, alimentando (e sendo alimentadas por) conflitos políticos.

Além de conflitos como esse, a presença, na parte portuguesa da fronteira, de militares e índios oriundos dos domínios de Castela passou a ser visto como um atentado à soberania lusa na área. Nas considerações mais críticas de alguns dos oficiais da Partida portuguesa, a situação era comparável à presença de um exército invasor, responsável por atos de violência contra a população local⁷⁰ e por demonstrações de desrespeito aos direitos da Rainha naquela parte do continente. Alguns dos protestos mais veementes contra a presença dos espanhóis na Capitania do Rio Negro foram lançados pelo Tenente-Coronel João Batista Mardel. Foi ele que dirigiu ao Primeiro Comissário espanhol um “fogosio ofício” (na expressão de repreensão de Pereira Caldas⁷¹) no qual criticou duramente o modo como os espanhóis agiam nas terras portuguesas. No início de seu ofício a Francisco Requena, ainda que não o considerasse diretamente responsável pelas “muitas desordens” praticadas pelos espanhóis, Mardel o alertou de que cabia a ele controlar seus subordinados para evitar maiores consequências. Nas palavras do oficial português, alguns dos membros da Partida espanhola haviam se esquecido de que eram “hóspedes, e que como tais deveriam conter-se nos limites da atenção e do respeito que devem aos chefes, tropas e povos da minha Augusta Ama, em cujos domínios entraram debaixo de boa fé.” Entre as violências que acusava terem cometido os soldados espanhóis, estava o ataque às índias, vítimas das “lascivas paixões” desses soldados, os quais as atacavam e espancavam. Porém as violências não se limitavam a essa, como complementou

⁷⁰ Sobre esse ponto, Simei Torres destaca casos de violências físicas praticadas por soldados das duas partidas contra habitantes de Ega. Cf.: Simei Maria de Souza TORRES. *Onde os Impérios se Encontram*. Op. cit., pp. 200-205.

⁷¹ Relatando ao Secretário da Marinha e Ultramar as discussões entre João Batista Mardel e Francisco Requena, João Pereira Caldas considerou que o oficial português acabou excedendo-se em seus ofícios, agindo com “ardência e imprudência,” não sendo esse o procedimento apropriado para “desempenhar a delicada e importante comissão” de demarcação de limites. Na avaliação de Pereira Caldas, alguns dos temas abordados por Mardel em seus ofícios para Requena não diziam respeito a sua função e autoridade, e, mais importante do que isso, “é sabido que nem todas as verdades se dizem.” Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.340. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 02/09/1784.

Mardel para Requena, deixando claro que a Partida espanhola comportava-se como exército invasor dos domínios portugueses:

Mas também cometendo extorsões por todos os sítios e fazendas dos miseráveis índios, até dos moradores se me tem queixado não serem senhores de uma única fruta, nenhuma cabeça de criação, que os índios e tropa da Partida de V S^a lhes não usurpem, *e não contentes com devastar o País, como se este fosse um país inimigo*, no qual o Direito da Guerra permite toda a violência, passam a entranhar-se pelo interior dos rios, tanto sobre os que versa esta demarcação, como todos os mais, a fazer reconhecimentos, a passar práticas ao gentio, com fim a cometer tudo o que puder ser com prejuízo da minha Augusta Soberana, e contra o seu incontestável direito.⁷²

Os procedimentos dos homens sob o comando de Requena, segundo Mardel, contrariavam a “decantada harmonia” que deveria marcar as relações entre as Coroas ibéricas no importantíssimo negócio das demarcações de limites no continente americano. Diante do que expunha ao Comissário espanhol, o Tenente-Coronel português esperava que ele controlasse seus subordinados. Francisco Requena, por sua vez, contestou as acusações do oficial da Partida portuguesa, ressaltando sua boa conduta e a de seus subordinados nas terras luso-americanas. Em contrapartida, Requena, em resposta de 10 de julho de 1784, acusou os soldados portugueses de praticarem arruaças nas vilas, ofendendo e atacando os soldados e índios da Partida espanhola. Admitia a hipótese de um ou outro indivíduo de sua Partida, “talvez incitado de alguna pasión,” houvesse cometido “uno o más desórdenes, o por causa de la ebriedad, o del inmoderado afecto de mujeres meretrices;” porém ressaltava que em sua Partida não havia notícias de “muertes, dar punaladas, forzar mujeres y otros excesos,” prevalecendo entre os comandados de Requena o temor à severidade de suas ordens. Garantia o Primeiro Comissário espanhol de que aqueles que haviam contrariado suas ordens foram castigados e enviados de volta a Maynas. Quanto à acusação de que os espanhóis vagavam pelas terras portuguesas, internando-se por rios que não deveriam ser percorridos pelas partidas demarcatórias e com o único fim de espionar o território da Capitania, disse Requena que o conhecimento que possuía sobre aquelas terras originava-se tão somente da leitura dos trabalhos de outros geógrafos, e não de espionagens praticadas por seus subordinados. Por

⁷² APEP, Códice 402, Documento 19. Ofício de João Batista Mardel a Francisco Requena. Ega, 13/06/1784 (grifos meus). Ver também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.340. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 02/09/1784.

fim, contestando a afirmação de que a Partida espanhola portava-se como um exército invasor, Requena rechaçou as afirmações de que seus homens desrespeitassem a soberania portuguesa naquelas terras, observando também que as autoridades lusas não auxiliavam sua Partida com a hospitalidade prevista pelos acordos diplomáticos.⁷³ A indefinição espacial das soberanias, um desafio a ser vencido pelas Partidas demarcadoras, dava margem para a eclosão de conflitos de jurisdição envolvendo justamente essas partidas. A territorialidade dos domínios coloniais naquela fronteira ainda era um projeto em construção, o que embaralhava o exercício e o reconhecimento dos poderes dos representantes de cada Coroa sobre os homens naquelas paragens.

Ao ofício de Requena, referido acima, Mardel retrucou com mais acusações, afirmando, entre outras coisas, que o Comissário espanhol envolvia-se em franco e escandaloso comércio no Rio Negro (o que será abordado no próximo item desse capítulo). As novas acusações fizeram com que o Primeiro Comissário espanhol remetesse ao Plenipotenciário da Partida portuguesa protestos contra as calúnias lançadas pelo Primeiro Comissário João Batista Mardel. Pereira Caldas, escrevendo a Mardel, observou que deveria ele ter sido “menos forte e mais moderado” em suas palavras, evitando maiores conflitos com a Partida espanhola que redundariam em “um grande desserviço a Nossa Augusta Soberana.” Para evitar o acirramento das tensões, decidiu Pereira Caldas que Mardel se retirasse de Ega para Barcelos.⁷⁴

As tensões entre as duas Partidas, entretanto, estavam longe de serem minimizadas. Em 22 de julho de 1791, a partida espanhola deixou Ega, retornando à Província de Maynas. Escrevendo ao Governador do Rio Negro, Manoel da Gama Lobo d’Almada, antes de retirar-se, Francisco Requena havia apresentado seus protestos contra as interferências das autoridades portuguesas sobre sua direção da Partida espanhola, bem como sobre sua autoridade como Governador de Maynas, tais como as exigências de passaportes para os oficiais espanhóis e o controle sobre a circulação das embarcações a serviço de Sua Majestade Católica. Essas interferências tornavam inviável a missão da Partida espanhola, ao passo que a Partida portuguesa usufruía de apoio e liberdade para realizar seus trabalhos. Sem homens em

⁷³ APEP, Códice 402, Documento 23. Ofício de Francisco Requena a João Batista Mardel. Ega, 16/07/1784. Ver também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.340. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 02/09/1784.

⁷⁴ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.340. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 02/09/1784.

número suficiente, sem mantimentos, a Partida espanhola não dispunha das condições necessárias para dar prosseguimento a suas tarefas. Protestou ainda Requena contra casos de desrespeito dirigidos por soldados e oficiais portugueses contra ele e outros homens de sua Partida, contrariando os entendimentos diplomáticos reinantes entre as Coroas ibéricas.⁷⁵ Em 1792, com a retirada da Partida espanhola, o Governador do Rio Negro instruiu ao comandante de Tabatinga que proibisse a entrada de espanhóis no território da Capitania. Da mesma forma, ficava determinado por Lobo d'Almada que nenhum português poderia ingressar na Província de Maynas.⁷⁶

Ao menos segundo as determinações das autoridades máximas de Maynas e do Rio Negro, os contatos fronteiriços deveriam ser evitados. Essa orientação política, embora pouco eficaz (como será visto em outras partes desse trabalho), sinaliza os dilemas enfrentados pelos representantes dos poderes monárquicos nas fronteiras do continente americano. Os trabalhos de demarcação efetuados conjuntamente entre portugueses e espanhóis, de 1780 a 1791, intentavam determinar os espaços e as soberanias de cada Coroa no norte da América meridional. A cooperação entre as duas comissões, respondendo aos entendimentos diplomáticos, não deixou de ser perpassada pela rivalidade que, mesmo de forma latente, subsistia na relação entre as Coroas ibéricas. Ao mesmo tempo, porém, as interações na zona fronteiriça durante as demarcações não apenas refletiram esse quadro geral, mas construíram seus próprios pontos de discórdia entre os oficiais. Em uma área “aberta” em sua espacialidade política, a coexistência das partidas de Portugal e Espanha ampliava as disputas de soberania e as ocasiões de desentendimentos. A realidade da fronteira, com suas dinâmicas e indefinições próprias, enfraquecia as exigências de construção de uma territorialidade consolidada, como ansiavam os poderes coloniais. Proibir os contatos na fronteira era apenas uma forma de as autoridades espanholas e portuguesas assumir, ainda que implicitamente, a impossibilidade de subjugar seus habitantes e suas formas de viver naquelas áreas.

E, para além das desconfianças e dos conflitos, o trabalho das demarcações também viabilizou aproximações e contatos entre os moradores das áreas de fronteira. De fato, constituem relações importantes para a própria consecução das políticas imperiais para as fronteiras. Esse é o caso do comércio nas zonas fronteiriças, com forte presença do

⁷⁵ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.613. Ofício do Governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 18/09/1791.

⁷⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.613. Ofício do Governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 09/01/1792.

contrabando, o qual viabilizava o abastecimento dos pontos limítrofes e seus contatos com outros espaços. As Partidas demarcadoras exigiam a ocorrência das relações comerciais nas zonas limítrofes, mesmo se tratando (e às vezes principalmente) de formas ilícitas de comércio. Essas questões serão abordadas no item a seguir.

2.2- Entre o abastecimento e o contrabando.

As relações comerciais ilícitas na fronteira luso-espanhola figuravam como uma das preocupações das Coroas ibéricas, durante a negociação do Tratado de Santo Ildefonso. Essas formas de comércio, de fato, constituíam parte das tensões diplomáticas, na medida em que expunham os limites dos impérios ultramarinos europeus em controlar as relações mercantis em suas áreas coloniais. Ao mesmo tempo, porém, a existência desse tipo de comércio expunha as dificuldades de abastecimento vivenciadas por amplas áreas no ultramar, de modo que o contrabando viabilizava a circulação de produtos e a própria reprodução da sociedade em várias partes da América.⁷⁷ No documento do tratado de 1777, havia a orientação aos chefes das Comissões demarcadoras para coibir as práticas de contrabando durante os trabalhos de delimitação dos limites (proibição que, ressalte-se, já havia sido enunciada no Tratado de Madri). Além disso, a locomoção de pessoas de um lado a outro da fronteira deveria ocorrer somente em situações de urgência, e devidamente amparadas por ordens das autoridades coloniais. Essas indicações constavam no 17º artigo do Tratado:

Cualquier individuo de las dos naciones que se aprehendiere haciendo el comercio de contrabando con los individuos de la otra, será castigado en su persona y bienes impuestas por las leyes de la nación que hubiere aprehendido; y en las mismas penas incurrirán los súbditos de una nación por sólo el hecho de entrar en el territorio de la otra, o en los ríos o parte de ellos que no sean privativos de su nación o comunes a ambas; exceptuándose solo el caso en que algunos arriben a puerto y terreno ajeno por indispensable y urgente necesidad (que han de hacer constar en toda forma), o que pasaren al territorio ajeno por comisión del gobernador o superior de su respectivo país para comunicar algún oficio o aviso, en cuyo caso deberán llevar pasaporte que exprese el motivo.⁷⁸

⁷⁷ Ruggiero ROMANO. *Mecanismos y elementos del sistema económico colonial americano, siglos XVI-XVIII*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004, pp. 279-299.

⁷⁸ “Tratado Preliminar de Límites en la América Meridional, ajustado entre las Coronas de España y Portugal, firmado en San Ildefonso el 1 de Octubre de 1777.” Apud.: Eric BEERMAN. *Francisco Requena. La Expedición de Límites: Amazonía, 1779-1795*. Madrid: Compañía Literaria, 1996, p.84.

Como foi abordado anteriormente, os oficiais encarregados das demarcações de limites estavam atentos ao deslocamento de pessoas de um lado a outro dos domínios ibéricos no continente americano, procurando manter sob controle o número de barcos que circulavam na fronteira. Além disso, havia a preocupação, entre os portugueses, de vigiar a movimentação dos espanhóis no território da Capitania do Rio Negro, limitando o quanto fosse possível os contatos entre os súditos de Castela e os vassalos de Sua Majestade Fidelíssima. Apesar desses cuidados e desconfianças, a circulação de pessoas entre os territórios coloniais de Portugal e Espanha, bem como os contatos entre súditos de ambas as Coroas, não eram apenas impossíveis de serem mantidos sob o controle absoluto dos militares responsáveis pela segurança das fronteiras, mas também eram necessários para a manutenção das atividades de demarcação dos limites territoriais. As relações comerciais entre portugueses e espanhóis foram indispensáveis para o abastecimento de víveres para aqueles que estavam encarregados dos trabalhos demarcatórios na fronteira luso-espanhola na América. O fornecimento de produtos para os homens que trabalhavam na demarcação, por sua vez, tornou-se um terreno de conflito entre as autoridades espanholas e portuguesas. Além do comércio destinado a atender às demandas das Comissões, existia ainda o contrabando de mercadorias, o qual respondia aos interesses privados de autoridades que serviam na fronteira. Essas questões serão analisadas no presente item.

Não se pretende afirmar, evidentemente, que as trocas comerciais (legítimas ou não) nas zonas fronteiriças tenham sido inauguradas com os trabalhos das Partidas espanholas e portuguesas nas décadas finais do século XVIII.⁷⁹ Ao longo do período colonial, o

⁷⁹ Na região do Rio da Prata, a ocorrência de contrabando tem início já no século XVI, perdurando por todo o período colonial, consistindo um fluxo de metais importante para as relações econômicas internacionais e para a própria constituição do capitalismo. Cf.: Fernand BRAUDEL. *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII – Os Jogos das Trocas*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, pp. 135-137. Escrevendo sobre as relações entre a América portuguesa e o Vice-Reino do Peru no século XVII (quando esse espaço político compreendida todas as possessões espanholas na América meridional), Frédéric Mauro destacou o comércio sustentado entre as duas partes, no que o acesso dos portugueses à prata de Potosí estimulava sobremaneira o contrabando. Frédéric MAURO. “O Peru e a economia brasileira no século XVII.” *Do Brasil à América*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975, pp. 65-74. Conferir ainda: Alice P. CANABRAVA. *O Comércio Português no Rio da Prata (1580-1640)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984. José Roberto Amaral Lapa, por sua vez, destaca as tentativas de estabelecimento de rota regular pelo rio Madeira, no início da década de 1720, quando se intentava utilizá-lo como uma via de comunicação entre o oeste e o norte da América portuguesa, assim como para entreter o comércio com as terras espanholas. José Roberto do Amaral LAPA. “Do comércio em área de mineração.” *Economia Colonial*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973, p.24, 15-110. No Estado do Maranhão durante a União Ibérica, as autoridades locais e da Coroa de Castela intentaram estabelecer o comércio com o Peru através dos rios da bacia amazônica, integrando o Maranhão à rota da prata andina. Alírio CARDOSO. *Maranhão na Monarquia Hispânica: intercâmbios, guerra e navegação nas fronteiras das Índias de Castela (1580-1655)*. Tesis Doctoral. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2012, pp. 200-212.

contrabando desempenhou um papel relevante (e, por vezes, primordial) para o abastecimento de várias áreas da América, constituindo também uma prática estratégica nos embates que envolviam os Impérios europeus.⁸⁰ No caso específico da área limítrofe hispano-portuguesa ao norte, Juan Sebastián Gómez identifica a ocorrência de contrabando na década de 1740, de modo que produtos vindos do Grão-Pará chegavam à governação de Popayán, com a possibilidade de haver a distribuição dessas mercadorias para outras cidades do Novo Reino de Granada.⁸¹

O sentido geopolítico do contrabando pode ser exemplificado, no caso da fronteira luso-espanhola norte da América na década de 1770, quando as mais altas autoridades em Lisboa e no Grão-Pará (como o Marquês de Pombal e o governador do Grão-Pará, João Pereira Caldas) discutiram a implementação de medidas para alavancar o comércio ilícito com as partes espanholas do continente. O chamado “Secretíssimo Plano de Comércio” ambicionava aumentar o fluxo da prata andina para o território luso-americano através do contrabando, fazendo dos rios da parte norte caminhos alternativos ao rio da Prata para os portugueses acessarem os metais extraídos na América meridional espanhola. Ainda segundo o plano, o comércio fluvial entre Pará, Rio Negro e Mato Grosso deveria ser impulsionado para garantir a introdução ilegal, por diferentes pontos do território, de mercadorias nas possessões espanholas vizinhas. Essas mercadorias (compostas basicamente de produtos europeus), introduzidas na fronteira espanhola a preços mais vantajosos do que daquelas vindas dos portos no Pacífico ou de Buenos Aires, deveriam ser negociadas com as povoações e as autoridades das áreas limítrofes, alimentando, em contrapartida, a introdução de prata na parte portuguesa do Novo Mundo. Para além da captação de riquezas, o “Secretíssimo Plano” também contemplava outros objetivos estratégicos da Coroa portuguesa para as fronteiras americanas, como a consolidação de seus direitos de posse territorial nos sertões do Grão-Pará e Rio Negro, bem como as comunicações comerciais entre esse Estado e as capitanias do

⁸⁰ Ruggiero ROMANO. *Mecanismos y elementos del sistema económico colonial americano*. Op. cit., pp. 279-299; Sergio VILLALOBOS R. *El Comercio y la Crisis Colonial*. Santiago: Editorial Universitaria, 1990, capítulos I e V. Um exemplo eloquente da função estratégica do contrabando nas disputas imperiais, e especificamente em áreas de fronteira, foi o estabelecimento pelos portugueses da colônia do Sacramento na foz do rio da Prata. Essa colônia foi um importante ponto de apoio ao comércio ilegal, através do qual se acessava a produção de prata do Alto Peru, assim como para a defesa dos interesses territoriais lusos naquele espaço. Cf.: Sérgio Buarque de HOLANDA. “A Colônia de Sacramento e a Expansão no Extremo Sul.” In: Sérgio Buarque de HOLANDA (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, T. 1, Vol. 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989; Fabrício PRADO. *Colônia do Sacramento: o extremo sul da América portuguesa no século XVIII*. Porto Alegre, 2002.

⁸¹ Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática: Historia de Maynas, siglo XVIII*. Tesis Doctoral. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, Posgrado en Estudios Latinoamericanos, 2013, pp. 172-173.

Mato Grosso e de Goiás, sendo imprescindível para isso o estabelecimento de feitorias em pontos-chave dos rios que conectavam essas partes do espaço luso na América.⁸² As fortificações limítrofes desempenhariam, assim, tanto funções de defesa militar quanto de estímulo comercial – a exemplo de Tabatinga, onde fora fundado, como visto anteriormente, um armazém da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão. A construção da soberania lusa sobre o território deveria, portanto, combinar a segurança bélica e o estabelecimento de rotas mercantis.

A execução do plano deveria contar com o envio de espões para as províncias espanholas, os quais deveriam “convencer e corromper as autoridades laicas e eclesiásticas no sentido de aceitarem a penetração comercial [de contrabando naqueles domínios].”⁸³ Havia a orientação de que os contatos comerciais com as autoridades espanholas fossem feitos da maneira mais discreta possível, inspirando-se na “mesma dissimulação de que se costumavam servir os denominados jesuítas” em seus negócios.⁸⁴ Os contatos chegaram a ser estabelecidos entre portugueses e autoridades de Moxos e Maynas, contudo a execução do plano foi interrompida com a queda do Marquês de Pombal em 1777.⁸⁵

Durante as tentativas de efetivar o “Secretíssimo Plano,” as autoridades portuguesas procuraram estabelecer pontos de apoio ao contrabando com a Província de Maynas. No ano de 1776, o governador e capitão-general do Grão-Pará, João Pereira Caldas, informou a Martinho de Melo e Castro, secretário de Estado da Marinha e Ultramar, que as obras da feitoria para os limites com Maynas estavam em andamento. Contudo, as tentativas de concretizar um contrabando regular com os espanhóis daquela parte ainda não haviam rendido os frutos desejados. Na avaliação de Pereira Caldas, as tensões políticas advindas da movimentação de soldados de Castela na fronteira do Rio Branco criavam obstáculos para o contato comercial mais eficaz entre portugueses e espanhóis. Paralelamente a isso, o governador da Província de Maynas, Juan Francisco Gomez de Arze, manifestou seu protesto contra o estabelecimento da povoação de Tabatinga, julgando-a ilegalmente colocada em terras pertencentes à Coroa espanhola, ao mesmo tempo em que servia de ponto de apoio para a entrada ilegal de portugueses que escravizavam índios no rio Putumayo. Por tais motivos,

⁸² Corcino Medeiros dos SANTOS. “A Amazônia nas relações hispano-portuguesas: o secretíssimo plano de comércio do Marquês de Pombal.” *Três Ensaios de História Colonial*. Brasília/DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007, pp. 85-143.

⁸³ Corcino Medeiros dos SANTOS. “A Amazônia nas relações hispano-portuguesas: o secretíssimo plano de comércio do Marquês de Pombal.” Op. cit., p. 97.

⁸⁴ Idem, p.123.

⁸⁵ Idem, pp. 115-121.

requereu o governador espanhol ao português que o posto de Tabatinga fosse evacuado.⁸⁶ No ano seguinte, o governador da Capitania do Rio Negro informou a Pereira Caldas sobre a impossibilidade de “se conseguir o pretendido negócio do contrabando com os vizinhos espanhóis.”⁸⁷ Desse modo, o sucesso ou não das tentativas de sustentar o contrabando na fronteira luso-espanhola dependia, em grande medida, das tensões políticas que envolviam as autoridades locais em torno das disputas territoriais que opunham os dois impérios no continente. O acirramento das rivalidades imperiais criava obstáculos para os contatos comerciais na fronteira, ao mesmo tempo em que as relações entre os sujeitos na fronteira influenciavam a condução das políticas imperiais.

Os acordos diplomáticos firmados entre Portugal e Espanha no final da década de 1770, assim como o intento de resolução das disputas territoriais na América, possibilitaram a formulação de expectativas mais otimistas quanto ao incremento do comércio no vale amazônico. Ainda que as aproximações comerciais entre espanhóis e portugueses na fronteira alimentassem desconfianças e críticas de ambas as partes (como será abordado mais adiante), era igualmente possível ver nesse comércio um vetor de enriquecimento das áreas de fronteira. Em escrito datado de 1787, Don Francisco Calderón y Piedra, alcade da Santa Hermandad de Quito, apresentou um plano de povoamento da fronteira e de desenvolvimento da vida econômica de Maynas. Como em outras avaliações e planejamentos para a fronteira (como foi visto no capítulo anterior), Calderón y Piedra ressaltou as potencialidades econômicas da região, sustentando que ela poderia se destacar na produção de ouro, quina, pita (planta utilizada para extração de fibras), ceras, cacau, salsa, peles de animais, manteigas (de tartaruga e de peixe-boi), açúcar, algodão. Esses produtos seriam escoados para a cidade de Quito e outras próximas, alimentando o crescimento comercial da fronteira e das possessões espanholas. Contudo, o aprimoramento mercantil da Província limítrofe viria principalmente com a instituição do livre comércio com os limites portugueses, o que alavancaria as redes comerciais locais, abrindo uma próspera rota econômica para a Audiência de Quito. Para que se praticasse o “comercio libre” com os portugueses, deveria ser instalada

⁸⁶ Pará, AHU-ACL_CU_013, Cx. 75, D. 6348. Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Pará, 31/10/1776.

⁸⁷ Pará, AHU-ACL_CU_013, Cx. 76, D. 6369. Ofício do governador e capitão-general do Estado do Pará e Rio Negro, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Pará, 14/01/1777.

uma aduana no rio Marañón, aproveitando-se também o tradicional comércio mantido com as populações indígenas.⁸⁸

O plano de Calderón y Piedra foi enviado para autoridades que serviam em Maynas, assim como para membros da Partida demarcadora espanhola, a fim de que esses sujeitos o avaliassem. Em sua avaliação sobre o plano de comércio para Maynas, Francisco Requena considerou que seu autor, por seu “poco conocimiento” sobre a fronteira, produziu “varias noticias de ella que en nada convienen con lo que la *experiencia* tiene acreditado.”⁸⁹ Criticando duramente o vecino quiteño, Requena afirmou que ele, “no habiendo visto nunca a Maynas, exageró ventajas de esta Provincia que solo pudieron existir en su imaginación.” Ao contrário do que supunha Calderón y Piedra, não havia ouro e nem quina naquela zona de fronteira, e nem se podia coletar grandes quantidades de pita. A quantidade de ceras coletadas nas florestas (“aceite de copaúba, sangre de drago, estoraque”) era modesta, ocorrendo o mesmo com o cacau, a salsa, o açúcar e o algodão, existindo ainda sérios entraves para escoar esses produtos para outros pontos da América espanhola, de modo que seu comércio não proporcionaria altos ganhos. A exportação de peles de animais seria pífia, o mesmo valendo para a de manteiga de tartaruga e de peixe-boi, produtos que poderiam ser escoados para a Europa com mais comodidade e lucro a partir do rio Orinoco.⁹⁰

Porém sua crítica mais acentuada se dirigiu à defesa de Calderón y Piedra do comércio livre com os portugueses como uma prática benéfica para o adiantamento econômico da fronteira espanhola e de toda a Audiência. Tal pensamento representava um erro, segundo Requena, comum a todos aqueles que sempre julgavam vantajoso aplicar nas colônias espanholas o “que se hace con colónias extanjeras,” no que o coronel espanhol apontava os limites práticos para um dos mais característicos procedimentos do pensamento ilustrado, a emulação de políticas bem sucedidas levadas a cabo por impérios rivais.⁹¹ Sua crítica a essa proposta fundamentava-se em suas experiências na fronteira luso-espanhola e seu conhecimento a respeito de outros espaços americanos. Comparando Lima a Belém no que se refere ao comércio com a Europa, Requena avaliou que o acesso do principal porto do Grão

⁸⁸ AHL, LEA11-89. Carta de Francisco Requena. Ega, 12/01/1790. Conferir também: Expediente sobre la propuesta de descubrimiento de la fertilidad de Mainas, por Francisco Calderón y Piedra (1787-1790), Archivo Nacional del Ecuador, Gobierno, 1787. Apud: Manuel LUCENA GIRALDO. “La Delimitación Hispano-Portuguesa y La Frontera Regional Quiteña, 1777-1804.” *Procesos*, Revista Ecuatoriana de Historia, No. 4, 1993, pp. 32-33.

⁸⁹ AHL, LEA11-89. Carta de Francisco Requena. Ega, 12/01/1790. Grifos meus.

⁹⁰ AHL, LEA11-89. Carta de Francisco Requena. Ega, 12/01/1790.

⁹¹ Gabriel B. PAQUETE. *Enlightenment, Governance, and Reform in Spain and its Empire, 1759-1808*. London: Palgrave Macmillan, 2008, pp.30-36.

Pará aos mercados europeus era mais rápido, o que daria vantagens aos portugueses quanto ao preço dos produtos. Contudo, o acesso de Quito à fronteira com os domínios portugueses era extremamente difícil, inviabilizando o estabelecimento de uma rota comercial regular e próspera conectando os domínios portugueses à Província de Maynas e à capital da Audiência. Nenhum comerciante de Quito ou cidades da região abandonaria os circuitos mercantis vigentes (mais rápidos, seguros e lucrativos) por um caminho tão arriscado e oneroso. Em sua crítica a Calderón y Piedra, Requena destacou o absurdo de sua proposta:

Las ropas están en Lima, por lo regular, con un valor igual al que tienen en el Pará; de Lisboa a este puerto se tarda un mes, y de Cádiz a Lima seis. ¿Pues de donde vendrá esa igualdad de precios con tanta desigualdad de navegación, gastos y riesgos? (...) Asimismo en el Pará se hallan los efectos más caros que en Cartagena de Indias. *¿Pues qué vecino de Quito podría preferir el viaje a las fronteras de España con Portugal en el río Marañón para comprar en ellas las ropas con treinta por ciento sobre el costo del Pará en que tardaría ocho meses de ida y vuelta, al de Cartagena o Lima que podría hacer en cuatro, y en donde haría sus compras como si las hiciera en el Pará o más baratas? ¿Quién había de querer arriesgar su vida e interés por países casi desiertos, enfermizos, sin auxilios, sin víveres para la subsistencia, sin embarcaciones cómodas y proporcionadas para el negocio por raudales, caminos fragosos de a pié, pudiendo viajar siempre ó por tierra, atravesando ciudades y poblaciones en que encontrarían mantenimientos y todo el necesario para su marcha, ó por el mar, en que se va a Lima y Cartagena con embarcaciones más seguras y cómodas que las canoas de Maynas?*⁹²

Mas Calderón y Piedra não era o único a projetar na distante fronteira a imagem da prosperidade colonial. Nas expectativas positivas das autoridades da Audiência de Quito, os rios que ligavam a América espanhola com os domínios portugueses também poderiam servir de rotas para a introdução de escravos africanos, segundo alguns planejamentos discutidos no período. Em ofício dirigido por Juan José de Villalengua, Presidente da Audiência de Quito, a Jose de Galvez, Ministro de Indias, foi avaliada a proposta de efetivar a compra de escravos africanos no Pará, os quais seriam destinados aos trabalhos de mineração no território *quiteño*. Segundo Villalengua, as minas mais produtivas eram as de Zazuma, de onde se extraíam aproximadamente oito arrobas de ouro por ano e nas quais predominava o trabalho de mestiços e de “hombres sueltos que llaman piqueros.” Nas considerações de Villalengua, a

⁹² AHL, LEA11-89. Carta de Francisco Requena. Ega, 12/01/1790 (grifos meus).

melhoria da exploração mineral requeria a presença de especialistas em metais, bem como “la introducción de Negros en dichas Provincias.” A introdução da mão-de-obra africana na mineração impulsionaria a economia local, considera da em estado decadente. A mineração dependia ainda do trabalho indígena, o qual, na avaliação de Villalengua, não era o mais produtivo para essa atividade:

Es sin duda que el fomento de la Minería es el asunto más interesante en todos los Dominios de América, y debe ser el de mayor atención en estas Provincias cuyo comercio se halla en suma decadencia, y sin valor sus manufacturas a quienes debieron la opulencia de que apenas se encuentran algunos vestigios, y aunque con este motivo, y obligados de la misma escasez son muchos los vecinos que en distintos Lugares se han dedicado a la labor de ellas por medio de los Indios, es cuasi ninguno el fruto de su trabajo ya sea por el corto servicio, e insubsistencia de los Indios Mitas con quienes se emprende, ya por la escasa inteligencia de los operarios que no saben aprovechar todo el valor de los metales, ya finalmente porque estos no corresponden a los costos.⁹³

Contudo, em oposição aos intentos de estabelecer um fornecimento regular de escravos africanos do Pará à Audiência de Quito, Villalengua sublinhou as grandes distâncias e dificuldades dessa rota de navegação, assim como do transporte terrestre da fronteira até a serra, o que certamente acarretaria na morte de muitos escravos durante a viagem. Além dessas questões, Villalengua destacava o abusivo preço que os portugueses estabeleceriam aos escravos que seriam vendidos aos espanhóis, fato esse comprovável na compra de escravos africanos que a Partida espanhola realizou no Pará, o que só viria a encarecer ainda mais essa pretendida rota de comércio de cativos:

La provisión de Negros por el Pará aun el caso que hubiera sujeto que se encargara de ella, no me parece la más conveniente, así porque es muy larga, costosa, y arriesgada la Navegación del Rio Marañón hasta el Puerto del Napo que es el de estas Provincias, como porque de él a esta Ciudad media un fragoso camino de más de quince días de elevados cerros, grandes Ríos, y terribles Paramos intransitable en mucha parte del año hasta por los mismos Naturales en el cual perecería sin duda un gran Numero de ellos; a que se agrega que aun cuando se pensara subsanar el quebranto que se experimentara en esta parte con la equidad del precio de los Negros, en la actualidad se ha tratado con el Primer Comisario de Limites el exceso advertido

⁹³ AGI, Quito, 242, n.131. Carta de Juan José Villalengua a José Galvez, 18/12/1784.

en la compra de 4 esclavos tomados de cuenta de la Real Hacienda para servicio de la Expedición, cuyo costo fue de 260 pesos fuertes cada uno de que se infiere que los Portugueses les dan un valor imaginario.⁹⁴

Do ponto de vista das autoridades portuguesas, entretanto, o comércio de escravos com os espanhóis deveria ser coibido. O incentivo dos poderes metropolitanos à introdução da mão obra escrava africana no extremo norte da América portuguesa (representado pela ação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, grande importadora de cativos para o porto de São Luís e Belém) deveria atender às demandas da economia local, e não alimentar um comércio escravista (ainda que pequeno) nas fronteiras hispano-portuguesas. No “Secretíssimo Plano de Comércio,” referido anteriormente, essa proibição já havia sido estabelecida. Para os formuladores do plano, era certo que os espanhóis, na medida em que mantivessem contatos comerciais com os domínios portugueses, pretenderiam adquirir “os negros que virem numerosos nas suas vizinhanças.” Mesmo se tratando de um negócio capaz de gerar grandes “lucros mercantis,” as autoridades portuguesas alertavam que ele deveria ser proibido devido a “muitas e muitas razões políticas de ordem superior,” “castigando-se com a maior severidade os transgressores” dessa proibição.⁹⁵

Algumas dessas “razões políticas,” apenas referenciadas no texto do plano, são expostas de maneira clara em um ofício datado de 1782, encaminhado a João Pereira Caldas por João Batista Mardel. Nele, Mardel opôs-se a que os espanhóis da Partida demarcatória “possuíssem um escravo mulato que veio da cidade do Pará”, escravo esse que era “carpinteiro, sapateiro, além de outros ofícios.” Segundo ele, não era conveniente que os espanhóis contassem com um escravo que “tinha conhecimentos do Estado” (isto é, informações sobre o território do Grão-Pará) e que os auxiliasse na construção de barcos, o “que algum dia nos poderão [os espanhóis] opor contra a vantagem que tínhamos, e ainda temos” sobre eles.⁹⁶ No ano anterior, ao responder a um ofício de Francisco Requena no qual este solicitou comprar no Pará “doze negros (...) com diversos ofícios” para sua Partida, João Pereira Caldas já havia informado não ser possível atendê-lo, justificando ser difícil encontrar escravos desse tipo e, quando existiam, seus senhores não os vendiam, e “se os largam é à

⁹⁴ AGI, Quito, 242, n.131. Carta de Juan José Villalengua a José Galvez, 18/12/1784.

⁹⁵ Corcino Medeiros dos SANTOS. “A Amazônia nas relações hispano-portuguesas: o secretíssimo plano de comércio do Marquês de Pombal.” Op. cit., pp. 128-129.

⁹⁶ APEP, Códice 402, Documento02. Ofício de João Pereira Caldas, Ega, 22/06/1782. Esse documento está também disponível em: Rio Negro, AHU_ACL_CU_20, Cx. 8, D.339. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Rio Negro, 01/09/1784.

força de conveniência, ou de tantos maiores preços.”⁹⁷ Nos argumentos de Mardel e nas negativas de Pereira Caldas, parece claro que a proibição desse comércio respondia também a razões de ordem geopolítica, buscando os portugueses evitar que os espanhóis adquirissem escravos africanos que poderiam prestar-lhes informações sobre o território luso-americano.

No entanto, as ordens de proibição de vendas de escravos aos espanhóis não foram suficientes para impedi-las de ocorrer. Perguntado por um oficial se “os escravos que os espanhóis compraram aos portugueses podem ir com seus senhores atuais para os Domínios de Espanha”, Lobo d’Almada, governador do Rio Negro, primeiramente alertou que as vendas foram realizadas sem seu consentimento. Ordenou então que se averiguasse o número de cativos adquiridos pelos espanhóis, mas como julgava terem sido poucos escravos, decidiu que não se devia embarçar a saída deles com seus senhores.⁹⁸ A listagem dos escravos adquiridos pelos espanhóis foi, de fato, realizada por Henrique João Wilckens. Nela, constam os nomes e as ocupações dos quatro cativos que passaram para Maynas: eram eles o mulato Agostinho, carpinteiro, o preto Lourenço, calafate, a preta Luzia, cozinheira, e o mulato Joaquim, também cozinheiro. Desses, os três primeiro haviam chegado ao Rio Negro oito anos antes com o “Capitão Évora” (certamente o capitão de auxiliares e comerciante José Antônio Freire Évora, sobre quem se tratará mais adiante), enquanto que o mulato Joaquim havia chegado cinco anos antes. A eles, somava-se “um mulatinho, filho de uma preta,” levado pelo Comissário espanhol.⁹⁹ A Partida espanhola, no entanto, não adquiriu outros cativos africanos, não apenas em razão da oposição portuguesa a esse tipo de negócio, mas também em razão dos preços abusivos cobrados no negócio. Segundo um oficial espanhol, os escravos vendidos pelos portugueses eram extremamente caros, chegando a custar 100% mais do que o valor regular, e “no son de los mejores.”¹⁰⁰

O abastecimento das partidas.

A fronteira luso-espanhola da Audiência de Quito não se converteu em uma pujante rota mercantil, como projetava Calderón y Piedra. Tampouco os rios do norte se tornaram

⁹⁷ APEP, Códice 376, Documento 53. Ofício de João Pereira Caldas a Francisco Requena. Barcelos, 4/10/1781.

⁹⁸ Ofício de Manoel da Gama Lobo d’Almada, 1791. Apud: Arthur César Ferreira REIS. *Lobo d’Almada: Um estadista colonial*. Manaus: Academia Amazonense de Letras, Prefeitura Municipal de Manaus, Editora Valer, 2006, pp. 199-201.

⁹⁹ APEP, Códice 482, Documento s/n. “Relação dos escravos que, comprados no Pará, em poder se acham de espanhóis,” de Henrique João Wilckens. Ega, agosto de 1791.

¹⁰⁰ AHL, LEB3-37. Ofício remetido ao Presidente de Quito. Tefé, 27/07/1783. Conferir também: AHL, LEB3-37. Ofício remetido ao Presidente de Quito. Tefé, 23/04/1784.

rotas de comércio de escravos africanos, como ansiavam as autoridades espanholas e temiam as do lado português. No entanto, entre temores e anseios de ambas as partes, as práticas de comércio existiram nos limites entre Maynas e Rio Negro. No período em questão, as relações comerciais estabelecidas entre portugueses e espanhóis no período giraram em torno principalmente do abastecimento das Partidas de demarcação. Sustentar o trabalho das Partidas implicava alimentar e equipar os homens que delas faziam parte, o que exigia, por sua vez, a manutenção de práticas comerciais capazes de abastecer os oficiais, soldados e índios que serviam às Coroas ibéricas nos confins da América. O empreendimento político e militar das demarcações, assim, estimulou o estabelecimento de rotas mercantis, conectando autoridades e moradores no espaço fronteiriço luso-espanhol.

Havia dificuldades entre os espanhóis destacados no lado português da fronteira em manter um fornecimento regular e em quantidade suficiente de produtos a partir de Maynas, o que os levou a comprar mercadorias na Capitania do Rio Negro ou mesmo na do Pará. Ao comparar o abastecimento de sua Partida com a portuguesa, Francisco Requena destacou os grandes empecilhos que ele tinha de enfrentar, encontrando-se impossibilitado de conseguir das sedes administrativas da América espanhola o envio regular de mantimentos. Tal dificuldade devia-se, em grande parte, às longas e acidentadas distâncias que separavam a Partida demarcadora das principais cidades hispanoamericanas, o que também encarecia sobremaneira o envio de alimentos. Além disso, a itinerância dos trabalhos de demarcação criava um obstáculo a mais para o envio de gêneros para a Partida espanhola. Esses fatores criavam obstáculos para o abastecimento vindo da Audiência de Quito e do Vice-Reino do Peru, como também o estabelecimento de rotas alternativas (o abastecimento a partir da Capitania da Venezuela). Nas palavras do chefe da Partida espanhola:

Los socorros que por el infatigable celo del Sr. Presidente Regente, visitador y Comandante General de Quito me alcanzan hasta aquí, de las Provincias del Perú, Chachapoyas, Piura y Lambayeque, atravesando los pongos del alto Marañón con notable riesgo, cuyos víveres tienen más de costo que su valor principal, no puedo, para que se suspendan o continúen dar aviso que sirva de Gobierno, o para facilitar nuestra subsistencia aquí, o para que no se malogren ellos mismos después de nuestra propia marcha, del propio modo que por la misma incertidumbre sobre ella, no puedo avisar al Sr. Capitán General de Caracas, para que se establezcan en el alto Orinoco los Almacenes que con víveres de la Presidencia de Venezuela

han de formarse para la subsistencia de esta Partida, durante permanezca en la parte superior del Rio Negro.¹⁰¹

Segundo Requena no mesmo documento, a Partida portuguesa encontrava-se em situação bem mais favorável, contando com o trabalho dos índios das vilas para o fornecimento de mantimentos. Em 1783, solicitou o comissário espanhol ao português o fornecimento de mil alqueires de farinha “a los soldados y índios” de sua Partida. Requena avaliava que, devido às distâncias, não podia contar com o fornecimento regular desses gêneros a partir de Maynas ou de Jaén, pelo que pedia que se remetesse a farinha do Rio Negro ou da cidade do Pará (Belém). Requena reclamou também que a farinha que havia sido destinada pelos portugueses aos espanhóis era de péssima qualidade, o que contribuiria para a disseminação de doenças, principalmente entre os índios.¹⁰² Em outro momento, o comissário espanhol acusou o Tenente Coronel João Batista Mardel de dar ordens para barrar a venda de mantimentos para os espanhóis, o que havia obrigado Requena a mandar parte de seus subordinados de volta para Maynas, visto que não dispunha de mantimentos suficientes para alimentar todos os seus homens.¹⁰³ Nessa situação, o abastecimento da Partida espanhola só poderia ser efetivado através de relações comerciais ilícitas com os moradores do Rio Negro, realizadas longe dos olhos dos oficiais portugueses, o que contrariava o entendimento político firmado entre as Cortes de Madri e Lisboa quanto à proibição de contrabandos na raia fronteiriça. Escreveu Requena ao Comissário português sobre o modo disfarçado como eram oferecidos produtos aos espanhóis na vila de Ega, e como isso representava uma afronta aos entendimentos diplomáticos que deveriam permear a relação entre as duas nações durante a demarcação dos limites na América:

(..) la más pequeña menudencia, una cazuela, un poco de almidón y otras a estas semejantes, recusan todos su venta, y yo, el Proveedor y cada uno de los demás individuos a mi ordenes tenemos experimentado esta repulsa en muchas ocasiones, y cuando nos han franqueado algunas de estas triviales cosas que suelen ser a veces muy necesarias, ha sido exigiendo el

¹⁰¹ APEP, Códice 392, Documento 37. Ofício de Francisco Requena a Teodósio Constantino Chermont. Ega, 12/03/1783.

¹⁰² Rio Negro, AHU_ACL_CU_020_Cx. 6, D. 292. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general, João Batista Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Barcelos, 27/09/1783.

¹⁰³ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020_Cx. 8, D. 343. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general, João Batista Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Barcelos, 02/09/1784.

más cuidadoso sigilo, y tomando las medidas más cautelosas para que no se hiciese público, solicitando sea ya bien entrado la noche así para hacer la entrega, como para recibir la paga, con cuyas condiciones tengo yo también ordenado no se compre nada, por grande que sea la necesidad en que se hallen los de mi Partida, por no ser decente ni decoroso a la Nación Española que en las actuales circunstancias, y en el estado de armonía en que se hallen las dos Cortes se hagan compras ocultamente.¹⁰⁴

Se no ofício dirigido aos portugueses Requena afirmava dar ordens a seus subordinados de não comprar nada por meio de contatos ilícitos com moradores da Capitania do Rio Negro, em outro documento, assinado por sete oficiais¹⁰⁵ da Partida e dirigida à Coroa espanhola, essa modalidade de comércio é exposta de forma mais detalhada. Como se pode apreender da exposição contida no documento, tratavam-se de transações indispensáveis para suprir de víveres os espanhóis, tendo em vista as rígidas ordens das autoridades portuguesas que impediam os habitantes do Rio Negro de vender a eles alimentos e outros produtos. Segundo afirmavam os oficiais espanhóis, havia uma proibição imposta pelo “Comisario Portugués para que absolutamente no se venda a nuestra Partida, ni particularmente a ningún individuo de ella, mantenimiento alguno de aquellos que son necesarios para la natural conservación.” Dos gêneros que eram negados, destacava-se a farinha, “que es el pan común de las gentes.” Quando compravam farinha, era de alguns soldados portugueses que procuravam os espanhóis às “diez de la noche encargándole el secreto, por decir que estaban prohibidos, sin embargo que la dicha farina era suya propia y ahorrada de sus raciones.” Na interpretação dos espanhóis, esse fato demonstrava que a Partida portuguesa recebia mantimentos em grande quantidade, a ponto de seus soldados poderem vender a farinha excedente.¹⁰⁶

Em outras ocasiões, os espanhóis tentaram comprar farinha de algumas índias vindas da povoação de Nogueira, ao que elas responderam “no tener licencia para ello, y estarles prohibido bajo de graves penas.” Argumento semelhante apresentou uma índia, de quem Requena tentou, sem sucesso, comprar laranjas, bananas e mandioca. Também em Nogueira,

¹⁰⁴ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020_Cx. 9, D. 355. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general, João Batista Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Barcelos, 16/12/1784.

¹⁰⁵ Assinaram o documento: Francisco Requena y Herrera, Gobernador Comandante General de Maynas y Comisario Principal de la Partida; Felipe de Arechua y Sarmiento, Segundo Comisario; Miguel Hernández Bello, Leedor y Pagador General; Don Mariano Bravo, Capelán de Expedición; Gaspar de Santisteban, Secretario de Expedición; José Mazorra, Ayudante de Expedición y Gobierno; José Antonio Villalobos, Secretario de Gobierno y Comandancia General.

¹⁰⁶ AGI, Santa Fe, 663B. Carta firmada por Francisco Requena y Herrera, Felipe de Arechua y Sarmiento, Miguel Hernández Bello, Don Mariano Bravo, Gaspar de Santisteban, José Mazorra, y José Antonio Villalobos. Ega, 17/07/1784.

tentaram comprar de um morador algumas reses, o que não foi possível, pois ele alegou “no tener licencia para cumplirlo, recelando se le castigaría por eso.” Diante da negativa, Requena se viu obrigado a trazer de Maynas vacas para fornecer o leite necessário para a alimentação dos enfermos de sua Partida. Procurando sanar a falta de mantimentos, Requena requisitou a compra em Belém, “a cualquier precio,” de mil alqueires de farinha, além de arroz, gênero que “nunca (...) falta abundantemente en aquel puerto.” Contudo, Requena só havia recebido trezentos alqueires, “negándose la casa [em Belém] encargada de nuestros negocios a remitir el resto sin decir hasta ahora porque motivo.”¹⁰⁷

Uma possível saída para os problemas de abastecimento da Partida espanhola foi apresentada por um eclesiástico português. O documento não traz o nome do religioso, e nem informa de qual povoação ele procedia. No entanto, esse religioso, em visita ao Comissário Requena, propôs vender mantimentos aos espanhóis às escondidas. Pelo sistema de venda apresentado pelo religioso, os espanhóis atracariam na povoação o barco pesqueiro da Partida, deixando nele o valor referente aos produtos que desejavam comprar. No barco, o religioso recolheria o pagamento, deixando os mantimentos. Isso tudo, ressaltava o religioso, deveria ser feito com toda a cautela possível:

(...) el único medio que se proporcionaba [para realizar a venda] era que se dejasen dichos víveres en nuestro pesquero, donde se pusiese el dinero correspondiente a su satisfacción y paga, guardando siempre el mayor silencio y posible recato, a fin de que no lo entendiese el comisario portugués, porque castigaría crudamente a los vendedores, y aun perdería ciertamente a dicho eclesiástico si llegase a comprender este trato.¹⁰⁸

Coibir o entrelaçamento de trocas comerciais entre autoridades da Capitania do Rio Negro e oficiais espanhóis foi uma das preocupações recorrentes dos dirigentes da Partida portuguesa, isso porque essas aproximações poderiam significar um atentado à soberania lusa na região. De acordo com tal crítica, autoridades locais envolvidas em franco comércio com os espanhóis poderiam agir mais de acordo com seus interesses privados do que com o princípio de defesa do território. Suspeita desse tipo pesava sobre o diretor da vila de Fonte Boa, sobre

¹⁰⁷ AGI, Santa Fe, 663B. Carta firmada por Francisco Requena y Herrera, Felipe de Arechua y Sarmiento, Miguel Hernández Bello, Don Mariano Bravo, Gaspar de Santisteban, José Mazorra, y José Antonio Villalobos. Ega, 17/07/1784.

¹⁰⁸ AGI, Santa Fe, 663B. Carta firmada por Francisco Requena y Herrera, Felipe de Arechua y Sarmiento, Miguel Hernández Bello, Don Mariano Bravo, Gaspar de Santisteban, José Mazorra, y José Antonio Villalobos. Ega, 17/07/1784.

quem se realizou uma devassa para investigar as informações de que ele ajustava “algum negócio” com Don Joaquin de Bustos, oficial da Partida espanhola. Aparentemente, o diretor mantinha “amizade íntima” com Bustos, o que teria facilitado a esse estabelecer-se com seus homens em Fonte Boa, adquirir canoas, extrair madeiras, plantar roças na povoação, organizar uma expedição ao rio Içá e outra com fins comerciais para Belém, tendo o diretor fornecido índios remeiros a essa última. A fim de apurar a veracidade dos fatos, Teodósio Constantino de Chermont deu ordens para que se fizesse uma devassa, “chamando para testemunhas dela os moradores brancos e os oficiais índios da povoação, e ainda algum índio mais civilizado, como são os pilotos, e em todo caso qualquer índio que tenha sido empregado” nas atividades acima descritas.¹⁰⁹

Em setembro de 1782, a bordo de sua canoa aportada em Fonte Boa, o ajudante de auxiliares Custódio de Matos Pimpim deu início à devassa. Foram inquiridos Francisco Afonso (homem branco), Apolinário Maciel (cabo da canoa de comércio de Fonte Boa), Antônio Luís (sargento índio), Manoel dos Santos Maltes (morador branco), Manoel Galvão (índio principal do lugar), João Batista (índio capitão), Elias de Araújo (índio morador de Fonte Boa), Miguel de Siqueira (índio “jacomaúba”, isto é, piloto) e Calisto da Cunha (índio meirinho). Os depoimentos prestados não confirmaram a existência de negócios particulares contraídos entre o diretor da vila e Don Joaquin de Bustos. Quando muito, foi declarado que “falavam ambos muitas vezes,” como afirmou Elias de Araújo, sem que nenhuma testemunha afirmasse que tais conversas atestavam a existência de negócios privados entre o diretor e o oficial espanhol. Bustos teria se fixado na vila a despeito da oposição do diretor, que se viu obrigado a permitir sua presença e a de seus subordinados devido às enfermidades que atacavam os membros da Partida espanhola. Sobre a aquisição de canoas pelo espanhol, o índio Antônio Luís declarou, por intermédio de um soldado que serviu de seu intérprete na devassa, que “Don Joaquin de Bustos comprara ao capitão João Batista uma igarité velha,” “uma igarité pequena usada ao índio Pedro, e outra ao Principal Manoel Galvão,” informação também confirmada pelo principal Manoel Galvão em seu depoimento. Não se confirmaram também as informações sobre a coleta de madeiras e o auxílio do diretor à expedição comercial de Bustos para Belém.¹¹⁰ Ainda que as informações de negociações privadas entre

¹⁰⁹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.5, D.255. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/02/1783.

¹¹⁰ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.5, D.255. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/02/1783.

o diretor de Fonte Boa e Don Joaquin de Bustos não tenham sido comprovadas pela devassa, elas pareceram suficientemente dignas de atenção por parte dos oficiais da Partida portuguesa, o que indica a possibilidade de alianças entre autoridades portuguesas e espanholas na realização de atividades comerciais.

Para os espanhóis envolvidos na demarcação, o contrabando poderia significar a forma mais eficaz de amenizar os problemas de abastecimento. No entanto, entre os oficiais portugueses eram igualmente recorrentes as reclamações sobre as dificuldades de se conseguir os gêneros para alimentação, principalmente farinha. Em 1780, João Pereira Caldas destacou que a Capitania do Rio Negro não dispunha de uma produção suficiente de farinha de mandioca, solicitando ao comandante da fortaleza de Gurupá o fornecimento de até dois mil alqueires de farinha, e de mais mil alqueires para o comandante da fortaleza da vila de Santarém.¹¹¹ No ano seguinte, Pereira Caldas lamentou-se da “sensibilíssima falta” de açúcar e de manteiga de tartaruga, obrigando-o a substituir as ceias dos oficiais da expedição por “alguma coisa ligeira,” prevendo maior escassez no futuro.¹¹²

Com relação aos pedidos de víveres da Partida espanhola, o comissário João Pereira Caldas alegou que o transporte de volumosas cargas de mantimentos do Pará para a fronteira era uma operação extremamente complicada, exigindo grandes canoas e muitos índios para o trabalho de remar, o que o impedia de atender às solicitações do Coronel Francisco Requena. Além disso, os trabalhos de demarcação, tanto para o Rio Negro quanto para o Mato Grosso, ocupavam boa parte da mão-de-obra indígena, não sendo possível realocá-los nas canoas para o transporte de alimentos para os espanhóis. Afirmou também Pereira Caldas, em ofício dirigido a Requena, que a seca e os ataques dos índios Mura haviam prejudicado a produção de farinha. Por fim, sugeriu ao Comissário espanhol que tentasse socorrer-se de víveres a partir de Maynas, pois não seria “justo o ter inteiramente aos socorros de Portugal.”¹¹³

O fornecimento de víveres e outros produtos, tanto para a Partida portuguesa quanto para a espanhola, ficou a cargo principalmente de comerciantes que atuavam nos sertões das capitanias do Pará e do Rio Negro. Além da função primordial de possibilitar a circulação e troca de produtos, os comerciantes que navegavam nos rios do Estado do Grão-Pará e

¹¹¹ APEP, Códice 360, Documento 01. Ofício de João Pereira Caldas a José de Nápoles Telo de Menezes. A bordo da canoa Nossa Senhora do Pilar, 8/08/1780.

¹¹² APEP, Códice 360, Documento 17. Ofício de João Pereira Caldas a José de Nápoles Telo de Menezes. Barcelos, 14/02/1781.

¹¹³ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020_Cx. 8, D. 343. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general, João Batista Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Barcelos, 02/09/1784.

capitanias vizinhas também viabilizavam a troca de informações entre as autoridades, transportando a correspondência oficial. Essas funções foram, por exemplo, desempenhadas pelos comerciantes Antônio José de Siqueira e José Antônio Freire Évora, os quais entregaram a João Pereira Caldas três cartas dirigidas pelo governador José Nápoles Telo de Menezes no final do ano de 1781. Além da correspondência, os mencionados comerciantes transportaram “volumes da Real Fazenda de que vinham encarregados”, alguns outros “volumes remetidos pelo Comandante de Santarém,” além de “parte da botica dirigida aos espanhóis.”¹¹⁴ Em outra ocasião, Pereira Caldas lamentou-se não ter recebido pelo comerciante Manoel Rodrigues Calado o “socorro de dinheiro” que esperava da cidade de Belém para os gastos no serviço de demarcação.¹¹⁵

Tendo em vista as dificuldades para abastecer sua Partida, Francisco Requena tomou a iniciativa de firmar, em 1785, um contrato com o comerciante e capitão de auxiliares do Rio Negro, José Antônio Freire Évora, já mencionado nesse capítulo. No levantamento populacional realizado no Rio Negro do século XVIII, o comerciante Freire Évora consta como um dos três homens brancos ricos da capitania, destacando-se como proprietário de escravos. Ele era também uns dos devedores da extinta Companhia de Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão.¹¹⁶ Portanto, José Antônio Freire Évora era um dos sujeitos mais abastados e influentes da sociedade rio-negrina da segunda metade do Setecentos, e sua posição privilegiada no comércio local certamente foi decisiva para que Requena o tivesse escolhido para firmar o contrato. No contrato, o comissário espanhol condicionou que o comerciante Freire Évora comprasse em Belém os mantimentos, preferencialmente com os administradores da antiga Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (a qual havia sido extinta em 1778, mas cuja liquidação só viria a ser concluída na década de 1910).¹¹⁷ Segundo Requena, sua iniciativa em firmar o contrato obedeceu a ordens recebidas do Tribunal Mayor de Rentas Reales de Quito, o qual determinou que deveria ele estabelecer um contrato com um comerciante do Pará a fim de abastecer a cada ano a Partida sob seu

¹¹⁴ APEP, Códice 360, Documento 37. Ofício de João Pereira Caldas a José de Nápoles Telo de Menezes. Barcelos, 28/01/1782.

¹¹⁵ APEP, Códice 360, Doc. 52: ofício de João Pereira Caldas a José de Nápoles Telo de Menezes. Barcelos, 29/01/1783.

¹¹⁶ Patrícia Maria Melo SAMPAIO. *Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na Colônia – Sertões do Grão-Pará, c. 1755-c.1823*. Tese de Doutorado em História Social. Niterói: UFF, 2001, p. 70.

¹¹⁷ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020_Cx. 10, D. 391. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general, João Batista Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Barcelos, 28/09/1785.

comando, pagando uma determinada porcentagem ao comerciante para que fizesse a compra e o transporte das mercadorias.¹¹⁸

Em 1783, o comissário espanhol já havia solicitado ao chefe da Partida portuguesa permissão para fazer o contrato com os administradores da extinta Companhia para o fornecimento de víveres, ao que o oficial português considerou-a vantajosa, pois aliviaria os gastos da Fazenda Real “ao mesmo tempo [em] que por aquele modo não deixa de lucrar-se ao adquirir-se mais prata a troco dos gêneros e fazendas que nos levam.” Alertava, porém, que não se deveria vender armas e munições aos espanhóis. Em ofício dirigido a Requena, Pereira Caldas afirmou que entraria em contato com os administradores, alertando-o de que não sabia se eles poderiam fornecer a partir de Belém tudo que lhes fosse solicitado, tendo em vista que estavam mais empenhados na “arrecadação das dívidas” deixadas pela extinta Companhia. Requena, porém, esperava desse modo resolver seus problemas de abastecimento na Partida, além de adquirir escravos em Belém.¹¹⁹

Embora João Pereira Caldas tivesse feito uma avaliação positiva sobre o possível contrato entre Francisco Requena e os administradores da extinta Companhia, o acordo firmado pelo comissário espanhol com o comerciante José Antônio Freire Évora foi qualificado por Pereira Caldas como uma “picardia,” visto que o comissário espanhol não o havia comunicado antecipadamente do acordo com o comerciante do Rio Negro. Segundo Pereira Caldas, ele já havia entabulado conversações com os administradores da Companhia, em Belém, mas essas negociações perderam validade com o acordo entre Requena e Freire Évora. Nesse ponto, deve-se destacar que Pereira Caldas adquirira cotas da Companhia de Comércio na década de 1750, chegando a ser acusado de utilizar-se de seu cargo de governador para enriquecer através de transações envolvendo a Companhia e a venda de produtos para o Mato Grosso, o que indica a existência de relações comerciais entre ele e os comerciantes da Companhia.¹²⁰ Mesmo demonstrando indignação com o contrato, Pereira Caldas comprometeu-se a auxiliar o comerciante no transporte das mercadorias que seriam compradas pela Partida espanhola na cidade de Belém, concedendo a Freire Évora a licença e

¹¹⁸ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D. 345. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Barcelos, 03/09/1784.

¹¹⁹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.5, D. 256. Ofício de do encarregado das demarcações e capitão-general, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Barcelos, 03/02/1783.

¹²⁰ Fábio Vilaça dos SANTOS. “Uma vida dedicada ao Real Serviço: João Pereira Caldas, dos sertões do Rio Negro à nomeação para o Conselho Ultramarino (1753-1790).” Op. cit., p.516.

os índios remeiros para suas embarcações.¹²¹ Justificando sua escolha, Francisco Requena afirmou que o comerciante Freire Évora já havia, em duas outras ocasiões, conduzido víveres enviados pelos administradores da extinta Companhia de Comércio. O comissário espanhol também alegou recear que a resposta dos administradores demorasse muito, o que poderia ameaçar o abastecimento de sua Partida. Por fim, disse Requena que o contrato firmado seria “ventajoso y estimable para todos.”¹²²

Os administradores da extinta Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão aceitaram o contrato firmado entre Francisco Requena e o comerciante do Rio Negro, isto é, realizar comércio com a Partida espanhola por intermédio de Freire Évora.¹²³ Deve-se ressaltar, porém, que o contrato firmado com os administradores da extinta Companhia não sanou os problemas de abastecimento vivenciados pela Partida espanhola. No início de 1786, um oficial havia reclamado de que os comerciantes portugueses contratados não haviam remetido farinha para os espanhóis,¹²⁴ gênero indispensável para a alimentação da tropa de Requena, fator que certamente reforçava a necessidade dos espanhóis manterem contatos comerciais com as povoações rio-negrinas.

Quando a Partida espanhola se retirou para a Província de Maynas, no início da década de 1790, Requena solicitou permissão para que o comerciante Freire Évora levasse para o lado espanhol o carregamento que havia adquirido em Belém. Em carta dirigida a Francisco Requena, o comerciante Freire Évora relatou a surpresa e a insegurança causadas pela situação. Depois de uma viagem de sessenta e quatro dias de Belém à Barra do Rio Negro, Freire Évora foi surpreendido com a notícia da retirada dos espanhóis para Maynas. Como o comissário espanhol não deixara ninguém incumbido de receber a carga, ao comerciante restou recolher-se a sua casa “com grande prejuízo.” O comerciante também tinha em mãos um adiantamento repassado pelo comissário espanhol para compra de gêneros, no valor de mil pesos fortes, não sabendo a quem deveria entregar esse dinheiro. Mesmo que recebesse permissão do governador do Rio Negro para levar a carga para entregar aos espanhóis na fronteira, a grande distância entre a vila de Ega e Tabatinga encarecia sobremaneira a viagem

¹²¹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D. 345. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Barcelos, 03/09/1784.

¹²² Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.9, D. 359. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Barcelos, 18/12/1784.

¹²³ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.10, D. 391. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e capitão-general, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Barcelos, 28/09/1785.

¹²⁴ AHL, LEB3-37. Ofício enviado ao Presidente da Audiência de Quito. Ega, 30/01/1786.

para Freire Évora. O governador do Rio Negro, Manuel da Gama Lobo d'Almada, por sua vez, afirmou em ofício ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar não considerar adequado que “nas fronteiras se abrisse uma correspondência de comércio para prover os espanhóis tendo-se eles retirado tão intempestivamente,” o que só contribuía para deixar a situação do comerciante ainda mais incerta.¹²⁵

Francisco Requena solicitou a Lobo d'Almada permissão para que o comerciante fosse a Tabatinga, na fronteira, entregar os gêneros comprados no Pará e os mil pesos com os quais havia ficado. Em 1792, o governador do Rio Negro permitiu que Freire Évora navegasse a Tabatinga para entregar os mil pesos fortes a um enviado do comissário espanhol. Com relação aos víveres, Requena, em carta dirigida a Lobo d'Almada, afirmou que deixava a resolução do assunto nas mãos do governador, visto que o comerciante Freire Évora recusava-se a seguir com o carregamento até Tabatinga devido aos custos da viagem. Nas palavras de Lobo d'Almada sobre a recusa do comerciante, Freire Évora “punha outras dúvidas [em viajar para Tabatinga] que me pareceram de pura ambição.”¹²⁶

O Comissário Requena também viu na posição do comerciante uma tentativa de especular com os víveres que trouxera do Pará, impondo um valor a mais ao carregamento para poder levá-lo para Tabatinga. Em carta dirigida a Freire Évora, o comissário espanhol dispensou o comerciante de levar os víveres para Tabatinga, alegando já ter recebido em Maynas os mantimentos de que necessitava. Além disso, segundo Requena, o comerciante estaria se recusando a fazer o transporte mesmo que isso lhe conferisse altos ganhos. Para o Comissário espanhol, era possível comprar em Tabatinga produtos a preços muito próximos aos que custavam em Tefé:

Para que a VM no se le siguiese perjuicio ninguno de mi retirada, antes de emprenderla pasé oficio a su Sr. Jefe Comisario General, diciendo que dispusiese en ese asunto lo que le pareciese, y *sin duda habrá determinado no sigan los víveres a la frontera y con mucha razón, visto que a VM no le hace cuenta este viaje, ni aun por un 100% de utilidad*, lo que solo puede ser en la ocasión presente, respecto a que *en Tabatinga con corta diferencia han comprado los*

¹²⁵ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.17, D. 622. Ofício do governador do Rio Negro, Manoel da Gama Lobo d'Almada, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 11/01/1792. Esse documento também está disponível em: APEP, Códice 493, Documento 11. Ofício de Manoel da Gama Lobo d'Almada a Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 11/01/1792.

¹²⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx. 17, D. 632. Ofício do governador do Rio Negro, Manuel da Gama Lobo d'Almada, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Forte da Barra do Rio Negro, 12/02/1793. Ainda sobre esse ponto, conferir: APEP, Códice 495, Documento 40. Ofício de Manuel da Gama Lobo d'Almada para Martinho de Melo e Castro. Forte da Barra do Rio Negro, 12/02/1793.

*españoles de esta Partida siempre los víveres casi a igual precio que en Tefé. Yo celebro mucho que VM no se haiga resuelto a seguir más viaje con ellos, por haberme yo provido de los Dominios del Rey mi Amo de cuanto necesitamos.*¹²⁷

Os “rios de prata” da Partida espanhola.

Os oficiais portugueses procuravam acompanhar com cuidado o comércio mantido com os espanhóis da Partida. O interesse cada vez maior por parte dos comerciantes e outros moradores do Rio Negro em fazer negócios era, na avaliação das autoridades locais, adquirirem prata com os espanhóis. Como observou com ironia João Batista Mardel em ofício dirigido a Francisco Requena, os vassalos de sua “Excelsa Soberana” vivenciavam a “felicidade de nadarem nesses rios de prata que emanam da grandeza de Vossa Senhoria.”¹²⁸

O ingresso de prata espanhola na América lusa foi recorrente desde o século XVI, tanto lavrada, em pinha e moedas. Em relação às moedas, elas foram largamente utilizadas nas transações comerciais nos domínios americanos de Portugal, alimentando igualmente o comércio dos portos luso-americanos com África e Ásia, além de serem remetidas a Lisboa.¹²⁹ Dentro das relações de contrabando sustentadas pelos portugueses no extremo sul, o acesso à prata espanhola constituiu um ponto essencial, como foi comentado anteriormente. Na segunda metade do XVIII, a evasão de moedas de prata através do contrabando tomou impulso, amenizando a escassez monetária que havia no lado português da América,¹³⁰ a despeito do surto aurífero ocorrido naquele século.¹³¹ Uma vez nos domínios portugueses, as

¹²⁷ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx. 17, D. 632. Ofício do governador do Rio Negro, Manuel da Gama Lobo d’Almada, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Forte da Barra do Rio Negro, 12/02/1793 (grifos meus).

¹²⁸ APEP, Códice 416, Documento 12. Ofício de João Batista Mardel a Francisco Requena. Ega, 16/07/1784.

¹²⁹ Romano apresenta, em seus trabalhos, dados que indicam a relevante participação das moedas de prata americana na mundialização do comércio, viabilizando transações mercantis (legais e mediante o contrabando) que ligavam mercados atlânticos e asiáticos. Ruggiero ROMANO. *Mecanismos y Elementos del Sistema Económico Colonial Americano*. Op. cit., pp. 343-357.

¹³⁰ Deve-se ressaltar, porém, que a escassez monetária também ocorria nas terras hispano-americanas (e mesmo em áreas centrais do ponto de vista político e econômico), a despeito das importantes minas de ouro e prata e da presença de casas de fundição de moedas nas principais cidades do continente. Romano afirma que o estoque monetário na América espanhola não era suficiente para cobrir as necessidades econômicas do conjunto do continente, concentrando-se esse estoque em poucas mãos, e ocorrendo também a evasão de moedas para o exterior. Ruggiero ROMANO. *Mecanismos y Elementos del Sistema Económico Colonial Americano*. Op. cit., pp. 343-357.

¹³¹ Sobre a produção aurífera e as alterações ocorridas na América portuguesa (e com destaque para a Capitania de Minas Gerais) Setecentista, conferir: Charles BOXER. *A Idade de Ouro do Brasil. Doras de crescimento de uma sociedade colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, capítulo I. Sobre a exploração de ouro na fronteira oeste da América lusa, e sua importância para a ocupação colonial, conferir: Carlos Aberto ROSA. *A Vila do Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: FFLCH-USP, 1996.

moedas espanholas poderiam ser refundidas para circularem como moedas locais, ou circulavam normalmente, recebendo apenas uma marca ou carimbo. O contrabando de prata, por sua vez, alimentava também um fluxo de ouro em pó e diamantes¹³² do Brasil para a América espanhola.¹³³

Em uma economia carente de moeda metálica, como a do Estado do Grão-Pará e Rio Negro do período,¹³⁴ o acesso à prata vinda do lado espanhol da fronteira surgia como um estímulo para os portugueses manterem trocas comerciais com os membros da Partida comandada por Francisco Requena.¹³⁵ Nas palavras do Primeiro Comissário espanhol, a introdução da prata espanhola pela comissão estimulou o comércio no Grão-Pará:

(...) se ha fomentado con nuestro dinero, difundido, no solo en este País comarcano [Capitania do Rio Negro], sino en todo este Estado hasta su Capital, en beneficio de su Comercio, manteniéndose mi Partida a fuerza de plata, por aquellos precios muy alterados, y que ha querido imponer la necesidad y carestía, contra todas las reglas de la equidad humana.¹³⁶

Contudo, como Requena critica no documento acima, a oferta de prata gerava igualmente a especulação sobre os produtos que eram vendidos à Partida espanhola. A preocupação do comissário espanhol em evitar a compra de produtos a preços abusivos ficou evidente quando ele tentou comprar no Rio Negro canoas e botes para os serviços de sua comissão. Requena pedia auxílio dos oficiais portugueses para estabelecer o preço justo das embarcações, tendo em vista que julgava haver especulações nesse negócio. Uma das canoas oferecida foi recusada pelo Comissário espanhol, devido ao “excesso do preço.” Relatando as ofertas de canoas que moradores do Rio Negro fizeram aos espanhóis, um oficial português comentou

¹³² Com relação à exploração de diamantes, conferir: Charles BOXER. *A Idade de Ouro do Brasil*. Op. cit., capítulo 8.

¹³³ Corcino Medeiros dos SANTOS. *A Produção das Minas do Alto Peru e a Evasão de Prata para o Brasil*. Brasília: Thesaurus Editora, 1998, pp. 147-224.

¹³⁴ Isso não significa que, no conjunto da América portuguesa, esse problema tenha sido característico apenas do Grão-Pará. Longe disso, a falta de numerário caracterizava outras capitanias. Sobre isso, afirma João Fragoso que havia “uma precaríssima capacidade de liquidez do mercado colonial, relacionada em parte com o frágil índice de circulação de numerário. Essa situação, além de detectada na Bahia colonial (séculos XVII-XVIII), pode ser demonstrada mediante o estudo de inventários post-mortem, do Rio de Janeiro, das primeiras décadas do XIX, onde se percebe a pequena presença de moedas (...).” João Luís FRAGOSO. *Homens de Grossa Aventura: Acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 184.

¹³⁵ A prata espanhola não foi utilizada exclusivamente como moeda. Em 1792, o tesoureiro da Partida portuguesa entregou ao mestre ourives Francisco de Souza Coelho “quarenta e uma oitavas de prata castelhana para se fazer uma concha de batizar para a Igreja paroquial” da Barra do Rio Negro. APEP, Códice 463, Documento 158. Barra do Rio Negro, 31/12/1792.

¹³⁶ APEP, Códice 402, Documento 23. Ofício de Francisco Requena a João Batista Mardel. Ega, 10/07/1784.

de forma crítica: “Diante do negócio das canoas não faltaram mequetrefes que zelaram pelos cabedais de Sua Majestade Católica sem serem seus vassalos.”¹³⁷

Comerciar com os espanhóis durante os trabalhos de demarcação de limites tornou-se, assim, uma atividade particularmente atraente, a despeito das tentativas dos oficiais portugueses de controlar (ou mesmo impedir) a venda de produtos para a Partida castelhana. Essa atitude foi denunciada por uma autoridade da vila de São Paulo de Olivença, onde um de seus moradores, de nome Manoel dos Reis Trovão, representava um constante “prejuízo (...) tanto ao Real Serviço quanto ao comum dela,” pelo que solicitou a autoridade que esse morador fosse expulso do lugar. Manoel dos Reis Trovão havia chegado à vila como degredado, contudo, graças a seu casamento com uma cafuza sobrinha de um índio principal da localidade de São Pedro, ele angariou uma crescente influência na sociedade local. Depois da morte do principal de São Pedro, e através do intermédio de sua mulher, Trovão passou a influenciar parte da população indígena, incitando índios a não prestarem serviços para as autoridades locais. Quando alguns índios eram chamados para realizar trabalhos para as autoridades, Trovão avisava-os para que fugissem da localidade. Em outra ocasião, quando a tia de sua mulher foi presa, Trovão convocou os índios para arrombar a “casa do tronco” e soltá-la. Além de tudo isso, Trovão envolvia-se em comércio com os espanhóis:

Este dito morador não convém aqui e nem tampouco por onde transitam espanhóis, por ser mais amigo de lhes vender farinha do que para o Serviço da Nossa Rainha, *dizendo que há não paga como [a dos] espanhóis*, porém eu lhe respondi que em sabendo que ele lhe vendia um só alqueire, que lhe havia de custar muito.¹³⁸

Porém, no tocante ao comércio com os espanhóis, a documentação produzida pelas autoridades portuguesas na fronteira traz casos em que esses contatos não eram proibidos, chegando mesmo a ser defendidos por alguns oficiais lusos. Casos como o do comerciante Tomás José Xavier, que costumava navegar a Tabatinga. Segundo o oficial Henrique João Wilckens, Tomás José Xavier já vendia “alguma coisa” aos espanhóis na fronteira, mas esses queriam que o comerciante lhes fornecesse aguardente de cana. Nas palavras do oficial português, “eles lhe prometem tomar tudo, ou quase toda a carregação se ele os fornecer a dita” aguardente. Sobre os negócios do comerciante Xavier, Wilckens concluiu: “creio que é

¹³⁷ APEP, Códice 383, Documento 20. Ofício dirigido a João Pereira Caldas. Ega, 20/01/1782.

¹³⁸ APEP, Códice 414, Documento 15. Ofício de Custódio de Matos Pimpim ao Primeiro Comissário português. Olivença, 21/11/1784 (grifos meus).

justo que fique com a prata, e que este homem que de tão longe veio, e com risco, e, aliás é de bom procedimento, algum lucro tenha.”¹³⁹

Enquanto que o morador Manoel dos Reis Trovão representava uma influência negativa em sua localidade e uma ameaça à ordem, e cujas trocas comerciais com os espanhóis deveriam ser impedidas, o comerciante Xavier surge no relato de Wilckens como um homem de “bom procedimento,” cujo comércio não deveria, por isso, ser alvo de punição. O impedimento ou permissão das aproximações comerciais com os espanhóis dependiam, assim, da avaliação das autoridades nas vilas fronteiriças sobre quem estava envolvido nesse comércio. Pode-se também presumir que alguns oficiais demonstravam maior tolerância a esses comerciantes porque tomavam parte nesse negócio, de maneira que não estavam dispostos a impedir seu trato mercantil. Alguns comandantes de postos fronteiriços não se furtavam à realização de trocas comerciais com os oficiais do outro lado da fronteira. Em 1783, Francisco Roiz Coelho, comandante da Fortaleza de Marabitanas, recebeu a visita do comandante da Fortaleza espanhola de San Carlos. O oficial espanhol entregou ao português algumas cartas endereçadas a Francisco Requena, aproveitando ainda para solicitar ao comandante de Marabitanas “umas cuias para remeter para a capital, e uma arroba de tabaco,” ao que o oficial português respondeu que “as havia de mandar buscar.”¹⁴⁰

As incursões de canoas portuguesas.

Na documentação trocada entre os membros das duas Partidas, outro ponto recorrentemente discutido era a incursão de canoas do lado português da fronteira no território da Província de Maynas a fim de coletar produtos da floresta. O chamado “comércio do sertão” mobilizava principalmente os indígenas habitantes das vilas instituídas pelo Diretório no Grão-Pará e Rio Negro, estimando-se que aproximadamente 1/3 dos homens dessas povoações participavam de expedições fluviais que poderiam durar entre seis e oito meses. Antes de significar meramente uma coerção dos poderes coloniais sobre as comunidades nativas, na qual os índios seriam invariavelmente forçados a remar embarcações (canoas, ubás, igarités) pelos perigosos rios da região, Heather Flynn Roller argumenta que, para muitos indígenas, tal atividade era compreendida como uma oportunidade econômica

¹³⁹ APEP, Códice 482, Documento 16. Ofício de Henrique João Wilckens a Manoel da Gama Lobo d’Almada. Ega, 8/08/1791.

¹⁴⁰ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.6, D.291. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 26/09/1783.

valorizada, na medida em que eles poderiam empregar-se em atividades comerciais próprias, negociando com populações indígenas independentes (isto é, não submetidas diretamente a autoridades coloniais).¹⁴¹

Figura 5

Embarcações empregadas no comércio fluvial da região: igarité, ubá, jangada. Alexandre Rodrigues FERREIRA. *Viagem Filosófica*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972, vol. 2.

No caso das incursões de embarcações lusas em Maynas, duramente criticadas pelas autoridades da Província espanhola, elas eram motivadas pela busca de produtos extrativos, os quais eram comercializados no Grão-Pará (além de incursões para obtenção de mão-de-obra indígena, o que será discutido no item seguinte). Os rios das zonas limítrofes da Audiência de Quito tornaram-se pontos de exploração pelos portugueses de produtos como cacau, salsaparrilha e ovos de tartaruga (dos quais se produzia a “manteiga de tartaruga”¹⁴²),

¹⁴¹ Heather Flynn ROLLER. “Colonial Collecting Expeditions and the Pursuit of Opportunities in the Amazonian Sertão, c.1750-1800.” *The Americas*, vol. 66, n. 4, April 2010, pp. 435-467. Da mesma autora, conferir: *Colonial Routes: spatial mobility and community formation in the Portuguese Amazon*. PhD Dissertation in History. Stanford University, 2010, cap. 2.

¹⁴² Segundo Alexandre Rodrigues Ferreira, a manteiga produzida a partir dos ovos de tartaruga servia “para temperar as comidas e fritar peixe, para as luzes domésticas, e para se incorporar com o breu, quando fazem para calafetarem as canoas.” Os potes de manteiga eram vendidos nas povoações a 640 a 960 réis, chegando até o preço de 2.000 réis em ocasiões de escassez do produto. Alexandre Rodrigues FERREIRA. *Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972, p. 27 e pp. 34-35.

mantendo contatos comerciais com as populações indígenas locais. Ressalte-se que, ao longo do século XVIII, o comércio passou a ser considerado pelos condutores do Reformismo espanhol como um meio de civilizar os índios e atraí-los para a soberania de Castela e para a fé católica,¹⁴³ de modo que a presença de comerciantes portugueses nas fronteiras espanholas da América contrariava objetivos políticos centrais do Império espanhol no continente. Do ponto de vista dos oficiais espanhóis, as autoridades do Grão-Pará empenhavam-se em viabilizar tal modalidade de comércio, figurando a fundação da vila de Tabatinga um exemplo dessa orientação política do contrabando praticado na fronteira.

Figura 6

Remeiros indígenas em uma igarité. *Una egarité del Alto Amazonas.* In: Paul MARCOY. *Viaje a través de América del Sur: Del océano Pacífico al océano Atlántico. Tomo II.* Lima: IFEA, PUCP, Banco Central de Reserva del Perú, Centro Amazónico de Antropología Aplicada, p. 503.

Durante os trabalhos das Partidas de demarcação, barcos com soldados, oficiais e índios do lado português entraram no território maynense para a coleta de produtos, o que contribuía para alimentar as tensões entre os representantes das Coroas ibéricas. Em troca de ofícios com o militar português Teodósio Constantino de Chermont, Francisco Requena afirmou que os estabelecimentos portugueses nas proximidades da boca do rio Putumayo

¹⁴³ Na avaliação de David J. Weber, essa reorientação política da Coroa espanhola com relação aos meios de atrair os índios era, também, uma resposta prática aos desafios e limites enfrentados pela Espanha no quadro das rivalidades imperiais. Nas palavras do autor: “Hasta cierto punto, este énfasis de finales del siglo XVIII en el comercio como el instrumento preferido para el control de los indios independientes constituía una respuesta práctica de España a su capacidad, cada vez menor, para pelear contra los indígenas americanos en un momento en el que sus guerras en Europa consumían sus recursos.” Não se pode desconsiderar, ainda segundo Weber, o caráter econômico presente nessa mudança: “El nuevo énfasis en el comercio también reflejaba un interés más amplio de los Borbones en hacer más rentables sus colonias americanas.” David J. WEBER. *Bárbaros. Los españoles y sus salvajes en la Era de la Ilustración.* Barcelona: Crítica, 2007, p. 269.

tinham o “fin (...) de sostener el comercio de zarza que en el dicho Río continuamente se hace por los vasallos de Su Magestad Fidelisima, tomándola a cambio de los mismos índios de él.”¹⁴⁴ Já escrevendo para o ministro de Indias Don José de Galvez, Requena expressou sua interpretação sobre os interesses comerciais dos portugueses em criar obstáculos à Partida: a contínua exploração ilegal das riquezas naturais dos rios da América espanhola (no caso, o Putumayo) para o enriquecimento dos domínios de Portugal:

(...) el objeto principal que lleva el Comisario Portugués en este empeño, de sujetar a nuestros oficiales y embarcaciones a sus pasaportes, visita y fondeo en sus puertos, no es otro que el detenernos a raya, para que no veamos ni tengamos conocimiento de las correrías [de índios] que hacen en el río Izá o Putumayo, que por el Tratado debe pertenecernos en la costa septentrional expresada, *del cual sacan y están sacando continuamente muchos barcos cargados de zarza para remitirla a su Reino.*¹⁴⁵

As incursões de barcos portugueses no território espanhol representavam um atentado ao poder territorial da Corte de Madri na América, ocasionando perdas econômicas aos cofres de Sua Majestade Católica e prejudicando os projetos de engrandecimento do Império. O esforço das autoridades espanholas em deter o contrabando não dizia respeito somente à fronteira norte, tendo sido marcante em toda a raia fronteiriça americana, principalmente no contexto de demarcação de limites das décadas finais do XVIII, quando se buscava definir os espaços de soberania das Coroas ibéricas no Novo Mundo. Como informou o governador de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, no ano de 1787, “os confinantes governadores espanhóis se têm esforçado nestes últimos tempos para, com efeito, embaraçarem, ainda mais do que já dantes o faziam, todo e qualquer gênero de comércio clandestino com os domínios da Coroa de Portugal.”¹⁴⁶ Entre os portugueses, também havia a preocupação de não permitir a presença de comerciantes vindos das terras vizinhas. Em outra oportunidade, o mesmo governador determinou que se averiguasse a presença de

¹⁴⁴ AGI, Santa Fé, 663B. Carta de Francisco Requena a José de Galvez. Ega, 01/02/1786.

¹⁴⁵ AGI, Santa Fé, 663B. Carta de Francisco Requena a José de Galvez. Ega, 20/06/1783 (grifos meus).

¹⁴⁶ Mato Grosso, Caixa 26, Documento 1511. Ofício do Governador e Capitão-General da Capitania do Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, ao Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila Bela, 16/08/1787.

contrabandistas espanhóis na fronteira, responsáveis pela introdução de “bestas muares e cavalares.”¹⁴⁷

Além das perdas econômicas, a presença dos contrabandistas representava uma ameaça à segurança nas fronteiras, pois eles poderiam levar informações valiosas às autoridades do território confinante. Exemplo desse temor foi a determinação do governador do Mato Grosso de expulsar “um certo castelhano de nome Don Simão,” o qual havia entrado por Moxos e seguido viagem ao Pará, tendo solicitado fazer esse percurso para depois seguir viagem para Espanha. Chegando a Belém, entretanto, o espanhol conseguiu licença para viajar de volta para o Mato Grosso, “debaixo do pretexto (...) de trazer alguns gêneros de comércio.” O governador de Mato Grosso estava convencido de que, na verdade, o dito Don Simão queria voltar para a América espanhola, sendo que “este homem dera sempre não pequenas aparências de ser talvez um espião destinado a fazer os perigosos exames e observações oculares” dos domínios portugueses.¹⁴⁸

Os suspeitos negócios do Primeiro Comissário Requena.

Entre os oficiais portugueses do Grão-Pará durante os trabalhos de demarcação, a movimentação comercial que também despertou atenção foi a praticada pelo Primeiro Comissário espanhol no território da Capitania do Rio Negro. Francisco Requena foi alvo de acusações de estar enriquecendo através do comércio de produtos extraídos por seus homens no Rio Negro. Os protestos mais duros foram redigidos pelo oficial João Batista Mardel. Escrevendo para João Pereira Caldas no ano de 1784, Mardel afirmou que o Primeiro Comissário espanhol lucrava com a venda de cacau, salsaparrilha e com a compra de outras mercadorias.¹⁴⁹ Mardel também lançou essas acusações diretamente a Requena, afirmando que a falta de mantimentos para sua Partida decorria do fato de as canoas enviadas a Belém para comprar farinha serem empregadas, na verdade, para o transporte de produtos comercializados pelo Comissário espanhol. Através desse comércio, acusava Mardel, Requena acumulara uma fortuna em ouro:

¹⁴⁷ Mato Grosso, Caixa 24, Doc. 1453. Ofício do Governador e Capitão-General da Capitania do Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, ao Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila Bela, 02/01/1785.

¹⁴⁸ Mato Grosso, Caixa 23, Doc. 1406. Ofício do Governador e Capitão-General da Capitania do Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, ao Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila Bela, 14/03/1783.

¹⁴⁹ APEP, Códice 402, Documento 22. Ofício de João Batista Mardel a João Pereira Caldas. Ega, 21/07/1784.

(...) a Partida do comando de Vossa Senhoria (...) não experimentaria falta [de farinha] se, aproveitando-se dos meios que se lhe tem ministrado, não trouxessem em lugar dos referidos mantimentos as canoas carregadas de fazenda, que publicamente se tem permutado por essa mesma muita prata, que Vossa Senhoria diz (com menos reflexão) tem difundido não só neste país comarcão [Rio Negro], se não em todo este Estado, não se lembrando que não nos é oculto que a maior porção tem Vossa Senhoria satisfeito com cacau e salsa, gêneros extraídos pelos índios do seu comando nas terras de minha Augusta Soberana, e que circulando mesmo alguma prata, tem voltado no giro, levando com grandes avanços muito ouro português, a entrar em cofre forte e particular de Vossa Senhoria.¹⁵⁰

As duras palavras do tenente coronel Mardel a Requena foram mal recebidas por João Pereira Caldas, que considerou a postura de seu subordinado uma imprudência. Com relação às acusações de Mardel sobre os lucros de Requena em seus negócios, Pereira Caldas concluiu que o oficial português não deveria tratar de tais assuntos em sua correspondência com o Comissário espanhol, pois, mesmo que fossem verdades, “é sabido que nem todas as verdades se dizem”,¹⁵¹ principalmente na delicada convivência entre as duas Partidas nos sertões do Grão-Pará. Requena, por sua vez, além de contestar a “grave e injuriosa calúnia” lançada por Mardel, determinou que se averiguasse entre oficiais de sua Partida se havia negócios particulares entre a mesma e os portugueses. No documento, os oficiais espanhóis ouvidos (Don Miguel Hernandez Bello, Don Jose Mazorra, Andrés Ximenes, José Paredes y Rueda, Don Mariano Bravo, Felipe de Arechua y Sarmiento, Don José Antonio Villalobos, Don Manoel de la Rocha Martinez) rechaçaram as palavras de João Batista Mardel, defendendo os procedimentos de Francisco Requena tanto na administração da Província de Maynas quanto na coordenação dos trabalhos da Partida de demarcação.¹⁵²

Segundo os espanhóis, as acusações de João Batista Mardel teriam sido motivadas por ressentimentos contra Francisco Requena, que tinha negado ao oficial português um empréstimo de quinhentos pesos. Questionado sobre o transporte de mercadorias para os negócios particulares de Requena, Miguel Hernandez Bello afirmou que a canoa enviada ao Pará destinou-se unicamente à condução de farinha e outros víveres para os homens

¹⁵⁰ APEP, Códice 402, Documento s/n. Ofício de João Batista Mardel a Francisco Requena. Ega, 16/07/1784.

¹⁵¹ Rio Negro, AHU_ACL_CU020, Cx.8, D. 340. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 02/09/1784.

¹⁵² AGI, Santa Fe 663B. Cópia numero 03, carta firmada por Don José Antonio Villalobos. Ega, 20/08/1784.

empregados nos serviços de demarcação, não havendo ocorrido o transporte de “carga alguna de efectos pertenecientes ni al Señor Gobernador y Comisario Principal, ni a outro particular dependiente de nuestra Partida, y mucho menos los generos que se dicen de zarza y cacao.” Disse mais que os índios da Partida não eram empregados em coletar salsaparrilha e cacau no Rio Negro para beneficio da fortuna do Primeiro Comissário, e que “si algun cacao se ha dispuesto labrar aqui, ha sido comprado a estos mismos moradores portugueses, y aun en una u otra ocasion algunas libras de zarza.” José Mazorra, por sua vez, afirmou que Requena não mandara vir de Maynas carregamento algum de cacau e salsa para “remitir al Pará de su cuenta,” tendo, ao contrário, proibido que se “trajesen de aquella Provincia las dichas especies para hacer aqui comercio con ellas.” Quanto a José Paredes y Rueda, o único negócio de Requena do qual tinha conhecimento era a compra de “una u otra frasquera de licores finos (...) para su gasto y el de su familia le han traído, pero nada con título de comercio.” Já Don Mariano Bravo, padre capelão da Partida, noticiou que “nuestro jefe” havia comprado do comerciante José Antônio Freire Évora um “baúl con varios efectos de ropa” para sua família. O mesmo Bravo também defendeu o papel de Requena no governo de Maynas, o qual, contrariando ao que geralmente faziam outros governadores da Província, não distribuía ferramentas aos índios para receber, em troca, ceras extraídas da floresta; disse mais que Requena havia proibido qualquer forma de ilícito comércio na fronteira. O capitão Felipe de Arechua, por fim, considerou infundadas as acusações de que os índios da Partida espanhola coletavam cacau e salsa no Rio Negro para que Requena as comercializasse no Pará, argumentando que se o Primeiro Comissário quisesse envolver-se no trato comercial, poderia extrair os gêneros da Província que governava, “sin la necesidad de buscarla en estos territorios con tanto escandalo y sentimiento de los vasallos de Su Majestad Fidelisima.”¹⁵³

Nesse documento, algumas das defesas apresentadas pelos oficiais espanhóis contrapunham o procedimento regular de Requena, tanto na administração da Partida e de Maynas como nos demais serviços prestados por ele anteriormente, ao de outras autoridades espanholas na América. Na comparação, ressaltava-se o envolvimento de outras autoridades de Sua Majestade Católica em práticas ilícitas, com destaque para o contrabando, algo que jamais teria marcado a trajetória de Francisco Requena no Novo Mundo. Em vários pontos dos domínios americanos da Coroa espanhola, existiriam possibilidades de lucros privados para autoridades que se envolvessem no comércio ilícito, não sendo esse o caso do Primeiro Comissário. Sobre esse ponto, Don José Antonio Villalobos, capitão de milícias da Província

¹⁵³ AGI, Santa Fe 663B. Cópia número 03, carta firmada por Don José Antonio Villalobos. Ega, 20/08/1784.

de Maynas, afirmou que conhecia Francisco Requena desde os tempos em que ambos serviam em Guayaquil. Nesse tempo, Requena não tinha qualquer envolvimento com contrabando, mesmo morando em uma “ciudad fundeada en puerto de mar, y por esta causa haber en ella mucha negociación de comercio para los puertos de Callao, Mexico y Panamá, adonde continuamente se dirigen embarcaciones cargadas.” Disse ainda Villalobos que quando Requena serviu na demarcação de *corregimientos* em Quito, Cuenca, Ambato e Tacunga, não teve ele envolvimento em práticas comerciais, “sin embargo de que algunos partidos de la comarca de Quito proporcionan con sus efectos y frutos muy pingües [copiosas] utilidades”.¹⁵⁴

Já o capitão e Segundo Comissário da Partida espanhola, Felipe de Arechua y Sarmiento, acrescentou que Francisco Requena não se utilizou de seu cargo de governador de Maynas para lucrar com o comércio com os índios, algo comumente realizado por outros homens que passaram pelo governo da província fronteiriça. Essa prática comercial, segundo Arechua, era necessária para fazer com que os índios trabalhassem. Com relação a Francisco Requena, afirmou Felipe de Arechua

(...) que en el dilatado transcurso de veinte años que ha que conozco y he tratado al expresado Señor [Requena], desde que vino de España a la Plaza de Panamá a continuar en ella el servicio de tal ingeniero, y después en Portobello, Cartagena, Guayaquil y Provincia de Quito y Maynas, nunca le he visto ocuparse en comercio alguno, antes bien cierta repugnancia de genio opuesto a él, aun habiendo venido de Gobernador de Maynas (...) *en cuya Provincia ha sido siempre practica universal que los Gobernadores de ella, por propia conveniencia y utilidad de sus pueblos de indios neófitos, y sujetos a misioneros, les hagan algunos repartimientos de lienzos y herramientas para que se vistan y trabajen sus chacras, a fin de obligarlos por este medio a que la indolencia y flojedad que es muy connatural a estos, busquen y benefician para pagar el Gobernador el precio de los dichos efectos, cera, copaiba y otras especies que producen aquellas montañas; pero ni aun de este arbitrio quiso servirse el actual Gobernador de dicha Provincia en el tiempo corto que se mantuvo en ella, tratando solo del apresto de esta nuestra Partida de Expedición.*¹⁵⁵

¹⁵⁴ AGI, Santa Fe 663B. Copia numero 03, carta firmada por Don José Antonio Villalobos. Ega, 20/08/1784. Em relação às críticas e à supressão aos *corregimientos* na Audiência de Quito, conferir: Ítala MAMAN RODRIGUEZ. *Los Otros Caminos de la Tiranía: Los corregidores en la Audiencia de Quito, 1750-1790*. Tesis de Maestría en Historia Andina. Quito: FLACSO-Sede Ecuador, 1993, pp.76-85.

¹⁵⁵ AGI, Santa Fe 663B. Copia numero 03, carta firmada por Don José Antonio Villalobos. Ega, 20/08/1784 (grifos meus).

A respeito da introdução de prata e, principalmente, do acúmulo de ouro português pelo Primeiro Comissário em seu comércio, os testemunhos dos oficiais espanhóis desacreditaram essa acusação, insistindo nos elogias ao caráter de Francisco Requena. Além disso, segundo os espanhóis, haveria uma incapacidade monetária da economia do Grão-Pará que impossibilitava Requena de amealhar tão avultada quantidade de ouro. Felipe de Arechua y Sarmiento afirmou quanto a isso que Requena não trouxera do Pará, ou de outra parte da América portuguesa, “la más mínima cantidad de oro, ni acuñado en moneda portuguesa, ni en barras, ni en polvo, ni lo hay aquí en este Estado para hacer algún comercio con él.” Já Don Mariano Bravo confirmou que as únicas moedas que circulavam pela região eram as de cobre, não havendo “oro de ninguna especie” nas vilas.¹⁵⁶

As duras críticas ao oficial português João Batista Mardel, assim como a ampla defesa que o Primeiro Comissário espanhol recebeu de seus subordinados, não bastaram para neutralizar as dúvidas quanto à existência de um franco e ilícito comércio entre os vassalos da Coroa espanhola e os moradores do Estado do Grão-Pará. Entre o final da década de 1780 e começo da de 1790, mais uma vez levantaram-se acusações contra Francisco Requena, permanecendo suspeitas de que ele se utilizava de seu cargo e de sua autoridade para patrocinar o contrabando. Mas dessa vez as acusações não partiram do lado português da fronteira: as autoridades de Quito determinaram que se averiguasse, junto a homens que serviam ou haviam servido na Partida espanhola ou na Província de Maynas, a veracidade das histórias sobre a venda e a compra de produtos mantidas com os portugueses, comércio esse que estaria enriquecendo não apenas Requena, mas também outras autoridades da fronteira.¹⁵⁷

Em dezembro de 1789, Don Ventura Díaz del Castillo, presbítero da cidade de Quito, encaminhou à Presidência da Audiência uma representação na qual discorria sobre “varios puntos que necesitan de remedio en la Provincia de Maynas.” Entre os assuntos por ele abordados, destacava-se a grave acusação lançada contra o governador de Maynas e Primeiro

¹⁵⁶ AGI, Santa Fe 663B. Copia numero 03, carta firmada por Don José Antonio Villalobos. Ega, 20/08/1784.

¹⁵⁷ As acusações contra o coronel Francisco Requena foram formuladas em um contexto marcado por outras denúncias contra autoridades da Audiência de Quito. Durante as presidências de José García de León y Pizarro (1778-1784) e de genro e aliado político Juan José de Villalengua y Marfil (1784-1789), os conflitos entre os grupos alinhados e contrários a essas duas autoridades alimentaram acusações de subornos, contrabandos, enriquecimento ilícito e despotismo no exercício do cargo. Tais denúncias foram remetidas ao Vice-Rei de Nueva Granada e ao Conselho de Índias, levando à organização de extensas investigações para apuração dos fatos. Buscando evitar o agravamento dos conflitos entre os grupos políticos quiteños, o Conselho de Índias decidiu arquivar o processo, ao mesmo tempo em que removeu os acusados para outros cargos na América. Cf.: Miguel MOLINA MARTÍNEZ. “Conflictos en la Audiencia de Quito a finales del siglo XVIII.” *Anuario de Estudios Americanos*, 65, 1, enero-junio, 153-173, Sevilla (España), 2008. Não foi possível, entretanto, avaliar se as acusações contra Francisco Requena estavam inseridas diretamente ou não nessas disputas que levantaram a Audiência de Quito em fins da década de 1780.

Comissário da Partida de demarcação de fronteiras. Sustentava Díaz del Castillo que Requena estava enriquecendo (teria acumulado mais de 200 mil pesos¹⁵⁸) através do comércio com os portugueses, principalmente de “ropas” (o que poderia designar tanto vestimentas quanto todo gênero de tecidos). As rendas (“situados”) remetidas de Quito à Partida de demarcação financiariam o comércio, pois seriam utilizadas para a compra de produtos dos portugueses. Nesse comércio, teriam envolvimento o Primeiro Comissário e seus aliados, o que contribuía decisivamente para que os trabalhos da Partida não fossem concluídos no tempo devido. Mesmo que outros homens assumissem o comando da demarcação, o presbítero avaliava que o resultado seria o mesmo, pois outros oficiais procurariam angariar as mesmas vantagens através do contrabando. Essas questões foram expostas no início da representação de Díaz del Castillo:

Primeramente pongo en la soberana consideración de Vuestra Majestad el gasto exorbitante de tantos miles que en cada situado se remiten a la Provincia de los Maynas, cuya expedición de límites, que tanto encarga y apetece a Vuestra Majestad, *se ha vuelto pretexto para que el Gobernador Don Francisco Requena se esté enriqueciendo con más de 200 mil pesos fuertes que tiene*; y jamás llegará el caso de perfeccionarse esta demarcación, pues con el mismo dinero que de aquí se conduce, *tienen el Gobernador y sus aliados un comercio abierto con las ropas de Portugal, y así muy lejos de pensar en que termine la expedición, tratan de divertir el tiempo*, y lo mismo harán los sucesores que procuren lograr igual conveniencia, a vista de la que logran estos empleados.¹⁵⁹

Em outro documento, datado de 18 de dezembro de 1791, Ventura Díaz del Castillo retomou as acusações contra Requena e demais oficiais que serviam na Partida de demarcação. Dessa vez, o presbítero de Quito acusou também padres franciscanos de empregar “todo el dinero del situado” na compra de prata lavrada e “ropas de la tierra,” e seguirem para Maynas no

¹⁵⁸ A quantia de 200 mil pesos equivalia à movimentação do porto de Guayaquil (o mais importante da Audiência de Quito) no ano de 1774, como informa Francisco Requena: “La carga que traen las embarcaciones de los puertos de Nueva España, Panamá, el Perú y Chile, con lo que se transporta de las serranías de Quito (..) asciende todo a cerca de 200.000 pesos.” *La Descripción de Guayaquil por Francisco Requena, 1774*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1984, pp. 93-94. Além disso, levando-se em conta que a expedição de limites espanhola, de 1780 a 1790, consumiu o valor de 303 mil e 244 pesos, a quantia supostamente amealhada pelo Primeiro Comissário equivaleria a quase 66% do valor total dos investimentos da Coroa espanhola na demarcação da fronteira norte. Sobre os gastos da Partida espanhola, conferir: AGI, Quito, 342, N. 47. Expediente sobre lo representado por D. Ventura Díaz del Castillo, presbítero vecino de Quito, sobre varios puntos que necesitan de remedio en la provincia de Mainas. Quito, junio de 1792.

¹⁵⁹ AGI, Quito, 342, N. 47. Expediente sobre lo representado por D. Ventura Díaz del Castillo, presbítero vecino de Quito, sobre varios puntos que necesitan de remedio en la provincia de Mainas. Quito, junio de 1792. (grifos meus).

intuito de vendê-las aos portugueses. O que não era vendido aos portugueses era destinado a Francisco Requena, que comprava dos religiosos lenços a um real e meio ou dois, vendendo-os a soldados e índios *bogas* (remeiros) a quatro *reales* cada vara. Requena vendia também “efectos del Reino de Portugal, como son diamantes, cosas de seda y lencerías, esto lo introducen con todo secreto, y lo venden a buenos precios.” Um oficial da Partida espanhola havia, de maneira notória, introduzido “varias ropas de Portugal a esta Ciudad,” disfarçando o comércio sob o pretexto de que o carregamento havia sido enviado por “varios empleados a sus mujeres.”¹⁶⁰

Os negócios de Francisco Requena possuíam seus aliados em Quito, ou como Díaz del Castillo definiu, o governador de Maynas “tiene muchisimos hacedores en esta ciudad.” Entre as autoridades que davam apoio aos negócios de Requena, o presbítero apontou dois, o Administrador del Ramo de Alcabalas e Miguel Bello, Governador da Província de Quijos. Sobre esse último, declarou Díaz del Castillo que Bello sustentava o comércio com os portugueses através da intermediação do Primeiro Comissário Requena. Miguel Bello, antes de assumir o cargo de governador, havia sido tesoureiro da Partida espanhola, e mantinha Requena informado de tudo “para que este esté prebenido de toda la pesquisa” que pudesse prejudicar seu comércio.¹⁶¹

Por fim, Díaz del Castillo afirmou que os abusos cometidos pelos soldados da Partida e por missionários haviam deixado a Província de Maynas em um estado lastimável, sobrecarregando os índios nos serviços de demarcação. Como alternativa, propôs que se estabelecesse um prazo para a finalização dos trabalhos da Partida demarcadora, a qual estava servindo muito mais aos interesses particulares de seus oficiais do que aos interesses da Coroa. Além disso, deveriam ser enviados à fronteira padres capuchinos, que se encarregariam da civilização dos índios:

(...) la misión de Maynas se halla en una constitución la más ruinosa y lamentable con la corrupción y mal ejemplo de los misioneros y soldados, causando horror y lastima los escándalos y libertinaje de estos, y la conducta con que tratan a aquella gente [índios]. Para remediar tan pernicioso mal podría Vuestra Majestad señalar un término prefijo en que necesariamente se finalice aquella Demarcación, y remitir para lo sucesivo unos capuchinos de

¹⁶⁰ AGI, Quito, 342, N. 47. Expediente sobre lo representado por D. Ventura Díaz del Castillo, presbítero vecino de Quito, sobre varios puntos que necesitan de remedio en la provincia de Mainas. Quito, junio de 1792.

¹⁶¹ AGI, Quito, 342, N. 47. Expediente sobre lo representado por D. Ventura Díaz del Castillo, presbítero vecino de Quito, sobre varios puntos que necesitan de remedio en la provincia de Mainas. Quito, junio de 1792.

cincuenta años de edad para arriba, que habiéndose cargo de dicha misión, puedan mejorarla arreglando las costumbres que hoy se ven en el mayor desbarato y desenfreno.¹⁶²

Diante de todas essas denúncias, a Presidência da Audiência de Quito determinou que se procedesse a uma investigação entre aqueles que serviam ou haviam servido na Província de Maynas ou nos trabalhos de demarcação, para averiguar se havia tão ilícito comércio com os vassallos portugueses. Em 1791, na cidade de Quito, foram ouvidos os seguintes homens: Don Pablo Martinez, tenente da Compañía de Veteranos; Don Antonio Sanchez, capitão; Don Miguel Vello, tenente de milícias; Don Nicolás Aguilera, sub-tenente; Salvador Altera, sargento; Francisco Perez, sargento; Leonardo Simonsen, sargento; Don Francisco Xavier Suarez, presbítero; Don José Checa y Barba, tenente; Javier Molineros, soldado; Antonio Marquez, cabo; Francisco Espinosa, soldado; Lorenzo de Dizón, soldado; Manuel Cevallos, soldado de milícias; Manuel Guzman, soldado; Ignacio Moreno, sargento; Don Francisco Navarrete, presbítero; Don Florencio de Espinosa, presbítero; Don Francisco Navarro, presbítero; Don José Ibarra, presbítero.¹⁶³

Sobre o comércio ilícito com os portugueses praticado pelo coronel Francisco Requena, e o enriquecimento dele e seus aliados graças a esses negócios, os depoimentos variaram. Declararam serem falsas as acusações Pablo Martínez, Antonio Sanchez, Miguel Vello, Nicolás Aguilera, Francisco Perez, Francisco Xavier de Suarez e Javier Molineros. Não souberam responder Salvador Altera, Lorenzo Dizón e Francisco Navarrete. Leonardo Simonsen e Francisco Espinosa declararam ter visto a venda de produtos a soldados e índios, assim como um pequeno comércio com os portugueses, embora não tenham dado declarações de que Requena e outros oficiais estivessem se enriquecendo através do comércio ilícito. Quanto aos demais (José de Checa y Barba, Antonio Marques, Manuel Cevallos, Manuel Guzman, Ignacio Moreno, Florencio Espinosa, Francisco Navarro e José Ibarra), seus depoimentos não só confirmaram as acusações, como também forneceram informações adicionais sobre a prática do comércio com os portugueses.

O tenente Don José de Checa y Barba, que havia sido governador da Província de Quijos, afirmou que Requena enriquecia por meio do comércio ilícito com os portugueses. Disse mais: que outros homens que haviam se apresentado para responder às perguntas

¹⁶² AGI, Quito, 342, N. 47. Expediente sobre lo representado por D. Ventura Díaz del Castillo, presbítero vecino de Quito, sobre varios puntos que necesitan de remedio en la provincia de Mainas. Quito, junio de 1792.

¹⁶³ AGI, Quito, 342, N. 47. Expediente sobre lo representado por D. Ventura Díaz del Castillo, presbítero vecino de Quito, sobre varios puntos que necesitan de remedio en la provincia de Mainas. Quito, junio de 1792.

daquela “información” (no sentido de averiguação jurídica) também tomavam parte nesse comércio, o qual consistia, em sua maior parte, na compra com a prata espanhola de produtos oriundos da Europa.

desde la Provincia de Quijos, de que era entonces gobernador, cuan perjudicial era al estado la indefinida demarcación de Límites, porque daba motivo para que los caudales del Reino pasasen a los Portugueses; prescindiendo de que *el gobernador de Maynas enriqueciese inmoderadamente*, porque considera menor mal se recojan en un vasallo las crecidas sumas que llevan los situados, *que pasen a los Extranjeros por medio de un comercio que con ellos mantienen los nuestros*, que no transportan ya cuentas de vidrio, lanzas, hachas, machetes y otras bujerías, *si no plata labrada y pesos fuertes para comprar con ellos efectos de Europa que se introducen clandestinamente en esta ciudad*.¹⁶⁴

Acrescentou Don José de Checa y Barba que os espanhóis vendiam salsaparrilha aos portugueses “en crecida cantidad y a buen precio.” Ainda com relação à venda de salsaparrilha, o presbítero Don José de Ibarra (que fora missionário em Maynas durante cinco anos) afirmou que os índios da Província limítrofe eram empregados na atividade de coleta do produto para ser remetido aos portugueses. Essas atividades de coleta (realizadas nos rios Napo, Marañón e Nanay) estariam monopolizando a mão-de-obra indígena, chegando a esvaziar algumas povoações, como os pueblos de Loreto e Napianos. Com relação ao número de índios empregados na coleta, o presbítero Florencio de Espinosa (que também havia trabalhado nas missões de Maynas) calculou entre 200 e 300 homens.¹⁶⁵ O emprego dos índios na coleta de produtos para o comércio estaria igualmente contribuindo para o atraso na conclusão dos trabalhos demarcatórios. Ainda segundo ele, eram também enviados para o lado português da fronteira cacau e copaíba extraídos do território maynense.¹⁶⁶

O cabo Antonio Marquez, por sua vez, afirmou que ficara sabendo, por meio dos moradores da vila de Ega, que Francisco Requena envolvia-se no comércio de “bretañas y

¹⁶⁴ AGI, Quito, 342, N. 47. Expediente sobre lo representado por D. Ventura Díaz del Castillo, presbítero vecino de Quito, sobre varios puntos que necesitan de remedio en la provincia de Mainas. Quito, junio de 1792 (grifos meus).

¹⁶⁵ Levando-se em consideração a estimativa de 9.180 índios para o ano de 1784 (segundo dados apresentados por Manuel Lucena Samoral), o emprego de 200 a 300 índios nas atividades de coleta equivaleria aproximadamente a dois a três por cento da população indígena da Província de Maynas. Sobre a população do Reino de Quito no final do século XVIII, cf.: Manuel LUCENA SALMORAL. “La población del reino de Quito en la época de reformismo borbónico: circa de 1784.” *Revista de Indias*: 54: 200 (1994), pp. 33-81.

¹⁶⁶ AGI, Quito, 342, N. 47. Expediente sobre lo representado por D. Ventura Díaz del Castillo, presbítero vecino de Quito, sobre varios puntos que necesitan de remedio en la provincia de Mainas. Quito, junio de 1792.

tabacos” com os portugueses, vendendo esses produtos aos soldados da Partida espanhola em troca dos soldos de seus subordinados. Outro soldado, Manuel Guzman, que servira na Partida espanhola por seis anos, tendo servido também em Ega, afirmou que os produtos adquiridos com os portugueses (como lenços, facas, machados, aguardente, agulhas, tesouras e navalhas) eram igualmente destinados aos índios do lado espanhol, que recebiam os produtos em troca de seu trabalho. Além de Requena, outros oficiais estavam diretamente envolvidos nas trocas comerciais. Afirmou Guzman sobre essas questões que

(...) le consta que el Gobernador Don Francisco Requena tiene un comercio abierto con las ropas de Portugal, y el dinero que por los situados se conducen de aquí; que cuando ingresó el declarante a la villa de Egas, supo notoriamente que este comercio lo tenía dicho Gobernador y siguió con él en el tiempo de la residencia del declarante, cuyas especies de bretañas , cuchillos, hachas, aguardiente, agujas, tijeras, navajas y otras cosas que saca, reporta grande utilidad dando a los indios que trabajan la expedición de límites, y quedándose él con el dinero igualmente que con el sueldo de los soldados, porque estos toda la vida le deben cogiendo estas especies, *que lo mismo hacen sus aliados y dependientes, como son Don Gaspar Santisteban, Pedro Narbaes, Don Nicolás Candamio y otros que no tiene presente; que el comercio del citado Gobernador se hacía por medio de Vicente Rodas Bermeo, cajero y confidente suyo*; que ya por este dicho comercio, o ya por su sueldo, es tenido por de mucho caudal.¹⁶⁷

Além dos oficiais citados acima (Don Gaspar Santisteban, Pedro Narbaes, Don Nicolás Candamio e Vicente Rodas Bermeo), os outros soldados ouvidos na investigação forneceram os seguintes nomes dos envolvidos no comércio ilegal com os portugueses: Felipe de Arechua, Don Juan Benitez, Don Miguel Hernandez Bello, Don José Francisco Benitez, Don Pablo Martinez, Don Antonio Sanches, Don José Benitez, Don Nicolás Aguilera, Don Joaquim Cevallos, Don Juan Salinas e José Antonio Villalobos. Deve-se atentar que dos 15 nomes citados como participantes do ilícito comércio com os portugueses, três (Felipe de Arechua, Miguel Hernandez Bello e José Antonio Villalobos) estavam presentes no documento de 1784, no qual membros da Partida espanhola saíram em defesa de Francisco Requena, rechaçando as acusações de João Batista Mardel sobre os negócios particulares do Primeiro Comissário espanhol. Nesse caso, os indícios apontam para a existência de alianças

¹⁶⁷ AGI, Quito, 342, N. 47. Expediente sobre lo representado por D. Ventura Díaz del Castillo, presbítero vecino de Quito, sobre varios puntos que necesitan de remedio en la provincia de Mainas. Quito, junio de 1792 (grifos meus).

entre membros da Partida espanhola e outras autoridades (como o Administrador del Ramo de Alcabalas e o governador da Província de Quijos) para a manutenção do contrabando com o lado português da fronteira.

Não há referências a punições a Francisco Requena ou a outros membros da Partida espanhola. Aparentemente, as acusações e os depoimentos sobre o contrabando não foram convincentes o suficiente para abalar a posição do Primeiro Comissário. Por outro lado, pode-se pensar que o mais conveniente para as autoridades da Audiência de Quito fosse não punir os membros da comissão demarcadora: apesar da seriedade das acusações, a tarefa de delimitar a fronteira (representando assim os interesses territoriais da Coroa espanhola naquela parte da América) impunha-se como mais importante, não podendo a Partida ser prejudicada ou atrapalhada na realização de seus objetivos, mesmo que isso significasse a aceitação de certos desvios praticados por seus membros. E, entre os desvios, o contrabando era sem dúvida o mais recorrente¹⁶⁸ – como bem sintetizou o demarcador espanhol na fronteira sul, Félix de Azara, o comércio ilícito seria um “mal necessário” na fronteira, e que por isso deveria ser tolerado.¹⁶⁹

O contrabando tornava possível a circulação de produtos em áreas marcadas por tensões ou interdições políticas, como era o caso das fronteiras luso-espanholas ainda não demarcadas. E, tratando-se especificamente a fronteira entre Rio Negro e Maynas no final do XVIII, deve-se lembrar as barreiras enfrentadas pela comissão espanhola para conseguir abastecer-se de víveres. O comércio ilícito entre os espanhóis da Partida e os moradores do Rio Negro certamente atenuava essas dificuldades. Ao mesmo tempo, o contrabando valia-se de teias de relacionamento entre diferentes membros da sociedade, como autoridades, potentados locais e seus dependentes, conferindo dessa forma a proteção à prática do comércio ilícito e assegurando seu controle (e ganhos) a um grupo restrito de sujeitos.¹⁷⁰ A

¹⁶⁸ Na fronteira em questão, a expedição organizada por Charles-Marie de La Condamine nas décadas de 1730-1740 já havia sido acusada de realizar contrabando na cidade de Quito. Cf.: Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática*. Op. cit., p. 160, nota 422.

¹⁶⁹ Tiago GIL. “Sobre o comércio ilícito: a visão dos demarcadores de limites sobre o contrabando terrestre na fronteira entre os domínios lusos e espanhóis no Rio da Prata (1774-1801).” *Segundas Jornadas de História Regional Comparada*, p.16. Disponível on line: http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/jornadas-de-historia/index_2.php. Félix de Azara y Perera (1742-1821), militar e engenheiro, chefiou a Partida demarcadora espanhola no Rio da Prata, onde permaneceu de 1781 a 1801, destacando-se também pela elaboração de estudos sobre a geografia, natureza e os habitantes da região. C. ALFAGEME ORTELLS et al. *Félix de Azara, Ingeniero y naturalista del siglo XVIII*. España: Colección de Estudios Altoaragoneses, 1987.

¹⁷⁰ Tiago GIL. *Infieis Transgressores: elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007, pp.25-26 e Capítulo IV. Paulo Cavalcante, por sua vez, afirma: “Soldados, provedores, ouvidores, juizes, guarnições das frotas, religiosos, comerciantes, escravos, oficiais da câmara... Um amplo contingente de pessoas estava intimamente ligado aos descaminhos, quer participando diretamente, quer encobrendo-os, quer beneficiando-se na ponta final” (p.210). Cavalcante, assim,

julgar pelos depoimentos na “información” sobre Francisco Requena, o contrabando ficava controlado pelo Primeiro Comissário e os outros oficiais da Partida, dele participando igualmente outras autoridades espanholas (como o governador de Quijos, o Administrador de Alcabalas e os padres das missões de Maynas) e portuguesas (como o religioso que apresentou o plano de vender mantimentos às escondidas para os espanhóis). O comércio ilícito praticado pelas comissões abria igualmente uma nova via de evasão de prata espanhola para o território luso-americano. Além das zonas fronteiriças do Rio da Prata e do Mato Grosso (certamente as mais importantes áreas de contrabando terrestre),¹⁷¹ o comércio (lícito e ilícito) das comissões demarcadoras possibilitou o ingresso da prata espanhola na América lusa pela área limítrofe norte, algo buscado pelas autoridades portuguesas, como deixava evidente o “Secretíssimo Plano de Comércio” da década de 1770.

Cabe destacar, por fim, que as atividades comerciais sustentadas pelas Partidas demarcadoras (tanto as legalizadas quanto as ilegais) tornavam possível o estabelecimento naquela fronteira de redes comerciais transimperiais, tomando-se como referência a conceituação proposta por Fábio Pesavento e Fabrício Prado. Segundo os dois autores em

considera o contrabando “uma prática social instituinte e constitutiva da sociedade colonial” (p.43), envolvendo todo o corpo social e geralmente tolerado pelas autoridades a fim de evitar a eclosão de conflitos na colônia (p.59). Cf.: Paulo CAVALCANTE. *Negócios de Trapaça: Caminhos e Descaminhos na América Portuguesa (1700-1750)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2006. O envolvimento de autoridades coloniais no contrabando era recorrente, também, na América espanhola. Abordando o comércio no Rio da Prata e no Pacífico, no século XVIII, Sergio Villalobos indica que autoridades no Chile e no Peru toleravam a ação de contrabandistas ingleses e franceses nos portos locais, o que também proporcionou o enriquecimento ilícito daquelas autoridades. Sergio VILLALOBOS R. *El Comercio y la Crisis Colonial*. Santiago: Editorial Universitaria, 1990, pp.13-23. Do mesmo autor, conferir também: *Comercio y Contrabando en el Río de la Plata y Chile*. Buenos Aires: EUDEBA, 1986, pp. 91-96. Nos espaços fronteiriços, a prática do contrabando mostrou-se atuante em termos econômicos, políticos e sociais para além do período colonial, permanecendo fundamental ao longo do século XIX. Com relação à Província do Rio Grande do Sul de meados do Oitocentos, as teias transfronteiriças sustentadas pelo contrabando, envolvendo o espaço rio-grandense com os vizinhos Estados platinos, mobilizavam sujeitos de diferentes estratos sociais, valendo-se o comércio ilícito da corrupção das autoridades alfandegárias nas cidades da fronteira. Cf.: Mariana Flores da Cunha Thompson FLORES. *Contrabando e Contrabandistas na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (1851-1864)*. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: UFRGS-PPGH, 2007. Sobre o comércio fluvial ilícito realizado pelos chamados regatões na Província do Grão-Pará, conferir: Siméia de Nazaré LOPES. *O Comércio Interno no Pará Oitocentista: atos, sujeitos sociais e controle entre 1840-1855*. Dissertação de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento. Belém: NAEA-UFPA, 2002. A respeito do comércio (legal e ilegal) na fronteira entre a República do Peru e o Império do Brasil, conferir: Carlos Augusto BASTOS. “Comerciantes brasileños y portugueses en el Departamento de Loreto: comercio fronterizo y conflictos locales (c.1840-c.1860).” *Segundo Congreso Latinoamericano de Historia Económica, Ciudad de México – Simposio: Mercados y mercaderes en los circuitos mercantiles hispanoamericanos, 1780-1860*. 2010, pp. 1-19, disponível on line: http://www.economia.unam.mx/cladhe/listado_ponencias.php?iSimposio=15&NomSimposio=Mercados%20y%20mercaderes%20en%20los%20circuitos%20mercantiles%20hispanoamericanos.%201780-1860

¹⁷¹ Corcino Medeiros dos Santos destaca os seguintes caminhos de evasão de prata da América espanhola para a portuguesa: Potosi→Buenos Aires→Brasil (Rio Grande e Rio de Janeiro); Guaporé→Madeira→Amazonas; Vila Bela→Guaporé→Madeira; Vila Bela→Coimbra→Rio Paraguai; Vila Bela→Rio Arinos→Tapajós. Corcino Medeiros dos SANTOS. *A Produção das Minas do Alto Peru e a Evasão de Prata para o Brasil*. Op. cit., p.195.

estudo voltado para as conexões mercantis do Império português no século XVIII, as redes transimperiais envolviam agentes¹⁷² localizados em dois ou mais impérios ultramarinos (como o português e o espanhol, por exemplo), conectando partes desses conjuntos políticos. As redes transimperiais, por sua vez, podem ser divididas em duas: extraimperial (quando opera fora dos limites de um império, viabilizando a circulação de produtos) e intraimperial (quando opera dentro dos limites de um império, permitindo a redistribuição de bens no interior do mesmo), o que tornava possível a circulação de produtos, pessoas e informações para além dos limites geográficos e políticos de um império. Na avaliação de Pesavento e Prado, as redes transimperiais revelavam-se mais significativas em cidades portuárias e espaços fronteiriços, onde os grupos político-econômicos locais utilizavam-se dessas redes para ter acesso a oportunidades para além dos domínios de seus respectivos espaços imperiais.¹⁷³ As operações que ocorriam a partir de tais redes, por sua vez, poderiam ser efetivadas tanto de maneira formal (mediante procurações e escrituras, por exemplo) quanto informal (através do contrabando).¹⁷⁴

No que se refere à fronteira do Rio Negro e de Maynas, os contatos comerciais mantidos entre as partidas espanhola e portuguesa (ou entre os membros da Comissão espanhola e habitantes, comerciais e demais autoridades do Estado do Grão-Pará e Rio Negro) permitiram o estabelecimento de redes transimperiais. O contrato firmado por Francisco Requena com o comerciante Freire Évora, determinando a compra de mantimentos em Belém dos administradores da extinta Companhia de Comércio, figura como o lado formal, legalizado dessas relações. As acusações de contrabando, por sua vez, indicam a existência de redes informais de negociação que conectavam os lados português e espanhol daquela fronteira. Mediante essas redes, tornava-se possível impulsionar a introdução, a partir da

¹⁷² Sobre os agentes das redes transimperiais, Pesavento observa em outro estudo: “As redes transimperiais são constituídas de redes de agentes estrangeiros, os quais eram os importantes elos que instituíram as conexões que atravessavam um império além de seus limites geográficos. (...) Portanto, o agente transimperial liga dois espaços geográficos e institucionais em dois diferentes impérios, ocupando uma posição-chave de intermediação entre diferentes mercados. Essas redes, embora lideradas por grandes negociantes, incluíam pessoas de diferentes grupos sociais, como burocratas, artesãos, caixeiros, marinheiros, militares e peões. Assim, a vantagem diferencial desses agentes residia, também, no fato de realizarem conexões entre dois ou mais impérios, construindo importantes parcerias comerciais que envolviam recursos e agências dentro e fora de seus nichos institucionais.” Fábio PESAVENTO. “Para além do império ultramarino português: as redes trans, extraimperiais no século XVIII.” In: Roberto GUEDES. *Dinâmica Imperial no Antigo Regime Português: Escravidão, governos, fronteiras, poderes, legados (séc. XVII-XIX)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011, 99-100, pp. 97-111.

¹⁷³ Fábio PESAVENTO & Fabrício PRADO. “Beyond the Portuguese Atlantic: Trans and Extraimperial Networks in Eighteenth-Century Lisbon, Rio de Janeiro, Rio de la Plata, and London.” In: XV Worth Congresso of Economic History, 2009, disponível on line: <http://www.wehc-2009.org/programme.asp?find=prado>

¹⁷⁴ Fábio PESAVENTO. “Para além do império ultramarino português: as redes trans, extraimperiais no século XVIII.” Op. cit., p. 101.

cidade portuária de Belém e de outras povoações luso-americanas, de mantimentos, escravos e outros produtos na Província de Maynas, bem como introduzir a prata espanhola no mercado do Rio Negro e do Grão-Pará. Tratava-se de uma rede controlada pelos oficiais espanhóis responsáveis pela Partida demarcadora e pela administração política de Maynas e de outras províncias vizinhas, figurando Requena como o principal articulador (e provável maior beneficiário) dessas redes. No entanto, eram relações mediadas pelas aproximações e tensões políticas que caracterizavam as interações entre os representantes dos Impérios ibéricos no empreendimento das demarcações, estabelecendo assim limites à capacidade de operação dessas redes. Deve-se lembrar, quanto a isso, as duras acusações lançadas pelo oficial português João Batista Mardel às atividades comerciais mantidas pela Partida espanhola, de modo que as rivalidades hispano-portuguesas e as razões de ordem geopolítica criavam obstáculos aos negócios que, a partir das demarcações, articulavam os dois lados da fronteira.

Com a retirada da Partida espanhola para a Província de Maynas, no início da década de 1790, as autoridades portuguesas determinaram que se barrassem as trocas comerciais na fronteira. No ano de 1792, Manoel da Gama Lobo d'Almada expediu a seguinte ordem:

Determinei-lhe mais que ficando, com a saída dos espanhóis desta Capitania, vedada toda a entrada de qualquer pessoa para dentro dela, ficava também proibida a entrada de salsa que pudesse vir dos Domínios de Espanha; e que proibindo eu absolutamente que possa entrar nenhum só canudo [de salsa], nem por via de comércio, nem por qualquer outra, proibida da mesma sorte a entrada de outro algum gênero de negócio.¹⁷⁵

Não deixa de chamar atenção o fato de o governador da Capitania do Rio Negro ter admitido o comércio de salsa vinda do território colonial espanhol (ponto recorrentemente denunciado pelas autoridades de Maynas) no momento em que determinou a proibição de qualquer tipo de negócio na fronteira. A permanência da Partida espanhola na Capitania estimulou as trocas comerciais entre as duas partes, embora seja impossível mensurar um movimento comercial feito, em grande medida, através do contrabando. Por outro lado, o fim dos trabalhos de demarcação não significou a cessão das trocas comerciais na fronteira. No início do século XIX, principalmente durante os anos do processo de independência nas Américas espanhola e portuguesa, os comerciantes do lado português prosseguiriam desempenhando um papel

¹⁷⁵ APEP, Códice 493. Ofício de Manoel da Gama Lobo d'Almada a Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 09/01/1792.

importante no abastecimento da Província de Maynas (o que será discutido no último capítulo). Além da circulação de produtos, as atividades levadas a cabo pelas partidas demarcadoras estimularam a de circulação de pessoas pela fronteira, como índios, desertores e escravos fugidos, o que será abordado a seguir.

2.3 – Entre os sertões e la montaña: fluxos e fugas na fronteira.

Além da circulação de comerciantes e mercadorias de um lado a outro das zonas fronteiriças, o contexto das demarcações de limites na fronteira norte também promoveu a movimentação de pessoas na área. Essa movimentação era em grande parte de oficiais e trabalhadores indígenas envolvidos nos serviços demarcatórios, principalmente do lado espanhol para o português da América. No entanto, tal fluxo também se tornou um problema a ser enfrentado pelas autoridades ibéricas, na medida em que significou o deslocamento de populações indígenas de um lado para o outro dos territórios limítrofes, ocasionando mudanças substanciais no povoamento da região. Outra questão que despertou a atenção dos demarcadores foi a fuga de escravos e soldados na fronteira, o que motivou atritos entre os representantes das Coroas ibéricas.

A demarcação dos limites territoriais na América foi um empreendimento que dependeu, em grande medida, das populações indígenas.¹⁷⁶ Os tratados firmados em fins da década de 1770 e os trabalhos demarcatórios efetuados nos anos de 1780-1790 envolveram amplos contingentes de populações nativas das zonas de fronteira. Como afirmou Teodósio Constantino Chermont a Francisco Requena em 1782, “já não há índio cristão que habite no Maranhão e Japurá que ignore o Tratado Preliminar de Paz e de Limites.”¹⁷⁷ No caso da fronteira norte, a participação indígena nos trabalhos de demarcação deveu-se, primeiramente, pela importância demográfica e econômica dos índios tanto no Rio Negro quanto em Maynas, como foi exposto no primeiro capítulo.

¹⁷⁶ Sobre a importância dos índios na defesa e nos trabalhos de demarcação de outras áreas de fronteira, conferir: Andrey Cordeiro FERREIRA. “Conquista colonial, resistência indígena e formação do Estado-Nacional: os índios Guaicuru e Guana no Mato Grosso dos séculos XVIII-XIX.” *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2009, v. 52, n.1, pp. 97-136; Elisa Frühauf GARCIA. *As Diversas Formas de Ser Índio: Políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América portuguesa*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

¹⁷⁷ APEP, Códice 399, Documento 5. Ofício de Teodósio Constantino de Chermont a Francisco Requena. Ega, 30/12/1782.

Mapa 2.6

Mapa de los limites septentrionales del Virreinato del Perú en el año 1810. 1906 [detalhe: Populações indígenas na Província de Maynas]. MNM, mapoteca, mapa 34-A-9.

A mão-de-obra indígena foi intensamente utilizada nas extenuantes tarefas realizadas pelas Partidas luso-espanholas, como remar as embarcações por grandes distâncias transportando homens, mantimentos e equipamentos.¹⁷⁸ A manutenção dos postos militares fronteiriços também requeria o envio de índios para prestação de serviços, exigindo assim o deslocamento de homens de suas vilas e lugares para áreas distantes. Em fins de 1790, o comandante de Tabatinga reclamou ao Governador do Rio Negro que, até aquele momento, não haviam chegado de Olivença os 12 índios requeridos para “o serviço desta fronteira,” achando-se assim o comandante “sem gente para poder dar muda aos que no serviço se

¹⁷⁸ Cf.: Neil SAFIER. “Subalternidade tropical? O trabalho do índio remador nos caminhos fluviais amazônicos”. In: Eduardo França PAIVA, Carla Maria Juno ANASTASIA (orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver, séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume: PPGH/UFMG, 2002, pp. 427-443.

[achavam] empregados.” No mesmo documento, propôs o comandante que o vigário da vila de Javari tentasse convencer os índios Ticuna a se recolherem a essa povoação e à Tabatinga, amenizando assim a falta de índios nas duas localidades, tendo em vista que, no caso de Javari, estavam ocorrendo fugas de famílias de índios.¹⁷⁹

A arregimentação de mão-de-obra indígena para os trabalhos nas comissões e postos da fronteira revelou-se um problema de grande monta para os oficiais portugueses, em razão da recusa de muitos índios em tomar parte nesses serviços. Ainda em Olivença, em 1784, uma autoridade local admitiu a grande dificuldade em arregimentar índios para os trabalhos regulares para a comissão demarcadora, sendo comum que eles fugissem ao desconfiar que seriam destacados para trabalhar em pontos fronteiriços. Escrevendo ao Comissário português, disse a autoridade de Olivença que nenhum índio que partia para os trabalhos em Tabatinga o fazia de modo voluntário, sendo tal o “negregado costume desta gente, principalmente da Nação Ticuna, que quando neste porto se acha uma canoa que passa para essa Vila, se não vê um índio nesta vila, e só sim mulheres.” No ano anterior, ao receber ordens para arregimentar 27 índios, foi necessário “dar um cerco a esta vila com nove soldados e moradores para dar execução à dita ordem, e ainda assim escaparam do dito cerco bastantes” índios.¹⁸⁰

Problemas semelhantes foram vivenciados no lado espanhol. Após nove anos de trabalhos de demarcação, Francisco Requena alertava para os efeitos dos mesmos sobre as populações nativas de Maynas. As exigências de deslocamento de indígenas de Maynas ao território luso-americano, seja para os trabalhos demarcatórios, seja para o transporte de

¹⁷⁹ APEP, Códice 382, Documento 100. Ofício de Francisco Rodrigues Campos a Manoel da Gama Lobo d’Almada. Tabatinga, 31/12/1790.

¹⁸⁰ APEP, Códice 414, Documento 2. Ofício de Custódio de Matos Pimpim ao Primeiro Comissário da Partida portuguesa. Olivença, 10/05/1784. As dificuldades em arregimentar a mão-de-obra indígena e organizar a produção agrícola e sua comercialização foram recorrentes na história do Diretório dos Índios. Concorreu para isso a ação não apenas dos próprios índios e seus principais, como também a dos diretores, cabos de canoa e colonos que recebiam a permissão de empregar trabalhadores indígenas. Entre os representantes da Coroa na administração do Grão-Pará, estava arraigada a interpretação de que a corrupção de diretores e colonos desviava o Diretório de seus objetivos primordiais de civilização dos índios e contribuição para o engrandecimento econômico do vale amazônico. Além disso, as deserções de índios (ou de comunidades indígenas inteiras) limitavam o funcionamento do Diretório. Em certos casos, tais fugas serviam como estratégias de negociação, isto é, impondo termos e recusas de comunidades indígenas para que as mesmas aceitassem viver em vilas ou aceitar a autoridade de um diretor. Esses desvios e limites acabavam prejudicando a capacidade dos poderes coloniais em, por meio do Diretório, arrecadar recursos e utilizar o trabalho dos índios nos serviços executados na região, como era o caso das demarcações de limites. Cf.: Mauro Cezar COELHO. *Do Sertão para o Mar: Um estudo sobre a experiência portuguesa na América, a partir da Colônia – o caso do Diretório dos Índios (1751-1798)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: FFLCH-USP, 2005, pp. 258-282. Conferir também: Ângela DOMINGUES. *Quando os Índios eram Vassalos: Colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

mantimentos para os homens empregados na Partida, resultavam na “grande despoblación” que experimentava a Província. Segundo o comandante espanhol:

por los muchos indios que, ocupados en esta Comisión, mueren y se desertan a los bosques, huyendo de un trabajo excesivamente grande a que no estaban acostumbrados, con el cual nos traen de aquellas misiones y del Perú los víveres con que mantenemos en este país, en un continuo giro de viajes.¹⁸¹

Entre os diferentes grupos étnicos que habitavam as zonas limítrofes entre a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas, cabe destacar a nação indígena Ticuna, mencionada anteriormente. Os índios Ticuna (registrados também sob as denominações de Tucuna, Tipuna, Takuna, Teckuna, Tokuna) habitavam a área que viria a configurar os limites entre Maynas e o Rio Negro, e por conta disso as autoridades ibéricas buscaram cooptá-la para que se estabelecesse nas povoações fronteiriças, como as limítrofes povoações de Tabatinga (no lado português) e Loreto (na parte espanhola). Trata-se de um grupo falante de um idioma próprio, embora haja registro de que também se utilizassem do quéchua e do tupi, consideradas línguas francas nas partes espanhola e portuguesa, respectivamente, e fruto dos intercâmbios mantidos pelos Ticuna com populações localizadas a oeste e a leste de seu espaço de vivência. Com relação a esses intercâmbios, os Ticuna destacavam-se no comércio do curare (um tipo de veneno), procurado tanto por outras nações indígenas quanto por espanhóis e portugueses, e que geralmente era trocado por utensílios metálicos.¹⁸²

Estima-se que a ocupação das populações indígenas na zona correspondente ao alto Amazonas/Solimões começou a cerca de dois mil anos. Nessa área, por ocasião dos primeiros contatos com os europeus, os índios Omagua ocupavam as regiões baixas e ilhas do Amazonas, ao passo que os Ticuna (assim como os índios Yagua, Mayoruna e Culina) habitavam a terra firme. Com os conflitos com os europeus (especialmente as expedições escravizadoras vindas das terras luso-americanas) e as epidemias, deu-se a dispersão dos Omagua, tornando possível que grupos como os Ticuna ocupassem a região. A partir da dispersão dos Omagua e com o rápido enfraquecimento dos Mayoruna, os Ticuna espalharam-se rapidamente pelos margens e ilhas do rio Solimões, atingindo o Auatiparaná, o qual se conecta com o rio Japurá. No começo do XIX, a zona ocupada pelos Ticuna estendia-se desde

¹⁸¹ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a José de Galvez. Ega, 12/11/1789.

¹⁸² Jean-Pierre GOULARD. “Los Ticuna.” In: Fernando SANTOS & Frederica BARCLAY. *Guía Etnográfica de la Alta Amazonía, Volumen I*. Quito: FLACSO-Ecuador, IFEA, 1994, pp.309-354.

Pebas, em Maynas, até Fonte Boa, no Rio Negro, incluindo as margens direita e esquerda do Amazonas e espaços interfluviais.¹⁸³

Com o estabelecimento de missões jesuíticas no médio Amazonas, ocorreu o deslocamento de povos nativos de zonas interfluviais para espaços ribeirinhos. Em meados do século XVIII, tem início a fundação de missões que contavam com índios do grupo Ticuna, os quais habitavam juntamente com indígenas de outros grupos étnicos, como os Omagua, seus tradicionais inimigos, ensejando situações conflituosas entre eles. No entanto, em outras ocasiões ocorreram alianças entre Ticuna, Omágua e outras populações nativas contra espanhóis. Entre os povoados ocupados por índios Ticuna, pode-se destacar o de Nuestra Señora de Loreto de los Ticunas, fundado em 1761 na margem esquerda do Amazonas e que chegou a alcançar 700 habitantes.¹⁸⁴

As pressões dos Impérios ibéricos na área ocasionaram a mobilidade e a redistribuição dos povos indígenas da fronteira, principalmente na segunda metade do século XVIII. Os Ticuna, contudo, mantiveram uma tendência de permanecerem na área compreendida entre os rios Negro e Napo, ocupando espaços que antes eram habitados por outros grupos, como os Omágua, Mayoruna e Yagua. Essa permanência do grupo Ticuna deveu-se à adoção de algumas estratégias, como fugas para longe dos rios, internando-se nas áreas de terra firme, e alianças com outras nações indígenas (como os Ómagua), além de colaborações ocasionais com missionários e instalação em núcleos populacionais em Maynas.¹⁸⁵

¹⁸³ Curt NIMUENDAJÚ. *The Tukuna*. Berkley and Los Angeles: University of California Press, Publications in American Archaeology and Ethnology, vol. 45, 1952, p. 8; Claudia Leonor LÓPEZ GARCÉS. *Ticunas brasileiros, colombianos y peruanos: Etnicidad y nacionalidade en la región de fronteras del alto Amazonas/Solimões*. Tesis de Doctorado. Brasília: CEPPAC-UnB, 2000, capítulo 1.

¹⁸⁴ Jean-Pierre GOULARD. “Los Ticuna.” Op. cit.

¹⁸⁵ Carlos Gilberto ZÁRATE BOTÍA. “Movilidad y Permanencia Ticuna en la Frontera Amazónica Colonial del Siglo XVIII.” *Journal de la Société des Américanistes*, 1998 (1), pp. 73-98.

Figura 7

Índios Ticuna. In: Paul MARCOY. *Viaje a través de América del Sur: Del océano Pacífico al océano Atlántico. Tomo II.* Lima: IFEA, PUCP, Banco Central de Reserva del Perú, Centro Amazónico de Antropología Aplicada, p. 615.

Para além da locomoção das comissões e manutenção das fortificações fronteiriças, a subsistência dos trabalhos e postos militares também dependeu do trabalho de comunidades indígenas locais. Nesse caso, diretores de vilas e oficiais militares ficaram responsáveis em coordenar os trabalhos dos índios na plantação e colheita de gêneros destinados à alimentação dos homens encarregados das demarcações na Partida portuguesa. Na Província de Maynas, por sua vez, os índios Cocamilla da vila de Lagunas foram empregados na construção de embarcações e nas plantações de mandioca para a Partida espanhola.¹⁸⁶

Em algumas situações, as demandas por alimentos forçavam modificações nas formas de trabalho praticadas por comunidades indígenas. No rio Içá, em setembro de 1790, o oficial local informou ao Segundo Comissário português que havia destinado 20 índios ao serviço de “capinação de duas roças grandes” para “dar farinhas” para a Partida de demarcação. Contudo, o mesmo oficial observou que os índios sob seu comando não sabiam “plantar roças, nem tampouco capinar,” e se ajudavam as índias nessas tarefas era “por necessidade e

¹⁸⁶ Anthony Wayne STOCKS. *Los Nativos Invisibles. Notas sobre la historia y realidad actual de los Cocamilla del río Huallaga, Perú.* Lima: CAAAP, 1981, p. 78.

não porque saibam fazer esta obrigação.” E completou: “o que sabem [fazer] é abrir os lugares onde as índias devem plantar a maniva.”¹⁸⁷

Outra função importante desempenhada pelas comunidades indígenas nesse contexto foi a de informar aos oficiais demarcadores sobre o território que estava sendo percorrido e delimitado. As rotas de navegação e contatos comerciais tradicionalmente percorridas por populações nativas poderiam ser apropriadas pelos demarcadores, fornecendo a eles subsídios para os trabalhos de definição dos territórios coloniais. Os índios, desse modo, foram os informantes privilegiados do espaço que se estava demarcando pelas comissões. Um relato de 1784, apresentado por Manoel da Rocha Martins (diretor do lugar de Alvarães), exemplifica bem como o conhecimento das populações nativas sobre o espaço era apreendido pelos oficiais demarcadores. Um índio da vila de Nogueira contou a ele sobre a existência de um caminho por terra ligando a vila de Alvarães ao rio Cupacá, caminho esse provavelmente utilizado pelos índios Passé, que “costumam prolongar-se muito ao centro em procura de caças e frutas.” Na vila de Olivença, dois índios da Nação Cambeba, capitães Tomás e Pedro Valente, relataram sobre os braços do rio Javari e o tempo de viagem para alcançá-los. Sobre a boca do rio Javari, Manoel da Rocha Martins obteve informações de um índio Passé, chamado Cavariá, e que trabalhava como prático de navegação. Maluhi, índio da nação Juri e oriundo do rio Içá, assegurou ao diretor português que existia um igarapé ligando esse rio ao Japurá, o que também foi confirmado pelo mameluco Tomé, que frequentava o Içá para coletar salsaparrilha, juntamente com o “jacumaúba” (capitão de canoa) Feliciano.¹⁸⁸ Com relação aos rios Japurá e dos Enganos, objetos de discordância entre os demarcadores das duas Coroas (como se abordou no início desse capítulo), os portugueses obtiveram notícias sobre povoações e cachoeiras desses rios pelos índios Mauá. Os índios Curutus, por sua vez, deram informações sobre o rio Apaporis.¹⁸⁹

Índios não-aldeados (mas também outros sujeitos que circulavam pela zona de fronteira, como desertores e escravos fugidos) foram, para as autoridades coloniais responsáveis pelo reconhecimento e demarcação dos limites dos Impérios ibéricos na Amazônia, fontes privilegiadas de informação sobre a região. Entre os índios que serviam nas vilas, os chamados “práticos do sertão” (pilotos das embarcações fluviais empregadas no

¹⁸⁷ APEP, Códice 382, Documento 90. Ofício de José Francisco Moraes ao Segundo Comissário da Partida Portuguesa. Rio Içá, 24/09/1790.

¹⁸⁸ APEP, Códice 402, Documento 47. Ofício de Manoel da Rocha Martins a Theodózio Constantino de Chermont. Alvarães, 01/06/1784.

¹⁸⁹ APEP, Códice 399, Documento 04. Ofício de Teodósio Constantino de Chermont a João Pereira Caldas. Ega, 01/02/1783.

comércio ou nas expedições de escravização de índios) eram particularmente valorizados como informantes para a construção do conhecimento geográfico que servia aos objetivos territoriais das Coroas lusa e espanhola naquele espaço. O repertório do conhecimento nativo sobre a fronteira, como sustenta Heather Roller, era incorporado às representações cartográficas europeias, bem como fundamentava as demandas diplomáticas quanto à delimitação do território.¹⁹⁰

As formas costumeiras de compreensão do espaço, dominadas por essas comunidades, deveriam ser apreendidas segundo as normas de representação cartográfica praticadas pelos demarcadores. O conhecimento espacial dos povos nativos intervinha na construção das representações cartográficas produzidas pelos oficiais e cientistas a serviço das demarcações.¹⁹¹ Assim podem ser compreendidas duas situações narradas por Alexandre Rodrigues Ferreira. Na primeira, um índio, ao ser perguntado sobre os rios e aldeias próximos, respondeu às questões valendo-se de uma corda, na qual os nós representavam as aldeias, e os cordões atados à esquerda e à direita da corda equivaliam aos rios confluentes, “ajustando [os cordões] às distâncias que na sua mente tinham [os rios] uns dos outros e também de forma a figurar as suas voltas.” Em outra oportunidade, estando Rodrigues Ferreira na povoação do Carmo, um índio da nação Macuxi forneceu dados importantes sobre a fronteira do rio Branco:

Este índio reparou, na palhoça que eu habitava, o que eu estava a riscar. Era um pequeno mapa de população que ele supôs ser o rio Branco. Sem me dizer alguma palavra, tomou o meu bastão que eu trazia no canto da palhoça e com a ponta pôs-se a riscar na areia do pavimento uma encadeação de grandes e pequenos rios. Na foz do Araru, segundo ele, o que para nós é o Tacutu, riscou a fortaleza de S. Joaquim e tantos quadrados quantas eram as palhoças a ela anexadas. Aproveitando a ocasião, oferecendo-lhe papel, o convidei a fazer com a pena e tinta

¹⁹⁰ Heather Flynn ROLLER. “River Guides, Geographical Informants, and Colonial Field Agents in the Portuguese Amazon.” *Colonial Latin American Review*, vol. 21, n. 1, April 2012, pp. 101-126.

¹⁹¹ Escrevendo sobre as concepções espaciais dos povos do Caribe e das terras baixas sul-americanas, Neil Whitehead enfatiza as interconexões entre o conhecimento espacial dos índios e a elaboração do material cartográfico dos europeus, de maneira que concepções nativas sobre espaço (por vezes representadas através de meios não-visuais, como relatos orais) eram incorporadas nos mapas. Neil L. WHITEHEAD. “Indigenous Cartography in Lowland South America and the Caribbean.” In: David WOODWARD, G. Malcolm LEWIS (ed.). *The History of Cartography, Volume Two, Book Three: Cartography in the Traditional African, American, Arctic, Australian, and Pacific Societies*. Chicago and London: The University of Chicago Press, pp. 301-326. Neil Safier, por sua vez, destaca as formas não-cartográficas (que o autor também qualifica como “repositórios de conhecimento espacial”) das populações indígenas no norte da América portuguesa conceberem a representação do espaço, e como tais formas foram “traduzidas” ou mesmo incorporadas nos mapas produzidos durante as demarcações do século XVIII. Neil SAFIER. “The Confines of the Colony: Boundaries, Ethnographic Landscapes, and Imperial Cartography in Iberoamerica.” Op. cit.

o que até o momento tinha feito com bastão. Prontamente se pôs a riscar uma carta onde as cordilheiras eram marcadas por sucessivas séries de ângulos mais ou menos agudos e as malocas dos gentios por círculos maiores e menores. Sem adicionar coisa alguma além dos nomes que me dizia, mostrei a carta a sua Excia. o Sr. João Pereira Caldas, ao Governador da Capitania, ao Dr. Astrônomo José Simoens de Carvalho e a muitos outros.¹⁹²

Os passos dados pelos espanhóis no território vizinho, e suas possíveis ameaças aos interesses da Coroa lusa na região, também poderiam ser seguidos a partir das notícias dadas pelos índios. Na vila de Olivença, um “índio espanhol da nação Cambeba”, interrogado pelo piloto Dionísio, “também Cambeba,” afirmou que na vila de Camucheros, na Província de Maynas, soldados e índios estavam trabalhando em um “trajeto de terra para o rio Javari, com o destino de vir situar casas na margem do dito rio.” Informou mais o “índio espanhol” que se estava construindo outro caminho para o rio Içá, defronte de Camucheros, “na margem boreal do Solimões,” e que na “na margem do rio Içá acabam de situar uma casa a modo de povoação.” Essas informações prestadas pelo índio foram transmitidas ao comandante de Tabatinga, “para ele poder obrar segundo as instruções da guarda do seu posto.”¹⁹³ Nesse último caso, a permanência da identidade étnica (ambos eram Cambeba) entre índios vassalos de monarcas diferentes (índios português e espanhol) serviu de estratégia, para as autoridades portuguesas responsáveis em proteger a fronteira, para colher informação sobre o território vizinho.

Cientes de que os contatos com os índios poderiam fornecer dados preciosos sobre o território e as ações para ocupá-lo e protegê-lo, os militares portugueses se esforçaram em coibir as aproximações entre os índios do Rio Negro e os membros da Partida espanhola, tarefa praticamente impossível, tendo em vista a longa permanência de Francisco Requena e seus comandados nas terras portuguesas. Mesmo assim, era indispensável tentar limitar esses contatos, alimentando entre os índios o temor aos espanhóis (de maneira aproximada ao modo como os castelhanos destacavam entre os nativos de sua fronteira o horror aos portugueses, considerados escravizadores contumazes de índios). Escrevendo ao diretor da vila de Olivença, João Batista Mardel instruiu-lhe sobre esse assunto da seguinte forma:

(...) nunca consentirá o entranharem-se [os espanhóis] pela povoação, ter conversas e introduzirem práticas a esses miseráveis índios, antes inspirar-lhes Vossa Mercê (aos índios)

¹⁹² Alexandre Rodrigues FERREIRA. *Viagem Filosófica*. Op. cit., pp. 93-94.

¹⁹³ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.13, D.514. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 22/04/1788.

em sucessivas persuasões o horror que devem ter a uma nação estrangeira, que apossar-se de tudo o que eles possuem de mais precioso pretendem.¹⁹⁴

Se por um lado mostrava-se importante para os portugueses evitar os contatos dos índios do Rio Negro com os espanhóis, por outro as demarcações se revelaram a ocasião propícia para ampliar o contingente populacional indígena sob a tutela da Coroa lusa à custa dos territórios americanos de Castela. As demarcações de fins do século XVIII não colocaram em questão apenas as disputas por terras entre as Monarquias ibéricas, mas também as disputas em torno de habitantes para os domínios coloniais. E essa concorrência por vassalos nos limites da América tornou-se outro ponto de atrito entre as Partidas portuguesa e espanhola. Como afirma Ângela Domingues, as Coroas portuguesa e espanhola no XVIII buscaram, na América, atrair as populações indígenas ao conjunto dos vassalos de seus impérios, tornando-os partícipes do engrandecimento dos domínios coloniais e sinceros fiéis da Igreja Católica. E, a partir da década de 1780, as autoridades coloniais portuguesas passaram a assumir uma postura mais maleável com as comunidades indígenas, fazendo concessões em busca da manutenção da estabilidade e pacificação do território. Nesse contexto, a liberdade dos índios, decretada em meados do século, é reafirmada como justificativa para que os índios pudessem escolher para qual soberania monárquica (portuguesa ou espanhola) desejavam jurar fidelidade. Nessas disputas, os índios deveriam agir como os mantenedores do direito de *uti possidetis* do território, seja para Espanha, seja para Portugal.¹⁹⁵

Na avaliação de Henrique João Wilckens, escrevendo para João Pereira Caldas, a ocupação da fronteira com a Província de Maynas dependia do controle sobre as populações indígenas da área. Afirmava Wilckens que os espanhóis intentavam atrair para seus domínios as nações indígenas que habitavam a fronteira do lado rio-negrino, o que deveria impelir as autoridades lusas a travar negociações com as comunidades nativas, conquistando o apoio das mesmas. Em sua exposição, Wilckens elenca algumas das nações, os locais onde habitavam e algumas de suas características, demonstrando a importância do conhecimento a respeito dessas populações para a formulação das políticas de defesa e ocupação da fronteira luso-espanhola naquele contexto. Segundo Wilckens, era imprescindível dificultar

¹⁹⁴ APEP. Códice 402, Documento 46. Ofício de João Batista Mardel ao diretor da vila de Olivença. Ega, 11/06/1784.

¹⁹⁵ Ângela DOMINGUES. *Quando os Índios eram Vassalos*. Op cit., pp.211-215 e pp. 230-231.

(...) os reconhecimentos e os descimentos de gentios [feitos pelos espanhóis], que em toda a parte onde se estabelecem (e com bem fundamentado e não pequeno proveito) intentam; assaz lamentar e sentir se deve as muitas nações (as mais dóceis e laboriosas do Estado) que nos diferentes rios da margem meridional se perdem; todas compostas de índios da boca ou cara preta, como são os Passés, os Juris, os Meforis, Mariaranas, Jupiuás, Chuhumánas, Tomiras, Tauacanas, Oecorús, Cuarasi etc., e que todos passam ao Domínio espanhol; nações todas que comerciavam com os moradores do Solimões, passaremos a perder as diferentes nações estabelecidas na margem ocidental do Apaporis, os Jaraíras, os Macus, os Cueruros etc., e ultimamente até os Tauocas, que, com alguma complacência eu esperando ficara atrair, haviam (sic) algumas e bastantes nações aliadas para seguirem o exemplo que lhes davam em situarem na margem norte, e que em poucos anos povoar podiam este rio, nada esperar se deve de lhes violentar a vontade em logo os querer situar onde mais conveniência parece aos nossos interesses; *todos os índios são de natureza inconstantes e desconfiados, é preciso administrar-lhes a condescendência* como aos perigosamente enfermos os alimentos para gradualmente adquirirem a robustez precisa.¹⁹⁶

Nas áreas de fronteira, e particularmente durante os empreendimentos de demarcação, ganhavam fôlego as tentativas das autoridades coloniais de estabelecer negociações e alianças com as populações que habitavam esses espaços. Os demarcadores ibéricos procuraram fortalecer contatos com as nações indígenas da zona limítrofe, atraindo-as para o seu lado da fronteira. Esse jogo de alianças entre autoridades e índios objetivava, por um lado, aumentar o povoamento das áreas de fronteira, tornando os índios vassalos fiéis a serviço da Coroa. Por outro lado, para os índios, essas aproximações deveriam ser igualmente interessantes, com o reconhecimento das autoridades indígenas e a preservação de certos direitos e vantagens das comunidades. Como discute Elisa Frühauf Garcia, as alianças traçadas entre ibéricos e indígenas no período colonial possuíam um caráter relacional e contextual, em que os índios buscavam alcançar certos benefícios quando decidiam aliar-se a portugueses ou a espanhóis. Esse jogo de alianças foi particularmente evidente nas zonas de fronteira do século XVIII, onde as rivalidades imperiais pela incorporação de territórios e vassalos envolveram amplos contingentes de comunidades indígenas, as quais se tornaram participantes de grande importância nessas disputas.¹⁹⁷

¹⁹⁶ APEP, Códice 383, Documento 96. Ofício de Henrique João Wilckens a João Pereira Caldas. De viagem pela cachoeira do Cupati, no rio Japurá, 29/03/1782 (grifos meus).

¹⁹⁷ Elisa Frühauf GARCIA. *As Diversas Formas de Ser Índio*. Op. cit., pp.227-235.

Na condição de chefe da Partida espanhola e governador da Província de Maynas, o coronel Requena preocupou-se em manter negociações com comunidades indígenas de sua governação para que elas coadjuvassem na ocupação e defesa do território fronteiriço. Em 1781, tomando conhecimento dos descimentos realizados pelos portugueses de “porciones considerables de indios infieles” do rio Putumayo, Requena buscou providenciar que se fizesse o “repartimiento (...) de herramientas, ropas y abalorios [contas pequenas de vidro] para vestir, socorrer y contentar a todos los naturales de aquel río, a fin de que congratulados por nosotros se rindam gratamente y de buena voluntad al suave dominio del REI nuestro Señor”. Além disso, era de extrema importância consolidar alianças com lideranças indígenas, a exemplo do que se concretizara anos antes com o “indio capitán de la nación Yuri, una de las más numerosas del precitado río Putumayo,” conhecido como Don Mariano Comaribana. Em diferentes ocasiões, ainda durante os governos dos predecessores de Requena, o índio Mariano havia procurado de “expontanea y libre voluntad” as autoridades espanholas de Maynas para jurar vassalagem “al amable dominio de nuestro Excelso Soberano,” solicitando receber da Coroa proteção e o envio de um padre para o povoado que os índios de sua nação pretendiam fundar no centro do Putumayo.¹⁹⁸

Os índios da nação Yuri já haviam sido procurados por oficiais portugueses, que tencionavam obter o apoio deles. Mas Don Mariano Comaribana, garantia Requena, dava vivas provas de ser leal à Sua Majestade Católica, afastando-se dos assédios dos portugueses e refugiando-se no destacamento espanhol de Camucheros. Don Mariano também se empenhou em “pasar a la Ciudad de Quito a presentarse ante el Señor Presidente de aquella Real Audiencia y ratificarle su indeleble fidelidad y vasallage.” Requena determinou que se prestasse todo o apoio para a viagem de Don Mariano Comaribana e seus acompanhantes à capital da Audiência, recomendando que se fornecesse igual auxílio a outras lideranças indígenas que procurassem os espanhóis, pois essas alianças garantiriam não apenas os homens necessários para “beneficio y aumento del Estado y exaltación de nuestra santa fe católica,” como também para fechar o Putumayo aos avanços dos portugueses.¹⁹⁹ Se para os espanhóis as vantagens das alianças com os índios estavam bem claras nos argumentos de Requena, para os índios certamente tais aproximações e juramentos de vassalagens poderiam significar o reconhecimento das lideranças indígenas pelos poderes coloniais e o apoio e

¹⁹⁸ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a José de Galvez. Ega, 30/01/1781.

¹⁹⁹ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a José de Galvez. Ega, 30/01/1781.

Além disso, as incursões dos portugueses do território de Maynas poderiam ser marcadas por extrema violência contra as comunidades indígenas locais. No final da década de 1780, frei Francisco Delgado informou o Primeiro Comissário e Governador de Maynas sobre os prejuízos causados nas missões religiosas pelas entradas de portugueses, auxiliados por índios da Capitania do Rio Negro. No *pueblo* de Asumpción, a índia cristã Marselina, filha do principal Gabriel Coyaimani, e a catecúmena Guanaró, viúva do índio cristão Estebán Hiero, foram sequestradas por uma canoa de portugueses vinda da vila de Maturá e que estava empregada no tráfico de salsaparrilha. Segundo informou um soldado espanhol que passou pela vila rio-negrina de Maturá, as índias seqüestradas estavam na localidade, pelo que frei Delgado solicitou que se devolvessem as índias Marselina e Guanaró, “en atención de ser la primera casada y la segunda tener un hijo pequeño que está abandonado por la ausencia de la madre.” Em outra oportunidade, frei Delgado informou que índios das nações Taboca e Miranha, “de uno y otro sexo,” estavam sendo capturados no rio Japurá e levados para a Capitania do Rio Negro por “varios individuos de la nación portuguesa,” auxiliados por outros índios que haviam recebido em troca de sua ajuda “escopetas, achas y otras herramientas y vestidos.” Os índios Yuris também foram perseguidos pelos “índios portugueses conocidos con el nombre de Pareés, armados de bocas de fuego y prevenidos de barcos, y que habían apresado toda la gente de dos casas grandes”, os quais também “habían cargado [os índios Yuri] con ellos, quemando las casas y (...) destruyendo sementeras.”²⁰² Desse modo, quando líderes indígenas buscavam apoio de autoridades espanholas, declarando sua vassalagem ao monarca, certamente esperavam receber delas o apoio e a proteção contra ataques vindos do lado português da fronteira.

Contudo, os portugueses também sabiam manter negociações com grupos indígenas que habitavam os rios da fronteira, obtendo apoio dos índios e convencendo-os a se transferirem para a Capitania do Rio Negro. Em 1782, Francisco Requena protestou ao Primeiro Comissário Teodósio Constantino de Chermont com relação aos contatos estabelecidos pelos portugueses com os índios Taboca, fazendo com que os índios saíssem do lado espanhol da fronteira que estava sendo demarcada. Em sua resposta ao Primeiro Comissário espanhol, argumentou Chermont que, “na realização das demarcações, se [realizava] o real indulto da liberdade de cada um povoar onde conveniente lhe [fosse],” principalmente quando as populações indígenas habitavam as terras que seriam divididas entre as duas Coroas no processo de demarcação. Esse indulto, segundo o Comissário

²⁰² AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Antonio Valdez. Ega, 18/08/1789.

português, deveria ser estendido às mais de 18 nações indígenas que habitavam a margem ocidental do rio Cupati, as quais tinham o direito de “gozar igualmente da liberdade de povoarem qualquer das margens [que lhes fossem] mais conveniente,” para assim “gozarem da graça geralmente a todos os vassalos concedida de uma e outra Nação que povoam a raia e países limítrofes que hão de ser cedidos a favor de uma ou outra Nação.”²⁰³

No mês de outubro do ano seguinte, o Primeiro Comissário espanhol reforçou suas críticas a Chermont, acusando oficiais portugueses e principais de comunidades indígenas próximas à fronteira de estarem promovendo o descimento, para o território do Rio Negro, de “muchos centenares de indios gentiles de los ríos Putumayo y Japurá, aquel que en todo hasta su salida al Marañón fue siempre propio y pertenciente a la Corona de España.” Com relação ao Japurá, lembrou o Primeiro Comissário espanhol que, de acordo com os tratados de limites, ele deveria pertencer em sua maior parte aos domínios espanhóis, o que confirmaria a ilegalidade dos descimentos promovidos pelos portugueses de índios que deveriam continuar habitando a Província de Maynas (como os das nações Jurie, Passé, Miranha e outras). Requena afirmou que, na condição de Primeiro Comissário, não poderia manter-se indiferente a esses fatos, “viendo disipada y subtraída de sus próprios domínios [de mi Augusto Soberano] una tan considerable porción de vasalos por medios ilegales.” Disse mais Requena a Chermont que nenhum deslocamento de comunidades indígenas poderia ser realizado sem que antes se definissem os limites entre os dois domínios, processo ainda em curso naquele momento. Contudo, segundo soube o Comissário espanhol, algumas canoas “cargadas de dichos indios gentiles” haviam “bajado a la Villa de Barcelos,” prevendo que futuramente o rio Putumayo ficaria “interamente despoblado.”²⁰⁴

Entre os oficiais espanhóis, ganhou força a suspeita de que os portugueses intentavam despovoar de índios o lado espanhol da fronteira, transferindo-os para a Capitania do Rio Negro. Em ofício remetido ao Marquês de Sonora no ano de 1787, Francisco Requena sintetizou sua interpretação a respeito do ardiloso plano que estava sendo posto em prática pelos representantes da Coroa lusa, que havia sete anos (portanto, desde o início dos trabalhos de demarcação) que estariam promovendo a extração de índios dos rios Putumayo, Japurá e Javari. Segundo Requena, queriam os portugueses concretizar

²⁰³ APEP, Códice 399, Documento 5. Ofício de Teodósio Constantino de Chermont a Francisco Requena. Ega, 30/12/1782.

²⁰⁴ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.7, D.304. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 13/02/1784.

las antiguas ambiciosas ideas de que se les ceda el río Yapurá hasta su origen, y las Fortalezas de San Carlos y San Felipe en el río Negro, o a lo menos si esto no consiguen, hasta tanto que habiendo trasladado a la Dominación Portuguesa todas las naciones de índios infieles que pueblan los expresados ríos, que yerma la larga faja de la frontera española, y con imposibilidad de poderse hacer por falta de los habitantes del país poblada y respetable.²⁰⁵

Escrevendo ao Primeiro Comissário português em 1783, Francisco Requena contestou os argumentos apresentados pelos portugueses de que os índios do Putumayo e do Japurá estariam passando para o lado português por sua livre vontade, afirmando que muitos deles estavam na verdade fugindo das incursões em Maynas dos índios Mura, vindos da parte portuguesa da América. Em outras oportunidades, os descimentos realizados pelos portugueses seriam realizados de modo violento, forçando as comunidades indígenas do Japurá e Putumayo a se transferirem para o Rio Negro. A presença dos portugueses nessas áreas pertencentes à Espanha também visava realizar a extração ilegal de salsaparrilha, abundante nas margens do Putumayo e adquirida através do comércio com os índios que habitavam a região. Por tudo isso, escreveu Requena a Chermont, os índios deveriam ser prontamente restituídos aos domínios espanhóis.²⁰⁶

Tedósio Constantino Chermont, evidentemente, contestou as acusações que lhe foram apresentadas pelo Primeiro Comissário da Partida espanhola. Em novembro do mesmo ano, respondeu-lhe Chermont que os índios, por vontade própria, procuravam na “venturosa vassalagem de minha Augusta Soberana os seguros da salvação no grêmio da Igreja, sujeitando-se ao suave jugo do Evangelho.” Os descimentos, praticados por diretores de vilas e principais indígenas, não dependeriam de ordens do Primeiro Comissário da Partida portuguesa, pelo que ele também não teria autoridade para proibi-los. Esses descimentos estariam amparados nos regulamentos do Diretório. Com relação ao rio Putumayo, Chermont discordou dos argumentos de Requena, afirmando que “o rio Putumayo ou Içá sempre foi considerado e se compreendia nos Domínios da Coroa de Portugal,” direitos herdados da expedição de Pedro Teixeira à região em 1639. Em relação ao rio Japurá, o qual pertenceria em sua maior parte aos espanhóis na avaliação de Requena, afirmou o Comissário português que isso só seria definido no futuro, cabendo aos Monarcas deliberar sobre a posse e divisão territorial do rio no tempo devido. Naquele momento, portanto, não deveria causar admiração

²⁰⁵ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena al Marques de Sonora. Ega, 12/02/1787.

²⁰⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.7, D.304. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 13/02/1784.

a Requena “ver e saber que os índios infiéis descidos das nações Juri, Passé, Miranha e outras quaisquer habitantes (...) dos rios Içá e Japurá” existissem no Grão-Pará, o que ocorria “desde a fundação desse Estado,” constituindo isso “sinal evidente e inegável de uma antiga, pacífica, legal e legítima posse.” A diminuição da população indígena no lado espanhol seria, na opinião da autoridade portuguesa, causada pelas epidemias que grassavam desde os domínios espanhóis até o Grão-Pará. Por fim, os índios descidos dos rios Içá e Japurá não poderiam, na interpretação de Chermont, serem considerados vassalos do Monarca espanhol, pois

todo gentio habitador de quaisquer terras sujeito não está, pela Lei Natural, à Monarquia nem à Legislação alguma, se não depois do dito gentio, de espontânea e livre vontade, se querer sujeitar a este ou a aquele domínio que mais lhe agrada e conveniência lhe faz, pois nasce e vive livre, senhor independente e absoluto das suas ações, sem sujeição alguma se não aquele ou aqueles indivíduos que por convenção recíproca eles entre si estabelecido e autorizado têm para os reger (...).²⁰⁷

Em dezembro de 1783, Requena enviou sua tréplica a Chermont. Como de costume, o longo ofício do Primeiro Comissário espanhol contestou ponto a ponto os argumentos do Primeiro Comissário português, reafirmando suas críticas iniciais e adicionando outras. Nessas últimas, retomou a polêmica sobre os direitos portugueses herdados desde a expedição de Pedro Teixeira, afirmando que ele era, em 1639, vassalo do Monarca espanhol por conta da União Ibérica, o que garantiria à Espanha a soberania sobre as terras percorridas pelo capitão português. Com relação à liberdade dos índios de jurar vassalagem, Requena sublinhou que muitos índios da área já haviam escolhido abrigar-se sobre a proteção de Sua Majestade Católica, citando para o Comissário português o caso do principal Mariano Camaribana, batizado por franciscanos das missões espanholas do Putumayo, recebendo o título de “Capitan y Principal de todos los de su nación,” e tendo ele encaminhado a Requena alguns de seus parentes para trabalhar como remeiros da comissão.²⁰⁸

As críticas de Requena às entradas dos portugueses em Maynas e a transferência de índios da Província espanhola para a Capitania do Rio Negro continuariam ao longo da

²⁰⁷ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a José de Galvez. Ega, 01/02/1788. Conferir também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.7, D.304. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 13/02/1784.

²⁰⁸ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.7, D.304. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 13/02/1784.

década de 1780. Em junho de 1788, escrevendo a João Pereira Caldas, o Primeiro Comissário espanhol denunciou mais uma vez a “violenta acción” dos portugueses no rio Javari, percorrido por uma pequena ubá, e principalmente no Japurá, visitado por “grandes expediciones” por ordem do Comissário luso e onde estavam sendo implantados “pueblos, transmigrando indios de la margen española, pasando sus naturales de unas a otras partes, y aprovechándose de aquellos que en ambas las orillas de la parte superior del mismo río son vasallos de la Corona de España.” Essas operações estavam em curso também no Putumayo, advertindo Requena a Pereira Caldas que essas ações não deveriam ocorrer tendo em vista as discordâncias entre as duas Partidas com relação à demarcação da área.²⁰⁹

No período final de sua permanência na Capitania do Rio Negro, no ano de 1791, Francisco Requena dirigiu novos protestos contra os descimentos de índios realizados por autoridades portuguesas. Escrevendo a Manoel da Gama Lobo d’Almada, afirmou Requena ter tido conhecimento, por meio do comandante da fronteira espanhola, de que soldados de Tabatinga haviam penetrado nos “montes y terrenos” em Maynas, apreendendo “varios indios ya conquistados por España y establecidos con sus familias en los pueblos de Loreto y Camucheros.” Solicitou Requena a Lobo d’Almada que os índios fossem restituídos ao território maynense, ao que o Governador respondeu não acreditar que fosse possível tal fato ter sido permitido pelo comandante de Tabatinga.²¹⁰

As relações mantidas entre demarcadores e populações indígenas locais não forma caracterizadas exclusivamente pelas aproximações e negociações, conforme se destacou até aqui. Havia comunidades que se mostraram refratárias a contatos, atacando os membros das partidas demarcadoras. Enquanto que portugueses e espanhóis divergiam sobre quais nações indígenas deveriam caber a cada uma das Coroas ibéricas, outra nação passou a representar um obstáculo para a concretização dos trabalhos de demarcação dos limites territoriais na fronteira norte. Os índios Mura estavam envolvidos em uma guerra aberta contra autoridades coloniais e índios cristãos do Grão-Pará e Rio Negro, sendo que a Província de Maynas se viu igualmente ameaçada por incursões dessa nação em seu território.

²⁰⁹ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Antonio Valdez. Ega, 18/06/1788.

²¹⁰ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.608. Ofício do Governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d’Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 22/07/1791.

Figura 8

Vista del pueblo de San Joaquín de Omaguas provincia de Mainas. Las Canoas de Infieles que atacaron la Población hallándose con pocas gentes el Comisario, y fueron rechazados con muerte de algunos de dichos Indios, aquarela de Fransico Requena [Acervo Biblioteca Oliveira Lima, The Catholic University of America, Washington DC]. Disponível on-line: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.148/4506>. Essa aquarela de Requena é uma rara representação visual de embates que opuseram demarcadores e nações indígenas não cristianizadas e não incorporadas às sociedades coloniais. A reconfiguração do espaço da fronteira no período, levado a cabo pelas Partidas demarcadoras, alimentou não somente novas alianças, mas também conflitos com populações indígenas.

As informações disponíveis sobre os Mura encontram-se principalmente em relatos sobre confrontos que opuseram esse grupo indígena aos portugueses e seus aliados índios. De acordo com os relatos setecentistas, esses “gentios do corso” viviam em suas próprias canoas e navegavam por uma extensa área que incluía os rios Madeira, Solimões, Negro e Japurá, criando obstáculos às comunicações entre o Grão-Pará e o Mato Grosso, atacando vilas e embarcações de comércio e aquelas a serviço da Coroa. A espacialidade onde os Mura estavam presentes é explicada pelo nomadismo de pequenos grupos de índios dessa nação, os quais circulavam de maneira sazonal pelos rios conforme as estações de seca e de chuva. A população Mura chegou a ser calculada em cerca de 60 mil indivíduos, número considerado exagerado por Marta Rosa Amoroso, para quem tal estimativa, bem como as narrativas coloniais sobre a ferocidade dessa nação (a exemplo do poema épico *Muhuraida ou o Triunfo*

da Fé, de 1785, escrito por Henrique João Wilckens²¹¹), serviam para justificar a guerra contra esses índios. Ainda segundo essa autora, no século XVIII o etnônimo Mura passou a ser utilizado para diferentes etnias não integradas ao mundo colonial, ou a índios que desertavam das vilas. Além disso, ocorria um processo de “murificação” de índios pertencentes a outros grupos étnicos, os quais passavam a viver entre os Mura. Agrega-se a isso o fato de os Mura, por meio de guerras e sequestros, incorporarem índios de outras nações. Nas décadas finais do Setecentos, as autoridades portuguesas começaram a estabelecer contatos e alianças com grupos de Mura, e alguns desses passaram a habitar aldeamentos.²¹²

Com relação à Província de Maynas, seu governador informou ao Comissário português sobre a entrada dos Mura na parte superior do Putumayo, onde eles promoveram “sangrientas correrías” contra as comunidades indígenas locais. Segundo informações prestados por oficiais de Maynas, os Mura, “en cantidad bastante numerosa,” haviam “penetrado hasta muy arriba del dicho río, haciendo en los pueblos y misiones sangrientas correrías con muerte de muchos indios cristianos y robo de sus mujeres, insultando a los padres misioneros y españoles.” Diante do quadro desolador desses ataques, Francisco Requena solicitou a Henrique João Wilckens que os espanhóis tivessem permissão para navegar pela boca do rio Putumayo, de modo que se pudesse através dela prover de auxílios à defesa as missões religiosas que estavam sofrendo com os ataques dos Mura.²¹³ Ainda segundo Requena, os ataques dessa nação ao longo do Putumayo também estavam obrigando os índios a fugirem para outras áreas, contribuindo assim para o despovoamento da região.²¹⁴ Contudo, a permissão não foi concedida pelos portugueses. Além das correrias praticadas nas

²¹¹ Yurgel CALDAS. “Eles são muitos e incontáveis: estratégias coloniais e migratórios dos índios Mura contra o processo pombalino para o domínio amazônico, a partir da *Muhuraida*, de Henrique João Wilckens.” *Novos Cadernos do NAEA*, v.13, n.1, p. 171-198, jul. 2010.

²¹² Marta Rosa AMOROSO. *Guerra Mura no Século XVIII: Versos e Versões. Representações dos Mura no Imaginário Colonial*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991, pp. 105-138. Da mesma autora, conferir: “Documentos de Henrique João Wilckens. Introdução.” In: Marta Rosa AMOROSO, Nádia FARAGE (orgs.). *Relatos da Fronteira Amazônica no Século XVIII. Documentos de Henrique João Wilckens e Alexandre Rodrigues Ferreira*. São Paulo: NHII-USP, FAPESP, 1994, pp. 09-14. Sobre os Mura no período colonial e nos séculos XIX e XX, conferir: Eliane da Silva Souza PEQUENO. “Mura, guardiães do caminho fluvial.” *Revista de Estudos e Pesquisas*, FUNAI, Brasília, v.3, n.1/2, pp.133-155, jul./dez. 2006; Márcia Leila de Castro PEREIRA. “*Rios de História*”: *Guerra, Tempo e Espaço entre os Mura do Baixo Madeira (AM)*. Tese de Doutorado. Brasília: UnB-PPGAS, 2009; David SWEET. “Native Resistance in 18th-Century Amazonia: The ‘Abominabel Muras’ in War and Peace.” Texto disponível on line: <http://davidgsweet.com/amazon/muras.pdf>.

²¹³ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Antonio Valdez. Ega, 24/03/1788. Conferir também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.13, D.514. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos 22/04/1788.

²¹⁴ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a José de Galvez. Ega, 01/02/1786.

povoações maynenses, os Mura atacaram também canoas destacadas para os trabalhos de demarcação da Partida espanhola,²¹⁵ ocorrendo o mesmo com embarcações portuguesas.²¹⁶

Com relação aos Mura no contexto das demarcações, Neil Safier sustenta que havia noções diferentes (e conflitantes) de territorialidade entre esses índios e as políticas imperiais lusa e espanhola. Enquanto que as políticas imperiais ibéricas buscavam efetivar o direito exclusivo das Coroas sobre o território, para os Mura era necessário defender a autonomia de suas populações, na medida em que cada estabelecimento desses índios via-se como independente em relação aos vizinhos, usufruindo exclusivamente de seu espaço territorial. Nesse sentido, a guerra dos Mura não deixava de significar a defesa de um espaço territorial cada vez mais ameaçado pelas políticas territoriais levadas a cabo por espanhóis e portugueses durante as demarcações.²¹⁷ A pacificação dos Mura, a partir da década de 1780, eliminou uma lógica espacial frontalmente conflitante com o desenho territorial que os demarcadores ibéricos buscavam inscrever naquela fronteira.

Uma fronteira de fugitivos.

Os demarcadores das duas Partidas também tiveram que lidar com os problemas causados pela fuga de escravos e desertores na fronteira. O tratado de limites de 1777 estabelecia regras para a devolução de fugitivos. No artigo 19, determinava-se que

en dicho espacio por toda la frontera se evite el asilo de ladrones o asesinos, los gobernadores fronterizos tomarán también de común acuerdo las providencias necesarias, concordando el medio de aprehenderlos y de extinguirlos con imponerles severísimos castigos. Asimismo, consistiendo las riquezas de aquel país en los esclavos que trabajan en su agricultura,

²¹⁵ APEP, Códice 383, Documento 65. Ofício de Eusébio Antônio de Ribeiro a João Pereira Caldas. Tefé, 12/03/1782.

²¹⁶ Eusébio Antônio de Ribeiro descreveu um dos ataques praticados por índios Mura contra uma canoa portuguesa: “Aos nove deste mês, pelas três horas da tarde, foram assaltados por oito canoas de Muras, numa corrente junto de Camará, lugar situado dois dias de viagem abaixo de Coari. Despediu o gentio uma grande quantidade de flechas, com uma delas foi um índio atravessado pelos peitos e, precipitando-o aguda dor, caiu na canoa, sendo logo pelo oposto lado atravessado com outra. No mesmo instante outro índio foi flechado na coxa esquerda, que sendo atravessada ainda foi ferir a coxa direita. Ficou este índio em perigo, e pelo Reverendo Vigário de Coari foi batizado, e quando chegou a esta vila vinha já a ferida com grande fétido, pois havia seis dias que não era curada. A abertura que fez a flecha vi [que] era de quatro dedos de extensão pela parte exterior. O índio atravessado pelos peitos terminou a vida mal chegou à terra da margem oposta. Foi também ferido o soldado Pedro de Melo numa coxa, entrando a flecha três polegadas para dentro (...). Os índios nesse intempestivo assalto em tumulto se lançaram ao rio, os soldados com muito trabalho moveram a canoa.” APEP, Códice 384, Documento 52. Ofício de Eusébio Antônio de Ribeiro a João Pereira Caldas. Tefé, 26/06/1782.

²¹⁷ Neil SAFIER. “The Confines of the Colony: Boundaries, Ethnographic Landscapes, and Imperial Cartography in Iberoamerica.” Op. cit., pp. 170-171.

convendrán los propios gobernadores en el modo de entregarlos mutuamente en caso de fuga, sin que por pasar a diverso dominio consigan libertad, y sí solo la protección para que no padezcan castigo violento, si no lo tuvieren merecido por otro crimen.²¹⁸

No século XVIII, as reformas militares atentaram para a prática das deserções, buscando intensificar a punição aos desertores e aos que os protegiam.²¹⁹ Com relação ao continente americano, as deserções de homens de um lado para outro dos domínios ibéricos foram recorrentes. Embora os termos “desertar” e “desertor” se referissem essencialmente às fugas de soldados,²²⁰ o uso dessas expressões poderia ser estendido a outras situações, a exemplo do que ocorreu com o padre Luís do Monte, “vigário que era de Castro de Avelães,” o qual havia desertado para os “vizinhos domínios de Espanha, levando consigo os livros e papéis da freguesia.”²²¹ Contudo, os casos mais comuns foram aqueles que envolviam soldados, mesmo porque os contingentes militares nas áreas de fronteira conviveram com o grave problema das deserções de homens que eram recrutados para o serviço das armas no século XVIII.²²² Como constatou Theodózio Constantino de Chermont (ao relatar a deserção de três soldados que, em sua fuga, haviam sequestrado três índias), o “terribilíssimo exemplo da deserção” deveria ser castigado “com alguma severidade,” caso contrário não seria “crível que se [conservasse]

²¹⁸ “Tratado Preliminar de Límites en la América Meridional, Ajustado entre las Coronas de España y Portugal, Firmado en San Ildefonso en el 1 de Octubre de 1777.” Op.cit., p.85.

²¹⁹ No caso português, as reformas militares postas em prática pelo Conde de Lippe na década de 1760 contemplaram a questão da deserção de soldados, uma prática recorrente que deveria ser considerada um delito abominável. Entre as medidas adotadas, determinou-se a aplicação de multas aos que acoitassem desertores, prevendo-se a condenação à pena de morte para soldados que fugissem do serviço. Cf.: Fernando DORES COSTA. *Insubmissão: Aversão ao serviço militar no Portugal do século XVIII*. Lisboa: ICS, 2010, pp. 3221-322.

²²⁰ No *Vocabulario Portuguez & Latino, áulico, anatomico, architectonico...*, de Raphael Bluteau (1728), *desertar* é definido da seguinte maneira: “Termo Militar. Fugir, e deixar o campo, Exército, Guarnição, Praça, ou Regimento, ou Companhia em que está qualquer soldado.” No mesmo dicionário, a palavra “desertor” merece a seguinte definição: “Palavra militar, introduzida de poucos tempos a esta parte. (...) chamamos *Desertor* ao soldado que sem licença do seu Capitão se ausenta e se retira dos exercícios militares, ou assenta praça em outra parte. Em todas as nações foram tidos por infames os desertores.” O sentido militar das duas palavras é registrado também no *Diccionario da lingua portugueza*, de Antonio de Moraes e Silva (1789). No caso da língua espanhola, o *Diccionario de la lengua castellana, en que se registra el verdadero sentido de las voces, su naturaleza y calidad, con las phrases o modos de hablar, los proverbios o refranes, y otras cosas convenientes al uso de la lengua* (...), do ano de 1732, a palavra *desertar* é assim definida: “Desamparar, abandonar el soldado su bandera, sin permiso y licencia de sus oficiales. (...) Los oficiales que recibieren en sus compañías soldados de infantería, caballería o dragones que *hubieren desertado* de nuestras tropas, o que fueren conocidos desertores, y no los hubieren hecho prender, serán privados de sus empleos.” Ainda nesse dicionário, *desertor* é definido como “el soldado que desampara y deja su bandera.” Definições semelhantes para as duas palavras podem ser encontradas no *Diccionario de la lengua castellana compuesto por la Real Academia Española, reducido a um tomo*, de Joaquín Ibarra (1780).

²²¹ APEP, Códice 399, Documento 16. Ofício de João Pereira Caldas a Teodósio Constantino de Chermont. Barcelos, 11/08/1783.

²²² Cf.: Shirley Maria Silva NOGUEIRA. *Razões para desertar: institucionalização do exército no estado do Grão-Pará no último quartel do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento. Belém: UFPA-NAEA, 2000. Sobre a deserção de soldados portugueses para Maynas em um período anterior ao das demarcações, conferir: Juan Sebastián GÓMEZ GONZALEZ. *La Frontera Selvática*. Op. cit., pp. 190-191.

nenhum [soldado] contra a sua vontade, porque a fuga não se lhe [podia] evitar, e só o temor do rigorosíssimo castigo os [poderia] conter.”²²³ Ao lado das fugas de soldados, estavam também aquelas praticadas por escravos de origem africana que fugiam do Grão-Pará e Rio Negro para o lado espanhol da fronteira.²²⁴

E durante os trabalhos de demarcação, quando as autoridades ibéricas buscavam colher informações sobre os planejamentos político-militares das Coroas para as zonas de fronteira, soldados desertores e escravos fugidos poderiam fornecer dados estratégicos a respeito do que se passava nos territórios vizinhos ou o que era realizado pelas Partidas demarcadoras. Assim, na área fronteiriça do Rio Branco, o soldado Gervazio Leclere, nascido em Liège e servindo à República da Holanda na Fortaleza de Essequibo, havia desertado primeiramente para as terras fronteiriças da Província espanhola de La Guayana (na Capitania Geral da Venezuela), e depois para as terras portuguesas, onde, ao ser detido pelos portugueses, contou a eles sobre as forças espanholas no rio Uraricuera e com as quais

²²³ APEP, Códice 402, Documento 67. Ofício de Theodózio Constantinho de Chermont a João Pereira Caldas. Ega, 23/12/1783. O crime de deserção poderia ser punido de modo extremamente rigoroso em algumas ocasiões. Henrique João Wilckens descreve o castigo imputado por Francisco Requena a um desertor de sua Partida, de nome José Corellas, em que o oficial português, em tom crítico em relação ao Primeiro Comissário espanhol, enfatiza a violência contra o soldado. Escreveu Wilckens que Francisco Requena, “em Camucheros, mandou pôr em duas fileiras todos os índios que levava, e os que lá se achavam, que dizem que passam de 200, e junto com a tropa armada de baionetas nas armas, fazendo tirar ao dito Corellas uma camisa de Bretanha e uma vêstia [um tipo de roupa masculina] que trazia, o obrigou a correr entre as duas fileiras de índios, todos fornecidos de timbó titica [espécie de cipó] dobrado, e ameaçados se lhe não dessem com toda a força, a poucos passos caiu, pedindo confissão, mas não lhe valeu nem isto, nem os peditórios e clamores da filha mais pequena de Don Francisco [Requena], por quem o padecente clamava, nem os rogos das outras meninas e da senhora mulher do Comissário, mandando este bárbaro continuar-lhe os golpes até se não ouvir gritar, e ser levado aos braços para o hospital, onde logo expirou, sem poder falar e sem confissão, com as costelas quebradas, lavado em sangue e aparecendo os intestinos.” APEP, Códice 482, Documento 46. Ofício de Henrique João Wilckens para Manoel da Gama Lobo d’Almada. Tabatinga, 19/11/1791.

²²⁴ Sobre a presença africana na Amazônia portuguesa e no século XIX, conferir o estudo clássico de Vicente Salles: Vicente SALLES. *O Negro no Pará sob o Regime da Escravidão*. Rio de Janeiro: FGV, UFPA, 1971. Conferir ainda: Oscar de la TORRE CUEVA. *Freedom in Amazonia: The black peasantry of Pará, Brazil, 1850-1950*. PhD dissertation. University of Pittsburgh, 2011, pp. 19-44; José Luis RUIZ-PEINADO. “Amazonía Negra.” In: José Manuel SANTOS PÉREZ, Pere PETIT (org.). *La Amazonía Brasileña en Perspectiva Histórica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2006, pp. 23-59; José Maia BEZERRA NETO. *Escravidão Negra no Grão-Pará, Séculos XVII-XIX*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2001; Anaiza VERGOLINO-HENRY & Arthur Napoleão FIGUEIREDO. *A Presença Africana na Amazônia Colonial: Uma notícia histórica*. Belém: Arquivo Público do Pará, 1990. De Bezerra Neto, conferir seu estudo sobre as fugas escravas no Grão-Pará do XIX: José Maia BEZERRA NETO. *Fugindo, sempre fugindo: escravidão, fugas escravas e fugitivos no Grão-Pará (1840-1888)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp-IFCH, 2000. Sobre a formação de comunidades de escravos fugidos no Grão-Pará colonial, conferir: Flávio dos Santos GOMES. *A Hidra e os Pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (sécs. XVII-XIX)*. Tese de Doutorado em História. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1997, capítulo II. Com relação à escravidão africana nas áreas hispano-americanas limítrofes à Capitania do Rio Negro, conferir: Kris E. LANE. “Captivity and Redemption: aspects of slave life in early colonial Quito and Popayan.” *The Americas*, vol. 57, n.2, October 2000, pp. 225-246; Sherwin K. BRYANT. “Finding Gold, Forming Slavery: The creation of a classic slave society, Popayan, 1600-1700.” *The Americas*, vol. 6, n.1, July 2006, pp. 81-112; Jean-Pierre TARDIEU. *El Negro en la Real Audiencia de Quito, Siglos XVI-XVIII*. Quito: Abya-Yala, IFEA, COOPI, 2006.

permanecera Leclere por dez dias (disse que eram 15 soldados, comandados por “um sargento preto,” e que careciam de víveres na área)²²⁵. No ano de 1790, um sargento e um soldado desertados da Comissão espanhola, e que haviam partido para a Capitania do Pará, deram informações aos portugueses sobre o comércio de salsa praticado pela Partida de Requena no território da Capitania do Rio Negro.²²⁶ Dois anos depois, desertores castelhanos relataram aos oficiais lusitanos que Francisco Requena havia determinado a retirada do posto militar espanhol da margem setentrional do rio Javari, por receio de que o posto fosse desalojado pelos portugueses.²²⁷ Um desertor espanhol, também em 1792, informou aos portugueses que os espanhóis estavam naquela altura enfrentando um levante de índios em Maynas.²²⁸ Além das informações que os desertores poderiam prestar, acolher fugitivos seria uma oportunidade de desfalcas de homens e recursos a outra Partida.

A despeito das orientações do Tratado de 1777 sobre a devolução mútua de fugitivos, as autoridades demarcadoras relutavam em realizar a entrega desses sujeitos, entendendo que seria mais vantajoso ou prudente mantê-los dentro de seus domínios. Argumentos dessa natureza foram apresentados, em 1784, por João Batista Mardel a João Pereira Caldas. Naquela oportunidade, havia fugido de Maynas o mulato Agostinho, o qual os espanhóis haviam comprado na cidade de Belém. Esse escravo dominava os ofícios de sapateiro e de carpinteiro, trabalhando ainda na fabricação de canoas para os espanhóis. Mardel informou a Pereira Caldas que não havia impedido a fuga do mulato, “antes dela lhe dei tempo para que chegasse à Fortaleza da Barra,” confirmou ele ao chefe da Partida portuguesa.²²⁹ Segundo Mardel, não seria conveniente que os espanhóis tivessem entre ele um escravo que conhecia bem o Estado do Grão-Pará, e que os auxiliaria na fabricação de embarcações. O oficial português também não havia restituído a Francisco Requena um soldado desertor castelhano, determinando que ele fosse mantido preso na vila de Avelos juntamente com um índio espanhol que fugira de sua Partida. João Pereira Caldas, por sua vez, discordou das decisões

²²⁵ PCDL, Arquivo Ponte Ribeiro, A-14: “Sobre as diversas perguntas feitas ao estrangeiro, que foi conduzido a esta vila do Rio Branco.”

²²⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.590. Ofício do governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d’Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 06/12/1790.

²²⁷ APEP, Códice 493, Documento 02. Ofício de Manoel da Gama Lobo d’Almada para Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 10/01/1792. Conferir também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.618. Ofício do governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d’Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 01/10/1792.

²²⁸ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.17, D.629. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Forte da Barra do Rio Negro, 13/01/1793.

²²⁹ APEP, Códice 402, Documento 02. Ofício de João Batista Mardel a João Pereira Caldas. Ega, 22/07/1784.

tomadas por Mardel, determinando a restituição do escravo, do desertor e do índio aos espanhóis, pois o público exemplo dessas fugas poderia alimentar discordâncias com a Partida espanhola.²³⁰

As autoridades não deixavam de acolher fugitivos sem desconfianças. Lobo d'Almada mostrou-se cauteloso quando o cadete Francisco Xavier Cevallos, que servia como “inspetor de ribeira” na Partida espanhola em Ega, mostrou interesse em desertar de sua tropa. O cadete Cevallos, que estava em Pebas (Maynas), escreveu ao alferes português José Cipriano de Guimarães Moreira, “com quem tivera amizade, dizendo-lhe que queria vir para os Domínios de Sua Majestade Fidelíssima,” solicitando que lhe fosse permitido “viver na povoação que quisesse.” Lobo d'Almada, porém, recomendou que não se respondesse ao cadete “coisa alguma em semelhante particular,” lembrando que sempre era necessário desconfiar dos desertores. Se o cadete, de fato, desertasse, ele deveria ser prontamente remetido para a Barra do Rio Negro. “Se assim se realizar [a deserção] tenho tenção de não deixar ao dito espanhol subir nem descer da povoação anexa a esta fortaleza,” concluiu Lobo d'Almada.²³¹

Esse episódio é revelador, ainda, das possibilidades de contatos e alianças (mesmo que circunstanciais) entre membros das duas Partidas, tendo em vista que o cadete Cevallos escolheu o alferes José Cipriano para intermediar a negociação de sua deserção. Do que escreveu o cadete espanhol em sua carta, infere-se que a deserção já vinha sendo tratada entre ele e o alferes português, resolvendo Cevallos acumular ou receber seis ou oito mil pesos em Maynas antes de partir para o Rio Negro. O alferes deveria mantê-lo informado se os termos de sua deserção seriam aceitos pelas autoridades portuguesas, às quais o cadete não se esqueceu de demonstrar deferência no final de sua carta. Escreveu Cevallos ao cadete:

De lo que tratábamos los dos en el camino, de alcanzar mi retiro exento (sic) del Real Servicio, voy con el mismo pensamiento, pues no quiero más de llegar a mi tierra, y ver si alcanzo unos seis u ocho mil pesos, y regresar a los Dominios de Su Majestad Fidelísima, y VM^{ce} avísame en qué términos podré yo venir, y se me pueden dejar a mi arbitrio el elegir el Pueblo que yo quisiese, pues viendo de paisano que con eso no habrá dificultad ninguna, y no deje VM^{ce} de noticiarme para mi inteligencia; saludos muy amante a todos los señores de la

²³⁰ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.339. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 01/09/1784.

²³¹ APEP, Códice 493, Documento 05. Ofício de Manoel da Gama Lobo d'Almada para Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 11/02/1792. Conferir também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.621. Ofício do governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 11/01/1792.

Partida, que el motivo de no despedir fue a causa de tener traspasado mi corazón de dolor de separarnos, y no deje disculparme.²³²

A Partida espanhola e a Província de Maynas também receberam em suas fileiras desertores do lado português. Em 1785, o soldado português Clemente de Souza fugiu para o quartel da Partida espanhola, após matar a punhaladas “a outro soldado seu companheiro e amigo por nome Bernardino José.” O soldado Clemente implorou a Francisco Requena que intercedesse por eles, solicitando às autoridades militares portuguesas que sua pena fosse comutada de capital por outra mais branda, o que o Primeiro Comissário fez quando devolveu o soldado à Partida portuguesa.²³³

Mas um caso em que não houve colaboração entre castelhanos e lusitanos foi o do soldado Tomás de Aquino, que fugiu com sua família de Tabatinga para o lado espanhol limítrofe. Pouco tempo depois, Tomás de Aquino e seu filho estavam trabalhando para a Partida espanhola. As autoridades da Partida portuguesa solicitaram ao Primeiro Comissário espanhol a devolução de Tomás de Aquino, o qual deveria, juntamente com seu filho, ser preso e desterrado da Capitania do Rio Negro. Requena respondeu a Theodózio Constantino de Chermont que Tomás de Aquino havia se colocado “bajo de la real protección del Rey Católico”, de modo que só poderia devolver o desertor se lhe fosse comunicado a gravidade do crime que havia cometido em terras portuguesas para que pudesse avaliar o pedido de devolução do desertor e de sua família. Argumentou Requena que sua decisão baseava-se nas “leis políticas de la real inmunidad que gozan tales desertores, y al mismo tiempo [en el] Derecho de las Gentes.”²³⁴

As disputas em torno do desertor Tomás de Aquino não se encerraram nesse ponto. Em agosto de 1782, Chermont informou a Requena que o desertor se refugiara no quartel da Partida portuguesa, recebendo o perdão pelo crime de deserção e partindo logo depois para

²³² Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.621. Ofício do governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 11/01/1792.

²³³ ANRJ, Caixa 474, pacote 01 (1764-1815). Fundo: Vice-Reinado. Ofício de João Pereira Caldas a Martinho de Souza e Albuquerque. Barcelos, 03/12/1785; Ofício de João Batista Mardel a João Pereira Caldas. Ega, 24/10/1785; Ofício de João Batista Mardel a Francisco Requena. Ega, 21/10/1785; Ofício de Francisco Requena a João Batista Mardel. Ega, 22/10/1785; Resposta de João Batista Mardel a Francisco Requena. Ega, 22/10/1785; Resposta de Francisco Requena a João Batista Mardel. Ega, 22/10/1785; Resposta de João Batista Mardel a Francisco Requena. Ega, 22/10/1785; Ofício de José Antonio Carlos de Avellar a João Pereira Caldas. Barcelos, 25/11/1785; Ofício de Francisco Requena a José Antonio Carlos de Avellar. Ega, 26/10/1785; Resposta de José Antonio Carlos de Avellar a Francisco Requena. Barcelos, 19/11/1785.

²³⁴ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.5, D.255. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/02/1783.

Barcelos, “não preso, mas sim na sua liberdade, [para] apresentar-se da fuga para continuar [no] real serviço da minha Augusta Soberana.”²³⁵ Para o Primeiro Comissário espanhol, porém, o caso não estava resolvido. Por volta da meia noite do dia 27 de outubro de 1782, soldados espanhóis armados foram à casa do diretor da vila de Ega, onde estava a família de Tomás de Aquino (composta por sua mulher, sua filha, sua nora, uma neta e “um menorzinho tapuia”), levando-a para o quartel da Partida espanhola. Entre os espanhóis, a família do ex-desertor português vivia sob a vigilância de soldados, que a acompanhavam até quando ia ao rio para lavar-se.²³⁶

Esse “rapto noturno” tornou-se fonte de escândalo na vila de Ega, assegurava Chermont a João Pereira Caldas. O Primeiro Comissário espanhol, por sua vez, sustentou que não houve um rapto, mas que a família de Tomás de Aquino havia se apresentado espontaneamente aos espanhóis, reclamando das violências de que era vítima dos portugueses. Requena, além disso, afirmou aos oficiais portugueses que desejava questionar a família de Tomás de Aquino se ela havia se apresentado por vontade própria às autoridades lusas, ou se fizera isso em razão de pressões ou ameaças. O Primeiro Comissário espanhol também queria saber qual destino haviam recebido alguns índios espanhóis que acompanhavam a dita família. Os portugueses responderam-lhe que a família havia decidido seguir a decisão de Tomás de Aquino,²³⁷ e que só sabiam da existência de um índio, uma criança da nação Umurana de aproximadamente cinco anos de idade, já que os outros índios haviam morrido em Tabatinga.²³⁸

Pelas informações trocadas entre Theodózio Constantino de Chermont e Francisco Requena, é possível saber que a mulher de Tomás de Aquino, de nome Laura, e sua nora, chamada Sipriana, eram também índias, e suas trajetórias revelam a mobilidade espacial das

²³⁵ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.5, D.255. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/02/1783.

²³⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.328. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²³⁷ Como afirmou Chermont a Requena: “a dita família vem por sua própria, livre e espontânea vontade reunir-se a sua cabeça, com aquela natural e bem apropriada disposição, e desejo, com que qualquer mulher e filho busca (sic) aquela companhia de um consorte e um pai, quando as leis divinas e humanas legalizam aquela união, que as mesmas leis indissolúveis reconhece, e com aquela liberdade que assiste a toda a pessoa que nos vínculos se não acha do miserável cativo.” Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.328. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²³⁸ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.328. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

populações indígenas entre os territórios coloniais ibéricos e as relações tecidas com outros sujeitos para além das comunidades indígenas. Laura era natural dos domínios espanhóis, onde havia recebido o batismo, sendo filha de um desertor português, o qual depois “se restituiu aos Domínios de Sua Majestade Fidelíssima.” Provavelmente esse desertor voltou ao Grão-Pará com sua família, pois Laura casou-se pela primeira vez com Julião de Souza, no Javari, e depois com Tomás de Aquino, na vila de Olivença. Os irmãos da esposa de Tomás de Aquino também viviam no território luso-americano: sua irmã, de nome Margarida, era moradora em Olivença, enquanto que na cidade do Pará (Belém) viviam seus outros dois irmãos, Xavier e Joanico (esse já falecido).²³⁹

Filha de desertor português, Laura viria ser também esposa de um, fugindo com seu marido e sua família para Maynas. Depois seguiriam ela, seu marido e sua família (filha, filho, nora e neta) com a Partida espanhola para a Tabatinga, de onde Tomás de Aquino havia desertado, e para onde retornava com os espanhóis que pretendiam tomar posse da vila (o que não se concretizou, como já foi visto nesse capítulo). E seguindo um enredo já conhecido em sua vida, a família de Laura voltaria com seu marido, agora um desertor perdoado pelas autoridades, para a soberania da Coroa portuguesa. Já Sipriana, casada com o filho de Laura e Tomás de Aquino, era natural da Província de Quito, e depois passou a morar em Maynas.²⁴⁰

O fato de serem ambas as mulheres índias nascidas em terras espanholas conferiu a Francisco Requena justificativa para que ordenasse que elas fossem restituídas para sua Partida. Afirmou Requena que elas haviam sido retiradas ilegalmente de sua Província e de sua autoridade como chefe da Partida espanhola. E Laura havia revelado aos espanhóis “los temores (...) por el mal trato que su marido le daba en Maynas, (...) por el inveterado vicio de la embriagues, (...) temiendo vivir mal en tierra ajena.” Assim, argumentou Requena, no caso dessas índias espanholas a obrigação de seguir o marido não deveria sobrepor-se à liberdade de escolher “el partido que más les acomode.”²⁴¹

E Laura escolheu o partido – aquele contrário ao que esperava Requena. Segundo informações de Henrique João Wilckens, os oficiais portugueses conseguiram manter contato

²³⁹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.328. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²⁴⁰ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.328. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²⁴¹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.328. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

com a família de Tomás de Aquino, apesar da vigilância dos espanhóis. A índia Sipriana, nora de Laura, conseguiu falar por algumas vezes com o soldado português Antônio Gomes, que passou a ser um intermediário entre os oficiais da Partida lusa e a família de Tomás de Aquino. Isso tornou possível planejar a fuga das índias. Aparentemente, Sipriana era a pessoa que menos se mostrava colaborativa com a ideia da fuga, demonstrando indecisão se subia para a Província de Maynas ou fugia com Laura e o resto da família, se partia em busca de seu marido ou se permanecia entre os espanhóis, já que estava grávida de um soldado da Partida castelhana.²⁴²

Na noite de 23 de março de 1784, a fuga não pôde ser concretizada, pois Sipriana encontrava-se acometida de febres, aparentemente sarampo. Na noite de 29 de março de 1784, porém, a fuga ocorreu. Enquanto os sentinelas dormiam, a família de Tomás de Aquino fugiu por uma janela do alojamento da Partida espanhola, embarcando em uma canoa conduzida pelo soldado Antônio Gomes, acompanhada também pelo alferes José Cipriano e dois soldados. Os fugitivos seguiram até a Fortaleza da Barra do Rio Negro, receberam roupas e foram na vila conservados “com todo o bom trato e vigilância.” Os soldados e índios que seguiram na canoa, com a família fugitiva, não voltaram para Ega, para que não levantassem suspeitas entre os espanhóis.²⁴³

Não foram encontradas informações adicionais sobre o destino dessa família entre os portugueses. Pelo que foi possível coletar da documentação consultada, é possível vislumbrar as possibilidades e os riscos que marcavam as vidas de soldados desertores e seus familiares nas fronteiras coloniais. Ao mesmo tempo em que o cotidiano desses sujeitos era influenciado pelas pressões e as disputas que opunham os impérios ibéricos na América, essas mesmas disputas e pressões poderiam ser manejadas por esses homens e mulheres a fim de que alcançassem uma situação melhor, o que poderia significar tanto escapar de castigos, alcançar pequenas regalias ou manter seus círculos familiares. O caráter transitório da vida na colônia,²⁴⁴ com deslocamentos periódicos de homens e mulheres pelo território, era, por sua vez, acentuado pelas pressões e estratégias nas quais os moradores das fronteiras se viam envolvidos.

²⁴² Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.328. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²⁴³ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.328. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²⁴⁴ Fernando A. NOVAIS. “Condições de privacidade na colônia.” Op. cit., p. 22.

Disputas como as acima descritas marcaram todo o período de trabalho das Partidas demarcatórias na fronteira norte. No ano de 1791, soldados portugueses desertaram de Tabatinga para a Província de Maynas, o que levou as autoridades da Partida portuguesa a pedir auxílio de Requena na captura dos fugitivos. Contudo, os desertores não apenas não foram restituídos, como também era voz corrente que eles haviam sido remetidos à cidade de Quito, bem longe da fronteira com os domínios portugueses.²⁴⁵ Quando esteve em Tabatinga, em 1792, o alferes espanhol Don Juan Salinas havia tentado seduzir “com grandes promessas e partidos” os soldados que serviam no posto fronteiriço; alguns foram convencidos a desertar, seguindo “com todo o cuidado até Quito” e recebendo cada desertor a quantia de seis pesos.²⁴⁶ Também no início da década de 1790, fugiram para o lado português um soldado e um tambor do Exército de Sua Majestade Católica, assim como os índios espanhóis Ignácio Chojantamo, Cristóbal Cayanapura, Vicente Sai e Antonio Aguasanegua, assim como o “esclavo del Rey” Joaquim Ferreira, cozinheiro da Partida. Segundo soube o Primeiro Comissário espanhol, os dois primeiros índios desertores estavam sendo empregados pelo tenente do posto português do Cupacá no “negocio de sarza,” enquanto que os outros dois estariam trabalhando “en la sementera del Fiel de la Real Hacienda de Su Majestad Fidelísima.” O escravo fugido, por sua vez, fora visto nas vilas de Nogueira e de Tefé.²⁴⁷ Lobo d’Almada, em resposta (e também em retaliação ao fato dos desertores portugueses não terem sido devolvidos pelas autoridades espanholas), escreveu a Requena que nada sabia sobre o escravo, e nem se ele, de fato, pertencia aos domínios portugueses, motivo pelo qual não deveria empenhar-se em entregá-lo aos espanhóis. Com relação aos índios, sua resposta foi mais desestimulante:

Enquanto aos índios sabe V S^a muito bem que sendo semelhante gente sumamente propensa a fugir, e tendo para isso a facilidade de que lhe oferece um país aberto, e que segundo os seus modos de viver acham mais comodidade no mato do que entre nós, *seria um trabalho imenso sem proveito empenharmo-nos na entrega deles*, e assim pelo que toca a índios, visto que

²⁴⁵ APEP, Códice 493, Documento 04. Ofício de Manoel da Gama Lobo d’Almada para Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 11/01/1792. Conferir também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.620. Ofício do Governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d’Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 10/01/1792.

²⁴⁶ APEP, Códice 482, Documento 46. Ofício de Henrique João Wilckens a Manoel da Gama Lobo d’Almada. Tabatinga, 19/11/1791.

²⁴⁷ APEP, Códice 493, Documento 04, anexo I: Ofício de Francisco Requena a Manoel da Gama Lobo d’Almada. Rio Marañón, 11/10/1791. Conferir também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.620. Ofício do Governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d’Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 10/01/1792.

continuadamente estão sempre a fugir para lá e para cá, *não convenho que nos metamos em tais entregas*, e porque assim o entendi sempre, com a larga experiência que tenho destes países, por isso, como V S^a bem sabe, nunca reclamei índios alguns que para os Domínios de Espanha tem fugido desta Capitania.²⁴⁸

A resposta de Lobo d'Almada também é reveladora de um momento em que os atritos entre portugueses e espanhóis na fronteira ganharam mais força, por ocasião da retirada de Francisco Requena e seus comandados de volta para a Província de Maynas. Logo após a saída da Partida espanhola do território do Rio Negro, os portugueses acreditavam que os espanhóis estariam planejando uma invasão da Capitania, o que levou Lobo d'Almada a determinar o reforço de homens e armamentos na vila de Tabatinga. O sargento mor Henrique João Wilckens sublinhou, em ofício remetido ao Governador do Rio Negro, que Tabatinga poderia ser atacada por rio e por terra, encontrando-se o posto cercado de mocambos e de índios aliados dos espanhóis. Acreditava Wilckens que Requena estaria recebendo reforços militares oriundos de Quito e de Lima.²⁴⁹ Nesse momento, as desconfianças dos portugueses aumentaram quando o comandante do destacamento espanhol no rio Içá não aceitou dar abrigo ao soldado desertor português Jerônimo da Silva. Um pouco antes disso, porém, os castelhanos haviam abrigado dois desertores portugueses, de maneira que a decisão de mandar de volta o soldado Jerônimo da Silva só poderia ser compreensível se os espanhóis estivessem preparando uma movimentação de tropas na área, assim eles não queriam que um desertor tivesse conhecimento do que ocorria.²⁵⁰ Afinal de contas, autoridades militares não poderiam confiar na fidelidade de desertores.

Juan de Silva e Fernando Rojas.

Os fugitivos que atravessavam as fronteiras coloniais poderiam ser visto como homens “infiéis” pelas autoridades ibéricas, mas em alguns casos eles eram considerados, acima de

²⁴⁸ APEP, Códice 493, Documento 04, anexo II: Ofício de Manoel da Gama Lobo d'Almada para Francisco Requena. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 16/12/1791 (grifos meus). Conferir também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.620. Ofício do Governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 10/01/1792.

²⁴⁹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.629. Ofício do Governador do Rio Negro, Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 13/01/1793.

²⁵⁰ APEP, Códice 493. Ofício de Manoel da Gama Lobo d'Almada ao Comandante de Tabatinga. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 06/03/1792.

tudo, indispensáveis. Houve fugitivos que se tornaram elementos estratégicos no jogo que opôs espanhóis e portugueses durante as demarcações. Esse foi o caso dos “capitanes de conquistas” Fernando Rojas e Juan de Silva, dois oficiais de origem africana que serviram sob o comando de Requena.²⁵¹ A figura dos oficiais negros da Partida espanhola despertou atenção dos portugueses desde o início dos trabalhos de demarcação, e logo ocorreram as situações de conflito entre os militares de Sua Majestade Fidelíssima e os “capitães pretos.” No final do ano de 1781, na vila de Ega, deu-se “um sucesso que poderá ter futuras consequências,” segundo relatou Theodózio Constantino Chermont a João Pereira Caldas. “Um preto capitão do mato da Partida espanhola, chamado João da Silva,” disparou um tiro na praia quando experimentava uma arma, próximo à casa do sargento Eusébio Antônio de Ribeiros, quase atingindo o oficial português. O major, assustado, desceu à praia para repreender Juan de Silva, ao que “o preto lhe respondera com atrevimento e insolência grande por estar ébrio.” O caso foi encaminhado a Requena, que determinou prender o preto, mas prontamente estava ele livre e em diligência para a coleta de ovos de tartaruga.²⁵²

Os mais veementes protestos dos portugueses da Partida contra os capitães Juan de Silva e Fernando Rojas foram aqueles motivados pelos trabalhos empreendidos por eles nos sertões da Capitania do Rio Negro. Os dois travavam contatos com as populações indígenas locais, colhendo informações importantíssimas para a Partida espanhola. Quando Francisco Requena protestou a Chermont contra o descimento dos índios Taboca, o capitão Fernando Rojas foi quem entrou em contato com eles para saber o que os portugueses lhes haviam prometido para que aceitassem o descimento. Chermont, em resposta a Requena, mostrou-se admirado com o fato de que o “preto Fernando Rojas, intitulado capitão de conquistas,” entendesse a língua dos índios, duvidando de que isso fosse verdade. Requena, por sua vez, respondeu que dava crédito ao que tinha sido contado pelo “moreno capitán de conquistas.”²⁵³ Os portugueses também ficaram sabendo que o capitão Fernando Rojas entabulava conversações com o principal Camaribana, que habitava com os seus na parte superior do rio Içá, certamente com o intuito de convencer esses índios a “fazer alguma nova situação na

²⁵¹ David G. SWEET. “Juan de Silva y Fernando Rojas: baqueanos africanos de la selva americana (Perú y Gran Pará, siglo XVIII)”. In: David G. SWEET. *Lucha por la supervivencia en la América colonial*. México: FCE, 1987, pp. 234-246.

²⁵² Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.4, D. 236. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 02/01/1782.

²⁵³ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.5, D.255. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/02/1783.

parte inferior” do rio. Essa tentativa de descimento comandada por Rojas era preocupante para os portugueses, tendo em vista a “muita ascendência que o dito preto” tinha entre esses índios.²⁵⁴ Em outra ocasião, João Batista Mardel mostrou-se indignado com “preto Rogas, argonauta” que “vadiava” pelos rios Cupacá, Juruá, Marequi e outros, “para com os seus exames, tão torpes e obscuros como a própria cor que lhe impôs a natureza, iluminarem os descobertos planos” do Primeiro Comissário espanhol.²⁵⁵

Como foi apresentado no início desse capítulo, a Partida espanhola padecia com a falta de homens e equipamentos, se comparada com a portuguesa. Os papéis desempenhados pelos “capitães pretos” ganhavam, então, maior relevância para os espanhóis, conferindo a eles vantagens no contato com as populações indígenas do Rio Negro. A importância de Juan de Silva e Fernando Rojas para a comissão comandada por Francisco Requena não escapou dos olhos dos oficiais portugueses. Henrique João Wilckens comentou para João Pereira Caldas os serviços levados a cabo por esses dois oficiais:

(...) o pomposo e fantástico título de capitães da conquista, uma despótica autoridade e preferência dada aos ditos negros, não só sobre os índios espanhóis, mas ainda sobre a tropa ou soldados, a utilidade que das notícias dos idiomas, dos usos e costumes, e descobrimento de muitas nações deste sertão, nos bosques dos rios confluentes habitantes os espanhóis, por meios destes negros, alcançaram, e diariamente alcançam, produziu sempre, e produz uma cega e total tolerância dos maiores absurdos e insultos que cometer quizerem, e cometido têm.²⁵⁶

A chance dos oficiais portugueses se livrarem da incômoda presença dos dois capitães de conquista surgiu no ano de 1784. Corriam suspeitas entre os portugueses de que os dois capitães pretos eram, na verdade, escravos da cidade do Pará que haviam fugido de seus proprietários, “e que há largos anos se haviam ausentado, passando-se para os confinantes domínios de Espanha.” Naquele ano, os procuradores do proprietário José Pinheiro, já falecido, tentaram provar que Juan de Silva era seu cativo fugitivo, e chamava-se, na verdade,

²⁵⁴ APEP, Códice 392, Documento 43. Ofício de Theodózio Constantino de Chermont a João Pereira Caldas. Ega, 29/03/1783.

²⁵⁵ APEP, Códice 402. Ofício de João Batista Mardel a Francisco Requena. Ega, 16/07/1784.

²⁵⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.329. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

João da Silva. Havia mais de vinte anos que João da Silva fugira, no rio Maués, onde seu dono foi assassinado pelos gentios.²⁵⁷

Os procuradores do falecido proprietário do escravo João encaminharam a denúncia a Pereira Caldas, o qual comunicou Francisco Requena, lembrando-lhe que o Tratado de Limites regulamentava, entre outras coisas, a entrega de escravos fugidos. Requena contrargumentou em ofício dirigido a Henrique João Wilckens que o Tratado não se referia a fugas ocorridas em “tiempo inmemorial,” mas apenas aquelas que ocorressem a partir de 1777. Juan de Silva estava há mais de 18 anos nos domínios espanhóis, e há quatro servindo em sua Partida, completou Requena, portanto para ele não valeria a regra de devolução de escravos fugidos. Se fosse necessário, o Primeiro Comissário garantiu a Wilckens que pagaria pela alforria de seu capitão de conquistas, caso fosse provada a sua escravidão. Wilckens, por seu turno, respondeu-lhe que não importava quanto tempo havia se passado desde a fuga, não cabendo a ele e a Requena avaliar o preço do escravo e acordar sobre sua alforria. Somava-se a tudo isso, segundo Wilckens, o reprovável comportamento do preto João, que havia enganado importantes autoridades fazendo-se passar por homem livre e cometendo insultos nas terras da Coroa portuguesa.²⁵⁸

Para provar que o capitão Juan de Silva era o escravo João, as autoridades da Partida portuguesa procederam a um inquérito, chamando como testemunhas soldados que supostamente sabiam desse fato. No inquérito, o soldado Jerônimo Antunes afirmou que, quando vivia em Belém, havia conhecido o escravo João, e que o mesmo havia fugido com outros escravos quando seu proprietário foi assassinado por índios no rio Maués. O anspeçada²⁵⁹ Joaquim José de Moraes garantiu que o próprio Juan de Silva havia lhe dito em uma conversa em Tabatinga que fora escravo de José Pinheiro. O sargento Antônio Gonçalves Monteiro disse que sabia “de ouvir dizer universalmente” que era o capitão de conquistas Juan um escravo fugido. Carlos Alvares Borges, morador de Barcelos, disse que em Tabatinga Juan de Silva havia confessado sua condição de cativo, mas que também havia dito que “tinha muito dinheiro com que remir a sua liberdade.” Manoel da Rocha Martins, diretor de Alvarães, também confirmou que Juan de Silva assumiu ser um escravo fugido durante

²⁵⁷ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.329. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²⁵⁸ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.329. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²⁵⁹ Antigo posto militar, equivalia a uma posição acima do soldado e abaixo do cabo de esquadra.

uma conversa; disse ainda o diretor que Juan, ao conversar com um morador de Alvarães, afirmou que “fora criado na cidade de Lisboa, e que seu senhor morava na mesma cidade, defronte de São Domingos (...), e que a ele seu senhor o mandara para a cidade do Pará a vender, e o comprara José Pinheiro, de quem fugira.”²⁶⁰

Algumas informações adicionais sobre Juan de Silva foram coligidas por David Sweet. Segundo esse historiador, João da Silva havia nascido em Angola, sendo levado como escravo, ainda na infância, para Lisboa, onde trabalhou na casa do comerciante Manoel Rodrigues Ponte. Após sobreviver ao grande terremoto de 1755, o escravo João seguiu para a América, tendo sido vendido para a Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão. João trabalhou em Belém, seguiu em canoas de comércio pelos sertões do Estado, aprendeu a língua geral (nheengatu) e outras línguas indígenas. Com a morte de seu proprietário, João, Fernando e outros cativos fugiram, seguindo para o rio Putumayo e abrigando-se nas missões franciscanas. Nas terras espanholas, João e Fernando trabalharam nas missões, auxiliando os franciscanos na administração das populações indígenas. Em 1778, eles ingressaram no serviço real com o posto de *Capitán de Conquistas y Reducción de Indios Infieles*.²⁶¹ Vale complementar as informações de Sweet com um dado adicional sobre Fernando Rojas: em 1777, Rojas fora listado para participar da grande expedição militar do Marañón, já comentada, com a incumbência pacificar os índios não-submetidos do rio Putumayo, medida importante para facilitar a movimentação das forças espanholas na planejada invasão à fronteira portuguesa,²⁶² e que evidencia o reconhecimento pelos oficiais espanhóis da importância desse oficial negro quanto à sua experiência naquela fronteira.

A trajetória de Juan de Silva era extraordinária, mas não única. Outros cativos adquiriram em suas fainas nos sertões do Grão-Pará a experiência e os conhecimentos indispensáveis para os empreendimentos realizados pelas autoridades coloniais, as quais, para garantir a coadjuvação desses escravos, propuseram conceder a eles a liberdade. Custódio de Matos Pimpim informou ao Primeiro Comissário português que, para realizar o descimento de índios no rio Issá-paraná em 1784, permitiu que fosse empregado na expedição “um mulato

²⁶⁰ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.329. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²⁶¹ David G. SWEET. “Juan de Silva y Fernando Rojas: baqueanos africanos de la selva americana (Perú y Gran Pará, siglo XVIII).” Op. cit.

²⁶² Juan Sebastián GÓMEZ GONZÁLEZ. *La Frontera Selvática*. Op. cit., p 227.

que aqui se achava por consentimento de seu senhor para se alforriar, por este saber as línguas Passé e Juri.”²⁶³

Os depoimentos dos soldados e demais autoridades portuguesas sobre Juan de Silva, expostos anteriormente, são reveladores também dos contatos cotidianamente travados entre os membros das duas Partidas, e como a partir deles as informações circulavam entre os sujeitos envolvidos nos serviços de demarcação. Para as autoridades portuguesas, as notícias sobre a origem do capitão negro Juan de Silva alimentaram críticas veementes dirigidas ao Primeiro Comissário espanhol. Escrevendo a Requena, Wilckens protestou contra o fato dos espanhóis aceitarem em sua comissão “desertores, escravos, prófugos e criminosos, não só no serviço da Partida, mas ainda condecorados com especiosos títulos,” o que era insulto às “pessoas mais condecoradas da minha Partida.”²⁶⁴

Requena, em reposta, não deu crédito aos testemunhos sobre o passado cativo de seu capitão de conquistas Juan, o qual, se havia dito a portugueses que era um escravo fugido, afirmara-o certamente quando estava ébrio. Faltavam ainda à acusação dos portugueses os elementos necessários para conferir-lhe credibilidade, sustentou Requena, como o título de propriedade e a descrição dos sinais do suposto cativo, requisitos que dariam valor de prova a um processo em “cualquier otro Reino tan culto como el de Portugal”. Se realmente Juan de Silva fosse um escravo fugido, não haveria outros trabalhando na Partida espanhola, defendeu o Primeiro Comissário espanhol. Juan de Silva fora chamado para o real serviço por ordem do Presidente da Audiência de Quito, que o julgou “libre de toda la esclavitud” e “practico en el manejo de embarcaciones.” Mais uma vez Requena propôs a Wilckens que pagaria pela liberdade de Juan de Silva, caso fosse ele realmente um escravo fugido.²⁶⁵ Essas longas discussões que surgem nos ofícios trocados entre as autoridades das duas partidas não levaram à solução do caso. Diante disso, João Pereira Caldas formulou o seguinte plano, apresentado para o comandante da vila de Olivença:

Consta-me que nessa vila se acham dois pardos ou mulatos, que me poderão ser úteis no serviço de Nossa Augusta Soberana, especialmente um, que sabe várias línguas do gentio. Vossa Mercê, fazendo-os chamar, os animará, e prometendo-lhes da minha parte toda a

²⁶³ APEP, Códice 414, Documento 04. Ofício de Custódio de Matos Pimpim a Theodózio Constantino de Chermont. Olivença, 10/05/1784.

²⁶⁴ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.329. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²⁶⁵ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena para João Batista Mardel. Ega, 29/04/1784 (copia firmada pó Gaspar de Santisteban).

proteção, mos remeterá na primeira ocasião de forma que não desconfiem nem se persuadam *que vem para serem presos*, assegurando-lhes Vossa Mercê (no caso de desconfiarem) que eles vêm para serem ocupados no serviço de Sua Majestade, que os há de forrar [alforriar] e despachar se eles se esforçarem a fazer o mesmo serviço que tem feito os dois pretos que acompanham a Partida espanhola, mas que guardem de tudo inviolável segredo.²⁶⁶

Se a promessa foi apresentada aos dois capitães, eles a recusaram – certamente já conheciam o suficiente as artimanhas e dissimulações das disputas entre as Coroas na fronteira para não acreditarem na palavra dos oficiais portugueses. Mas era igualmente provável que essa contenda significasse uma imensa pressão sobre o capitão de conquistas Juan de Silva. Uma noite, quando o cabo de esquadra Antônio Rodrigues foi à tesouraria da Partida espanhola, Juan (mais uma vez embriagado, segundos os portugueses) tentou atingir o oficial português com uma punhalada, ao “que acudiu o alferes [espanhol] Mazorra, (...) gritando ao dito negro: “Juan, Juan, ¿qué haz usted?” Juan foi preso no tronco por ordem de Requena. Alguns dias depois, no entanto, ele não foi mais visto pelos portugueses. Juan de Silva/João da Silva fugiu da Capitania do Rio Negro.²⁶⁷ David Sweet informa que Juan continuaria a trabalhar no reconhecimento dos territórios no lado espanhol da América, até encontrar sua morte, em 1795, durante um ataque de índios Jívaro a sua expedição.²⁶⁸

Com relação a Fernando Rojas, não se conseguiram provas contra ele apesar das suspeitas. Esse capitão de conquistas prosseguiu seus trabalhos para a Partida de Sua Majestade Católica, para desgosto dos oficiais portugueses. Mas em 1791 Henrique João Wilckens mostrou-se otimista com a possibilidade de Fernando Rojas desertar do lado espanhol. Segundo informaram a Wilckens, o “famoso explorador, bem prestável negro, Capitão de Conquistas Fernando Rojas” andava desgostoso com a Partida espanhola, principalmente depois que “se lhe tiraram quatro pesos” de seus ganhos. Dizia-se que Rojas iria ao rio Içá “buscar o seu filho mulato, quase tão famoso e prestável como pai, com a tenção de procurar o serviço de Sua Majestade Fidelíssima, nossa Augusta Soberana.” Seria um grande golpe nos espanhóis, principalmente naquele momento em que eles estavam

²⁶⁶ APEP, Códice 416, Documento 02. Ofício de João Pereira Caldas ao Comandante e Diretor de Olivença. Ega, 11/06/1784 (grifos meus).

²⁶⁷ APEP, Códice 402, Documento 54. Ofício de João Batista Mardel para João Pereira Caldas. Ega, 10/06/1784. Conferir também: Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.329. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 29/07/1784.

²⁶⁸ David G. SWEET. “Juan de Silva y Fernando Rojas: baqueanos africanos de la selva americana (Perú y Gran Pará, siglo XVIII).” Op. cit.

empenhados (soube Wilckens) em dar apoio a qualquer soldado ou índio português que desertasse para Maynas, os quais deveriam ser “bem assistidos e premiados.”²⁶⁹ A deserção de Rojas, contudo, não se concretizou. Ele continuou a trabalhar na Partida espanhola até que ela retornou para Maynas, em 1791.

Figura 9

Cascadas del río Cuñaré. Pequeño bote en que los dos comisarios fueron a reconocer estas cascadas. B. Comisario español informándose de los infieles por medio del negro interprete, aquarela de Fransico Requena [Acervo Biblioteca Oliveira Lima, The Catholic University of America, Washington DC]. Disponível on-line: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.148/4506>. Juan Silva ou Fernando Rojas? É obviamente inviável especular sobre a identidade do “negro interprete” retratado por Requena nessa aquarela. No entanto, o papel estratégico dos oficiais negros, recorrentemente registrado nas fontes da Partida demarcadora de Castela, é reforçado nessa pintura, a qual representa a função de mediadores exercida por esses africanos nos trabalhos desempenhados nos confins da América.

Juan de Silva, Fernando Rojas, Tomás de Aquino, Laura, Don Mariano Comaribana, entre tantos outros, são personagens que surgem na documentação gerada pelas disputas entre autoridades portuguesas e espanholas durante o difícil negócio das demarcações na fronteira norte da América meridional. Esses sujeitos eram partes das rivalidades imperiais, e nelas buscaram assegurar, quando possível, ganhos, vantagens e a própria liberdade. Os fluxos e as fugas de homens e mulheres entre os sertões do Grão-Pará e Rio Negro e “la montaña” da Província de Maynas ocorreram graças também às aproximações e negociações travadas entre

²⁶⁹ APEP, Códice 482, Documento 46. Ofício de Henrique João Wilckens a Manoel da Gama Lobo d’Almada. Tabatinga, 19/11/1791.

diferentes sujeitos das sociedades coloniais ibero-americanas em áreas de fronteira. Tais aproximações, além disso, poderiam ser concretizadas através de trocas mercantis (legais ou ilegais) promovidas a partir das demarcações, estabelecendo redes comerciais entre as áreas limítrofes. Por sua vez, as interações mantidas entre membros das partidas demarcadoras luso-espanholas e os habitantes da Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas geravam tensões e desconfianças quanto ao futuro dos desenhos territoriais das colônias confinantes, bem como sobre as relações entre as Coroas ibéricas.

Essas múltiplas experiências locais, gestadas a partir das demarcações, interferiram nas políticas imperiais para as fronteiras americanas. Ao mesmo tempo, tais interações concretizadas durante as demarcações impulsionavam as dinâmicas próprias de uma “zona de contato”, segundo conceituação utilizada por Mary Louise Pratt, referindo-se a espaços de encontros coloniais nos quais “pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada.”²⁷⁰

Essas interações realizadas durante as demarcações eram essenciais para que as partidas luso-espanholas tentassem estabelecer naquele espaço territorial “aberto” as fronteiras-linhas, isto é, uma delimitação espacial estrita que respondesse às necessidades de controle dos poderes coloniais sobre um território. Por meio das interações na fronteira, as partidas demarcadoras podiam abastecer-se de alimentos, ter notícias sobre os rios da região, estabelecer negociações com os povos nativos para que eles se “adequassem” ao desenho territorial que se estava tentando definir. Ao mesmo tempo, porém, as mesmas interações alimentavam as circulações características de uma fronteira-zona, entendida como um espaço de trocas comerciais, culturais e humanas.²⁷¹ As fugas de soldados e escravos, o contrabando, o deslocamento de índios entre os territórios vizinhos (alvo de protestos das autoridades ibéricas), foram práticas efetuadas, ou ao menos toleradas, pelas partidas demarcadoras, e que iam de encontro aos anseios de controle e estabilização dos limites coloniais. Essas aproximações, além disso, viabilizaram a circulação de informações políticas importantes para os oficiais das Partidas demarcadoras, como será abordado a seguir.

²⁷⁰ Em seu trabalho, Pratt recorrentemente utiliza o termo “zona de contato” como sinônimo de “fronteira colonial,” enfatizando “as dimensões interativas e improvisadas dos encontros coloniais,” bem as relações entre colonizadores e colonizados marcadas “pela presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, frequentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder.” Mary Louise PRATT. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, pp. 31-32.

²⁷¹ As definições de “fronteira-linha” e “fronteira-zona” são propostas por: Jean CHESNEAUX. “L’insertion de l’histoire dans l’espace: la géopolitique.” *Du passe faisons table rase?* Paris: François Maspero, 1976, p. 159, 157-167.

CAPÍTULO III

NOTÍCIAS E REDEFINIÇÕES NO ESPAÇO DA FRONTEIRA

Conforme discutido anteriormente, a realização dos trabalhos de demarcação na área fronteira entre a Capitania do Rio Negro e a Província de Maynas alimentou diferentes circulações na região. Além da circulação de produtos e de pessoas entre as partes portuguesa e espanhola vizinhas, a permanência das comissões demarcadoras ibéricas no norte da América lusa impulsionou também a circulação de informações políticas.

Os entendimentos diplomáticos firmados por Espanha e Portugal, em fins da década de 1770, facilitaram a troca de informações entre os representantes das duas Coroas nas fronteiras americanas. O trabalho conjunto das comissões portuguesa e espanhola, determinado pelo Tratado de Santo Ildefonso, ampliou as possibilidades de circulação de informações na raia fronteira da América ibérica. Entre as décadas de 1780 e 1790, autoridades ibéricas envolvidas nas demarcações trocaram entre si ofícios, cartas e outros documentos, por meio dos quais notificavam o andamento do empreendimento de reconhecimento do espaço e definição de limites territoriais, como também relatavam questões políticas vivenciadas por suas monarquias. A condução das políticas para as zonas fronteiriças, por sua vez, requeria o acompanhamento das disputas entre os impérios ultramarinos europeus, bem como a interpretação sobre suas possíveis implicações nas partes americanas. Além disso, as informações orais mostravam-se estratégicas para as autoridades militares, permitindo a elas coletar dados a respeito dos territórios coloniais contíguos. Essas questões serão abordadas na primeira parte do capítulo.

Em seguida, a discussão volta-se para o contexto posterior à demarcação luso-espanhola na fronteira norte, quando a Partida liderada por Francisco Requena retornou à Província de Maynas. A década de 1790 e o início do século XIX são marcantes, no plano das relações entre os Impérios ibéricos, pela crescente tensão entre as Coroas espanhola e portuguesa, o que envolvia as zonas fronteiriças no continente americano. No caso da Capitania do Rio Negro, a possibilidade de uma guerra na raia limítrofe com os domínios espanhol e francês ganhava força. Em relação à Maynas, de igual modo havia a preocupação quanto a uma ofensiva dos portugueses.

Por fim, serão analisadas as propostas e as medidas de reorganização dos territórios fronteiriços na passagem do século XVIII para o XIX. Os ideais reformistas do Setecentos, aliados aos novos desafios políticos que vêm à tona na virada de século, colocavam em pauta

a necessidade de impor modificações administrativas nos territórios limítrofes a bem de sua defesa e aprimoramento. Nesse caso, destaca-se a transferência da Província de Maynas da alçada da Audiência de Quito para o Vice-Reino do Peru em 1802.

3.1- Notícias que trazem os rios.

A realização dos trabalhos das Partidas demarcadoras luso-espanholas exigia que seus oficiais se mantivessem informados sobre os acordos diplomáticos firmados entre as duas Cortes, bem como sobre as orientações da política externa de seus reinos. Definir a espacialidade dos domínios americanos dependia, também, de acompanhar as mudanças conjunturais das políticas imperiais, mudanças essas que envolviam intrinsecamente as metrópoles europeias e as colônias no ultramar. Além disso, para os oficiais demarcadores era igualmente importante colher informações sobre o que ocorria nos territórios coloniais vizinhos, suas mudanças político-administrativas, o estado de sua economia e de sua defesa militar. Assim, por um lado, fazia-se necessário manter rotas de comunicação que ligassem os militares, e demais envolvidos nas demarcações, que serviam nas fronteiras americanas às sedes administrativas locais e aos centros políticos monárquicos. Por outro, os homens encarregados das demarcações deveriam buscar notícias sobre o que se passava nas terras contíguas.

A interação entre as duas Partidas na Capitania do Rio Negro tornou possível, entre outras coisas, a circulação de informações. Com recorrência, oficiais ibéricos trocavam entre si periódicos e publicações, fontes de informações sobre a conjuntura política europeia e americana. A convivência entre os participantes das demarcações, por sua vez, também possibilitava a comunicação sobre as transformações em curso nos dois lados da fronteira. E, como já foi indicado no capítulo anterior, os desertores viabilizavam aos oficiais que os acolhiam inteirar-se a respeito do território vizinho.

Como se indicou logo acima, a condução das políticas para as zonas fronteiriças requeria o acompanhamento das disputas entre os impérios ultramarinos europeus, e suas possíveis implicações nas partes americanas. Os entendimentos diplomáticos firmados por Espanha e Portugal em fins da década de 1770 facilitaram a troca de informações entre os representantes dos dois reinos, fazendo com que autoridades ibéricas nas zonas de fronteira na América trocassem entre si ofícios, notificando uns aos outros sobre os mais recentes acontecimentos no cenário político das monarquias europeias. Assim, em 1780, Francisco Vitorino José da Silveira, comandante de Tabatinga, informou a João Pereira Caldas ter

recebido do lado espanhol da fronteira “notas e notícias da guerra e combate da Espanha, França e Grã-Bretanha.”¹ Algumas das notícias foram remetidas de San Joaquin de Omáguas (Maynas) por Felipe de Arechua y Sarmiento, Segundo Comissário da Partida espanhola, o qual, escrevendo ao Comandante de Tabatinga, descreveu o “combate naval de nuestras escuadras contra la Inglaterra.” Segundo informes remetidos de Maynas, os navios de guerra espanhóis, tendo partido de Cádiz, juntaram-se a navios franceses, seguindo todos para a costa irlandesa, onde entraram em confronto com a esquadra inglesa. O sangrento combate na costa irlandesa resultou na destruição e tomada de embarcações de guerra das Coroas bourbônicas, e na morte de muitos marinheiros (mais de 50 franceses, 30 espanhóis e 150 ingleses), bem como na prisão pelos ingleses de muitos oficiais e marinheiros de Espanha e França. Esperava-se entre os espanhóis na América a chegada de gazetas informando se havia ocorrido o desembarque franco-espanhol na Irlanda. Também havia notícias sobre a movimentação de esquadras de guerra espanholas em Cartagena e La Habana. Essas informações chegaram aos espanhóis na fronteira através dos correios vindos pelo rio Pastaza.² No dia seguinte a esse ofício, Felipe de Arechua remeteu outro, com notícias sobre o bloqueio das tropas espanholas aos ingleses em Gibraltar.³

O cenário europeu dos conflitos imperiais era acompanhado pelas autoridades ibéricas nos espaços fronteiriços americanos, informando-se o contexto político internacional do qual os trabalhos de demarcação faziam parte.⁴ As comunicações enviadas pelo oficial espanhol ao português sobre a aliança franco-espanhola e a guerra aos ingleses, por um lado, corroborava o entendimento diplomático que deveria marcar as relações hispano-portuguesas a partir do final dos anos de 1770. Por outro, tais informações alimentavam as expectativas quanto ao enquadramento do mundo americano nesses conflitos, como a possível mobilização militar no Caribe espanhol contra os ingleses, algo que fora marcante na região caribenha e na América do Norte poucos anos antes, na chamada Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Essa inter-

¹ APEP, Códice 362, Documento 11. Ofício de Francisco Vitorino José da Silveira a João Pereira Caldas. Tabatinga, 22/08/1780.

² APEP, Códice 362, Documento 12. Ofício de Felipe de Arechua y Sarmiento a Francisco Vitorino José da Silveira. Omáguas, 13/07/1780.

³ APEP, Códice 362, Documento 13. Ofício de Felipe de Arechua y Sarmiento a Francisco Vitorino José da Silveira. Omáguas, 14/07/1780.

⁴ Como observa Richard D. Brown, notícias sobre guerras alcançavam audiências mais vastas e localidades mais distantes em tempos mais curtos do que notícias consideradas “habituais,” transcendendo rotas tradicionais de informação sustentadas por redes de comércio e de circulação de impressos. Richard D. BROWN. *Knowledge is Power: The Diffusion of Information in Early America, 1700-1865*. New York: Oxford University Press, 1989, p.246.

relação de conflitos europeus e americanos, própria dos Impérios ultramarinos do período,⁵ envolvia as zonas confinantes luso-espanholas, em que o sucesso da definição dos limites na América Meridional dependia não apenas do bom andamento dos trabalhos de demarcação nas fronteiras americanas, mas também da manutenção do entendimento diplomático entre as Cortes de Lisboa e Madri.

As terríveis notícias vindas dos Andes.

Além dos problemas para os reinos de Portugal e Espanha que se desenrolavam no Velho Mundo, na época das demarcações luso-espanholas ocorreram sérios desafios às autoridades coloniais na América. No período inicial das demarcações, as áreas andinas da América vivenciaram grandes sublevações indígenas, colocando em risco o poder espanhol sobre essa parte do continente. As revoltas no Vice-Reino do Peru e na Audiência de Charcas, entre 1780 e 1782, contestaram as reformas de tributação direcionadas às comunidades indígenas, reivindicando a abolição do reparto mercantil e da figura dos *corregidores*, acusados de cometer abusos na cobrança de impostos. A rebelião passou a apresentar anseios mais amplos, como o rompimento dos laços de vassalagem com a monarquia espanhola, buscando legitimar a ideia restauração do Império Inca, com seu principal líder, José Gabriel Condorcanqui, reivindicando para si o título de imperador Túpac Amaru II. No Alto Peru, os movimentos encabeçados por Tomás Katari e Túpac Katari, ao mesmo tempo em que mantiveram relações com as revoltas *tupamaristas*, representaram os objetivos das comunidades indígenas aymaras em seus conflitos com as autoridades coloniais.⁶

As grandes sublevações indígenas se desenrolaram em um espaço central para o Império espanhol na América do Sul, a parte sul dos Andes, abarcando Cusco, a área do lago Titicaca e a parte serrana da Audiência de Charcas. Esse espaço *surandino* constituía uma

⁵ John H. ELLIOTT. *Imperios del Mundo Atlántico: España y Gran Bretaña en América (1492-1830)*. Madrid: Taurus, 2011, pp. 431-443.

⁶ Fernando CAJÍAS DE LA VEJA. “Acomodación, resistencia y sublevación indígena.” In: Margarita GARRIDO (Ed.). *Historia de América Andina, Vol. 5*. Quito: Universidad Simón Bolívar, 2001, pp. 317-360; Boleslao LEWIN. *La Rebelión de Tupac Amaru y los Orígenes de la Emancipación Americana*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1972; Scarlett O’PHELAN GODOY. *La Gran Rebelión en los Andes: De Túpac Amaru a Túpac Katari*. Cusco: CBC, 1995; Scarlett O’PHELAN GODOY. “Repensando el Movimiento Nacional Inca del Siglo XVIII.” In: Scarlett O’PHELAN GODOY. *El Perú en el Siglo XVIII: La Era Borbónica*. Lima: Instituto Reiva-Agüero, PUCP, 1999, pp. 263-277; Sergio SERULNIKOV. *Revolución en los Andes: La Era de Túpac Amaru*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010; Charles F. WALKER. *Smoldering Ashes: Cuzco and the Creation of Republican Peru, 1780-1840*. Duke University Press, 1999, pp. 16-83 (conferir também a versão em espanhol dessa obra: *De Túpac Amaru a Gamarra: Cusco y la Formación del Perú Republicano, 1780-1840*. Cusco: CBC, 1999).

vital rota de comércio que conectava Lima a Buenos Aires, articulando também importantes zonas de produção de prata (Potosí, Puno, Oruro), de produtos agrícolas (Cochabamba, Arequipa, Ollantaytambo) e de produção têxtil (as províncias próximas a Cusco) Tratava-se de uma área habitada, em sua maior parte, por populações indígenas de língua quéchua e aymara, e onde as formas de trabalho compulsório indígena (como a *mita*) eram imprescindíveis para a arrecadação de tributos e para a produção mineira. Ainda com relação ao trabalho compulsório indígena, no século XVIII as comunidades da área em questão tiveram que lidar com exigências cada vez maiores por parte das autoridades coloniais, as quais intensificaram a demanda por mão-de-obra para as áreas de produção de prata. As novas demandas fiscais dos poderes coloniais na região, com o estabelecimento de aduanas, aumento de impostos e instituição do *reparto*,⁷ alimentaram também a insatisfação dos habitantes em geral, e dos índios em particular. Essas crescentes cobranças contribuíram para que os conflitos entre comunidades indígenas e autoridades coloniais se tornassem cada vez mais frequentes. Além disso, ocorreram lutas entre índios, com comunidades se opondo a alguns caciques considerados sem legitimidade, seja porque eles estivessem mais empenhados em ascender econômica e socialmente à custa da exploração do trabalho dos índios de sua comunidade, seja porque eram caciques impostos pelos *corregidores*.⁸ Os conflitos na área tornaram-se evidentes com o número cada vez maior de revoltas indígenas entre 1750 e finais

⁷ Sobre a instituição e funcionamento do reparto, Hidalgo e Langue explicam: “La polarización económica del ámbito peruano en torno de Potosí tendió a descentralizarse con la caída de la producción de la plata, la apertura de otros centros mineros, el desarrollo de obrajes, chorrillos, haciendas, plantaciones y la aplicación de otros mecanismos de coacción económica, para forzar a la población andina e incluso a otros sectores sociales a una mayor participación en el mercado, tanto de oferta de mano de obra como de mercancías. El instrumento clave de este último proceso fue, de nuevo, la acción fiscal por mediación de los corregidores y el reparto forzoso de mercancías. (...) El sistema funcionaba inicialmente con préstamos otorgados por los comerciantes limeños a los corregidores, que éstos traspasaban en forma de mulas, ropas de la tierra, ropas de Castilla, hierro, coca, libros, etc., a la población campesina, a sus líderes e incluso a otros sectores no indígenas, sin que éstos últimos pudieran rechazar dichos créditos que debían pagar forzosamente.” Jorge HILDAGO LEHUEDÉ & Frédérique LANGUE. “La Reformulación del Consenso: nuevos modelos de integración de comunidades.” In: Enrique TANDETER. *Historia General de América Latina, Volumen IV: Procesos americanos hacia la redefinición colonial*. Madrid: Ediciones UNESCO, Editorial Trotta, 2007, 420, pp. 407-422.

⁸ Com relação à adoção do reparto mercantil e a proliferação dos “caciques intrusos” nos Andes, Scarlett O’Phealan Godoy destaca as críticas de “caciques de sangue” e de comunidades indígenas contra essas novas lideranças e às novas relações tributárias ao longo do século XVIII. Nas palavras da autora: “con la introducción del reparto – primero de forma clandestina y luego oficializada -, los caciques “de sangre” vieron violados sus derechos frente a la cada vez mayor afluencia de caciques “de favor” nominados por el corregidor. (...). Con ello se aseguraba de que el cargo recayera en un individuo que sin ser necesariamente noble, contara con los recursos económicos indispensables para hacer frente a las deudas del repartimiento y que, además, estuviera dispuesto a anteponer los intereses del corregidor a los suyos propios y, naturalmente, a los de su comunidad. Esto último no era demasiado difícil en la medida que un cacique puesto a dedo por el corregidor intentaba, por lo general, sacar provecho de su cargo temporal.” Scarlett O’PHELAN GODOY. *Kurakas sin Sucesiones: Del cacique al alcalde de indios (Perú y Bolivia, 1750-1835)*. Cuzco: CBC, 1997, pp. 19-20.

da década de 1770.⁹ Meses antes da explosão do movimento liderado por Tupac Amaru, ocorreram em Arequipa e em Cusco rebeliões contra o aumento de impostos e o estabelecimento de novas aduanas. As contradições e os conflitos das comunidades indígenas, assim como a contestação às autoridades coloniais e às reformas em curso na América em geral e em particular na parte *surandina*, formam o ambiente no qual têm início as grandes revoltas indígenas de princípios dos anos de 1780.¹⁰

No Alto Peru, na província de Chayanta, próxima a Potosí, as lutas dos índios da comunidade de Macha contra o *corregidor* local e o cacique por ele imposto vinham desde o ano de 1777. Em setembro de 1780, Tomás Katari, líder dos índios, determinou a expulsão das autoridades não indígenas, proclamando-se governador de Macha. No ano seguinte, Tomás Katari foi assassinado, passando a liderança das lutas para os irmãos Dámaso e Nicolás, e depois para Julián Apaza, que assumiu o nome Túpac Katari. Os índios rebelados tomaram *pueblos* e promoveram o cerco a importantes centros urbanos alto-peruanos, como Chuquisaca e La Paz, conseguindo ainda ocupar a cidade de Oruro, na qual os índios receberam, em um primeiro momento, o apoio de grupos *criollos* locais e mestiços (apoio esse que cessou a partir do momento em que os desentendimentos e as diferenças de objetivos entre eles tornaram-se evidentes). Em novembro de 1781, Túpac Katari foi preso e executado.¹¹

Na região de Cusco, a revolta teve início no mês de novembro de 1780, quando José Gabriel Condorcanqui (cacique dos *pueblos* de Pampamarca, Surimana e Tungasuca) ordenou

⁹ Isso não significa que, antes de meados do XVIII, as áreas andinas não houvessem vivenciado movimentos contestatórios que tiveram a participação de comunidades indígenas. É possível, ao contrário, rastrear a ocorrência de rebeliões de índios desde a primeira metade do Setecentos, como a conspiração de Oruro nos anos 1738-1739 e a de Cochabamba de 1740, quando os protestos apresentaram algumas demandas que seriam retomadas pelas rebeliões andinas do começo da década de 1780, como a supressão da *mita*. Cf.: Scarlett O'PHELAN GODOY. *La Gran Rebelión en los Andes*. Op. cit., pp. 16-17 e pp. 190-194. Ainda segundo O'Phelan Godoy, as revoltas indígenas no Peru podem ser compreendidas a partir de três conjunturas bem determinadas: “La primera coyuntura se presentó entre 1724-36, durante el gobierno del Virrey Castelfuerte culminando, en 1730, con las rebeliones de Cochabamba y Cotabambas, dirigidas contra la revisita general y empadronamiento de tributarios y mitayos. La segunda coyuntura tuvo lugar durante el período de la introducción del reparto de mercancías entre 1751 y 1758, presentando intranquilidad social en las provincias de Huamachuco y Tarma. Finalmente, la tercera coyuntura rebelde estuvo enmarcada por la puesta en práctica de las reformas borbónicas, que entraron en vigor en la década de 1770 alcanzando su punto más álgido, en 1780-81, con la gran rebelión que conmocionó el Bajo y el Alto Perú.” Scarlett O'PHELAN GODOY. *Idem*, p.18, nota 18.

¹⁰ Gabriella CHIARAMONTI. *Ciudadanía y Representación en el Perú (1808-1860): Los itinerarios de la soberanía*. Lima:Fondo Editorial UNMSM, 2005, pp. 33-34; Boleslao LEWIN. *La Rebelión de Tupac Amaru y los Orígenes de la Emancipación Americana*. Op. cit., pp. 156-179; Scarlett O'PHELAN GODOY. *La Gran Rebelión en los Andes*. Op. cit., p. 201 e pp. 204-206; Sergio SERULNIKOV. *Revolución en los Andes*. Op. cit., pp.09-33; Charles F. WALKER. *De Túpac Amaru a Gamarra*. Op. cit., p.50.

¹¹ Boleslao LEWIN. *La Rebelión de Tupac Amaru y los Orígenes de la Emancipación Americana*. Op. cit., pp. 520-597; Sergio SERULNIKOV. *Revolución en los Andes*. Op. cit.

a prisão e depois execução do *corregidor* Antonio de Arriaga, justificando sua ação em nome do Rei Carlos III e reivindicando para si o título de Túpac Amaru II, descendente do último Inca.¹² Em suas primeiras proclamações, Túpac Amaru sinalizou buscar apoio dos *criollos* e outros setores da sociedade *cuzqueña*. Contudo, as revoltas das comunidades indígenas e os conflitos bélicos com as forças coloniais (das quais faziam parte não-indígenas e indígenas contrários aos rebeldes) alimentaram a radicalização do movimento, inviabilizando aproximações entre *criollos* e seguidores de Túpac Amaru. O discurso do líder indígena cada vez mais se distanciou do reconhecimento da autoridade monárquica, assumindo um caráter de contraposição aos direitos da Espanha sobre as terras que haviam sido parte do Tawantinsuyo. As forças de Túpac Amaru tentaram tomar a cidade de Cusco, o que não se concretizou. A prisão de Túpac Amaru, seus familiares e principais seguidores, e a execução dos mesmos nos primeiros meses de 1781, representaram um golpe nas rebeliões indígenas, mas de modo algum seu final. O comando passou para as mãos de seus parentes, Diego Cristóbal Túpac Amaru, Andrés Mendigure, Miguel Bastidas e Mariano, e as ações se deslocaram mais para o sul, concentrando-se nas províncias da área do lago Titicaca, e enviando-se ao Alto Peru contingentes para auxiliar os índios aymaras no cerco a La Paz.¹³

As notícias sobre o desenrolar dos conflitos circulavam entre Cusco e o Alto Peru, ocorrendo contatos entre rebeldes das duas áreas, o que insuflou uma verdadeira insurgência pan-andina que pôs em cheque o poder da Coroa espanhola na América do Sul. De fato, em algumas ocasiões os rebeldes alto-peruanos declararam que suas ações eram realizadas em nome do líder dos rebeldes *cuzqueños*, chegando Tupac Katari a se declarar *virrey* de Túpac Amaru, o qual, dizia-se, havia assumido a autoridade máxima tendo em vista a suposta abdicação do monarca Carlos III. No começo do ano de 1782, porém, o movimento já se encontrava bastante enfraquecido com a prisão e execução de seus líderes, a crescente repressão militar, o desgaste econômico e humano das comunidades indígenas e a rendição das lideranças índias que ainda resistiam. Mesmo com alguns levantes na serra sul-peruana e no lago Titicaca, a grande rebelião andina estava derrotada.¹⁴

¹² Na leitura de Charles Walker, as declarações de Túpac Amaru de apoio ao monarca espanhol não significavam, por extensão, o apoio ao colonialismo, mas sim uma estratégia retórica de ampliar a base de apoio ao movimento, muito embora as ações dos rebeldes deixassem claro a impossibilidade de unir índios e *criollos* em uma mesma luta contra os espanhóis peninsulares. Após a prisão e execução de Túpac Amaru, as declarações dos líderes que sucederam a ele eram marcadamente mais radicais. Charles F. WALKER. *De Túpac Amaru a Gamarra*. Op. cit., pp. 60-61 e pp. 73-74.

¹³ Boleslao LEWIN. *La Rebelión de Tupac Amaru y los Orígenes de la Emancipación Americana*. Op. cit., pp. 503-519; Sergio SERULNIKOV. *Revolución en los Andes*. Op. cit., pp. 180-194.

¹⁴ Sergio SERULNIKOV. *Revolución en los Andes*. Op. cit., pp. 194-200.

Durante os levantes indígenas no espaço *surandino*, outras partes da América espanhola acompanharam atentamente o que se passava, existindo o temor entre as autoridades coloniais de que o movimento de Túpac Amaru concorresse para a eclosão de rebeliões nos demais domínios espanhóis no continente. Assim, na Audiência de Quito, onde se acompanhava com temor a revolta dos *comuneros* na Nova Granada, chegou ao conhecimento das autoridades locais uma denúncia contra um *criollo* chamado Miguel Tovar y Ugarte, o qual teria o propósito de enviar uma carta a Túpac Amaru “animándolo a que siga su empresa y a que se traslade a aquella provincia” [Quito].¹⁵

A vigilância dos espanhóis sobre ameaças de novas explosões de violência indígena, inspiradas pelas rebeliões andinas, permaneceria nos anos seguintes, alcançando espaços distantes da região *surandina*. Em 1790, o governador da província de La Guayana (na Capitania Geral da Venezuela, área limítrofe com as possessões portuguesa e holandesa) foi orientado a averiguar, com a devida precaução, as notícias de que na fronteira colônia holandesa do Suriname se encontravam refugiados dois sobrinhos de Túpac Amaru. Nessa colônia, suspeitavam os espanhóis, haveria um corpo militar formado por fugitivos, e os sobrinhos de Túpac Amaru estariam vivendo entre eles e os índios. As autoridades na área foram instadas a verificar se esses supostos parentes de Tupac Amaru tinham “trato con los índios, y si estos los miran con alguna consideración.” Suspeitava-se de os índios da parte holandesa mantivessem comunicações com os que viviam às margens do rio Orinoco, provendo-lhes de armas e munições.¹⁶ Nesse caso, era evidente o temor das autoridades espanholas de que a presença de parentes de Túpac Amaru em uma fronteira tão pouco controlada (onde haveria o contrabando de armas e munições¹⁷), e na qual eles poderiam ganhar influência entre as populações indígenas, significasse a ocorrência de novas rebeliões contra as autoridades coloniais na Província de Guayana.

As diferentes comunicações tecidas entre habitantes das partes portuguesa e espanhola da América tornaram possível, no início da década de 1780, a chegada das notícias sobre as sublevações indígenas no Peru e no Alto Peru, o que era atentamente acompanhado pelas

¹⁵ Boleslao LEWIN. *La Rebelión de Tupac Amaru y los Orígenes de la Emancipación Americana*. Op. cit., pp. 670-672.

¹⁶ AGI, Estado, 65, N.1. Expediente a Luís Antonio Gil, Governador de La Guayana. Aranjuez, 04/06/1790. Esse documento é analisado também por Boleslao Lewin. Conferir: Boleslao LEWIN. *La Rebelión de Tupac Amaru y los Orígenes de la Emancipación Americana*. Op. cit., p.748.

¹⁷ Deve-se destacar a extrema dificuldade enfrentada pelas autoridades coloniais holandesas em controlar significativas extensões do território do Suriname, onde comunidades de escravos fugidos e seus descendentes (os Saramakas) sustentavam uma guerra contra elas, bem como contra comunidades indígenas aliadas aos holandeses. Cf.: Richard PRICE. “Uneasy Neighbors: Marrons and Indians in Suriname.” *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*: Vol. 8, Issue 2, 2012, Article 4.

autoridades do continente do Brasil. O Vice-Rei do Brasil, Don Luís de Vasconcelos e Souza, escreveu a Martinho de Melo e Castro sobre as sublevações “em algumas Províncias do Reino do Peru” em maio do ano de 1781. Afirmou o Vice-Rei que desejava ter prestado a comunicação desse fato a Lisboa há mais tempo, contudo as notícias que até então havia recebido não lhe pareceram “dignas de algum crédito,” consistindo em “cartas avulsas de pessoas ignorantes, cheias de incoerências e inverossimilidades, sem que o nosso comissário de Buenos Aires me tenha participado nesta matéria coisa alguma.” Contudo, o Vice-Rei havia recebido do Rio Grande de São Pedro novas informações sobre a sublevação, enviadas pelo Coronel Rafael Pinto Bandeira,¹⁸ o qual, por sua vez, as tinha recebido de um correspondente seu de Montevidéu, sujeito esse que “em outro tempo fez [a Pinto Bandeira] avisos importantes e verdadeiros.” A carta, assinada “debaixo de nomes supostos” e remetida de Montevidéu ao Rio Grande, e daí ao Rio de Janeiro, parecia merecedora de crédito, “ainda que bastantemente afetada principalmente no que não diz,” julgou o Vice-Rei, que também orientou ao Coronel Pinto Bandeira que continuasse a mandar notícias sobre os acontecimentos do Peru à sede do Vice-Reino do Brasil.¹⁹

Datada de oito de março de 1781, a carta foi remetida por José Moreira de Meireles a Jose Casas (os “nomes supostos,” segundo as desconfiças do Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza). Na carta, seu autor afirmou que o “fin primario o lo que han motivado estos disturbios son los nuevos impuestos de aduanas y los que antes tenían de mitas de Potosí, y repartos de corregidores,” explicando ao destinatário em que consistiam essas formas de impostos e o papel do corregidor. Na carta, seu autor tecia avaliações bastante críticas sobre a ação desses funcionários, “señores europeos que son los unicos que a quienes se les dan estos

¹⁸ Aos olhos dos representantes da Coroa portuguesa no Rio de Janeiro daquele momento, o Coronel Rafael Pinto Bandeira era um informante confiável sobre a região do Prata. Ele e sua família haviam se destacado nas guerras contra os espanhóis no extremo sul da América portuguesa, ascendendo econômica e socialmente na Capitania do Rio Grande. Parte de sua ascensão deveu-se ainda às redes de contrabando mantidas com o lado espanhol da fronteira. No ano de 1783, o Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza ordenou a realização de uma devassa para avaliar a veracidade das denúncias de que era Pinto Bandeira um notório e importante contrabandista da fronteira. Apesar da gravidade das acusações e dos fortes indícios de sua veracidade, Pinto Bandeira não foi punido pela prática do contrabando, parecendo ao Vice-Rei mais prudente mantê-lo em paz para que continuasse se destacando como um vassalo defensor dos interesses lusos naquela área. As redes de contrabando de Pinto Bandeira também poderiam fornecer a ele notícias sobre o estado político do Rio da Prata e de outras áreas da América espanhola, a julgar pela carta que ele recebeu em 1781 de Montevidéu sobre a revolta de Túpac Amaru. Sobre a figura do Coronel Rafael Pinto Bandeira e as práticas de contrabando no Rio Grande do século XVIII, conferir: Tiago GIL. *Infieis Transgressores: Elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007. Conferir também: Augusto da SILVA. *Rafael Pinto Bandeira: de Bandoleiro a Governador. Relações entre os poderes privado e público em Rio Grande de São Pedro*. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

¹⁹ ANRJ, Fundo: Negócios de Portugal, Códice 68, volume 04, Documento 21. Ofício de Luis de Vasconcelos e Souza a Martinho de Melo e Castro. Rio de Janeiro, 02/05/1781.

empleos y los que son aptos para manejarlos,” e que faziam dos índios “victimas de su ambición”. Na carta, seguiam também anexadas uma *Relación de los acaecimientos de Tinta y Lampa, que son las dos Provincias sublevadas en el Reino del Perú*, além de um *Bando mandado publicar por el Emperador Tupa Amaro*.²⁰ Por meio dos contatos fronteiriços sustentados por um oficial português no extremo sul do Brasil, o Vice-Rei (e, por extensão, as autoridades máximas do Império em Lisboa) tinha acesso privilegiado a informações e interpretações sobre o desenrolar dos conflitos nos Andes e as críticas às políticas fiscais de Castela no continente. Informações como essas, por sua vez, eram estratégicas para fundamentar a política dos portugueses para as áreas espanholas da América.

O Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza também remeteu a Lisboa uma cópia da declaração prestada pelo espanhol Don Francisco Antonio de Hespaña y Menezes, prisioneiro espanhol deixado no porto do Rio de Janeiro por uma fragata britânica. Hespaña y Menezes, nascido em Palma de Mallorca, vivia na Província de Caracas, onde exercia o cargo de Administrador General de Temporalidades. Viajando do porto de Guaíra para a Espanha em um comboio de navios da *Compañía Guipuzcoana de Comercio*, sua embarcação foi aprisionada pelos britânicos na altura da ilha da Madeira. Para as autoridades portuguesas, Hespaña y Menezes relatou que, durante sua permanência como prisioneiro em embarcações britânicas, tomou conhecimento dos planejamentos de um possível ataque naval contra possessões espanholas na América. Os britânicos estariam organizando uma grande expedição militar contra Buenos Aires, e que contaria com o apoio de espanhóis traidores que residiam no Rio da Prata. Além disso, o prisioneiro espanhol ouviu dizer que os britânicos planejavam prestar apoio militar aos índios sublevados no Peru.²¹

A interpretação de Hespaña y Menezes trazia ressonâncias dos temores que inquietavam os espanhóis em outras partes da América. Em um contexto de disputas acirradas entre ingleses e espanhóis tanto na Europa (como as operações bélicas para retomar Gibraltar e invadir as ilhas britânicas) quanto no espaço colonial americano (as invasões britânicas a praças espanholas e o apoio da Espanha aos insurgentes das colônias inglesas na América do Norte), parecia factível aos olhos dos habitantes das colônias espanholas que a Grã-Bretanha tentasse tirar proveito das rebeliões indígenas para solapar a soberania do Rei Católico no continente sul-americano. Esse medo, intensificado com as rebeliões lideradas por Tupac

²⁰ ANRJ, Fundo: Negócios de Portugal, Códice 68, volume 04, Documento 21A. Carta de Jose Moreira de Meireles a Jose Casas. Montevideo, 08/03/1781.

²¹ ANRJ, Fundo: Negócios de Portugal, Códice 68, volume 04, Documento 22C. Carta de Francisco Antonio Hespaña ao Vice-Rei do Brasil. Ilha das Cobras, 07/05/1781.

Amaru e as outras lideranças alto-peruanas, se fez presente em outros momentos. Anos antes da eclosão do movimento *tupamarista*, já circulavam escritos nos quais se aventava a possibilidade de um apoio britânico à derrubada do poder da Monarquia espanhola na América em benefício dos descendentes da nobreza incaica. Em um prólogo à edição de 1723 dos *Comentarios Reales* de Inca Garcilaso de la Vega,²² fazia-se menção de uma profecia citada por Sir Walter Raleigh (explorador britânico que viveu entre os séculos XVI-XVII) sobre a restauração do poder do Inca com a ajuda da Inglaterra. Já durante a sublevação de Arequipa, no ano de 1780, circularam pasquins que destacavam as derrotas militares dos espanhóis para os britânicos e traziam referências sobre uma possível substituição do monarca Carlos III por um rei inca na América.²³

Embora ocorressem em áreas distantes da raia fronteiriça hispano-portuguesa na América, os levantes indígenas nos Andes também foram abordados pelos oficiais demarcadores, na medida em que esses acontecimentos, profundamente perturbadores da ordem social e política e ameaçadores à soberania monárquica espanhola, deveriam ser equacionadas nos planejamentos geopolíticos para as fronteiras. Entre os espanhóis, havia o temor de que sublevados partissem para a fronteira portuguesa, ou mesmo que obtivessem apoio no lado português em sua luta.

Movido por esses receios, Francisco Requena informou as autoridades da Partida portuguesa sobre a “noticia de que pocos meses en la Provincia del Cuzco, comprendida en el Reino del Perú, hay sobrevenido la escandalosa y muy sensible novedad de haberse sublevado un indio rebelde y traidor llamado José Gabriel Túpac Amaru.” Segundo soube o Primeiro Comissário espanhol, o rebelde havia enforcado o *corregidor* daquela província, “apellidando²⁴ libertad en ella y otras inmediatas.” Requena, ao comunicar a João Pereira Caldas sobre a rebelião de Túpac Amaru, julgou também necessário que se avisasse ao Capitão-General do Mato Grosso sobre esse acontecimento, a fim de que fossem detidos

²² Inca Garcilaso de la Vega (batizado como Gómez Suarez de Figueroa, 1539-1616), filho de um capitão espanhol e de uma descendente da nobreza inca, destacou-se como cronista, principalmente pela obra intitulada *Comentarios Reales de los Incas* (publicada em duas partes nos anos de 1609 e 1616), na qual exalta a história do Tawantinsuyo, criticando a conquista espanhola. O livro teve grande circulação no continente americano, tendo sido lido por José Gabriel Condorcanqui. Com a derrota das rebeliões andinas, as autoridades espanholas proibiram a leitura da obra. Cf.: Carlos Daniel VALCÁRCEL. “Garcilaso Chimuocello.” *Boletín de la Biblioteca Nacional*. N° 37-38, pp. 7-11. Lima, 1966. Disponível on-line: http://bvirtual.bnpgob.pe/cod_libro.php?cod_libro=484.

²³ Charles F. WALKER. *De Túpac Amaru a Gamarra*. Op. cit., p. 45 e p. 52. Conferir também: Boleslao LEWIN. *La Rebelión de Tupac Amaru y los Orígenes de la Emancipación Americana*. Op. cit., capítulo VII.

²⁴ Segundo o “Diccionario de la lengua castellana compuesto por la Real Academia Española” (do ano de 1780), de Joaquín Ibarra, *apellidar* significava, entre outras coisas, “aclamar, proclamar, levantar la voz por alguno con repetidas voces,” como também “convocar, llamar gente para alguna expedición de guerra.”

rebeldes que fugissem para o lado português da fronteira. Afinal, lembrou o Primeiro Comissário espanhol, havia comunicações entre a Província de Cuzco com a de Moxos, fronteira ao território da Capitania do Mato Grosso, devendo seu governador guardar, por isso, “prudente resguardo en caso de algunas invaciones”. Se as autoridades lusas não fossem avisadas sobre o levante, Requena temia que os rebeldes pudessem procurá-las em busca de víveres e munições “para hacer la guerra” contra os espanhóis.²⁵

Esse ponto foi ressaltado pelo Primeiro Comissário espanhol em sua comunicação com Pereira Caldas, visto que os artigos números dois e três do Tratado de Amizade, Garantia e Comércio de 1778 determinavam às autoridades espanholas e portuguesas a devolução mútua de fugitivos que houvessem atentado contra seus soberanos. Em outro momento, Requena fez questão de comunicar às autoridades lusas de que havia sido noticiado pelo Presidente da Audiência de Quito sobre as vitórias dos exércitos reais contra os índios rebeldes, enviando a Pereira Caldas “papeles” com as boas notícias. Os papéis enviados narravam o ataque desferido contra as forças de Tupac Amaru em Cuzco e outros povoados que serviam de base para a rebelião, a prisão e execução de capitães seguidores do chefe rebelde e fuga de suas tropas.²⁶

Em resposta a Francisco Requena, João Pereira Caldas assegurou ter comunicado ao governador de Mato Grosso sobre “o escandaloso sucesso na Província de Cuzco” assim como sobre o “êxito que tiveram as Armas de Sua Majestade Católica empregadas contra o índio rebelde, cabeça daquela sublevação, e seus sequazes.”²⁷ As notícias sobre a enorme rebelião indígena no Peru, de fato, partiam com mais detalhes da Audiência de Charcas à Capitania do Mato Grosso,²⁸ tornando-se um dos temas discutidos entre suas autoridades e as do Estado do Grão-Pará e Rio Negro. Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, Governador e Capitão-General da Capitania do Mato Grosso, havia recebido do Governador de Santa Cruz notícias sobre as “circunstâncias críticas e sem dúvida perigosas a que os domínios mais interiores do Peru se têm visto reduzidos ultimamente.” Os índios daquelas partes da América estavam envolvidos “em uma guerra a mais cruel, dizem que lembrara

²⁵ APEP, Códice 375, Documento 42. Ofício de Francisco Requena a João Pereira Caldas. Tabatinga, 06/05/1781.

²⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.4, D.227. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 21/09/1781.

²⁷ APEP, Códice 376, Documento 54. Ofício de João Pereira Caldas a Francisco Requena. Barcelos, 04/10/1781.

²⁸ A respeito das comunicações sobre as revoltas indígenas nos Andes direcionadas a autoridades no Mato Grosso, conferir: Virgílio CORRÊA FILHO. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969, p.413.

sacudir o jugo espanhol pela excessiva vexação, principalmente de tributos, que experimentavam.” Esse estado crítico atrasava o trabalho de demarcação da extensa fronteira luso-espanhola do Mato Grosso, visto que os demarcadores espanhóis da 2ª e 3ª Partidas ainda não haviam aparecido. No entanto, as informações apresentadas pelo Governador de Santa Cruz foram recebidas com desconfiança por Pereira e Cárceres, sabedor que era do “disfarce e dissimulação notórios” das relações com os espanhóis na fronteira.²⁹ Por trás das comunicações sobre os gravíssimos problemas enfrentados pela Espanha na América meridional (comunicações essas que deveriam pautar a aliança então firmada entre Lisboa e Madri) poderiam, de fato, estar encobertos planejamentos prejudiciais aos interesses portugueses, embora a autoridade portuguesa não soubesse especificar, naquele momento, quais seriam esses planos. De igual modo, as autoridades espanholas deixavam transparecer o receio de que índios rebeldes em fuga para a América portuguesa pudessem contar com o apoio de moradores e autoridades locais. Uma vez mais, as aproximações e as desconfianças que marcavam a relação entre os Impérios ibéricos nessa conjuntura pautaram a comunicação e a recepção das informações sobre os levantes andinos.

Pelo Forte do Príncipe da Beira, limítrofe à Província de Moxos, chegaram a Pereira Cárceres mais papéis³⁰ sobre as sublevações indígenas no Reino do Peru, constando a notícia de que “o chefe dos levantados, Don José Gabriel Tupac Amar, se achava preso e na disposição de ser justicado.” Mais uma vez, o governador do Mato Grosso recebeu as novidades dos espanhóis com dúvidas, “divulgadas talvez muito de propósito pelos espanhóis, com a sagacidade de não afear a mencionada sublevação, que aliás consta ser coisa muita grande.”³¹ Os oficiais do Forte Príncipe da Beira também comunicaram ao Governador do Mato Grosso sobre as agruras vivenciadas pela cidade de La Paz, “quase toda destruída” pelos índios, onde “pereceram mais de 12 mil pessoas à peste, fome e guerra;” a fuga de seus

²⁹ Mato Grosso, AHU. Ofício do Governador e Capitão-General do Mato Grosso, Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila Bela, 27/10/1781.

³⁰ Entre os papéis sobre as sublevações indígenas recebidos pelo governador português, constavam os *Artículos de Convenio celebrado en el Pueblo de Pucarani, Provincia de Omasuyos, en 3 de Noviembre del 1781*, as *Noticias y pasajes precedidos en el Reino del Perú, en el levantamiento hecho por José Gabriel Tupa Amaro, cacique de tres pueblos, Tungasuya, Pampamanca y Acopia, Provincia de Tinta*, as *Noticias ultimas que llegaron de Santa Cruz*, as *Noticias de la expedición del Teniente Coronel Don Ignacio Flores desde el día 24 de Junio hasta el 24 de Julio de 1781, dadas por 3 desertores del valle de Carasa, de la Provincia de Charanta o Cochabamba, y salieron de La Paz el citado día 24 de Julio*, as *Providencias que han dado los indios rebeldes que se hallan en los minerales de Tipoani y Mapiri, unidos estos con los indios chuchos de Apolo, misiones de los padres Franciscos de la Banda*, as *Noticias de Cochabamba del día 25 de Septiembre de 1781*.

³¹ Mato Grosso, AHU. Ofício do Governador e Capitão-General do Mato Grosso, Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila Bela, 14/02/1782.

moradores pelos “rio Beni, ou Madeira, às missões de Isiamas a de Reis, e as mais de Moxos,” como também para Santa Cruz e outros lugares; os efeitos de “uma guerra dilatada e um universal desassossego a todos os habitantes, extinguindo-lhes os gados e as sementeiras, roças e minas,” privando de índios os cultivadores, “porque os índios são como entre nós os pretos no Brasil, que sem eles nada se faz;” a rebelião dos indígenas das missões de Apolobamba, “que seguiam a voz do rebelde Tupac Amaru;” a continuação das revoltas no Peru, agora lideradas por um irmão de José Gabriel Túpac Amaru e que “se fizera aclamar rei e jurar rei por aquelas gentes, como sucessor do morto.”³² Além da guerra contra os índios, Pereira Cárceres soube por outros escritos chegados da fronteira³³ que os espanhóis estariam enfrentando uma ofensiva dos ingleses (confirmando as informações repassadas ao Vice-Rei do Brasil, como visto acima), os quais supostamente “investiram e tomaram de próximo, e sem a menor oposição, todos os mais principais estabelecimentos espanhóis do Rio da Prata, principalmente pela capital de Buenos Aires.”³⁴ As notícias múltiplas e incertas chegadas ao Mato Grosso da fronteira espanhola, entrecruzando narrativas sobre as revoltas indígenas nos Andes e relatos de ofensivas britânicas ao Rio da Prata, acenavam para uma possível crise continental do Império espanhol, e que, certamente, viria a envolver os vizinhos domínios lusos.

Em 1782, a Partida espanhola ainda não havia chegado ao Mato Grosso, levando seu governador a acreditar que os oficiais espanhóis estavam mais ocupados “na expedição contra os sublevados do Peru, cujo principal teatro de hostilidades tem sido as mediações da cidade de La Paz, Cochabamba e Cuzco, a 360, 400 e muitas mais léguas” de distância da fronteira com o Mato Grosso.³⁵ As diferenças no andamento das demarcações entre Mato Grosso e Rio Negro foram discutidas entre Pereira e Cárceres e Pereira Caldas. Em ofício de 1782 do Governador do Mato Grosso ao Comissário da Quarta Partida portuguesa, Pereira e Cárceres via a demora dos espanhóis em iniciar a demarcação em sua Capitania como uma “estranha

³² Mato Grosso, AHU. Ofício do Governador e Capitão-General do Mato Grosso, Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila Bela, 25/07/1782.

³³ *Noticias de Buenos Aires, Julio 10 de 1781, e Novidades comunicadas de Montevideo, con fecha 7 de Julio de 1781.*

³⁴ Mato Grosso, AHU. Ofício do Governador e Capitão-General do Mato Grosso, Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila Bela, 05/11/1781.

³⁵ Mato Grosso, AHU. Ofício do Governador e Capitão-General do Mato Grosso, Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila Bela, 14/02/1782.

suspensão,” por “impossibilidade ou malícia dos espanhóis.”³⁶ Para Pereira e Cárceres, parecia possível que a demora dos espanhóis na sua fronteira não se devesse somente à sublevação dos índios. Desconfiava o Governador que os espanhóis não esperavam ganhar, mediante as demarcações, tanto território nos limites com o Mato Grosso quanto poderiam alcançar nas terras do Rio Negro, o que explicaria o maior empenho da Partida demarcadora castelhana nessa última capitania. E o principal ganho, segundo ele, seria a anexação de Tabatinga aos domínios espanhóis, a qual serviria de ponta de lança de um possível avanço castelhano sobre o Rio Negro e o Mato Grosso.³⁷ A Coroa espanhola, no entendimento de algumas autoridades portuguesas, não estava tão fragilizada na América por conta das rebeliões indígenas, como faziam crer os informes oriundos do Peru e do Alto Peru. Ao contrário, poderia estar em andamento, desconfiavam os portugueses, um plano de avanço militar sobre os domínios lusos na América.

O fluxo para o território luso-americano de notícias sobre as revoltas indígenas nas terras hispano-americanas revelava-se importante para os vassalos portugueses, os quais, a partir de diferentes fontes de informações, gestavam suas expectativas quanto às possíveis consequências desse evento nas suas fronteiras, e mesmo nas disputas imperiais que opunham Espanha e Grã-Bretanha (disputas essas que envolviam diretamente o Império português). Informações sobre as revoltas indígenas mesclavam-se com temores de que os portugueses acolhessem ou apoiassem os sublevados, ou de que os espanhóis estivessem se utilizando dessas notícias para encobrir seus planos militares contra as fronteiras luso-americanas, atestando a permanência das rivalidades imperiais e como as mesmas constituíam importantes “filtros” nas interpretações formuladas pelas autoridades ibéricas a partir do que era comunicado nas relações fronteiriças.

Além do mais, pode-se aventar a possibilidade de que as informações sobre motins indígenas e tributários, que tantos descontentamentos alimentaram nas possessões americanas de Castela, servissem de referencial para que colonos e autoridades pensassem as políticas reformistas aplicadas na América portuguesa em relação às nações indígenas e às práticas de tributação.³⁸ Por fim, não se pode perder de vista que as demarcações significavam uma

³⁶ Mato Grosso, AHU. Ofício do Governador e Capitão-General do Mato Grosso, Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila Bela, 02/07/1782.

³⁷ Mato Grosso, AHU. Ofício do Governador e Capitão-General do Mato Grosso, Luis de Albuquerque de Melo Pereira e Cárceres, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila Bela, 25/07/1782.

³⁸ As ressonâncias das rebeliões andinas no mundo luso-americano podem ser identificadas inclusive na produção literária, a exemplo do soneto de Basílio da Gama dedicado a Túpac Amaru (“Ao Inca que no Peru

política fortalecimento dos poderes imperiais no Novo Mundo, na medida em que operavam a definição territorial das soberanias monárquicas. As rebeliões indígenas, por sua vez, concorriam justamente para o oposto, enfraquecendo, ou mesmo contestando diretamente, a autoridade da Coroa espanhola no continente. Desse modo, cabia aos demarcadores atentar para os levantes dos índios na área andina, na medida em que colocavam em xeque a soberania monárquica na América, da qual os oficiais das Partidas demarcadoras deveriam agir como seus defensores.

A circulação de gazetas entre as Partidas demarcadoras.

O acesso mais amplo a informações por parte dos oficiais envolvidos nos trabalhos de demarcação exigia a circulação de documentos que trouxessem relatos considerados confiáveis ou tidos como oficiais, o que poderia ser concretizado através da troca de periódicos entre os membros das Partidas de demarcação. Deve-se destacar que, ao longo do século XVIII, ocorreu a proliferação de periódicos publicados nas principais cidades hispano-americanas, bem como remessas mais constantes para o Novo Mundo de gazetas produzidas na Europa. O consumo de gazetas desempenhava uma função importante nas formas de construção das interpretações políticas, destacando-se o papel da imprensa (composta primordialmente por jornais oficiais) como arma de propaganda nas conjunturas de conflitos bélicos internacionais.³⁹

Nas áreas coloniais espanholas, circulavam tanto periódicos editados localmente quanto aqueles originados da Península e de outras zonas americanas (colônias inglesas, francesas e dos Estados Unidos), em grande medida graças ao contrabando. A difusão dos periódicos na América colonial valeu-se, em parte, do aumento do público leitor em certas regiões, mas também da prática da leitura pública, o que permitia a apropriação das informações e representações escritas por um público não alfabetizado, alimentando

armando algumas tribos declarou guerra aos espanhóis e por algum tempo os debelou”), no qual exaltava sua figura, criticando os espanhóis e a exploração sofrida pelas populações indígenas: “Dos curvos arcos, açoitando os ares,/ Voa a seta veloz do índio adusto;/ O horror, a confusão, o espanto, o susto/ Passam da terra e vão gelar os mares.// Ferindo a vista os trêmulos cocares/ Animoso esquadrão de chefe augusto/ Rompe as cadeias do espanhol injusto/E torna a vindicar os pátrios lares.// Inca valente, generoso indiano!// Ao real sangue que te alenta as veias/Une a memória do paterno dano.// Honra as cinzas de dor e injúrias cheias,/ Qu’inda fumando a morte, o roubo, o engano,/Clamam vingança as tépidas areias”. Apud: Heitor MARTINS. *Neoclassicismo*. Rio de Janeiro: Brasília: Academia Brasileira de Letras, 1982, p. 89.

³⁹ David GONZÁLES CRUZ. “Propaganda y fuentes de información en la prensa periódica de la América hispana durante las guerras del siglo XVIII.” *Obradoiro de Historia Moderna*, n. 20, 2011, 355-384.

discussões e especulações sobre as conjunturas vivenciadas pelo Império espanhol.⁴⁰ Em contraste com o que ocorria nos Vice-Reinos e Capitanias Gerais hispano-americanas, na América portuguesa imperava a proibição de instalação de impressas, o que não vedava o consumo de periódicos peninsulares, e mesmo de outras procedências, graças ao contrabando em cidades portuárias.⁴¹

O amplo sentido político dos trabalhos de demarcação exigia a constante circulação de informações, a qual poderia ser concretizada, entre outras maneiras, através da troca de gazetas entre os membros das Partidas de demarcação. A remessa de gazetas era uma demonstração de cordialidade entre as partes, mas principalmente um recurso de instrução sobre o contexto político internacional e suas possíveis implicações nas negociações sobre os limites territoriais. Os oficiais demarcadores, ao receber e ler os periódicos vindos do território vizinho, frequentemente os remetiam para as principais autoridades locais, resumindo as informações que consideravam mais relevantes nessas publicações. Nessa “triagem” de notícias realizada pelos demarcadores, ganhavam destaque aquelas sobre as casas reais ibéricas, seus gestos protocolares de aproximação, a saúde de seus membros e as sucessões monárquicas, questões políticas recorrentes e importantes nas monarquias do Antigo Regime.

Tal procedimento de seleção de informações políticas mediante a leitura de periódicos pode ser entendido a partir do gesto de João Batista Mardel, quando ele recebeu de Francisco Requena “um *Mercurio*⁴² e um maço de gazetas de todo o ano de [17]84 e do de [17]85 até maio.” Da leitura dos impressos, Mardel destacou em ofício dirigido a João Pereira Caldas “a notícia de ter Sua Majestade Católica condecorado o Sereníssimo Príncipe da Beira Nosso Senhor, e Sua Alteza o Senhor Infante Dom João, com o toão de ouro [da *Orden de Caballería del Toisón de Oro*] e mantos.”⁴³ Em 1789, em retribuição a outro lote de gazetas enviadas por Requena, Henrique João Wilckens entregou ao Primeiro Comissário espanhol “os Correios de Londres”. Entre as notícias coligidas das gazetas espanholas, destacou Wilckens a relativa ao estado de saúde de “Sua Alteza Real o nosso Príncipe,” que se

⁴⁰ Claudia ROSAS LAURO. *Del Trono a la Guillotina: El Impacto de la Revolución Francesa en el Perú (1789-1808)*. Lima: IFEA, Fondo Editorial de la PUCP, Embajada de Francia en el Perú, 2006, pp. 53-65.

⁴¹ Juliana Gesuelli MEIRELLES. *A “Gazeta do Rio de Janeiro” e o impacto na circulação de ideias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2006, pp. 48-52.

⁴² Provavelmente se trate do *Mercurio Historico y Politico*, publicado em Madri de 1738 a 1784, quando passou a ser chamado de *Mercurio de España*. O periódico mencionado na fonte não poderia ser o famoso *Mercurio Peruano*, publicado em Lima, visto que seu primeiro número data de 1791.

⁴³ APEP, Códice 382, Documento 19. Ofício de João Batista Mardel a João Pereira Caldas. Ega, 27/01/1786.

submetera a uma operação “por causa de um tumor que lhe nasceu no pescoço.”⁴⁴ A recepção e leitura dessas publicações evidenciam os critérios de seleção de informações realizada pelos oficiais na fronteira, os quais destacavam aquelas que diziam respeito às relações diplomáticas e à política da Corte. Por outro lado, o tempo de circulação e divulgação da informação escrita nessas áreas limítrofes, principalmente através do suporte dos periódicos, revelava-se extremamente lento, a julgar pelo caso de Mardel, que, em 1786 recebeu dos espanhóis gazetas publicadas nos dois anos anteriores.

Outro caso, porém, é mais elucidativo quanto à temporalidade da circulação de periódicos no espaço em questão. No dia sete de outubro de 1789, Henrique João Wilckens foi oficialmente comunicado pelo Primeiro Comissário Requena do falecimento do monarca espanhol Carlos III (ocorrido no dia 14 de dezembro de 1788) e da ascensão ao trono de Carlos IV. Wilckens soube de maneira mais circunstanciada sobre isso por meio de uma coleção de gazetas remetidas a ele por Requena, consistindo nas “Gazetas de Madrid, que compreendem desde o número 44, sexta-feira, 30 de maio, até o número 105, terça-feira, 30 de dezembro do ano passado de 1788,” além das “que são do número 1, sexta-feira, 2 de janeiro, até o número 20, terça-feira 10 de março” de 1789. A demora do Comissário espanhol em informar a morte do rei certamente se devia não apenas às dificuldades de contato da área de fronteira com outras partes do império e a consequente demora na circulação de periódicos,⁴⁵ mas também à cautela dos oficiais em selecionar o que contar aos portugueses e em qual momento fazê-lo. Antes de ser comunicado por Requena e receber as gazetas espanholas, o Comissário português já soubera da morte de Carlos III através das “canoas vindas da confinante Província de Maynas.”⁴⁶

As gazetas enviadas pelos demarcadores espanhóis quando decidiram comunicar oficialmente os portugueses sobre a mudança no trono em Madri conferiam, assim, maior credibilidade a notícias que já circulavam informalmente (e de maneira mais rápida) no espaço da fronteira. A informação transmitida através da oralidade, nos contatos entre participantes das duas comissões demarcadoras, revelava-se muito mais ágil, porém

⁴⁴ APEP, Códice 461, Documento 38. Ofício de Henrique João Wickens a Manoel da Gama Lobo d’Almada. Barcelos, 22/12/1789.

⁴⁵ Segundo Claudia Rosas Lauro, a *Gaceta de Madrid*, considerada uma das principais fontes de notícias, demorava de cinco a oito meses para chegar a Lima, onde costumava ser reeditada. Esse periódico madrileno era remetido duas vezes por semana da Península, chegando a Lima principalmente pelas rotas de La Habana e Buenos Aires. Cf.: *Del Trono a la Guillotina*. Op. cit., pp. 67-68. Ver também: Víctor PERALTA RUIZ. “Prensa y redes de comunicación en el Virreinato del Perú, 1790-1821.” *Tiempos de América*, n.12 (2005), pp.113-131.

⁴⁶ PCDL, Arquivo Ponte Ribeiro, A-36: Correspondência de Diversos com o Governo (1762-1803). Ofício de Henrique João Wilckens a Manoel da Gama Lobo d’Almada. Ega, 13/10/1789.

certamente menos precisa do que aquelas divulgadas pelas gazetas, ampliando as margens de incerteza na condução das políticas diplomáticas no espaço fronteiriço. Isso não significa afirmar que os periódicos fossem mais “isentos” ou “verdadeiros,” tendo em vista as recorrentes censuras e omissões de informações presentes nessas publicações⁴⁷ – e os próprios oficiais demarcadores, em diferentes ocasiões, mostravam-se reticentes quanto à veracidade do que constava nas gazetas que chegavam a suas mãos. Contudo, a informação “contada” ou “narrada,” ainda que fosse estratégica na área (o que será abordado mais adiante), estava sujeita a mais reelaborações e adaptações, de modo que as autoridades deveriam mostrar-se cautelosas com o que sabiam somente através de relatos orais, procurando cruzá-los com outros suportes de informação, a exemplo das gazetas. Convém destacar, acima de tudo, a complementaridade de fontes orais, manuscritas e impressas de informação, adensando as possibilidades de interpretação dos sujeitos encarregados do reconhecimento e defesa dos limites territoriais.

Deve-se ainda sublinhar que as aproximações mantidas entre oficiais das duas Partidas demarcadoras abriam rotas alternativas de circulação de periódicos portugueses e espanhóis na América, alcançando pontos remotos do continente, conectando-os a acontecimentos e questões referentes a outros espaços do mundo atlântico. Os resumos de notícias, realizadas pelos oficiais demarcadores quando remetiam as gazetas das áreas de fronteira para os núcleos administrativos regionais (como a cidade de Belém), revelam, por sua vez, que os fluxos de informações não seguiam necessariamente um sentido “centro-periferia.” Relatos sobre questões fundamentais para as Monarquias (como a sucessão de um monarca) poderiam chegar à fronteira do Rio Negro com Maynas não somente através de comunicados enviados a partir de Lisboa e de Belém, por exemplo, mas sim mediante contatos mantidos entre autoridades e demais moradores na zona de fronteira.

Além do falecimento do rei, as gazetas espanholas recebidas por Wilckens traziam informações sobre o luto determinado pela rainha portuguesa devido à morte do monarca espanhol, pelo que o oficial português solicitou ao Governador Lobo d’Almada orientações sobre o tempo de luto que a Partida portuguesa deveria respeitar. Também perguntou a Lobo d’Almada sobre as celebrações que deveriam ser dirigidas pelos oficiais lusitanos em homenagem a Carlos IV e sua esposa, Rainha Dona Luiza. Henrique João Wilckens percebia

⁴⁷ André BELO. “Notícias impressas e manuscritas em Portugal no século XVIII: horizontes de leitura da *Gazeta de Lisboa*.” *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n.22, jul./dez. 2004, pp. 15-35; David GONZÁLES CRUZ. “Propaganda y fuentes de información en la prensa periódica de la América hispana durante las guerras del siglo XVIII.” Op. cit.

que os participantes da comissão espanhola estavam à espera de novas determinações vindas pelo correio de Quito, pois a coroação do Carlos IV poderia trazer novas orientações para o assunto das demarcações; naquele momento, o novo monarca estava mais ocupado em “fazer novas promoções em todas as repartições e governos do Reino e Conquistas.” Wilckens também destacou na leitura dos periódicos espanhóis as notícias sobre a nomeação de novos ocupantes de cargos na administração portuguesa, e sobre o falecimento de membros da nobreza lusa.⁴⁸

Importava igualmente aos oficiais das Comissões demarcadoras tomar conhecimento, por meio da leitura das gazetas, dos embates militares e diplomáticos que se desenrolavam em outros impérios. Das gazetas espanholas recebidas por Wilckens, o oficial português também destacou a Lobo d’Almada as notícias a respeito do desenrolar da campanha russa contra o Império Otomano, os avanços turcos no território russo, as batalhas navais vencidas pelos russos, o ataque sueco contra a Dinamarca, e a espera, “por meio das ajustadas tréguas ou armistício, de uma próxima paz, ou quando não uma guerra universal.” Também relatou Wilckens ao Governador do Rio Negro a informação que as gazetas espanholas traziam sobre a demência do rei inglês, os debates que tal situação suscitou no Parlamento e a regência assumida pelo Príncipe de Gales “durante a moléstia do Rei seu pai.”⁴⁹ A partir dos periódicos trocados entre as Partidas demarcadoras, ressonâncias sobre as relações dos Estados monárquicos europeus, com as disputas, guerras e discussões que ocorriam em outros espaços e tempos, chegavam ao conhecimento dos oficiais portugueses e espanhóis, alimentando expectativas quanto ao desenrolar do quadro internacional, um quadro no qual estava inserida a definição dos limites americanos dos Impérios ibéricos.

⁴⁸ PCDL, Arquivo Ponte Ribeiro, A-36: Correspondência de Diversos com o Governo (1762-1803). Ofício de Henrique João Wilckens a Manoel da Gama Lobo d’Almada. Ega, 13/10/1789.

⁴⁹ PCDL, Arquivo Ponte Ribeiro, A-36: Correspondência de Diversos com o Governo (1762-1803). Ofício de Henrique João Wilckens a Manoel da Gama Lobo d’Almada. Ega, 13/10/1789.

Figura 10

Gaceta de Madrid, um dos periódicos trocados entre as Partidas demarcadoras. Disponível on-line: http://archive.org/stream/gazetademadrid_1788-89madr/uconn_asc_ocr5306156#page/n0/mode/2up

Entre os temas que também passaram a ocupar espaço nos periódicos que circulavam na América de finais do século XVIII, estava a Revolução Francesa. No final da década de 1780 e início da seguinte, as interações entre as duas partidas demarcadoras possibilitaram a divulgação de notícias sobre os estranhos sucessos que estavam se desenrolando na França. Nas publicações que circulavam nas colônias espanholas, prevalecia uma imagem extremamente crítica e pessimista sobre os rumos dos acontecimentos na França (principalmente depois do regicídio) e suas ameaças sobre outras monarquias europeias.⁵⁰ Os periódicos castelhanos que chegavam às mãos dos portugueses traziam relatos sobre a crise da monarquia francesa, causando uma recepção surpresa e cautelosa entre os oficiais que serviam nos sertões do norte da América portuguesa.

Escrevendo a Lobo d'Almada em 1789, atentou Henrique João Wilckens que, “em uma das ditas cópias [das gazetas espanholas], verá (...) que correm novidades importantes sobre a celebração das Cortes em Versalhes, mas não dou as ditas novidades, porque ainda duvido delas.”⁵¹ No ano seguinte, Wilckens ofereceu ao Primeiro Comissário espanhol

⁵⁰ Claudia ROSAS LAURO. *Del Trono a la Guillotina*. Op. cit., pp. 99-106.

⁵¹ APEP, Códice 461, Documento 38. Ofício de Henrique João Wickens a Manoel da Gama Lobo d'Almada. Barcelos, 22/12/1789.

gazetas, “algumas mais modernas,” e que contavam “miudamente o levantamento de Paris.” Outras notícias que corriam, “ainda mais desvantajosas para El Rey de França e contra a nobreza de Paris,” decidiu Wilckens não as dar aos espanhóis, “porque receio que não são verdadeiras.”⁵² Nos fluxos de informações empreendidos pelos demarcadores, tão importante quanto o que compartilhar era o que não dizer, mantendo-se em sigilo dados e relatos considerados duvidosos ou estratégicos, selecionando-se as notícias que conviriam ser transmitidas para os oficiais vizinhos.

De modo semelhante à recepção das notícias sobre as rebeliões andinas, a demanda por informações a respeito dos acontecimentos na França obedecia à necessidade das autoridades ibéricas na fronteira em fundamentar seus planejamentos políticos com base nas experiências em curso, tanto no espaço americano quanto no europeu. No caso da Revolução Francesa, seus sucessos apontavam com veemência a crise do Absolutismo e do Antigo Regime, alterando igualmente o equilíbrio de forças na Europa, o que traria consequências para as zonas coloniais.⁵³ Justificava-se, assim, a atenção por parte dos oficiais demarcadores sobre os fatos em curso na França de fins do XVIII. Os planejamentos das autoridades demarcadoras requeriam também selecionar as notícias que conviriam ser transmitidas para os oficiais vizinhos, como exemplifica a postura adotada por Wilckens com respeito às gazetas que recebera e não repassara aos espanhóis.

Murmúrios, boatos, conversações.

Além dos documentos manuscritos (como os ofícios trocados entre os membros das partidas demarcadoras) e impressos (a exemplo das gazetas), a oralidade desempenhava um papel de peso na circulação de informações no espaço fronteiriço. As informações inicialmente transmitidas a partir de suportes manuscritos ou impressos eram comumente difundidas (e reelaboradas) pela transmissão oral, já que a prática da leitura em público ou coletiva era bastante disseminada na América do período, possibilitando o conhecimento e a discussão de ideias e acontecimentos entre um público não alfabetizado.⁵⁴

⁵² APEP, Códice 461, Documento 66. Ofício de Henrique João Wilckens a Manoel da Gama Lobo d’Almada. Barcelos, 14/05/1790.

⁵³ István JANCSÓ. *Na Bahia, Contra o Império. História do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: EDUFBA, 1996, p.164.

⁵⁴ Luiz Carlos VILLALTA. “O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura.” In: Laura de Mello e SOUZA (org). *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 382, pp. 331-385.

De fato, não se tratava de um dado característico apenas das áreas de fronteira ou do mundo colonial americano, sendo possível identificar esse protagonismo da oralidade nas formas de comunicação em outras sociedades de Antigo Regime, mesmo em áreas com expressivos contingentes de pessoas alfabetizadas e ampla circulação de material impresso.⁵⁵ No entanto, deve-se atentar que em áreas de fronteira como a enfocada nesse trabalho, e em razão das tensões e desconfianças que permeavam a relação entre as autoridades locais, ouvir relatos sobre o que se passava no outro lado ou descrições do espaço vizinho adquiria uma função estratégica no conhecimento do território e no planejamento das ações militares. As demarcações luso-espanholas na América, ao impulsionar a movimentação de sujeitos entre as possessões das duas Coroas, ampliaram as possibilidades de circulação de informações orais. No caso da Capitania do Rio Negro, a longa permanência de militares espanhóis e índios de Maynas nas terras luso-espanholas propiciou que ocorressem contatos com os habitantes locais e a circulação de relatos orais entre as partes espanhola e portuguesa confinantes.

A defesa dos direitos territoriais das monarquias ibéricas na América deveria atentar para a ocupação e as comunicações existentes nos territórios coloniais limítrofes. No caso dos demarcadores portugueses na fronteira norte, importava ter informações sobre as ligações entre a Província de Maynas com outras partes dos domínios da Coroa espanhola no continente. Essas informações embasavam os planos de defesa da Capitania, e mesmo a formulação de estratégias ofensivas contra os espanhóis. A partir do convívio com índios e soldados espanhóis, empregados na demarcação, os portugueses indagavam a respeito da América espanhola, obtendo assim informações que subsidiavam suas ações de defesa territorial naqueles longínquos pontos do Império ultramarino.

Através de conversações mantidas com participantes da comissão demarcadora espanhola, o comandante da vila de Olivença, no Rio Negro, ficou sabendo através de um índio vindo de Maynas sobre a “grandeza da América de Espanha,” com “nove arcebispados e bispados,” sendo possível seguir de Quito a Mato Grosso em seis meses, passando-se antes por um “caudaloso rio que diziam emanava para a parte de Portugal, e deste ia um braço, rio a

⁵⁵ Estudando a cobertura dos periódicos britânicos e franceses à Revolução Americana, William Slauter destaca a importância dos relatos orais dos capitães de navios que cruzavam o Atlântico como fontes para o que era publicado na imprensa, a qual transformava rumores em notícias que logo se revelavam falsas. William SLAUTER. *News and Diplomacy in the Age of the American Revolution*. PhD Thesis. Princeton University, 2007, p. 26 e pp. 47-48.

que os portugueses chamam Mamoré”.⁵⁶ O comandante de Tabatinga, por sua vez, sintetizou algumas das informações sobre as “fronteiras províncias espanholas” que havia alcançado por meio de “indagações” dirigidas a soldados espanhóis que passaram por sua vila. Um soldado espanhol, de nome João Urtino, relatou ao comandante de Tabatinga sobre a existência de uma estrada ligando a povoação *maynense* de Pebas ao rio Içá, e que contava com ranchos pelo caminho. Essa rota era também utilizada para remessa de correspondências, como as que eram remetidas aos padres do rio Içá. Subindo pelo mesmo rio, contou o soldado, chegava-se ao “lugar de brancos” chamado Levandoja, e mais acima à cidade de Pasto, de onde era possível seguir para Paíta, e de Paíta a Popayán, daí para Cali, e depois para Boga, Cartagena, Província de Citara e Santa Fé – “e esta tem Arcebispo e Vice-Rei.” Outro caminho era o que, pelo Amazonas, seguia para Jaén de Bracamoros e, dois dias de viagem depois, para Colacem, “povoação de índios e mulatos, homens e mulheres.” De Colacem ia-se a Vito (“já tudo são brancos”), e depois a Goanogo, de onde se partia para Parcos, Chupicos e a Trujillo (“esta é cidade grande, tem Bispos”). Dessa última, seguia-se, em cinco dias de viagem, para Lima, “cidade em porto de mar, tem arcebispo e Vice-Rei,” afirmou o comandante com base no relato do soldado espanhol.⁵⁷

O comandante de Tabatinga, Francisco Roiz Campos, também remeteu ao chefe da Partida portuguesa uma descrição da cidade de Quito, enviada pelo padre de Pebas através de uma igarité espanhola que seguia para Ega, e que levava quatro soldados presos (“dois espanhóis, dois portugueses”), manteigas de tartaruga para a expedição espanhola e 11 índios de equipação. Não foi possível saber os motivos pelos quais o dito padre enviou o documento, intitulado “Noticias ciertas de la Provincia de Quito, y sus respectivas ciudades, villas y asientos,”⁵⁸ e nem por que a embarcação espanhola se prestou a servir de correio na comunicação entre o religioso espanhol e o militar português. O comandante Roiz Campos, talvez de maneira conveniente, não entrou em detalhes sobre esse ponto. Se havia relações comerciais entre o religioso espanhol e o comandante de Tabatinga (algo comparável com o caso do religioso de Nogueira, que propôs sustentar o contrabando com a Partida espanhola,

⁵⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.13, D. 477. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 30/04/1787.

⁵⁷ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.14, D.534. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 07/10/1788.

⁵⁸ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.14, D.534. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 07/10/1788.

conforme visto no capítulo anterior), ou se eram outras as razões para esse contato, não importava ao oficial português explicá-las. A ele importava fazer com que a descrição chegasse às mãos de João Pereira Caldas, o que de fato ocorreu.

As “Noticias ciertas” traçavam uma descrição física da cidade de Quito, os “cerros” próximos a ela, suas habitações e principalmente suas ricas construções religiosas. Além disso, trazia notícias sobre os caminhos que ligavam Quito a outras cidades da Audiência.⁵⁹ O religioso de Pebas também remeteu ao comandante de Tabatinga um mapa da Província de Ávila e do rio Napo, acompanhado de uma explicação sobre o mesmo. O texto remetido pelo religioso descreve as dificuldades de navegação pelo Napo, as localidades às suas margens, os principais portos, a produção de alimentos, a produção de ouro, a quantidade índios tributários. Essas informações mereceram crédito do comandante Roiz Campos, pois o cura de Pebas havia vivido por quatro anos na área do rio Napo.⁶⁰

O comandante de Tabatinga também se encarregou de indagar, “com toda a cautela e segredo,” os membros da Partida espanhola sobre a Província de Maynas e suas comunicações com outras partes da América. Dessas sigilosas indagações, foi possível saber que de Tabatinga a Loreto gastava-se pouco mais de um dia de navegação. Loreto, segundo as descrições coletadas, era um “lugar pequeno, de índios da nação ticuna,” a maior parte vivendo “no mato, mocambo que lhe fica perto por terra.” Loreto não tinha casas ou igreja, e era protegida por somente dois soldados, “um [dos quais atuava] como Diretor.” Em dois dias de viagem, chegava-se a Camucheros, também habitada por índios Ticuna, mas contando com uma igreja, um comandante militar e sete soldados. De Camucheros a Cochiquina levava-se um dia, e esta última povoação, habitada por índios Mayoruna, era dirigida por um soldado. Depois de três dias de navegação chegava-se a Pebas, “vila grande,” com um padre, cinco soldados e índios da nação Pebas; dessa vila seguiam os correios para Quito, através do rio Napo. Também foi possível ao comandante de Tabatinga sistematizar quantos dias de viagem gastava-se da Província de Maynas para outras localidades e vilas da Audiência de Quito, trazendo ainda notícias sobre suas autoridades, seus moradores, a função que certas vilas

⁵⁹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.14, D.534. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 07/10/1788.

⁶⁰ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.13, D.514. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 22/04/1788.

exerciam no abastecimento da Partida espanhola que se encontrava no Rio Negro.⁶¹ Todas essas informações, para os oficiais portugueses, poderiam servir de estimativas quanto ao tempo de viagem nas terras hispano-americanas vizinhas, sua produção, sua população, dados importantes para fundamentar medidas de defesa ou ataque naquela fronteira.

Em Ega, no ano de 1784, o ajudante de cirurgia José Ferreira conseguiu extrair, de conversas com “alguns espanhóis,” informações sobre a cidade de Quito. Soube ele que a cidade, “não obstante ser das principais da América espanhola,” não era fornecida de tropas como as localizadas no litoral e nos rios que desaguavam no mar. Ainda segundo os relatos dos espanhóis, Quito contava com um regimento de auxiliares, fornecendo também destacamentos a Guayaquil. Segundo afirmou o soldado espanhol Álvaro ao ajudante de cirurgia, havia em Quito dois mil homens no serviço das armas. Em contrapartida, Quito dispunha de uma casa de pólvora, 40 peças de bronze de vários calibres, seis morteiros grossos, dois dos quais enviados em 1777 da Espanha, e outros dois fabricados na própria cidade por ordem do Presidente da Audiência, no momento em que se planejava a já mencionada ofensiva militar contra a América portuguesa. Gaspar de Santisteban, oficial espanhol e cunhado de Francisco Requena, afirmou em conversa com o auxiliar de cirurgia da Partida portuguesa que no ano de 1776 “estavam prontos 4000 homens para descender pelo Amazonas” e fazerem guerra aos portugueses. A numerosa tropa ficara aquartelada em Quito, em um convento que antes pertencera aos jesuítas, à espera de um ataque que não se concretizou. A cidade de Quito também havia recebido mais soldados para defender-se das “frequentes sublevações dos índios,” segundo contou um marinheiro espanhol de nome Antonio.⁶² O soldado Alvaro, em outra oportunidade, assegurou que em Maynas haviam

⁶¹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.13, D.514. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 22/04/1788.

⁶² As medidas defensivas adotadas na Audiência de Quito, em princípios da década de 1780, não visavam proteger o território apenas das rebeliões indígenas que agitavam as zonas andinas do vizinho Vice-Reino do Peru. Naquele mesmo período, o Vice-Reino de Nova Granada, ao qual estava integrado o território quiteño, vivenciou a não menos sangrenta revolta dos comuneros. O Presidente da Audiência de Quito, ao saber das revoltas em Pasto, nas quais o tenente governador local fora morto, determinou a formação de um corpo militar de 150 homens de milícias, que faria a defesa dos corregimentos de Ibarra e Otavalo. A capital, Quito, também deveria ter sua guarnição aumentada em 100 homens, bem como 30 soldados para a infantaria e 30 para os “dragonos montados” que fariam patrulhas, tudo isso para que se evitasse a repetição dos “tan perniciosos ejemplos como los del Perú y Santa Fe.” AGS, Secretaría del Despacho de Guerra, Legajo 7070, Expediente 11. Carta n.28, del Presidente de la Audiencia para el Visitador Pizarro. Quito, 18/07/1781. Sobre a revolta dos comuneros, cf.: Angel CAMACHO BAÑOS. *Sublevación de Comuneros en el Virreinato de Nueva Granada en 1781. Estudio de investigación histórica a base de documentos inéditos que se conservan en el Archivo General de Indias de Sevilla*. Sevilla: Tip. Giménez y Vacas, 1925; Manuel LUCENA SALMORAL. “Los movimientos antirreformistas en Suramérica: 1777-1781. De Tupac Amaru a los comuneros.” *Anales de la Universidad de Murcia*. Murcia: Secretariado de Publicaciones, 1981, pp. 5-34; Anthony MCFARLANE. “Desórdenes civiles e

chegado um capitão (chamado “Don Antonio Forasteiro,” tido entre os espanhóis como homem “valeroso e destemido”), um sargento e 50 soldados. Mas o Primeiro Comissário Requena não se mostrava muito confiante nos homens que serviam nas suas tropas – é o que pôde concluir o ajudante de cirurgia ao escutar uma conversa do coronel durante as comemorações pelo aniversário do Monarca espanhol. Nessa ocasião, Requena, ao “falar do país da América em geral, e sobre seus habitantes, (...) com bem mágoa disse que tinha observado que os americanos espanhóis eram muito fracos,” e que seus soldados, “todos mestiços,” não eram merecedores de confiança. Enquanto Requena notava que os soldados da Partida portuguesa sabiam caçar e pescar, “os seus não faziam, pois não tinham sido criados nisso, e que apenas tinha dois ou três de algum merecimento, e que todos os mais eram serranos,”⁶³ isto é, não adaptados aos hábitos e às competências necessárias para servir no ambiente da selva.

Em outra conversa, o soldado Alvaro também disse a José Ferreira que no lado espanhol da fronteira já havia índios carapinas construindo canoas para transporte. Nas considerações de Ferreira, as canoas serviriam aos espanhóis não apenas para os trabalhos de demarcação, pois eles esperavam empregá-las também no comércio, se “acaso tivessem notícia de que nesta fronteira havia portos de mar e negociantes.” Mas a fronteira, ainda segundo Ferreira, só contava com “uns pequenos tratantes, que girando de aldeia em aldeia, possuidores de alguma quina e panos de algodão, contratam com os vigários mestiços e alguns índios abalizados por outros iguais gêneros.”⁶⁴

Os soldados espanhóis também poderiam fornecer dados sobre a movimentação de tropas e o estado político das colônias espanholas e dos reinos ibéricos. Os espanhóis a serviço da comissão de demarcação informaram ao oficial comandante da Fortaleza de São Gabriel da Cachoeira, no ano de 1781, que prosseguia a guerra da Espanha contra os britânicos, “e de novo se acham com os portos tomados e uma armada inglesa na barra da sua primeira cidade, tendo-lhe já aprisionado um grande destacamento desta sua primeira

insurrecciones populares.” In: Margarita GARRIDO (Ed.). *Historia de América Andina, Vol. 5*. Quito: Universidad Simón Bolívar, 2001, pp. 281-313, Sinclair THOMSON. “Cuando Sólo Reinan los Indios”: Recuperando la variedad de proyectos anticoloniales entre los comuneros andinos (La Paz, 1740-1781).” *Argumentos (Méx.)*, México, v. 19, n.50, abr. 2006, 15-47.

⁶³ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.347. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/09/1784.

⁶⁴ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.347. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/09/1784.

capital.”⁶⁵ Em 1784, um soldado de nome Acay contou em Tabatinga que oito mil soldados tinham vindo da Europa para a América, dos quais quatro mil foram destacados para o Panamá, e a outra metade, para Lima. Em Quito, as autoridades formaram dois regimentos de infantaria e um de cavalaria. Para saber mais sobre o estado das tropas em Maynas, o cabo Luís Marinho Barradas incumbiu o soldado espanhol de ir a Camucheros para comprar pano de algodão, e nessa viagem ele deveria “ver quanto [pudesse] alcançar da melhor certeza.” O comandante de Tabatinga, Francisco Vitorino José da Silveira, conseguiu aproximar-se de soldados espanhóis que levavam correio de Maynas para o quartel de sua Partida em Ega, dando a eles aguardente. O soldado Albano José contou-lhe, então, que de Quito viriam 200 homens “baqueanos daquelas províncias, e soldados já antigos para o caminho com seus oficiais.” João Batista Mardel, por sua vez, afirmou que era “voz pública, constante e certa” que regimentos que antes serviam na guerra na Europa estavam sendo deslocados para a América, “dizem que para cortar e castigar as sublevações dos índios.” Quando Don Miguel Bello, tesoureiro da Partida espanhola, estava enfermo, recebeu a visita do amanuense da Partida lusa Inácio José Franco, a quem, durante a conversa, afirmou que para o monarca espanhol parecia claro que, caso a demarcação não fosse efetuada, “certamente se havia de seguir a guerra”⁶⁶ em terras americanas.

Já em 1791, o Primeiro Comissário espanhol declarou ao Primeiro Comissário português de que havia recebido cartas de Lima, pelas quais foi informado de que “Sua Majestade Católica ordenará aos Vice-Reis, Generais e Governadores da América se pusessem sem demora em estado da melhor defesa,” que seriam “mandadas tropas para a América” e naus de guerra vindas de Cádiz. Contou também Requena que entre seus oficiais corria a suspeita de que a Espanha “queria tomar decisivamente o partido da Grã-Duquesa de Toscana, hoje Rainha de Hungria e Boêmia, irmã de El Rey Católico.” Também comentou Requena que a recente visita do monarca espanhol a Lisboa objetivara formar “uma aliança ofensiva e defensiva entre as duas Coroas,” e que englobaria também Rússia, Dinamarca, Nápoles e Toscana.⁶⁷

⁶⁵ APEP, Códice 376, Documento 07. Ofício de Marcelino José Cordeiro a João Pereira Caldas. Fortaleza de São Gabriel da Cachoeira, 18/07/1781.

⁶⁶ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.330. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 30/07/1784.

⁶⁷ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.16, D.602. Ofício do governador do Rio Negro, Manoel da Gama Lodo d’Almada, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 31/03/1791.

As conversas mantidas com os espanhóis da Partida também permitiam aos portugueses acompanhar as mudanças em curso na América espanhola. Escrevendo de Tabatinga no ano de 1794, Henrique João Wilckens relatou a Lobo d'Almada algumas informações que conseguira de um cabo de esquadra espanhol que passara em uma canoa pelo posto fronteiriço. Disse o cabo que em Maynas esperava-se pela chegada “50 franciscanos ou barbadinhos, para em todas as paróquias substituírem os clérigos, que tão mal provado tinham.” Disse mais: que seriam retirados das localidades *maynenses* “os denominados tenentes, que os mesmos são os nossos diretores, pois que a experiência mostrado tinha que eram todos [na expressão do espanhol] *los más finos picarones, borrachos y ladrones.*” O cabo de esquadra trouxe também notícias sobre Don Francisco de Requena, que naquela altura já havia se retirado da Capitania do Rio Negro. Disse que Requena havia sido promovido ao cargo de engenheiro em chefe dos Exércitos de Sua Majestade Católica, “que em Portugal corresponde aos engenheiros, diretores e inspetores das fortificações das províncias.” No novo cargo, Requena ficaria responsável pela “visita das praças desta parte da América,” o que era um trabalho de extrema importância em razão “dos grandes movimentos por causa da guerra,” como exemplificou o cabo de esquadra espanhol a Wilckens: “puxam-se as tropas de todas as partes para os portos orientais e ocidentais da América espanhola, e se fazem grandes promoções, tudo isto disse o cabo, e que Don Francisco ordem esperava para principiar a visita e determinar o que nas praças fazer se deveria.”⁶⁸

Informações como as apresentadas por escrito pelo religioso de Pebas, ou faladas por soldados e índios espanhóis, contribuía para que os portugueses formassem uma “imagem,” ainda que parcial e fragmentária, sobre a América espanhola e sobre as transformações que estavam ocorrendo nos domínios espanhóis vizinhos. Nesse caso, o trabalho dos oficiais militares durante as Comissões permitia não apenas embasar a definição do território luso-americano, mas também auxiliava no conhecimento das terras hispano-americanas, graças aos contatos estabelecidos entre os sujeitos que habitavam os dois lados da fronteira durante as demarcações de fins do século XVIII, assim como pela circulação de notícias, boatos e escritos que a execução dos trabalhos demarcatórios viabilizava. O inverso também era válido, isto é, o fluxo de informações também atendia aos anseios das autoridades espanholas. Don Gaspar de Santisteban, ao conversar com o auxiliar de cirurgia português que o tratava de “uma moléstia,” confidenciou a esse que tinha vontade de conhecer o “Pará, pelas boas

⁶⁸ APEP, Códice 477, Documento 23. Ofício de Henrique João Wilckens a Manoel da Gama Lobo d'Almada. Tabatinga, 22/01/1794.

notícias que tinha ouvido daquela cidade.” Don Gaspar, “já em Guayaquil (cidade onde foi o seu nascimento e criação), lhe dissera um português, que desta Capitania tinha desertado, que ela [a cidade de Belém] era bastante grande, e que tinha muita tropa, e como ele era militar tinha desejo de vê-la.”⁶⁹

As demarcações demandavam, e possibilitavam, o fluxo de informações nos limites hispano-portugueses da América, sejam aquelas de caráter oficial, sejam aquelas informais ou mesmo duvidosas. O estabelecimento de representações dos poderes imperiais nas localidades mais afastadas dos centros administrativos coloniais impunha, conseqüentemente, o envio de notícias importantes para a condução de uma política estratégica para os interesses das Coroas ibéricas. Além disso, a circulação de homens (soldados, autoridades laicas e religiosas, índios, escravos africanos, desertores) e mercadorias (através do comércio legalizado ou do contrabando), estimulada pelas demarcações, impulsionou o giro de informações nos extremos dos Impérios na América.

As notícias sobre as disputas militares que envolviam as Coroas ibéricas e outros Estados monárquicos na Europa, os relatos sobre as rebeliões indígenas na América andina, as descrições sobre as forças bélicas e potencialidades econômicas dos territórios vizinhos prestadas por desertores e índios que transitavam por uma fronteira ainda incerta, as gazetas que noticiavam as mudanças nos tronos europeus e a eclosão do processo revolucionário na França, as conversações mantidas entre os diferentes sujeitos que habitavam as povoações rio-negrinas ou que nela permaneciam temporariamente, os ofícios trocados entre militares demarcadores, as ordens e planos que eram comunicados aos oficiais inferiores e aos indígenas empregados pelas partidas espanhola e portuguesa, ou os murmúrios ouvidos no dia a dia, todas essas informações orientavam o entendimento dos demarcadores (e de outros sujeitos que viviam na fronteira) sobre o estado em que se encontravam os Impérios e, de modo particular, suas possessões americanas. Essa maneira como ocorria a circulação de informações na fronteira luso-espanhola no norte da América meridional (agregando diferentes fontes e meios de divulgação, resultando em leituras múltiplas sobre um mesmo fato) não diferia substancialmente do que ocorria em outras sociedades de Antigo Regime, sendo parte importante da forma como os sujeitos da época construíam suas interpretações políticas, como se pode depreender do estudo de Robert Darnton sobre Paris em meados do

⁶⁹ Rio Negro, AHU_ACL_CU_020, Cx.8, D.347. Ofício do encarregado das demarcações do Rio Negro e Capitão-General, João Pereira Caldas, para o secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro. Vila de Barcelos, 03/09/1784.

XVIII.⁷⁰ No que se refere à fronteira em questão, e no período delimitado, o empreendimento de demarcação de limites impulsionou a circulação de informações (e as leituras políticas) nos confins da América.

As informações que se alastravam por Maynas e pelo Rio Negro (e entre as duas áreas) traziam dados indispensáveis para as autoridades planejarem as medidas de defesa e definição do espaço colonial. Por meio da circulação de comunicados oficiais, notícias publicadas, boatos e relatos orais, os responsáveis pelas demarcações (e outros sujeitos que habitavam a zona limítrofe) tomavam conhecimento de experiências políticas que estavam se desenrolando em outros espaços, e que serviam de parâmetro para suas próprias interpretações políticas, concorrendo para forjar expectativas sobre o futuro dos territórios coloniais. Entre fins do século XVIII e princípio do XIX, os cenários internacional e americano deixariam claro aos homens nas fronteiras a crescente tensão política dos Impérios ibéricos. As áreas fronteiriças seriam afetadas por essa conjuntura e, ao mesmo tempo, a partir de tais espaços gestavam-se problemas e decisões que dialogam com ela.

3.2- A fronteira entre desafios na passagem do século XVIII para o XIX.

Francisco Requena retornou às terras portuguesas na América no ano de 1794. Dessa vez, não estava mais investido do cargo de liderança da Comissão de demarcação, que havia passado para Diego Calvo. Além disso, os trabalhos de demarcação na raia fronteiriça norte não eram mais conduzidos por portugueses e espanhóis conjuntamente – os demarcadores de Castela prosseguiriam suas atividades somente no lado da Província de Maynas.⁷¹ Dessa vez, Requena ingressava no Grão-Pará, acompanhado de sua família e criados, para seguir viagem para a Espanha. A rota escolhida pelo militar espanhol era a que atravessava a fronteira com os domínios portugueses, navegando depois pelo Amazonas até a cidade de Belém, de onde se poderia embarcar em um navio rumo à Europa. Seria uma rota menos demorada para chegar à Corte espanhola para quem partia, como ele, da Audiência de Quito. Contudo, ela também se

⁷⁰ Robert Darnton sustenta que “as mídias do Antigo Regime eram misturadas. Elas transmitiam um amálgama de sobreposições, interpenetrando mensagens faladas, escritas, impressas, desenhadas e cantadas.” Robert DARNTON. “Uma precoce sociedade da informação: As notícias e a mídia em Paris no século XVIII.” *Varia Historia*. Belo Horizonte, n. 25, Jul/01, p. 20, 9-51.

⁷¹ José Luis del RÍO SARDONIL. “Don Francisco Requena y Herrera: una figura clave en la Demarcación de los Límites Hispano-Lusos en la cuenca del Amazonas (s. XVIII).” *Revista Complutense de Historia de América*, 2003, 70, pp. 51-75.

revelaria uma jornada cheia de dissabores. Já em Madri, no ano de 1801, Francisco Requena relembriaria suas agruras.⁷²

Escrevendo a Don Miguel Cayetano Soler, *Ministro de Hacienda* da Espanha, Francisco Requena prestou contas sobre o destino dado a três barcos pertencentes à Real Fazenda espanhola, e que tinham a ele servido na viagem empreendida de Maynas ao Pará. Na narrativa apresentada por Requena, o caso dos três barcos perdia-se em meio aos sofrimentos que ele e seus acompanhantes vivenciaram nas terras luso-americanas. Nas embarcações espanholas, o coronel, sua mulher, suas cinco filhas, seu filho e seus criados ingressaram nos “desiertos” do Grão-Pará. As autoridades portuguesas, informadas da viagem, comunicaram ao coronel que sua comitiva receberia todo o auxílio ao longo dos rios por onde passaria, para assim tornar “la nevagación menos incómoda para mi crecida familia,” segundo a expressão de Requena. Mas Requena garantia já saber que, debaixo das “lisonjeras promesas,” havia a “falsa politica, mala fe y espíritu de venganza” que dominavam os portugueses. Eles não perdoavam Requena pelos seus anos de serviços prestados na fronteira, quando o militar se opôs frontalmente “a las usurpaciones, agravios e injusticias que [os portugueses] habían hecho a los españoles por aquellas partes,” alimentando por isso um “odio implacable” contra sua pessoa. Assim, Requena esperava uma viagem difícil, mas se soubesse que os sofrimentos seriam tantos, confessou a seu destinatário, teria preferido conservar-se “para siempre desterrado en aquellos desiertos.”⁷³

Ao chegar a Tabatinga, Requena e os seus acompanhantes foram recepcionados por Henrique João Wilckens. O oficial português deveria fazer com que Requena acreditasse que ele era recebido “con la mayor alegría,” quando sua função era, de fato, “mortifacar[lo].” Wilckens disse que sua comitiva não poderia seguir viagem com os criados, pois só havia recebido ordens para permitir o ingresso do coronel e seus familiares. Quando muito, poderia levar seus escravos, mas “los demás criados servientes debía desde allí despedirlos.” Os índios remeiros que haviam conduzido de Maynas as embarcações deveriam voltar para as terras espanholas, devendo ser substituídos por índios portugueses, pois aqueles “no podían transitar por terrenos de Portugal.” Segundo Requena, os portugueses se apoderaram dos barcos da Real Fazenda espanhola, colocando em cada um índios de suas povoações, sargentos e soldados para conduzir as embarcações. Os protestos de Requena não surtiram efeito, e ele se viu obrigado a viajar em um barco separado do restante de sua família. O

⁷² AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Miguel Cayetano Soler. Madrid, 28/03/1801.

⁷³ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Miguel Cayetano Soler. Madrid, 28/03/1801.

máximo que Requena conseguiu foi permissão de levar consigo seis índios espanhóis, que deveriam ficar incumbidos de servir a seus familiares e, ao fim da viagem, conduzir de volta os barcos para Maynas. Mas esses seis índios, escolhidos entre aqueles que entendiam o castelhano, seriam, no final da viagem, “infelices victimas de la cruel politica” dos portugueses.⁷⁴

Os barcos espanhóis, conduzidos por portugueses, partiram de Tabatinga, acompanhados por duas canoas portuguesas de maior porte que levavam mais soldados. Nem prisioneiros de guerra seriam conduzidos com tamanha precaução, avaliou Requena em sua carta a Don Miguel Cayetano Soler. Os barcos só atracavam nas margens dos rios à noite e em locais despovoados e que ofereciam risco a Requena e sua família. Durante a viagem, as embarcações mantinham-se distantes das povoações, se alguma canoa com moradores tentasse se aproximar, os soldados portugueses os ameaçavam, agindo assim para que “no hubiese comunicaci3n con nosotros.” Não era permitido à comitiva espanhola desembarcar nas vilas e lugares às margens dos rios, nem para assistir a missas. As canoas em que se seguia a família de Requena sofreram com as violentas águas de certas partes do rio Amazonas, perigo que não passavam as embarcações portuguesas, maiores e conduzidas à vela. Essas situações foram frequentes durante os dois meses de viagem pelos rios até a cidade de Belém.⁷⁵

Quando chegaram à capital do Grão-Pará, Requena e sua família foram mantidos, por ordem do Governador Francisco de Souza Coutinho, em uma casa a duas léguas de distância da cidade. A casa era vigiada pelos portugueses, e os criados de Requena não tinham permissão de ir à cidade para fazer compras, devendo os soldados lusos se encarregar de comprar o que os espanhóis necessitavam. Como sua mulher e suas filhas não tinham permissão para assistir à missa em Belém, foi enviado à casa um religioso franciscano para que elas se confessassem. A embarcação para levar o militar espanhol e sua família para a Europa aportou em frente à casa onde eles estavam confinados, mas antes de seguirem viagem teve Requena de pagar a conta dos salários devidos aos índios remeiros e condutores portugueses que haviam levado as três canoas espanholas desde Tabatinga a Belém. Quanto às canoas espanholas, elas ficaram em Belém. Um “apoderado del Pará,” o coronel Ambrósio

⁷⁴ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Miguel Cayetano Soler. Madrid, 28/03/1801.

⁷⁵ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Miguel Cayetano Soler. Madrid, 28/03/1801.

Henriques, ficou como procurador de Requena em Belém, encarregando-se de enviá-las de volta a Maynas.⁷⁶

Os espanhóis dispuseram de pouco tempo para se prepararem para a viagem atlântica. Havia no Pará fragatas da marinha real, mas a embarcação concedida pelos portugueses a Requena e sua família fora uma “pequeña, incomoda y sin defensa alguna para la guerra que entonces había con la Francia” (quando portugueses e espanhóis fizeram parte de uma frente de países contrários à França revolucionária, o que será discutido mais adiante), consistindo em um “pequeño bergantín viejo” tripulado por 12 marinheiros e com “pocos cañoncitos,” lembraria o coronel em sua carta anos depois. Eles zarparam em março, “estación muy peligrosa para salir por las bocas del Marañón al mar,” quando as águas na área eram mais violentas.⁷⁷

Os seis índios espanhóis que haviam acompanhado Requena desde a fronteira espanhola não receberam a permissão de empreenderem a viagem de volta a Maynas. O fato de terem esses índios percorrido o território luso-americano fazia com que as autoridades portuguesas decidissem retê-los em Belém por uma medida de precaução, receosos de que eles levassem aos espanhóis informações estratégicas sobre o Estado do Grão-Pará e Rio Negro. Depois, os portugueses decidiram enviar os índios à Europa no bergantim no qual viajaram Requena e sua família. Os índios não partiram de Belém com o restante da comitiva de Requena, mas foram enviados para o bergantim quando este já havia partido de Belém, o que forçou o coronel a racionar os mantimentos durante a travessia do Atlântico. A viagem durou 125 dias, um tempo mais longo do que o normal devido às fortes águas que o Amazonas lançava ao mar naquele período do ano.⁷⁸

Quando Requena chegou a Lisboa, seus escravos foram declarados livres pelo juiz de polícia, tendo em vista que no território reinol a escravidão já havia sido abolida;⁷⁹ o coronel tentou reavê-los, mas “ellos se prevalecieron de lo mandado y huyeron.” Dos seis índios de Maynas obrigados pelos portugueses a partir para a Europa, três morreram em Lisboa, e os outros três viriam a falecer em Madri. Parte do dinheiro que Requena havia deixado no Pará (160 pesos) foi remetida depois de sua partida, mas não chegou às mãos do coronel, pois a embarcação na qual vinha tal quantia foi tomada em alto mar por um corsário de Caiena. A

⁷⁶ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Miguel Cayetano Soler. Madrid, 28/03/1801.

⁷⁷ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Miguel Cayetano Soler. Madrid, 28/03/1801.

⁷⁸ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Miguel Cayetano Soler. Madrid, 28/03/1801.

⁷⁹ Sobre a abolição da escravidão no Reino de Portugal, conferir: Luiz Geraldo SILVA. “Esperança e Liberdade: interpretações populares da abolição ilustrada (1773-1774).” *Revista de História*, 144 (2001), pp.107-149.

brutal jornada por que a família de Requena passou foi demais para sua mulher: “mi esposa, de tantos trabajos, se volvió loca.”⁸⁰

A última viagem do coronel Francisco Requena por terras portuguesas, assim como seus derradeiros contatos com autoridades lusas, trouxeram à tona, mais uma vez, a profunda desconfiança que permeava as relações entre Espanha e Portugal. A colaboração que deveria orientar as relações entre os dois impérios, prevista pelos acordos diplomáticos de fins da década de 1770, não eliminava os pontos de discordância entre as duas Coroas, que há muito tempo marcavam a convivência conflituoso entre portugueses e espanhóis, e de uma maneira particularmente clara no Novo Mundo. Pode-se afirmar que Portugal e Espanha, desde 1778, interagiam segundo uma espécie de rivalidade colaborativa, a qual se mostrava evidente no árduo e estratégico empreendimento de demarcação conjunta dos limites territoriais das colônias americanas. A experiência das demarcações operou dentro dessas tensões diplomáticas, como também as alimentou, na medida em que a convivência entre representantes lusos e castelhanos nos limites americanos trouxe à tona pontos de discórdia e receios. A partir da década de 1790, o caráter conflituoso das relações luso-espanholas viria a sobrepor-se às propostas de colaboração entre os Impérios ibéricos, os quais seriam arrastados novamente para lados francamente opostos durante as profundas transformações iniciadas com a Revolução Francesa. A guerra viria a se tornar um espectro bem mais pesado sobre os ombros das autoridades espanholas e portuguesas. Esses seriam tempos de incertezas, inclusive para aqueles que habitavam as zonas limítrofes iberoamericanas.

Uma nova conjuntura: a passagem do século XVIII para o XIX.

No período que compreende do início da década de 1790 até o ano de 1807, as posições políticas assumidas pelo Império português no cenário internacional foram influenciadas pelas rápidas alterações no jogo de alianças europeias, dentro de uma conjuntura marcada pelas guerras revolucionárias da França de fins do XVIII e pelo expansionismo napoleônico de princípios do século seguinte. Portugal tentou manter sua posição neutra em meio aos conflitos desse contexto, contudo o caráter radical das transformações em curso tornaria esse propósito especialmente desafiador para os condutores de um pequeno reino que se encontrava, cada vez mais, pressionado por um jogo de alianças antagônicas. A possibilidade de manobra de Portugal na sua política externa seria reduzida com o

⁸⁰ AGI, Santa Fe, 663B. Carta de Francisco Requena a Don Miguel Cayetano Soler. Madrid, 28/03/1801.

agravamento dos conflitos entre as potências europeias, o que traria graves consequências para o mundo colonial.⁸¹

Em um primeiro momento, a Revolução Francesa levou ao enfraquecimento da tradicional aliança franco-espanhola, o que contribuía às pretensões de neutralidade da política externa portuguesa. Nesse momento, Espanha e Grã-Bretanha estabeleceram negociações objetivando coordenar forças contra a França revolucionária, buscando ainda atrair Portugal para essa aliança, o que de fato ocorreu com a participação secundária portuguesa na campanha de Roussillon (1793-1795). A entrada dos portugueses no conflito, apesar das tentativas de manutenção da neutralidade, seguiu as pressões britânicas, como também as da Espanha, que fez lembrar à Corte de Lisboa as obrigações de auxílio militar determinadas pelo Tratado de Paz e Amizade de 1778.⁸²

Contudo, com a assinatura do Tratado de Paz de Basiléia, em 1795, Espanha e França se reaproximaram, definindo a colaboração mútua no plano militar, colocada em prática com a eclosão da guerra contra os britânicos no ano seguinte. Outro Tratado de Santo Ildefonso, agora assinado por França e Espanha em agosto de 1796, selou a aliança entre a República francesa e a Monarquia espanhola. A campanha franco-espanhola contra a Grã-Bretanha lançou pressões contra Portugal, que buscava preservar a posição neutra, mesmo diante dos assédios e ameaças de britânicos e espanhóis para que a Coroa lusa assumisse o apoio a uma das partes envolvidas no confronto. Essa seria a tônica da política externa dos portugueses até 1807, isto é, ceder à pressão franco-espanhola ou preservar a aliança com os ingleses.⁸³

Em 1796, Portugal e França deram início a negociações diplomáticas dentro desse contexto de recrudescimento das tensões no cenário político europeu. Contudo, a agenda diplomática francesa para os portugueses demonstrou muito bem o endurecimento das reivindicações, tendo em vista que os franceses exigiram dos portugueses, entre outras coisas, a cessão de toda a margem norte do Amazonas à França, do rio Negro à foz no Atlântico, assim como a livre navegação para embarcações francesas e espanholas naquele rio.

⁸¹ Miguel Alexandre Dantas da CRUZ. *Portugal perante o Sistema Internacional dos Finais do Século XVIII – 1792-1807*. Tese de Mestrado em História, Defesa e Relações Internacionais. Lisboa: ISCT, 2008, p. 18.

⁸² Miguel Alexandre Dantas da CRUZ. *Portugal perante o Sistema Internacional dos Finais do Século XVIII*. Op. cit., p. 22.

⁸³ Valentim ALEXANDRE. *Os Sentidos do Império: Questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime português*. Porto: Edições Afrontamentos, 1993, p.102. Conferir também: António VENTURA. “*Deus Guarde V. Ex^a Muitos Anos: Manoel Godoy e Luís Pinto de Sousa (1796-1798)*.” *Revista de Estudos Extremos*, vol. 57, n.3, 2001, pp. 963-989.

Paralelamente a isso, os navios portugueses passaram a ser assediados nos mares com os ataques de corsários franceses, os quais contavam com o apoio espanhol.⁸⁴

Para os homens de Estado do Império português, a invasão franco-espanhola ao Reino parecia algo cada vez mais verossímil. Em 1797, o Tratado de Paris, ajustado por Antônio Araújo de Azevedo, buscou amenizar as pressões francesas, negociando a retirada de parte das exigências da França, como as relativas à cessão da margem norte do Amazonas e a livre navegação por ele. O tratado, no entanto, foi recusado pelo Diretório francês, além de ter sido duramente criticado pelos britânicos. No caso dos franceses, suas reivindicações de ganhos territoriais no vale amazônico não foram abandonadas. Entre a nobreza portuguesa, as divisões entre os partidos favoráveis a franceses ou a ingleses demonstravam bem os perigosos dilemas enfrentados pelo Império luso em fins do XVIII e princípio do século seguinte.⁸⁵

O bem-sucedido golpe de Estado de Napoleão Bonaparte, em 1799, e suas vitórias contra as forças da coalizão antifrancesa, em 1800, sinalizaram o aumento do poder de pressão dos franceses, e de seus aliados espanhóis, contra os portugueses. As variações na situação militar europeia influenciavam as margens de negociação da política externa portuguesa. Em 1801, a guerra, enfim, chegou às fronteiras do Reino português, com a chamada Guerra das Laranjas, breve campanha militar espanhola na região do Alentejo, com a ocupação de praças fortes portuguesas pelos militares castelhanos.

A invasão espanhola ao território metropolitano se fez acompanhar por movimentos bélicos nas fronteiras luso-espanholas da América, com o ataque à fortaleza de Coimbra, na Capitania de Mato Grosso, de forças espanholas que partiram de Asumpción,⁸⁶ e a anexação pelos portugueses dos Sete Povos das Missões. O Tratado de Badajoz, assinado em seis de junho do mesmo ano, restabeleceu a neutralidade nas relações luso-francesas. Pelo tratado, Portugal perdeu o pequeno enclave militar de Olivença, localizado na margem esquerda do rio Guadiana, uma área de 450 Km². Contudo, a ofensiva dos vassalos portugueses no sul da América tornou possível a anexação da região dos Sete Povos das Missões, uma área de 90.000km², equivalente ao território do Reino português.⁸⁷ A dinâmica do conflito militar nas terras americanas acabou garantindo, nesse episódio, vantagens à Monarquia portuguesa, visto

⁸⁴ Valentim ALEXANDRE. *Os Sentidos do Império*. Op. cit., pp.105-106.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Virgílio CORREA FILHO. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969, pp. 424-435.

⁸⁷ Luis Alfonso LIMPO PÍRIZ. "Proyección americana de la Guerra de las Naranjas y Tratado de Badajoz." *Revista de Estudios Extremeños*, vol. 57, n.3, 2001, pp. 919-962.

que os ganhos territoriais para os portugueses no sul da América meridional foram maiores que as perdas sofridas no espaço reinol.

Mesmo com a assinatura da paz com Espanha com o Tratado de Badajoz, Portugal preocupou-se em preparar os meios de defesa, tanto na Europa quanto na América, contra uma agressão dos franceses e espanhóis no início da década de 1800. A busca pela manutenção de boas relações entre Lisboa e Paris (o que implicava, por outro lado, no estremecimento do alinhamento com Londres) tornou possível fortalecer o chamado partido francês entre os homens de Estado da Corte portuguesa. Isso também permitiu o incremento do comércio franco-lusitano com a assinatura de um tratado comercial entre os dois países em 1804, ampliando as exportações do algodão do Brasil para as indústrias francesas.⁸⁸

No início do século XIX, parecia possível aos governantes europeus a interrupção das hostilidades militares no continente, com a França assinando acordos comerciais e tratados políticos com outros países, incluindo a Grã-Bretanha. Mas já em 1802 Napoleão liderou uma campanha militar contra a ilha de Saint-Domingue, visando reconquistar a colônia francesa que havia se desvencilhado do poder colonial em meio a um violento levante de escravos. No ano seguinte, franceses e britânicos recomeçaram as hostilidades militares, detonadas pelas supostas ameaças da República francesa sobre a ilha mediterrânea de Malta. Com a criação do Império francês, após a dissolução do Consulado e seguida pela coroação do imperador Napoleão I no ano de 1804,⁸⁹ o expansionismo militar da França começou a se tornar cada vez mais agressivo, com campanhas militares que se prolongariam até 1815, envolvendo em diferentes graus terras europeias, africanas, asiáticas e americanas.⁹⁰

Com a declaração de guerra da Espanha à Grã-Bretanha, em 1804, as pressões de Paris e Madri sobre Lisboa foram acirradas, objetivando que Portugal rompesse formalmente com os britânicos. Em 1805, o imperador Napoleão e o primeiro ministro espanhol Manuel Godoy firmaram acordos para a invasão e partilha do território do Reino de Portugal. Contudo, o agravamento da guerra no continente, principalmente com a formação de uma coalizão anglo-russa (da qual também participaram Nápoles, Suécia e Áustria), ocuparia as tropas napoleônicas, de modo que uma ofensiva contra o território reinol parecia aos ministros portugueses pouco provável naquele momento.

⁸⁸ Valentim ALEXANDRE. *Os Sentidos do Império*. Op. cit.

⁸⁹ Jacques GODECHOT. *Europa e América no Tempo de Napoleão (1800-1815)*. São Paulo: Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1984, pp. 124-128.

⁹⁰ Andréa SLEMIAN & João Paulo G. PIMENTA. *A Corte e o Mundo: Uma história do ano em que a família real portuguesa chegou ao Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008, pp. 16-19.

A política externa portuguesa se via forçada também pelo lado britânico, que pressionava Portugal a romper com franceses e espanhóis; ainda com relação aos ingleses, pairava no ar a ameaça de uma invasão e anexação do Brasil pela Grã-Bretanha, colocando em sério risco a preservação dos domínios ultramarinos da Coroa lusitana. Essa ameaça seria agravada com a dura medida imposta pela França napoleônica em 1806: do dia 21 de novembro desse ano, em Berlim, Napoleão decretou a proibição à entrada nos portos continentais da Europa de produtos ingleses, medida essa que ficou conhecida como bloqueio continental. Essa medida influenciou econômica e politicamente toda a Europa, ao mesmo tempo em que deu margem para disseminação do contrabando no continente.⁹¹ Visando romper o bloqueio, a Grã-Bretanha usou de pressão e força militar contra os países continentais neutros que estavam cedendo às ameaças francesas, a exemplo da Dinamarca, que teve sua capital, Copenhague, duramente bombardeada e sua marinha de guerra sequestrada pelos ingleses, no ano de 1807. Para os portugueses, um destino semelhante ao da Dinamarca parecia provável, caso cedessem ao bloqueio continental, da mesma forma como parecia possível uma invasão francesa, se não aceitassem seguir as ordens de Napoleão.⁹²

As vitórias francesas na frente da Europa central, no ano de 1807, marcaram decisivamente a supremacia do exército napoleônico. O bloqueio continental, decretado um ano antes, passava, então, a ser reivindicado de modo mais veemente pelo Imperador dos franceses, o que, no caso de Portugal, tornava sua política de neutralidade cada vez mais impraticável. Entre as pressões francesas e inglesas, e mesmo devido às ambições pessoais do ministro espanhol Godoy, a invasão ao território português configurava-se uma questão de tempo no ano de 1807.⁹³ O tratado de Fontainebleu, de 27 de outubro do mesmo ano, estabeleceu como deveria ser realizada a invasão a Portugal, e o destino a ser dado ao território do Reino. Segundo o tratado, tropas francesas avançariam pelo território espanhol, invadindo Portugal, que deveria ser repartido em três, cabendo a Manoel Godoy o Alentejo e o Algarve (sul), o centro (Trás-os-Montes, Beira e Estremadura) teria seu destino determinado por um acordo futuro de paz firmado pelos invasores, ao passo que Douro e Minho (norte) ficariam para a irmã de Napoleão.⁹⁴ As propostas de transferência da sede da monarquia para

⁹¹ Andréa SLEMIAN & João Paulo G. PIMENTA. *A Corte e o Mundo*. Op. cit., pp. 22-25.

⁹² José Jobson de Andrade ARRUDA. *Uma Colônia entre Dois Impérios: A Abertura dos Portos Brasileiros, 1800-1808*. Bauru, SP: EDUSC, 2008, pp. 20-22.

⁹³ Antônio Pedro VICENTE. "A política de Godoy em relação a Portugal. Do Tratado de Basileia à Invasão de Junot (1795-1807)." *Revista de Estudos Extremeños*, vol. 57, n.3, 2001, pp. 1117-1153. Valentim ALEXANDRE. *Os Sentidos do Império*. Op. cit., p.162.

⁹⁴ Andréa SLEMIAN & João Paulo G. PIMENTA. *A Corte e o Mundo*. Op. cit., pp.31-32.

a América, longamente formuladas no Império português,⁹⁵ ganharam força na conjuntura crítica da primeira década de século XIX.

A fronteira norte frente aos novos desafios.

O recrudescimento da rivalidade luso-espanhola, principalmente a partir da assinatura dos acordos entre França e Espanha em meados da década de 1790, deixou em alerta as autoridades nas áreas de fronteira da América. A guerra em curso no cenário europeu logo alcançaria as terras americanas, como de fato ocorreu no ano de 1801. No caso do Grão-Pará, as ameaças estavam divididas entre a extensa faixa fronteiriça com os domínios espanhóis e os pequenos, mas não menos perigosos, limites com a Guiana Francesa. A aliança franco-espanhola, dentro de um contexto de guerra revolucionária e de expansionismo imperial, era compreendida pelos portugueses da fronteira norte da América como um sinal de alerta, implicando a possibilidade de um ataque militar conjunto que invadiria o Grão-Pará a partir do Rio Negro e da foz do Amazonas. As conexões atlânticas do Grão-Pará com o restante do espaço imperial português foram prejudicadas pela ação de corsários franceses⁹⁶ contra barcos militares e mercantis que partiam ou chegavam a Belém. Fazia-se, assim, imprescindível cuidar para que as fronteiras estivessem em segurança a fim de conter possíveis ataques. E, se possível, os portugueses deveriam atacar os perigosos vizinhos.

A retomada das tensões diplomáticas foi debatida pelas autoridades portuguesas na América. Em relação ao Rio Negro e ao Pará, a extensa zona fronteiriça das duas capitanias com franceses e espanhóis alimentava ainda mais o temor de uma invasão. Mais do que nunca, era necessário reforçar as tropas em pontos estratégicos, e manter a vigilância sobre o que se passava nas possessões de Espanha e França no continente. As autoridades do Grão-Pará e Mato Grosso debatiam sobre o perigo de uma ofensiva espanhola em todos os pontos da América e a necessidade de uma contraofensiva coordenada das forças portuguesas. No final do ano de 1800, o governador do Rio Negro, José Antônio Salgado, recebeu notícias do governador de Mato Grosso sobre a movimentação de tropas espanholas na fronteira. Os espanhóis estavam se posicionando ao longo do rio Paraguai, motivo pelo qual o Governador do Mato Grosso solicitou do Grão-Pará o envio de tropas para auxiliar na defesa daquela

⁹⁵ Maria de Lourdes Vianna LYRA. *A Utopia do Poderoso Império: Portugal e Brasil, bastidores da política, 1798-1822*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994, pp. 108-131.

⁹⁶ Carlos VIDALES. "Corsarios y piratas de la Revolución Francesa en las aguas de la emancipación hispanoamericana." *Coloquio Internacional 'L'Amérique Latine face à la Révolution Française*, Paris-Sorbonne, 28-30 de junio de 1989, pp. 3-18.

fronteira, calculando em 100 homens o reforço, necessário principalmente para o Forte Príncipe da Beira, além de 12 botes. Contudo, Salgado afirmou que não poderia concorrer com o envio de reforços, pois se via obrigado a empregar os destacamentos locais na defesa das zonas de fronteira do Grão-Pará.⁹⁷

José Antônio Salgado, em outro momento, reclamou ao governador do Grão-Pará que sua Capitania não dispunha de número suficiente de soldados para garantir a segurança das áreas limítrofes, carecendo de efetivos inclusive na vila principal do Rio Negro. Salgado garantiu que em Barcelos “não fica tropa se não 25 praças, entre velhos, aleijados e empregados no Real Serviço em diferentes disposições, que indispensavelmente se não pode passar sem eles.”⁹⁸ No ano seguinte, no lado espanhol da América, o Presidente da Audiência de Quito recebeu ordens do Vice-Rei de Santa Fé para colocar em estado de atenção as forças militares na Província de Maynas. Apesar das notícias que chegavam da Europa por meio de gazetas a respeito dos entendimentos entre as Cortes espanhola e portuguesa, nada garantia que os portugueses não “obra[rían] hostilmente” contra “aquella parte de los domínios españoles,” de maneira que o governador da Província de Maynas deveria colocar em prontidão suas tropas.⁹⁹

A coordenação dos preparativos de guerra na América mostrava-se um enorme desafio para as autoridades das capitanias e províncias fronteiriças, nas quais as forças bélicas disponíveis mostravam-se aquém das exigências de uma campanha militar que poderia vir a ser continental. Uma séria derrota nas zonas de fronteira da América influenciaria o conjunto dos Impérios ultramarinos ibéricos, alterando a correlação de forças naquela conjuntura internacional instável. A preparação para a guerra não requeria apenas o reforço dos efetivos militares, mas também o acompanhamento das notícias que chegavam das terras vizinhas para poder avaliar a capacidade ofensiva do inimigo. Das zonas limítrofes com os domínios de Castela, o Governador do Rio Negro havia recebido notícias de que “havia muita fome entre os espanhóis, por estarem os ingleses na boca do Orinoco,” barrando assim a entrada de mantimentos para zonas interiores da Capitania da Venezuela.¹⁰⁰

⁹⁷ APEP, Códice 577, Documento 63. Ofício de José Antônio Salgado para Francisco de Sousa Coutinho. Barcelos, 19/11/1800.

⁹⁸ APEP, Códice 577, Documento 67. Ofício de José Antônio Salgado para Francisco de Sousa Coutinho. Barcelos, 09/12/1800.

⁹⁹ AGI, Estado, 52, N. 119 (1). Carta remetida por Pedro Mendinueta, Vice-Rei de Santa Fé, ao Presidente da Audiência de Quito. Santa Fé, 05/10/1801.

¹⁰⁰ APEP, Códice 577, Documento 63. Ofício de José Antônio Salgado para Francisco de Sousa Coutinho. Barcelos, 19/11/1800.

A eclosão da guerra parecia mais próxima na conjuntura da virada do século XVIII para o XIX, levando as autoridades da América a avaliar as possibilidades de sustentar o conflito armado contra os espanhóis. Nesse momento, Lobo d'Almada, então governador do Rio Negro, apresentou ao governador do Pará, Francisco de Sousa Coutinho, planos de defesa para sua Capitania, prevendo também a ofensiva contra os territórios espanhóis. Em 1796, Lobo d'Almada mostrava-se apreensivo com as notícias que chegavam através de “cartas (ainda que particulares) dirigidas a diversas pessoas,” dando conta de que “os holandeses declararam guerra a Portugal,” e que os espanhóis aparentemente tomariam a mesma direção. O dirigente do Rio Negro reclamava da falta de homens no serviço das armas, reduzindo-se “toda a guarnição desta extensa e importantíssima Capitania ao insignificante número de 76 praças, entre sãos e estropiados.”¹⁰¹

Como o governo da Capitania do Rio Negro era subordinado ao do Pará, Lobo d'Almada requereu a Sousa Coutinho “tropa, pólvora e bala” para enfrentar as “nações confinantes, no caso de se declararem nossos inimigos.” Se fossem verídicas as notícias sobre os holandeses, previa Lobo d'Almada, eles facilmente avançariam, a partir do Suriname, pelo rio Branco, atacando a fortaleza portuguesa na região. Com relação aos espanhóis, Lobo d'Almada afirmou que eles poderiam invadir por mais partes, tanto pelo rio Branco, a partir do Orinoco, quanto pela parte superior do rio Negro, onde possuíam fortalezas, pelo Solimões e pelo Madeira. Além de disporem de mais pontos através dos quais poderiam efetuar uma ofensiva bélica contra os portugueses, os espanhóis contavam com outra vantagem, se comparados aos holandeses: “o socorro de todos os conhecimentos que lhes deram os dez anos de habitação” na Capitania do Rio Negro, durante os trabalhos conjuntos de demarcação dos limites.¹⁰²

A descrição de Lobo d'Almada sobre as possíveis invasões holandesa e espanhola elencava os rios pelos quais as tropas inimigas poderiam avançar, os acidentes geográficos

¹⁰¹ Vale a pena transcrever a pessimista avaliação de Lobo d'Almada sobre as forças militares de sua Capitania, em que o Governador reclamava não apenas do estado físico dos soldados, como também da validade de recorrer-se aos índios como defensores do território colonial português (o que colocava em dúvida os resultados de quase 50 anos de políticas voltadas para a transformação dos indígenas em fiéis vassalos que, entre outras coisas, zelariam pela proteção das fronteiras). Afirmou Lobo d'Almada: “do número [de 76 praças], [havia] um soldado com um pé fora que lhe comeu um jacaré, dois com moléstias crônicas que se não podem vestir, três de mais de 60 anos de idade que não têm já forças para servirem, e um quase de todo cego que se lhe não pode confiar uma sentinela. Advertindo mais que aqui se não pode contar com tropas auxiliares, porque suposto que alguns tenham essa denominação, são quase todos muito velhos ou filhos de mães tapuias, os quais, herdando a frouxidão dos sentimentos de semelhante gente, não são capazes de suportar os trabalhos e fadigas da guerra, nem exporem-se a perigos.” APEP, Códice 503. Ofício de Manoel da Gama Lobo d'Almada para Francisco de Sousa Coutinho. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 26/11/1796.

¹⁰² APEP, Códice 503. Ofício de Manoel da Gama Lobo d'Almada para Francisco de Sousa Coutinho. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 26/11/1796.

nos dois lados da fronteira, as fortificações que dariam apoio ao ataque inimigo, demonstrando como o acúmulo de informações sobre o território americano, seja no lado português seja no das outras colônias confinantes, era válido nesse momento em que o planejamento da guerra mostrava-se mais urgente do que antes. A experiência das demarcações, para portugueses e espanhóis, assumia, assim, um papel estratégico na formulação das expectativas quanto à guerra que se anunciava.

No lado espanhol, os oficiais militares também acompanhavam a preparação portuguesa para a guerra. Segundo notícias que chegaram ao conhecimento dos militares do forte de San Carlos, um desertor espanhol teria informado aos portugueses que se estava preparando um ataque a eles a partir da Província de La Guayana. Como as negociações da República francesa com a Corte portuguesa não se mostravam prósperas, um conflito na área parecia certo. Assim, seria importante, naquele momento, enviar efetivos militares da Europa para aquela fronteira, além de armas e munições.¹⁰³

Mas Lobo d'Almada não almejava apenas a defesa de sua Capitania. Se dispusesse das forças militares suficientes, garantiu em 1797 a Sousa Coutinho, poderia organizar o ataque aos domínios espanhóis na fronteira norte da América. O Governador do Rio Negro calculou em 800 homens o número de soldados com os quais poderia invadir as terras espanholas vizinhas. Em seu plano, o avanço começaria pela parte superior do rio Negro, “tomando o forte castelhano de Santo Agostinho e conseqüentemente a aldeia de San Carlos, que distam pouco da nossa fronteira.” Nesse ataque, seria utilizada uma comunicação entre os rios Xié e Tomon, “que descobri em [17]86,” isto é, durante os trabalhos de demarcação. Liderando 200 homens, Lobo d'Almada pretendia, em um ataque rápido, tomar o forte espanhol, “arrebentando-lhe a porta com machados”, enquanto “duas ou quatro canoas armadas” disparariam fogo contra os defensores espanhóis. “Arrebentada a porta, 150 homens entrariam por ela,” movidos pela “intrepidez que é fácil inspirar aos portugueses contra os espanhóis,” previa com confiança o Governador do Rio Negro. O forte seria arrasado, os portugueses fortificariam sua posição no canal do Cassiquiari, importante pela comunicação entre os rios Negro e Orinoco. Depois, seria a vez do ataque ao rio Solimões, recuando a fronteira espanhola até a boca do rio Napo. A defesa do Solimões, decidiu Lobo d'Almada, caberia ao tenente coronel Henrique João Wilckens, experiente na área pelos anos de serviço como

¹⁰³ AGS, Secretaría del Despacho de Guerra, Legajo 7184, 59. Preparativos de defensa que los portugueses realizan en los terrenos cercanos a las fortalezas de San Carlos y Río Negro. Caracas, 23/03/1798. Fol. 290-292

Segundo Comissário das Reais Demarcações,¹⁰⁴ o que indica uma vez mais a importância dos trabalhos demarcatórios nos preparativos do conflito nesse momento.

Lobo d'Almada procurava também acompanhar o andamento do conflito entre os espanhóis e os ingleses no Caribe, e a movimentação das tropas espanholas nas proximidades do território rio-negrino, o que lhe possibilitaria avaliar as chances de uma agressão dos espanhóis. Segundo relatou o governador, um desertor espanhol havia contado que os ingleses tinham tomado recentemente da Espanha a ilha de Trinidad, e ameaçavam invadir a foz do rio Orinoco. Afirmou o desertor que os espanhóis enviaram da cidade de Angostura para a fronteira com o Rio Negro um novo destacamento, neste caso liderado por um desertor português.¹⁰⁵ Os desertores, pelo conhecimento que tinham sobre as terras vizinhas, mostravam-se estratégicos para a formulação das medidas bélicas na fronteira durante a iminência de uma guerra.

Os planos militares de Lobo d'Almada não foram compartilhados apenas com Sousa Coutinho. Um ataque contra os domínios espanhóis na América não deveria voltar-se somente para a parte norte, mas deveria ser uma ação coordenada com as outras capitanias limítrofes. Assim, o Governador do Mato Grosso foi informado a respeito das estratégias traçadas para o ataque no norte da América portuguesa aos vizinhos espanhóis. Contudo, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, Governador do Mato Grosso, ponderou a Sousa Coutinho que era necessário calcular a correlação de forças em cada fronteira para decidir a possibilidade ou não de um ataque à América espanhola. E no caso do Mato Grosso, assegurou seu Governador que os espanhóis estariam em vantagem em um cenário de guerra.

Segundo uma relação redigida por um clérigo espanhol que fugira para o lado português da fronteira, as terras espanholas vizinhas eram mais povoadas do que a Capitania do Mato Grosso, o que tornaria a invasão portuguesa um empreendimento extremamente difícil. As Províncias de Moxos e Chiquitos, “que confinam com a fronteira do Forte do Príncipe e com a de Vila Bela, são povoadas por 42 mil índios.” O bispado de Santa Cruz de la Sierra, com comunicações com as duas províncias, contava com 70 mil habitantes. A Província de Assunção, na fronteira do rio Paraguai, chegava próxima a 113 mil almas, o que equivalia a uma “razão de 11 para 1” para a população da Capitania do Mato Grosso. Havia,

¹⁰⁴ APEP, Códice 503. Ofício de Manoel da Gama Lobo d'Almada para Francisco de Sousa Coutinho. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 08/08/1797.

¹⁰⁵ Ofício de Manoel da Gama Lobo d'Almada para Francisco de Souza Coutinho. Fortaleza da Barra do Rio Negro, 31/08/1797. Apud: Arthur REIS. *Lobo d'Almada: Um estadista colonial*. Manaus: Academia Amazonense de Letras, Prefeitura Municipal de Manaus, Editora Valer, 2006, pp. 262-263.

além disso, maiores conhecimentos sobre as comunicações entre as terras espanholas e portuguesas, o que daria vantagens para um contra ataque espanhol ao Mato Grosso.¹⁰⁶

As realidades locais das áreas de fronteira impunham-se como fatores importantes nas tomadas de decisão para o conjunto dos Impérios coloniais. Uma ofensiva na parte norte, como planejava o Governador do Rio Negro levando-se em conta as vantagens que os portugueses teriam na região, não poderia desconsiderar o quadro vigente na fronteira oeste, onde os espanhóis usufruíam de uma posição mais vantajosa. Essas diferenças regionais, tanto quanto o contexto internacional e as determinações metropolitanas, deveriam ser atentamente equacionadas na formulação das políticas coloniais.

1801: a experiência e a expectativa da guerra na fronteira.

A troca de ofícios entre os dirigentes de Mato Grosso e Grão-Pará, tratando dos perigos vindos da fronteira espanhola, tornou-se intensa por ocasião da Guerra das Laranjas, em 1801, a qual se fez acompanhar por ofensivas contra fortificações portuguesas no Mato Grosso. Esses ataques no território mato-grossense foram comunicados ao governo do Estado do Grão-Pará e Rio Negro. A ofensiva à fortificação portuguesa de Nova Coimbra, ocorrido no dia 16 de setembro, foi comunicada ao Governador do Pará no início do mês seguinte, solicitando-se a ele o envio de auxílios militares.¹⁰⁷ Narrativas mais circunstanciadas sobre o ataque, escritas por oficiais que participaram do confronto, também foram remetidas por Montenegro a Sousa Coutinho.¹⁰⁸ Foram igualmente enviadas para o Governador do Pará cópias de ofícios dirigidos pelas autoridades de Assunção que organizaram o ataque, dando conta das negociações de paz.¹⁰⁹

Assim, a condução das políticas para a fronteira mobilizava não apenas a troca de documentos entre os governos das Capitanias e a sede da monarquia, como também entre as partes coloniais dos impérios ibéricos na América. Tomar conhecimento das tensões nos limites luso-espanhóis, a partir de ofícios remetidos pelo governo de Mato Grosso e das províncias espanholas vizinhas a essa Capitania, contribuía para a orientação a ser dada no

¹⁰⁶ APEP, Códice 579, Documento 43. Ofício de Caetano Pinto de Miranda Montenegro para Francisco de Sousa Coutinho. Vila Bela, 25/08/1800.

¹⁰⁷ APEP, Códice 579, Documento 119. Ofício de Caetano Pinto de Miranda Montenegro a Francisco de Sousa Coutinho. Vila Bela, 10/10/1801.

¹⁰⁸ APEP. Códice 579, Documento 121. Ofício de Ricardo Franco de Almeida Serra para Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Coimbra, 23/09/1801.

¹⁰⁹ APEP, Códice 579, Documento 135. Ofício de Lazaro de Riberas para Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Asunción, 13/01/1802.

Grão-Pará e Rio Negro com relação às suas fronteiras, na medida em que um ataque espanhol certamente seria uma ação coordenada envolvendo as diferentes seções da raia fronteiriça. Nessa conjuntura, o conhecimento sobre o espaço hispano-americano era imprescindível para as intervenções práticas nas políticas de defesa territorial nas fronteiras luso-americanas. Tais intervenções não se fundamentavam somente na leitura histórica das relações luso-espanholas, como já foi discutido, mas sim na experiência das interações nas zonas confinantes no continente. E as experiências de ataques espanhóis em outros pontos limítrofes da América portuguesa corroboravam com veemência a expectativa de confrontos semelhantes na fronteira norte.

Da parte dos oficiais que serviam no Rio Negro, também houve a preocupação de saber se os espanhóis estariam preparando um ataque no ano de 1801. Para avaliar se haveria uma ofensiva, o oficial militar José Antônio Franco navegou da Fortaleza de Marabitanas para o forte espanhol de San Carlos. Os contatos entre os oficiais comandantes das duas fortificações limítrofes eram, ao que parece, frequentes, chegando o comandante espanhol a dever ao do lado português o valor de mais de 30 pesos fortes. Esses contatos justificavam visitas recíprocas entre os oficiais dos dois lados, mesmo durante o breve episódio da guerra luso-espanhola de 1801, ainda que isso devesse ser feito com a maior discrição “em respeito à declaração de guerra,” como recomendou o comandante espanhol a José Antônio Franco. Nas proximidades do forte, Franco encontrou-se com canoas espanholas nas quais vinham militares e índios. Ao conversar com os militares que serviam em San Carlos, estes lhe informaram que haviam chegado notícias da guerra entre Espanha e Portugal. Um sargento e um soldado espanhóis disseram que

tinha chegado a canoa da sua capital, e que trouxe a notícia [de] estar declarada a Guerra, Castela contra Portugal, e me disseram que os portugueses tinham tomado uma ou duas embarcações espanholas, e que tinham entrado os portugueses pela Estremadura espanhola sem mais nem menos, e que a isto acudiram maior força de franceses e espanhóis, e que iam entrando os portugueses pela Galícia dentro, e que tem havido muita mortandade de parte a parte, e que lhe corre a notícia que o Exército português tem ido debaixo, e que os franceses e castelhanos restauraram tudo dos portugueses, e que tinham tomado o Algarve, Extremoz, Elvas e Olivença, e que Portugal fizera pazes com Castela com o partido de declarar guerras aos ingleses, e os portugueses não pegarem mais nunca em armas contra Castela, e que os

espanhóis entregaram outra vez as terras que tinham tomado aos portugueses, e que esperavam ali brevemente as pazes com Portugal (...).¹¹⁰

A crise de 1801 evidenciou a crescente pressão franco-espanhola sobre Portugal, e como a aliança com a Grã-Bretanha não significava uma vantagem para Portugal naquela conjuntura. A ausência de ajuda militar dos ingleses aos portugueses foi crucial no episódio da Guerra das Laranjas, a qual figurou como o primeiro “grande risco para a sobrevivência da monarquia” portuguesa.¹¹¹ A rápida campanha militar de 1801 (ocorrida entre final de maio e início de junho) foi facilmente vencida pelas forças espanholas, sem a participação direta de efetivos franceses e sem uma ofensiva dos portugueses contra o território espanhol.

As notícias que corriam na fronteira luso-espanhola da América estavam longe de constituir um relato confiável sobre o desenrolar da guerra, recriando-se a narrativa do confronto de modo a enfatizar a ideia de uma agressão portuguesa e a força da aliança entre a Coroa espanhola e a República francesa. Os relatos que chegavam ao conhecimento dos habitantes nas fronteiras, certamente através de informes oficiais, periódicos e narrativas orais, eram reelaborados segundo os padrões culturais, linguísticos¹¹² e as experiências dos sujeitos locais, gestando assim versões diversificadas sobre um determinado evento.

Mas não é mais importante, nesse caso, a questão da confiabilidade das narrativas sobre a guerra de 1801 que chegavam e circulavam nas zonas limítrofes do continente americano. Em primeiro lugar, importa notar como, mesmo em pontos remotos dos domínios imperiais ibéricos, as notícias sobre o contexto político e as relações diplomáticas entre as

¹¹⁰ APEP, Códice 577, Documento 68. Ofício de José Antônio Franco. Marabitanas, 24/11/1801.

¹¹¹ Jorge PEDREIRA & Fernando Dores COSTA. *D. João VI: Um príncipe entre dois continentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.92.

¹¹² No que se refere ao filtro linguístico na divulgação das informações, embora seja um aspecto central no tema da oralidade e dos contatos na fronteira, trata-se, no entanto, de uma questão extremamente difícil de ser identificada nas fontes. A literatura sobre a língua (ou melhor, as línguas) dos habitantes de amplas áreas da América ibérica enfatiza a pluralidade e simultaneidade de idiomas utilizados no cotidiano, a despeito das tentativas de uniformização linguística, como a obrigatoriedade do uso do português pelos indígenas do Grão-Pará na segunda metade do XVIII. Cf.: José Ribamar Bessa FREIRE. *Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras, UERJ, 2003. Tomando como referência apenas o caso da Província de Maynas e da Capitania do Rio Negro, a transmissão oral de informações entre as duas áreas não requeria apenas o exercício de tradução e adaptação de textos ou conversas entre as línguas portuguesa e espanhola, mas também entre as línguas indígenas das populações locais, sem esquecer o peso nas relações cotidianas do nheengatu (no Rio Negro) e do quéchua (“la lengua general del Inga,” em Maynas), utilizados como “línguas franca” nas relações entre indígenas de diferentes grupos étnicos. Assim, parece muito provável, por exemplo, que uma notícia originalmente divulgada em espanhol fosse traduzida para o quéchua na Província de Maynas, retransmitida em ticuna (dos povos de mesmo nome, habitantes do espaço fronteiriço) na zona limítrofe, depois em nheengatu nas povoações luso-americanas, e, finalmente, registrada em português pelas autoridades do Rio Negro, passando a notícia ou informação, dessa forma, por reelaborações de significado e conteúdo.

potências europeias circulavam e eram comunicadas para seus habitantes. Em segundo lugar, a demanda por essas informações respondia às exigências da prática política naquela área, isto é, o encaminhamento que as autoridades davam a questões como defesa militar e relações com os territórios confinantes. Por fim, a circulação dessas informações deveria orientar as tropas e os habitantes dessas fronteiras com relação aos possíveis desdobramentos no cenário americano dos conflitos que ocorriam nos territórios metropolitanos – desdobramentos que, por sua vez, teriam impacto na relação entre os Impérios europeus em conflito.

Com relação a esse último ponto, um índio da fortaleza portuguesa de Marabitanas, ao conversar com índios espanhóis que serviam em San Carlos, tomou conhecimento sobre os preparativos para a guerra que estavam sendo executados na fronteira espanhola. Enquanto que as notícias da guerra na Europa chegavam aos ouvidos das populações indígenas da fronteira, havia índios que estavam sendo ocupados pelos militares na preparação de alimentos, medida necessária para abastecer as tropas que seriam destacadas para a invasão ao território luso-americano pela parte norte. Acreditava-se que um ataque espanhol, objetivando conquistar as fortificações de Marabitanas e São Gabriel no Rio Negro, era tão possível quanto o avanço português para tomar San Carlos na Província de Guayana:

Falando eu com os índios da minha equipagem se tinham ouvido falar alguma coisa aos índios espanhóis, disse-me o índio Thomas da Silva que lhe contaram os índios espanhóis que os castelhanos tinham tomado na Europa do nosso Príncipe duas fortalezas, e que o nosso Príncipe já as tornara a comprar a peso de muito dinheiro; também disseram que os castelhanos querem vir tomar Marabitanas e São Gabriel, também disseram mais que lhe vindo refresco de gente, que logo vinham pelo rio abaixo, prendendo tudo quanto achassem, quer brancos como índios, e que logo pelos rios Caburis e Xié hão de vir outros pelo rio abaixo a incorporar-se todos juntos para tomarem Marabitanas e São Gabriel. E também lhe disseram que o comandante de San Carlos não ocupava os índios de San Carlos, de San Francisco Solano e nem de San Fernando, *e que eram só ocupados em fazer roças para a gente quando viessem para a guerra*, e que a gente que trabalhavam [sic] na fortaleza eram [sic] das mais povoações, e mais para as vigias, como também lhe disse que os castelhanos tinham muitos índios, e que os portugueses não tinham ninguém, *e que se os castelhanos não tivessem valor não tomariam Marabitanas, nem São Gabriel, e se os portugueses também não tivessem ânimo também não tomariam San Carlos.*¹¹³

¹¹³ APEP, Códice 577, Documento 68. Ofício de José Antônio Franco. Marabitanas, 24/11/1801 (grifos meus).

Em setembro do ano de 1805, na Província de Maynas, as autoridades locais também acompanharam com atenção as informações recém-chegadas do lado português. O comandante do destacamento militar no rio Putumayo, Santiago Apolinar de Betancourt, havia recebido a comunicação enviada pelo governador da Província a respeito da declaração de guerra da Espanha à Grã-Bretanha, em dezembro do ano anterior (o que evidencia as dificuldades de conexão entre centros políticos e algumas áreas de fronteira, e como isso implicava em uma temporalidade mais “lenta” nas formas de comunicação oficial). Sabedor de que “los portugueses son aliados de dicha potencia,” Apolinar de Betancourt procurou averiguar junto aos portugueses do outro lado da fronteira a respeito das notícias que corriam sobre o estado político naquelas terras. A oportunidade para isso surgiu quando um português (não há informação se se tratava de comerciante, ou era um soldado que mantinha transações mercantis com os espanhóis do posto fronteiriço espanhol) visitou o destacamento “con motivo de traer algunas cosas de venta.” Nas conversações conduzidas pelo oficial espanhol, o português, “con mucho misterio y bajo de un sigilo muy misterioso,” disse-lhe que o comandante luso do destacamento no rio Içá havia sido comunicado a respeito dos contatos mantidos entre os reis de Portugal e Espanha. Soube o português, por meio das informações recebidas pelo comandante do Içá, que Sua Majestade Católica haveria solicitado a Sua Majestade Fidelíssima o envio de soldados (“40 mil hombres”), presumivelmente para “castigar una conjuración que se estaba tramando por los señores de la Corte.” Ao mesmo tempo, o comandante do Içá teria recebido ordens para não vender armas “de ninguna” espécie aos espanhóis – o que indica que o comércio fronteiriço poderia envolver não apenas alimentos para a manutenção dos homens que serviam nos postos militares, mas também armamentos e munições. “Esta mutación de carácter no hay dejado de causarme alguna aprehensión,” afirmou Apolinar de Betancourt em ofício dirigido ao governador de Maynas. Sustentou ainda que os portugueses poderiam se valer da ocasião para “intentar alguna cosa,” de modo que “sería muy conveniente guarnecer este destacamento [do Putumayo] con algunos individuos más.”¹¹⁴

Com base nos documentos acima, é possível analisar algumas questões relevantes para as áreas de fronteira naquele contexto. A circulação das informações políticas valia-se não apenas das lentas comunicações oficiais, como também das teias de relação vigentes nas zonas limítrofes, ligando sujeitos dos dois lados dos domínios ibéricos, a exemplo do

¹¹⁴ AHL, LEA11-162. Ofício de Santiago Apolinar de Betancourt, comandante do destacamento do rio Putumato, a Diego Calvo, governador da Província de Maynas. Putumayo, 24/09/1805.

comércio. Comerciantes (ou soldados que realizavam ocasionalmente trocas comerciais) tornavam-se informantes em um momento em que a demanda por notícias era premente, na medida em que embasavam medidas práticas de defesa territorial. Para as autoridades na área, era claro que os rumos das zonas limítrofes americanas entrecruzavam-se com o quadro político europeu, fazendo com que fossem informados (e buscassem informações) sobre as aproximações e os confrontos que envolviam as Coroas ibéricas no Velho Mundo.

As informações, como foi argumentando anteriormente e como os casos acima corroboram, valiam-se de diferentes meios de circulação, exigindo das autoridades a atenção para as notícias que vinham do lado oposto da fronteira. Variadas fontes (como ofícios, cartas particulares, gazetas, conversações mantidas em postos militares limítrofes, declarações prestadas por desertores e índios) traziam dados sobre a política internacional, compondo o acervo de informações a partir do qual as autoridades na fronteira interpretavam a conjuntura e seus possíveis desdobramentos futuros, bem como decidiam as medidas a serem postas em prática para a defesa de suas governações. Igualmente, as interpretações formuladas a partir de fontes tão variadas, e em uma conjuntura de incertezas e mudanças, concorriam para alimentar uma “cultura da especulação”¹¹⁵ entre militares e demais moradores das zonas fronteiriças, os quais elaboravam conjecturas sobre o futuro da balança de poder das Monarquias na Europa e suas repercussões no cenário americano. Essas leituras sobre os rumos políticos dos Impérios ibéricos (e seus desdobramentos nas suas zonas fronteiriças) eram processadas pelos oficiais militares, como também por outros sujeitos que habitavam a área, a exemplo dos índios de San Carlo. Nesse sentido, a formulação de expectativas quanto ao futuro dessas áreas de fronteira e dos Impérios ibéricos era realizada por diferentes setores da sociedade colonial, certamente resultando em compreensões diferenciadas de acordo com o lugar social ocupado pelos sujeitos e as possibilidades de acesso a informações.

Com relação aos índios na fronteira, parece válido levantar algumas hipóteses. Ao serem direcionadas aos índios na fronteira, as notícias sobre os conflitos europeus e as medidas de preparação para a guerra na América impulsionavam a difusão nas zonas limítrofes de noções políticas tais como o pertencimento daquelas populações indígenas a comunidades mais amplas (a *nação espanhola*, a *nação portuguesa*). Os índios eram vistos (e, segundo as expectativas das autoridades coloniais, deveriam ver a si mesmos) como

¹¹⁵ Essa expressão é utilizada por William Slauter com relação à imprensa e aos círculos políticos europeus no XVIII, especificamente sobre as interpretações e expectativas de futuro quanto aos rumos da guerra contra os colonos ingleses na América do Norte. Cf.: William SLAUTER. *News and Diplomacy in the Age of the American Revolution*. Op. cit., p. 64.

partícipes, naquele momento, das rivalidades que opunham portugueses e espanhóis. Para os representantes das Coroas ibéricas, índios *portugueses* e índios *espanhóis* deveriam concorrer à defesa de seus respectivos soberanos e de suas possessões americanas. Na preparação para a guerra nos confins da América, as construções discursivas sobre o valor da nação espanhola ou da portuguesa eram reforçadas pela divulgação das supostas vitórias militares de Espanha e Portugal no cenário europeu, cabendo aos índios concorrer para que esses valores fossem comprovados nos futuros conflitos nas terras americanas. Nos limites iberoamericanos, assimilação cultural dos índios (um objetivo comum às Coras ibéricas nos quadros do pensamento reformista¹¹⁶) e patriotismo combinavam-se nessa conjuntura de conflitos imperiais. O alcance desse processo de disseminação dos patriotismos luso e hispânico nas comunidades indígenas das fronteiras, no entanto, merece ser estudado com atenção, posto que foi marcado por variações segundo as políticas indigenistas aplicadas (por Portugal e pela Espanha), como também segundo os grupos étnicos por elas abarcados. Deve-se igualmente atentar que as identidades étnicas das comunidades indígenas das fronteiras não foram necessariamente apagadas por esse movimento de afirmação dos patriotismos ibéricos, o que marca os limites práticos da assimilação cultural advogada pelo Reformismo Setecentista. Assim, índios qualificados pelas autoridades como *portugueses* e *espanhóis*, mas que pertenciam às mesmas *nações indígenas*, prosseguiram identificando-se como membros dessas comunidades, mantendo contatos entre si e movimentando-se entre os espaços limítrofes coloniais (o que também viabilizava, por sua vez, a circulação de informações nessas regiões). A disseminação dos patriotismos ibéricos no bojo dos conflitos e tensões nas áreas de fronteira do XVIII não deve desconsiderar, por fim, as formas e os objetivos da apropriação dessas identidades políticas pelas comunidades indígenas.¹¹⁷

Um novo perigo através das fronteiras.

Como foi afirmado anteriormente, os perigos enfrentados pelo Grão-Pará e Rio Negro vinham tanto dos limites com a América espanhola quanto dos com a colônia francesa da Guiana. A preparação para a guerra contra os franceses ocupou os dirigentes do extremo norte

¹¹⁶ David K. WEBER. *Bárbaros. Los españoles y sus salvajes en la Era de la Ilustración*. Barcelona: Crítica, 2007, pp. 20-21.

¹¹⁷ Para uma abordagem geral sobre as políticas borbônicas para os índios, e a política dos índios nesse contexto, cf.: Elisa Frühauf GARCIA. “Os índios e as reformas borbônicas: entre o ‘despotismo’ e o consenso.” In: Cecília AZEVEDO, Ronald RAMINELLI (org.). *História das Américas: Novas perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2011, pp. 55-81.

dos domínios luso-americanos desde princípios da década de 1790, prosseguindo no início do século XIX.¹¹⁸ No ano de 1793, Francisco de Sousa Coutinho remetia a Martinho de Melo e Castro seus planejamentos defensivos para a área do Cabo Norte, fronteira à Guiana Francesa. Sousa Coutinho fora informado da chegada a Caiena do “comissário do partido jacobita,” na ocasião em que os franceses estavam em guerra com os holandeses, com os quais confinavam na parte oeste de sua colônia. Essa guerra poderia dar uma margem de segurança aos portugueses, visto que as forças militares francesas estavam sendo deslocadas para o outro lado da Guiana. Em todo o caso, decidiu-se por reforçar a defesa naval na foz do rio Amazonas. Naquela altura, embora estivesse Portugal em uma posição de neutralidade, e fosse importante não provocar os franceses, Sousa Coutinho entendia ser necessário reforçar a segurança para uma possível mudança do quadro político.¹¹⁹

Também se preocupavam as autoridades portuguesas do Grão-Pará com as drásticas transformações aplicadas pela Revolução na colônia francesa na América do Sul. A Belém chegaram rumores de que em Caiena ocorriam fatos tais como o fechamento de igrejas, a saída de religiosos, a liberdade dos escravos e a incorporação dos libertos nos efetivos militares, assim como a crise nos engenhos por falta de mão-de-obra cativa. Essas notícias sobre a Guiana Francesa foram prestadas aos portugueses, em 1794, por índios vindos do lado francês, os quais acrescentaram que “nas ruas de Caiena não se ouvem soar outras palavras que não sejam *Convention, Nation, Citoyen et Egalité*, e visto ainda na boca dos mesmos pretos, que estão muito ufanos por se julgarem armados para brigar com os portugueses.”¹²⁰ As ameaças representadas pela fronteira franco-portuguesa na América não se inseriam mais nas disputas por territórios coloniais que opunham as monarquias europeias. Nesse momento, colocavam-se em perigo valores e práticas caras a sociedades de Antigo Regime como a portuguesa (a exemplo do respeito à religião e às hierarquias sociais), e em especial em áreas coloniais (como a manutenção da escravidão). Entre o final do XVIII e a primeira década do século seguinte, os dirigentes da Capitania do Pará buscaram conter o fluxo de informações sobre as ideias e medidas revolucionárias vindas da Guiana Francesa.¹²¹

¹¹⁸ Jean SOUBLIN. *Caiena 1809*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010, pp. 22-24.

¹¹⁹ AHI, Correspondência de Francisco de Sousa Coutinho. Carta n.02 para Martinho de Mello e Castro. Belém, 06/06/1793.

¹²⁰ AHI, Correspondência de Francisco de Sousa Coutinho. Carta n.02 para Martinho de Mello e Castro. Belém, 06/06/1793 (Anexo I).

¹²¹ Rosa E. Acevedo MARIN. “A influência da Revolução Francesa no Grão-Pará”. In: José Carlos CUNHA (Org.). *Ecologia, desenvolvimento e cooperação na Amazônia*. Belém: UNAMAZ, UFPA, 1992, pp. 34-59.

De forma aproximada ao que ocorria no Grão-Pará e em outras partes da América portuguesa, nas cidades hispano-americanas os representantes da Coroa ocuparam-se em conter a circulação dos perigosos ideais franceses. O fim do século XVIII é marcado, entre outras coisas, pela difusão das ideias do movimento revolucionário francês na Europa e nos espaços atlânticos. Esses ideais embasaram práticas políticas de contestação aos fundamentos do Antigo Regime e das formações sociais dos mundos coloniais, o que motivou, em contraposição, um redobrado cuidado por parte das autoridades coloniais em conter a circulação dessas palavras e punir aqueles que enunciassem discursos politicamente contestatórios fundamentados em valores e elementos do pensamento revolucionário francês.¹²² O discurso antifrancês, corrente no mundo hispânico desde as décadas de 1770-1780 (com fortes críticas aos escritos de autores iluministas), ganhou intensidade na Espanha e nas suas colônias na América durante a guerra franco-espanhola dos anos de 1793-1795, quando assumiu um caráter de afirmação do nacionalismo espanhol, levando-se a cabo medidas como a expulsão de franceses e espanhóis suspeitos de serem seguidores dos ideais revolucionários.¹²³

No Vice-Reino do Peru, em 1794, o Vice-Rei Francisco Gil de Taboada afirmou que, desde que “empezaron las revoluciones que hoy agitan y destruyen la Francia,” estava empenhado em evitar que as ideias revolucionárias prejudicassem a “debida tranquilidad,” apesar das “perniciosas máximas que han procurado difundir por todas partes varios individuos de aquella nación.” Como havia franceses morando no Peru, alguns deles começaram a divulgar “ciertas especies con motivo de la guerra que está declarada, aunque ninguna comprobada.” O Vice-Rei recebera do padre Santiago González uma denúncia sobre “varios sugetos franceses adictos a la Asamblea de su nación, e que se habían fixado en ciertos parajes algunos pasquines alusivos a la perniciosa libertad que han querido establecer.”¹²⁴ Em Quito, no mesmo ano, as autoridades efetuaram a prisão de suspeitos de fixarem pasquins sediciosos (“dirigidos a alucinar y sublevar aquella plebe”) em alguns lugares públicos da cidade. Entre os suspeitos de espalhar esses pasquins, havia um “maestro de escuela.” Ainda em 1794, no Vice-Reino de Santa Fé, circulavam “pasquines anônimos dirigidos a Guayaquil,” além de “papeles franceses” ocultados em Cartagena, tendo ocorrido

¹²² István JANCÓS. *Na Bahia, Contra o Império*. Op. cit., p.165.

¹²³ Alfredo ÁVILA & Gabriel TORRES PUGA. “Do francês ao *gachupin*: a xenofobia do discurso político e religioso da Nova Espanha, 1760-1821.” Marco A. PAMPLONA, Maria Elisa MÄDER (org.). *Revoluções de Independências e Nacionalismos nas Américas: Nova Espanha*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, pp. 119-167.

¹²⁴ AGI, Estado, 73, n.73. Carta de Francisco Gil de Taboada al Duque de la Alcudia. Lima, 23/09/1794.

também a impressão ilegal dos “Derechos del Hombre.”¹²⁵ Nesse sentido, para as autoridades coloniais a proteção do território, cada vez mais, fundia-se à defesa dos valores e da ordem tradicionais, ameaçados pela circulação no espaço iberoamericano de escritos e ideias inspirados no movimento revolucionário francês.

¹²⁵ AGI, Estado, 53, n.55. Carta del virrey de Santa Fé, José de Ezpeleta, al Duque de la Alcudia. Santa Fe, 19/11/1794.

Mapa 2.8

América do Sul, Joaquín de Salas [versão adaptada a partir do original de 1799]. Disponível on-line: <http://www.igeo.ufrrj.br/fronteiras/mapas/map003.htm>. Deve-se observar que nessa adaptação de um mapa do final do século XVIII as fronteiras indicadas (sejam os limites entre a América lusa e a espanhola, sejam os limites políticos internos, a exemplo das capitanias luso-americanas) não correspondem necessariamente às representações do espaço do período, muito menos precisas, ocorrendo, portanto, alguns anacronismos. Assim, por exemplo, os limites entre Rio Negro e Pará estão mais próximos aos atuais limites entre os estados do Pará e Amazonas, ao passo que em mapas da época tal fronteira era demarcada de modo mais vago.

3.3- Uma nova fronteira para o Vice-Reino do Peru no começo do século XIX.

Os desafios e tensões colocados na América no período levaram as autoridades coloniais a pensar novas formas de organizar os territórios fronteiriços, visando agilizar sua proteção contra as ameaças militares e efetivar o incremento econômico dessas áreas. As propostas apresentadas, bem como as medidas adotadas, deveriam atentar tanto para as questões conjunturais e gerais dos Impérios ibéricos, quanto para as demandas e experiências das próprias áreas de fronteira.

Em 1797, Lobo d'Almada teceu considerações sobre as mudanças que deveriam ser efetuadas para a Capitania do Rio Negro. Respondendo a uma ordem real na qual se exigia a exposição do regimento em vigor no Rio Negro, Lobo d'Almada explicou que a Capitania que governava não seguia um regimento próprio, adotando-se o do Pará, ao qual o Rio Negro estava subordinado. Contudo, Lobo d'Almada defendia que se implantassem modificações na governança da Capitania, com o governo local dispondo de autoridade para realizar as nomeações, entre os seus habitantes, de oficiais de justiça, da fazenda e das milícias. Como argumentou Lobo d'Almada, “ninguém melhor que o governo dela pode conhecê-los [os habitantes] para os empregar correspondentemente.”¹²⁶

Para Lobo d'Almada, o governo do Rio Negro deveria ter autonomia para realizar outras nomeações entre os habitantes da capitania: “Os comandantes das fortalezas e registros, os diretores das povoações dos índios aldeados, os principais e oficiais dos mesmos índios, seria conveniente que fossem da nomeação do governo desta Capitania.” A fundação de vilas e a concessão de licenças para o funcionamento de engenhos de açúcar deveriam ser outras atribuições do governo da capitania e das câmaras locais, contribuindo assim para o aumento das rendas. Deveriam ser adotadas no Rio Negro as mudanças administrativas já realizadas no Piauí, importantes para um espaço tão extenso como o da capitania governada por Lobo d'Almada. Ao deixar de ser subordinado ao Pará, o governo do Rio Negro poderia ainda implantar medidas para o desenvolvimento da agricultura, do comércio e para a utilização da mão-de-obra local, constituída majoritariamente por “gentilidade” “embrenhada nos matos.” A vivência de Lobo d'Almada, com serviços prestados à Coroa portuguesa na Europa, África

¹²⁶ APEP, Códice 503, Documento 31. Ofício de Manoel da Gama Lobo d'Almada. Forte da Barra do Rio Negro, 02/08/1797.

e América, tinha ensinado a ele o seguinte princípio: “conhecimentos e luzes sem autoridade e poder, assim como autoridade e poder sem luzes nem conhecimentos, não fazem nada.”¹²⁷

A avaliação apresentada pelo oficial português no Rio Negro era portadora de leituras e valores caros ao pensamento reformista da época, com a defesa da autoridade estatal baseando-se não apenas no respeito às normas de vassalagem e às hierarquias do Antigo Regime, como também na aplicação de políticas civilizatórias que trariam o bem a todas as partes e a todos os habitantes do Império luso, assim como a defesa territorial das colônias luso-americanas. Além disso, os pontos defendidos por Lobo d’Almada são reveladores de sua experiência na fronteira norte, como também de outras experiências coloniais, o que lhe possibilitava tecer avaliações e planos para a Capitania do Rio Negro. Para Lobo d’Almada, a mudança de estatuto do Rio Negro, de capitania subordinada à do Pará para capitania autônoma, seria a grande e necessária transformação daquela fronteira, alterando as normas administrativas que vigoravam desde a criação da Capitania do Rio Negro na década de 1750. Contudo, a despeito dos argumentos de Lobo d’Almada (e que certamente deveriam contar com o apoio de setores da própria sociedade local), o Rio Negro prosseguiu como capitania subordinada ao governo sediado em Belém.

A Província de Maynas, por sua vez, passaria por uma mudança relevante no início do século XIX. Os domínios de Castela na América pareciam seriamente ameaçados no início do XIX, com a invasão portuguesa à área dos Sete Povos das Missões no ano de 1801. Os britânicos, com os quais vinham os espanhóis travando a guerra, poderiam agir em conjunto com os portugueses na América para atacar as terras hispano-americanas. Fazia-se urgente cuidar para que as zonas limítrofes fossem protegidas contra essas ameaças. Entre as medidas adotadas, estava a reconfiguração do espaço administrativo, procedimento que já vinha sendo marcante na América ao longo do XVIII, como foi visto no primeiro capítulo.

No caso da Província de Maynas, Francisco Requena criticava as difíceis condições de comunicação entre essa fronteira com a sede da Audiência, em Quito, o que tornava o apoio logístico contra um ataque português bastante complicado. Essas críticas foram colocadas em pauta pelo coronel, já em Madri, em suas participações no Conselho de Índias. Em informe datado de 1º de abril de 1799, tal problema foi objeto de atenção de Requena em pareceres enviados ao Conselho. Como alternativa, propunha a transferência da Província de Maynas

¹²⁷ APEP, Códice 503, Documento 31. Ofício de Manoel da Gama Lobo d’Almada. Forte da Barra do Rio Negro, 02/08/1797.

para a órbita administrativa do Vice-Reino do Peru.¹²⁸ Nas palavras de Requena “la más esencial y precisa providencia que debe tomarse sobre el gobierno de Maynas y Comandancia General de aquellas misiones es el ponerlos dependiente del virreinato del Perú.” Argumentou que a Província de Maynas estava mais próximas de Lima, permitindo um apoio logístico mais eficaz em vários sentidos, havendo ainda supostas semelhanças entre o clima da floresta (*las montañas*) com o do vale *norperuano*, o que tornaria mais “natural” a incorporação daquela fronteira ao Peru.¹²⁹

Pelas propostas de Requena, as Províncias de Maynas e Quijos ficariam agregadas ao território peruano, visto que o governo de Lima era considerado por ele como em melhores condições para administrar a defesa daquela fronteira. Essas alterações territoriais foram submetidas a avaliações dos membros do Conselho de Índias. Em 1800, a Secretaria do Peru, do Conselho de Índias, solicitou a Requena que ampliasse alguns pontos de sua proposta. No mesmo ano, os fiscais das Secretarias do Peru e da Nova Espanha se pronunciaram favoráveis ao plano, o qual foi aprovado pelo Conselho de Índias no ano seguinte, procedendo-se então à redação do decreto que regularizaria a mudança, a qual foi oficializada através da Real Cédula de 15 de julho de 1802, assinada pelo monarca Carlos IV. O documento foi enviado para os Vice-Reis de Nova Granada e do Peru, o presidente da Audiência de Quito, o arcebispo de Lima e os bispos de Quito e de Trujillo.¹³⁰

As propostas de Francisco Requena são referendadas no documento, em que se reconhece na pessoa do antigo comandante da Partida Demarcadora espanhola e governador de Maynas o mérito pelas mudanças apontadas para o território fronteiriço.¹³¹ Por esse

¹²⁸ Raúl PORRAS BARRENECHA. *História de los Límites del Perú*. Lima: Fundación M. J. Bustamante De la Fuente, 2011, pp. 38-39; *Real Cédula. Reintegración de Maynas al Perú (15 de julio de 1802)*. Edición facsimilar. Estudio introductorio por Juan Miguel Bákula Patiño, Ada Arrieta Álvarez y Hugo Pereyra Plasencia. Lima: Instituto Riva-Agüero, 1996, p. 46.7-23.

¹²⁹ “La mayor inmediación de las Misiones a Lima, los tránsitos que median entre dicha ciudad y los embarcaderos en los territorios de Jaén y Moyobamba, más cortos y accesibles todo el año para caballerías, la menor dificultad de conducir víveres, municiones y pertrechos por aquellos caminos; la mejor tropa y empleados que pueden ocuparse de aquella plaza de armas, la más principal de todo el Mar del Sur, la analogía que tiene el temperamento de las montañas con el que se experimenta en los valles al norte de Lima en beneficio de los que hubiesen de servir en las misiones; todas estas son ventajas que recomiendan el pensamiento”. Apud: Félix DENEGRÍ LUNA. *Perú y Ecuador: Apuntes para la historia de una frontera*. Lima: Bolsa de Valores de Lima, Instituto Riva-Agüero, PUCP, 1996, p.34.

¹³⁰ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú: Historia de la Gobernación y Comandancia General de Maynas (Hoy Regiones de Loreto, San Martín, Ucayali y Provincia de Condorcanqui)*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2007, pp. 365-366 e p. 380.

¹³¹ “Para resolver mi Consejo de las Indias el expediente sobre el Gobierno temporal de las Misiones de Maynas en la provincia de Quito, pidió informe á D. Francisco Requena, Gobernador y Comandante general que fué de ellas y actual Ministro del propio Tribunal; y lo executó en primero de Abril de mil setecientos noventa y nueve, remitiéndose á otro que dió con fecha 29 de Marzo anterior, acerca de las Misiones del río Ucayale, en que propuso, para el adelantamiento espiritual y temporal de unas y otras, que el Gobierno y Comandancia general de

documento, o *Gobierno y Comandancia General de Maynas*, transferido para o Peru, comportaria, além de Maynas e Quijos, as missões do Putumayo e Japurá e os pueblos de Santiago de las Montañas, Lamas e Moyobamba (esses dois últimos já pertenciam ao Peru), instaurando-se também um bispado nesses mesmos limites territoriais. Uma das preocupações presentes no texto da Cédula era justamente fazer com que coincidisse o território da administração político-militar com o da administração eclesiástica, demarcando de modo mais racional o espaço onde atuariam os poderes coloniais, devendo o governador provincial prestar auxílios aos missionários na fronteira. Caberia aos dirigentes do Vice-Reino do Peru a nomeação das autoridades da Província de Maynas, preocupando-se com a contenção das penetrações portuguesas no que, a partir daquela data, passariam a ser os limites orientais do território peruano com a América lusa.¹³²

Ainda com relação à administração eclesiástica da Província, as missões passariam a depender dos franciscanos do Colégio Apostólico de Santa Rosa de Ocopa,¹³³ os quais

Maynas sea dependiente de ese Virreynato, segregándose del de Santa Fe todo el territorio que las comprendía, como así mismo otros terrenos y misiones confinantes con las propias de Maynas, existentes por los ríos Napo, Putumayo y Yapurá: Que todas estas misiones se agreguen al Colegio de propaganda fide de Ocopa, el cual actualmente tiene las que están por los ríos Ucayale, Huallaga y otros colaterales, con pueblos inmediatos á las montañas de estos ríos, por ser aquellos misioneros los que más conservan el fervor de su destino. Que se erija un Obispado que comprenda todas estas misiones, reunidas con otros varios pueblos y curatos próximos á ellas, que pertenecen á diferentes Diócesis y pueden ser visitados por este nuevo Prelado; el qual podrá prestar por aquellos países de montañas los socorros espirituales que no pueden los misioneros de diferentes religiones y provincias, y que las sirven los distintos Superiores regulares de ellas, ni los mismos Obispos que en el día extienden su jurisdicción por aquellos bastos y dilatados territorios, poco poblados de cristianos, y en que se hallan todavía muchos infieles sin haber entrado desgraciadamente en el gremio de la Santa Iglesia”. Apud: *Real Cédula*. Op. cit., p. 45.

¹³² O texto da Real Cédula traz a seguinte declaração sobre esses pontos: “he resuelto se tenga por segregado del Virreynato de Santa Fe y de la provincia de Quito, y agregado á ese Virreynato el Gobierno y Comandancia general de Maynas, con los pueblos del Gobierno de Quijos, excepto el de Papallacta [*pueblo* situado a leste da cidade de Quito], por estar todos ellos á las orillas del río Napo ó en sus inmediaciones, extendiéndose aquella Comandancia general, no sólo por el río Marañón abajo, hasta las fronteras de las colonias portuguesas, sino también por todos los demás ríos que entran al mismo Marañón por sus márgenes septentrional y meridional, como son Morona, Huallaga, Pastaza, Ucayale, Napo, Yavarí, Putumayo, Yapurá y otros menos considerables, hasta el paraje en que éstos mismos por sus saltos y raudales inaccesibles dejan de ser navegables; debiendo quedar también á la misma Comandancia general los pueblos de Lamas y Moyobamba, para confrontar [sic] en lo posible la jurisdicción Eclesiástica y militar de aquellos territorios, á cuyo fin os mando que quedando, como quedan, agregados los gobiernos de Maynas y de Quijos á ese Virreynato, auxiliéis con cuantas providencias juzguéis necesarias, y os pidiere el Comandante general y que sirva en ellos, no sólo para el adelantamiento y conservación de los pueblos y custodia de los misioneros, sino también para la seguridad de sus dominios, impidiendo se adelanten por ellos los vasallos de la Corona de Portugal, nombrando los Cabos subalternos ó Tenientes de Gobernador, que os pareciere necesario, para la defensa de esas fronteras y administración de justicia”. Apud: *Real Cédula*. Op. cit., p. 46.

¹³³ Na serra central peruana, atualmente localiza-se no distrito de Santa Rosa de Ocopa (província de Concepción, Departamento de Junín). Os religiosos de Ocopa já assumiam missões nos rios Ucayali, Huallaga e Apurímac (todos no Peru), além de atuarem no arquipélago de Chiloé (na costa sul do Chile). Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p. 378.

enviariam missionários “que quieran dedicarse á la propagación de la Fe.”¹³⁴ A administração religiosa seria completada com a ereção de um Bispado em Maynas.¹³⁵ Por fim, a manutenção financeira da Província ficaria a cargo da *Caja Real* de Lima, remetendo-lhe *situados*¹³⁶ para cobrir os gastos defensivos e administrativos, assim como da *Caja Real* da cidade de Trujillo, no norte do Vice-Reino.¹³⁷ Essas alterações determinadas para a Província de Maynas figuram como exemplos do “reformismo de fronteira,” segundo formulou Manuel Lucena Giraldo,¹³⁸ como foi discutido no primeiro capítulo.

A integração do enorme espaço *maynense*¹³⁹ ao território do Vice-Reino do Peru parecia viável às autoridades espanholas, mas de modo algum se tratava de algo já vigente. As autoridades do Peru buscaram realizar a conexão da Província de Maynas com as cidades peruanas do norte, conformando um espaço regional com inter-relações político-administrativas e econômicas, sem as quais a defesa da fronteira não teria efeito. Assim, no ano de 1803, determinou-se realizar um levantamento dos itinerários que ligavam Maynas ao Peru, a fim de atender aos empreendimentos religiosos na fronteira.¹⁴⁰ Outro passo importante era agilizar as rotas de correio entre Lima e as povoações da fronteira. Em 1804, o Vice-Rei

¹³⁴ *Real Cédula*. Op. cit., p. 46. Antes dessa alteração missional, as ordens religiosas que atuavam em Maynas eram as seguintes: dominicanos, mercedários, franciscanos e o clero secular oriundo de Quito. Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp. 370-371.

¹³⁵ “Igualmente he resuelto erigir un Obispado en dichas misiones, sufragáneo de ese Arzobispado, á cuyo fin se obtendrá de Su Santidad el correspondiente breve, debiendo componerse el nuevo Obispado de todas las conversiones que actualmente sirven los misioneros de Ocopa por los ríos Huallaga, Ucayale y por los caminos de montañas que sirven de entradas á ellos, y están en la jurisdicción del Arzobispado de Lima, de los curatos de Lamas, Moyobamba y Santiago de las Montañas, pertenecientes al Obispado de Truxillo; de todas las Misiones de Maynas, de los Curatos de la provincia de Quijos, excepto de Papallacta; de la Doctrina de Canelos en el río Bobonaza, servidos por padres dominicos, de las misiones de religiosos mercenarios en la parte inferior del río Putumayo, pertenecientes al Obispado de Quito; de las Misiones situadas en la parte superior del mismo río Putumayo, y en el Yapurá llamadas de Sucumbios que estaban á cargo de los padres Franciscanos de Popayán, sin que puedan por esta razón separarse los eclesiásticos seculares ó regulares que sirven todas las referidas misiones y curatos, hasta que el nuevo Obispo disponga lo conveniente”. Apud: *Real Cédula*. Op. cit., p. 46.

¹³⁶ Nas palavras de Ramiro Alberto Flores Guzmán, os *situados* eram “fondos transferidos en calidad de subsidios desde los grandes virreinos continentales a algunos territorios ubicados en áreas periféricas, pero estratégicas, para la defensa del imperio español, las cuales no podían mantenerse con sus propios ingresos. Estas remesas sirvieron básicamente para cubrir los crecientes gastos militares de plazas fuertes que servían como bastión contra el ataque de enemigos exteriores (...) o interiores (...)”. A *Caja Real* de Lima enviava situados para Valdivia, Concepción, Chiloé e ilhas Juan Fernández (no Chile), para o Panamá e para a Província de Maynas. Nesse último caso, o “situado fue enviado (...) para la defensa del asentamiento español en la frontera selvática contra la amenaza de indios salvajes y colonos portugueses del Brasil.” Ramiro Alberto FLORES GUZMÁN. “Fiscalidad y gastos de gobierno en el Perú Borbónico.” In: Carlos CONTRERAS (editor). *Compendio de Historia Económica del Perú, Tomo 3: La Economía del Período Colonial Tardío*. Lima: BCRP; IEP, 2010, 295-380, p. 361 e p. 364.

¹³⁷ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p. 382 e p. 394.

¹³⁸ Manuel LUCENA GIRALDO. “Le réformisme de frontière.” *HSAL*, n.7, premier semestre 1998, 209-220.

¹³⁹ Waldermar Espinoza calcula em mais de 1 milhão de quilômetros quadrados a superfície territorial de Maynas, segundo a demarcação que havia sido estipulada pela Real Cédula. Isso equivale a “una extensión prácticamente tan grande como la que ahora tiene todo el territorio peruano.” Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p. 377.

¹⁴⁰ Idem, p. 387.

do Peru determinou que se averiguassem as melhores rotas para o envio de correspondências para Maynas e Quijos. Para isso, as autoridades da Audiência de Quito foram consultadas, prestando informações sobre as rotas existentes, as condições de viagem e os dias necessários para o transporte de correspondência. Contribuíram para esse levantamento as descrições apresentadas por oficiais que haviam servido em Maynas durante o governo de Requena, bem como de índios que transitavam na região.¹⁴¹

A partir da primeira década do XIX, caberia às autoridades do Peru tornar efetiva a incorporação de uma nova província fronteiriça ao território *virreinal*. Além disso, a Real Cédula de 1802 não significou somente a transferência administrativa da fronteira de Quito para Lima, implicando também um rearranjo territorial no próprio Vice-Reino do Peru. Assim, a Intendência de Trujillo perdeu a ingerência sobre as povoações de Moyobamba, Lamas e Tarapoto para a *Gobernación y Comandancia General* de Maynas. Contudo, em um primeiro momento, os cabildos dessas cidades prosseguiram respondendo apenas à Intendência de Trujillo. Em 1805, o intendente de Trujillo reconheceu que as sobreditas cidades ficavam sujeitas a Maynas, informando-as oficialmente dessa modificação.¹⁴² Esse fato evidencia que o processo de redefinição territorial das unidades administrativas não ocorreu de forma imediata, posto que certamente isso exigia a reelaboração de teias políticas já estabelecidas.¹⁴³

A integração de Maynas ao Peru não foi a única mudança territorial relevante ocorrida nesse Vice-Reino entre fins do XVIII e princípios do século XIX. Em 1796, a Intendência de Puno, que havia passado para o Vice-Reino do Rio da Prata, foi reincorporada ao território *virreinal* peruano, ocupando a posição denexo entre ele e o espaço alto-peruano. Já pela Real Cédula de 7 de Julho de 1803, a cidade portuária de Guayaquil, na Audiência de Quito, passou para a esfera administrativa do Vice-Reino do Peru. Essa medida respondia a questões militares, em primeiro lugar, tendo em vista a maior facilidade de Lima concorrer à defesa do porto *guayaquileño*. Em segundo, as relações comerciais entre essa cidade portuária e o porto de Callao, no Peru, eram intensas, destacando-se Guayaquil como exportadora de cacau e madeiras. Em reconhecimento às rotas mercantis que conectavam mercadores *guayaquileños*

¹⁴¹ AHL, LED2-052. Carta de Bernardo Darquea. Ambato, 08/06/1804.

¹⁴² Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp. 395-396.

¹⁴³ Ressalte-se que Trujillo constituía a mais destacada cidade no norte do Vice-Reino do Peru, gozando de importância econômica e política e exercendo sua influência no espaço regional *norteño*. Susana ALDANA RIVERA. “Orden y Desorden: Región y ciudad entre el Virreinato y la República. Trujillo del Perú.” In: Cristina MAZZEO DE VIVÓ (editora). *Las Relaciones de Poder en el Perú: Estado, regiones e identidades locales, siglos XVII-XIX*. Lima: PUCP, 2011.

e *limeños*, em 1806 Guayaquil passou a depender do Consulado de Lima, e não mais do Consulado de Cartagena. As medidas adotadas pela Coroa para o Vice-Reino do Peru (dentre as quais figurava a incorporação de Maynas) visavam recuperar, ainda que de maneira parcial, a influência desse espaço administrativo na América do Sul.¹⁴⁴

Mapa 2.9

O Vice-Reino do Peru em 1810. Apud: Gustavo PONS MUZZO. *Las Fronteras del Perú*. Lima: Iberia, 1961, p 47.

As medidas adotadas para Maynas inserem-se no quadro geral das tensões, incertezas e ameaças da virada do XVIII para o XIX. Conhecedor dos problemas limítrofes na América, Francisco Requena não atentava, obviamente, apenas para a fronteira norte quando defendeu

¹⁴⁴ Félix DENEGRI LUNA. *Perú y Ecuador*. Op. cit., pp. 45-47; Scarlett O'PHÉLAN GODOY. "Abascal y la reformulación del espacio del virreinato del Perú, 1806-1816." *Política Internacional – Revista de la Academia Diplomática del Perú*, Ns. 95-96, Enero/Junio 2009, pp. 30-46; Raúl PORRAS BARRENECHA. *História de los Límites del Perú*. Op. cit., p. 40.

as mudanças administrativas para Maynas, pensando esse caso dentro de um panorama de planejamentos políticos continentais e imperiais. Desse modo, Requena foi um crítico do Tratado de Paz luso-espanhol de 29 de setembro de 1801, afirmando que ele traria prejuízos à Coroa espanhola (com destaque para as perdas da região dos Sete Povos das Missões para os portugueses, no sul da América meridional). Na formulação das expectativas de Requena (mas não somente dele) para a Província de Maynas confluíam sua experiência na fronteira norte e as informações sobre as demais possessões iberoamericanas, bem como sobre a conjuntura atlântica dos conflitos dos Estados monárquicos europeus. A mudança de Maynas da esfera de Quito para Lima representava, assim, uma medida de realocação de espaços com o sentido de defender o conjunto do Império.¹⁴⁵ Claro que essa tomada de decisão estava amparada também no reconhecimento de que a realidade daquela área de fronteira (com suas dinâmicas próprias de circulação de homens, bens e informações entre os espaços luso e espanhol no continente) influenciava as relações entre as Coroas de Espanha e Portugal em um tempo particularmente conflituoso e instável. Essa realidade impunha os limites e as possibilidades para a formulação das medidas práticas para a fronteira, e o enquadramento dessa área no corpo dos domínios espanhóis deveria levar em conta o nível local das interações entre os impérios ibéricos. Trata-se de um reformismo de fronteira, enfim, que se constrói na interação entre os desígnios imperiais e as experiências locais.

Após a transferência de Maynas para o Peru, as incursões portuguesas na fronteira continuaram a afligir as autoridades espanholas. Em 1804, a *Junta de Fortificaciones y*

¹⁴⁵ Essa constatação, que atenta para o momento em que a mudança foi decretada, acaba sendo menosprezada por discussões a respeito do estatuto *peruano* ou *equatoriano* de uma região que, no início do XIX, era tão somente um segmento da fronteira espanhola na América. Embora se entenda essas leituras como produções ancoradas nas historiografias nacionalistas dos dois países, bem como nos enfrentamentos diplomáticos e militares que opuseram ambos com relação à demarcação de limites nos séculos XIX e XX, deve-se necessariamente considerar o momento em que a Real Cédula foi decretada. Nesse sentido, cabe citar a observação de Juan Miguel Bákula Patiño sobre a proposta de mudança administrativa da fronteira defendida por Requena, o qual objetivava “proteger y defender el patrimonio de los reyes de España antes que a perfilar el lindero de una república que aún no había asomado a la historia.” *Real Cédula*. Op. cit., p. 11. Como exemplo de abordagem nacionalista sobre a fronteira em questão, conferir: Roberto MACLEAN Y ESTENÓS. *Peruanidad de Tumbes, Jaén y Maynas*. Lima: s/e., 1941. Waldemar Espinoza, por sua vez, afirma em seu livro que a decisão de transferir Maynas da Audiência de Quito para o Vice-Reino do Peru não buscava “favorecer a Nueva Granada ni al Perú, porque el rey era monarca del Perú y Nueva Granada;” no parágrafo seguinte, contudo, o autor sustenta que a “Real Cédula de 1802 es un documento precioso para la historia de la *peruanidad* loreta y fundamental para probar el *ejercicio soberano del Perú* en el este y noroeste del territorio” (grifos meus). ESPINOZA, Waldemar. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p. 369. Parece mais adequado, entretanto, considerar que a Real Cédula não “prova” a soberania do Peru naquele momento, mas sim constitui um documento que expõe o intento da Coroa em regularizar uma mudança política *visando concretizar, no futuro*, a soberania do Vice-Reino do Peru naquela fronteira em nome do monarca de Castela. Além disso, tampouco se tratava de um documento que atestasse a peruanidade daquele espaço, consistindo, sim, a defesa da identidade espanhola de uma fronteira ameaçada pelo expansionismo português. Para uma avaliação a respeito da relação entre território colonial e território nacional, conferir: João Paulo G. PIMENTA. *Estado e Nação no Fim dos Impérios Ibéricos no Prata (1808-1828)*. São Paulo: HUCITEC; FAPESP, 2002, pp. 49-61.

Defensa de las Indias informou ao Rei, com base em um relato do viajante Tadeo Haenke, que os portugueses prosseguiram ingressando pelo rio Madeira. No ano de 1805, o Vice-Rei do Peru foi comunicado de que, pelo rio Purus, internavam-se embarcações lusas. No ano seguinte, foram tomadas medidas para barrar a entrada de portugueses pelo rio Putumayo.¹⁴⁶ Ainda em 1806, as ações defensivas foram complementadas com a criação de uma milícia no território *maynense*.¹⁴⁷ Em 1807, os milicianos foram destacados para rechaçar a presença de portugueses no rio Napo.¹⁴⁸

As desconfianças e os receios que mediavam a relação entre Espanha e Portugal, embora estivessem presentes na América antes da passagem do século XVIII para o XIX, e tenham permanecido mesmo ao longo dos trabalhos de demarcação, mostravam-se prementes na conjuntura de guerra internacional que envolvia os dois reinos. As perdas territoriais pareciam, aos olhos das autoridades coloniais, possibilidades concretas. Nas zonas fronteiriças, o trânsito de bens, pessoas e informações ajudava a orientar as ações defensivas/ofensivas que estavam sendo adotadas por espanhóis e portugueses. Essa dinâmica na fronteira, com aproximações e antagonismos, impunha também desafios constantes aos representantes das Coroas peninsulares, exigindo delas a reconfiguração desses espaços confinantes dentro de suas respectivas totalidades imperiais.

As propostas de Lobo d'Almada em 1797, para o Rio Negro, e a Real Cédula de 1802, para Maynas, representam os planejamentos e as ações dos Impérios para a fronteira, sustentados nos problemas daquele contexto e nas experiências locais. A conjuntura de crise das monarquias ibéricas, iniciada em 1808, lançaria novos desafios para o conjunto dos povos e terras submetidos à soberania dos monarcas. Desse momento até a década de 1820, a crise e as reconstruções das soberanias, na América portuguesa e na América espanhola, acarretariam, entre outras coisas, a redefinição dos espaços políticos no continente e a possibilidade de enquadramento das áreas fronteiriças *iberoamericanas* em territórios *nacionais*. Esse quadro será abordado no próximo capítulo.

¹⁴⁶ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp. 389, 397, 399.

¹⁴⁷ Idem, pp. 365-402.

¹⁴⁸ Idem, p. 402.

CAPÍTULO IV

A FRONTEIRA, ENTRE DISSOLUÇÕES.

De 1808 até princípios da década de 1820, os Impérios ibéricos se veriam sacudidos por alterações de caráter revolucionário, modificando intensamente seus fundamentos políticos e econômicos, possibilitando a eclosão, entre seus súditos, de contestações diretas à fidelidade monárquica. No mundo americano, esse conflituoso tempo traria à tona possibilidades inéditas de autonomia política, ampliando a discussão na esfera pública, a formulação de projetos de futuro e a participação de seus habitantes nos rumos de seus espaços locais, bem como de todo o Império. Essas transformações políticas, marcadas por conflitos sociais e militares, além de incertezas quanto ao futuro, tornariam possível a dissolução do Antigo Regime, bem como o surgimento de novos Estados no continente.

No que diz respeito à fronteira entre Maynas e Rio Negro, os novos desafios e dilemas colocados nesse momento estariam presentes nas medidas de defesa territorial, nas aproximações entre autoridades e moradores dessas áreas, nas expectativas quanto ao futuro desses espaços. Com isso, velhas práticas e problemas comuns ao espaço fronteiriço (o contrabando, as deserções, a circulação de informações) seriam redimensionados a partir das demandas e transformações advindas desse contexto. Os entrelaçamentos econômicos, políticos e humanos na fronteira ganhariam, assim, novos sentidos, conjugando experiências do mundo ibero-americano.

Tendo em vista a incorporação de Maynas ao Vice-Reino do Peru no início do século XIX, o estudo da conjuntura acima mencionada, naquela província fronteiriça, requer a compreensão das transformações ocorridas na sociedade peruana e na Monarquia hispana do período. Ao mesmo tempo, porém, as rotas que ligavam Maynas ao espaço da Audiência de Quito permaneceram atuantes, portanto essas relações também devem ser levadas em consideração. De modo semelhante, as mudanças de 1808 a início dos anos de 1820, no Rio Negro, precisam ser compreendidas levando-se em consideração as modificações operadas na Monarquia portuguesa e na América lusa. Com relação ao Rio Negro, não se pode perder de vista suas relações com o

Capitania/Província do Pará, da qual era administrativamente dependente, e com a qual mantinha estreitos fluxos econômicos e humanos.

Nesse capítulo, será apresentado, primeiramente, o quadro das principais alterações vivenciadas pelas Monarquias ibéricas, e em particular pelo Brasil e pelo Peru, do ano de 1808 até fins da década de 1810. Em seguida, enfoca-se a fronteira Maynas-Rio Negro nesse período, enfatizando-se a inserção desse espaço nas transformações mais gerais, assim como as experiências gestadas a partir desse espaço. Na parte final, a análise volta-se para os primeiros anos da década de 1820: inicialmente, serão discutidas as principais transformações desse momento, com as independências do Peru e do Brasil; em seguida, as relações entre Maynas e Rio Negro serão analisadas, no momento em que a independência (ou a preservação da fidelidade monárquica) tornava-se uma questão que envolvia os dois lados da fronteira.

4.1-Peru e Brasil: crises monárquicas e desafios políticos a partir de 1808 e ao longo da década de 1810.

A crise da Monarquia hispânica.

Os acontecimentos que se desenrolaram a partir de 1808 no Vice-Reino do Peru, assim como em outras áreas da América espanhola, estiveram associados às amplas mudanças vivenciadas pelo Império espanhol desde esse ano até a década de 1820. Tratou-se de uma época de revolução da Monarquia espanhola, afetando de modo intenso e vertiginoso as formas de exercício de poder e as estruturas políticas tanto na Península quanto no espaço americano. Alguns acontecimentos marcariam o início desse processo no ano de 1808: primeiramente, o motim de Aranjuez no mês de março, resultando na queda do impopular ministro Manuel Godoy, seguindo-se a isso a abdicação de Carlos IV em favor de seu filho, Fernando VII, e depois a prisão da família real em Bayona em abril, quando então pai e filho viram-se obrigados a abdicar à Coroa em benefício de José Bonaparte, irmão do imperador dos franceses. A tomada da Monarquia espanhola por Napoleão visava conquistar o apoio dos súditos americanos, esperando que eles reconhecessem José Bonaparte como seu novo soberano. Pouco tempo depois de assumir a Coroa, José Bonaparte convidou representantes dos vice-reinos e capitanias gerais do Novo Mundo para que participassem de um congresso constitucional, o qual deveria ser realizado em Bayona.

Na estratégia político-militar napoleônica, estava em vista a legitimação do poder sobre a América espanhola não apenas mediante a coroação de José Bonaparte, mas também atendendo a demandas e anseios dos súditos americanos de Sua Majestade Católica, mantendo, assim, uma ampla área ultramarina sob a hegemonia francesa.¹

Em maio de 1808, contudo, as províncias espanholas recusaram-se a reconhecer a mudança política imposta pela coação militar francesa, iniciando-se uma série de levantes populares contra o que passou a ser caracterizado como uma invasão estrangeira. Em resposta à coroação de José Bonaparte, considerado um rei ilegítimo pelos espanhóis, as províncias espanholas, ao longo do mesmo ano, assumiram o poder em nome do rei cativo, formando-se 18 juntas regionais que reclamaram para si a soberania política. Essa decisão estava embasada no princípio legal hispânico segundo o qual, na ausência do rei, o poder deveria retornar ao povo.² O pacto franco-espanhol, urdido desde meados da década de 1790, rompeu-se nesse momento. Os franceses passaram a ser caracterizados como os grandes inimigos da Espanha, enquanto que britânicos e portugueses surgiam como aliados potenciais na luta contra Napoleão e na busca da restituição da Coroa a Fernando VII, *El Deseado*.³

¹ François-Xavier GUERRA. *Modernidad e Independencias. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Editorial MAPFRE, Fondo de Cultura Económica, 2001, pp. 115-122; Jaime E. RODRÍGUEZ O. *La Independencia de la América Española*. México: FCE, Colmex, FHA, 2005, p. 108; Jaime E. RODRÍGUEZ O. *La Revolución Política Durante la Época de la Independencia: El Reino de Quito, 1808-1822*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Corporación Editora Nacional, 2006, pp. 39-60; John LYNCH. *La España del Siglo XVIII*. Barcelona: Editorial Crítica, 2009, pp. 375-377; Manuel CHUST. “Un bienio trascendental.” In: CHUST, Manuel (coordinador). *1808: La Eclosión Juntera en el Mundo Hispano*. México: Fondo de Cultura Económica, Colmex, 2007, pp. 11-50; Antonio MOLINER PRADA. “El movimiento juntero en la España de 1808.” In: CHUST, Manuel (coordinador). *1808: La Eclosión Juntera en el Mundo Hispano*. Op. cit, pp. 51-83.

² Como analisou Guerra, tratava-se de uma teoria política pactista, segundo a qual existiriam deveres e direitos recíprocos que ligavam o rei e seus súditos, ao passo que no impedimento do monarca exercer seu poder, este deveria ser exercido pelo povo. Nas palavras do autor: “Los vínculos recíprocos que existen entre el rey y el reino – o la nación – no pueden ser rotos unilateralmente. Si el rey desaparece, el poder vuelve a su fuente primera, el pueblo.” François-Xavier GUERRA. *Modernidad e Independencia*. Op. cit., p.123. Federica Morelli, por sua vez, destaca o ineditismo das abdições de Bayona na história das monarquias européias, constituindo igualmente uma ação ilegítima do ponto de vista da teoria política das sociedades monárquicas do Antigo Regime: “Jamás una familia real había confiado con anterioridad su corona a un extranjero sin una guerra o alianza familiar previa, pues desde la Edad Media todas las doctrinas regias descansaban en el principio fundamental de la inalienabilidad de sus derechos y bienes.” Desse modo, o patrimônio da Coroa não pertenceria ao rei como pessoa física, mas sim a ele como pessoa jurídica, constituindo, fundamentalmente, um patrimônio do reino. Por extensão, os reis espanhóis não poderiam ter entregado seus bens como monarcas (incluindo as terras americanas) a um estrangeiro, como ocorreu em 1808, sem o consentimento prévio do reino. Federica MORELLI. “De Audiencia a Nación: el legado de la crisis imperial en Ecuador.” In: Ivana FRASQUET, Andréa SLEMIAN (eds.). *De las Independencias Iberoamericanas a los Estados Nacionales (1810-1850); 200 años de historia*. Madrid: AHILA, Iberoamerica, Vervuert, 2009, 137-138, pp. 131-152.

³ Antonio MOLINER PRADA. “El movimiento juntero en la España de 1808.” Op. cit, pp. 54-62.

O colapso da Monarquia espanhola e a formação de juntas governativas na Espanha foram fatos conhecidos pelos súditos americanos entre os meses de julho e setembro de 1808. Algumas dessas informações chegaram pouco depois das notícias sobre a coroação de Fernando VII, amplamente comemorada no continente, o que só contribuiu para deixar atônitos os americanos que recebiam (de fontes por vezes pouco confiáveis, como emissários franceses) as notícias sobre as abdições de Bayona e a subida ao trono de José Bonaparte. Na maior parte das colônias na América, as respostas a essa crise política sem precedentes acompanhou o mesmo padrão vigente na Espanha, com a formação de juntas locais que governariam enquanto Fernando VII não reassumisse o poder. A soberania, nesse caso, deveria momentaneamente ser assumida pelos atores políticos locais, mais precisamente pelos cabildos, reafirmando-se, com isso, uma tradicional concepção pluralística de soberania na Monarquia hispânica.⁴ Ao mesmo tempo, as manifestações públicas nesse momento deixavam muito claro o rechaço à invasão francesa e a demonstração de fidelidade ao rei Fernando VII e à instituição monárquica. Tratava-se, assim, de uma reação condizente à cultura política da Monarquia hispânica, válida tanto para os súditos peninsulares quanto para aqueles que viviam nos domínios ultramarinos. Nessa conjuntura, as decisões políticas dos súditos americanos precisavam avaliar a situação peninsular, acompanhando o desenrolar da guerra de libertação contra os franceses e a possibilidade (ou a sua falta) de restituição do poder monárquico na Espanha.⁵

O vazio de poder na América hispânica em 1808, fruto da crise no centro do Império espanhol, abriu espaço para a proposição do projeto político da princesa Carlota Joaquina, naquela altura já instalada com a Corte lusa na cidade do Rio de Janeiro. Como filha de Carlos IV e irmã mais velha de Fernando VII, Carlota Joaquina apresentou-se às autoridades e aos súditos hispano-americanos como legítima sucessora do monarca aprisionado pelos franceses. A princesa reclamava para si a condição de regente das terras hispano-americanas, argumentando ainda a necessidade de conjugar os esforços de Portugal e Espanha (auxiliados pelos britânicos) para a luta contra a França. Mais do que um projeto pessoal, o carlotismo representava os anseios e expectativas do Estado joanino com relação ao quadro político instável na América e na

⁴ Antonio ANINO. “Soberanías en lucha.” In: Antonio ANINO, François-Xavier GUERRA. *Inventando la Nación: Iberoamérica, siglo XIX*. México: FCE, 2003, pp. 152-184.

⁵ Jeremy ADELMAN. *Sovereignty and Revolution in the Iberian Atlantic*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2006, pp. 185-189; Manuel CHUST. “Un bienio trascendental”. Op. cit., pp. 30-31.

Europa, procurando reforçar a posição do Império português naquela conjuntura. A divulgação do projeto carlotista nas partes ultramarinas do Império espanhol gerou recepções diferenciadas, tendo sido considerado uma solução possível à crise do Império espanhol por alguns grupos políticos no Rio da Prata e no Alto Peru, mas sem conseguir conquistar, no final das contas, o apoio necessário nessas áreas para sua realização.⁶

Ainda em 1808, em maio, foi criada a Junta Suprema de Sevilha, tendo sido substituída, no mês de setembro, pela *Junta Suprema Central Gubernativa del Reino* (primeiramente em instalada em Aranjuez, e logo depois transferida para Sevilha), visando organizar a defesa contra os invasores franceses e a administração política da Espanha naquela situação de crise, bem como manter a unidade e integridade da nação espanhola. Essa junta declarou reconhecer não apenas as juntas formadas na Península, como também aquelas constituídas na América, reivindicando para si, no entanto, o papel de organismo central da Monarquia. No início do ano seguinte, a Junta deu um passo a mais na busca de apoio dos espanhóis americanos, decretando que os domínios no Novo Mundo não constituíam colônias espanholas, não sim partes integrantes da monarquia, sendo seus habitantes detentores dos mesmos direitos de representação na Junta usufruídos pelos peninsulares. Assim, a Junta Central ampliou o número de seus participantes para incluir os representantes da América. Esses representantes seriam escolhidos, pela primeira vez, por meio de eleições, o que significava uma mudança de peso das práticas políticas nas terras americanas. Autorizou-se a realização de eleições em 14 cidades na Nova Espanha, 14 na Guatemala, 6 na Venezuela, 20 na Nova Granada, 17 no Peru, 16 no Chile e 12 no Rio da Prata. Ainda que essa medida tenha despertado críticas por parte de membros da Junta, temendo-se o acirramento dos conflitos políticos nas terras americanas com a realização de eleições, ela foi considerada pela maioria como um passo necessário para unir o conjunto dos súditos na defesa da Nação espanhola contra o inimigo externo. Deve-se observar, por fim, que o número total de representantes americanos na referida Junta deveria ser menor do que o dos representantes peninsulares: 9 delegados americanos (um por cada um dos vice-

⁶ Francisca Nogueira de AZEVEDO. “Carlota Joaquina e a política do Prata.” *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 3. Rio de Janeiro: 1999, p. 253-272; João Paulo G. PIMENTA. *O Brasil e a América Espanhola (1808-1822)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2003, pp. 53-64.

reinos e capitanias gerais) frente a 36 (dois por cada uma das 18 juntas peninsulares) da Espanha.⁷

As prontas demonstrações na América de fidelidade ao monarca espanhol não implicavam, necessariamente, no reconhecimento da autoridade da Junta de Sevilha. Ao contrário, em diferentes pontos do continente, cabildos em reinos e capitanias não consideraram a Junta como um órgão politicamente legítimo para gerir o conjunto da Monarquia espanhola, decidindo, assim, assumir na esfera local as funções governativas, defendendo-se, dessa forma, uma maior autonomia política para os súditos americanos. Nesse momento, porém, não se contemplava como alternativa política o rompimento das relações com a Espanha. Como afirma Cristina Mazzeo de Vivó, no período de 1808 a 1815 as manifestações autonomistas na América estiveram mais influenciadas pela bandeira da defesa do rei cativo e da implementação de reformas da Monarquia espanhola. Ainda segundo a autora, somente da segunda metade da década de 1810 a, pelo menos, o ano de 1820, ocorreu a radicalização dos movimentos autonomistas, o que enfraqueceria a ideia de preservação dos laços da América com a Monarquia.⁸

Já em 1809, formaram-se juntas autônomas em Quito e no Alto Peru, estabelecendo-se outras juntas no continente americano no ano seguinte. Essa eclosão *juntera*, para usar a expressão de Manuel Chust, criou novos espaços políticos no mundo hispano-americano, constituindo uma ruptura com as normas e práticas políticas da Monarquia espanhola (ainda que uma ruptura, naquele momento, posta em marcha em nome da defesa do poder monárquico). Nesse momento, além disso, criavam-se condições para que os *criollos* forçassem uma negociação com os poderes metropolitanos duramente afetados pela invasão napoleônica, buscando conquistar espaços locais de poder, o que, ainda nessa conjuntura da passagem do ano de 1809 para

⁷ Jaime E. RODRÍGUEZ O. *La Revolución Política Durante la Época de la Independencia*. Op. cit., pp. 44-45.

⁸ Cristina MAZZEO DE VIVÓ. “Las vicisitudes de la guerra de la independencia del Perú, 1817-1824.” *Cuadernos de Investigación*, 1/2000. Lima: PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2003, p. 6. Sobre o mesmo ponto, José M. Portillo Valdés ressalta que a criação das juntas, ainda que tenha constituído um fato insólito na monarquia espanhola, não pode ser considerada como uma ação revolucionária, tendo em vista que as juntas deveriam agir como depositárias de soberania, tutelando o ordenamento político para a preservação da própria Monarquia. Cf.: José M. PORTILLO VALDÉS. *Crisis Atlántica: Autonomía e Independencia en la crisis de la Monarquía Hispana*. Madrid: Marcial Pons, 2006, pp. 55-56.

o de 1810, de modo algum significava a contestação à validade das relações políticas entre americanos e peninsulares.⁹

O funcionamento da Junta na Espanha foi diretamente afetado pelas campanhas militares contra os franceses. As vitórias das tropas napoleônicas sobre os espanhóis entre 1809-1810, resultando na invasão da Andaluzia, forçaram a mudança da Junta da cidade de Sevilha para Cádiz, e depois para a ilha de León. A Junta, então, foi dissolvida, dando lugar a um Conselho de Regência em 29 de janeiro de 1810, composto de cinco membros, entre os quais dois representantes da América. A dissolução da Junta Central representou uma frustração para os *criollos*, os quais não teriam mais suas reivindicações defendidas em um organismo que se propunha centralizar a condução política da Monarquia, pondo a perder todo o esforço de organização de eleições para a escolha dos representantes americanos na mencionada junta. Para muitos *criollos*, além disso, parecia possível naquele início de 1810 que o Conselho de Regência também sucumbisse aos invasores franceses, o que alimentou a criação de outras juntas no continente americano (como Buenos Aires, Chile, La Habana e Caracas). Havia o medo de que as terras americanas, assim como o território espanhol, caíssem sob o controle napoleônico. Paralelamente a isso, o vazio de poder e a crise de autoridade daquele momento poderiam dar margem para perturbações sociais no mundo hispano-americano, devendo os *criollos*, assim, assumir amplamente a direção política de seus territórios, mantendo sob controle as populações indígenas, mestiças e escravas.¹⁰

A Regência, por sua vez, convocou as Cortes em 14 de fevereiro de 1810. Diante do fracasso da Junta, e depois da Regência, em unificar politicamente as terras hispânicas na ausência do rei, a convocação das Cortes deveria concretizar a participação de representantes espanhóis peninsulares e americanos nas decisões sobre o futuro da Monarquia espanhola.¹¹ A recepção à convocação das Cortes, no entanto, variou ao longo da América, pois enquanto em alguns lugares esse decreto foi logo acatado (como Peru, Quito, Guatemala e Nova Espanha), em outras houve a rejeição a

⁹ Manuel CHUST. “Un bienio trascendental.” Op. cit., pp. 33-34.

¹⁰ Idem, pp. 36-37.

¹¹ Em alguns casos, representantes escolhidos para fazer parte da Junta central (e que não chegaram a participar da mesma devido a sua dissolução) tornaram-se deputados nas Cortes de Cádiz, a exemplo de Joaquín Fernández Leiva, do Chile. Manuel CHUST. “1808-1810: El ‘Bienio Trascendental’: Reflexiones *prima della* independencia americana.” In: Juan Luis ORREGO PENAGOS, Cristóbal ALJOVÍN DE LOSADA, José Ignacio LÓPEZ SORIA (compiladores). *Las Independencias Desde La Perspectiva de los Actores Sociales*. Lima: OEI, UNMSM, PUCP, 2009, p. 72, pp.61-73.

ele (como em Buenos Aires, Chile, Santa Fé de Bogotá e Caracas). Essa cisão abriu espaço para a adoção de uma política de combate das autoridades peninsulares contra as juntas autônomas, as quais passaram a ser acusadas de promover a insurgência e de serem independentistas, justificando-se dessa forma a ação militar nessas partes da América para fazer respeitar as determinações vindas da Espanha. Temia-se que as experiências autonomistas na América colocassem a perder os espaços coloniais hispânicos estruturados há três séculos no continente. Esse temor não ficou restrito aos círculos políticos peninsulares, tendo sido compartilhado por autoridades e setores das elites americanas, a exemplo do Vice-Reino do Peru, o que será abordado mais adiante.

1810 foi um ano de eleições em parte considerável da América espanhola, realizadas para a escolha dos deputados que participariam das Cortes. Para muitos *criollos*, as Cortes, ao reunir deputados oriundos de vários pontos do mundo hispânico, teriam o poder de promover transformações substanciais, entre as quais garantir maior autonomia para os americanos. Estima-se que as Cortes reunidas na cidade de Cádiz contaram com aproximadamente 230 deputados, dos quais 67 eram americanos. No dia 24 de setembro daquele ano, os deputados declararam-se representantes soberanos da Nação espanhola, cabendo a eles formular a Constituição da Monarquia, a qual viria a ser promulgada em 1812. O período 1810-1812 foi de intensos debates não apenas no âmbito das Cortes, mas envolveu igualmente espanhóis peninsulares e americanos (nesse segundo caso, tanto os que reconheceram a soberania das Cortes quanto aqueles que se opuseram a elas). O texto constitucional de 1812 decretou leis válidas tanto para a Espanha quanto para a América, estabelecendo direitos partilhados por todos os membros da Nação espanhola. Entre esses direitos, destaca-se o direito ao voto, concedido a todos os homens livres independentemente de critérios censitários ou de educação, excluindo-se, porém, os de origem africana. A representação política deveria ser exercida nas cidades (*ayuntamiento constitucional*), nas províncias (*diputación provincial*) e na Monarquia (as Cortes). Além disso, a Constituição gaditana pôs fim à Inquisição, ao tributo indígena e ao trabalho forçado da mita, decretou a liberdade de imprensa, restringiu o poder político do monarca e ampliou o das próprias Cortes.¹² A carta constitucional de Cádiz não encerrou as experiências autonomistas em curso em partes da América, em que *criollos*, a despeito dos ganhos alcançados com a

¹² Jaime E. RODRÍGUEZ O. *La Revolución Política Durante la Época de la Independencia*. Op. cit., pp. 49-52.

Constituição de 1812, buscavam assegurar os espaços políticos locais. No mesmo ano em que vinha à luz o texto de Cádiz, por exemplo, foi promulgada uma constituição em Quito, o *Pacto solemne de sociedad y unión entre las Provincias que forman el Estado de Quito*.¹³

Além de serem modificações amplas para o conjunto da Monarquia espanhola, algumas das leis aprovadas no texto gaditano tinham uma sensível repercussão nas sociedades hispano-americanas, como eram aquelas relativas às populações indígenas. Os índios passavam a ser considerados cidadãos, dispondo de direitos políticos (poderiam votar), o que deu poder às comunidades indígenas nas disputas eleitorais. Tal modificação tornou-se um motivo de preocupação para muitos *criollos*, temerosos de se verem pressionados por um eleitorado, em muitas áreas, predominantemente indígena. Por outro lado, a supressão dos tributos indígenas afetava as tradicionais formas de obtenção de ganhos financeiros e de influência dos não-índios sobre os índios, alterando assim as relações de poder em muitas partes do continente, bem como a capacidade fiscal dos governos locais.¹⁴

Retorno de Fernando VII e agravamento dos conflitos na América.

No período entre 1812 a 1814, as campanhas militares de britânicos e espanhóis contra os invasores franceses, bem como a derrota das forças napoleônicas em outras frentes de guerra na Europa, solaparam a ocupação francesa da Espanha. Em dezembro de 1813, foi assinado com a França o Tratado de Valençay, segundo o qual Fernando VII reassumiria o trono espanhol, devendo ainda comprometer-se com a anistia aos partidários dos franceses, a retirada da Espanha das tropas de Napoleão, assim como dos militares britânicos.¹⁵ A volta do monarca significou, igualmente, o fim da primeira experiência constitucional da Monarquia espanhola: em 1814, quando Fernando VII retornou ao poder, atacou as reformas liberais empreendidas pelas Cortes, abolindo-as e anulando a Constituição, o que marcou o retorno do absolutismo na Espanha. Com relação à América, o fim das conquistas constitucionais se fez acompanhar pela adoção

¹³ Federica MORELLI. *Territorio o Nación: Reforma y disolución del espacio imperial en Ecuador, 1765-1830*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2005, p. 51.

¹⁴ Charles F. WALKER. *De Túpac Amaru a Gamarra: Cusco y la Formación del Perú Republicano, 1780-1840*. Cusco: CBC, 1999, pp. 123-128.

¹⁵ Jacques GODECHOT. *Europa e América no Tempo de Napoleão (1800-1815)*. São Paulo: Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1984, pp. 253-254.

de medidas de repressão militar aos movimentos locais que reivindicavam maior autonomia. Em 1815, após findar os conflitos contra as tropas de Napoleão, a metrópole espanhola organizou uma Expedição Pacificadora, composta por 18 mil soldados aproximadamente, e sob o comando do general Pablo Morillo. Essa expedição seria originalmente destinada para atuar no Rio da Prata, tendo sido, contudo, enviada para combater os insurgentes na Venezuela e na Nova Granada, logrando retomar o controle sobre Cartagena de Indias, prendendo e executando líderes pró-independência nesse Vice-Reino.¹⁶ Com a exceção do Rio da Prata, nas demais partes do continente as forças leais ao monarca encontravam-se em vantagem sobre os insurgentes. Para os realistas no Novo Mundo, parecia, a partir daquele momento, que o retorno do monarca e do absolutismo iria possibilitar a derrota dos insurgentes.¹⁷

Na segunda metade da década de 1810, contudo, o acirramento dos confrontos resultou na defesa mais contumaz da independência em áreas como a Venezuela e o Rio da Prata. Os conflitos militares na América do Sul foram atizados, com enfrentamentos intensos entre independentistas e realistas, sem que se vislumbresse ao certo para que lado a guerra levaria o continente. Em 1816, as províncias do Rio da Prata declararam-se independentes, criando-se então as Províncias Unidas da América do Sul. Em 1817, o general José de San Martín comandou o avanço sobre o Chile, derrotando as tropas realistas locais no ano seguinte. Ainda em 1817, a guerra dos republicanos contra os realistas retomou o fôlego na Venezuela. Uma força reunindo independentistas neogranadinos e venezuelanos conquistou uma importante vitória militar sobre os realistas em Boyacá, no ano de 1819. No mesmo ano, as Províncias Unidas da América do Sul promulgaram sua constituição. Em 1820, Guayaquil proclamou sua independência, instituindo sua própria constituição. Assim, ao findar a década de 1810, o governo espanhol se via em dificuldades para continuar sustentando a guerra contra os insurgentes na América. O orçamento espanhol encontrava sérios entraves para continuar financiando a guerra, e a crise econômica vivenciada pela Espanha naquela década contribuía para agravar os planejamentos de imposição armada da ordem nas áreas rebeladas do continente. Em certos momentos, políticos espanhóis levantaram a

¹⁶ Juan MARCHENA FERNÁNDEZ. “La Expresión de la Guerra: El poder colonial. El Ejército y la crisis del régimen colonial.” In: Germán CARRERA DAMAS (editor). *Historia de América Andina. Volumen 4: Crisis del Régimen Colonial e Independencia*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Libresa, 2003, 109-110, pp. 77-128.

¹⁷ Jaime E. RODRÍGUEZ O. *La Revolución Política Durante la Época de la Independencia*. Op. cit., pp. 57-58.

proposta de recorrer à ajuda dos portugueses no Brasil para organizar operações militares de reconquista das áreas sublevadas, proposta essa que foi abandonada quando se deu a segunda invasão da Banda Oriental por forças lusas no ano de 1816.¹⁸

Dilemas do Vice-Reino do Peru.

No caso do Vice-Reino do Peru, a maior parte das mudanças e fatos apresentados até o momento ocorreu durante o período da administração do vice-rei Don José Fernando de Abascal y Sousa (1806-1816), personagem cujo esforço político-administrativo para a defesa da causa realista seria marcante não apenas em relação ao espaço peruano, como também nos territórios hispano-americanos vizinhos. Militar com longa experiência tanto na África quanto na América (onde havia participado da ocupação da Colônia do Sacramento, dos trabalhos de fortificação de La Habana, tendo ainda atuado como presidente da Audiência de Guadalajara), Abascal foi nomeado para o cargo de vice-rei do Rio da Prata, não o assumindo por ocasião do aprisionamento pelos britânicos do navio no qual viajava para o Novo Mundo. Logo após sua liberação, recebeu a nomeação para administrar o Peru. Como vice-rei do Peru em um período extremamente conturbado, sua atuação na defesa da causa realista foi destacada, conduzindo medidas de aparelhamento militar do território do vice-reino, reforçando as defesas de Lima e do litoral peruano, e instituindo forças militares – a exemplo do chamado *Regimiento de la Concordia*, de 1810, o qual reunia membros da elite *limeña* em suas fileiras, e que valeria a Abascal o título de *Marqués de la Concórdia*, um reconhecimento por seus esforços na defesa da causa realista.¹⁹

No período entre 1809-1814, quando foram instituídas juntas governativas autônomas, Abascal ordenou reprimir militarmente os insurgentes em Quito e no Alto Peru, enviando munições e recursos financeiros para os realistas de Montevideu e Buenos Aires, e organizando no Chile uma força militar em 1813. Com relação à repressão às juntas andinas no ano de 1809, Abascal determinou o envio de tropas, sob

¹⁸ Michel P. COSTELOE. *La Respuesta a la Independencia: La España imperial y las revoluciones hispanoamericanas, 1810-1840*. México: Fondo de Cultura Económica, 2010, pp. 85-95; Brian R. HAMNETT. *La Política Española en una Época Revolucionaria, 1790-1820*. México: Fondo de Cultura Económica, 2011, p. 237; João Paulo G. PIMENTA. *Estado e Nação no Fim dos Impérios Ibéricos no Prata (1808-1828)*. São Paulo: HUCITEC; FAPESP, 2002, pp. 126-153.

¹⁹ Scarlett O'PHELAN GODOY. "Abascal y la reformulación del espacio del virreinato del Perú, 1806-1816." *Política Internacional: Revista de la Academia Diplomática del Perú*, n. 95-96, enero/junio 2009, pp.30-46.

o comando do general *criollo* José Manuel Goyeneche, para debelar o movimento *juntero* em La Paz, ocupando a cidade em outubro daquele ano, e derrotando definitivamente os *juntistas paceños* na batalha de Irupana, no mês de novembro. No ano seguinte, o Alto Peru foi reincorporado ao território peruano, medida essa vista por Abascal como necessária para barrar o avanço do movimento revolucionário bonarense.²⁰ Além dessa incorporação, em 1812 a cidade chilena de Valdivia, onde havia uma importante prisão, passou à jurisdição do Vice-Reino do Peru, permanecendo assim até ser conquistada pelo exército libertador em 1820.²¹ As amplas e prolongadas ações militares realistas coordenadas a partir do território peruano contaram, predominantemente, com homens e recursos do próprio Vice-Reino, tendo em vista a incapacidade da Espanha, envolvida em sua luta de libertação contra os franceses, em participar do financiamento dessa frente de guerra na América. Desse modo, transformar o Peru em bastião de defesa do realismo em parte considerável da América do Sul significou um peso considerável no tesouro do Vice-Reino.²² Segundo o próprio vice-rei, a repressão às juntas em Charcas e em Quito havia consumido um valor estimado em 1.500.000 pesos.²³

Por sua repercussão em Maynas (o que será abordado mais adiante), cabe destacar a junta soberana de Quito, constituída em agosto de 1809 e que reuniu importantes membros da nobreza titulada local, contando também com apoio de parte do clero *quiteño*.²⁴ A junta de Quito defendia a autonomia de um espaço que, no entender de seus dirigentes, havia sido preterido pela Coroa em suas reivindicações desde o fim do século XVIII: a Audiência de Quito não havia sido elevada à categoria de Vice-Reino ou de Capitania Geral, como defendia a elite local, tendo ainda perdido

²⁰ Brian R. Hamnett, por sua vez, afirma que as anexações promovidas por Abascal respondiam igualmente aos objetivos das elites de Lima, as quais haviam se posicionado contrárias à divisão administrativa entre Alto Peru e Baixo Peru promovida no século anterior. Conferir: Brian R. HAMNETT. “La Política Contrarrevolucionaria del Virrey Abascal: Perú, 1806-1816.” Lima: IEP, 2000 (Documento de trabajo n.112. Serie: Historia n.18). Sobre os *pronunciamientos* de Chuquisaca e La Paz no ano de 1809, e a repressão a eles determinada por Abascal, conferir também: José Luis ROCA. *Ni con Lima ni con Buenos Aires: La formación de un Estado nacional en Charcas*. La Paz: IFEA, Plural Editora, 2007 (capítulo V).

²¹ Scarlett O’PHELAN GODOY. “Abascal y la reformulación del espacio del virreinato del Perú, 1806-1816.” Op. cit.

²² John LYNCH. *Las Revoluciones Hispanoamericanas, 1808-1826*. Barcelona: Ariel, 2008, p. 162.

²³ Brian R. HAMNETT. *Revolución y Contrarrevolución en México y el Perú: Liberalismo, realismo y separatismo (1800-1824)*. México: FCE, 1978, p. 58.

²⁴ Tanto em 1809 quanto em 1812, os movimentos *juntistas* de Quito contaram com o apoio de religiosos das ordens dos mercedários, agostinianos e franciscanos. Conferir: Marie-Danielle DEMÉLAS. *La Invención Política: Bolivia, Ecuador, Perú en el siglo XIX*. Lima: IFEA, IEP, 2003, pp. 205-209.

parte de seu território para o Peru com agregação de Maynas e Guayaquil ao espaço peruano. Somava-se a isso o quadro econômico de crise da Audiência,²⁵ assim como as disputas políticas que opunham entre si criollos e peninsulares. Nesse sentido, a defesa de soberania local em Quito respondia a anseios antigos da elite da Audiência, bem como aos conflitos políticos daquela sociedade, intensificados pela incerta conjuntura vivenciada pela monarquia espanhola.²⁶ Contudo, o movimento da cidade de Quito não angariou apoio de outras cidades da Audiência, deixando claro as rivalidades existentes entre elas. Guayaquil e Cuenca, além de Popayan, juntaram-se aos esforços realistas do Peru para derrotar a Junta *quiteña*.²⁷ E, tal como se deu no Alto Peru, a junta *quiteña* foi reprimida pela intervenção militar ordenada por Abascal, ocupando-se Quito em novembro de 1809 e logo se incorporando ao espaço peruano as cidades de Guayaquil e Cuenca.²⁸

Abascal esforçou-se, em sua administração, em reconhecer as instâncias políticas centrais criadas na Península a partir de 1808. Por ordem do vice-rei, procedeu-se em Lima, em outubro de 1808, ao juramento ao rei Fernando VII e ao reconhecimento da junta sevilhana como instância política máxima durante a ausência do monarca, e até o final daquele ano todas as cidades capitais do Vice-Reino fariam o mesmo (em Maynas, isso ocorreu no dia 25 de dezembro). Ao contrário do que ocorreu em outras áreas da América nos anos de 1809 e 1810, esse rápido reconhecimento da junta sevilhana impediu a eclosão de movimentos *junteros* no espaço peruano; ao contrário, as elites locais deram apoio ao vice-rei em sua política de contenção das juntas autonomistas vizinhas ao Peru. Além disso, Abascal rechaçou prontamente as pretensões de Carlota Joaquina de atuar como regente da América espanhola,

²⁵ Para um quadro geral da economia da Audiência de Quito entre fins da década de 1790 e começo do século seguinte, conferir: Thomas Marc FIEHRER. *The Baron de Carondelet as Agent of Bourbon Reform: a study of Spanish colonial administration in the years of the French Revolution*. University of Tulane. Dissertation. Department of History, 1977, pp. 595-605.

²⁶ Em seu manifesto dirigido à população, os membros da junta acusaram os peninsulares de ter “todos los empleos en sus manos,” ao passo que os americanos eram “mirados con desprecio y tratados con ignominia,” destacando ainda a defesa da nação espanhola contra as pretensões napoleônicas (pretensões essas, segunda acusação dos *juntistas quiteños*, que recebiam o apoio de peninsulares que viviam em Quito). Cf.: Jaime E. RODRÍGUEZ O. *La Revolución Política Durante la Época de la Independencia*. Op. cit., p.71

²⁷ Jaime E. RODRÍGUEZ O. *La Revolución Política Durante la Época de la Independencia*. Op. cit., p. 72; Frederica MORELLI. *Territorio o Nación*. Op. cit., p. 47.

²⁸ Scarlett O’PHELAN GODOY. “Abascal y la reformulación del espacio del virreinato del Perú, 1806-1816.” Op. cit., p.40.

demonstrando grande desconfiança em relação às intenções da Corte portuguesa.²⁹ No governo Abascal, Lima, capital do mais antigo Vice-Reino na América meridional, e onde estavam arraigadas há mais tempo as estruturas e relações coloniais, tornou-se o grande reduto realista no continente – o que não impediu, contudo, a ocorrência de conspirações na cidade.³⁰

A repressão militar ordenada por Abascal se fez acompanhar, também, por uma intensa propaganda fidelista. As vitórias espanholas sobre os franceses em Bailén (julho de 1808) foram amplamente divulgadas no território peruano, dando a impressão de que em breve Fernando VII reassumiria o trono, esperança desfeita com as vitórias napoleônicas e a retomada de Madri no ano seguinte. Contudo, as notícias sobre as derrotas espanholas foram suprimidas pela imprensa fidelista, procurando-se, com isso, manter sob controle a nascente opinião pública local. A propaganda política determinada durante o governo Abascal foi responsável pela publicação de escritos antinapoleônicos e de defesa do rei Fernando VII, assim como a encenação de peças de teatro de conteúdo político fidelista. Ainda nesse esforço de propaganda, reuniões suspeitas foram vigiadas, punindo-se a alguns dos seus participantes sob acusação de promoverem conspirações e intentarem instaurar uma junta em Lima, como ocorreu com o advogado José Mateo Silva e outros *vecinos*, no ano de 1809. No ano seguinte um presbítero foi acusado de promover tertúlias para discutir a formação da junta de Buenos Aires e de planejarem levar a revolução a Guayaquil.³¹ Já em 1814, o conde de la Vega del Ren, um desafeto político de Abascal, foi acusado pelo vice-rei de envolver-se em uma tentativa de conspiração em Lima, conspiração que supostamente visava depor Abascal e proclamar a independência. As acusações não foram provadas, inocentando-se o nobre *limeño*.³²

O controle sobre as informações tornou-se uma preocupação maior para Abascal quando, em 1810, foi instituída a junta de Buenos Aires, procurando-se nesse momento deter no Peru a circulação de informações sobre esse acontecimento e sobre o assédio a La Paz dos insurgentes *bonarenses*. Tal esforço tornou-se inútil quando, em dezembro

²⁹ Víctor PERALTA RUIZ. *La Independencia y la Cultura Política Peruana (1808-1821)*. Lima: IEP, Fundación Manuel J. Bustamante de la Fuente, 2010, p. 90, 105, pp. 117-118.

³⁰ Scarlett O'PHELAN GODOY. "El proceso de independencia en el Perú." In: Ivana FRASQUET, Andréa SLEMIAN (eds.). *De las Independencias Iberoamericanas a los Estados Nacionales*. Op. cit., 119, 121, pp. 109-129.

³¹ Víctor PERALTA RUIZ. *La Independencia y la Cultura Política Peruana*. Op. cit., pp. 132-136.

³² Víctor PERALTA RUIZ. *En Defensa de la Autoridad: Política y cultura bajo el gobierno del virrey Abascal. Perú, 1806-1816*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2002, pp. 138-140.

do mesmo ano, as Cortes de Cádiz decretaram a lei de liberdade de imprensa.³³ As notícias sobre os sucessos no Rio da Prata e suas repercussões no Alto Peru chegaram cada vez mais ao conhecimento dos habitantes do território peruano, mesclando-se com as notícias a respeito de lutas que ocorriam fora do controle mais imediato de Lima. No sul do Vice-Reino, na cidade de Tacna em 1811, foi momentaneamente instalada uma junta, liderada por Francisco de Zela, o qual declarou aderir tanto ao rei da Espanha quanto à Junta *bonarense*, atitude condizente a um momento político em que manifestações de fidelismo e apoio a movimentos *junteros* não significavam necessariamente uma contradição.³⁴ Ainda em Tacna, em 1813, foi mais uma vez instalada uma junta, sobre a qual há indícios de que teria mantido contatos com os insurgentes do Prata.³⁵ Em 1812, em uma revolta indígena nas províncias de Huánuco e de Huamalíes, na serra central, *chapetones*, *criollos* e *mestizos* foram atacados pelos índios, que afirmavam obedecer a ordens do “rei Castel,” uma referência a Juan José Castelli (dirigente dos exércitos de Buenos Aires), o qual, dizia-se, viria a ser coroado o novo Inca – o que, de fato, não chegou a ocorrer.³⁶

A defesa do absolutismo, encabeçada pelo vice-rei do Peru, foi limitada por ordens vindas da península que promoveram práticas políticas modernas. Seguindo as determinações da Junta central, o vice-rei Abascal ordenou a realização das eleições para a escolha dos representantes locais que deveriam tomar parte na referida junta, o que abriu espaço para a discussão política e a participação de sujeitos de diferentes recortes econômicos e étnicos nesse processo. Em 1812, com a Constituição de Cádiz, determinou-se a formação de cabildos constitucionais, pondo fim aos cargos perpétuos (*regidores perpetuos*) nessa instituição. Os cabildos constitucionais deveriam ser formados a partir de eleições indiretas, assumindo ainda a responsabilidade de participar

³³ Víctor PERALTA RUIZ. *La Independencia y la Cultura Política Peruana*. Op. cit., pp. 128-136 e pp. 147-164. Conferir também: Víctor PERALTA RUIZ. *En Defensa de la Autoridad*. Op. cit., pp. 38-48.

³⁴ Lizardo SEINER LIZÁRRAGA. “La rebelión de Tacna de 1811.” In: Scarlett O’PHELAN GODOY (compiladora). *La Independencia del Perú: De los Borbones a Bolívar*. Lima: PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2001, pp. 57-75.

³⁵ Scarlett O’PHELAN GODOY. “El proceso de independencia en el Perú.” Op. cit., p. 116.

³⁶ Marie-Danielle DEMÉLAS. *La Invención Política*. Op. cit., p. 211. Nuria Sala i Vila, por sua vez, sublinha a apropriação pelos grupos *criollos* das simbologias e referências do passado inca como estratégia para angariar o apoio dos indígenas. Nesse caso, Castelli, em sua campanha no Alto Peru, decretou a extinção das tributações indígenas nas ruínas de Tihuanaco, um ato político que se apoiava nos referenciais pré-conquista da região andina. Meses depois de debelada a revolta de Huánuco, corriam boatos em comunidades indígenas nas serras peruanas de que estava próxima a vinda do Inca, ou de um familiar seu, para libertá-las, algo possível devido à prisão do rei Fernando VII. Cf.: Nuria SALA I VILA. *Revueltas Indígenas en el Perú Tardocolonial*. Tese de Doutorado em História. Barcelona: Universitat de Barcelona, Facultad de Geografía e Historia, 1989, pp. 619-630.

da realização das eleições dos representantes na Corte de Cádiz para o período 1813-1815. No Peru, tal modificação abriu espaço para a eleição de liberais críticos à política conduzida por Abascal, os quais assumiram postos no *ayuntamiento* de Lima. Os liberais *limeños* no cabildo usufruíram de uma participação mais ativa no espaço público local, publicando o periódico *El Peruano Liberal*, buscando fazer um contrapeso ao absolutismo liderado pelo vice-rei. Entretanto, o retorno do absolutismo, no ano de 1814, pôs fim aos cabildos constitucionais. No cabildo de Lima, tal mudança permitiu que os *regidores* perpétuos recuperassem seus cargos, voltando essa instituição a manter uma posição mais afinada às determinações de Abascal e de seu sucessor, Joaquín de la Pezuela. De todo modo, no governo do vice-rei Abascal, ao serem acatadas as determinações peninsulares para a realização de eleições, houve a ampliação do espaço público de discussão política, o que, em muitas situações, contrariava frontalmente a defesa fidelista e absolutista assumida pelo próprio vice-rei.³⁷

O retorno do absolutismo, em 1814, tornou-se um combustível para o agravamento de conflitos que já estavam em curso na sociedade peruana. O exemplo mais paradigmático nesse sentido foi a revolta ocorrida em Cusco entre os anos de 1814 e 1815, conhecida como rebelião de Pumacahua. O cenário político em Cusco estava caracterizado pelas divergências e disputas eleitorais desde 1812 entre *criollos* liberais, pertencentes ao cabildo da cidade, e peninsulares adeptos do absolutismo, os quais dominavam a Audiência. Tratava-se de um terreno de disputas acirradas, e mesmo violentas, nas quais se colocavam em jogo a proeminência de *chapetones* ou *criollos* na cidade, como também a aplicação ou a restrição das normas liberais da Constituição de Cádiz.³⁸ No início do ano de 1814, por ordem da Audiência, participantes de um protesto contra esse tribunal foram presos, acusados de propagar ideias revolucionárias. Em agosto, um grupo de rebeldes, liderado pelos irmãos Angulo (*criollos* que não pertenciam à elite política local, mas que usufruíam de uma posição econômica vantajosa), tomou o poder em Cusco, estabelecendo-se uma junta. As exigências das lideranças do movimento foram a prisão de peninsulares, o cumprimento de reformas decretadas pela Constituição de 1812 (como a supressão dos tributos indígenas) e o retorno dos soldados *cusqueños* que serviam no Alto Peru. O movimento estava

³⁷ Víctor PERALTA RUIZ. “El cabildo de Lima y la política en el Perú, 1808-1814.” In: O’PHELAN GODOY, Scarlett (compiladora). *La Independencia del Perú*. Op. cit., pp. 29-56.

³⁸ Para uma explanação das disputas políticas que marcaram o ambiente *cusqueño* antes da eclosão do movimento de 1814, conferir: Víctor PERALTA RUIZ. *En Defensa de la Autoridad*. Op. cit., pp. 149-166.

envolvido diretamente nas disputas políticas entre *criollos* e *chapetones*, como também reverberava as insatisfações locais decorrentes da crise econômica da região, bem como do peso nas comunidades rurais dos recrutamentos para os exércitos realistas enviados para lutar na Audiência de Charcas.³⁹

As conversações mantidas entre os rebeldes de Cusco e o vice-rei Abascal fracassaram, e os rebeldes procuraram unir forças com outras cidades, enviando expedições militares a Huamanga, Huancavelica, Arequipa, Puno e La Paz. Nesse momento, o comando militar dos rebeldes ficou a cargo do cacique de Chincheros, Mateo García Pumacahua, uma liderança indígena que havia se destacado na repressão ao movimento de Tupac Amaru, atuara aos lados dos realistas no combate às juntas do Alto Peru e fora presidente interino da Audiencia de Cusco em 1812. Pumacahua e outros índios tomaram parte de um movimento que, se por um lado representava os anseios dos *criollos* que defendiam o cumprimento do liberalismo constitucional de 1812, por outro atendia às expectativas de comunidades indígenas em conflito contra autoridades locais e contra a continuação da cobrança de tributos que sobrecarregavam os indígenas.⁴⁰ As tropas indígenas alcançaram importantes vitórias na região sul do Andes, matando *chapetones* e buscando construir uma aliança com os rebeldes de Buenos Aires. Em alguns escritos de participantes do movimento, planejou-se fazer de Cusco a capital de um império americano, uma releitura da função da cidade no Tahuantinsuyo, porém, nesse caso, contemplando os anseios políticos liberais e constitucionalistas daquela conjuntura, buscando dessa forma conjugar a linguagem política moderna com as referências culturais indígenas.⁴¹ Em fins daquele ano, as possibilidades de negociação de uma paz e do cumprimento de reivindicações liberais

³⁹ Nuria SALA I VILA. *Revueltas Indígenas en el Perú Tardocolonial*. Op. cit., pp. 654; Charles F. WALKER. *De Túpac Amaru a Gamarra*. Op. cit., pp. 128-137; Luis Miguel GLAVE. “Antecedentes y naturaleza de la revolución del Cuzco de 1814 y el primer proceso electoral.” In: O’PHELAN GODOY, Scarlett (compiladora). *La Independencia del Perú*. Op. cit., pp. 77-96; John LYNCH. *Las Revoluciones Hispanoamericanas*. Op. cit., pp. 164-168; Scarlett O’PHELAN GODOY. “El proceso de independencia en el Perú.” Op. cit., pp. 117-118.

⁴⁰ Analisando a participação indígena no movimento de Cusco, Nuria Sala i Vila considera que houve “varias posiciones distintas al interior de la población indígena en 1814.” Para os caciques que tomaram parte como lideranças do movimento, estava em jogo a possibilidade de retomar uma posição social mais vantajosa, e que havia sido prejudicada pela perda de formas de arrecadação fiscal das quais eles eram os executores. Para os índios envolvidos no comércio, havia a insatisfação com a continuidade dos *repartos*, enquanto que os camponeses prosseguiram sujeitos a uma carga fiscal tão pensada quanto as que vigoravam na época da rebelião de Tupac Amaru. Contudo, outras comunidades indígenas não se alinharam à revolta, algumas delas, ao contrário, participaram das forças militares destacadas para combater os revoltosos. Nuria SALA I VILA. *Revueltas Indígenas en el Perú Tardocolonial*. Op. cit., pp. 656.

⁴¹ Marie-Danielle DEMÉLAS. *La Invención Política*. Op. cit., pp. 221-233.

foram inviabilizadas pela anulação do texto constitucional por Fernando VII e o retorno do absolutismo. Em 1815, as tropas realistas, nas quais havia a presença maciça de índios contrários ao movimento, obtiveram importantes revoltas sobre os rebeldes *cusqueños*, prendendo e executando seus líderes, como o próprio Pumacahua.⁴²

A manutenção, no Peru, do absolutismo restaurado em 1814 teve continuidade no período posterior ao de Abascal, quando o governo do Vice-Reino ficou a cargo do brigadeiro Joaquín de la Pezuela y Sánchez Muñoz de Velasco, marquês de Viluma (de julho de 1816 a janeiro de 1821), oficial que, antes, havia se encarregado do comando das forças realistas no Alto Peru. Durante o governo Pezuela, deu-se continuidade ao esforço para a divulgação de uma propaganda, principalmente através da imprensa, contrária aos movimentos independentistas em curso no continente, ressaltando os aspectos destrutivos e socialmente desestabilizadores dos governos autonomistas americanos. Nesses textos da imprensa fidelista, valores como catolicismo, obediência ao rei e prosperidade material eram compreendidos pelos propagandistas oficiais do Vice-Reino como indissociáveis e diametralmente opostos ao que estaria ocorrendo em áreas como o Rio da Prata, Nova Granada e Venezuela, nas quais as experiências autonomistas, ao contestar as relações que deveriam unir os americanos ao monarca espanhol, conduziriam as sociedades a atentar contra os valores religiosos e a afundar no caos social e na destruição econômica.⁴³

Um ponto, no entanto, que recebeu especial atenção nesse período foi a defesa militar do Vice-Reino. A estratégia realista nos últimos anos da década de 1810 voltou-se para a segurança nas áreas limítrofes com o território peruano, principalmente o Alto Peru e o Chile, assediados pelas forças militares independentistas do Rio da Prata. Tornava-se claro para Pezuela e seus oficiais que a perda para os *bonarenses* dessas duas áreas colocaria em xeque a segurança do Peru e a defesa da causa realista no continente.⁴⁴ Em meados daquela década, os realistas encontravam-se em vantagem no campo militar, e o processo revolucionário havia recuado em boa parte da América do Sul, com a exceção do Rio da Prata. Pezuela havia organizado um exército de linha no

⁴² Charles F. WALKER. *De Túpac Amaru a Gamarra*. Op. cit., pp. 128-137; Luis Miguel Glave. “Antecedentes y naturaleza de la revolución del Cuzco de 1814 y el primer proceso electoral.” In: Scarlett O’PHELAN GODOY (compiladora). *La Independencia del Perú*. Op. cit., pp. 77-96.

⁴³ Víctor PERALTA RUIZ. *La Independencia y la Cultura Política Peruana*. Op. cit., pp. 274-285.

⁴⁴ Timothy Anna também destaca a importância econômica do Chile para o Peru: os portos chilenos eram os principais fornecedores de trigo para os mercados peruanos, importando também o açúcar do Peru. Timothy ANNA. *La Caída del Gobierno Español en el Perú: El dilema de la independencia*. Lima: IEP, 2003, pp.182.

Peru, reforçando a presença das tropas realistas no Alto Peru e planejando a ofensiva contra os rebeldes em Tucumán, Córdoba e Buenos Aires.⁴⁵

Entre 1817 e 1818, no entanto, o quadro mudou. A derrota dos realistas nas batalhas de Chacabuco (12 de fevereiro de 1817) e de Maipú (5 de abril de 1818) permitiu a tomada do Chile pelos rebeldes. Para os realistas, a perda do Chile reverteu a situação: o Vice-Reino do Peru, antes o grande organizador das ofensivas militares contra os rebeldes do Prata, precisou adotar uma estratégia defensiva. Enquanto os realistas permaneciam inexpugnáveis no Alto Peru, os rebeldes dominavam a costa chilena. A nova posição dos rebeldes permitiu organizar ataques a pontos da costa peruana. Em 1819, a esquadra independentista comandada pelo almirante Cochrane atacou o costa norte do Vice-Reino, tomando o porto de Paita, no que foi apoiada por comunidades indígenas locais.⁴⁶ No mesmo ano, a esquadra de Cochrane bloqueou o porto de Callao, o mais importante do Peru. Essa situação militar desvantajosa influiu também no agravamento da crise econômica do Vice-Reino, prejudicando as trocas comerciais marítimas e sobrecarregando a população com os impostos destinados a bancar o esforço de guerra. Visando minorar a crise, Pezuela permitiu o livre comércio com alguns navios estrangeiros, o que despertou a oposição de grupos mercantis de Lima – oposição compartilhada por outros segmentos da sociedade local que se viam prejudicadas pelos crescentes impostos.⁴⁷ Esperava-se, a partir de então, uma invasão das tropas de San Martín. Os realistas contavam, mais do que nunca, com a chegada de reforços bélicos da Espanha para salvar sua causa na América do Sul.⁴⁸

Uma nova Corte para Sua Majestade Fidelíssima.

As transformações políticas e militares no cenário europeu do início do XIX colocaram em pauta profundos desafios também para Portugal. No caso português, ficava cada vez mais clara a inviabilidade de uma orientação diplomática voltada para a preservação da neutralidade do Reino em meio às disputas anglo-francesas. Uma guerra

⁴⁵ John LYNCH. *Las Revoluciones Hispanoamericanas*. Op. cit., pp. 170; Cristina MAZZEO DE VIVÓ. “Las vicisitudes de la guerra de la independencia del Perú, 1817-1824.” Op. cit., pp. 10-25.

⁴⁶ Elizabeth Del Socorro HERNÁNDEZ GARCÍA. *La Elite Piurana y la Independencia del Perú: La lucha por la continuidad en la nascente república (1750-1824)*. Lima: Universidad de Piura, PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2008, pp. 282-283.

⁴⁷ Timothy ANNA. *La Caída del Gobierno Español en el Perú*. Op. cit., pp. 191-201.

⁴⁸ Cristina MAZZEO DE VIVÓ. “Las vicisitudes de la guerra de la independencia del Perú, 1817-1824.” Op. cit., pp. 10-25.

contra as tropas francesas ou contra a força naval britânica se revelaria desastrosa para os portugueses, pondo em risco a segurança do centro político da Monarquia e do próprio império ultramarino. Com relação à Grã-Bretanha, as invasões militares a Buenos Aires e a Montevideu em 1806 e 1807 eram exemplos das pretensões britânicas de intervir nas possessões coloniais de outras monarquias europeias. Para a Coroa portuguesa, submetida a pressões da França napoleônica e de sua velha aliada, a Grã-Bretanha, a decisão de transferir o aparato governativo da Monarquia para a América, no final de 1807, buscou preservar os domínios ultramarinos lusos e a própria continuidade do Império português. Tal decisão, amplamente discutida em Lisboa entre os homens de Estado pró-França e pró-britânicos, acabou por reforçar no plano diplomático a antiga aliança luso-britânica. Além disso, ficava evidente que, no cálculo político daquela conjuntura, a preservação da unidade imperial portuguesa, reconfigurada com a transferência de seu centro administrativo da Europa para a América, constituía o objetivo maior da Monarquia portuguesa.⁴⁹

A instalação do centro político da Monarquia portuguesa no Rio de Janeiro, a partir de 1808, promoveu alterações profundas na cidade, com a súbita chegada de um número considerável de novos habitantes⁵⁰, entre membros da Família Real, ministros de Estado e seus familiares, burocratas, criados e militares. O Rio de Janeiro, cuja população na época girava em torno dos 45 mil moradores, vivenciou a partir desse momento e nos anos seguintes amplas modificações em sua estrutura urbana para dar conta das necessidades de seus novos habitantes e de suas funções político-administrativas como nova sede do Império português.⁵¹

⁴⁹ Da extensa produção historiográfica sobre a transferência da Corte para o Rio de Janeiro e o período joanino no Brasil, podem ser destacadas as seguintes obras: Manoel de Oliveira LIMA. *D. João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996; Pedro CALMON. *O Rei do Brasil: vida de D. João VI*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943; Sérgio Buarque de HOLANDA. “A herança colonial: sua desagregação”. In: *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1970 (t. III); Maria Odila da S. DIAS. “A interiorização da metrópole, 1808-1853.” In: Carlos Guilherme MOTA (org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1986; Maria Beatriz Nizza da SILVA. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978; Jurandir MALERBA. *A Corte no Exílio: Civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; Kirsten SCHULTZ. *Versalhes Tropical: Império, Monarquia e a Corte Real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

⁵⁰ A estimativa recorrente é de 10 a 15 mil pessoas aproximadamente, embora alguns historiadores considerem tal número exagerado. Cf.: Andréa SLEMIAN, João Paulo G. PIMENTA. *A Corte e o Mundo: Uma história do ano em que a família real portuguesa chegou ao Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008, p. 64.

⁵¹ Kirsten SCHULTZ. *Versalhes Tropical*. Op. cit., capítulo 4.

Além das transformações no espaço urbano, a instalação da Corte requereu a criação de organismos político-administrativos que dessem conta da tarefa de transformar o Rio de Janeiro na nova sede de um amplo espaço imperial. A gradativa transformação da cidade em uma “espécie de corte *miniaturizada*,” na expressão de Maria de Fátima Silva Gouvêa, se fez notar pela instalação no Rio de Janeiro de órgãos voltados para a administração do espaço da Corte, das capitanias americanas e do ultramar português, rearticulando contatos políticos, administrativos e jurídicos entre as partes do Império luso e com outros países.⁵² A instalação no local de órgãos militares (como o Conselho Supremo Militar e a Academia dos Guardas da Marinha), jurídicos (a Casa de Suplicação) e eclesiásticos (a Mesa da Consciência e Ordens) obedecia ao intuito de criar as condições administrativas para o novo papel político da cidade.

Para as elites locais, e em especial para aquelas situadas no Rio de Janeiro e nas capitanias próximas do Centro-Sul da América portuguesa, a instalação da Corte não deixou de atender às expectativas de ampliação de seu poder político e de sua participação na administração dos destinos do Império.⁵³ Para essas elites, as formas de ascensão política abertas pela instalação da Corte consistiam em doações vultosas à Coroa (medida importante para tentar normalizar os ascendentes gastos do Erário), pelas quais os “homens bons” do continente recebiam títulos, graças e cargos. No caso do Rio de Janeiro, o grupo mercantil da cidade destacou-se nessas demonstrações dispendiosas de vassalagem e fidelidade ao Príncipe Regente, tendo sido seus principais membros recorrentemente recompensados pelo monarca com distinções honoríficas e postos na administração.⁵⁴

As alianças políticas tecidas a partir da Corte se articularam com alianças econômicas, na medida em que o Rio de Janeiro teve seu papel de principal entreposto comercial da América portuguesa intensificado pela nova situação política. A partir do Rio de Janeiro, as rotas mercantis internas (interligando as capitanias do centro-sul do continente) e externas (ligando a praça carioca a portos na África, na Europa e outras

⁵² Maria de Fátima Silva GOUVÊA. “As bases institucionais da construção da unidade. Dos poderes do Rio de Janeiro joanino: administração e governabilidade no Império luso-brasileiro.” In: István JANCÓS (org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2005, pp. 707-752.

⁵³ István JANCÓS, João Paulo Garrido PIMENTA. “Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira).” In: Carlos Guilherme MOTA (org.). *Viagem Incompleta: A experiência brasileira, 1500-2000*. São Paulo: SENAC, p. 153.

⁵⁴ Jurandir MALERBA. “De homens e títulos: a lógica das interações sociais e a formação das elites no Brasil às vésperas da independência.” In: Jurandir MALERBA (org.). *A Independência do Brasil: Novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 153-177.

idades portuárias da América) entrecruzavam-se desde antes da chegada da Família Real.⁵⁵ Contudo, com a instalação da Corte abriram-se novas oportunidades de negócio para sua elite mercantil, como o comércio voltado para o abastecimento da cidade. A praça do Rio de Janeiro tornava-se, assim, ponto de convergência de novas rotas comerciais do Império português.⁵⁶ A Corte, ao estimular a convergência de interesses econômicos e vantagens políticas, tornaria viável, anos mais tarde, a formulação de projetos políticos centrados no Rio de Janeiro e nos espaços a ele interligados, projetos que se coadunavam às expectativas de suas elites mercantis cada vez mais influentes no novo centro político do Império.⁵⁷

A inauguração, ainda em 1808, da Imprensa Régia procurou ampliar a circulação de publicações que divulgassem as decisões e medidas governamentais, cumprindo igualmente o papel de promover a figura do Monarca português, o Príncipe Regente D. João, entre os vassallos americanos. A imprensa, além disso, exercia o papel de divulgar a propaganda política portuguesa, com a publicação de escritos antinapoleônicos e de exaltação do patriotismo português, reforçando-se no campo da produção escrita (e de sua discussão pública) o esforço de libertação do Reino de Portugal e de unidade dos súditos portugueses sob a Monarquia dos Bragança.⁵⁸ Deve-se ainda ressaltar que a

⁵⁵ Tratando de um período que abrange o final do século XVIII e as três primeiras décadas do XIX, o estudo de João Fragoso é referencial sobre as relações mercantis do centro sul da América portuguesa e o papel da praça do Rio de Janeiro na articulação econômica da região e dela com o espaço atlântico. Cf.: João Luís FRAGOSO. *Homens de Grossa Aventura. Rio de Janeiro: Acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

⁵⁶ Alcir LENHARO. *As Tropas da Moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil (1808-1842)*. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1993; Riva GORENSTEIN. “Comércio e política: o enraizamento de interesses mercantis portugueses no Rio de Janeiro (1808-1830).” In: Lenira Menezes MARTINHO, Riva GORENSTEIN. *Negociantes e caixeiros na sociedade da Independência*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1993, pp. 126-255.

⁵⁷ Iara Lis de Carvalho SOUZA. *Pátria Coroada: o Brasil como corpo político autônomo – 1780-1831*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, pp. 47-50; Cecília Helena S. OLIVEIRA. *A Astúcia Liberal: Relações de mercado e projetos políticos no Rio de Janeiro (1820-1824)*. Bragança Paulista: Edusf, Ícone, 1999.

⁵⁸ Maria Beatriz Nizza da SILVA. “A Corte no Rio de Janeiro: o perigo francês, o perigo espanhol e o poder inglês.” In: José Luís CARDOSO, Nuno Gonçalo MONTEIRO, José Vicente SERRÃO (orgs.). *Portugal, Brasil e a Europa Napoleônica*. Lisboa: ICS, 2010, pp. 297-321. A respeito da propaganda antinapoleônica em Portugal durante a ocupação do país pelas tropas francesas, bem como de crítica a seus aliados portugueses e de exaltação da luta patriótica contra os invasores, conferir: Lúcia Maria Bastos Pereira das NEVES. *Napoleão Bonaparte: Imaginário e política em Portugal, c.1808-1810*. São Paulo: Alameda, 2008. Raquel Stoiani, por sua vez, escreve sobre a produção de escritos antifranceses e antinapoleônicos na Corte no Rio de Janeiro, a qual buscava promover entre os súditos luso-americanos os sentimentos de unidade da nação portuguesa e de adesão à defesa da Monarquia e aos valores caros à manutenção de uma sociedade nos moldes do Antigo Regime. Raquel STOIANI. *Napoleão visto pela luneta d’El-Rei: construção e usos políticos do imaginário francês e napoleônico na América portuguesa (ca.1808-1821)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2009.

crescente publicação e circulação de escritos (não-oficiais, por vezes), beneficiada por um relativo abrandamento da censura sobre a imprensa, alargaria o consumo de livros, periódicos e panfletos, ampliando as possibilidades de debate político na esfera pública.⁵⁹

A ligação entre a Corte portuguesa na América e o restante do território luso-americano também foi levada em consideração, aprimorando-se os serviços de correio e as ligações terrestres, fluviais e marítimas entre a cidade do Rio de Janeiro e outras capitanias. As tentativas de realizar o controle territorial do continente do Brasil (preocupação já presente nas políticas reformistas setecentistas) ganharam fôlego a partir de 1808, quando a Corte estimulou a ampliação do conhecimento geográfico e da informação cartográfica sobre a América portuguesa.⁶⁰

Estimulou-se também a utilização de rotas fluviais para ligar economicamente as capitanias do centro (Goiás e Mato Grosso) a capitanias adjacentes, a exemplo do Pará e do Rio Negro. A integração do espaço luso-americano implicava ainda a eliminação física de populações indígenas que representavam barreiras humanas ao estabelecimento de novas rotas comerciais e à expansão das fronteiras agrícolas, como o caso dos índios Botocudos, no rio Doce (região que abrangia o leste da capitania de Minas Gerais e as partes limítrofes das capitanias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo), e dos índios Kaingangue, na região do Guarapuava (sudoeste da capitania de São Paulo, área importante para a integração com o extremo sul da América portuguesa).⁶¹

Essas medidas objetivavam consolidar as rotas de integração das partes constitutivas do Brasil, ampliando mercados e o controle militar do território, o que significa também o estabelecimento de conexões político-administrativas entre a Corte e outras partes do continente. Contudo, as capitanias do Pará (e, por extensão, a do Rio

⁵⁹ Isabel LUSTOSA. “Insultos impressos: o nascimento da imprensa no Brasil.” In: Jurandir MALERBA. *A Independência Brasileira*. Op. cit., pp. 241-268; Marco MOREL. “Independência no papel: a imprensa periódica.” In: István JANCÓS (org.). *Independência*. Op. cit., pp. 617-636.

⁶⁰ Iris KANTOR. “Mapas para um Novo Império: Cultura cartográfica na época da transferência da Corte para o Rio de Janeiro (1779-1822).” In: *Rio de Janeiro, Capital do Império Português (1808-1821)*. Lisboa: Tribuna; Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 289-299.

⁶¹ Ângela DOMINGUES. “‘Porque ao Mundo veio para castigo hum dilúvio de dicionários e de jornaes’: A imprensa ilustrada e a avaliação da missão de D. João, Príncipe do Brasil.” In: *Rio de Janeiro, Capital do Império Português*. Op. cit., pp. 243-260; Manuela Carneiro da CUNHA. *Legislação Indigenista no Século XIX*. São Paulo: Edusp, Comissão Pró-Índio, 1992; Andréa SLEMIAN, João Paulo G. PIMENTA. *A Corte e o Mundo*. Op. cit., pp. 94-116; Maria Regina C. de ALMEIDA. “Os índios no tempo da corte: reflexões sobre política indigenista e cultura indígena no Rio de Janeiro oitocentista”. *Revista USP*, n. 79, 2º semestre de 2008, pp. 94-105; Rosângela F. LEITE. “A política joanina para a ocupação dos sertões (Guarapuava, 1808-1821)”. *Revista de História*, n. 159, 2º semestre de 2008, pp. 167-187.

Negro) e do Maranhão, cujas conexões atlânticas com Lisboa eram mais fáceis do que com a Corte instalada na América, continuaram se reportando a alguns órgãos administrativos sediados no *antigo* centro político do Império, e não à Corte instalada na distante cidade do Rio de Janeiro.⁶² A maior ligação do extremo norte da América portuguesa com Lisboa exerceria um peso considerável no início da década de 1820, quando a independência política declarada no Rio de Janeiro foi rechaçada por parte dos grupos dirigentes do Maranhão e do Grão-Pará (ponto que será discutido posteriormente).

Além das modificações administrativas, fazia-se necessário também adotar políticas visando o incremento econômico da América portuguesa e do Império português em geral. Em 1808, o fim da proibição de existência de fábricas e manufaturas na América visava incentivar o desenvolvimento industrial local, ao passo que a criação do Banco do Brasil em 1812 procurou ampliar a oferta de crédito. Além disso, a instalação da Corte na América implicaria ainda na supressão de normas e regulamentações comerciais vigentes nas relações metrópole-colônia. A Carta Régia de 28 de janeiro de 1808, promulgada pelo Príncipe D. João, decretou a abertura dos portos luso-americanos ao comércio internacional com outras nações, o que pôs fim ao exclusivo comercial que deveria beneficiar o Reino de Portugal. Tradicionalmente interpretado pela historiografia como uma medida que atendeu às pressões britânicas pelo comércio livre, a abertura dos portos não deixou de beneficiar igualmente às necessidades de ampliação das trocas comerciais do Império português na América. Como salienta Kirsten Schultz, no ato da abertura dos portos estava presente a ideia de que a liberalização do comércio produziria benefícios para o próprio Império português, revigorando as trocas mercantis e enriquecendo sua nova sede na América.⁶³ Carlos Gabriel Guimarães, por sua vez, observa que, mesmo com a entrada dos comerciantes britânicos no mercado luso-americano (e, posteriormente, brasileiro), os comerciantes portugueses reforçaram suas posições em outras atividades, tais como o comércio de cabotagem e o comércio negreiro.⁶⁴

⁶² Esse foi o caso do Conselho Supremo Militar e da Casa de Suplicação de Lisboa, as quais continuaram tendo ingerência sobre Pará e Maranhão. Maria de Fátima Silva GOUVÊA. “As bases institucionais da construção da unidade. Dos poderes do Rio de Janeiro joanino: administração e governabilidade no Império luso-brasileiro.” Op. cit., pp.718-722.

⁶³ Kirsten SCHULTZ. *Versalhes Tropical*. Op. cit., p. 284.

⁶⁴ Carlos Gabriel GUIMARÃES. *A Presença Inglesa nas Finanças e no Comércio no Brasil Imperial: Os casos da Sociedade Bancária Mauá, MacGregor & Cia. (1854-1866) e da firma inglesa Samuel Phillips & Cia. (1808-1840)*. São Paulo: Alameda, 2012, p. 231.

Já no ano de 1810, os interesses britânicos foram salvaguardados com a assinatura de tratados de comércio, amizade e aliança. No que diz respeito ao comércio luso-britânico, o tratado de 1810 concedeu taxas alfandegárias mais baixas para os produtos britânicos que ingressassem na América portuguesa, o que despertaria protestos de comerciantes em Portugal e mesmo no Brasil.⁶⁵ Ao longo da década, parte das negociações diplomáticas dos portugueses com os britânicos esteve voltada para a revisão dos acordos comerciais de 1810, buscando-se proteger os interesses comerciais peninsulares no comércio com o Brasil.⁶⁶

A pressão britânica pela supressão do tráfico de escravos africanos também foi duramente criticada na América portuguesa, tendo em vista o papel fundamental dessa atividade no estabelecimento dos circuitos comerciais no Atlântico e no território luso-americano, bem como na constituição das fortunas dos grandes comerciantes de praças como Rio de Janeiro e Salvador. Em função dos interesses envolvidos nessa atividade, a diplomacia portuguesa procurou desvencilhar-se das pressões britânicas, cedendo a algumas imposições da política anti-tráfico (como a limitação, acordada por um tratado de 1815, à realização do tráfico de escravos com portos africanos situados ao norte da linha do Equador) sem, contudo, colocar em risco a continuidade do comércio escravista.⁶⁷

No que diz respeito à condução da diplomacia portuguesa, a partir de 1808 a Corte sediada no Rio de Janeiro estaria cada vez mais atenta ao desenrolar da crise do Império espanhol, e em especial para o que se passava nos limítrofes territórios hispano-americanos. A documentação oficial portuguesa e os periódicos lidos no continente do Brasil atestavam o crescente interesse local pelo destino dos Vice-Reinos e Capitanias Gerais da América espanhola e sobre o desenrolar da luta na Espanha contra os invasores franceses, o que demonstrava a ciência por parte de muitos dos contemporâneos sobre as interrelações das crises políticas vivenciadas pelos Impérios ibéricos. A formação das primeiras juntas governativas autônomas, a partir de 1809, deixava claro para os formuladores da política externa lusa a crise de soberania que se

⁶⁵ A respeito dos tratados comerciais de 1810, Paulo Roberto de Almeida afirma que eles proporcionaram, em um primeiro momento, a diminuição do custo de vida no Brasil, mas limitaram as possibilidades de se estabelecerem laços comerciais com outros países além da Grã-Bretanha. Paulo Roberto de ALMEIDA. *Formação da Diplomacia Econômica no Brasil: As relações econômicas internacionais no Império*. São Paulo: Editora SENAC; Brasília: FUNAG, 2001, p. 112.

⁶⁶ Valentim ALEXANDRE. *Os Sentidos do Império*. Op cit., pp. 367-369.

⁶⁷ Andréa SLEMIAN, João Paulo G. PIMENTA. *O “nascimento político” do Brasil: as origens do Estado e da nação (1808-1825)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp. 32-33.

espalhava nos domínios espanhóis. Em resposta a esse quadro, a Corte, em suas relações com as autoridades espanholas vizinhas, defendeu os direitos de Carlota Joaquina como a mais legítima regente na América espanhola durante o impedimento de Fernando VII. O chamado carlotismo estaria presente na agenda diplomática portuguesa para a América espanhola até 1814, quando Fernando VII retornou ao poder.⁶⁸ Além disso, o carlotismo evidenciava a defesa pela Coroa portuguesa do princípio da legitimidade dinástica, princípio esse que levou alguns membros da diplomacia portuguesa a planejar o fornecimento de apoio material ao Peru e ao Chile em campanhas militares contra Buenos Aires.⁶⁹

A partir de 1810, com o agravamento da crise de soberania nos domínios espanhóis representado pela formação em maior número de juntas governativas autônomas e pelo desencadeamento de guerras civis, as autoridades portuguesas na América intensificaram não apenas a propaganda política a favor da princesa Carlota Joaquina, mas também o reforço militar nas zonas fronteiriças. A fronteira platina, histórica área de interações e atritos dos Impérios ibéricos na América meridional, despertaria, ao longo da década de 1810, as maiores preocupações nas autoridades lusas. No ano de 1810, as autoridades portuguesas no Rio de Janeiro tomaram conhecimento do chamado *Plan de las Operaciones que el gobierno provisional de las Provincias Unidas del Río de la Plata debe poner en práctica para consolidar la grande obra de nuestra libertad e independencia*. De autoria desconhecida, esse documento versava sobre a condução da política externa do cabildo de Buenos Aires para a consolidação da independência do Rio da Prata, destacando os possíveis meios de conquista militar da capitania do Rio Grande de São Pedro, bem como os modos pelos quais se poderiam insuflar rebeliões no Brasil e animar a desagregação política do território luso-americano. Em 1811, a Corte apoiou militarmente a realista cidade de Montevideu, sitiada por forças enviadas por Buenos Aires e pelas lideradas por José Artigas, o que atendia não somente aos interesses geopolíticos da Corte, mas também às demandas comerciais e de apropriação de terras das elites do Rio Grande.⁷⁰

⁶⁸ João Paulo G. PIMENTA. *O Brasil e a América espanhola*. Op. cit.

⁶⁹ Manoel Oliveira LIMA. *D. João VI no Brasil*. Op. cit., p. 212.

⁷⁰ João Paulo G. PIMENTA. *Estado e Nação no Fim dos Impérios Ibéricos no Prata*. Op. cit., p. 104; Marcia Eckert MIRANDA. *A Estalagem e o Império: Crise do Antigo Regime, fiscalidade e fronteira na Província de São Pedro (1808-1831)*. São Paulo: Hucitec, 2009, pp. 117-131; Marcia Eckert MIRANDA. "Ao Sul das Cortes: a Independência na Província do Rio Grande de São Pedro." *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, v. 1, p. 65334-20, 2013.

No extremo norte da América portuguesa, a política externa da Corte voltou-se para a colônia francesa da Guiana. A zona fronteira entre a Capitania do Pará e a Guiana Francesa constituía uma antiga fonte de atritos entre Portugal e França, bem como de preocupações para autoridades e moradores do Estado do Grão-Pará, como já foi abordado. Em resposta à invasão francesa a Portugal, D. João determinou a tomada do vizinho território colonial francês por tropas oriundas do Grão-Pará e de Pernambuco, apoiadas pela marinha de guerra britânica, totalizando uma força de mais de 800 homens. No início de 1809, a expedição luso-britânica invadiu a vila de Caiena (localizada na ilha de mesmo nome), capital da colônia. Para a Corte portuguesa, a conquista de Caiena não apenas reforçava a política antinapoleônica e de contenção da ameaça francesa daquele momento, mas igualmente poderia ser utilizada como moeda de troca em futuras negociações diplomáticas.⁷¹

Reconfigurações imperiais e novos desafios no mundo luso-americano.

Em meados da década de 1810, ocorreram mudanças no quadro internacional e na configuração do Império português. As derrotas francesas e o declínio do Império napoleônico deram espaço para tentativas de fortalecimento das monarquias europeias nos moldes do Antigo Regime. Em Portugal no ano de 1814, chegou ao fim a guerra peninsular. Os congressos de Paris (1814) e de Viena (1814 e 1815) reafirmaram o desejo das monarquias europeias de barrar as experiências revolucionárias que sacudiam o continente desde 1789. A criação pela Áustria, Rússia e Prússia da chamada Santa Aliança, em 1815, deliberou a adoção de uma política de intervenção militar quando fosse julgado necessário defender os direitos monárquicos na Europa.⁷²

No final de 1815, foi instituída uma nova organização ao Império português, elevando-se o Brasil à categoria de Reino. A criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve reconhecia o papel de destaque da América no conjunto imperial português, na medida em que não operava mais a condição colonial das possessões luso-americanas. Mais do que isso, na avaliação de Ana Cristina Araújo, tal mudança instituiu “uma autêntica revolução num sistema imperial com três séculos de

⁷¹ L. F. Castilhos GOYCOCHÊA. *A Diplomacia de Dom João VI em Caiena*. Rio de Janeiro: Edições GTL, 1963; Jean SOUBLIN. *Caiena 1809*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010; Ciro Flamarion CARDOSO. “A tomada de Caiena vista do lado francês.” *Navigator*, v. 6, n. 11, 2011.

⁷² Eric J. HOBBSBAWM. *A Era das Revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 147.

existência,” rompendo-se a lógica da dominação europeia sobre o Novo Mundo. O novo desenho do Império luso, além disso, buscava reforçar a unidade das partes, procurando-se assim evitar a ocorrência de experiências de autonomias locais e projetos independentistas que ocorriam no mundo hispano-americano.⁷³

No entanto, começava a ganhar visibilidade, a partir desse momento, uma crescente discordância entre interesses americanos e europeus quanto aos rumos do Império português, na medida em que se tornavam mais frequentes, em Portugal, as críticas quanto à permanência da Corte no Rio de Janeiro e a algumas medidas consideradas mais voltadas aos problemas americanos do que aos enfrentados pela antiga metrópole. Havia o temor em Portugal, nesse momento, de que ocorresse uma invasão espanhola em resposta às intervenções no Rio da Prata determinadas pela Corte no Rio de Janeiro. Para os habitantes de Portugal, a objeção da Corte em proibir o tráfico de escravos em troca da revogação dos tratados comerciais de 1810 com os britânicos sinalizava, igualmente, uma diplomacia mais assentada nos interesses americanos do que peninsulares.⁷⁴

A despeito das tentativas por parte da política da Corte em preservar a unidade do Império português, as transformações em curso no espaço americano gestavam diferenciações entre as partes do território, alimentando descontentamentos locais. Ao passo que as capitanias do centro-sul do Brasil tendiam a intensificar uma articulação política e econômica em torno da Corte portuguesa, angariando apoio das elites locais ao poder monárquico instituído no Rio de Janeiro, em outras áreas do Reino do Brasil os ganhos não se mostravam equivalentes para suas elites. Exemplo maior desse quadro foi Pernambuco, cujas elites locais reclamavam da excessiva carga tributária que recaía sobre a capitania para financiar a Corte no Rio de Janeiro (como os crescentes impostos sobre a exportação do açúcar e do algodão, produtos importantes na economia regional), ao mesmo tempo em que a economia agroexportadora pernambucana encontrava-se em crise. Tal situação, vivenciada por Pernambuco e por outras capitanias próximas, alimentou o descontentamento político local e a eclosão da chamada Revolução Pernambucana de 1817, a qual reuniu membros de diferentes estratos da sociedade local

⁷³ Ana Cristina ARAÚJO. “Um Império, um Reino e uma Monarquia na América: As vésperas da Independência do Brasil.” In: István JANCÓS (org.). *Independência*. Op. cit., pp. 235-270.

⁷⁴ Valentim ALEXANDRE. *Os Sentidos do Império*. Op. cit., pp. 355-356.

(comerciantes, proprietários rurais, militares, clérigos e artesãos), discutindo-se a adoção de uma Constituição e do regime republicano.⁷⁵

O governo revolucionário instalado em Recife durou pouco mais de dois meses, procurando os revolucionários (autodenominados de *patriotas*) ampliar sua influência sobre as capitanias da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Na avaliação de Denis Bernardes, tratou-se do mais importante movimento de contestação à ordem política e social ocorrido até então na América portuguesa, contestando direta e profundamente os fundamentos da obediência ao Rei e à unidade da nação portuguesa.⁷⁶ Além disso, sua ocorrência não apenas deixou em alerta a Corte no Rio de Janeiro (sua eclosão obrigou a que se adiassem as cerimônias de aclamação de D. João como novo rei), como também foi atentamente acompanhado na Europa e em outras partes da América.⁷⁷ Em Belém, as autoridades locais procuraram a barrar os ecos do movimento republicano de 1817, que poderiam chegar ao Grão-Pará através das rotas marítimas, terrestres e fluviais com o Maranhão, Goiás e outros pontos do Brasil.⁷⁸ O perigo sinalizado por esse movimento (a possível “contaminação” que essa experiência revolucionária poderia realizar em outras partes do continente do Brasil) fez com que a repressão das autoridades portuguesas fosse violenta, com a prisão de centenas de homens envolvidos no movimento nas capitanias envolvidas e a condenação à morte de alguns deles. Além

⁷⁵ Jeremy ADELMAN. *Sovereignty and Revolution in the Iberian Atlantic*. Op. cit., pp. 323-326; Márcia Regina BERBEL. “Pátria e patriotas em Pernambuco (1817-1822): nação, identidade e vocabulário político.” In: István JANCÓS (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. Op. cit., pp. 345-364; Evaldo Cabral de MELLO. *A Outra Independência. O federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004, pp. 25-44; Carlos Guilherme MOTA. *Nordeste 1817: estruturas e argumentos*. São Paulo: Perspectiva, 1982; Luiz Geraldo SILVA. “Pernambucanos, sois portugueses!” *Almanack Braziliense*, n.1, maio de 2005.

⁷⁶ Nas palavras do autor: “Pela primeira vez, em toda a história da Monarquia portuguesa, uma porção de seu território e um grande número de seus súditos quebravam politicamente os tradicionais laços de submissão e negavam a soberania real. Até então, nenhum movimento de tal ordem ousara praticar tal crime de lesa-majestade. Nenhuma dissidência política anterior, individual ou coletiva, nenhuma heresia religiosa chegara a tal extremo, subvertendo o que fora durante séculos os fundamentos da existência do Estado português. Esta dimensão de 1817 manifestou-se para os contemporâneos sob a forma de uma assumida transgressão para os que a praticavam e, sob o sentimento de um espantado horror, para os que se mantiveram fiéis à soberania real.” Denis Antônio de Mendonça BERNARDES. *O Patriotismo Constitucional: Pernambuco, 1820-1822*. São Paulo: Hucitec, Fapesp; Recife: UFPE, 2006, p. 206.

⁷⁷ Ana Cláudia Fernandes, estudando os debates mantidos entre os periódicos *Correio Braziliense* e *Correo del Orinoco*, explora como a Revolução Pernambucana de 1817 foi analisada pelo periódico venezuelano à luz da definição do próprio termo *revolução* e sua aplicação às experiências políticas em curso na América ibérica. Ana Claudia FERNANDES. *Revolução em Pauta: o Debate Correo del Orinoco-Correio Braziliense (1817-1820)*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: USP, 2010.

⁷⁸ Adilson Júnior Ishihara BRITO. “Viva a Liberté!”: *Cultura política popular, revolução e sentimento patriótico na independência do Grão-Pará, 1790-1824*. Dissertação de Mestrado em História Social. Recife: UFPE, 2008, pp.86-89.

disso, a Revolução de 1817, ao envolver participantes das camadas sociais e étnicas mais desprivilegiadas da sociedade pernambucana, alertou as autoridades portuguesas quanto ao perigo de que os debates e as reivindicações políticas envolvessem escravos africanos, negros livres e pardos, o que poderia redundar na ocorrência na América lusa de uma revolução comparável àquela da ilha de Saint Domingue.⁷⁹

Ainda em 1817, no mês de abril, o Reino Unido luso se viu ameaçado em sua porção europeia. Em Portugal, uma conspiração envolvendo principalmente militares foi desbaratada e seus envolvidos, presos. Unidos em uma sociedade secreta intitulada “Supremo Conselho Regenerador de Portugal, Brasil e Algarves,” os participantes da conjuração tencionavam expulsar os oficiais da Grã-Bretanha que ainda permaneciam na Península interferindo na gestão do Reino de Portugal, e reorganizar o governo peninsular, prevendo-se para tanto a convocação de cortes e a adoção de uma monarquia constitucional. O general Gomes Freire de Andrade, apontado como liderança do grupo, e outros onze acusados, foram condenados à morte.⁸⁰ A reafirmação da obediência ao rei no Rio de Janeiro não significou, no entanto, o apaziguamento das críticas lançadas por muitos de seus vassalos na Europa. Em Portugal, a ausência de D. João não apenas reforçava a ideia de orfandade de seus súditos, mas expressava também o rebaixamento do Reino em relação à parte americana do Império. Nos dois lados do Atlântico, o Império português vivenciava contestações de seus vassalos, evidenciando o aprofundamento da crise política e os limites cada vez mais estreitos de sua superação.

A partir de 1814 e no decorrer da segunda metade da década de 1810, a restauração do reinado de Fernando VII, na Espanha, e a intensificação dos conflitos entre realistas e revolucionários, na América espanhola, foram atentamente acompanhadas pela diplomacia da Corte portuguesa. Nas fronteiras do Reino do Brasil, as conexões com as terras hispano-americanas possibilitavam o fluxo de informações sobre o estado político dos territórios vizinhos. De modo geral, a Corte no Rio de Janeiro buscava costurar alianças com a Monarquia espanhola restaurada, ao mesmo tempo em que se esforçava para evitar interferências nos convulsionados domínios espanhóis sul-americanos. Um contraponto importante a essa orientação continuou sendo a fronteira sul, tendo em vista os contatos mantidos entre Rio de Janeiro e Buenos

⁷⁹ Denis Antônio de Mendonça BERNARDES. *O Patriotismo Constitucional*. Op. cit., p. 239.

⁸⁰ Jorge PEDREIRA, Fernando Dorez COSTA. *D. João VI: um príncipe entre dois continentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 338-340; Iara Lis de Carvalho SOUZA. *Pátria Coroada*. Op. cit., pp. 57-65.

Aires, o que foi motivo de protestos para a diplomacia espanhola. Uma vez mais, a Banda Oriental foi palco de uma intervenção militar portuguesa, em 1816, procurando desalojar as forças de Artigas e seus aliados, visando barrar o avanço do movimento revolucionário no extremo sul do Reino do Brasil. A partir do ano seguinte, o cabildo de Montevideu ratificaria acordos com as forças portuguesas que instituiriam a incorporação da Província Oriental aos domínios portugueses. Com relação à fronteira norte, em 1817 ocorreu a devolução de Caiena à França, resultado das negociações diplomáticas realizadas nos congressos de Paris e de Viena. Na longa raia fronteira do Rio Negro com a América espanhola, os avanços militares das forças pró-independência na Venezuela e Nova Granada seriam motivo de preocupações crescentes, havendo a orientação às autoridades portuguesas locais de que evitassem contatos com os revolucionários vizinhos.⁸¹ Na fronteira entre Maynas e o Rio Negro, o temor de uma agressão militar e as expectativas sobre possíveis alianças realistas marcariam as relações entre as autoridades locais, como será visto no próximo item.

4.2-Contatos, projetos e temores na fronteira Maynas/Rio Negro.

A partir do mês de dezembro de 1808, o governador de Maynas, Diego Calvo, recebeu bandos remetidos de Lima contendo informações sobre os acontecimentos da Península. A extraordinária e dramática sucessão de eventos na Espanha chegou ao conhecimento das autoridades daquela fronteira, sobrepondo notícias que assinalavam as mais diferentes possibilidades de futuro para a Monarquia. Na mesma remessa de documentos de Lima a Maynas, havia notícias sobre a abdicação de Carlos IV em favor de Fernando VII, o que deveria ser comemorado com as “ceremonias y regocijos acostumbrados” pelos habitantes da fronteira, ao mesmo tempo em que uma proclamação dava a conhecer ao governo de Maynas “la mayor perfidia que jamás há sucedido ni han imaginado las gentes, ejecutada por Napoleón, el Emperador de los franceses,” usurpando a Coroa do legítimo herdeiro espanhol. Prontamente o governador de Maynas avisou aos padres e “tenientes de pueblos” sobre a imperiosa necessidade de conclamar todos os vassallos de sua província a acorrer em defesa de seu soberano, contribuindo com “cuantosos donativos” para financiar a guerra aos

⁸¹ João Paulo G. PIMENTA. *O Brasil e a América espanhola*. Op. cit., pp. 191-217 e pp. 261-263; Marcia Eckert MIRANDA. *A Estalagem e o Império*. Op. cit., pp. 131-147.

franceses, e fazendo “rogativas publicas por la salud del Rey y Victoria de sus armas.”⁸² Em fevereiro de 1809, o governador de Maynas recebeu de Lima quatro bandos relativos à guerra declarada contra “el Emperador de los franceses, Napoleón I,” os quais foram divulgados nas povoações da fronteira.⁸³ A nova aliança entre Grã-Bretanha e Espanha foi também divulgada, chegando ao conhecimento do governador Diego Calvo no mês de abril.⁸⁴

As informações sobre os acontecimentos na Espanha chegavam ao conhecimento das autoridades de Maynas não apenas através de Lima. Da fronteira portuguesa, eram remetidos informes sobre a guerra contra os franceses e a resistência na Espanha contra as tropas de Napoleão. O governo do Grão-Pará recebeu da Corte no Rio de Janeiro documentos sobre “um grande levantamento contra os franceses” na Espanha, onde havia “se organizado um governo central e provisional em nome do Senhor Rei Fernando VII, que declarava guerra à França,” ao mesmo tempo em que se estabelecia a aliança dos espanhóis com a Grã-Bretanha. As ordens eram de que tais notícias deveriam ser publicadas e remetidas para as “Províncias espanholas limítrofes,” devendo-se ainda destacar na comunicação com os espanhóis as boas relações de Portugal com a casa dos Bourbons por via da princesa Carlota Joaquina.⁸⁵ Como expressou em outra ocasião D. Rodrigo de Souza Coutinho ao governador do Grão-Pará, os impressos sobre o sucesso da resistência espanhola aos franceses (“uma grande revolução que espero que salve Portugal, a Espanha e talvez a Europa,” nas palavras do ministro) deveriam ser espalhados pelos rios Amazonas, Negro, Branco e Madeira, “para que cheguem às possessões espanholas, e concorra livrá-las de caírem no domínio francês.”⁸⁶ No entanto, se as ordens remetidas da Corte para o governo do Grão-Pará eram, de um lado, “restabelecer a antiga harmonia” entre Espanha e Portugal, de outro sublinhavam a necessidade de adotar “todas as medidas possíveis para que em caso

⁸² AHLPE, LEA-11-56. Proclamação de Diego Calvo, governador de Maynas, aos tenentes e padres da Província. Jeberos, 25/12/1808.

⁸³ AHLPE, LEA-11-304. Carta de Diego Calvo, governador de Maynas, ao vice-rei Fernando Abascal. Loreto, 07/02/1809.

⁸⁴ AHLPE, LEA-11-304. Carta de Diego Calvo, governador de Maynas, ao vice-rei Fernando Abascal. Loreto, 32/04/1809.

⁸⁵ APEP, Códice 642. Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, a José Narciso de Magalhães e Menezes, governador do Grão-Pará. Rio de Janeiro, 23/08/1808.

⁸⁶ APEP, Códice 642. Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, a José Narciso de Magalhães e Menezes, governador do Grão-Pará. Rio de Janeiro, 10/09/1808.

algum possa ser surpreendido pelos mesmos espanhóis.”⁸⁷ O alto grau de imprevisibilidade daquele momento deveria preparar as autoridades nas áreas fronteiriças tanto para as aproximações diplomáticas quanto para a eclosão de uma guerra com os vizinhos espanhóis, que poderiam aderir ao sistema francês e ameaçar a América lusa.

O governo da Capitania do Rio Negro procurou precaver-se militarmente, determinando aos comandantes dos postos fronteiriços (em Tabatinga, no rio Içá, no rio Branco, em São Gabriel e em Marabitanas) inventariar o números de soldados nos destacamentos limítrofes, suas condições de abastecimento, os armamentos, munições e barcos disponíveis, demonstrando a preocupação em conhecer as condições em que se achavam as guarnições fronteiriças.⁸⁸ Ao mesmo tempo, o comandante de Tabatinga procurou inteirar-se sobre o estado militar da Província de Maynas durante uma visita ao posto de Loreto, no qual soube, ao indagar a índios Ticuna e a um soldado espanhol, que havia somente quatro jangadas na província, um pouco mais de 100 soldados deslocados de Quito a Jeberos, 30 praças enviados para o destacamento do rio Içá e outros 30 para Loreto.⁸⁹ Nos dois lados da fronteira, fazia-se clara a preocupação com os possíveis desdobramentos militares daquele momento, ou, como expressou o governador do Rio Negro ao governador do Grão-Pará, era necessário “adaptar convenientemente à conjuntura o pé da força militar desta Capitania.”⁹⁰

Com relação aos limites com a América portuguesa, as ordens emitidas de Lima para o governo de Maynas no ano de 1809 eram de reforço militar para a defesa da fronteira “con motivo de la transferencia de la corte de Lisboa al Brasil.”⁹¹ O vice-rei Abascal, ciente da transferência da Corte portuguesa para a América através de comunicações enviadas pelo vice-rei do Rio da Prata, mostrava-se atento para as intenções políticas “dirigidas por el Ministro Sousa Coutinho desde su llegada al Rio de Janeiro a ocupar por medio de la intriga, seducción y amenaza toda la parte del norte del

⁸⁷ APEP, Códice 642. Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, a José Narciso de Magalhães e Menezes, governador do Grão-Pará. Rio de Janeiro, 23/08/1808.

⁸⁸ APEP, Códice 634. Ofício de José Joaquim Vitório da Costa, governador da Capitania do Rio Negro, a José Narciso de Magalhães de Menezes, governador do Grão-Pará. Barra do Rio Negro, 02/08/1808.

⁸⁹ APEP, Códice 634. Ofício do tenente Manoel de Azevedo Coutinho, comandante de Tabatinga, a José Joaquim Vitório da Costa, governador da Capitania do Rio Negro. Tabatinga, 05/01/1809.

⁹⁰ APEP, Códice 634. Ofício de José Joaquim Vitório da Costa, governador da Capitania do Rio Negro, a José Narciso de Magalhães de Menezes, governador do Grão-Pará. Barra do Rio Negro, 25/05/1809.

⁹¹ Documento n. 15, carta de José Abascal ao governador de Maynas. Lima, 06/10/1808. Apud.: *Documentos encontrados ultimamente en el Archivo Oficial de la Sub-Prefectura de Moyobamba, que acreditan la posesión del Perú sobre los territorios de Quijos y Canelos y que forman el complemento de los publicados anteriormente*. Lima: Establecimiento Tipografico de Aurelio Alfaro, 1860, pp. 49-50.

Río de la Plata,” o que revelava os planos expansionistas dos portugueses sobre os territórios hispano-americanos. Ainda segundo Abascal, esses planos também poderiam ser inferidos “de la carta que la Serenisima Señora Princesa del Brasil,” dirigida a ele no mês de setembro de 1808. Por tudo isso, o vice-rei do Peru determinou redobrar “la vigilancia para contener y rechazar los intentos de aquella Potencia o cualquiera otra que por medio de la seducción o la fuerza pretendan la menor cosa contra los derechos incontestables” de Fernando VII.⁹²

Em suas memórias, o vice-rei Abascal sublinharia o grande perigo representado pela chegada da Corte lusa na América. Nas palavras de Abascal, “la imprevista traslación de la real familia de Portugal a sus Estados del Brasil,” qualificada por ele como “uno de los acontecimientos más notables” da América Meridional, colocou em alerta as autoridades espanholas contra “las asechanzas de una nación émula perpetua de nuestras glorias,” e aliada histórica dos inimigos britânicos. Ao mesmo tempo em que procurava manter-se informado dos movimentos políticos dos portugueses no Rio da Prata, o vice-rei Abascal mostrou-se atento à circulação de escritos propondo aos espanhóis do Peru aceitar a soberania de Carlota Joaquina (“se inundó esta y otras ciudades del reino de cartas escritas a nombre de la Infanta Doña Carlota Joaquina, Regenta de Portugal”).⁹³

O projeto político de defesa dos direitos de Carlota Joaquina como regente espanhola (projeto que, longe de representar simplesmente os interesses pessoais da princesa do Brasil, revelava a geopolítica do Império português para a América espanhola), gestado ao longo de 1808, seria oficializado em agosto desse ano. A partir desse momento, as autoridades portuguesas na América passaram a divulgar nos territórios hispano-americanos vizinhos escritos favoráveis ao reconhecimento, pelos vassallos espanhóis, dos direitos de Carlota Joaquina, bem como das vantagens políticas desse reconhecimento para a manutenção da ordem diante de um quadro tão incerto como o da Monarquia espanhola a partir das abdições de Bayona. Até o ano de 1814, quando Fernando VII reassume o trono, a defesa dos direitos de Carlota Joaquina como

⁹² AGI, Lima 738, n. 6. Carta do vice-rei do Peru, José Abascal, a Don Martin de Garay Perales, Ministro de la Hacienda. Lima, 15/06/1809. Ver também: CDIP. Documento n.85: “El virrey Abascal asegura que redoblará su vigilancia para contener y rechazar todo intento de la Infanta Carlota Joaquina o de cualquier otra potencia de menoscabar los derechos de Fernando VII,” pp. 188-189.

⁹³ “Memorias de gobierno del virrey Abascal.” Apud.: *Documentos Historicos del Perú en las Epocas del Coloniaje - Después de la conquista y de la Independencia hasta la presente. Colectados y arreglados por el Coronel de Caballería de Ejército fundador de la Independencia, Manuel de Odrizola, tomo segundo*. Lima: Imprenta del Estado, 1872, p. 82.

regente esteve na pauta geopolítica da Corte no Rio de Janeiro, visando ampliar a influência do Império português sediado na América para o resto do continente.⁹⁴

Como foi visto anteriormente, as autoridades de Belém receberam escritos de defesa do projeto carlotista em agosto de 1808, acompanhados da ordem de encaminhá-los ao Rio Negro, de onde, por fim, deveriam seguir para as províncias espanholas limítrofes. A recepção do projeto carlotista, por sua vez, foi bastante variável nas terras hispano-americanas, algo compreensível tendo em vista a diversidade dos domínios espanhóis na América, como também a volatilidade de uma conjuntura de crise. Em todo caso, o carlotismo não conseguiu firmar-se como um projeto político hegemônico nos vice-reinos e capitanias gerais americanos, prevalecendo nessas terras uma postura de fidelidade a Fernando VII e de rechaço às pretensões da princesa do Brasil de assumir a regência monárquica em nome de seu irmão.⁹⁵

A despeito dos esforços políticos de Abascal, há evidências não só da circulação de escritos favoráveis ao carlotismo no Vice-Reino do Peru, como também da produção, a partir do território peruano, de documentos favoráveis à princesa Carlota Joaquina. Nesse caso, um longo documentado, intitulado “Los Hijos del Perú a los de la Gran Buenos Ayres,” sintetiza alguns dos argumentos favoráveis ao projeto regencial da princesa do Brasil. Esse documento não traz identificação sobre sua autoria ou de onde foi elaborado e nem a quem prioritariamente se destinava, embora seja possível inferir que deveria ser remetido ao cabildo de Buenos Aires e a outras autoridades políticas da capital do Vice-Reino do Rio da Prata. O documento está datado de “fines de 1809”, afirmando-se nele que suas reflexões foram escritas “en los momentos de arribo del Comisionado de Sevilla” ao Peru; nele, os discursos sobre a decadência do Império espanhol e sobre a crise política da Monarquia espanhola articulam-se em uma avaliação sobre os dilemas então vivenciados pelos espanhóis da América, e a saída representada pela aceitação da figura de Carlota Joaquina pelos americanos como a legítima representante dos Bourbons. Os espanhóis de Buenos Aires, alertava o documento, não deveriam “prestar oídos a los silvidos de la serpiente que quiere” induzi-los “a la democracia,” devendo eles, ao contrário, esperar pelas deliberações das Cortes, “para que establecida la Regencia al cargo de la Señora Infanta Carlota

⁹⁴ Francisca L. Nogueira de AZEVEDO. “Carlota Joaquin, a Herdeira do Império Espanhol na América.” *Estudos Históricos*, 1997, n.20, pp. 251-274. João Paulo Garrido PIMENTA. *O Brasil e a América espanhola*. Op. cit., pp. 53-64 e pp.119-123. Valentim ALEXANDRE. *Os Sentidos do Império*. Op. cit., pp. 245-260.

⁹⁵ João Paulo Garrido PIMENTA. *O Brasil e a América espanhola*. Op. cit., pp. 53-64 e pp.119-123.

Joaquina haya um gobierno que sirva de exemplo a la decadente Europa, y vivamos em tranquilidad y seguridad.”⁹⁶ Deve-se ressaltar, como indica Jorge Myers, que desde as invasões britânicas dos anos de 1806 e 1807 em Buenos Aires há uma crise de legitimidade das instituições do Vice-Reino, com a maior autonomia do cabildo local na organização da luta contra os invasores, contestações à autoridade do vice-rei, militarização de parte da sociedade e enfrentamentos entre facções políticas.⁹⁷ Desse modo, o documento parece justamente apelar, a partir do Peru, para a conciliação política em Buenos Aires em torno da figura de Carlota Joaquina.

O discurso do(s) autor(es) desse manifesto volta-se, então, para uma análise histórica da decadência da Monarquia espanhola, uma situação que se teria iniciado dois séculos antes. No balanço histórico apresentado no documento, a crise havia principiado nos tempos de Felipe II, prosseguindo com Felipe III, Felipe IV, Carlos II e Felipe V, reinados nos quais os espanhóis perderam seus domínios europeus (como as Províncias Unidas e Portugal) e seu poderio militar e econômico, vendo-se, por fim, “el Reino debilitado y moribundo a manos de Fernando VI, reducido ya a solo España y sus colonias.” As tentativas de recuperação teriam começado apenas no reinado de Carlos III, o qual “procuró con sabias providencias detener la ruina del Imperio,” ao passo que no reinado Carlos IV, um rei que “se dejó dominar por su hábil esposa,” a política conduzida pelo ministro Godoy (“un hombre obscuro por su nacimiento, depreciable por sus talentos y criminal por su conducta”) resultou desastrosa para a Espanha, corrompendo moralmente a Monarquia. A abdicação do trono em favor de Fernando VII, por sua vez, representou a esperança de recuperação econômica, militar e moral da Monarquia. Essas esperanças, no entanto, logo foram destruídas pela traição do “Emperador de los Franceses” com as abdições de Bayona. O documento prossegue afirmando que as notícias sobre os acontecimentos na Península, tão espantosas para os

⁹⁶ AMIP. III-POB, 00-01-1809. “Los Hijos del Perú a los de la Gran Buenos Aires.” Janeiro de 1809.

⁹⁷ Jorge MYERS. “A Revolução de Independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825).” In: PAMPLONA, Marco, MÄDER, Maria Elisa (org.). *Revoluções de Independência e Nacionalismos nas Américas – Região do Prata e Chile*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, 71-74, pp. 69-92. Sobre a experiência das invasões britânicas e as transformações políticas vivenciadas em Buenos Aires pelas corporações administrativas nesse momento, Túlio Halperin Donghi afirmou: “La conquista británica, en medio de las adversidades que trajo, enseñó por lo menos a magistrados y funcionarios un nuevo tipo de relación con la autoridad suprema en la que es ésta la que solicita – con amenaza, con la promesa – una adhesión que antes ni siquiera se había discutido; les enseñó entonces a descubrir una nueva dimensión más estrictamente política para las actividades de corporaciones y magistraturas, nada de lo que ocurrió hasta 1810 podría invitarlos a dudar de la verdad esencial de este descubrimiento.” Tulio HALPERIN DONGHI. *Revolución y Guerra: Formación de una elite dirigente en la Argentina criolla*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005, pp. 137-138.

espanhóis da América, estavam dividindo os vassalos americanos, ameaçando a ordem e a segurança. Nesse ponto, o reconhecimento dos direitos da princesa do Brasil surgia como a melhor resposta à crise de soberania:

Nosotros, viendo la fatal crisis en que se halla constituida la suerte de la Metrópoli, y que de ella pende la seguridad y conservación de nuestra constitución política, no podemos contentarnos con reflexiones vanas y discursos frívolos, ni menos guardar un más largo silencio que nos haría criminales ante el tribunal de nuestra posteridad futura. (...). Por eso es también que pensamos con sobrada razón y fundamento que, cuando una contrariedad de intereses puede dividir a los pueblos en diferentes partidos, amenazando una revolución que siempre es formidable, el único medio que hay para evitar un mal tan grande es buscar una persona que, revestida de autoridad, reúna los votos discordes, concilie las opiniones, restablezca el orden y la tranquilidad. Hallar esta persona es, en tales circunstancias, la obra maestra de la Política, o por mejor decir la señal más evidente de la protección del cielo. (...)

No hay duda, la Infanta de España, Doña CARLOTA JOAQUINA, que escapó prodigiosamente con su esposo y Familia Real de Portugal de las redes del Exterminador de los Borbones, se halla más cerca de nosotros, en el Brasil. Ella, después de los hijos varones de Carlos IV, es la legítima heredera de estos Dominios, según las leyes constitucionales de Castilla, y últimamente las Cortes celebradas en 1789.⁹⁸

A aceitação de Carlota Joaquina como Regente seria, na argumentação apresentada no documento, um elemento essencial para a conjugação de esforços na América para a defesa da Monarquia hispânica e mesmo para a libertação da Península. A recusa em reconhecer os direitos da princesa, em contraposição, abriria espaço para as dissensões políticas entre os vassalos americanos, o que, em última instância, “producirá los mayores desastres, y quizás la separación eterna de la Metrópoli.” E mesmo na impossibilidade de recuperar a Espanha, seria possível consolidar um Império espanhol na América. Nesse ponto, ainda que o caso português não esteja enunciado no documento, parece altamente provável que ele estivesse inscrito nas referências a partir das quais os autores do texto elaboravam suas expectativas, parecendo a eles também viável que a Monarquia espanhola sobrevivesse (e mesmo se fortalecesse) em uma nova

⁹⁸ AMIP. III-POB, 00-01-1809. “Los Hijos del Perú a los de la Gran Buenos Aires.” Janeiro de 1809.

sede de poder. Essa proposta não representaria, insistia o documento, uma ameaça à manutenção dos laços entre os domínios hispano-americanos e a Espanha, visto que “la America existe unida a la Madre Patria por la autoridad sola de sus Reyes,” autoridade essa que, naquela altura, estaria “legitimamente depositada y ejercida por la Suprema Junta Central Governativa”. E, mais uma vez insistiam seus autores, a permanência de Carlota Joaquina como Regente colaboraria para a união das colônias, evitando que elas ficassem “dejadas al arbitrio de los pueblos fluctuantes entre diferentes partidos, y expuestos a seguir el exemplo de sus vecinas, las del Norte.”⁹⁹

Os planos políticos da Monarquia portuguesa em fazer os vassallos espanhóis aceitarem a soberania da princesa Carlota Joaquina, duramente criticados por Abascal, não foram tão prontamente rechaçados por todas as autoridades do Peru. Para alguns homens do Vice-Reino do Peru, tratava-se de uma saída política legítima para a crise de soberania vivenciada pelo Império espanhol, sendo possível manter a ordem social e a vinculação que deveria ligar os espanhóis da América à casa dos Bourbons. Sobre isso, um militar no rio Napo de nome Mariano Ortiz, em uma carta enviada no ano de 1812 ao capitão Manoel Fernandez Alvarez, na qual se referia às dissensões políticas na Audiência de Quito e aos trabalhos das Cortes em Cádiz, afirmou que ficara sabendo sobre negociações entre as Cortes na Espanha e a princesa Carlota Joaquina para fazê-la “Regenta de España e Indias.” Em sua avaliação, tratava-se de uma proposta válida, pois “siendo ella de línea recta de la Familia Real de nuestro soberano, será de la mayor complacência y jubilo para todas las ciudades, villas, asientos y demás lugares el que se ponga en ejecución, pues ello resulta la paz y quietude de todos sus fieles vassalos.” E, com relação à fronteira, avaliou Ortiz que a aliança com a Coroa lusa poderia permitir aos “portugueses fronterizos” enviar homens e embarcações maiores a Maynas, talvez referindo-se a um possível auxílio português na defesa militar da região, visto que no mesmo documento ele se refere a um possível desembarque de quatro mil espanhóis e sete mil portugueses em Montevideu.¹⁰⁰ A leitura política de Ortiz em Maynas no ano de 1812 é reveladora das múltiplas interpretações possíveis na América espanhola em uma conjuntura da crise monárquica sem precedentes. A partir da realidade de Maynas como espaço fronteiriço com as terras luso-americanas, Ortiz interpreta a aproximação com a Corte lusitana, via a aceitação de Carlota Joaquina como regente, como um

⁹⁹ AMIP. III-POB, 00-01-1809. “Los Hijos del Perú a los de la Gran Buenos Aires.” Janeiro de 1809.

¹⁰⁰ AHLPE, LEA-11-241. Carta de Mariano Ortiz a Manoel Fernandez Alvarez, capitão e comandante das partidas. Napo, 22/07/1812.

apaziguamento das ameaças externas. A reafirmação da soberania monárquica poderia ser alcançada pela conjugação do carlotismo e das Cortes gaditanas, demonstrando que, no entendimento de muitos dos contemporâneos como Ortiz, esses projetos não eram necessariamente antagônicos ou incompatíveis. Em vez de uma possível guerra com os portugueses vizinhos, eles seriam aliados contra os partidos que agitavam a América espanhola, a exemplo do que ocorria na limítrofe Audiência de Quito. O carlotismo, assim, parecia a esse militar espanhol um projeto político viável tendo em vista a realidade do espaço fronteiriço no qual se inseria.

As interpretações políticas, evidentemente, requeriam o acesso a informações sobre as rápidas modificações em curso na Europa e na América. O fluxo de informações sobre as transformações políticas não se valia apenas da correspondência oficial remetida de Lima para a fronteira. Para alguns habitantes de Maynas, as correspondências privadas também exerciam uma função de peso na divulgação de informações sobre o estado político da Monarquia espanhola. Era esse o caso do governador Diego Calvo, o qual mantinha uma troca de cartas com Pedro Antonio de Molina, coronel do corpo de engenheiros militares. Pedro Antonio de Molina residia em Lima, mas seu filho vivia na Espanha, onde acompanhou o turbilhão de eventos do ano de 1808, relatando ao pai por cartas algumas das transformações em curso. Essas cartas familiares, somadas a comentários sobre os periódicos que chegavam da Espanha e de outras partes da América espanhola, serviam de fonte para que Pedro Antonio de Molina mantivesse informado o governador Diego Calvo sobre o desenrolar dos acontecimentos na Espanha. Em suas cartas, Molina relatou a Calvo a queda do ministro Godoy, a mudança no trono espanhol com a coroação de Fernando VII, a traição dos franceses com a prisão do monarca espanhol e a ascensão ao trono de José Bonaparte, as revoltas populares contra os invasores franceses e seus colaboradores espanhóis e as campanhas militares para expulsão das forças napoleônicas.¹⁰¹

Para espanhóis e portugueses nas fronteiras sul-americanas, os acontecimentos do ano de 1808 (muitos dos quais comunicados nessas áreas em 1809) lançavam desafios sem precedentes. A instalação da Corte lusa na América e a vacância do trono espanhol inscreviam novos problemas para as zonas fronteiriças, na medida em que a relação entre os territórios luso e espanhol da América poderiam caminhar para a

¹⁰¹ AHLPE, LEA-11-73. Carta de Pedro Antonio de Molina a Diego Calvo. Lima, 08/08/1808; LEA-11-105. Carta de Pedro Antonio de Molina a Diego Calvo. Lima, 23/09/1809.

conjugação de esforços dos dois lados contra um inimigo comum, ou o acirramento das rivalidades e a eclosão da guerra entre portugueses e espanhóis. Em uma conjuntura marcada pela incerteza quanto ao futuro dos Impérios ibéricos, a interação entre as zonas limítrofes dos mesmos na América requeria, mais do que nunca, a manutenção de canais de informações que pudessem embasar a tomada de decisões das autoridades em áreas como Maynas e Rio Negro, sejam as informações oficialmente remetidas dos centros políticos locais, as transmitidas por correspondência privada ou aquelas oriundas dos territórios confinantes.

As revoltas indígenas em Maynas no ano de 1809.

Em Maynas, o início do ano de 1809 trouxe para as autoridades locais desafios que não diziam respeito apenas à crítica conjuntura que o Império espanhol experimentava. Localmente, os anos de 1808-1809 significaram o aprofundamento de dissensões políticas entre as principais autoridades da fronteira, o descontentamento de parte da população indígena e, logo, a eclosão de duas revoltas que forçariam uma mudança na administração da província. Um elemento importante das lutas locais foi a disputa que logo caracterizou a relação entre o governador de Maynas, Diego Calvo, e o novo Bispo da região, Hipólito Sánchez.

Frei Hipólito Sánchez Rangel,¹⁰² primeiro Bispo de Maynas, se tornaria uma figura política de peso nessa Província durante a conjuntura de crise da Monarquia espanhola e dos conflitos que levaram à independência do Peru. Seu longo apostolado (1808-1822) abarcaria parte considerável do processo de intensas transformações vivenciadas pela América espanhola. Ao mesmo tempo, a abrangência territorial de seu bispado (que abarcava, além de Maynas, as vizinhas províncias de Quijos e Ávila)¹⁰³ e

¹⁰² Nascido em Badajóz no ano de 1761, Hipólito Sánchez Rangel, antes de assumir o Bispado de Maynas, havia servido em Havana. Faleceu na Espanha no ano de 1839. Cf.: P. Francisco QUECEDO, OFM. *El Ilustrísimo Fray Hipólito Sánchez Rangel, Primer Obispo de Maynas*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Publicaciones del Instituto de Investigaciones Históricas, Número LXXVIII, 1942.

¹⁰³ Nas palavras do próprio Bispo, sua diocese compreendia “las misiones alta y baja del Marañón, desde Santiago de las Montañas, junto al Pongo de Manseriche, hasta la frontera de Portugal, con los colaterales hacia Canelos por el Pastaza, y hacia Maynas por el Huallaga, destacamento y cabeceras del Putumayo, correspondientes antes el primero a Quito y las otras a Popayán, con el Japurá, y otros puntos perdidos; la doctrina de Canelos con sus anexos, y la de Palma, las del río Aguarico y Sucumbíos, que eran de Cuenca y Quito, y la Provincia de Quijos y Ávila, correspondientes antes al último con los pueblos perdidos del Napo El Nombre de Dios y San Miguel, hasta Capueri, que subsiste; las nuevas misiones de Manoa, o del río Ucayali; las antiguas del río Huallaga hasta Santa Maria del Valle, que no se ha servido entregar al Sr.

seu contrapeso aos poderes já constituídos nessa região (como o do governador local, das autoridades militares e de outros religiosos) conferiram ao Bispo Sánchez Rangel uma posição de destaque na vida política da fronteira. Desde o início de sua atividade missional na região, Frei Hipólito Sánchez Rangel mostrou-se crítico em relação à administração da área, envolvendo-se em conflitos com outras autoridades.

Um dos pontos centrais das disputas que opuseram o Bispo de Maynas a outras autoridades locais foi a questão da utilização da mão-de-obra indígena. Já em 1809, o Bispo Sánchez Rangel expressava duras críticas à exploração dos índios e à “opresión y horrosos castigos” que as autoridades infringiam a eles, obrigando-os a trabalhos públicos, notadamente aqueles requeridos para a demarcação da fronteira. Tal exploração, na avaliação do Bispo, resultava na frequente fuga de índios para pontos remotos do território maynense, procurando eles, desse modo, “respirar y vivir con alguna libertad y desahogo.” A violência e a conduta abusiva contra a população indígena não eram uma exclusividade das autoridades políticas e militares, pois as críticas do Bispo de Maynas se dirigiram também contra outros religiosos que atuavam na região, principalmente os eclesiásticos regulares, o que, na sua interpretação, terminava por enfraquecer o poder da Igreja naquela fronteira.¹⁰⁴

A expedição de limites foi um dos alvos preferenciais das críticas do Bispo de Maynas. Os trabalhos demarcatórios prosseguiram no lado espanhol da fronteira, mesmo após o término, em 1791, das atividades conjuntas com os portugueses, conforme foi visto anteriormente. Ao governador da Província de Maynas continuava cabendo a autoridade sobre a expedição de limites, acumulando ele o cargo de “Primer Comisario de las Expediciones de Límites entre las Coronas de España y Portugal,” como no tempo de governo de Francisco Requena. Na primeira década do século XIX, a organização da expedição de limites continuava, em grande parte, mantida na Província, visto que ainda existiam a serviço dela um tesoureiro (Don José Francisco y Benítez), religiosos (Juan Pavon e Pablo Mariño), um médico (Silvestre Amaya), um oficial Mayor de la Real Hacienda (Don Esteban Abendaño), um guarda almacenes (Don Miguel Damián Yepes), ao passo que já não existia mais a figura do segundo

Obispo de Lima, junto a Huanuco, y las ciudades y Provincias de Moyobamba y Lamas.” AGI, Lima 1580. Informe reservado firmado por Fray Hipólito Sanchez. Moyobamba, 29/09/1810.

¹⁰⁴ AGI, Lima 1580. Carta de Fray Hipólito Sanchez, Obispo de Maynas. Jeberos, 02/01/1809.

comissário. Alguns desses homens serviam na expedição desde os tempos de Requena, outros haviam ingressado posteriormente.¹⁰⁵

Esse modelo de organização política da Província de Maynas, instituído para dar conta das exigências do Tratado de Santo Ildefonso, mostrava-se, na opinião de Hipólito Sanchez Rangel, bastante ineficaz, não contribuindo mais para a defesa da fronteira. De fato, para o Bispo a permanência da expedição de limites significava um obstáculo para o engrandecimento daquela região, tendo em vista as contínuas irregularidades que a caracterizavam e a drenagem de recursos para sustentar os militares encarregados das atividades demarcatórias. Segundo uma das críticas do Frei Hipólito Sánchez Rangel, os soldados empregados na expedição demarcatória “no [tratavan] de otra cosa que enriquecerse a si mismos, y de empobrecer y esclavizar a los índios.” Os recursos disponíveis na fazenda real seriam destinados preferencialmente à comissão de limites (como comparou o Bispo, ela seria uma rede que absorvia todos os recursos em nome do Rei), aproveitando-se assim de “todos los frutos de la Provincia.” E, tal como as críticas lançadas a Requena e seus comandados no final da década de 1780 (conforme foi visto anteriormente), Hipólito Sanchez Rangel acusava a comissão de envolver-se em um contrabando frequente com o lado português da fronteira. Entre os casos que ele tomou conhecimento, relatou em ofício dirigido ao Conselho de Regência, no ano de 1810, a chegada a Jeberos de um barco português “bien cargado a nombre del Rey, cuyos efectos prohibidos se vendieron” aos membros da comissão espanhola.¹⁰⁶ O comércio com os portugueses, além de representar uma oportunidade de ganhos privados para autoridades do lado espanhol da fronteira, certamente contribuía para amenizar as dificuldades de abastecimento comuns nas vilas de Maynas. Como o próprio Bispo observou em outra ocasião, a escassez de gêneros alimentícios era recorrente, havendo a necessidade de trazer produtos a “precios subidisimos” de outros locais, como Jaen de Bracamoros e Chachapoyas.¹⁰⁷

Contudo, ao contrário do que faz acreditar a acusação lançada pelo Bispo, as trocas comerciais mantidas com o lado português da fronteira não envolviam tão somente os membros da comissão demarcadora e outros oficiais, sendo um negócio que atraía outros habitantes de Maynas, o que indica a importância desse comércio para o abastecimento da fronteira. Assim, em 1808, o índio Francisco Coquillo, em companhia

¹⁰⁵ AGI, Lima 1580. Informe reservado firmado por Fray Hipólito Sanchez. Moyobamba, 29/09/1810.

¹⁰⁶ AGI, Lima 1580. Informe reservado firmado por Fray Hipólito Sanchez. Moyobamba, 29/09/1810.

¹⁰⁷ AGI, Lima 1580. Carta de Fray Hipólito Sanchez, Obispo de Maynas. Jeberos, 02/01/1809.

de outros, partiu para Tabatinga a fim de vender salsaparrilha e adquirir ferramentas, bem como para encontrar-se com parentes seus que habitavam no lado português.¹⁰⁸ Nesse caso, o deslocamento pela região envolvia tanto as necessidades econômicas quanto a manutenção das relações familiares e comunitárias de populações indígenas que viviam entre Maynas e o Rio Negro, o que favorecia as circulações nas zonas fronteiriças.

Logo no início do apostolado de Hipólito Sánchez Rangel, instaurou-se uma crise com o governador de Maynas, o coronel de engenheiros Don Diego Calvo. Em documento dirigido a um representante seu na Espanha, o Bispo relatou as principais situações conflituosas ocorridas com o chefe do governo político e militar da fronteira. Segundo Hipólito Sánchez Rangel, ainda em Quito, antes de seguir sua longa viagem para assumir seu bispado, ele já havia se inteirado sobre os “desaciertos y atentados del Sr. Gobernador y Comandante General de Mainas.” Chefes políticos de Quito teriam contado a ele sobre as violências e arbitrariedades cometidas pelo governador Calvo, principalmente a exploração do trabalho indígena e a perseguição que dirigia aos eclesiásticos que serviam na região. Diego Calvo contaria ainda com o apoio do governador da província de Ávila (seu “amigo y confidente”), o qual, além de se destacar em “materias libidinosas, persiguiendo todo genero de índias,” obrigaria os índios a comprar dele produtos a preços abusivos. A conduta opressiva que caracterizaria a cúpula político-militar da área também seria comum entre os chamados “tenientes de pueblos” ou “tenientes gobernadores”, militares escolhidos pelo governador para a administração das vilas. As queixas mais duras dos índios, segundo Hipólito Sánchez Rangel, seriam dirigidas a esses tenentes, os quais se aproveitavam de seus poderes para utilizar o trabalho indígena em proveito próprio. O Bispo citou em especial o caso dos “tenientes de pueblo” de Loreto (soldado Marcos Montehermoso), de Iquitos (soldado Narciso Mello) e de Andoas (soldado Marcos Bardales), homens, em sua avaliação, “bárbaros y de poca o ninguna crianza y cristianidad.”¹⁰⁹

As visitas eclesiásticas realizadas por Hipólito Sánchez Rangel pelos rios de seu bispado deram a ele a oportunidade de inteirar-se das acusações dos índios contra as autoridades locais. Como afirmou o Bispo, a partir de suas visitas ele pôde ter

¹⁰⁸ AHLPE, LEA-11-234. Ofício de Marcos Montehermoso a Diego Calvo. Loreto, 01/01/1808.

¹⁰⁹ AGI, Lima 1580. “Plan exacto de las revoluciones de Maynas y de Quijos, en el primer año de la entrada del nuevo Obispo a aquella Diócesis, escrito por el mismo Obispo a uno de sus apoderados en España (...).” Jeberos, 28/05/1809.

“conocimiento de los desórdenes y escándalos publicos, y aplicar los remedios convenientes para su reforma,” o que indica o poder político do Bispo e seu contrapeso às autoridades constituídas na área. Em Laguna, os índios que foram à presença do Bispo apresentaram denúncias contra seu tenente, que os “azotaba con crueldad,” oprimindo-os “con mucho trabajo, sin dejarles tiempo para beneficiar sus chacras,” forçando muitos índios a fugir, dizendo eles que não voltariam ao *pueblo* enquanto aquele tenente permanecesse no local. Para os índios, a presença do Bispo em seus povoados poderia significar a possibilidade de contar com um intermediário que representasse suas queixas e anseios. Essas visitas, nesse sentido, funcionaram como empreendimentos políticos que atentavam contra a autoridade dos “tenientes de pueblos” e do próprio governador da Província.

Buscando inibir os procedimentos abusivos que, segundo Hipólito Sánchez Rangel, caracterizaria o exercício do cargo dos “tenientes de pueblos”, o Bispo enviou a eles ofícios ameaçando-os de excomunhão caso não ajudassem os religiosos em seus trabalhos e não cessassem a exploração dos índios. Em sua avaliação, as condutas irregulares de Diego Calvo e seus comandados seriam toleradas em função da necessidade de defesa da fronteira, principalmente nas circunstâncias críticas vivenciadas pela Monarquia espanhola naquele momento.¹¹⁰

As interferências políticas realizadas por Hipólito Sánchez Rangel foram respondidas de maneira dura pelo governador de Maynas e demais oficiais. Uma das primeiras medidas de retaliação adotadas pelo governador foi interferir na remessa de cartas e ofícios dirigidos ao Bispo: segundo ele, a correspondência seria apreendida em Moyobamba, aberta e lida para ver se continha alguma informação que desagradasse ao chefe político de Maynas. Em denúncia apresentada por Sánchez Rangel, o governador de Maynas haveria declarado publicamente que o Bispo estaria “usurpado su gobierno sin autoridad, y sin alguna comisión para ello.” O Bispo passou a ser alvo de ameaças, bem como os índios que o procuravam para apresentar queixas contra as autoridades político-militares. Em certa ocasião, afirmou o Bispo de Maynas, Diego Calvo teria ordenado derrubar o palácio episcopal, que havia sido recentemente construído em Jeberos, o que não chegou a ser feito porque os índios não quiseram cumprir tal ordem.

¹¹⁰ Nas palavras do Bispo Hipólito Sánchez: “Se me asegura por otro conducto, que la precisión de defender esa frontera en las actuales circunstancias, y que la necesidad de no haber otro oficial ingeniero que poner aquí, habían obligado a muchas condescendencias.” AGI, Lima 1580. “Plan exacto de las revoluciones de Maynas y de Quijos, en el primer año de la entrada del nuevo Obispo a aquella Diócesis, escrito por el mismo Obispo a uno de sus apoderados en España (...)” Jeberos, 28/05/1809.

Ainda segundo ele, o governador determinou então que o palácio episcopal não fosse mais abastecido com mantimentos do armazém real ou de outra origem, fazendo com que o bispo e seus familiares passassem por um período de fome. Em resposta a essas violências e perseguições, Hipólito Sánchez Rangel dirigiu um ofício ao governador Calvo dizendo-lhe que se não se contivesse em suas ameaças e perseguições, seria obrigado a “declararlo excomulgado.”¹¹¹

Figura 11

Plano del Palacio Episcopal de Maynas [detalhe]. AGI, MP-PERU_CHILE,150.

As desavenças políticas entre as principais autoridades de Maynas e os conflitos envolvendo elas e as populações indígenas encontraram seu clímax com as sublevações dos índios de Jeberos e Laguna, no início do ano de 1809. No dia primeiro de janeiro daquele ano, foram realizadas as eleições para as autoridades indígenas de Jeberos. Como era costumeiro naquela ocasião, após as eleições os índios fizeram festas que se prolongaram até o dia seguinte. Por ordem do governador, o teniente gobernador de

¹¹¹ AGI, Lima 1580. “Plan exacto de las revoluciones de Maynas y de Quijos, en el primer año de la entrada del nuevo Obispo a aquella Diócesis, escrito por el mismo Obispo a uno de sus apoderados en España (...).” Jeberos, 28/05/1809.

Jeberos, o soldado Juan Ortiz, tentou encerrar as festas, determinando que os índios retomassem seus trabalhos. Os índios recusaram-se, tendo início uma briga em que o soldado Juan Ortiz foi atacado a golpes, vindo a morrer dias depois. O tesoureiro da expedição de limites também foi atacado, mas conseguiu fugir juntamente com o governador Calvo e outros oficiais, buscando refúgio no palácio episcopal. As autoridades espanholas partiram para Laguna, onde, no dia 15 do mesmo mês, explodiu outra revolta indígena, resultando na destruição do quartel. Segundo informações apresentadas pelo Bispo, Diego Calvo e outras autoridades teriam, então, fugido para Tabatinga, depois se fixando em Loreto, vila próxima à fronteira com a Capitania do Rio Negro. Segundo Sánchez Rangel, nos povoados por onde o governador passou durante sua fuga ele lançou acusações contra o Bispo, dizendo que a revolta dos índios teria começado graças a seu incentivo.¹¹²

Diego Calvo, de fato, fixou-se em Loreto, entrando em contato com as autoridades de Tabatinga, solicitando-lhes permissão para seguir até a cidade de Belém ou para a Venezuela através do Orinoco. O objetivo do governador, informado aos portugueses, era seguir caminho para a Espanha. Em suas comunicações com os portugueses, Diego Calvo foi bastante genérico em suas críticas ao Bispo de Maynas e no informe sobre a revolta indígena que o obrigara a fugir da Província.¹¹³ Contudo, a permissão para a entrada no Rio Negro acabou se mostrando algo difícil de ser concretizado. A fuga do governador de Maynas, sua intenção de seguir viagem pelo território luso-americano e a informação sobre a revolta indígena despertaram desconfianças entre os portugueses, que procuraram certificar-se sobre os fatos narrados por Diego Calvo. Em suas averiguações, o comandante de Tabatinga tomou conhecimento de que, de fato, o governador de Maynas “se retirara [de Jeberos] escapando unicamente com a vida pelo levante que houve de índios na referida capital, e que o Bispo da dita fora o que concorrera para o dito fim.” Por via das dúvidas, alertou o comandante, ele não deixaria que o governador Calvo ingressasse sem a permissão do

¹¹² AGI, Lima 1580. “Plan exacto de las revoluciones de Maynas y de Quijos, en el primer año de la entrada del nuevo Obispo a aquella Diócesis, escrito por el mismo Obispo a uno de sus apoderados en España (...)” Jeberos, 28/05/1809. Esse documento também está disponível em: AHLPE, LED-2-109. Conferir também: José Barletti. “El Levantamiento Indígena Amazónico de Jeberos y Lagunas de 1809.”

¹¹³ APEP, Códice 634. Ofício de Diego Calvo a José Narciso de Magalhães de Menezes, governador do Grão-Pará. Loreto, 13/02/1809. Em outro ofício dirigido ao comandante de Tabatinga, o governador Diego Calvo limitou-se a dizer que havia saído de por “desavencias ocurridas en esa Provincia.” APEP, Códice 634. Ofício de Diego Calvo ao tenente Manoel de Azevedo Coutinho, comandante de Tabatinga. Loreto, 14/02/1809.

governo do Rio Negro; além disso, o comandante português da fronteira afirmou que estava preparado com soldados e índios “capazes de pegar em armas se for preciso, caso que isto seja alguma indústria, pois não me fio em semelhante Nação, tão falsa como se tem mostrado.”¹¹⁴ A suposta revolta de indígena, para os portugueses, poderia na verdade encobrir uma manobra militar dos espanhóis naquela fronteira, e se as relações entre autoridades lusas e espanholas naquela área sempre foram permeadas pela desconfiança, naquela incerta conjuntura de início de 1809 as preocupações estavam intensificadas. O governador do Rio Negro, José Joaquim Vitorino da Costa, respondendo às solicitações de Diego Calvo, disse a ele que só poderia permitir-lhe entrar na Capitania depois de consultar o governador do Estado do Grão-Pará, visto que o Rio Negro estava subordinado ao governo sediado em Belém.¹¹⁵

Tanto quanto o comandante de Tabatinga, o governador do Rio Negro procurou, dessa forma, ganhar tempo, recorrendo à consulta ao governo em Belém sobre as relações a serem mantidas com as autoridades políticas espanholas na fronteira. Diante da resposta do governador do Rio Negro (uma negativa, de fato, ao pedido de ingressar nas terras luso-americanas), o governador Calvo permaneceu em Loreto. Quando a situação na Província acalmou-se com a chegada de um novo governador, Calvo seguiu viagem por Maynas, objetivando chegar a Lima, no entanto ele viria a falecer durante o trajeto, mais especificamente em Yurimaguas, partido de Chachapoyas.

Ao ser informado em Lima sobre as revoltas indígenas na longínqua província, o vice-rei Abascal determinou o envio de uma tropa para a fronteira, comandada pelo capitão Manuel Fernández Álvarez, bem como a substituição do governador Diego Calvo por outro oficial, Tomás de Costa Romeo. A tropa e o novo governador chegariam a Jeberos apenas no mês de setembro. A expectativa pela chegada de um reforço militar (e de uma repressão aos índios que tomaram parte nas sublevações do início de 1809) criou uma tensão entre índios e autoridades civis e religiosas. Em abril, corriam rumores em Jeberos de que os índios do partido alto (um dos dois bairros da vila) estariam tramando uma nova sublevação para matar todos os homens brancos que habitavam o lugar. Segundo relatou uma índia ao cozinheiro da expedição de limites, os índios do partido baixo de Jeberos também pretendiam matar os brancos e os índios que

¹¹⁴ APEP, Códice 634. Ofício do tenente Manoel de Azevedo Coutinho, comandante de Tabatinga, a José Joaquim Vitorino da Costa, governador da Capitania do Rio Negro. Tabatinga, 16/02/1809.

¹¹⁵ APEP, Códice 634. Ofício de José Joaquim Vitorino da Costa, governador da Capitania do Rio Negro, a Diego Calvo, governador da Província de Maynas. Barra do Rio Negro, 05/04/1809.

os apoiavam, em razão da vinda dos soldados de Lima. Uma outra sublevação estaria em curso, dessa vez (segundo relatou a índia aos espanhóis) unindo “los pueblos de Laguna, Chayabitas, Catruapanas, Muniches, Barranca con este de Jeberos”, os quais matariam os soldados vindos de Lima e incendiariam todos os povoados, para então “retirarse a los montes.”¹¹⁶ Entre religiosos e outras autoridades locais, havia o temor de que, antes da chegada das tropas de Lima, o governo civil e religioso da Província de Maynas fosse desmantelado por uma ampla sublevação indígena, destruindo os trabalhos missionários e colocando em risco a segurança da fronteira.

Enquanto os soldados de Lima não chegavam, religiosos de Maynas, incluindo o Bispo, empenharam-se em negociar a paz com as lideranças indígenas. Nas negociações mantidas por Sánchez Rangel com os curacas dos partidos (bairros) alto e baixo de Jeberos, ele procurou assegurar aos índios de que os oficiais que os haviam explorado durante o governo de Diego Calvo seriam afastados de Maynas, e de que a nova tropa que estava à caminho seria destinada não para puni-los, mas sim para proteger a fronteira contra os portugueses - em suas palavras dirigidas para os curacas, “la tropa no venía a causarles perjuicio alguno, sino a defenderlos de los portugueses.” Também garantiu às lideranças indígenas que o novo governador, ao contrário do anterior, tinha seu apoio.¹¹⁷ Ao mesmo tempo, as autoridades de Maynas expediram uma série de recomendações ao comandante da tropa deslocada de Lima para a fronteira, instruindo-o sobre a melhor forma de ingressar nas vilas sem que despertasse a oposição ou desconfiança dos indígenas, o que poderia dar margem para a eclosão de novas sublevações.¹¹⁸ Aparentemente, as negociações travadas com as lideranças indígenas alcançaram os resultados almejados pelo Bispo, pois não ocorreram novos levantamentos de índios.

¹¹⁶ AHLPE, LEA-11-107. Carta de Estebán Avedaño. Jeberos, 09/06/1809.

¹¹⁷ AGI, Lima 1580. “Plan exacto de las revoluciones de Maynas y de Quijos, en el primer año de la entrada del nuevo Obispo a aquella Diócesis, escrito por el mismo Obispo a uno de sus apoderados en España (...)” Jeberos, 28/05/1809.

¹¹⁸ Segundo tais recomendações, a tropa não poderia chegar de uma só vez em Maynas, mas paulatinamente, mesmo porque os armazéns reais não contavam com alimentos em quantidade suficiente para alimentar todos os soldados; além disso, o novo governador deveria ser recebido por lideranças indígenas, acompanhadas por religiosos, para desfazer as desconfianças reinantes entre os índios. Enquanto não chegavam o novo governador e a tropa, as autoridades religiosas e militares em Maynas deveriam agir “con la mayor precaución, y vigilancia sin dar a entender a los Indios los temores que nos acompañan, manifestándole mucha alegría, e insinuándole ser por la venida del nuevo Jefe, impuestos de las buenas noticias que se tienen de su bondad y demás requisitos que adornan su persona y porque todo se refunde en el bien de ellos, sin descuidarse un momento de atender a sus semblantes y acciones.” AHLPE, LEA-11-107. Junta de autoridades de Jeberos, 11/06/1809.

A eclosão das revoltas indígenas em Maynas no ano de 1809 não foi suficientemente compreendida pelas autoridades espanholas. Enquanto que o Bispo de Maynas apontava a administração político-militar como a principal responsável pelas revoltas indígenas, outras autoridades criticavam duramente a postura de Sánchez Rangel, considerando-o o maior incentivador das sublevações de 1809 em Maynas. Um membro do Conselho de Índias, em 1816, reclamou da falta de informações sobre os autores dos “alborotos de 1809” em Maynas, mesmo depois de o vice-rei Abascal haver determinado que se averiguassem as causas das revoltas; segundo esse membro do Conselho, as revoltas teriam surgido graças ao desequilíbrio político criado pelas interferências do Bispo Sánchez Rangel sobre a administração da Província.¹¹⁹ Francisco Requena, por sua vez, afirmou para o Conselho de Índias em 1817 que a entrada do Bispo em Maynas causou desavenças com outros religiosos e militares. No entanto, o ex-governador de Maynas lamentava também o desconhecimento sobre os “verdaderos causantes de la sublevación para castigarlos, y los médios que deben adoptarse para precaver otras en lo sucesivo.”¹²⁰

Na historiografia sobre Maynas, as referências sobre as revoltas de 1809 são pontuais, permanecendo lacunas na análise sobre as motivações, a organização dos índios e as consequências do movimento. Deve-se enfatizar que parte significativa dos relatos disponíveis sobre essas revoltas é de autoria do Bispo Sánchez Rangel, de modo em que há uma ênfase na acusação contra o governador Diego Calvo e seus comandados como motivadores do descontentamento indígena. Esse desconhecimento sobre as revoltas dos índios de Jeberos e Laguna pode ser percebido em alguns estudos que trataram do tema. Em sua densa obra sobre Maynas, Waldemar Espinosa, ao citar a ocorrência das revoltas dos índios, enfatiza o caráter inédito do evento, pois, até aquela ocasião, a Província não havia vivenciado uma rebelião indígena daquelas proporções.¹²¹ José Barletti, em seu estudo sobre o quadro populacional de Maynas à época da independência, faz referência às sublevações indígenas de 1809, lançando a hipótese de que esses movimentos (uma resposta à violência das autoridades políticas contra os índios) promoveram a dispersão de parte da população indígena, influenciando

¹¹⁹ AGI, Lima, 1580. Carta del Consejo de Madrid al Fiscal del Perú. Madrid, 13/12/1816.

¹²⁰ AGI, Lima, 1580. Carta de Francisco Requena. Madrid, 28/04/1817.

¹²¹ “Fue la primera vez que se experimentó en Jeberos y La Laguna una conmoción de este tipo.” Cf.: Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p.411.

assim na queda populacional registrada naquele período.¹²² Esse mesmo autor, em um texto específico sobre as revoltas, sustenta que elas não refletiram somente as lutas entre autoridades civis e religiosas (uma “crisis en la altura”, como afirma), mas a “crisis de la presencia colonial” em Maynas desde a expulsão dos jesuítas em 1767, com a superexploração da força de trabalho dos índios.¹²³ Já Núria Sala i Vila, em sua tese sobre as revoltas indígenas no Peru entre as décadas finais do XVIII e as primeiras do XIX, analisa as revoltas de Maynas como uma resistência ao pagamento de tributos coloniais, algo mais recorrente em comunidades menos assimiladas à ordem colonial. Ainda segundo a autora, a resistência dos índios ao pagamento dos tributos se dirigiu tanto à prestação de trabalhos para as autoridades militares e civis quanto para as religiosas.¹²⁴

Certamente as revoltas dos índios devem ser compreendidas a partir de um acúmulo de tensões entre essas comunidades e as autoridades ao longo das décadas finais do XVIII e princípios do XIX, o que requer uma análise mais detida sobre o regime do trabalho dos índios em Maynas no período posterior à expulsão dos jesuítas. Aparentemente, a continuidade dos trabalhos da partida demarcadora no lado espanhol contribuiu para o aprofundamento da exploração do trabalho dos índios, o que revela os limites dessa política demarcatória e administrativa da fronteira. A partir de 1809, como será visto mais adiante, algumas das propostas de mudanças administrativas e econômicas para Maynas insistiriam na necessidade de suprimir os trabalhos demarcatórios, o que demonstra uma crítica mais contundente ao modelo de governo e às práticas administrativas vigentes desde os tempos de Francisco Requena. A instituição do bispado, ao agir como contrapeso político ao poder das autoridades militares na fronteira, funcionou como elemento adicional de contestação à autoridade do governador e dos tenentes de *pueblos*, uma contestação que, certamente, estava se acumulando antes do ano de 1809 entre os índios de Jeberos e Laguna.

Não há referências, na documentação produzida sobre as revoltas indígenas em Maynas no ano de 1809, à crise política vivenciada pela Monarquia espanhola desde o ano anterior. Nesse ponto, as revoltas de Maynas diferenciam-se dos levantamentos dos índios ocorridos em 1810-1811 na Província de Mojos, Audiência de Charcas – uma

¹²² José BARLETTI. “La población de Maynas en tempos de la Independencia: Análisis de Lagunas y Jeberos.” *IAP, Documento Técnico n.09*. Iquitos, Julio de 1994.

¹²³ José BARLETTI. *El levantamiento indígena amazónico de Jeberos y Lagunas de 1809*. Texto de noviembre de 2011. Trabalho disponível on line.

¹²⁴ Núria SALA I VILA. *Revueltas Indígenas en el Perú Tardocolonial*. Op. cit., pp. 410-414.

província, tal como Maynas, constituída principalmente por *pueblos* indígenas em uma região de selva, distante dos principais centros administrativos e econômicos locais e fronteira à América portuguesa. Nesse último caso, lideranças indígenas dos levantamentos nas vilas de Trinidad e Loreto escreveram cartas nas quais faziam alusões às invasões francesas à Espanha, à prisão de Fernando VII (e mesmo à suposta morte do rei), a lutas políticas em Buenos Aires e em Lima, vivenciando-se uma situação generalizada de crise política, a qual, por extensão, anularia a autoridade do governador de Mojos, justificando assim sua deposição.¹²⁵

É claro que seria preciso um estudo mais detido sobre as duas revoltas, destacando os pontos semelhantes entre ambos e o que havia de próprio em cada um dos casos. Contudo, pode-se especular que, no caso de Maynas, as informações a respeito dos acontecimentos políticos vivenciados pelo Império espanhol ainda não haviam sido suficientemente divulgadas naquela fronteira, de modo que a revolta dos índios, de janeiro de 1809, não trazia em suas contestações referências ao quadro político geral – é necessário recordar, como se afirmou anteriormente, que o governador de Maynas foi informado por Lima sobre a abdicação de Fernando VII somente em dezembro de 1808. Nas revoltas dos índios de Mojos, ocorridas em novembro de 1810 e em janeiro de 1811, as divulgações sobre os sucessos na Espanha, bem como sobre a formação de juntas na América, certamente já eram mais amplas, podendo assim ser apropriadas pelos índios em suas interpretações políticas e em seu movimento de deposição do governador local.

A Junta de Quito e a fronteira com a Província de Maynas.

Meses depois da sublevação dos índios de Jeberos e Laguna, as autoridades de Maynas se viram obrigadas a lidar com outra ameaça, dessa vez originada da vizinha Audiência de Quito. Como foi visto anteriormente, no mês de agosto de 1809 foi instituída na cidade de Quito uma junta governativa autônoma reunindo membros da elite dirigente local, muitos dos quais nobres. Na visão das autoridades em Lima e em Maynas, os acontecimentos de Quito poderiam envolver a Província limítrofe, tendo em vista os contínuos fluxos entre o território maynense e a Audiência de Quito. A

¹²⁵ José Luis ROCA. *Ni con Lima ni con Buenos Aires: La formación de un Estado nacional en Charcas*. Lima: IFEA, Plural Editores, 2007, pp. 257-299.

mudança administrativa do território fronteiriço em 1802 (quando Maynas passou da alçada da Audiência de Quito para o Vice-Reino do Peru) não pôs fim aos contatos com a cidade de Quito. Há indícios, nesse sentido, da permanência de contatos comerciais entre moradores de Maynas e da Audiência vizinha, a exemplo do caso de Juan Waver e Joaquín León, sob os quais pesava a suspeita, no ano de 1810, de promoverem em Maynas o contrabando de tabacos com Quito.¹²⁶ Dois anos antes, um oficial militar noticiou a entrada em Maynas de “un comerciante de Quito, en compañía de un muchacho portugués,” o que indica a permanência de fluxos comerciais que conectavam Quito-Maynas-Rio Negro.¹²⁷

As conexões entre a Audiência de Quito e a Província de Maynas causaram preocupação no governo do Vice Reino do Peru, temendo-se que o movimento da Junta *quiteña* pudesse sacudir o território maynense, poucos meses depois de vivenciar uma sublevação indígena. Abascal deu ordens para impedir a comunicação dos *quiteños* amotinados com Maynas através dos rios Marañón, Napo, Curabay e Putumayo.¹²⁸ A partir de Lima, o governo de Maynas foi mantido informado sobre a constituição da Junta e seus principais envolvidos, bem como as medidas decretadas pelo vice rei Abascal para debelar o movimento. Escrevendo a partir de Lima ao governador de Maynas,¹²⁹ Pedro Antonio de Molina (coronel do corpo de engenheiros militares) informou-o sobre a “sublevación de Quito,” na qual foram presos o presidente, regentes e os *oidores* da Audiência, formando-se uma “Junta Central de estos Reinos con el título de Majestad,” instituída, em suas palavras, sob o falso pretexto de que “la España estaba perdida y la Junta Central Gubernativa del Reino disuelta,” motivos que justificariam a formação uma junta em Quito para “guarda al Rey en ese rincón de la América contra ningún enemigo.” A Junta de Quito havia nomeado ministros de guerra, fazenda, justiça e de relações exteriores, constituindo ainda dois senados, civil e criminal. Informou ainda ao governador de Maynas que as cidades de Cuenca, Loja e Guayaquil (então sob a administração do Peru) não quisessem aderir ao novo regime, ao passo que o governo de Lima havia determinado o envio de 500 homens para destituir o novo governo de

¹²⁶ AHLPE, LEA-11-242. Carta de Juan Santiago Chaves ao governador Tomás Costa y Romeo. Santa Rosa, 14/07/1810.

¹²⁷ AHLPE, LEA-11-234. Carta de Marcos Montehermoso a Diego Calvo, 30/03/1808.

¹²⁸ “Memorias de gobierno del virrey Abascal”..., p.91.

¹²⁹ A carta foi remetida a Diego Calvo, embora, naquele momento, o governo da Província de Maynas já estivesse nas mãos de Tomás de Costa Romeo.

Quito.¹³⁰ As autoridades militares da fronteira oriental do Peru, desse modo, foram mantidas informadas sobre a experiência *juntera* em curso no território da Audiência vizinha, suas reivindicações e o que isso representava de ameaçador à política fidelista capitaneada a partir de Lima.

Cabia às autoridades da fronteira, nesse momento, barrar o espraio da experiência *quiteña* para o território maynense. O governador da Província de Maynas, ao tomar conhecimento da sublevação de Quito, ordenou o estabelecimento de destacamentos nos rios “cuyos nacimientos y cabezas se [hallavan] en el Reino de Quito,” para desse modo barrar possíveis ameaças vindas daquela fronteira.¹³¹ Outro perigo era a fuga de envolvidos no movimento *juntero* de Quito para a América portuguesa, atravessando o território maynense. Por esse motivo, determinou-se a exigência de apresentação de passaportes para quem navegasse “para el Marañón y a las colonias portuguesas,” procurando-se assim evitar a fuga por essa via de envolvidos na “pasada revolución” de Quito.¹³²

A derrota do movimento *quiteño* de 1809 não significou o abrandamento das medidas de segurança na fronteira de Maynas. Persistia, ao contrário, o temor de que alguns dos envolvidos com a Junta buscassem fugir das autoridades legalistas pela fronteira com a América portuguesa, o que justificava a atenção nessa área limítrofe entre a Audiência de Quito e a Província de Maynas. As ordens emitidas de Lima em 1810, ao mesmo tempo em que informavam a derrota dos insurgentes *quiteños*, insistiam no reforço das defesas nos rios Pastaza, Napo, Loreto e Putumayo, os quais tinham conexão com a Audiência de Quito.¹³³ A continuidade do perigo político naquela fronteira mostrou-se real naquele mesmo ano, ocorrendo uma nova sublevação em Quito, quando grupos armados locais tentaram libertar os envolvidos na junta de 1809 que se encontravam presos em um quartel na cidade; em 1810, além disso, foi instituída uma nova junta governativa que declarou a autonomia de Quito em relação a Santa Fé e a Lima. Nesse momento, segundo informações remetidas de Lima a Maynas,

¹³⁰ AHLPE, LEA-11-105. Carta de Pedro Antonio de Molina a Diego Calvo. Lima, 23/09/1809.

¹³¹ AHLPE, LEA-11-221. Carta de Tomás Costa, Comandante de Maynas, a José Fernando Abascal, vice-rei do Peru. Jeberos, 09/11/1809.

¹³² AHLPE, LEA-11-313. Carta de Diego Melo de Portugal y Carrasco ao Tenente Juan Santiago Chaves. Quito, 23/09/1810

¹³³ AHLPE, LEA-11-319. Correspondência do vice-rei Abascal ao Governador de Maynas. Lima, 05/01/1810.

foram enviadas de Quito novas “proclamas seductivas” para Guayaquil, Cuenca e outros lugares, o que deveria ser acompanhado e contido pelas forças militares de Maynas.¹³⁴

A Província de Maynas, por sua situação limítrofe tanto com o território da Audiência de Quito quanto com os domínios luso-americanos, deveria funcionar como um obstáculo para a circulação dos escritos e o ingresso dos envolvidos nos movimentos *junteros* vizinhos no Vice-Reino do Peru e no lado português da fronteira. As políticas de segurança para a fronteira de Maynas, tradicionalmente preocupadas em barrar os avanços portugueses, incorporavam, a partir desse momento, um novo elemento: a contenção de propostas políticas autonomistas gestadas por juntas governativas na América espanhola.

Novos desafios para a segurança da fronteira.

Um dos pontos que ocupou os planejamentos do vice-rei Abascal foi deter a possível entrada de emissários de Napoleão no território do Peru. A segurança contra a circulação na fronteira de ideias subversivas deveria ainda atentar para os escritos que, por ventura, chegassem às mãos dos habitantes do Vice-Reino.¹³⁵ Nessa política anti-subversiva empreendida pelo vice-rei, a distante Província de Maynas não foi ignorada. Era necessário certificar-se de que certas publicações não fossem lidas na região, determinando-se a apreensão das mesmas e a detenção daqueles que as portassem. As autoridades da província limítrofe, assim como em outras partes da América espanhola, foram informadas da possibilidade da presença de emissários do “intruso José Napoleón,” portando “gacetas llenas de falsidades y otros papeles sediciosos” com a finalidade de “alucinar y seducir a los pueblos.” Essas graves informações, transmitidas da Espanha à Lima, e da capital do Vice Reino a Maynas, traziam a descrição física dos possíveis emissários dos franceses, determinando-se a proibição de qualquer comunicação com o governo intruso na Espanha, bem como a prisão dos seguidores de Napoleão.¹³⁶ Escrevendo ao governador de Maynas, Abascal alertou-o também para que as autoridades locais ficassem atentas se em sua fronteira chegavam os periódicos

¹³⁴ AHLPE, LEA-11-319. Correspondência do vice-rei Abascal ao governador de Maynas. Lima, 21/11/1810.

¹³⁵ Conferir: CDIP, Documento n. 101: “El virrey Abascal asegura que redoblará la vigilancia para evitar que se infiltren en el Virreinato los emisarios de Napoleón,” p. 211.

¹³⁶ AHLPE, LEA-11-319. Correspondência do vice-rei Abascal ao governador de Maynas. Lima, 22/11/1810.

intitulados *Columbiano* e *El Español*, editados em Londres por dois espanhóis aliados dos franceses e que traziam “asuntos de la Peninsula” de maneira subversiva à boa ordem e à união dos espanhóis.¹³⁷

As autoridades do lado português da fronteira compartilhavam de preocupações semelhantes. Havia o temor de que emissários de Napoleão chegassem às terras luso-americanas, onde poderiam incentivar levantes políticos que ameaçariam os domínios portugueses e espanhóis no continente. No ano de 1808, as orientações transmitidas às autoridades do Grão-Pará eram de manter vigilância sobre a circulação de estrangeiros, principalmente de franceses e italianos (“mais que todos, suspeitosos e temíveis,” segundo ofício remetido do Rio de Janeiro a Belém).¹³⁸ No mesmo ano, as ordens remetidas da Corte eram de permitir a entrada no Grão-Pará somente de “portugueses, ingleses, suecos, americanos e alemães, países não sujeitos totalmente ao domínio francês, e isto em consideração do grave perigo que há em dar meios a um turbulento governo qual o francês.”¹³⁹ O governador do Grão-Pará foi prevenido desse perigo, pois as autoridades portuguesas haviam tomado conhecimento de que, da Filadélfia, partira uma corveta “com cinquenta emissários franceses com o projeto de incendiarem quanto puderem os estabelecimentos portugueses e espanhóis nesta parte do mundo.” Esses homens trariam consigo “proclamas e papéis sediciosos para os espalhar clandestinamente.” Por isso, as autoridades no Grão-Pará deveriam estar atentas para a entrada de estrangeiros, prendendo aqueles que ingressassem sem passaporte e apreendendo seus papéis.¹⁴⁰ O governador recebeu ainda uma lista dos navios nos quais possivelmente viriam embarcados os emissários de Napoleão, e o nome de alguns deles, para que no porto de Belém se atentasse para a possível chegada dessas embarcações. Nas ordens remetidas do Rio de Janeiro, insistia-se para que se evitasse a “distribuição

¹³⁷ AHLPE, LEA-11-319. Correspondência do vice-rei Abascal ao governador de Maynas. Lima, 17/01/1811.

¹³⁸ APEP, Códice 642. Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, a José Narciso de Magalhães e Menezes, governador do Grão-Pará. Rio de Janeiro, 10/04/1808.

¹³⁹ APEP, Códice 642. Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Ministro da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, a José Narciso de Magalhães e Menezes, governador do Grão-Pará. Rio de Janeiro, 11/05/1808.

¹⁴⁰ APEP, Códice 642. Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, a José Narciso de Magalhães e Menezes, governador do Grão-Pará. Rio de Janeiro, 11/04/1810.

de semelhantes papéis incendiários,” devendo as autoridades locais ficarem atentas para a entrada de “quaisquer outras embarcações americanas.”¹⁴¹

O aumento dos conflitos na América hispânica, assim como o envolvimento dos portugueses nas lutas na região do Prata, preocuparam as autoridades lusas quanto ao possível ingresso da propaganda subversiva hispano-americana nas capitanias do continente do Brasil. O governo do Grão-Pará recebeu ordens de manter vigilância para “obstar a introdução de papéis incendiários,” enviados principalmente do governo de Buenos Aires e com o objetivo de “desviar os vassalos portugueses daquela pureza de fidelidade, sujeição e amor ao seu soberano.”¹⁴² Na Capitania do Rio Negro, o comandante de Marabitanas, na fronteira com a Província de La Guayana (Capitania da Venezuela), deveria conter a circulação de gazetas dos rebeldes espanhóis. No ano de 1819, o comandante português dessa fronteira recebeu seis gazetas dos rebeldes, remetendo-as para a Barra do Rio Negro “para que ninguém as lesse, e não se persuadisse das fábulas e maus sistemas” que caracterizavam esses escritos, produzidos para “enganarem aos leitores,” nas palavras do comandante de Marabitanas.¹⁴³ Temia-se ainda o ingresso dos rebeldes hispano-americanos nas terras luso-americanas, o que exigia uma vigilância mais apurada sobre as zonas fronteiriças. Segundo recomendações recebidas pelo governador do Rio Negro, era necessário adotar todas as providências para evitar “qualquer movimentação que pretendam os espanhóis.”¹⁴⁴ Da mesma forma, o governador do Grão-Pará ordenou que os oficiais dos postos fronteiriços não poderiam manter correspondência com os comandantes dos insurgentes espanhóis, visto que qualquer relação na área só poderia ser mantida com as devidas orientações da Corte sobre as relações políticas dos portugueses com os “americanos espanhóis.”¹⁴⁵

Por estabelecer contatos com o comandante dos insurgentes espanhóis da Província de La Guayana, o comandante do forte de Marabitanas, Pedro Miguel Barreto, foi duramente criticado pelos governadores do Rio Negro e do Grão-Pará, os quais determinaram a prisão do dito comandante. Na avaliação dos governadores, o

¹⁴¹ APEP, Códice 642. Ofício de D. Rodrigo de Souza Coutinho, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, a José Narciso de Magalhães e Menezes, governador do Grão-Pará. Rio de Janeiro, 07/06/1810.

¹⁴² APEP, Códice 642. Ofício do Conde de Galveas ao governo interino do Pará. Rio de Janeiro, 24/11/1812.

¹⁴³ APEP, Códice 702. Ofício de Pedro Miguel Ferreira Barreto, comandante do forte de Marabitanas, a Manoel Joaquim do Paço, governador da Capitania do Rio Negro. Forte de Marabitanas, 01/04/1819.

¹⁴⁴ APEP, Códice 693. Ofício do Conde de Vila Flor, governador do Grão-Pará, a José Joaquim Vitório do Paço, governador da Capitania do Rio Negro. Belém, 27/03/1818.

¹⁴⁵ APEP, Códice 693. Ofício do Conde de Vila Flor, governador do Grão-Pará, ao governador da Capitania do Rio Negro. Belém, 28/03/1819.

comandante do forte não dispunha de autoridade para estabelecer tal comunicação, principalmente porque contrariavam diretamente as ordens de seus superiores. O comandante de Marabitanas chegou a aceitar um tratado com os insurgentes, prometendo-lhes que o mesmo seria ratificado pelo governo do Grão-Pará, o que causou uma forte indignação do governador do Rio Negro.¹⁴⁶

Ao longo da segunda metade da década de 1810, é possível identificar na documentação portuguesa uma crescente preocupação com a fronteira da Capitania do Rio Negro com a Capitania da Venezuela, tendo em vista o aprofundamento das lutas nessa parte da América hispânica e o risco de incursão dos rebeldes espanhóis naquela faixa fronteiriça do território rio-negrino. Embora não seja objeto desse trabalho estudar a fronteira rio-negrina com a Venezuela, a formulação da política portuguesa para as fronteiras ao norte do Brasil deveria atentar para o perigo representado por esse espaço. Palco privilegiado dos confrontos entre realistas e insurgentes, o território da Venezuela era visto pelas autoridades lusas como um foco de tensões e de ideias subversivas que poderiam pôr em risco a ordem no norte do Reino do Brasil. Em 1820, o governador do Rio Negro, Manoel Joaquim do Paço, propôs a implementação de reformas militares tendo em vista o fortalecimento da segurança na fronteira, e em especial a zona limítrofe com a Venezuela. Citando as províncias de La Guyana e Cumaná, o governador alertou para a pressão exercida na fronteira rio-negrina dos “insurgentes espanhóis,” propondo a criação de um batalhão de infantaria com a denominação de Batalhão de El Rey, e de uma companhia de artilharia “para guarnição não só dos fortes fronteiros, mas até os centrais.”¹⁴⁷

A Corte portuguesa estava informada dos perigos da fronteira do Rio Negro com as províncias venezuelanas não somente através dos informes enviados pelas autoridades do extremo norte do Reino do Brasil. Em 1818, o ministro plenipotenciário português nos Estados Unidos, Camilo Martins Lage, informou Tomás Antonio Vilanova Portugal, ministro dos Negócios do Brasil, sobre as perigosas reuniões ocorridas em Baltimore, nas quais se projetava a invasão do interior do Brasil pelos insurgentes espanhóis a partir da Venezuela. Na Filadélfia (um “conciliábulo organizado de revoltas,” segundo definição do representante português), havia rebeldes

¹⁴⁶ APEP, Códice 693. Ofício do Conde de Vila Flor, governador do Grão-Pará, a Manoel Joaquim do Paço, governador da Capitania do Rio Negro. Belém, 03/09/1819.

¹⁴⁷ ANRJ, Códice IGI8. Ofício de Manoel Joaquim do Paço, governador da Capitania do Rio Negro, ao Conde de Palmela, Ministro dos Negócios Estrangeiros. Barra do Rio Negro, 01/02/1820.

portenhos e participantes da Revolução de Pernambuco de 1817 – um deles era Antônio Gonçalves da Cruz, conhecido como Cabugá, comerciante pernambucano enviado para os EUA como representante dos rebeldes pernambucanos. “Toda a massa dessa gente está nos interesses de Bolívar, o que me faz crer que ele nos não é afeiçoado,” sentenciou Camilo Martins Lage. Quando algumas gazetas chegaram a Baltimore narrando as recentes vitórias militares de Bolívar, os rebeldes “disseram logo com jactância que o Brasil ficara a descoberto.” Para que o plano fosse executado, foram enviados para o Orinoco dois “filhos do Padre José Inácio [Ribeiro de Abreu e Lima, conhecido como Padre Roma], que foi fuzilado como rebelde na Bahia, que cá estão mui festejados por essa gente,” afirmou Lage, referindo-se a José Inácio de Abreu e Lima (que viria a se tornar general das forças comandadas por Bolívar) e a Luís Inácio de Abreu e Lima. Os dois, segundo soube, teriam recebido patentes de general de Bolívar. “Americanos de juízo me disseram que não duvidasse que havia plano de comunicação com o interior do Brasil, e que se pretendia, que era mui fácil e seguro,” asseverou o representante português nos EUA. Para Lage, possivelmente a invasão se daria através do canal do Cassiquiare, conectando o Orinoco ao rio Negro, onde “há 70 ou 80 anos as canoas e embarcações portuguesas e castelhanas vieram a encontrar-se,” referindo-se aos trabalhos de demarcação do Tratado de Madri.¹⁴⁸

Algumas notícias alcançadas pelos portugueses no contato com os insurgentes da Venezuela alimentaram o temor de um conflito armado na região. Ao encontrar-se no posto de Cucuy com um emissário dos insurgentes (um português de nome Manoel Cordeiro), Pedro Miguel Ferreira Barreto, comandante do forte de Marabitanas, procurou inteirar-se sobre o que se passava “naquelas províncias insurgentes.” Disse o emissário dos insurgentes que, entre eles, havia o temor de que os portugueses se unissem aos espanhóis realistas para atacá-los. Para evitar esse ataque, os líderes insurgentes procuravam manter uma comunicação diplomática com o Brasil, esperando que a diplomacia portuguesa reconhecesse a nova República e estabelecesse com ela relações comerciais naquela fronteira. Ainda segundo o emissário, embora os insurgentes estivessem avançado significativamente sobre os territórios da Venezuela e de Nova Granada, sitiando em Santa Fé o exército realista comandado pelo general Morillo, havia outro conflito mais perigoso em vista: a guerra contra os “pardos e

¹⁴⁸ APEP, Códice 704. Ofício do Conde de Vila Flor, ministro dos Negócios Estrangeiros, a Tomás Antônio de Vilanova Portugal, ministro dos Negócios do Brasil. Rio de Janeiro, 18/07/1819.

negros que eles alforriaram” e que queriam “se sublevar contra eles, talvez para seguirem o método dos da ilha de S. Domingos, e dizem os insurgentes que receiam mais a guerra dos negros, porque ser-lhes-á mais funesta que a dos espanhóis realistas.” Além da guerra racial nas imediações da América portuguesa (uma ampla revolta como a de Saint Domingue na fronteira, e que poderia insuflar rebeliões no norte do Reino do Brasil), havia outra ameaça relatada pelo emissário: ele “ouvira dizer do comandante [insurgente] Hipólito Coibas que os ingleses americanos se determinavam a ir atacar a nossa província do Pará.”¹⁴⁹

Para os governantes portugueses, o desenrolar das lutas na fronteira norte do Reino do Brasil, e em especial a zona limítrofe com a Capitania da Venezuela, tornava muito mais complexa e desafiadora a formulação de uma política de segurança na área. A faixa norte da Capitania do Rio Negro tornava-se um possível espaço de avanço dos rebeldes comandados por Bolívar, e suas comunicações com outros movimentos no continente amplificavam a ameaça sobre o Império luso sediado na América, a exemplo da suspeita de um ataque de “ingleses americanos” ao Pará. Aquele segmento da fronteira norte, desse modo, é incorporado a um quadro político revolucionário continental, tornando-se uma possível porta de entrada de rebeldes hispano-americanos, com suas conexões nos EUA, no interior da América lusa.

Em um quadro de extrema imprevisibilidade, as relações entre portugueses e rebeldes da Venezuela poderiam variar dos acordos diplomáticos e comerciais à guerra franca, havendo o receio, entre os rebeldes espanhóis, de uma aproximação entre realistas e autoridades portuguesas, o que abriria mais uma frente de batalha contra as forças comandadas por Bolívar. Já a guerra de castas, na visão das autoridades do Rio Negro, poderia não ficar contida ao território venezuelano, lançando a ameaça de uma experiência comparável à da colônia francesa de Saint Domingue nas imediações da América portuguesa, algo passível de também alimentar tumultos e insurreições de corte étnico e social no lado português da fronteira. A política do Reino do Brasil para suas fronteiras com a América espanhola, desse modo, precisava lidar com experiências políticas cada vez mais singulares e imprevisíveis nos territórios vizinhos, experiências que, por sua vez, poderiam envolver em variados graus as partes extremas do território luso-americano. Por fim, é preciso sublinhar como as experiências gestadas nos espaços

¹⁴⁹ APEP, Códice 702. Ofício de Pedro Miguel Ferreira Barreto, comandante de Marabitanas, a Manoel Joaquim do Paço, governador da Capitania do Rio Negro. Fronteira de Marabitanas, 08/06/1820.

fronteiriços (como os contatos entre moradores e autoridades, a circulação de informações e as tentativas de estabelecimento de acordos) geravam impactos no processo mais amplos de formulação das políticas revolucionárias ou realistas dos espanhóis, assim como na política externa do Império português.

Como foi visto anteriormente, uma das preocupações que orientavam as políticas para as fronteiras nesse contexto era a contenção de indivíduos e ideias consideradas perigosas. No caso dos pontos limítrofes do território peruano, cada vez mais pressionados pelos avanços das forças patrióticas vindas do norte e do sul do continente, havia a necessidade de reforça-los militarmente e controla-los para evitar a circulação de propaganda política subversiva. Contudo, o acirramento da crise política no Peru ao longo da década de 1810 não foi o resultado tão somente de pressões externas, tendo ocorrido movimentos políticos locais que atentavam contra as determinações vindas do vice-rei em Lima. Destaca-se, nesse caso, a grande rebelião ocorrida em Cusco nos anos de 1814-1815, liderada pelos irmãos Angulo e por Mateo Pumacahua, e que sacudiu o sul do Peru e parte do Alto Peru. Evidentemente, tais movimentos políticos também representaram ameaças às políticas realistas conduzidas a partir de Lima, além daquelas vindas do Rio da Prata e de Nova Granada. E há indícios de que as notícias sobre esses movimentos internos circularam pelo território peruano, sendo apropriados como referências para leituras políticas subversivas mesmo em pontos limítrofes do Vice-Reino. Esse foi o caso da Junta de Cusco, a qual, embora tivesse seu raio de ação circunscrito ao espaço *surandino*, chegou ao conhecimento dos habitantes da Província de Maynas.

As notícias sobre Cusco foram discutidas de maneira perigosa por oficiais e soldados na vila de Loreto, como acusou o governador Manoel Fernandes Alvarez em ofício dirigido ao vice-rei Joaquín de la Pezuela. Escrevendo no ano de 1818, o governador de Maynas relatou algumas das acusações lançadas por soldados contra o tenente Juan Manoel Oyararte e o sargento Francisco Vellareses. Esses dois oficiais, através de “murmuraciones publicas” e “conversaciones sediciosas” mantidas com soldados em Loreto no tempo da junta *cuzqueña*, teriam afirmado que o levantamento de Cusco havia logrado expulsar os *chapetones*, “haciendo reir a la tropa con pífios atractivos a rebelión, asegurándoles y haciéndoles creer que la capital de Lima estaba levantada.” O tenente Oyararte teria dito ainda que em pouco tempo a Província de Maynas seguiria o mesmo caminho. Em outras ocasiões, Oyararte dirigia duras críticas aos peninsulares: segundo o depoimento prestado por um soldado de nome José Rojas,

o tenente teria falado “muy mal de los chapetones, culpándoles de la revolución del Reino.” Outros soldados afirmaram ter ouvido o tenente dizer que estariam ocorrendo enforcamentos de *chapetones* em Lima (informação que, na versão de Oyararte dirigida aos soldados de Loreto, teria sido oficialmente repassada por carta do vice-rei do Peru ao governador de Maynas), e que em breve os soldados em Maynas haveriam de “poner un par de grillos al gobernador y otro al Comandante,” já que ambos eram peninsulares. Essas acusações deixavam em alerta o governador de Maynas, afirmando ele ao vice-rei Pezuela que seria muito fácil organizar naquela “tierra inculta” uma “revolución contra los derechos del Rey y las vidas de los tres unicos chapetones” que viviam em Maynas – o próprio governador, o sargento Teodoro de los Ríos e o bispo Hipólito Sánchez Rangel. O bispo de Maynas, segundo o governador Manoel Alvarez Fernandez, teria sido perseguido anteriormente pelo tenente Oyararte quando esse oficial assumiu interinamente o governo da Província por ocasião da morte do governador Tomas Costa; em seu interino governo, Oyararte teria igualmente tentado prender o bispo Sánchez Rangel.¹⁵⁰

Infelizmente, não foram encontradas outras fontes que possibilitassem uma análise mais circunstancial sobre as acusações lançadas contra o tenente Juan Manoel Oyararte. É provável, contudo, que as acusações dirigidas contra o tenente fizessem parte das desavenças políticas que o opunham a outras autoridades da Província de Maynas. No ano de 1815, Juan Manoel Oyararte, escrevendo ao vice-rei Abascal, criticou duramente as autoridades eclesiásticas de Maynas, em especial o presbítero José Maria Padilla, o qual, em sua avaliação, tentava influenciar as decisões do bispo, do governador, do cabildo de Moyobamba, além de criticar abertamente a tropa. Os eclesiásticos, nas palavras de Oyararte, incentivavam a insubmissão dos índios, lembrando ele as insurreições ocorridas em 1809.¹⁵¹ Ainda em 1815, os membros do cabildo de Moyobamba apresentaram ao vice-rei graves acusações contra a tropa de veteranos e seu comandante, Juan Manoel Oyararte, os quais estariam ameaçando fisicamente os membros do cabildo, desrespeitando a autoridade desse órgão.¹⁵²

¹⁵⁰ AHLPE, LED-2-11. Carta de Manoel Fernandez Alvarez ao vice-rei Joaquín de la Pezuela. Moyobamba, 21/05/1818.

¹⁵¹ AHLPE, LEA-11-326. Carta de Juan Manoel Oyararte ao vice-rei José Abascal. Moyobamba, 20/08/1815.

¹⁵² AHLPE, LEA-11-37. Carta dos membros do cabildo de Moyobamba ao vice-rei José Abascal. Moyobamba, 05/03/1815.

A partir das informações sobre os conflitos políticos que envolviam as autoridades de Maynas, pode-se especular que o discurso antipeninsular do tenente Oyararte (e que poderia contar com adeptos entre soldados que serviam em Loreto, além do sargento Francisco Vellareses, mencionado na fonte) voltava-se em primeiro lugar contra as autoridades da Província, o que indica a radicalização de desavenças políticas locais entre o comandante da tropa de veteranos, o governador, os religiosos e o cabildo de Moyobamba. É preciso ressaltar que a permanência da tropa de veteranos foi criticada pelo próprio governador de Maynas, propondo sua substituição por milícias locais, o que indica os desentendimentos entre o governo político da província e a força militar pela qual o tenente Oyararte era responsável.¹⁵³ Porém isso não elimina a possibilidade de que Oyararte alimentasse, de fato, uma crítica mais ampla contra todos os peninsulares, responsáveis, como supostamente teria afirmado, pela “*revolución del Reino*,” uma expressão vaga, talvez uma referência aos conflitos no Vice-Reino do Peru ou à crise política vivenciada pela Monarquia espanhola. As informações repassadas pelo tenente Oyararte sobre o movimento de Quito e a suposta insurreição contra os *chapetones* em Lima, ainda que bastante imprecisas (ou francamente manipuladas), referendavam, naquela fronteira, expectativas políticas contrárias à ordem vigente, instaurando uma tensão entre as autoridades de Maynas. Deve-se sublinhar que a vila de Loreto desempenhava o papel de ponto de controle nos limites com a América lusa, de modo que as conversações mantidas pelo tenente Oyararte poderiam sublevar um ponto chave na fronteira com os portugueses.

Desse modo, as perigosas ideias discutidas pelo tenente, ancoradas em relatos de acontecimentos que supostamente estariam ocorrendo em Lima e em Cusco, representavam uma ameaça à manutenção da política defensiva na fronteira. E, embora não se tenha encontrado nas fontes do lado português qualquer menção às informações discutidas pelo tenente Oyararte, não parece improvável que elas chegassem à vila de Tabatinga, tendo em vista a frequente relação entre as duas vilas fronteiriças mediante o comércio e as visitas mútuas de soldados, oficiais e indígenas. As informações repassadas pelo oficial Oyararte, caso chegassem ao conhecimento dos portugueses, poderiam colocar em risco a segurança da fronteira. No entendimento dos espanhóis, o expansionismo português na América estava longe de ser uma ameaça inoperante, e as

¹⁵³ AHLPE, LEA-11-302, n.23. “Propuestas de reformas que expresa y ha hecho el gobernador de Maynas en cumplimiento de la Real Orden de 25 de noviembre de 1812.” Madrid, 04/05/1816.

campanhas militares do Brasil no Prata mostravam o contrário.¹⁵⁴ No caso de Maynas, no ano de 1818 os militares de algumas vilas mostravam-se apreensivos com as notícias que chegavam de Loreto sobre o aumento das forças bélicas na fronteira, o que poderia significar a intensão dos lusos de “invadir nuestras tierras,” o que exigia o reforço militar na área.¹⁵⁵ A manutenção da ordem interna em uma fronteira estava intrinsecamente relacionada a sua segurança contra possíveis ameaças externas, de modo que manifestações como a de Oyararte deveriam ser coibidas pelos riscos que trariam à defesa de Maynas.

Figura 12

Loreto. *Vista del pueblo de Nuestra Señora de Loreto. Ribera izquierda del Amazonas.* In: Paul MARCOY. *Viaje a través de América del Sur: Del océano Pacífico al océano Atlántico. Tomo II.* Lima: IFEA, PUCP, Banco Central de Reserva del Perú, Centro Amazónico de Antropología Aplicada, p. 609.

Deserções: velhas práticas e novos problemas na fronteira.

¹⁵⁴ Um dos modos pelos quais Lima mantinha-se informada das ofensivas portuguesas no Prata era através de ofícios mandados por representantes espanhóis no Rio de Janeiro. Conferir: AGI, Estado, 102, n.109 e AGI, Estado, 98, n.27.

¹⁵⁵ AHLPE, LED-2-124. Carta do governador de Maynas, Manoel Fernandez Alvarez, ao tenente de Balsapuerto. Moyobamba, 25/08/1818.

Além das ameaças surgidas com as novas experiências políticas em curso na América espanhola, cabia ainda às autoridades de Maynas e do Rio Negro lidar com o velho problema das fugas de escravos e soldados na região. Essas fugas, frequentes desde, pelo menos, o século anterior (como foi visto no segundo capítulo), deveriam ser administradas pelas autoridades da fronteira à luz dos novos desafios surgidos a partir de 1808 e durante a década de 1810. Com relação à deserção de soldados, essa prática enfraquecia os postos militares fronteiriços, algo particularmente perigoso nessa conjuntura. Em 1809, o governador do Rio Negro reclamou da “deserção sucessiva e escandalosa de muitas praças” em Tabatinga, algo que ele considerava grave naquela “conjuntura presente,” motivo pelo qual ele determinou a substituição do comandante daquela fronteira por outro.¹⁵⁶ Em relação à raia fronteiriça com a Venezuela, os comandantes dos fortes portugueses receberam ordens para deter todos os espanhóis que ingressassem na Capitania do Rio Negro, remetendo-os para a Barra do Rio Negro, uma medida para evitar a circulação no lado português da fronteira de informações sobre o desenrolar do conflito no território venezuelano e das ideias dos espanhóis rebeldes. Com relação aos índios que fugiam da Província de La Guayana para o lado português, eles deveriam ser persuadidos pelos militares lusos a se estabelecerem aldeias próximas à capital da Capitania, contribuindo assim para repovoar aldeias na área.¹⁵⁷

Para as autoridades dos dois lados da fronteira, era necessário evitar desavenças por conta da entrada de desertores e escravos fugidos em um contexto extremamente instável. Em 1816, o vice-rei Abascal ressaltou a necessidade das autoridades de Maynas devolverem “los esclavos portugueses que, habiendo fugado del poder de sus amos, se han refugiado a ese gobierno;” era imprescindível, ainda segundo o vice-rei do Peru, manter um contato amigável com o comandante de Tabatinga, aguardando-se maiores orientações da Corte espanhola sobre as relações a serem entretidas com os portugueses.¹⁵⁸ O ingresso de desertores portugueses também despertou a preocupação dos oficiais na fronteira. No ano de 1812, Juan Manoel Oyararte organizou uma

¹⁵⁶ APEP, Códice 634. Ofício de José Joaquim Vitório da Costa, governador da Capitania do Rio Negro, a José Narciso de Magalhães e Menezes, governador do Grão-Pará. Barra do Rio Negro, 26/05/1809.

¹⁵⁷ APEP, Códice 693. Ofício do Conde de Vila Flor, governador do Grão-Pará, ao governador da Capitania do Rio Negro. Pará, 28/03/1819.

¹⁵⁸ AHLPE, LEA-11-42. Carta do vice-rei José Abascal ao governador de Maynas. Lima, 05/01/1816.

diligência para deter três portugueses que haviam desertado para o rio Napo, sem conseguir, porém, localizá-los.¹⁵⁹

Deve-se mais uma vez sublinhar que desertores, comerciantes e indígenas poderiam ser informantes privilegiados em uma área de fronteira. No período em questão, as lutas políticas e militares em curso no lado espanhol poderiam ser descritas aos oficiais portugueses justamente por desertores espanhóis, de modo que frequentemente as autoridades portuguesas davam abrigo a soldados fugidos em virtude das notícias que eles poderiam fornecer. Assim, os comandantes das fortalezas portuguesas nos rios Branco e Negro tomaram conhecimento sobre o desenrolar da guerra na Venezuela graças a informações prestadas por índios, comerciantes e soldados desertores. Nesse caso, as autoridades portuguesas na fronteira lograram, graças a esses depoimentos, acumular dados sobre os movimentos das tropas realistas e insurgentes, as lideranças nos dois lados, os confrontos em Caracas e a possibilidade de participação dos britânicos na luta ao lado dos rebeldes.¹⁶⁰

Alguns dos desertores espanhóis buscaram integrar-se na sociedade luso-americana, fixando residência na Capitania do Rio Negro e jurando fidelidade à Coroa portuguesa, como foi o caso dos soldados Justo Pastor García e Paulo Rico. Justo Pastor García nascera em Cádiz, havia servido no Peru e no Chile (“servindo debaixo do comando do general Morillo”, como afirmou), desertando depois para Tabatinga no ano de 1817. Paulo Rico, por sua vez, era natural de Almería, tendo partido para a América no início da década de 1810; ele havia servido na Província de La Guayana (Capitania Geral da Venezuela) e, com as perseguições dos insurgentes, fugiu para o lado português no ano de 1817. Ambos fixaram residência na Barra do Rio Negro, e no ano de 1819 declararam a autoridades locais que pretendiam casar-se com mulheres portuguesas e jurar fidelidade a Sua Majestade Fidelíssima, merecendo o apoio do governador da Capitania do Rio Negro em suas reivindicações.¹⁶¹

A Capitania do Rio Negro, e outras limítrofes com as terras hispano-americanas, tornaram-se rotas de fugas de soldados que escaparam dos conflitos entre realistas e rebeldes. Logo o aprofundamento dos conflitos ampliaria essas fugas, oficiais espanhóis

¹⁵⁹ AHLPE, LEA-11-241. Carta de Juan Manoel Oyararte ao governador Tomás Costa Romeo. Napo, 19/08/1812.

¹⁶⁰ APEP, Códice 702. Ofício de José Joaquim Vitorino da Costa, governador da Capitania do Rio Negro, ao Conde de Vila Flor, governador do Grão-Pará. Barra do Rio Negro, 30/07/1818.

¹⁶¹ APEP, Códice 702. Ofício de Manoel Joaquim do Paço, governador da Capitania do Rio Negro, ao Conde de Vila Flor, governador do Grão-Pará. Barra do Rio Negro, 31/07/1819.

e outras autoridades também seguiriam para as fronteiras luso-americanas, alguns permaneceriam temporariamente no Brasil, outros, como os dois desertores do caso acima, procurariam tornar-se vassalos portugueses. Em todos esses casos, essas fugas contribuiriam para as interações das experiências luso e hispanoamericanas nesse momento crítico.

Projetos para a fronteira.

Os planejamentos para as fronteiras, nesse momento, tinham que lidar com questões antigas dessas áreas, assim como com os problemas intrínsecos à crise política em curso. Na visão de autoridades espanholas, o aproveitamento econômico da região, sua integração com outros mercados, a civilização das populações indígenas, problemas debatidos nos planejamentos reformistas do século anterior, viam-se acompanhados pela atenção a questões emergenciais dos princípios do século XIX na América, como a contenção das rebeliões e a defesa da causa realista. A mediação entre novos e velhos problemas fez-se presente nos projetos voltados para a Província de Maynas, formulados por autoridades locais ou que, mesmo não residindo na fronteira, preocupavam-se com a situação da área.

Entre as autoridades de Maynas que se preocuparam em traçar planos para a fronteira nessa conjuntura estava Hipólito Sánchez Rangel. A atuação do Bispo de Maynas também se voltou para a formulação de planos defensivos e de desenvolvimento da fronteira, acompanhada de críticas ao modo como era conduzida a administração do território e principalmente do trabalho indígena. No começo do século XIX, as políticas direcionadas para Maynas – em grande medida gestadas a partir dos ideais reformistas da segunda metade do XVIII, das necessidades de reconhecimento e controle do território (principalmente a partir do Tratado de 1777) e das experiências de interação com o lado português da fronteira – foram colocadas em questão. Essa reavaliação das medidas para a fronteira era devida, por um lado, a uma análise dos sucessos e fracassos acumulados desde as duas décadas finais do século anterior, e por outro aos novos desafios políticos e militares enfrentados pelos impérios ibéricos a partir de 1808.

Algumas das ideias lançadas pelo Bispo Sánchez Rangel traziam pontos comuns a outros planejamentos traçados anteriormente para Maynas (e comuns a outros espaços fronteiriços da América espanhola). Escrevendo no ano de 1811 ao Vice-Rei do Peru, o

Bispo exaltava a necessidade de promover a imigração de famílias “honradas y laboriosas” para Maynas, as quais se uniriam aos índios. Sobre os indígenas, Sánchez Rangel sublinhava que eles necessitavam receber a devida “educación Cristiana,” o que requeria prover a fronteira de mais sacerdotes, pois poucos religiosos de fato ficavam na região, retirando-se de Maynas depois de alguns anos. No entanto, o ponto primordial para a melhoria de Maynas, insistia o Bispo, era por fim à expedição de limites, a qual servia principalmente para sugar financeiramente a Coroa e explorar os índios. Nos cálculos apresentados pelo Bispo, a manutenção da expedição de limites resultava em um gasto anual de cerca de 30 a 40 mil pesos, quando, em sua estimativa, ela poderia ser mantida apenas com oito mil pesos.¹⁶² Nesse caso, a análise de Hipólito Sánchez Rangel sublinhava a necessidade de rever a política traçada para a fronteira desde os acordos luso-espanhóis do final da década de 1770, isto é, encerrar a expedição de limites em Maynas. Essas críticas não foram exclusivas do Bispo de Maynas ou de outros membros do clero local. Em 1813, José Noriega, então governador de Maynas, escreveu ao Vice-Rei Abascal sobre o peso financeiro representado pela continuidade da expedição de demarcação. Nas palavras de Noriega, a demarcação de limites não havia sido concretizada, ao passo que a expedição havia ocasionado um gasto gigantesco e desnecessário de recursos.¹⁶³

Entre as autoridades político-militares da Província de Maynas, e mesmo entre aquelas sediadas em Lima, a defesa militar da área e o incremento econômico da fronteira voltaram a ser debatidos à luz dos desafios enfrentados pelo Vice-Reino na década de 1810. Uma das propostas levantadas para a defesa de Maynas foi a criação de uma milícia chamada “Batallón de Infantería de Montaña de Moyobamba,” a qual deveria reunir, entre oficiais e soldados, mais de 700 homens. Na proposta apresentada em 1813 pelo governador José Noriega, a formação de tão numerosa força militar seria feita a partir do recrutamento de soldados procedentes de uma antiga tropa vinda de Quito, assim como de “algunos insurgentes del dicho Quito que acorrieron a Quijos, y otros venidos de Lima.” Nesse caso, chama atenção a proposta do governador de Maynas de dar uma função, pode-se dizer, realista a homens sob os quais pesava a acusação de terem participado das agitações políticas ocorridas na cidade de Quito. Esses homens deveriam ser treinados e equipados para dar conta de importantes tarefas

¹⁶² AGI, Lima 1580. Carta del Fray Hipolito, Obispo de Maynas. Lima, 21/09/1811.

¹⁶³ AGI, Lima, 746. “Testimonio del Expediente formado por el Gobernador de Maynas en virtud de Real Orden de 29 de noviembre de 1812.” Lima, 18/08/1814.

defensivas naquela área, como lutar contra “índios bárbaros, contra la introdución de portugueses que están vecinos, o contra inobediencia de las provincias [espanholas] limítrofes.”¹⁶⁴ Antigos problemas enfrentados pelos autoridades espanholas na área (a guerra aos índios bárbaros e o perigo de uma invasão lusa) eram agravados, naquele contexto, pela eclosão de lutas políticas e a formulação de propostas locais de soberania na América espanhola, a exemplo do que havia ocorrido recentemente na vizinha Audiência de Quito. A manutenção da ordem na fronteira, nesse sentido, deveria atentar para os novos desafios políticos vivenciados no mundo hispano-americano.

A criação de uma nova milícia não foi vista com bons olhos por todas as autoridades locais. Analisando as propostas apresentadas por José Noriega, um oficial de Moyobamba apresentou uma interpretação desfavorável à criação de uma milícia na vila. Segundo ele, não seria adequado criar milícias para dar conta de serviços permanentes, como propunha o governador, devendo elas tão somente auxiliar as tropas fixas. Além do mais, manter em serviço constante uma milícia traria prejuízos às atividades produtivas regulares dos habitantes de Maynas, o que alimentaria a oposição dos habitantes da fronteira a essa medida. Seria mais adequado, assim, manter a companhia de infantaria já existente, e reforçar o destacamento de Loreto, nas imediações com a fronteira portuguesa.¹⁶⁵ A proposta da nova milícia, apresentada pelo governador, acabou não sendo efetivada. Embora não seja possível, a partir dos documentos pesquisados, afirmar as razões pelas quais tal proposta foi abandonada, é possível aventar a hipótese de que argumentos como os apresentados pela autoridade de Moyobamba (ao lembrar que uma milícia em permanente serviço militar representava um peso sobre os homens da região) tenham sido levados em consideração pelos dirigentes de Maynas.

¹⁶⁴ AGI, Lima, 746. “Testimonio del Expediente formado por el Gobernador de Maynas en virtud de Real Orden de 29 de noviembre de 1812.” Lima, 18/08/1814.

¹⁶⁵ AGI, Lima, 746. “Testimonio del Expediente formado por el Gobernador de Maynas en virtud de Real Orden de 29 de noviembre de 1812.” Lima, 18/08/1814.

Figura 13

Miliciano do *Batallón de Infantería de Montaña de Moyobamba*. AGI, LIMA, 746, N.94 - 9

O estado político vivenciado no continente americano e os velhos problemas enfrentados na fronteira foram equacionados nos planejamentos políticos para Maynas. Levando em conta esse quadro, no ano de 1814 o Bispo Sánchez Rangel enviou ao vice-rei Abascal propostas para a região. Em seu escrito, o Bispo elencou pontos que, em sua avaliação, poderiam, caso aplicados, melhorar o estado econômico e a defesa militar da fronteira. Em termos gerais, Sánchez Rangel defendeu ideias apresentadas em outros momentos, como o envio de famílias “industriosas e laboriosas” para desenvolver as atividades agrícolas e extrativas locais e a melhor utilização da rede fluvial para facilitar a ligação entre Maynas e Lima, acrescentado outras propostas, a exemplo de sua defesa da supressão do governo militar da Província e a implantação da navegação pelos rios Marañón e Amazonas para ligar política e economicamente a fronteira à Espanha, medida essa que deveria ser acompanhada por estratégias defensivas nos limites luso-

espanhóis para evitar o contrabando e uma possível invasão portuguesa ao Vice-Reino do Peru.¹⁶⁶

As propostas apresentadas pelo Bispo Hipólito Sánchez Rangel ao vice-rei Abascal foram, por sua vez, enviadas a dois outros religiosos que, por terem uma larga experiência na região, poderiam, na avaliação de Abascal, opinar de maneira embasada sobre a viabilidade das ideias apresentadas pelo bispo de Maynas. Os dois religiosos selecionados para a análise foram o frei Luís Colomer e o frei Narciso Girbal y Barceló (este último havia realizado uma exploração pelos rios Marañón e Ucayali em 1791, tendo publicado relatos de sua expedição no *Mercurio Peruano*). Sobre a ideia de suprimir o governo militar da Província de Maynas (proposta que, certamente, Sánchez Rangel lançara tendo em vista suas duras críticas aos desmandos cometidos pelos militares na fronteira), Luís Colomer avaliou que se tratava de uma proposta perigosa em função da ameaça que os portugueses historicamente representavam naquela área. Lembrando as sucessivas desavenças entre as Coroas de Portugal e Espanha na questão da definição dos limites no Novo Mundo, e as repetidas vezes em que os portugueses teriam desrespeitado os acordos diplomáticos sobre o tema, Luís Colomer, escrevendo a Abascal, lançou a seguinte pergunta: “Si se suprimir el gobierno militar de Maynas, quién cuida de la frontera? Quién estará a la mira, o se opondrá a la introducción de los portugueses al territorio español?” Segundo Colomer, os portugueses, por terem em seu território sul-americano as bocas dos rios Putumuyo e Javari, poderiam acessar com mais facilidade as terras hispano-americanas vizinhas, chegando às proximidades das cidades de Quito e mesmo de Cusco. Nesse sentido, seria extremamente arriscado abrir mão de um governo militar na fronteira, e se alguma reforma mais drástica nesse quesito merecia ser feita, Colomer apontava a extinção da expedição de limites, responsável por violências cometidas contra as populações indígenas de Maynas.¹⁶⁷

Ainda sobre o mesmo ponto, frei Narciso Girbal igualmente destacou o perigo de não contar com um governo político em uma região vizinha a “limitrofes portugueses siempre codiciosos de penetrar el territorio español.” Seus anos de vivência na fronteira durante os trabalhos de demarcação o qualificavam a pensar que os portugueses, sempre que tivessem oportunidade, fariam novas expedições pelos rios Marañón, Putumayo,

¹⁶⁶ AGI, Lima, 749. Carta del Virrey José Fernando de Abascal a Miguel de Lardizal y Uribe. Lima, 14/06/1815.

¹⁶⁷ AGI, Lima, 749. Carta del Virrey José Fernando de Abascal a Miguel de Lardizal y Uribe. Lima, 14/06/1815.

Napo, Javari, Ucayali, Huallaga e outros. “La experiencia ha hecho conocer este innato e insaciable anhelo de los portugueses rayanos en usurpar nuestros terrenos,” afirmou frei Narciso Girbal ao vice-rei do Peru, lembrando a ele o comportamento da Partida portuguesa nos tempos dos trabalhos conjuntos com os espanhóis, quando os lusos enviaram uma expedição clandestina, contando com geógrafos e desenhistas, ao rio Javari, alcançando (segundo se dizia) as imediações da Província de Cusco. O governo militar, assim, não deveria ser abolido, e salientava o frei Girbal a necessidade de reforçar as tropas que serviam nos destacamentos limítrofes nos rios Marañón e Putumayo. Em compensação, Narciso Girbal destacava igualmente a necessidade de por fim à expedição de limites, e de abolir a prática de nomear os chamados *tenientes de pueblos*, os quais agiam como um “pequeno gobernador,” cometendo inúmeras extorsões contra os índios.¹⁶⁸

Com relação à proposta de utilização da rota Marañón-Amazonas para o comércio e o contato político de Maynas com a Península Ibérica, Colomer a considerava sem utilidade, tendo em vista o controle dos portugueses sobre a foz do Amazonas. Narciso Girbal mostrou-se também cético quanto a isso, destacando a conhecida oposição dos portugueses à entrada de estrangeiros em seu território (nesse ponto, o religioso lembrou a difícil viagem de volta de Francisco Requena à Espanha pelo Grão-Pará, relatada no capítulo anterior). Além disso, tratava-se de uma viagem longa e difícil, o que tornava pouco eficaz a utilização regular de uma rota Marañón-Amazonas.¹⁶⁹

As propostas apresentadas pelo Bispo de Maynas, e analisadas pelos religiosos Luís Colomer e Narciso Girbal, foram discutidas por outras autoridades no Vice-Reino do Peru e mesmo em Madri, gerando leituras diferentes sobre os planejamentos políticos, militares e econômicos para a província fronteiriça. No ano de 1816, o fiscal do Peru enviou ao Conselho de Madri suas considerações acerca dos temas debatidos pelos mencionados religiosos, mostrando-se otimista quanto à proposta de utilização comercial das rotas fluviais entre Maynas e as terras luso-americanas. Segundo o fiscal, o fato dos portugueses terem a soberania sobre a foz do rio Amazonas não implicava necessariamente no isolamento da Província de Maynas do ponto de vista do

¹⁶⁸ AGI, Lima, 749. Carta del Virrey José Fernando de Abascal a Miguel de Lardizal y Uribe. Lima, 14/06/1815.

¹⁶⁹ AGI, Lima, 749. Carta del Virrey José Fernando de Abascal a Miguel de Lardizal y Uribe. Lima, 14/06/1815.

aproveitamento da navegação fluvial para o comércio com a Europa. Em sua avaliação, a experiência da Dinamarca ilustrava essa possibilidade, na medida em que o domínio dinamarquês sobre os estreitos do Báltico não impediam “las demás naciones de conducir sus frutos” nesse mar.¹⁷⁰ E, sublinhava o fiscal, as novas ideias e políticas econômicas vigentes no Brasil sinalizavam a viabilidade comercial da rota Marañón-Amazonas-Europa. Em suas palavras:

La Corte del Brasil, que hasta el presente tenía cerrados sus puertos a las naciones extranjeras, los ha abierto a todas ellas sin restricciones, y los mismos cálculos y combinaciones que lo han inclinado a adoptar semejante medida, debe inclinarla a abrir la navegación del Marañón, pues dueña de las provincias litorales por donde debe hacerse en la mayor parte, es consiguiente que haya de sacar al mayor beneficio.¹⁷¹

As mudanças econômicas implantadas pela Corte portuguesa no Brasil, instaurando uma ruptura com as práticas mercantilistas coloniais, poderiam ser interpretadas por autoridades espanholas (a exemplo do fiscal do Peru) como uma perspectiva otimista para as relações comerciais entre a Espanha e suas possessões na América, facilitando o comércio marítimo espanhol por intermédio dos portos luso-americanos. A abertura dos portos no Brasil poderia, assim, ser utilizada favoravelmente para o entrelaçamento político e econômico entre a Espanha e a América. De modo claro, a experiência luso-americana sinalizava as possibilidades para as fronteiras da América espanhola, e particularmente para Maynas. Entretanto, tal possibilidade de aproximação comercial entre portugueses e espanhóis na fronteira norte não eliminava, nas considerações apresentadas pelo dito fiscal, o risco de facilitar uma invasão militar portuguesa devido ao maior trânsito de barcos entre os dois territórios. Contudo, esse risco parecia a ele menor, visto que considerava pouco provável uma invasão a partir da fronteira Maynas-Rio Negro. Na avaliação do funcionário espanhol, da região fronteiriça de Maynas até as principais cidades do Peru, nos Andes, seria necessário descolar as forças militares invasoras por três ou quatro meses em um terreno de difícil acesso, tornando qualquer plano de invasão pouco efetivo. Por essa razão, o fiscal duvidava da história de

¹⁷⁰ A respeito dos debates e políticas de navegação no mar Báltico através dos estreitos da Dinamarca, a partir do século XVIII, conferir: Eddy SOMERS. “The Legal Regime of the Danish Straits.” In: Bayram ÖZTÜRK, Resat ÖZKAN (eds.). *The Proceedings of the Symposium on the Straits used for International Navigation*. Istanbul, Turkey, 16-17 November 2002, pp. 12-19.

¹⁷¹ AGI, Lima, 1580. Carta del Consejo de Madrid al Fiscal del Perú. Madrid, 13/12/1816.

que canoas portuguesas teriam, de fato, alcançado paragens próximas de Cusco, como relatou o frei Narciso Girbal. Se em algum momento os portugueses viessem a tentar invadir as terras do Vice-Reino do Peru, sustentava o fiscal, não seria pela longínqua Província de Maynas, mas sim a partir de Buenos Aires, “o más bien por Mato Grosso, dirigíndose por la Provincia de Chiquitos a la de Santa Cruz de la Sierra, por las mayores facilidades, menos costos y ahorro de tiempo con que podrían realizar la expedición” militar.¹⁷²

A defesa do comércio marítimo hispano-americano através das conexões fluviais entre os territórios português e espanhol foi duramente rechaçada por Francisco Requena. No ano de 1817, Francisco Requena, então membro do Conselho de Índias, insistiu no caráter eminentemente hostil dos portugueses em suas políticas para as fronteiras com os espanhóis na América, o que tornaria inócua qualquer tentativa de estabelecimento de relações comerciais entre as duas Coroas pelos rios do vale amazônico. Na leitura de Requena, não fosse a oposição espanhola na fronteira, e principalmente dos missionários em Maynas, os portugueses teriam, no século anterior, alcançado a Cordilheira dos Andes, “y en las inmediaciones de Quito, Cuenca, Trujillo, Lima, Guamanga y Cusco, comerciando con las minas más ricas del Perú.” Analisando o escrito do Bispo de Maynas, afirmou Requena em carta dirigida ao Conselho que os portugueses jamais permitiriam o comércio espanhol pelos rios Marañón-Amazonas. Tal rota comercial, caso implantada, seria utilizada favoravelmente apenas para os portugueses, e também prejudicaria a rota que ligava Espanha e Peru pelo Cabo Horn. Dessa forma, considerava Requena essa ideia perigosa para o conjunto dos domínios espanhóis na América do Sul (“ni es útil ni conveniente para la América española”). Em contraposição, Requena considerava necessário reforçar a defesa militar de Maynas para que a província não fosse invadida pelos “vasallos de la Corona de Portugal,” permitindo que os soldados espanhóis se casassem com as índias nas povoações limítrofes, estabelecendo-se em definitivo na fronteira.¹⁷³

Os debates de autoridades espanholas (destacadas em Maynas ou que haviam servido na área) sobre o comércio e a defesa para a fronteira com a América portuguesa trazem à tona as leituras desses sujeitos sobre a conjuntura das relações imperiais naquele contexto, e a necessidade de levá-las em consideração na formulação de

¹⁷² AGI, Lima, 1580. Carta del Consejo de Madrid al Fiscal del Perú. Madrid, 13/12/1816.

¹⁷³ AGI, Lima, 1580. Carta de Francisco Requena. Madrid, 28/04/1817.

planejamentos para a região limítrofe. Ao mesmo tempo, a realidade local das interações entre habitantes dos dois lados da América ibérica deveria, igualmente, ser levada em conta na formulação de prognósticos sobre as relações imperiais na área, impondo limites e estabelecendo condições às políticas comerciais luso-espanholas destinadas ao espaço fronteiriço.

No lado português da fronteira, os planejamentos político-administrativos visavam igualmente o incremento da economia do território rio-negrino, atentando, por exemplo, para a implementação de medidas que animassem o comércio com a Capitania de Mato Grosso,¹⁷⁴ assim como o escoamento da produção da Capitania do Rio Negro para a cidade de Belém, evitando igualmente monopólios e contrabandos.¹⁷⁵ Porém, a administração da Capitania do Rio Negro cada vez mais se ocupou dos perigos políticos representados pelos movimentos insurgentes nas terras espanholas limítrofes. O contexto político da década de 1810, com a eclosão de juntas, as campanhas militares e a propaganda política independentista e republicana, impunha a necessidade de redobrar a vigilância portuguesa sobre a fronteira, procurando-se criar obstáculos para o contato entre habitantes do Rio Negro com as áreas circundantes, e o espraiamento da luta política para o território luso-americano. Em 1818, as instruções do governador do Grão-Pará, o conde de Vila Flor, ao governador do Rio Negro, Manoel Joaquim do Paço, sublinhavam a questão da segurança fronteiriça contra os chamados insurgentes espanhóis. O governador do Rio Negro não poderia permitir “as mais pequenas relações dos povos” de sua capitania “com os das províncias insurgidas espanholas,” devendo as fortalezas limítrofes “obstar a quaisquer tentativas que possam fazer algumas partidas dos insurgentes” em deslocar-se para o lado português. Ao mesmo tempo, o governador do Rio Negro deveria acompanhar o que se passava nas terras vizinhas, tomando conhecimentos das “mais exatas notícias e informações do progresso do espírito revolucionário nos países limítrofes da Capitania, da força armada que tem naquelas fronteiras, os movimentos e direções dos corpos,” estando pronto para “os repelir no caso de agressão.”¹⁷⁶

¹⁷⁴ APEP, Códice 642. Ofício do Conde de Linhares a José Narciso de Magalhães e Menezes. Rio de Janeiro, 27/01/1809.

¹⁷⁵ APEP, Códice 693. Ofício do conde de Vila Flor, governador do Grão-Pará, a Manoel Joaquim do Paço, governador da Capitania do Rio Negro. Belém, 04/12/1818.

¹⁷⁶ APEP, Códice 693. Ofício do conde de Vila Flor, governador do Grão-Pará, a Manoel Joaquim do Paço, governador da Capitania do Rio Negro. Belém, 27/06/1818.

Relações comerciais na fronteira Maynas-Rio Negro.

No começo do século XIX a presença de comerciantes oriundos da América portuguesa na Província de Maynas continuou exercendo um papel importante nas trocas econômicas locais, a despeito da oposição de algumas autoridades (a exemplo de Francisco Requena) à realização dessas atividades. No entendimento dos espanhóis, os portugueses usufruíam de vantagens territoriais para adentrar a fronteira espanhola pelos rios que conectavam Maynas à Capitania do Rio Negro, e realizar o comércio no lado espanhol. Como afirmou o governador de Maynas em 1813, os portugueses, “por estar mejor situados que nosotros, logran lucroso dispendio de las preciosidades que la naturaleza prodiga produce” em Maynas.¹⁷⁷

No entanto, esse comércio, como foi apontado em outras partes desse trabalho, não se mostrava importante somente para os interesses do lado português, contribuindo igualmente para o abastecimento das localidades maynenses e despertando o interesse de habitantes do lado hispano-americano. Desse modo, era recorrente haver aproximações e alianças entre portugueses e espanhóis no trato comercial. Segundo denúncia escrita por um militar de nome Juan de Naves no ano de 1817, canoas portuguesas ingressavam na Província de Maynas com o aval de militares espanhóis destacados em pontos limítrofes com a Capitania do Rio Negro; esses militares estariam comerciando com os portugueses produtos locais, como salsaparrilha, e comprando “efectos portugueses” das canoas vindas de Tabatinga. Juan de Naves afirmou que um militar de nome Paes havia sido subornado pelos portugueses para lhes facilitar o ingresso pelo rio Putumayo, de onde extraíam produtos da floresta e aprisionavam índios.¹⁷⁸ Juan de Naves acusou também um oficial de Iquitos de conceder livre trânsito às canoas que partiam ou voltavam de Tabatinga, “introduciendo cuantos efectos se le proporcioan de Portugal.”¹⁷⁹

No entanto, nem toda a forma de comércio entretida entre os dois territórios vizinhos se dava sem o aval de autoridades da fronteira. Exemplo disso foi o pedido feito pelo militar Teodoro de los Rios, em Loreto no ano de 1816, que desejava a autorização do governador de Maynas para comerciar com o comandante português de

¹⁷⁷ AHLPE, LED-2-19. Carta de José Noriega ao vice-rei José Abascal. Moyobamba, 18/10/1813.

¹⁷⁸ AHLPE, LEA-11-317. Carta de Juan de Naves a Manoel Fernandes Albanez. Laguna, 30/10/1817.

¹⁷⁹ AHLPE, LEA-11-317. Carta de Juan de Naves a Manoel Fernandes Albanez. Laguna, 20/10/1817.

Tabatinga.¹⁸⁰ A concessão desse tipo de autorização passou a ser objeto de dúvida entre as autoridades espanholas da fronteira, pois não estava claro se os comerciantes de Maynas deveriam pedi-la ao governador, ou se poderia ser emitida por autoridades militares.¹⁸¹ Não se tratava, de modo algum, de impedir as trocas comerciais na fronteira, mas mantê-las de maneira regulamentada, evitando o trânsito ilegal de canoas entre os territórios confinantes. O próprio Juan de Naves, mencionado acima, afirmou ao governador que procuraria adquirir em Tabatinga duas palas (pano utilizado na liturgia da missa para cobrir o cálice), pedindo permissão para solicitar a compra das mesmas através da vila de Loreto, “para que desde allí se me remitan, sin que ninguno de este Reyno pase a Tabatinga.” No entendimento de Naves, as comunicações comerciais dos espanhóis deveriam ser limitadas à vila de Tabatinga, não devendo as embarcações dos habitantes de Maynas aportar em outras vilas no lado português da fronteira para comerciar. No mesmo documento, Juan de Naves informou ter dado ordens para embargar a entrada de produtos que haviam sido adquiridos em Tabatinga por um padre chamado de Mariño e por outro vindo do rio Ucayali, certamente porque haviam ingressado no lado português da fronteira para realizar compras sem que houvessem pedido permissão das autoridades espanholas.¹⁸²

O que se evidencia, de qualquer modo, é uma tentativa de regulamentação das trocas comerciais fronteiriças, importantes para a sobrevivência econômica de uma região tão afastada de centros econômicos e administrativos mais importantes do território hispano-americano, como era o caso de Maynas, e principalmente em uma conjuntura política tão incerta como a década de 1810. O controle sobre o comércio estava, naquele contexto, associado à manutenção da ordem política, tanto que o vice-rei Abascal determinou ao governo de Maynas o controle sobre “el libre trafico de armas, municiones y especies sospechosas” que pudessem prejudicar “la conservación del orden y tranquilidad publica.”¹⁸³

A oposição ao contrabando, particularmente nesse momento, fazia parte da política de segurança realista. Com relação ao território peruano, a América portuguesa

¹⁸⁰ AHLPE, LEA-11-234. Carta de Teodoro de los Ríos a José Noriega. Loreto, 20/09/1816.

¹⁸¹ Como perguntou um oficial de Maynas ao governador: “Espero que me avise VS si los comerciantes deben pasar a Tabatinga con pasaporte del teniente general o solamente confiriéndole VS por no estar esta frontera bajo las órdenes de él, si solamente a las de VS.” AHLPE, LEA-11-234. Documento sem assinatura e sem data.

¹⁸² AHLPE, LEA-11-317. Carta de Juan de Naves ao governador Manoel Fernandez Alvarez. Laguna, 07/01/1818.

¹⁸³ AHLPE, LEA-11-308. Carta do vice-rei José Abascal ao governador de Maynas. Lima, 16/03/1816.

surgia como um dos pontos de sustentação do comércio ilegal dirigido ao Peru, tendo em vista as relações comerciais e diplomáticas privilegiadas da Grã-Bretanha com a Corte do Rio de Janeiro, figurando os britânicos como um dos mais ativos contrabandistas nos litoral peruano. Em suas memórias, Abascal, ao escrever sobre a instalação da Corte portuguesa na América, alertou para o perigo do incremento do contrabando nas fronteiras do Peru.¹⁸⁴ Contudo, como argumenta Patricia H. Marks, apesar dos esforços de Abascal, no Vice-Reino do Peru desse período há um incremento notável do contrabando. Com relação ao comércio, além do mais, as determinações de Cádiz nesse momento variavam drasticamente entre permitir ou proibir as relações comerciais da América espanhola com outras nações, o que contribuía para confundir as autoridades do Peru sobre como proceder no controle sobre o comércio.¹⁸⁵

Como já se afirmou, é preciso assinalar que o comércio fronteiriço respondia às demandas das vilas do lado espanhol, possibilitando o abastecimento de seus habitantes e o escoamento da produção local. Sobre a importância das trocas comerciais com o lado português nesse contexto, uma autoridade da vila de Balsapuerto, escrevendo ao governador de Maynas no ano de 1816, após discorrer sobre o estado de miséria vivenciada pelos moradores “en la época presente,” sublinhou de maneira positiva o comércio mantido com os portugueses, admitindo que chegou a animar essas trocas comerciais em vista dos “buenos sentimientos de estos índios incultos.” Sobre esse comércio, afirmou ele: “varios individuos decean aprovechar las comodidades que brindan lo vasto de estas montañas de sus preciosos balsamos, zarzas y otras resinas exquisitas, y entablar comunicación con la nación Fidelísima circunvecina”¹⁸⁶ (a América portuguesa).

Ainda que a presença de comerciantes portugueses em Maynas seja recorrentemente associada (tanto em fontes da época quanto na historiografia) à violência contra as populações indígenas (na medida em que índios da América espanhola eram escravizados por comerciantes oriundos da América lusa), o comércio

¹⁸⁴ “Más aun cuando una mutación feliz en los sucesos de Europa, poniendo término a la guerra que la devora, nos hubiese libertado de tener que sostenerla en América, otro género de guerra poco menos funesta que es la del contrabando, por la dilatada extensión de las fronteras, a más del que siempre se ha hecho por otros canales, hubiera acabado de destruir nuestro dilatado comercio.” *Memorias de gobierno del virrey Abascal*. Op. cit., p.82.

¹⁸⁵ Patricia H. MARKS. *Deconstructing Legitimacy. Viceroy, Merchants, and the Military in Late Colonial Peru*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2007, pp. 133-146.

¹⁸⁶ AHLPE, LEA-11-210. Carta de Francisco Bermeo ao governador de Maynas. Balsapuerto, 24/09/1816.

ilegal luso-espanhol na fronteira construía alianças que envolviam portugueses, espanhóis e mesmo índios. Em 1808, um soldado português, navegando em uma canoa carregada de produtos, ingressou pelo rio Putumayo acompanhado de índios das nações “nutite y marzate.” Os soldados espanhóis tentaram confiscar a canoa do português, o que provocou o motim dos índios de sua equipagem, “que intentaron ampararlo al portugués, banderizando todos ellos más bien al extranjero que al español,” segundo relatou o chefe do destacamento militar no Putumayo.¹⁸⁷

As interações entre os habitantes dos dois lados da fronteira, desse modo, possibilitavam o estabelecimento de alianças locais que transcendiam os marcos territoriais luso e espanhol e as tentativas de impor um controle mais efetivo sobre os fluxos na região. Tais aproximações, mesmo quando eventuais, eram importantes mesmo para as autoridades espanholas que deveriam zelar pelo controle da fronteira. No mesmo rio Putumayo, no ano de 1816, o militar espanhol Felipe Perez, por não dispor de canoas para seguir viagem para outro posto, foi socorrido por “una canoa portuguesa que subía a su comercio por la quebrada de los Yaguas,” a qual transportou a ele e a sua tropa, seguindo logo depois para a boca do rio Içá.¹⁸⁸

A presença de comerciantes portugueses na Província de Maynas deve ser compreendida, como já se afirmou, pelas vantagens desses sujeitos em acessar a fronteira oriental do Vice-Reino do Peru. A integração do Estado do Grão-Pará e Rio Negro a outros pontos do Império português era menos difícil do que a conexão de Maynas com o restante do Peru. O acesso à Capitania do Rio Negro era facilitado pelo trânsito de embarcações pela foz do rio Amazonas, figurando Belém como o mais importante entreposto para as conexões comerciais entre o interior do vale amazônico (e mesmo para parte das capitanias de Goiás e do Mato Grosso) e portos no Atlântico.¹⁸⁹ O acesso a Maynas, por sua vez, era dificultado pela barreira representada pela cordilheira

¹⁸⁷ AHLPE, LEA-11-145. Carta do chefe do destacamento do Putumayo a Diego Calvo, governador de Maynas. Putumayo, 31/07/1808.

¹⁸⁸ AHLPE, LEA-11-323. Carta de Felipe Perez ao governador José Noriega. Putumayo, 04/11/1816.

¹⁸⁹ Siméia de Nazaré LOPES. “Sociedades mercantis e as políticas de articulação comercial entre Pará e Mato Grosso (1790-1820).” *Revista Dia-Logos*, n. 05, outubro de 2011, pp. 173-185. Como afirma a autora em sua tese de doutorado: “As relações comerciais dos negociantes de Belém não se concentravam apenas nas vilas do interior e na capitania do Rio Negro. Para além desses eixos de negociação, os negociantes conseguiam estabelecer relações comerciais para as capitanias vizinhas, como Maranhão, Mato Grosso e Goiás. As práticas comerciais desenvolvidas no Pará também se articulavam com outras áreas da América portuguesa, onde essas capitanias configuraram-se em vetores de dinamização para as trocas comerciais e ocupação da região.” Siméia de Nazaré LOPES. *As Rotas do Comércio do Grão-Pará: Negociantes e Relações Mercantis (c.1790-c.1830)*. Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2013, p. 222.

andina, o que tornava a província um espaço pouco integrado a zonas econômicas mais dinâmicas nos Andes e no Pacífico.¹⁹⁰ Tais diferenças são importantes para explicar o estabelecimento de trocas comerciais entre as duas áreas, na medida em que era mais fácil para os comerciantes do lado português alcançarem as localidades do território maynense do que para os mercadores de cidades litorâneas e andinas do Vice-Reino do Peru.

Escrevendo sobre essa fronteira no final da década de 1810, Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich von Martius destacaram que, para os habitantes de Maynas, Macas e Quijos, (“separados dos portos marítimos do Peru pela escarpada e glacial cordilheira dos Andes”), era mais viável transportar seus produtos para a fronteira com a Capitania do Rio Negro, passando “por rios navegáveis, não interrompidos por cataratas.” Isso fazia com que os habitantes de Maynas, na avaliação de Spix e Martius, dependessem mais dessa rota do que daquelas que ligavam à Quito, Chachapoyas e Cajamarca, cidades cujos produtos, além disso, eram “destinados para terras mais frias,” e por isso menos adequados para a região da selva.¹⁹¹

As redes de trocas comerciais seguiam os cursos dos rios da região, conectando cidades e vilas da Capitania do Pará (como Belém e Santarém,) às da Capitania do Rio Negro (como Barra do Rio Negro, Ega e Tabatinga), e daí às povoações da fronteira oriental do Vice-Reino do Peru (como Loreto, Laguna, Jeberos, Balsapuerto, Lamas, Moyobamba e Chachapoyas). Desse modo, o comércio contribuía para o abastecimento local, permitindo a circulação de produtos na rota Maynas-Rio Negro-Pará, a manutenção das localidades fronteiriças e a formação de alianças comerciais entre sujeitos dos dois lados da fronteira.

A partir de Belém, estabeleciam-se redes comerciais voltadas para a Capitania do Rio Negro e que poderiam atingir as terras hispano-americanas vizinhas. Em 1821, o alferes Bento José da Silva, negociante estabelecido com loja em Belém, constituiu uma

¹⁹⁰ A grande diferença entre essas duas rotas comerciais pode ser mensurada tomando-se como referência o tempo de viagem. Segundo Eduard Poeppig (naturalista alemão que viajou entre Peru e Brasil entre as décadas de 1820-1830), uma embarcação poderia percorrer o trajeto de Laguna (Maynas) a Tabatinga (Rio Negro) em seis ou sete dias. Eduard POEPPIG. *Viaje al Perú y al Río Amazonas, 1827-1832*. Iquitos: CETA, 2003, p. 400. Já o viajante Henry Lister Maw, que percorreu a área nos anos de 1827-1828, levou mais de 40 dias para chegar a Laguna partindo de Trujillo (litoral norte do Peru), um caminho que incluiu Cajamarca, Chachapoyas e Moyobamba através de estradas íngremes e rios. Henry Lister MAW. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico através dos Andes nas províncias do norte do Peru e descendo pelo rio Amazonas até ao Pará*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas, 1989.

¹⁹¹ Johann Baptist von SPIX, Carl Friedrich von MARTIUS. *Viagem pelo Brasil, 1817-1820 (vol.3)*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981, p. 188.

sociedade comercial com Felipe José Tavares e Bernardino de Sena Cauper, também moradores de Belém. Pela sociedade, enquanto o alferes Silva permaneceria em Belém, Tavares e Cauper deveriam seguir para os sertões para a venda de fazendas e a compra dos gêneros da terra. Além disso, um dos sócios poderia seguir “até os domínios de Espanha” em seu giro comercial.¹⁹² As zonas fronteiriças da América espanhola, desse modo, eram vistas pelos comerciantes de Belém como uma extensão comercial da Capitania do Rio Negro.

Através de outras fontes, é possível saber que, dos sócios citados na escritura de sociedade descrita acima, Bernardino de Sena Cauper foi o mais bem sucedido no comércio do sertão e voltado para a América espanhola. No começo da década de 1810, o reinol Bernardino de Sena Cauper já atuava como comerciante na região do Baixo Amazonas.¹⁹³ Ao longo da década de 1820, Cauper estabeleceu-se no Rio Negro, dedicando-se ao comércio. Segundo relato de Henry Lister Maw, Cauper era um dos principais donos de embarcações de comércio no Rio Negro, fazendo duas viagens por ano a Belém para o seu negócio.¹⁹⁴ Ele também organizava expedições anuais de coleta de salsaparrilha, importante produto remetido do Rio Negro para Belém.¹⁹⁵ Além de seu sucesso como comerciante (ele foi considerado pelo viajante Eduard Poeppig como “el más próspero de los comerciantes del Solimões”¹⁹⁶), Cauper tornou-se comandante de milícias em Ega, o que indica que a ascensão desse sujeito, através do comércio, permitiu também a ele o acesso a cargos político-administrativos importantes na área.

Os contatos comerciais de Cauper com o lado espanhol da fronteira, previsto pela sociedade comercial firmada no princípio da década de 1820, se revelariam vitais para ele nos anos subsequentes. No final da década de 1830, Cauper, seus familiares e outros comerciantes do Rio Negro fugiram para Loreto, escapando das lutas políticas e raciais que se espalharam pela Província do Grão-Pará no período. No lado peruano da fronteira, ele passou a dedicar-se (nas palavras do próprio Cauper dirigidas ao

¹⁹² APEP, Livro de notas do tabelião Perdigão, rolo 1816, 23/06/1821. Agradeço a Siméia de Nazaré Lopes pela indicação desse documento.

¹⁹³ Segundo dados do posto fiscal de Gurupá para o ano de 1813, Cauper remeteu da vila de Aveiros (no rio Tapajós) para Belém 785 arrobas de cacau. APEP, Códice 659 (03/08/1813).

¹⁹⁴ Henry Lister MAW. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico*. Op. cit., p.185, p. 197.

¹⁹⁵ Eduard POEPPIG. *Viaje al Perú y al Río Amazonas*. Op. cit, p. 401.

¹⁹⁶ Eduard POEPPIG. *Viaje al Perú y al Río Amazonas*. Op.cit., p. 382.

comandante de Tabatinga) ao “comércio franqueado livre”¹⁹⁷ na fronteira Brasil-Peru. Cauper fixou seus negócios na região oriental do Peru, continuando a atuar na rota comercial com o Grão-Pará, tornando-se um dos mais importantes comerciantes do então Departamento de Loreto, onde também diversificou seus negócios dedicando-se à criação de gado na cidade de Nauta.¹⁹⁸

As transformações políticas ocorridas a partir de 1808 influenciaram as trocas comerciais na fronteira Maynas-Rio Negro. Nesse ponto, deve-se destacar a Abertura dos Portos da América portuguesa às Nações Amigas, em 1808, o que efetivou uma nova articulação econômica dos mercados locais com outros centros consumidores e produtores, principalmente britânicos. A partir desse momento, ocorreu uma tendência de ampliação do escoamento da produção do luso-americana, assim como a introdução em maior escala de artigos manufaturados vindos da Grã-Bretanha.¹⁹⁹ Desse modo, a abertura comercial de 1808 possibilitou ampliar as trocas comerciais a partir de certas áreas portuárias da América portuguesa, como era o caso de Belém. E o incremento da movimentação comercial a partir de Belém possibilitou uma maior importação de bens manufaturados, alguns dos quais eram reexportados para os territórios hispano-americanos limítrofes; por outro lado, houve igualmente o crescimento da exportação de alguns produtos, de forma que parte da produção extrativa e agrícola de Maynas poderia ser exportada a partir de Belém.

Sobre as conexões comerciais entre Rio Negro e Maynas, Spix e Martius afirmam que os produtos exportados para o lado peruano consistiam basicamente em “artigos europeus importados,” ao passo que Maynas exportava para o lado português “cacau, salsaparrilha, baunilha, bálsamo de copaíba, casca de quina, algum fumo e algodão.” Desses produtos, os comerciantes portugueses valorizavam particularmente o cacau e a salsaparrilha, colhidos principalmente nas missões do rio Ucayali. Destacava-

¹⁹⁷ AHI. Avisos recebidos do Pará (1825-1841). Ofício do comandante de Tabatinga ao Presidente da Província do Pará. Tabatinga, 25/05/1840. APEP, Códice 1114. Ofício do Comandante de Tabatinga ao Presidente da Província do Pará. Tabatinga, 28/06/1840.

¹⁹⁸ João Wilkens de MATTOS. *Roteiro da Primeira Viagem do Vapor Monarcha desde a cidade da Barra do Rio Negro, Capital da Província do Amazonas, até a povoação de Nauta, na República do Peru (1854)*. Iquitos: IIAP-CETA, 1984, p. 71. Sobre o comércio fronteiriço peruano-brasileiro em meados do século XIX, conferir: Carlos Augusto BASTOS. “Nas rotas do Grão-Pará e Loreto: Comércio e fugas nas “Amazônias” peruana e brasileira (c.1840-c.1870).” *Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Vitória: 2008; Fernando SANTOS GRANERO, Frederica BARCLAY. *La Frontera Domesticada: História econômica y social de Loreto, 1850-2000*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2002, pp. 29-35, e p. 106.

¹⁹⁹ Valentim ALEXANDRE. “A carta régia de 1808 e os tratados de 1810.” In: OLIVEIRA, Luís Valente de, RICÚPERO, Rubens (org.). *A Abertura dos Portos*. São Paulo: Editora SENAC, 2007, pp. 100-121.

se também a venda de sal para o Rio Negro, produto que, além de ser consumido, fazia o papel de moeda nas trocas comerciais. Já os comerciantes do lado espanhol valorizavam a compra de “utensílios de ferro, aço, estanho, cobre, munições, armas, tecidos de lã para roupas mais finas, tecidos de seda, chapéus, espelhos, miçangas e outros objetos para os índios.” Em virtude da falta de numerário nos dois lados da fronteira,²⁰⁰ as transações comerciais costumavam ser feitas através da permuta de produtos, o que conferia maior vantagem para os comerciantes do lado português da fronteira.²⁰¹ Henry Lister Maw, por exemplo, registrou ter conhecido dois *moyobambinos* (habitantes de Moyobamba) que conduziram uma carga de salsaparrilha para vender em Tabatinga, recebendo artigos de ferro como pagamento.²⁰²

Ainda sobre as ligações comerciais entre Rio Negro e Maynas, o relato de Spix e Martius afirma que esse comércio era de pouco importância até antes da “recente catástrofe política” (as lutas de independência). Contudo, o comércio foi paulatinamente tomando importância, principalmente através do contrabando. As rotas de navegação pela Província de Maynas dos comerciantes do lado luso-americano incluíam preferencialmente os rios Marañón e Huallaga, nos quais se situavam algumas das mais importantes vilas. As vilas de Loreto e Tabatinga, pela situação fronteiriça e “cujos habitantes se visitam mutuamente,” destacavam-se pelo comércio a retalho.²⁰³

A vila de Tabatinga assumiu uma posição privilegiada no abastecimento da Província de Maynas, tornando-se o mais importante ponto fornecedor de produtos europeus para essa fronteira. Em seu relato sobre a fronteira na virada da década de 1820 para 1830, o naturalista alemão Eduard Poeppig descreveu Tabatinga como “el lugar donde la mayoría de los habitantes de Maynas suele proveerse de mercaderías europeas,” “el centro comercial de Maynas e incluso de algunas provincias andinas del Perú oriental.” Em contraste com as localidades do lado peruano, Poeppig relatou que em Tabatinga era mais comum a circulação de moedas, bem como a presença de moradores brancos, “naturales de las costas del Atlántico, [que] se arriesgan a subir hasta Maynas para dedicarse al comercio bastante lucrativo.” Ainda segundo Poeppig,

²⁰⁰ No caso do Peru da década de 1790, Ruggiero Romano afirma que havia uma carência crônica de moedas para as atividades comerciais, o que não era compensado nem pela circulação de metais preciosos em barras. Ainda segundo Romano, esse quadro era extensivo a toda a América espanhola colonial. Cf.: Ruggiero ROMANO. *Mecanismo y Elementos del Sistema Económico Colonial Americano, Siglos XVI-XVIII*. México: El Colegio de México, FCE, 2004, pp. 351-357.

²⁰¹ Johann Baptist von SPIX, , Carl Friedrich von MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. Op. cit., p. 189.

²⁰² Henry Lister MAW. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico*. Op. cit., p. 136.

²⁰³ Johann Baptist von SPIX, , Carl Friedrich von MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. Op. cit., p.189.

afluíam do lado peruano para Tabatinga, anualmente, cerca de 50 canoas grandes de comércio, oriundas de Moyobamba, Lamas, Laguna e de outras localidades situadas às margens do rio Marañón, vendendo para os portugueses principalmente tabaco, salsaparrilha e “cera blanca,” produtos que garantiam bom retorno financeiro para os habitantes de Maynas.²⁰⁴

Figura 14

Tabatinga. “O posto militar e aldeia de Tabatinga.” In: Paul MARCOY. *Viagem pelo Amazonas*. Manaus: EDUA, Edições Governo do Estado, 2001, p.49.

As exportações de produtos para os hispano-americanos contribuíram para animar o comércio de outras localidades rio-negrinas além de Tabatinga, as quais se tornaram empórios comerciais com representantes de casas mercantis sediadas em Belém. Sobre isso, Spix e Martius relatam a movimentação comercial que ligava a vila de Ega (também conhecida pela população local como Tefé), na Capitania do Rio Negro, ao território do Vice-Reino do Peru, sublinhando a presença de comerciantes de Belém e da Grã-Bretanha (um indício do grau de capilarização das redes mercantis britânicas pelo interior do território luso-americano, e até as partes fronteiriças da América hispânica, a partir da abertura dos portos), a variedade de produtos encontrados na vila e as vantagens desse comércio para abastecer a Província de Maynas:

²⁰⁴ Eduard POEPPIG. *Viaje al Perú y al Río Amazonas*. Op. cit., p. 311, pp. 369-370 e p. 399.

Ega é o empório comercial da parte alta do Solimões e de todos os seus afluentes. Negociantes ingleses e brasileiros do Pará [Belém] estabeleceram sucursais aqui, para a venda de mercadorias europeias e para a compra, em primeira mão, dos produtos locais. Encontram-se aqui as mercadorias de maior procura: estampados, e tecidos de algodão riscados, alguma seda, chapéus, linhos, panos, artigos de ferro, aço, latão e cobre, louça de pó de pedra, vidros, porcelanas, vinho, aguardente, etc. em quantidade e variedade suficiente. Os preços, embora consideravelmente mais altos do que no Pará, são, todavia, duas vezes menores do que nas vizinhas províncias peruanas, de Mainas, de Quichos e Macas, onde as mercadorias dos portos do Pacífico são importadas e levadas através da Cordilheira.²⁰⁵

O estabelecimento das trocas com o lado espanhol da fronteira certamente ampliava o mercado da Capitania do Rio Negro. Esse mercado, por sua vez, tendia a ser controlado por um grupo restrito de comerciantes e autoridades políticas da Capitania, as quais, valendo-se de seus cargos, monopolizavam a utilização da mão-de-obra indígena, o acesso às zonas de coleta de produtos da floresta e a comercialização de gêneros. Recorrendo-se uma vez mais à narrativa de Spix e Martius, esses autores registram que as expedições de coleta de produtos da floresta (realizadas principalmente nos rios Japurá, Içá, Jutai e Javari) dependiam da autorização das autoridades militares da Capitania do Rio Negro, as quais, por sua vez, favoreciam alguns sujeitos com os quais mantinham laços comerciais, familiares e políticos.²⁰⁶

²⁰⁵ Johann Baptist von SPIX, , Carl Friedrich von MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. Op. cit., p. 189.

²⁰⁶ Johann Baptist von SPIX, , Carl Friedrich von MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*. Op. cit., p. 179.

Figura 15

Ega. “A vila de Ega ou Tefê.” In: Paul MARCOY. *Viagem pelo Amazonas*. Manaus: EDUA, Edições Governo do Estado, 2001, p 108.

Tal quadro também era semelhante na Província de Maynas, onde as autoridades político-militares (e mesmo religiosas) espanholas usufruíam de vantagens na realização do comércio e na utilização do trabalho indígena. Analisando os comerciantes e as redes comerciais na região *nororiental* (Chachapoyas, Moyobamba, Lamas e Maynas) do Peru na passagem do XVIII para o XIX, Alejandro Reyes Flores atenta a combinação entre cargos político-militares e atividades comerciais, visto que ambos “confluían o se complementaban sin mayor problema.” Em vilas como Chachapoyas e Moyobamba, um número restrito de famílias controlava o comércio local, ao mesmo tempo em que concentrava os cargos mais importantes. E, tal como se passava no lado luso-americano da fronteira, a navegação pelos rios da região da selva só poderia oficialmente ocorrer com a autorização do governador ou autoridades militares, o que conferia a esses sujeitos um poder político sobre a circulação das embarcações de comércio na região.²⁰⁷

Os viajantes que percorreram Maynas na década de 1820 apresentam denúncias sobre a excessiva participação de autoridades locais na vida econômica, principalmente no comércio e na exploração do trabalho dos índios. Henry L. Maw, escrevendo sobre uma autoridade em Balsapuerto, considerou-a “mais um agente comercial” do então intendente de Moyobamba. Esse intendente, além disso, utilizava para si o trabalho indígena para a coleta de produtos da floresta, como a salsaparrilha, cujo comércio só poderia ser feito com a sua autorização, recebendo ele uma parte do negócio.²⁰⁸ Poeppig, por sua vez, denunciou que as autoridades locais obrigavam os indígenas a

²⁰⁷ Alejandro REYES FLORES. *Hacendados y Comerciantes: Piura, Chachapoyas, Moyobamba, Lamas, Maynas (1770-1820)*. Lima: Juan Brito, 1999, p.158-159 e p. 169.

²⁰⁸ Henry Lister MAW. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico*. Op. cit., p. 91, p. 97 e p. 135.

“recolectar los productos de la región, tales como resinas, plantas medicinales, bálsamos, zarzaparrilla, cacao etc., con el fin de negociarlos por cuenta propia.”²⁰⁹ A julgar pelos relatos da época, essas mercadorias eram preferencialmente negociadas com o lado português da fronteira, o que ajudava a aproximar as autoridades de Maynas e do Rio Negro envolvidas nas atividades comerciais.

No período em questão, o monopólio comercial e de mão-de-obra indígena pelas autoridades rio-negrinas foi um dos mais frequentes motivos de tensão política na Capitania. O próprio governador do Rio Negro, Manoel Joaquim do Paço, foi alvo de repetidas queixas dos moradores, que o acusavam de controlar o comércio local juntamente com seu sócio, Antônio da Silva Craveiro. Os índios estariam igualmente sendo empregados em atividades produtivas de interesse particular do governador, fatos que foram levados ao conhecimento do governador do Grão-Pará, Conde de Vila Flor. Ele, por sua vez, ameaçou o governador do Rio Negro de, caso não mudasse seu procedimento, prendê-lo e remetê-lo à Corte.²¹⁰

Nas áreas de fronteira, autoridades militares frequentemente envolviam-se em atividades comerciais, alcançando uma posição privilegiada como comerciantes. Esses militares usufruíam do poder para recrutar homens, dispor de embarcações, conceder permissões para circular pelos rios, controlar os postos limítrofes e manter contatos com autoridades do outro lado da fronteira, o que conferia a eles vantagens consideráveis no trato comercial. No Rio Negro das décadas de 1810-1820, um militar que se destacou por sua ascensão social e política, assim como por sua participação no comércio local, foi o comandante Francisco Ricardo Zany. Italiano de nascimento (natural de Livorno), Zany fora recrutado para as tropas napoleônicas, de onde desertara, fugindo então para Lisboa e depois para a América portuguesa. Chegando ao Grão-Pará no início do século XIX, Zany já estava atuando no comércio no Rio Negro no ano de 1803, quando firmou uma sociedade comercial com João Pedro Ardasse, grande negociante de Belém, que entrou no negócio com a expressiva quantia de 2:665\$854 reis. A sociedade firmada entre os dois comerciantes deveria durar três anos, transportando na canoa “Águia do Mar” carregamentos de fazendas para vender na Capitania do Rio Negro, e os lucros do negócio deveriam ser repartidos entre Zany e Ardasse.²¹¹

²⁰⁹ Eduard POEPPIG. *Viaje al Perú y al Río Amazonas*. Op. cit., p. 311.

²¹⁰ APEP, Códice 693. Ofício do Conde de Vila Flor, governador do Grão-Pará, a Manoel Joaquim do Paço, governador da Capitania do Rio Negro. Belém, 02/05/1820.

²¹¹ APEP, Escrituras de Sociedade do Tabelião Perdigão, Livro 1187, 1808.

No começo da década de 1810, nos documentos sobre a Capitania do Rio Negro aparecem registros de Francisco Ricardo Zany servindo como oficial de milícia, sendo destacado para diferentes missões e ascendendo na carreira das armas.²¹² Certamente sua ascensão valeu-se dos laços familiares que constituiu ao casar-se com Jozefa Perpetua, filha de José Joaquim Vitório da Costa, que exerceu o cargo de governador da Capitania do Rio Negro de 1806 a 1818. A filha de Zany, por sua vez, casou-se com o ouvidor do Rio Negro (que depois viria a desempenhar o cargo no Maranhão), o que indica o estabelecimento de laços familiares e políticos que conferiam ao comandante militar uma posição privilegiada na sociedade local e contatos em outra capitania. Já na década de 1820, Zany alcançou a patente de coronel de milícias, recebendo também o comando militar do Rio Negro.²¹³

É possível formar uma imagem das atividades comerciais de Francisco Ricardo Zany com base nos registros fiscais do forte da vila de Gurupá (localizado na estratégica confluência entre o rio Xingu e o delta do rio Amazonas), onde eram registradas as embarcações que seguiam dos altos rios para o porto de Belém. Os dados disponíveis cobrem o período de 1812-1819, porém as canoas de Zany estão registradas somente em três anos: 1816, 1818 e 1819 (deve-se observar que, na documentação fiscal de Gurupá, não há registro para o ano de 1817 de canoas oriundas do Rio Negro transportando mercadorias para Belém). Nesses três anos, Zany remeteu da Capitania do Rio Negro para Belém 1992 arrobas de peixe seco (10% do total remetido nos do Rio Negro a Belém nos três anos mencionados, segundo os dados fiscais de Gurupá), 1300 arroba de cacau (13%), 230 arrobas de salsaparrilha (4%), 130 arrobas de café (1%), 70 arrobas de tabaco (1,5%), 20 arrobas de estopa (9,5%) e 1030 potes de manteiga de tartaruga (6%).²¹⁴

Os números apresentados, por um lado, indicam a variedade de produtos remetidos por comerciantes do Rio Negro para o porto de Belém. Por outro, esses números não explicitam necessariamente as atividades comerciais realizadas por Zany, pois é possível que ele enviasse parte dos produtos do Rio Negro através de barcos de sócios locais, ou mesmo de comerciantes de Santarém e de Belém, sem contar a

²¹² AHU_ACL_CU_020, Cx. 18, D. 738. Requerimento do capitão da 3ª Companhia de Milícias do Rio Negro, Francisco Ricardo Zany, ao rei D. João VI a pedir a promoção a tenente-coronel. Quartel de Arroios, 22/03/1811 (Projeto Resgate, Rio Negro).

²¹³ Henry Lister MAW. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico*. Op. cit., pp. 207-208. Patrícia Maria Melo SAMPAIO. *Espelhos Paridos*. Op. cit., p. 109.

²¹⁴ APEP, Códice 659 (31/07/1816) e 701 (28/05/1818 e 09/05/1819).

possibilidade de as autoridades fiscais de Gurupá não terem registrado todas as passagens (ou toda a carga) das embarcações de Zany. Além disso, sua importância como comerciante poderia residir mais no que ele enviava de Belém para o Rio Negro, atividade a qual se dedicava desde seus primeiros anos na região, como atesta a sociedade firmada com o comerciante João Pedro Ardasse no ano de 1803. Suas relações com grandes comerciantes da praça de Belém continuariam ao longo dos anos, e um indicativo disso é o fato de seu único credor, registrado em seu inventário (datado de 1839), ser João de Araújo Rozo, importante negociante da capital do Pará.²¹⁵

Outros documentos trazem informações sobre a importância econômica de Zany na sociedade rio-negrina. Segundo relato de Henry L. Maw para fins dos anos de 1820, Francisco Ricardo Zany era proprietário na Barra do Rio Negro de “armazéns de vários gêneros,” tendo à sua disposição “trezentos índios empregados nas suas terras,” uma força de trabalho considerável para aquela região.²¹⁶ Analisando o inventário de Zany, Patrícia Sampaio, por sua vez, traz outras informações sobre sua fortuna: além dos índios (das nações Mura, Passé, Juri e Macunás), Francisco Ricardo Zany era dono de 10 escravos negros. Também era proprietário de um engenho às margens do rio Solimões, de salas de fiação, de uma olaria e de uma forja. Sua fortuna incluía um rebanho de mais de 140 animais (entre gado, cabras e porcos), e suas propriedades produziam café, cacau, tabaco, milho e arroz, além de produzir outros artigos como aguardente, farinha, telhas, tecidos, algodão, carne seca e peixe seco. Suas atividades comerciais dirigiam-se a Belém e ao Rio de Janeiro, enviando carregamentos de salsaparrilha. Em Lisboa, ele possuía propriedades. Por fim, parte significativa de seus bens era constituída de dinheiro amoeado (mais de 50%), o que é um indício de que o coronel Zany fornecia crédito na Capitania.²¹⁷

A ascensão econômico-política do italiano não ficou restrita ao Rio Negro, recebendo ele reconhecimento para além do espaço da capitania. Em 1822, as Cortes constitucionais portuguesas concederam a Zany sua carta de naturalização. Ainda em 1822, ele enviou às Cortes seu “Projeto para os Índios do Grão-Pará,” que foi discutido pelos deputados, propondo a adoção de políticas missionárias e a do trabalho compulsório indígena por sete anos. No ano seguinte, ele figurava como um dos membros da sociedade portuguesa promotora da indústria nacional. Francisco Zany

²¹⁵ Patrícia Maria Melo SAMPAIO. *Espelhos Partidos*. Op. cit., p. 110.

²¹⁶ Henry Lister MAW. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico*. Op. cit., pp. 207-208.

²¹⁷ Patrícia Maria Melo SAMPAIO. *Espelhos Partidos*. Op. cit., pp. 109-110.

permaneceria no Rio Negro até o início da década de 1830, partindo então para Lisboa, onde viria a morrer em 1834.²¹⁸

A trajetória de Francisco Ricardo Zany é reveladora das possibilidades de ascensão política, econômica e social no Rio Negro, o que, no caso do italiano, franqueou a ele manter contatos com outras partes da América portuguesa e com Portugal. A posição política privilegiada de Francisco Ricardo Zany ajudou-o a firmar-se como grande comerciante, bem como afastar concorrentes, o que gerava tensões e descontentamentos entre outros comerciantes que queriam ter acesso (ou uma participação maior) ao mercado do Rio Negro. Em 1822, um grupo de habitantes do Rio Negro enviou aos deputados das Cortes um memorial com críticas aos desmandos políticos que vinham se acumulando desde o início do XIX, destacando a exploração econômica imposta por algumas autoridades locais. Entre essas, o nome de Zany foi citado, juntamente com o do seu irmão Marcelo (também militar), os quais, usufruindo da proteção política do governador (e sogro de Zany, deve-se lembrar) José Joaquim Vitório da Costa, controlavam de maneira abusiva o recurso ao trabalho dos índios, prejudicando economicamente os demais moradores da região.²¹⁹

Francisco Ricardo Zany foi acusado, entre outras coisas, de lançar mão de escoltas militares para “irem pelas matas aprisionar índios bravios, trazendo-os presos para os vender como escravos,” apoderar-se da produção de manteiga de tartaruga, retirar índios empregados em serviços para particulares, empregar os índios emjangadas de coleta de produtos e de comércio sem remunerá-los (“resultando em imensos danos a toda a província, especialmente ao comércio e à agricultura, porque demoravam-se as canoas carregadas um até dois meses,” segundo a denúncia dos moradores), obrigar as meninas índias a produzir panos de algodão e os meninos a trabalhar em sua olaria.²²⁰ O uso (ou melhor, abuso) da autoridade militar e o amparo de suas redes familiares e

²¹⁸ *Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional, Primeiro Anno*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1822, p. V. *Diários das Cortes Geraes, Extraordinarias e Constituintes da Nação Portuguesa, Segundo Anno da Legislatura*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1822, p. 66v. Fernanda SPOSITO. “Liberdade para os índios no Império do Brasil. A revogação das guerras justas em 1831.” *Almanack Brasileiro: Visões sobre os povos indígenas e a construção de uma simbologia nacional no Brasil (1808-1831)*. Dissertação de Mestrado em História São Paulo: USP, 2010, p. 74; Julio SÁNCHEZ GÓMEZ. “Invisibles y Olivados: Indios e Independência de Brasil.” *História Regional*, Goiânia, v. 16, n.1, p. 81-131, jan./jun. 2011, p 93; Patrícia Maria Melo SAMPAIO. *Espelhos Paridos*. Op. cit., pp. 109-111.

²¹⁹ AHU_ACL_CU_020, Cx.18, D. 744. Ofício do capitão de 1ª Linha do Regimento do Pará, Joaquim Antônio de Macedo. Belém, 17/08/1822. (Projeto Resgate, Rio Negro)

²²⁰ AHU_ACL_CU_020, Cx.18, D. 744. Ofício do capitão de 1ª Linha do Regimento do Pará, Joaquim Antônio de Macedo. Belém, 17/08/1822. (Projeto Resgate, Rio Negro).

políticas conferiam a Zany amplas vantagens na acumulação de riquezas e na ingerência sobre a economia de uma área de fronteira.

A combinação entre autoridade militar e atividade comercial, nos dois lados da fronteira, favorecia as aproximações entre as vizinhanças portuguesa e espanhola mediante o comércio (especialmente o ilícito). Eram esses oficiais que dispunham do poder para barrar ou franquear as trocas comerciais nas áreas limítrofes, proibindo, ou tomando parte, do contrabando. O comércio ilegal nas fronteiras luso-espanholas da América, presente desde o início da colonização, foi impulsionado pelas transformações políticas e econômicas colocadas em marcha desde o ano de 1808, com a abertura dos portos e a interiorização de redes comerciais e o fornecimento de produtos britânicos através do Pará, Rio Negro e Maynas. Essas trocas comerciais prosseguiram apesar das desconfianças que perpassavam o relacionamento entre autoridades nas fronteiras, ora dirimindo, ora intensificando as tensões políticas do momento. E o trânsito comercial, como já foi apontado em outro momento nesse trabalho, viabilizava a circulação de informações, contribuindo assim para estabelecer conexões econômico-políticas nos limites ibero-americanos.

4.3-Independências limítrofes.

Na América hispânica, a primeira metade da década de 1820 seria marcada pelo avanço das lutas de independência e eclosão do Império espanhol. No lado português do continente, ocorreu a crise do Reino Unido e do Império luso sediado na América, assim como o surgimento do projeto de Império do Brasil. Essas amplas transformações, como não poderia deixar de ser, envolveram as áreas de fronteira, na medida em que a dissolução dos corpos políticos e o (ainda incerto) nascimento dos Estados Nacionais irradiavam novas reconfigurações para os espaços limítrofes de seus territórios. Ao mesmo tempo, as experiências gestadas a partir das fronteiras criavam possibilidades e obstáculos para as amplas transformações que estavam ocorrendo. Nessa parte, primeiramente, será apresentado de maneira sucinta o panorama das transformações políticas vivenciadas pelo Peru e pelo Brasil nos primeiros anos da década de 1820. Em seguida, a análise detém-se nas interações entretidas na fronteira Maynas-Rio Negro nesse período.

De Vice-Reino a República, de Reino Unido a Império: trajetórias de Peru e Brasil no início da década de 1820.

No início da década de 1820, no Peru, o governo do vice-rei Joaquín de la Pezuela (1816-1820) viu-se prejudicado pelo crescente déficit financeiro, o que limitava sua capacidade de organizar o esforço de guerra contra os avanços dos insurgentes pelo norte e pelo sul. Na parte sul do Vice-Reino, a estratégia militar de José de San Martín (atravessar os Andes para atacar o Chile, em 1817, e não o Alto Peru) pegou de surpresa as forças realistas estacionadas no território peruano. As dificuldades econômicas locais, agravadas com a perda do Chile para os insurgentes e seus ataques a navios espanhóis e bloqueios a portos peruanos liderados por lord Cochrane, forçaram o governo de Pezuela a decretar o livre comércio, o que veio a alimentar o contrabando. Além disso, era notório para as autoridades realistas o crescimento da causa insurgente entre os habitantes do Peru, com o desbaratamento de complôs favoráveis à independência.²²¹

A partir de março de 1820, a política realista do Vice-Reino do Peru sofreria mais um duro golpe. Na Espanha, tinha início o movimento militar que viria a reimplantar a Constituição de Cádiz na Monarquia espanhola, contestando mais uma vez o absolutismo monárquico. No que diz respeito à condução da crise na América, na Espanha do chamado Triênio Constitucional (1820-1823) os debates variaram entre a defesa de uma negociação com os insurgentes e de uma solução pactuada (havendo a esperança, entre os liberais peninsulares, de que os americanos aderissem a um novo chamado constitucional que atenderia a suas reivindicações), e a continuidade do emprego da força para derrotar os inimigos no continente.²²²

Entre os meses de maio e julho do mesmo ano, as notícias sobre os novos sucessos na Corte chegaram ao conhecimento das autoridades do Peru, por vezes através de periódicos enviados pelos insurgentes desde Buenos Aires e do Chile. Os insurgentes também passaram a entabular comunicações com habitantes de Lima e

²²¹ Timothy ANNA. *La Caída del Gobierno Español en el Perú*. Op. cit., p.179, pp.191-194, p. 201, p. 202, p. 209; Alberto CRESPO. “La Independencia desde el Sur.” In: Germán CARRERA DAMAS (ed.). *Historia de América Andina. Volumen 4: Crisis del Régimen Colonial e Independencia*. Quito: Universidad Simón Bolívar, 2003, pp. 241-267; John LYNCH. *Las Revoluciones Hispanoamericanas, 1808-1826*. Barcelona: Ariel, 2008, pp. 170-177.

²²² Michael Costeloe afirma que, de fato, a solução militar à crise continuou sendo a mais valorizada pela política da Espanha nesse momento de regime liberal: “...ni Fernando ni las nuevas autoridades constitucionales estaban dispuestos a renunciar al empleo de la fuerza y a confiar en lo que supuestamente sería el regreso voluntario de los insurgentes a la familia imperial, ahora que ya se había restaurado la Constitución.” Michael P. COSTELOE. *La Respuesta a la Independencia: La España imperial y las revoluciones hispanoamericanas, 1810-1840*. México: FCE, 2010, p. 114

demais autoridades locais, buscando conquistar apoio à causa da independência. Internamente, crescia a pressão pelo reconhecimento no Peru das transformações políticas levadas a cabo na Península, principalmente o retorno do regime constitucional, algo que Pezuela relutava em fazer, temeroso dos desdobramentos desse novo quadro no Vice-Reino. Notificado por gazetas espanholas e por documentos de outras autoridades hispano-americanas sobre a veracidade das informações, o vice-rei Pezuela determinou que a notícia fosse publicada em Lima em uma *Gaceta Extraordinaria*, no dia 13 de julho. Posteriormente, Pezuela deu ordens para que se procedesse ao juramento da Constituição nas cidades do Vice-Reino. O vice-rei, no entanto, só promulgaria a carta constitucional em Lima no dia 4 de setembro, quando as forças militares patrióticas já haviam começado a invasão ao território peruano. Os novos acontecimentos políticos na Península significaram também o cancelamento da grande expedição militar que, partindo de Cádiz, deveria combater Buenos Aires, o que, segundo as expectativas de Pezuela, daria o suporte necessário para seu ataque contra os insurgentes estacionados no Chile e no Alto Peru. Diante da nova situação política na Espanha, a contraofensiva realista foi cancelada. Em junho, barcos dos insurgentes, vindos do Chile, capturaram o porto de Arica. Em setembro, a expedição liderada por San Martín desembarcou na baía de Paracas.²²³

Pezuela buscou manter negociações com San Martín, objetivando conseguir a retirada das forças invasoras, sob o argumento de que a reimplantação do sistema constitucional poderia atender às reivindicações dos insurgentes, possibilitando, assim, a interrupção das hostilidades. O fracassado acordo entre San Martín e Pezuela cedeu espaço para o aprofundamento da guerra. Em outubro, ocorreram desembarques de forças independentistas na costa norte peruana, e no mesmo mês as forças insurgentes já estavam próximas a Lima. As discordâncias na cúpula política do Vice-Reino ficaram evidentes na oposição cada vez maior do general José de la Serna, principal comandante militar realista, ao vice-rei Pezuela. De fato, as divergências entre os dois haviam começado anos antes, por conta do fracasso das tropas realistas do Peru em deter a invasão de San Martín ao Chile. Na segunda metade de 1820, porém, a crise entre a cúpula militar e o vice-rei estava mais acirrada, principalmente em relação aos planos de Pezuela sobre a defesa de Lima, ao passo que os generais realistas preferiam evacuar a

²²³ Timothy ANNA. *La Caída del Gobierno Español en el Perú*. Op. cit., pp. 212-213; Brian H. HAMNETT. *Revolución y Contrarrevolución en México y el Perú: Liberalismo, Realeza y Separatismo, 1800-1824*. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1978, p. 297, pp. 323-324, p. 327.

cidade, considerada vulnerável aos ataques de San Martín, transferindo a sede do governo para os Andes. Para financiar a luta, as autoridades de Lima propuseram medidas emergenciais, como a venda de propriedades da Inquisição e o empréstimo do Consulado mercantil de Lima de 500 mil pesos, proposta que foi rechaçada pelos comerciantes da cidade. A situação militar complicou-se com a deserção de tropas e oficiais criollos, que passaram a integrar as forças pró-independência, e a eclosão levantes indígenas favoráveis às forças invasoras. No mês de novembro, a junta governativa de Guayaquil (originalmente parte da Audiência de Quito, porém sob o governo de Lima desde 1809, durante as repressões ordenadas por Abascal ao movimento *juntero* de Quito) declarou a independência dessa importante cidade portuária ao norte, afirmando igualmente a intenção de escolher no futuro em qual país independente a cidade deveria integrar-se, Peru ou Colômbia (o que motivaria, mais tarde, desentendimentos entre San Martín e Bolívar). No final de 1820, estalou uma rebelião na Intendência de Trujillo, norte do Peru, a qual aderiu às forças independentistas. O então intendente de Trujillo, Marquês de Torre Tagle, organizaria os esforços para expulsar os realistas de territórios próximos, como Lambayeque, Piura e Maynas (o que será abordado mais adiante).²²⁴

As transformações políticas ocorridas no Brasil, a partir de 1820, estão relacionadas à eclosão, em agosto desse ano, do movimento da cidade do Porto que exigiu a convocação das Cortes para a elaboração de uma Constituição. Formou-se na cidade a chamada Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, conseguindo a adesão de Lisboa no mês de setembro, onde se organizou uma Junta de Governo. Tal movimento contou a participação principalmente de militares, profissionais liberais e comerciantes, apresentando reivindicações de adoção de uma carta constitucional limitando os poderes monárquicos e estabelecendo direitos políticos à nação portuguesa. As manifestações liberais e constitucionalistas em Portugal, deve-se frisar, foram bastante influenciadas pelos acontecimentos de Cádiz, ocorridos no início do mesmo

²²⁴ Timothy ANNA. *La Caída del Gobierno Español en el Perú*. Op. cit., pp. 215-216; Brian H. HAMNETT. *Revolución y Contrarrevolución en México y el Perú*. Op. cit., pp. 324-326; Elizabeth Del Socorro HERNÁNDEZ GARCÍA. *La Elite Piurana y la Independencia del Perú: La lucha por la continuidad en la nascente república (1750-1824)*. Lima: Universidad de Piura, Pontificia Universidad Católica del Perú, Instituto Riva-Agüero, 2008, pp. 296-318; José Luis IGUE TAMAKI. *Bandolerismo, Patriotismo y Etnicidad Poscolonial: los “morochucos” de Cangallo, Ayacucho, en las guerras de independencia, 1814-1824*. Tesis de Licenciatura en Historia. Lima: PUCP, 2011; Cristina MAZZEO DE VIVÓ. *Las vicisitudes de la guerra de la independencia del Perú, 1817-1824*. Op. cit., pp. 35-40; Scarlett O’PHELAN GODOY. *San Martín y su paso por el Perú*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2010, p. 88.

ano. O exemplo espanhol se fez presente nos debates sobre as formas de escolher os deputados que integrariam as Cortes, inspirando-se os portugueses no modelo da Constituição gaditana. Após a eleição dos deputados portugueses europeus, foram instaladas, em fevereiro de 1821, as Cortes Gerais, Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa. Para o ano de 1821, previa-se a realização da escolha dos portugueses americanos que deveriam tomar assento nas sobreditas Cortes.²²⁵

Apesar das proximidades com o caso de Cádiz, o que ocorreu no Porto estava longe de ser um mero desdobramento do constitucionalismo e liberalismo espanhóis revividos, já que apresentou pontos muito próprios das aspirações e insatisfações existentes no Reino luso, conformando os discursos e projetos de um movimento que pretendia promover a Regeneração da Nação Portuguesa. No caso dos comerciantes locais, era evidente a pressão pelo fim dos acordos luso-britânicos que haviam levado à quebra do monopólio comercial de Portugal com o Brasil. O retorno de D. João VI a Lisboa foi, igualmente, um ponto fundamental das reivindicações dos deputados europeus. Para os peninsulares, a ideia de que Portugal havia se tornado uma colônia do Brasil representava uma avaliação extremamente crítica sobre a decadência local, cabendo aos deputados do país reverter esse quadro, recolocando o Reino de Portugal em uma posição hegemônica no interior do Império luso. Um passo importante nessa direção seria o retorno da Corte a Lisboa.²²⁶

No Peru, no mês de janeiro de 1821, um grupo de oficiais (membros da junta diretiva de guerra e liderados pelo general La Serna) reunidos no campo de Aznapuquio entregou ao vice-rei Pezuela um ultimato, exigindo-lhe a renúncia do cargo, pois era considerado o maior responsável pelos desastres da política realista no Vice-Reino. O chamado golpe de Aznapuquio resultou no afastamento de Pezuela do cargo de vice-rei, a partir de então assumido pelo general La Serna. O vice-rei destituído sairia de Lima somente em julho do mesmo ano, e na mesma semana em que San Martín entraria com suas tropas na cidade.²²⁷

²²⁵ Valentim ALEXANDRE. *Os Sentidos do Império*. Op. cit., pp. 452-465; Márcia Regina BERBEL. *A Nação como Artefato: Deputados do Brasil nas Cortes portuguesas, 1821-1822*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 1999, pp. 43-56; Andréa SLEMIAN, João Paulo G. PIMENTA. *O “Nascimento Político” do Brasil*. Op. cit., pp. 49-52.

²²⁶ Valentim ALEXANDRE. *Os Sentidos do Império*. Op. cit., pp. 470-476; Andréa SLEMIAN, João Paulo G. PIMENTA. *O “Nascimento Político” do Brasil*. Op. cit., p. 53.

²²⁷ Timothy ANNA. *La Caída del Gobierno Español en el Perú*. Op. cit., pp. 226-230; Brian H. HAMNETT. *Revolución y Contrarrevolución en México y el Perú*. Op. cit., pp. 330-331. Um estudo sobre as divergências que marcaram os oficiais realistas, e em especial as discrepâncias entre La Serna e

A mudança no comando do Vice-Reino não barrou os avanços das forças independentistas pelo território peruano, e nem amenizou a crise econômica e de abastecimento de víveres, principalmente em Lima, cujas comunicações com o interior estavam duramente afetadas pela presença de tropas insurgentes e pela ação de bandoleiros. Visando aumentar a capacidade de guerra, tanto realistas quanto patriotas passaram a oferecer a manumissão dos escravos que ingressassem nas tropas, o que representou um prejuízo para os proprietários escravistas. Para os oficiais realistas, ganhava corpo o perigo de que as forças invasoras cortassem as comunicações entre Lima e o Alto Peru. Procurando ganhar tempo, La Serna retomou as negociações com San Martín, ratificando-se um armistício entre as partes. Outras negociações, travadas entre San Martín e um representante da Corte espanhola, o capitão Manuel Abreu, foram realizadas, sem que se chegasse a um tratado de paz. Diante das dificuldades materiais de prosseguir a luta a partir de Lima, o vice-rei La Serna decidiu transferir seu governo para os Andes, de onde esperava poder organizar em melhores condições a luta contra os invasores, unindo-se às tropas realistas estacionadas no Alto Peru e esperando a chegada de reforços bélicos vindos da Península. No dia 6 de julho de 1821, o governo realista partiu da cidade de Lima. La Serna viria a instalar-se depois na cidade Cuzco, a qual se tornaria a nova capital das forças realistas, abastecida pelo porto da cidade de Arequipa, no sul do Vice-Reino. O porto de Callao, próximo a Lima, continuaria sob o controle dos militares realistas até setembro. Ainda em julho de 1821, no dia 14, as forças de San Martín ingressaram em Lima, declarando a independência do Peru. A partir desse momento e até 1824, o território peruano estaria dividido basicamente em dois: a costa, controlada pelas forças independentistas, e a serra, sob o domínio dos realistas.²²⁸

No mês de agosto de 1821, San Martín, sob o título de *Protector de la Libertad del Perú*, deu início à formação de um novo governo, revogando a Constituição de Cádiz, a qual deveria ser substituída, futuramente, por uma carta constitucional peruana. A tomada de Lima e a declaração de independência estavam longe de conferir

Pezuela sobre a condução da guerra contra os insurgentes, é o de José de la Puente Brunke. Cf.: José de la PUENTE BRUNKE. “‘Todo fue atolondramiento, todo confusión.’ Los militares realistas en la guerra de independencia del Perú y sus desventajas.” In: Carmen MCEVOY, Mauricio NOVOA, Elías PALTI. *En el Nudo del Imperio: Independencia y Democracia en el Perú*. Lima: IEP, IFEA, 2012, pp.187-206.

²²⁸ Timothy ANNA. *La Caída del Gobierno Español en el Perú*. Op. cit., pp.232-236; Brian H. HAMNETT. *Revolución y Contrarrevolución en México y el Perú*. Op. cit., pp. 330-345; Cristina MAZZEO DE VIVÓ. *Las vicisitudes de la guerra de la independencia del Perú, 1817-1824*. Op. cit.; Charles F. WALKER. *De Tupac Amaru a Gamarra*. Op cit., pp. 141-155.

estabilidade ao chamado Protetorado de San Martín, tendo em vista as limitações financeiras e humanas para organizar seus exércitos contra as tropas realistas (naquele momento, mais numerosas e melhor equipadas²²⁹), as dificuldades econômicas reinantes na capital e em outros pontos do território e a resistência de significativas parcelas das elites *limeñas* a seu governo. A oposição das elites locais a San Martín cresceria nos meses seguintes em virtude da rejeição à ascendente carga tributária, lançada para sustentar a guerra, assim como as críticas às medidas francamente antipeninsulares adotadas. As perseguições aos espanhóis europeus redundaram na expulsão e fuga de importantes comerciantes, proprietários rurais e membros da nobreza nascidos na Espanha, mas que mantinham laços familiares e econômicos com a elite crioula e a nobreza local. O projeto de implantação de uma monarquia constitucional, defendido por San Martín, também não encontrou a acolhida esperada entre os segmentos intelectuais do Peru e mesmo entre os nobres do Vice-Reino. Além dos atritos com as camadas dirigentes, a administração do Protetorado teve de lidar com a eclosão de episódios de violência popular em Lima e em outras localidades. No final daquele ano, foram convocadas eleições para a escolha dos membros do Congresso Constituinte.²³⁰

No Brasil de 1821, chegaram ao conhecimento dos moradores e autoridades os acontecimentos iniciados no Porto. No dia 1º de janeiro desse ano, o movimento constitucionalista português foi aceito na Capitania do Pará. Em Belém, um golpe militar depôs a junta interina que então estava no comando da capitania, substituindo-a por uma Junta Provisória de Governo. Como ainda não existia uma Constituição da

²²⁹ Brian H. Hamnett afirma que, em princípio de 1822, as forças de San Martín totalizavam aproximadamente 4 mil homens, ao passo que os exércitos realistas abarcavam de 7 a 8 mil soldados. Brian H. HAMNETT. *Revolución y Contrarrevolución en México y el Perú*. Op. cit., p. 344.

²³⁰ Cristóbal ALJOVÍN DE LOSADA. “La Constitución de 1823.” In: Scarlett O’PHELAN GODOY (compiladora). *La Independencia del Perú: De los Borbones a Bolívar*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Instituto Riva-Agüero, 2001, pp. 351-378; Timothy ANNA. *La Caída del Gobierno Español en el Perú*. Op. cit., pp. 236-252; Brian H. HAMNETT. *Revolución y Contrarrevolución en México y el Perú*. Op. cit., pp. 330-345; Jorge BASADRE GROHMAM. *Historia de la República del Perú (1822-1933): La época fundacional de la República (1822-1842), Tomo I*. Lima: El Comercio, sin fecha, p. 37; Alberto FLORES GALINDO. *La Ciudad Sumergida: Aristocracia y plebe en Lima, 1760-1830*. Lima: Editorial Horizonte, 1991, pp. 170-178. Cristina MAZZEO DE VIVÓ. *Las vicisitudes de la guerra de la independencia del Perú, 1817-1824*. Op. cit.; Gustavo MONTROYA. *La Independencia del Perú y el Fantasma de la Revolución*. Lima: IEP/IFEA, 2002, pp. 113-118; Scarlett O’PHELAN GODOY. *San Martín y su paso por el Perú*. Op. cit., pp. 41-72; Paul Rizo PATRÓN BOYLAN. “Las emigraciones de los súbditos realistas del Perú hacia España durante la crisis de la independencia.” In: Scarlett O’PHELAN GODOY (compiladora). *La Independencia del Perú*. Op. cit., pp. 407-428; Paul Rizo PATRÓN BOYLAN. “La nobleza del Perú ante la Independencia.” In: Juan Luis ORREGO PENAGOS, Cristóbal ALJOVÍN DE LOSADA, José Ignacio LÓPEZ SORIA (compiladores). *Las Independencias desde la Perspectiva de los Actores Sociales*. Lima: OEI, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Pontificia Universidad Católica del Perú, 2009, pp. 197-215

Nação Portuguesa (os trabalhos para sua elaboração só teriam início no mês seguinte), adotou-se temporariamente o texto constitucional de Cádiz. A partir daquele momento, o governo de Belém rompia seus vínculos com a Corte instalada no Rio de Janeiro, submetendo-se ao governo constitucional de Lisboa, jurando-se obediência a D. João VI, à casa de Bragança, às Cortes e à futura Constituição. A Capitania do Pará tornava-se, então, uma *Província*,²³¹ o mesmo ocorreria nas demais capitanias do Brasil que foram aderindo ao movimento iniciado no Porto. Em fevereiro, a Bahia seguiu o mesmo caminho, tendo ocorrido, nesse caso, confrontos armados entre tropas partidárias da adesão às Cortes lisboetas e forças contrárias à mudança. Em outras capitanias, a recepção das notícias sobre os acontecimentos no Porto e em Lisboa também levou à ocorrência de pressões e conspirações contra os governadores constituídos (algumas delas bem sucedidas, logrando a deposição das autoridades), reivindicando-se a instalação de juntas governativas e o reconhecimento do movimento constitucional.²³²

Se para as elites econômicas e políticas locais a adesão às Cortes sinalizava a possibilidade de ampliar seus espaços políticos, para a “arraia miúda” e os cativos africanos havia a perspectiva de que se modificassem amplamente as bases da sociedade; nesse caso, foi comum a divulgação de pasquins e de boatos sobre o eminente fim da escravidão, o que deixava em alerta as autoridades e os proprietários em áreas de grande concentração de escravos, como Maranhão, Bahia e Minas Gerais. Em fevereiro, no dia 26, no Rio de Janeiro, D. João VI, pressionado por protestos de tropas e de moradores, aderiu à chamada Regeneração. Esse acontecimento precipitou a formação de novas juntas governativas ao longo do ano de 1821. No dia 26 de abril, D. João VI partiu rumo a Lisboa, deixando no Rio de Janeiro o príncipe D. Pedro como Regente. No decorrer daquele ano, as províncias do Brasil realizaram (pela primeira vez) eleições para a escolha dos seus representantes nas Cortes, processo que ocorreu

²³¹ Maria de Fátima Silva Gouvêa informa que, “entre 1808 e 1821, as palavras *capitania* e *província* eram usadas de forma alternada e ambivalente na legislação editada pela Coroa portuguesa, sendo ambos os termos utilizados na designação das unidades territoriais que integravam o império luso na América”. Ainda segundo a autora, a partir de 1821 foram estabelecidas as modificações legais que dariam forma às províncias como corpos administrativos distintos das capitanias, instituindo-se para sua administração juntas provisórias de governo, escolhidas por meio do voto dos “eleitores de paróquia de província.” Cf.: Maria de Fátima Silva GOUVÊA. *O Império das Províncias: Rio de Janeiro, 1822-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, pp. 17-18.

²³² Antonio Ladislau Monteiro BAENA. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969, pp. 319-324; Márcia Regina BERBEL. *A Nação como Artefato*. Op. cit., pp.57-65; Ernesto CRUZ. *História do Pará*. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973, pp. 141-143; Thomas WISIAK. *A Nação Partida ao Meio: tendências políticas na Bahia na crise do Império Luso-Brasileiro*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: USP, 2001.

em meio a intensos debates na esfera pública, favorecidos pela proliferação de jornais e pela liberdade de imprensa decretada pelo movimento regenerador português.²³³

No extremo sul do território, outra modificação sensível ocorreu com a transformação da Banda Oriental em Província Cisplatina, formalmente incorporada ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves em julho de 1821. A criação da nova província foi decidida por um congresso em Montevideu que contou com a presença de representantes de cabildos locais. Do ponto de vista dos interesses americanos da Corte lusa, a inserção desse espaço na nação portuguesa representava uma segurança contra a eclosão de conflitos armados e ameaças às estruturas socioeconômicas na fronteira meridional, algo que ficou patente com a vitória em 1820 das armas portuguesas sobre Artigas, representante de um projeto radical de reforma da sociedade. Economicamente, além disso, havia uma interrelação dos grupos fundiários e comerciais orientais com o Reino do Brasil, com a conexão comercial de Montevideu com as praças mercantis do Rio Grande, Rio de Janeiro e outras partes do território luso-americano. Como parte integrante da Monarquia portuguesa, a Província Cisplatina tinha o direito de enviar seu representante às Cortes em Lisboa. O aprofundamento de conflitos dos habitantes da Cisplatina com as autoridades portuguesas (e depois brasileiras), e os conflitos envolvendo o futuro Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata levariam, em 1828, à criação da República Oriental do Uruguai.²³⁴

No Peru, os trabalhos do Congresso Constituinte tiveram início em setembro de 1822. Contando com 79 deputados (Maynas tinha direito a um representante), o Congresso era dominado pelos defensores do modelo republicano, o que contribuiu para inviabilizar as propostas de adoção de uma monarquia constitucional para o país. Ainda em setembro, San Martín retirou-se do Peru rumo ao Chile, ficando as tarefas do poder executivo a cargo de uma Junta Governativa composta por três deputados. No mês de dezembro, foram aprovadas as bases da Constituição política peruana. Em fevereiro de 1823, o congresso elegeu José de la Riva-Agüero como primeiro presidente do Peru.²³⁵

²³³ José Murilo de CARVALHO, Lúcia BASTOS, Marcello BASILE (org.). *Às Armas, Cidadãos! Panfletos manuscritos da independência do Brasil (1820-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, pp. 7-22; Jorge PEDREIRA, Fernando Dorez COSTA. *D. João VI*. Op. cit., pp. 340-363.

²³⁴ João Paulo G. PIMENTA. *Estado e Nação no Fim dos Impérios Ibéricos no Prata*. Op. cit., pp. 169-186; Fábio FERREIRA. *O General Lecor, os Voluntários Reais e os Conflitos pela Independência do Brasil na Cisplatina (1822-1824)*. Tese de Doutorado em História Niterói: UFF, 2012.

²³⁵ Jorge BASADRE GROHMAM. *Historia de la República del Perú*. Op. cit., pp. 38-50.

Os primeiros passos da montagem do regime republicano peruano conviveram, e foram intensamente afetados, pela continuidade da guerra contra as forças militares realistas, ainda dominantes em parte do país, principalmente na área *surandina*. Nos anos de 1823 e 1824, a deposição de Riva-Agüero pelo Congresso e sua substituição por Torre Tagle, as lutas entre os grupos partidários do presidente deposto (que continuou governando a partir de Trujillo) e de seu substituto em Lima, as vitórias das forças de La Serna (incluindo as tomadas de Lima em junho de 1823 e em fevereiro de 1824, permanecendo na cidade até dezembro desse ano), o ingresso de Bolívar no território peruano a fim de derrotar os realistas, os motins de tropas pró-Independência, a chegada de exércitos da Colômbia, do Chile e do Rio da Prata no país, constituem elementos do caótico panorama peruano. De fato, a reincorporação do Peru à Monarquia espanhola parecia um desfecho mais possível naquele momento do que a consolidação de sua independência. Porém as divergências entre os comandantes realistas, bem como os sucessos militares das tropas comandadas por Bolívar e Sucre, no segundo semestre de 1824, criaram as possibilidades para reverter o quadro, culminando com a vitória dos patriotas na batalha de Ayacucho, no dia 9 de dezembro daquele ano.²³⁶

No Brasil, os trabalhos levados a cabo nas Cortes portuguesas, entre 1821-1822, foram atentamente acompanhados e discutidos em uma esfera pública cada vez mais efervescente. Entre os representantes das províncias brasileiras em Lisboa, havia a clara preocupação com a manutenção da unidade da nação portuguesa e da Monarquia sob o sistema constitucional. Desse modo, não havia por parte dos deputados portugueses da América um projeto comum, representando os interesses de todo o Reino do Brasil, e que se contrapusesse àqueles dos peninsulares. Mesmo a manutenção da Corte na América não foi algo consensual entre os representantes do Brasil, tendo em vista a importância para províncias como Maranhão e Pará de que Lisboa voltasse a ser o centro político da Monarquia lusa.²³⁷

²³⁶ Timothy ANNA. *La Caída del Gobierno Español en el Perú*. Op. cit., capítulo 9; Jorge BASADRE GROHMAM. *Historia de la República del Perú*. Op. cit., capítulos 2 e 3; John LYNCH. *Las Revoluciones Hispanoamericanas*. Op. cit., pp. 265-276; Cristina MAZZEO DE VIVÓ. *Las vicisitudes de la guerra de la independencia del Perú, 1817-1824*. Op. cit., pp. 45-52; Scarlett O'PHÉLAN GODOY. "Sucre en el Perú: entre Riva-Agüero y Torre Tagle." In: Scarlett O'PHÉLAN GODOY (compiladora). *La Independencia del Perú*. Op. cit., pp. 379-406; Natalia SOBREVILLA PEREA. "Questionando o significado de *Pátria*: tornando-se peruano durante a guerra, 1809-1824." In: Marco PAMPLONA, Maria Elisa MÄDER (org.). *Revoluções de Independência e Nacionalismos nas Américas – Peru e Bolívia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, pp. 19-62.

²³⁷ Márcia Regina BERBEL. *A Nação como Artefato*. Op. cit., pp. 80-81.

No entanto, a defesa de um projeto político centrado na continuidade do Rio de Janeiro como centro político tomou corpo ao longo dos debates na Corte. Tal proposta foi encampada principalmente pelos representantes da Província de São Paulo, defendendo-se também a permanência do Príncipe D. Pedro como Regente no Brasil.²³⁸ Essas propostas ganharam força com a adesão de deputados de outras províncias, principalmente do centro-sul (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande). Além disso, essas bandeiras políticas coadunavam-se com a defesa da manutenção dos laços econômicos existentes entre essas partes do território luso-americano, mantendo-se o Rio de Janeiro como o centro comercial e político desse território, preservando-se igualmente os laços comerciais que o escravismo atlântico tornou possível entre os grandes comerciantes do Rio e os portos africanos. As recusas dos deputados peninsulares à proposta de manutenção de um centro político-administrativo na América, além de outro em Lisboa, foram compreendidas pelos representantes do Brasil (e por jornais que circulavam nas províncias da América) como uma tentativa de “recolonização” empreendida pelas Cortes, o que colocaria em risco a autonomia política da parte americana do Reino Unido.²³⁹

Em janeiro de 1822, a proposta de continuidade de um centro político no Brasil ganhou mais apoio com a decisão do príncipe D. Pedro de permanecer no Rio de Janeiro como Regente. Em seguida, o Príncipe deu início à organização de um ministério, deixando clara a defesa da autonomia política do Brasil (o que, naquele momento, não significava o rompimento com Portugal). Em junho, previu-se também a instalação de uma Assembleia Legislativa, chamada de “Cortes do Brasil,” e que deveria atuar na coordenação dos interesses comuns às províncias constitutivas do Reino do Brasil.²⁴⁰ Tais medidas, no entanto, foram alvos de críticas por parte de segmentos das elites do Brasil, principalmente nas províncias do norte, que defendiam a soberania das Cortes e de D. João V. A crescente oposição das Cortes de Lisboa às manifestações de autonomia do Rio de Janeiro, assim como a consolidação do apoio no centro-sul do Brasil a um projeto político que rompesse com o Reino Unido preservando as

²³⁸ Como observa Márcia Reginal Berbel, “a qualidade de reino para o Brasil era o centro do Programa de São Paulo, pois expressava a articulação dos setores privilegiados pelo estabelecimento da Corte portuguesa no Centro-Sul do Brasil.” Márcia Regina BERBEL. *A Nação como Artefato*. Op. cit., p. 133.

²³⁹ Márcia Regina BERBEL. “A retórica da recolonização.” In: István JANCÓS (org.). *Independência: História e Historiografia*. Op. cit., pp. 791-808; Cecília Helena de Salles OLIVEIRA. *A Astúcia Liberal*. Op. cit.

²⁴⁰ Andréa SLEMIAN. *Sob o Império das Leis: Constituição e unidade nacional na formação do Brasil (1822-1834)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2006, pp. 67-68.

autonomias locais, contribuíram para criar condições favoráveis à proposta de independência. Em 7 de setembro de 1822, a independência foi declarada pelo príncipe Pedro, o qual, no dia 12 de outubro do mesmo ano, foi aclamado como D. Pedro I, primeiro monarca do Império do Brasil.

No restante do ano de 1822 e durante o de 1823, o projeto de um Estado brasileiro, centrado na articulação do Rio de Janeiro e províncias vizinhas, teve que conquistar o apoio das demais províncias, procurando-se, assim, recompor na nova unidade política independente a territorialidade da América portuguesa. As campanhas militares ordenadas a partir do Rio de Janeiro se dirigiram àquelas províncias onde grupos fiéis às Cortes de Lisboa permaneciam à frente das juntas governativas, muito embora houvesse dissidências locais favoráveis ao chamado sistema do Rio de Janeiro. No dia 2 de julho de 1823, as tropas do nascente império, apoiadas por uma esquadra comandada por Cochrane²⁴¹ (o mesmo que, anos antes, participara das guerras de emancipação do Chile e do Peru), derrotaram em Salvador as forças contrárias à independência. No mesmo mês, o Maranhão capitulou, também sob a força das armas.²⁴² Em 15 de agosto, debaixo da ameaça de um ataque naval à cidade de Belém, a Junta local aderiu ao regime implantado no Brasil. No Rio Negro, a adesão ocorreu no dia 9 de novembro. A Província Cisplatina (onde grupos locais se dividiam entre seguir as Cortes lisboetas, rejeitar a dominação portuguesa/brasileira ou integrar o governo sediado no Rio de Janeiro) só aderiu ao novo império em fevereiro de 1824, depois de um bloqueio militar à Montevideu.²⁴³

Além da pressão armada, durante o ano de 1823 foram escolhidos os representantes provinciais para compor a assembleia que elaboraria a Constituição do Império. As acirradas disputas entre os membros da assembleia sobre a configuração do novo Estado foram a justificativa para que o Imperador determinasse o fechamento da

²⁴¹ Sobre o sítio ao porto de Salvador pela esquadra de Lord Cochrane, conferir: Richard GRAHAM. “‘Ao mesmo tempo sitiados e sitiadores’: a luta pela subsistência em Salvador (1822-1823).” In: István JANCÓS. *Independência: História e Historiografia*. Op. cit., pp. 411-445.

²⁴² Sobre a guerra de independência no Maranhão, conferir: Matthias Röhrig ASSUNÇÃO. “Miguel Bruce e os ‘Horrores da Anarquia’ no Maranhão, 1822-1827.” In: István JANCÓS. *Independência: História e Historiografia*. Op. cit., pp. 345-378.

²⁴³ João Paulo G. PIMENTA. *Estado e Nação no Fim dos Impérios Ibéricos no Prata*. Op. cit., pp. 186-192; Arthur Cezar Ferreira REIS. “O processo de Independência no Norte.” In: Carlos Guilherme MOTA. *1822: Dimensões*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986, pp.187-204; Carlos Guilherme MOTA. “O processo de Independência no Nordeste.” In: Carlos Guilherme MOTA. *1822: Dimensões*. Op. cit., pp. 205-250; Ron SECKINGER. *The Brazilian Monarchy and the South American Republics, 1822-1831: Diplomacy and State Building*. Baton Rouge and London, Louisiana State University Press, 1984, pp. 59-73.

mesma. O texto constitucional final, elaborado por um conselho escolhido por D. Pedro I, viria a ser outorgado em 1824.²⁴⁴ As adesões, impostas pela ameaça militar ou pelo uso da violência, assim como a elaboração de uma carta constitucional, não significaram a consolidação do projeto de uma independência brasileira e de seu sistema imperial, ocorrendo a eclosão de críticas, protestos e revoltas no recém-nascido Império brasileiro ao longo da década de 1820.

Maynas e Rio Negro: no limiar das rupturas.

Escrevendo sobre a historiografia peruana a respeito do processo de independência, Susana Aldana Rivera sublinha a ênfase sobre a área sul dos Andes, ao passo que o grande espaço do norte peruano é pouquíssimo estudado, a despeito de seu papel chave na luta independentista. Em outra vertente, segundo a autora, situam-se os trabalhos que buscam entender a independência na região norte somente a partir de um viés local, ressaltando os atores sociais nativos e os fatos que marcaram o processo independentista na região. Desse modo, tal leitura acaba por não atentar para as conexões mais amplas do fato, no que desempenham um papel importante não apenas as questões conjunturais, mas igualmente as interrelações de um determinado espaço. Assim, Aldana Rivera, em seu trabalho, enfoca as conexões econômicas, sociais e políticas entre o norte do Vice-Reino do Peru e o sul da Audiência de Quito, constituindo uma macrorregião que ela denomina de *surquiteña-norlimeña*.²⁴⁵

As considerações de Aldana Rivera podem ser tomadas como ponto de partida para pensar a independência na parte menos conhecida desse grande norte peruano, sua fronteira oriental, isto é, Maynas.²⁴⁶ As referências à província fronteiriça são esporádicas na historiografia sobre a independência peruana, e os (poucos) trabalhos específicos sobre a região nesse momento tendem a adotar uma análise essencialmente local. No entanto, a ocorrência do movimento de independência (ou o rechaço a ele) em Maynas deveria levar em conta a condição de espaço fronteiriço dessa área, não apenas

²⁴⁴ Andréa SLEMIAN. *Sob o Império das Leis*. Op. cit., pp. 71-75 e *passim*.

²⁴⁵ Susana ALDANA RIVERA. "La Independencia de un Gran Espacio: una propuesta de investigación para el norte peruano." *Boletín del Instituto Riva-Agüero*, n. 19, 1992, pp. 29-44.

²⁴⁶ Como afirma Susana Aldana Rivera em outro trabalho: "De la selva nada se conoce; fue (y es) el espacio posible, apenas descubierto, la tierra de la aventura y de las misiones religiosas." Susana ALDANA RIVERA. "Un Norte diferente para la independencia peruana." *Revista de Indias*, vol. LVIII, n. 209, 1997, pp. 141-164.

em relação a Quito, mas também em relação à extensa e problemática fronteira com a América lusa. De igual modo, no Rio Negro, as mudanças e incertezas vivenciadas pelo conjunto das terras portuguesas no início da década de 1820 foram equacionadas a partir das experiências inerentes à condição fronteiriça do território rio-negrino.

A vitória da causa independentista em Maynas esteve associada às pressões de Trujillo sobre a extensa porção norte do Vice-Reino do Peru. Declarada a independência pelo cabildo *trujillano* em 29 de dezembro de 1820, o intendente local, José Bernardo de Tagle y Portocarrero, Marquês de Torre Tagle, escreveu às autoridades da região no intuito de convencê-las a seguir o mesmo caminho, noticiando as recentes vitórias das forças patrióticas e a esperada queda dos realistas em Lima. Entre o final de 1820 e o começo do ano seguinte, a independência foi proclamada em Tumbes, Piura, Lambayeque, Cajamarca, Huamachuco, Pataz-Cajamarquilla, Chota e Chachapoyas. Em janeiro, a cidade de Moyobamba, sede política e do bispado de Maynas, foi intimada a aderir à causa patriótica. O governador da Província, Manuel Fernández Álvarez, partidário dos realistas, rechaçou o convite, preparando a resistência militar com a tropa local de soldados veteranos. Além disso, o governador Fernández Álvarez iniciou a preparação de um ataque a Chachapoyas. O Bispo Sanchez Rangel, por sua vez, utilizou-se de sua influência para combater a causa independentista, ameaçando de excomunhão os maynenses que aderissem aos inimigos da Monarquia espanhola.²⁴⁷

Diante da resistência, Trujillo organizou uma expedição militar para derrotar os realistas da fronteira. Tendo em vista a eminente expedição militar dos patriotas, o comando militar realista refugiou-se em Laguna, de onde pretendia organizar a resistência aos insurgentes. Em uma junta celebrada no dia 23 de fevereiro de 1821 pelo governador, oficiais militares e autoridades religiosas, planejou-se um conjunto de medidas para expulsar os invasores, prevendo-se que seria possível reunir até 200 homens nas tropas realistas.²⁴⁸ Em outra ocasião, as forças do governador Fernández Álvarez procuraram reequipar-se com o auxílio dos realistas que permaneciam em Quito, de onde conseguiram trazer 2200 balas e duas arrobas de pólvora, o que, porém,

²⁴⁷ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p. 459.

²⁴⁸ AGI, Quito 274. “Exposición económica política documentada de los sucesos ocurridos en el gobierno eclesiástico, civil y militar de las provincias de Mainas, invadidas por los disidentes del Perú en los años de 1820 y 1821,” por Don José Maria Padilla y Aguila. Madrid, 1823. Acta, documento número primero, pp.12-13.

não socorria às necessidades de sua tropa.²⁴⁹ O Bispo de Maynas, por sua vez, decidiu refugiar-se em Tabatinga, posto que fosse impossível empreender a fuga por outro ponto do território peruano.²⁵⁰ Antes, porém, lançou uma pastoral aos moradores, instando-os a não reconhecer o novo sistema político e manterem-se fieis ao Monarca e à religião. Junto com o bispo, em Tabatinga, refugiou-se seu secretário, frei José Maria Padilla y Águila.

A expedição contra os realistas, comandada pelo comerciante *moyobambino* Pedro Pascacio Noriega e composta por 50 homens armados, chegou a Moyobamba no dia 10 de março de 1821, tendo sido, porém, derrotada. Por ordem das autoridades realistas, Pedro Pascacio²⁵¹ foi fuzilado na *plaza mayor* da cidade, outros patriotas foram presos. Com a derrota dos patriotas, o governador Fernández Álvarez retornou a Moyobamba; o bispo também retornou para o lado espanhol da fronteira. O próximo passo foi esboçar uma contraofensiva: nos planejamentos do governador, os realistas de Maynas, unidos aos que ainda resistiam no norte peruano, organizariam uma força estimada em 600 homens, tomariam Chachapoyas e outras cidades, isolando a insurgente cidade de Trujillo. Tais planos, no entanto, chegaram ao conhecimento de Torre Tagle, que ordenou o envio de reforço militar a Chachapoyas (50 soldados sob as ordens do tenente coronel Juan Valdivieso e de José Maria Egusquiza), chegando à cidade no início de maio. Engrossando suas forças com a adesão de moradores, Valdivieso e Egusquiza conseguiram reunir quase 300 homens. No dia 4 de junho, a causa dos patriotas no norte logrou mais uma vitória com a proclamação da independência em Jaén de Bracamoros. No dia 6, ocorreu a batalha entre as tropas

²⁴⁹ AGI, Quito 274. “Exposición económico política documentada de los sucesos ocurridos en el gobierno eclesiástico, civil y militar de las provincias de Mainas, invadidas por los disidentes del Perú en los años de 1820 y 1821,” por Don José Maria Padilla y Águila. Madrid, 1823. Contestación, documento número noveno, p. 24.

²⁵⁰ AGI, Quito 274. “Exposición económico política documentada de los sucesos ocurridos en el gobierno eclesiástico, civil y militar de las provincias de Mainas, invadidas por los disidentes del Perú en los años de 1820 y 1821,” por Don José Maria Padilla y Águila. Madrid, 1823. Pasaporte, documento número segundo, pp. 15-16.

²⁵¹ Sobre esse personagem, considerado um mártir da luta independentista em Maynas, escreveu Jenaro Herrera em artigo da década de 1910: “Fué subteniente de milicias en 1819, comerciante, que había emprendido varios viajes por los ríos Marañón y Huallaga, visitó las ciudades de Lima y Trujillo, en donde se contaminó con la tendencia republicana, habiendo publicado en la primera de esas ciudades, en 30 de enero del año citado, un folleto que es una queja l Virrey respecto de los abusos practicados contra él por las autoridades de Moyobamba (...). Al pasar por Huara conoció al Protector San Martín que lo ganó a la causa de la Independencia (...).” Jenaro HERRERA. *El proceso de la independencia en Maynas, 1820-1824*. Iquitos: Impr. y Libr. H. Reátegui, 1917, p. 12. Não deixa de ser interessante o fato de Pedro Pascacio ser um comerciante, o que conferia a ele a possibilidade de circular com mais frequência por um espaço além da Província de Maynas, mantendo contatos com pessoas e ideias políticas que, ao que parece, o influenciaram em sua crítica às autoridades da fronteira.

comandadas por Valdivieso e as realistas no campo de Higos Urcos, próximo a Chachapoyas, culminando com a vitória dos patriotas. A derrota militar dos realistas forçou a fuga das autoridades políticas de Moyobamba, ficando o poder nas mãos do *ayuntamiento* local; no dia 19 de agosto, foi proclamada a independência de Maynas. No mês seguinte, o mesmo *ayuntamiento* escolheu Joaquín Ramos, administrador dos correios, para exercer o cargo de governador.²⁵²

Outra medida tomada pelos patriotas, assim que conquistaram a capital de Maynas, foi organizar uma nova força militar local, o chamado “Batallón de Cazadores Cívicos de Moyobamba,” a qual deveria combater os realistas que ainda resistiam na província. Além dessa função, essa força armada, projetada para reunir 800 homens, seria destinada à segurança da fronteira, resguardando as áreas limítrofes com Quito e com os portugueses.²⁵³ Nesse sentido, as medidas visando consolidar a vitória da causa da independência, em Maynas, estavam desde o início intrinsecamente associadas ao controle sobre a fronteira, procurando-se fechá-la para os realistas e evitar uma possível ameaça dos portugueses.

Os realistas derrotados tornaram a se reunir em Laguna. Pouco tempo depois, no entanto, as autoridades realistas que ainda permaneciam na província decidiram rumar para o lado português da fronteira. Em uma reunião ocorrida em Pebas, no dia 17 de agosto de 1821, os oficiais espanhóis avaliaram os obstáculos que enfrentavam: a carência de armas e recursos, as tropas realistas eram poucas, alguns soldados haviam passado para o lado dos insurgentes, povoados da região foram abandonados já que os índios fugiram para “lo interior de las montañas.” Além disso, havia chegado ao conhecimento dos oficiais realistas de Maynas a notícia do juramento à independência ocorrido em Lima, ainda que essa informação, naquela altura, merecesse deles pouco crédito. Diante da difícil situação, o tenente José Matos afirmou: “pasemos a la península, donde pueda nuestro soberano y la nación disponer de nosotros, porque aquí ya no servimos de nada.”²⁵⁴

²⁵² “Acta de la jura de la independencia.” Apud: Carlos LABURRE Y CORREA. *Colección de Leyes, Decretos, Resoluciones, y Otros Documentos Oficiales referentes al Departamento de Loreto* (CLDRDL). pp.8-9; Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp. 461-464; Jenaro HERRERA. *El proceso de la independencia en Maynas*. Op. cit., pp. 9-16.

²⁵³ CLDRDL. Ofício de Domingo Albariño a Juan Antonio Alvares Arenales. Moyobamba, 20/03/1822, p. 27.

²⁵⁴ AGI, Quito 274. “Exposición económico política documentada de los sucesos ocurridos en el gobierno eclesiástico, civil y militar de las provincias de Mainas, invadidas por los disidentes del Perú en los años de 1820 y 1821,” por Don José Maria Padilla y Aguila. Madrid, 1823. Acta celebrada por el gobierno y

A rota Maynas-Rio Negro tornou-se o refúgio (ou a esperança de refúgio) para realistas do norte peruano e de áreas hispano-americanas vizinhas. Como recordou o padre José Maria Padilla, “Maynas era la única esperanza a los emigrados europeos en su desventurada persecución y fuga.” Entre os que chegaram à fronteira hispano-portuguesa, Padilla citou o caso do tenente-coronel Minguez, um catalão que partiu de Quito, navegando pelo rio Napo; o comandante do porto de Payta, José de Valdez, que chegou a Maynas atravessando Jaén de Bracamoros; pelo rio Huallaga, fugiu o coronel espanhol Carlos Tolrá, ao passo que também haviam tentado fugir para Maynas o bispo de Santander e o bispo de Popayán.²⁵⁵

Os refugiados chegavam a Tabatinga, seguindo depois pelo Rio Negro até a cidade de Belém, de onde retornaram à Espanha. Outros, porém, permaneceram no Rio Negro. Esse foi o caso do padre Bruno, que o viajante Henry Lister Maw conheceu em Tabatinga. Segundo Maw, padre Bruno era natural de Havana, havia vivido no Peru, deixando o país “durante as desordens da revolução.” Além de desempenhar as funções religiosas em Tabatinga e São Paulo de Olivença, ele era agente comercial do intendente de Moyobamba, e “diziam que tinha ganho (sic) algum dinheiro negociando em salsaparrilha e ferragens.” Politicamente, Maw o definiu como “liberal nas suas opiniões, ainda que pendia para a antiga ordem política.” Tendo vindo do Peru, Maw foi questionado pelo padre sobre os “efeitos produzidos pela revolução no Peru.” Em outra localidade rio-negrina, Fonte Boa, Maw encontrou-se com outro “padre espanhol, que tinha deixado o Peru em consequência da revolução.”²⁵⁶

Esses refugiados foram informantes privilegiados para as autoridades portuguesas sobre o desenrolar dos conflitos na América espanhola. Com relação à Província de Maynas, o Bispo Sánchez Rangel relatou ao comandante de Tabatinga que todos os países limítrofes estavam nas mãos de “maus espanhóis,” ao passo que o governador realista da província, Manuel Fernández Álvarez, em um documento enviado ainda de Laguna, noticiou aos portugueses que a cidade de Lima encontrava-se

demás oficiales para abandonar la provincia. Documento número décimo, pp. 25-28. Em sua obra “Compêndio das Eras da Província do Pará”, Antônio Ladislau Monteiro Baena informa que o Bispo de Maynas partiu de Belém para a Europa em junho de 1822. Antonio Ladislau Monteiro Baena. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. pp. 553-554.

²⁵⁵ AGI, Quito 274. “Exposición económico política documentada de los sucesos ocurridos en el gobierno eclesiástico, civil y militar de las provincias de Mainas, invadidas por los disidentes del Perú en los años de 1820 y 1821,” por Don José Maria Padilla y Aguila. Madrid, 1823. Carta, documento número trece, nota 1, p.33.

²⁵⁶ Henry Lister MAW. *Narrativa da Passagem do Pacífico ao Atlântico*. Op. cit., p. 152, 161, 179.

“presentemente rendida ao general das tropas do Chile, D. José de San Martín,” pelo que solicitava autorização para ingressar na Capitania do Rio Negro. Informou ainda o governador que, no Peru, a independência já havia sido jurada em doze comarcas, e que nas forças dos insurgentes estavam servindo sete mil homens.²⁵⁷

O tenente-coronel José de Valdez (referido anteriormente pelo padre José Maria Padilla como um dos oficiais realistas que fugiram para Maynas) também remeteu à Junta Provisória do Grão-Pará um testemunho sobre os acontecimentos do Peru, principalmente na parte norte, no tempo em que servia no porto de Payta. Relatou Valdez que San Martín, ao desembarcar na costa norte com um “cuerpo considerable de tropas”, estabeleceu correspondência com “el ingrato brigadier Marqués de Torre Tagle,” conquistando seu apoio, o que facilitou a sublevação das províncias de Lambayeque, Trujillo, Chota, Cajamarca e Chachapoyas. Com o avanço dos patriotas, Valdez retirou-se para uma fazenda, mas acabou preso por “el caudillo San Martín.” O oficial realista permaneceu detido na casa de Felix Olazábal – militar ligado a San Martín e também um veterano das campanhas do Chile, e que se destacaria em campanhas militares no norte do Peru e em Quito.²⁵⁸ Enquanto permaneceu preso sob as ordens de Olazábal no porto de Payta, Valdez relatou ter presenciado a chegada de uma correspondência à casa desse oficial insurgente: tratava-se de sete cartas que haviam sido trazidas por uma fragata britânica procedente do Rio de Janeiro, com escala em Valparaíso. Segundo relato de Valdez, as cartas que chegaram às mãos de Olazábal, redigidas em francês e inglês e “todas escritas en Pernambuco,” traziam “dos renglones impresos en lengua castellana, el primero decía *Fraternidad, Unión y Libertad*, y en el outro *Muera el despotismo, mueran los tiranos, viva la independencia*.”²⁵⁹ Valdez não soube qual era o conteúdo das ditas cartas, mas o fato delas terem vindo do Reino do Brasil, e mais precisamente de Pernambuco (local que havia conhecido a mais veemente contestação à ordem monárquica em 1817, e onde, em 1821, ocorria um conflito armado entre as juntas governativas de Recife de Goiana²⁶⁰) certamente despertava a atenção não apenas do oficial espanhol, mas principalmente das autoridades portuguesas.

²⁵⁷ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 151, D. 11635. Carta da Junta Provisória do Governo da Província do Pará para o Secretário da Junta Provisional do Governo Supremo do Reino em Lisboa, Francisco Maximiliano de Sousa. Belém, 13/07/1821.

²⁵⁸ General Tomás IRIARTE. *Glorias Argentinas: Recuerdos Historicos, 1818-1825*. Buenos Aires: Librería de la Victoria, 1858, p. 94.

²⁵⁹ APEP, Códice 673. Ofício de José de Valdez à Junta Provisória do Governo do Pará. Belém, 19/12/1821.

²⁶⁰ Denis Antônio de Mendonça BERNARDES. *O Patriotismo Constitucional*. Op. cit., capítulo 6.

Haveria uma conexão entre os insurgentes comandados por San Martín e sediciosos em Pernambuco ou em outros pontos do Reino do Brasil? Vale lembrar as relações mantidas na cidade de Baltimore entre participantes da Revolução de 1817 e representantes de Bolívar, e os supostos planos de invasão do Rio Negro a partir da Venezuela, como foi discutido anteriormente nesse capítulo. Essas possíveis conexões, inferidas com base no relato de Valdez, poderiam atravessar, a partir de Maynas, as fronteiras do Rio Negro, alimentando discursos e ações contra o “despotismo” e a favor da “independência” no lado português?²⁶¹

As informações recolhidas pelas autoridades do Grão-Pará a partir de escritos e depoimentos dos refugiados vindos de Maynas comporiam parte do acervo de referências díspares e multifacetadas oriundas da América espanhola, alertando para os rumos das revoluções vizinhas e seus perigos para o mundo luso-americano. No início da década de 1820, havia um crescente temor (enunciado na imprensa, nos debates políticos, nas reflexões de homens de Estado e demais autoridades) com respeito às influências revolucionárias dos territórios hispano-americanos sobre o Brasil, constituindo exemplos que solapariam a fidelidade monárquica dos súditos luso-americanos, principalmente em uma conjuntura em que a Monarquia portuguesa enfrentava dilemas e desafios sem precedentes.²⁶²

Entre os oficiais patriotas em Maynas, a vitória sobre as forças realistas em Higos Urcos e a fuga para Tabatinga das autoridades realistas não eliminaram o temor de uma nova ofensiva militar que colocasse em risco a independência na fronteira. Já em outubro, o governador de Chachapoyas solicitava a Trujillo o reforço de homens e armas contra um possível ataque dos realistas. No entendimento do governador, havia a possibilidade de que os realistas espanhóis contassem com o auxílio dos portugueses do Brasil.²⁶³ O temor de uma invasão lusa, recorrente desde o início da colonização espanhola na área, era, nessa conjuntura, redimensionado à luz dos embates políticos da independência, tornando possível a conformação de uma aliança monárquica luso-espanhola contra os patriotas das áreas de fronteira. A presença dos refugiados realistas no Rio Negro certamente contribuía para alimentar esse temor.

²⁶¹ Esse documento também é analisado por: Adilson Júnior Ishihara BRITO. *Viva a Liberté!* Op. cit., pp. 74-76.

²⁶² João Paulo G. PIMENTA. *O Brasil e a América espanhola*. Op. cit., pp. 325-327.

²⁶³ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., p. 464.

A despeito das vitórias militares dos patriotas e das declarações formais de independência na região, os realistas deram demonstrações de que ainda contavam com apoio em Maynas e capacidade de resistência, promovendo ataques a forças leais ao novo regime implantado em Trujillo e Lima, e buscando restabelecer a soberania monárquica espanhola na área. Entre os comandantes patriotas, havia uma forte desconfiança quanto à fidelidade dos habitantes da fronteira à causa da independência. No mês de fevereiro de 1822, ocorreu um levante realista de soldados em Loreto, liderado pelo sargento Santiago Cárdenas, durante o qual foram assassinados o comandante do destacamento da fronteira, Juan Manuel Mollinedo (um militar que havia tomado parte na vitória dos patriotas na batalha de Higos Urcos) e outros soldados, proclamando-se a restauração do poder do rei. O levante contou com a participação de tropas realistas que ainda resistiam no rio Putumayo, tendo recrutado outros homens em Loreto, Pebas, San Régis, Laguna e Balzapuerto no intuito de ampliar as forças.²⁶⁴ O início da contraofensiva a partir de Loreto traz alguns indícios sobre o caráter estratégico desse ponto para os planejamentos políticos e militares dos realistas. Com a conquista de Loreto, era possível manter aberta a fronteira com o Rio Negro para os realistas, permitindo a fuga deles e a chegada de possíveis auxílios materiais e humanos. Tratava-se igualmente de uma zona crucial para o comércio com os portugueses, algo importantíssimo para a economia de Maynas, conforme foi discutido anteriormente.

Segundo relato de Eustáquio Babilónia, soldado envolvido no motim, a Bruno de la Guardia, cura de Tarapoto, o levante de Loreto contou ainda com a participação de “moradores portugueses y demás desertores”. O cura Bruno de la Guardia era o contato dos realistas em Tarapoto (o Bispo Sánchez Rangel, antes de fugir, o havia deixado encarregado da diocese de Maynas), e na mesma carta remetida a ele pelo soldado Eustáquio Babilónia constava a informação de que os soldados que participaram do levante seguiam em direção a Tarapoto (“sesenta hombres están subiendo con todos los petrechos y armas”), recomendando-lhe que se mantivesse atento às notícias e à movimentação das forças patriotas, sem despertar desconfiança dos “contrarios a la Corona.”²⁶⁵

²⁶⁴ Jenaro HERRERA. *El proceso de la independencia en Maynas*. Op. cit., p. 10.

²⁶⁵ AHLPE, LED2-174. Carta de Eustaquio Babilonia a Bruno de la Guardia. Balsapuerto, 26/04/1822. Conferir também: CLDRDL, p. 30.

Não há maiores informações sobre quem seriam os portugueses envolvidos no levante, parece provável de que se tratasse de desertores que residiam em Loreto. Mas a questão mais instigante, e menos abordada na fonte, é o porquê do envolvimento de portugueses em um levante feito em nome da restauração do poder do rei espanhol em uma província tomada pelas tropas patrióticas. Seria necessário obter maiores informações sobre a relação do novo comandante patriota com os portugueses que habitavam o lado espanhol (embora não devesse ser mais vista como uma *fronteira espanhola* para as autoridades patriotas, dificilmente poderia ser considerada *peruana* naquela conjuntura tão incerta). A nova situação que se anunciava, com a vitória dos patriotas, poderia representar uma ameaça para os fugitivos portugueses que habitavam em Loreto? Ao se revoltar contra o novo comandante patriota de Loreto, os portugueses estariam visando a preservação de formas de convivência com as autoridades espanholas que garantiam certa estabilidade para esses sujeitos na fronteira? Participando de um levante que defendia a obediência a Fernando VII, o que esses homens objetivavam naquele espaço tão periférico dos domínios espanhóis? Esses portugueses, referidos na fonte, seriam índios da área limítrofe, e estariam eles agindo segundo objetivos e interesses comuns aos índios do lado espanhol da fronteira? Infelizmente, só restam conjecturas. Ao que parece, a participação dos portugueses ao lado dos realistas espanhóis ficou restrita ao caso do destacamento fronteiriço, posto que não há informações sobre a participação de portugueses nas forças que atacaram os patriotas em outros pontos do território de Maynas. Para as autoridades patriotas, esse caso certamente servia como um alerta sobre as perigosas alianças dos realistas com os portugueses contra a causa da independência, o que justificava a implementação de uma política defensiva nos limites com o Reino do Brasil. No entanto, parece seguro afirmar que as autoridades portuguesas não partilhavam do intuito de envolver-se nas turbulências políticas dos territórios hispânicos vizinhos ao Rio Negro, tendo em vista a ausência, entre os militares portugueses da área, de discussões ou planejamentos ofensivos contra Maynas ou outro ponto da fronteira norte.

Contando com cerca de 200 homens, os realistas invadiram Moyobamba em maio de 1822. Parte dos soldados patriotas desertou para o lado realista. Vitoriosos, os realistas reassumiram o controle de Moyobamba, fuzilando o governador Domingos

Alvariño na praça da cidade.²⁶⁶ As autoridades de Chachapoyas, naquela altura, consideraram uma questão de tempo o ataque realista, temendo que eles avançassem para Cajamarca e Trujillo, o que colocaria em risco o projeto de independência no norte do Peru. Em Trujillo, foi organizada a chamada Expedição Pacificadora de Maynas, composta por 150 soldados veteranos e liderada pelo tenente coronel José Nicolás Arriola (natural do Rio da Prata, veterano das campanhas de libertação nos Andes). Além de derrotar a resistência realista, outra preocupação da expedição era cortar as comunicações com Quito, visto que elas poderiam abrir uma rota de comunicação com o Brasil, como afirmou o comandante militar de Trujillo, destacando a necessidade de organizar com antecedência em Chachapoyas os corpos militares que partiriam na expedição:

El grave motivo de temer es la reflujión que los dispersos de Quito han de hacer necesariamente sobre Maynas para facilitarse paso al [Rio de] Geneyro (sic), pero esta no podrá verificarse antes de dos meses por la gran distancia que medía, y para entonces me prometo una mediana disciplina en estos nuevos cuerpos.²⁶⁷

Durante a expedição contra os realistas, as notícias sobre a fuga dos inimigos rumo à fronteira portuguesa ganharam mais credibilidade. O comandante José Maria Egusquiza tomou conhecimento de que cerca de 200 “enemigos de Quito” haviam rumado para o rio Napo, “con el objeto de asegurar su retirada y abrirse el passo a las colónias portuguesas.”²⁶⁸

A expedição chegou a Chachapoyas em agosto, no mês seguinte rumou para Moyobamba em duas frentes, objetivando cercar os realistas. Na avaliação dos militares patriotas, boa parte da população moyabambina era contrária ao novo sistema político da independência, o que dificultaria a guerra contra as forças realistas.²⁶⁹ Durante a marcha, ocorreram confrontos esporádicos entre os dois lados, até que a Expedição chegou a Moyobamba no dia 25 de setembro, então já abandonada pelos realistas. Os expedicionários ainda lograram capturar na região soldados e alguns oficiais – os

²⁶⁶ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp. 466-469.

²⁶⁷ AHLPE, LED2-174. Trujillo, 12/05/1822.

²⁶⁸ AHLPE, LED2-168. Cajamarca, 03/06/1822.

²⁶⁹ Nas palavras de José Maria Egusquiza, oficial da divisão expedicionária de Maynas, a Enrique Martines, Presidente do Departamento de Trujillo, a população de Moyobamba era “poco adicta a nuestro sistema.” AHLPE, LED2-057. Cajamarca, 31/05/1822.

comandantes realistas foram executados. A Expedição Pacificadora só deixou Moyobamba no final de novembro. Nos primeiros dias de janeiro de 1823, porém, ocorreu um novo levante realista de uma guarnição militar, dessa vez em Moyobamba, o que obrigou o governador a fugir. Uma vez mais, foi enviada uma tropa para derrotar a resistência realista na capital de Maynas, no entanto os sublevados conseguiram fugir, deixando a cidade quase despovoada – um indício de que a causa realista contava com amplo apoio na região.²⁷⁰ Em razão das guerras ocorridas na região, não foi possível realizar as eleições em Maynas para a escolha de seu representante no primeiro congresso constituinte do Peru.

A experiência das revoltas realistas em Maynas contribuiu para orientar as decisões militares dos patriotas na parte norte do Peru, no intuito de evitar que algo parecido ocorresse em outros pontos dessa região. Ainda em 1822, o presidente do departamento de Trujillo planejou a formação de um novo esquadrão de cavalaria, salientando que ele deveria permanecer na cidade de Trujillo à disposição da presidência, “pues de no hacerse así, pudiera repetirse un suceso como el del levantamiento de Maynas, que sin duda dio impulso el haberse hecho salir toda la fuerza del territorio.”²⁷¹

No que diz respeito à fronteira com os portugueses, as medidas adotadas pelos patriotas em Maynas não se limitaram à defesa militar, procurando eles, além disso, dar início ao estabelecimento de relações diplomáticas com os vizinhos, buscando assim atenuar as possibilidades de conflito na área. Dessa forma, Juan Antonio Alvarez de Arenales, então presidente do Departamento de Trujillo, entrou em contato com as autoridades militares do Rio Negro em novembro de 1821, defendendo o reconhecimento da independência do Peru pelos portugueses. Ao se dirigir ao governo do Rio Negro, o presidente de Trujillo destacou o fato de Sua Majestade Fidelíssima já haver reconhecido a independência das Províncias do Rio da Prata, de modo que essa relação deveria ser extensiva aos “nuevos Estados de esta América del Sur.” Para corroborar sua argumentação, Arenales enviou aos portugueses uma cópia da *Gaceta Ministerial de Chile*, datada de 29 de setembro de 1821, no qual constava uma transcrição do ofício do representante de S.M.F. no Rio da Prata, João Manuel de Figueiredo, relativo ao reconhecimento do governo de Buenos Aires e da independência

²⁷⁰ Waldemar ESPINOZA. *Amazonía del Perú*. Op. cit., pp. 474-478.

²⁷¹ CLDRDL. Ofício de Enrique Martínez, Presidente de Trujillo, ao Secretário del Despacho de Guerra y Marina. Trujillo, 11/10/1822, pp. 62-63.

das províncias do Prata por D. João VI,²⁷² assim como o desejo do monarca português de que se estreitassem os laços do novo país com o Reino do Brasil. Além desse documento, Arenales remeteu também para o Rio Negro o impresso intitulado *Estatuto Provisional dado por el Proctetor de la Libertad del Perú, para el mejor régimen de los departamentos libres*, comunicando assim as autoridades vizinhas sobre as normas que, a partir daquele momento, estavam regendo o Peru (ou, ao menos, a parte não controlada pelos realistas) enquanto não se promulgasse uma carta constitucional.²⁷³ A recepção desses documentos pelos portugueses do Grão-Pará, no entanto, foi cautelosa, prevalecendo a orientação de que qualquer alteração nas relações diplomáticas com os vizinhos não poderia ser realizada pelo governo provincial, devendo-se aguardar orientações de Lisboa sobre o reconhecimento (ou não) dos demais governos soberanos que se iam estabelecendo na América do Sul.

O início do estabelecimento de contatos entre autoridades do Peru independente e as do norte do Brasil não frearam as pretensões daqueles que defendiam o restabelecimento da soberania espanhola na região, na medida em que a fronteira Maynas-Rio Negro ainda poderia oferecer vantagens estratégicas em uma campanha de reconquista da América para a Coroa espanhola. Escrevendo em 1823, já na Espanha, o religioso José Maria Padilla (como visto anteriormente, secretário do Bispo Sánchez Rangel) lembraria os tumultuados dias da invasão dos insurgentes patriotas e da contraofensiva realista, sustentado a possibilidade de efetuar um grande ataque espanhol ao Peru através da fronteira com o Brasil. A ideia de reconquista da América na década de 1820 seria recorrentemente discutida na Espanha, alimentando diferentes planejamentos militares para derrotar os insurgentes e reafirmar uma soberania monárquica que, julgava-se na Península, ainda estava viva entre os americanos.²⁷⁴ Na avaliação de Padilla, a causa realista permanecia suficientemente forte entre os habitantes da região, de modo que eles precisam de apoio militar (mais armas e uma tropa treinada e comandada por um oficial de reconhecida competência) para expulsar

²⁷² Sobre o reconhecimento das Províncias do Rio da Prata pela diplomacia portuguesa, cf.: João Paulo G. Pimenta. *O Brasil e a América espanhola*. Op. cit., pp. 335-336.

²⁷³ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 152, D. 11781. Ofício do governador das armas da Província do Pará, brigadeiro José Maria de Moura, para o ministro e secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 28/04/1822. Sobre o Estatuto Provisional, conferir: José Francisco GALVEZ MONTERO. *Las Bases del Estado Peruano y el Proceso de Independencia*. Tesis Doctoral. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2002, pp. 200-205; Francisco MORALES SARAVIA. “Forma jurídica de estado en el constitucionalismo peruano del siglo XIX.” *Pensamiento Constitucional*, Año IV, n. 4, 1997, pp. 329-350.

²⁷⁴ Michael P. COSTELOE. *La Respuesta a la Independencia*. Op. cit., pp. 124-129.

de Maynas os seguidores de San Martín. Em Moyobamba, argumentava Padilla, ainda permaneciam membros das milícias realistas, homens disciplinados que necessitavam principalmente de armas. Tudo dependia, no entanto, de negociações diplomáticas com Lisboa para que fosse franqueada à expedição espanhola sua passagem pelas terras portuguesas. Chegando a Tabatinga, os soldados espanhóis poderiam tomar de volta os armamentos que foram deixados no local pelas forças realistas em fuga. Previa também o religioso a necessidade de negociar com os portugueses a ajuda com o transporte dos homens e armas, concedendo aos espanhóis índios remeiros e canoas. Outra medida defendida por Padilla era conceder a permissão de que se “mantega comercio clandestino con los comandantes portugueses fronterizos, como lo han hecho hasta aquí los cinco gobernadores que he conocido yo allí, entregados exclusivamente a engrosar sus bolsos.”²⁷⁵

Em outro escrito, Padilla reafirmou a necessidade de franquear aos habitantes de Maynas naquele momento o comércio fronteiriço “de todos los efectos del país, menos del oro y plata.”²⁷⁶ Com a adoção de tais medidas, certamente o religioso visava conseguir o apoio político em Maynas, bem como garantir a sobrevivência econômica da província em uma ocasião de guerra, quando as forças insurgentes dominavam boa parte do norte peruano. Nesse sentido, a medida defendida por Padilla guardava pontos em comum com o abrandamento do controle sobre o comércio realizado, anos antes, pelo vice-rei Pezuela. Além disso, sua experiência naquela fronteira havia deixado claro a ele a importância das conexões luso-espanholas na sobrevivência das populações locais e na formulação dos projetos políticos para a área. O contrabando naquela área, e naquele momento, poderia auxiliar no restabelecimento da autoridade monárquica, o que não deixa de expressar a estranheza daquela conjuntura quando se recorda os discursos das autoridades espanholas no século anterior sobre a necessidade de deter o comércio ilícito em prol da riqueza e engrandecimento da Monarquia.

A inserção do território de Maynas no Estado peruano em seus primeiros momentos mostrou-se problemática não apenas devido à guerra envolvendo grupos contrários e favoráveis ao rompimento dos laços com a Monarquia espanhola. Outra questão colocada em pauta desde o início foi sobre em qual *novo corpo político* aquela

²⁷⁵ AGI, Lima 1580. Carta de José Maria Padilla. Madrid, 04/08/1823.

²⁷⁶ AGI, Quito 274. “Exposición económico política documentada de los sucesos ocurridos en el gobierno eclesiástico, civil y militar de las provincias de Mainas, invadidas por los disidentes del Perú en los años de 1820 y 1821,” por Don José Maria Padilla y Aguila. Madrid, 1823.

área fronteiriça deveria ser integrada, qual o novo centro de poder que deveria exercer sua soberania naquele espaço. Para os novos grupos governantes do Peru, parecia claro que o espaço da República do Peru deveria herdar a espacialidade do Vice-Reino do Peru de princípios do XIX. No entanto, isso contrariava as expectativas de Bolívar com relação a seu intento de recompor na República da Colômbia o território correspondente ao Novo Reino de Granada. A definição de limites entre os novos Estados Nacionais tornou-se um ponto conflituoso em relação às províncias de Jaén de Bracamoros, Quijos, Macas, Guayaquil e Maynas, disputadas pela diplomacia (e, nos anos seguintes, pelas armas) do Peru e da Colômbia (e, depois de 1830, do Equador também). No que diz respeito a Maynas, em junho de 1821 ela foi reconhecida por Lima como um dos departamentos do Peru, com direito a eleger representante para o congresso constituinte. No entanto, o Congresso da Colômbia, em 1824, ao legislar sobre a demarcação territorial do país, estabeleceu que Maynas faria parte do Departamento de Azuay (o qual incluía também Cuenca, Loja e Jaén de Bracamoros). Essas questões, postuladas desde os primeiros anos de independência, marcariam os conflitos territoriais nos séculos XIX e XX envolvendo Peru, Equador e Colômbia.²⁷⁷

²⁷⁷ Felix DENEGRÍ LUNA. *Peru y Ecuador: apuntes para la Historia de una frontera*. Lima: Bolsa de Valores de Lima, Instituto Riva-Agüero, PUCP, 1996, capítulo 3.

Mapa 1.10

Fielding Lucas, Jr. 1823. *Peru*. B. T. Welch and Co. Sc. Drawn and Published by F. Lucas Jr. Baltimore. *A General Atlas Containing Distinct Maps Of all the Known Countries in the World, Constructed from the Latest Authority*. Disponível on-line: <http://cavb.blogspot.com.br/2012/04/mapa-general-del-peru-en-1865.html>

Com relação ao Grão-Pará no início da década de 1820, seu envolvimento mais direto com a defesa do constitucionalismo português teve início no dia 1º de janeiro de 1821, quando ocorreu em Belém um levante militar que depôs o governo local, instalando uma junta provisória de governo afinada com os ideais de regeneração da

Monarquia defendidos pela Revolução do Porto.²⁷⁸ No decorrer de 1821, a Junta de Belém procurou impor a adesão ao novo sistema constitucional em outras partes do Grão-Pará, prendendo autoridades no interior que se mantinham contrárias ao movimento do Porto, a exemplo do governador do Rio Negro, Manoel Joaquim do Paço. No caso do Rio Negro, na deposição do governador contou também a pressão de moradores, constituindo-se uma junta governativa local.²⁷⁹

A partir de 1821 e nos anos seguintes, a recepção das notícias sobre as transformações do Império luso no vasto espaço das províncias do Pará e do Rio Negro (subordinada ao governo de Belém) deu margem para a elaboração de diferentes projetos de futuro, representativos das variadas aspirações de poder e de intervenção na realidade dos segmentos que compunham a sociedade local. As disputas e alianças que conformariam as lutas na região entre 1821 e 1823 seriam marcadas por uma permanente reelaboração de propostas, fruto da instabilidade que marcou esse contexto e das ações dos atores sociais locais tentando superar os desafios políticos do momento. Antes de caracterizar um conflito entre grupos políticos (partidos) favoráveis a Lisboa ou à independência, o quadro na província foi rico em divergências mesmo entre defensores de um mesmo objetivo, o que constitui forte indício das tentativas de superação de um quadro de crise.²⁸⁰

No período em questão, as disputas eleitorais para a composição das juntas governativas das províncias (as quais, como dito anteriormente, passaram a substituir as capitanias como unidades territoriais político-administrativas) alimentaram o dissenso das ideias e propostas políticas, bem como a presença cada vez mais marcante do periodismo no espaço público. Além disso, a apropriação e reelaboração das ideias e aspirações de poder pelos segmentos sociais e étnicos subalternos do Grão-Pará acirrou a radicalização da ação política, fazendo com que no Grão-Pará as disputas fossem marcadas pela violência e pela eclosão de levantes de profundo corte étnico-social em

²⁷⁸ Domingos Antonio RAIOL. *Motins Políticos, ou História dos Principais Acontecimentos Políticos da Província do Pará desde o Ano de 1821 até 1835, 1º Volume*. Belém: UFPA, 1970, pp. 14-21. Tomaram parte da junta: cônego Romualdo Antônio de Seixas (presidente), juiz de fora Joaquim Pereira de Macedo (vice-presidente), coronel João Pereira Villça, coronel Francisco José Rodrigues Barata, coronel Geraldo José de Abreu, tenente-coronel Francisco José de Faria, negociante Francisco Gonçalves Lima e os agricultores João da Fonseca Freitas e José Rodrigues de Castro Góes (vogais). Cf.: Antônio Ladislau Monteiro BAENA. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Belém: Typographia de Santos e Santos menos, 1838, p. 520.

²⁷⁹ Antônio Ladislau Monteiro BAENA. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. pp. 523-524.

²⁸⁰ André Roberto de Arruda MACHADO. *A Quebra da Mola Real das Sociedades: A crise política do Antigo Regime português na Província do Grão-Pará (1821-1825)*. São Paulo: Editora Hucitec, Fapesp, 2010, capítulo 3.

vários pontos do território, algo que caracterizaria a região até fins da década de 1830. A administração da província mais e mais teve de lidar com a adoção de medidas de segurança interna, tentando censurar a circulação de escritos que pudessem subsidiar a propagação de ideias consideradas radicais, buscando evitar que o mundo da política fosse invadido pelas demandas de cativos africanos e seus descendentes, populações indígenas e por aquela população vulgarmente chamada na documentação da época como tapuia (descendentes de indígenas ou índios “destribalizados”).²⁸¹

A Junta Provisória, instituída em Belém no início de 1821, permaneceu no poder até março do ano seguinte, quando ocorreram eleições locais para a escolha de seus novos membros.²⁸² Além da junta (órgão autônomo que respondia pelo governo civil, gestão econômica e de polícia da província), outra figura importante instituída pelas Cortes foram os governadores das armas, que deveriam ser escolhidos diretamente por Lisboa, não subordinados ao poder provincial e responsáveis pela administração militar. A presença dos governadores de armas foi alvo de críticas por parte de juntas governativas provinciais, as quais os consideravam como uma interferência indevida de Lisboa sobre a autonomia das províncias. Tal tipo de conflito caracterizou o Grão-Pará do período, ocorrendo frequentes embates entre a junta local e o governador de armas, o brigadeiro José Maria de Moura.²⁸³

Ao longo do ano de 1822, a crescente pressão do Rio de Janeiro para que as províncias do Reino do Brasil se reportassem diretamente a ele, e não mais a Lisboa, tornou-se um ponto crítico na gestão do Grão-Pará pela Junta Governativa local. A decisão tomada pelos membros da junta, e amparadas pelo apoio de outras autoridades e membros das elites da província, foi de não se reportar ao governo do Rio de Janeiro, preservando-se a conexão político-administrativa com Lisboa. Além disso, deve-se ressaltar a maior importância econômica das ligações Grão-Pará-Portugal do que as

²⁸¹ Adilson Júnior Ishihara BRITO. “*Viva a Liberté!*” Op. cit., pp. 143-171; Geraldo Mártires COELHO. *Letras e Baionetas: Novos documentos para a história da imprensa no Pará*. Belém: Cultural CEJUP, 1989; Geraldo Mártires COELHO. *Anarquistas, Demagogos e Dissidentes: A imprensa liberal no Pará de 1822*. Belém: CEJUP, 1992, capítulo 3; André Roberto de Arruda MACHADO. *A Quebra da Mola Real das Sociedades*. Op. cit., capítulo 3; Domingos Antonio RAIOL. *Motins Políticos*. Op. cit., pp. 21-38; José Alves de SOUZA JÚNIOR. *Constituição ou Revolução: os projetos políticos para a emancipação do Grão-Pará e a atuação política de Filipe Patroni (1820-1823)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp, 1998, capítulo 4.

²⁸² Os eleitos para a Junta em 1822 foram: o médico Antônio Correa de Lacerda (presidente), João Pereira da Cunha e Queiroz (secretário), Joaquim Pedro de Moraes e Betencourt, José Joaquim da Silva, Baltazar Alves Pestana, Manoel Gomes Pinto e José Rodrigues Lima. Antonio Ladislau Monteiro BAENA. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Op. cit., p. 544.

²⁸³ André Roberto de Arruda MACHADO. *A Quebra da Mola Real das Sociedades*. Op. cit., pp. 142-143; Arthur Cezar Ferreira REIS. “O processo de independência no Norte.” Op. cit., p. 200.

menos frequentes entre o porto de Belém e os do centro-sul do Brasil, uma situação válida igualmente para a vizinha Província do Maranhão. Segundo André Machado, entre os defensores no Grão-Pará da preservação dos laços com Lisboa havia a expectativa de compor um bloco regional que envolveria também as províncias de Goiás e Mato Grosso, as quais mantinham contatos marítimos através do porto de Belém, rota final das ligações fluviais entre o Grão-Pará e o oeste do Brasil. A manutenção desse bloco regional e a chegada de ajuda militar portuguesa contra o cada vez mais perigoso sistema político do Rio de Janeiro pareciam as condições básicas para a preservação dos laços com Lisboa.²⁸⁴

A partir de meados do ano de 1822, quando o projeto de independência mostrava-se mais consistente entre os grupos políticos hegemônicos no Rio de Janeiro e demais províncias do centro-sul, a divulgação de escritos favoráveis ao rompimento com Lisboa cresceu nas províncias do norte do Brasil. Além do esforço de convencimento à ruptura política com Portugal, o governo sediado no Rio de Janeiro intensificou a organização de uma força militar (em especial uma marinha de guerra) que, no ano seguinte, teria um papel fundamental na imposição da independência nas províncias leais à Monarquia portuguesa. A perspectiva de uma guerra com as forças comandadas a partir do Rio de Janeiro tornou-se crescente em 1823, levando as autoridades militares do Grão-Pará a intensificar a organização de milícias e a solicitar a Lisboa o envio de tropas, buscando assim salvaguardar militarmente a manutenção dos laços com a Monarquia portuguesa. As pressões externas combinaram-se com as lutas políticas internas à província, onde a bandeira do alinhamento do Grão-Pará ao sistema do Rio de Janeiro foi intensamente utilizada pelos grupos de oposição à junta provincial e ao governador das armas. No interior da província, o discurso antipeninsular mostrou-se particularmente ativo, em que a defesa da ruptura com Portugal assinalava anseios muito mais radicais das camadas populares, o que era entendido pelos grupos de poder da província como a manifestação concreta do potencial de subversão social contido nas discussões políticas do momento.²⁸⁵

²⁸⁴ André Roberto de Arruda MACHADO. *A Quebra da Mola Real das Sociedades*. Op. cit., p. 151.

²⁸⁵ Representativo da radicalização foi o levante ocorrido na vila de Muaná (ilha de Marajó), em maio de 1823, em que a luta política assumiu um nítido recorte étnico, com a participação de negros, índios e tapuios, e um discurso de extermínio da população branca. Cf.: João de Palma MUNIZ. “Adesão do Grão-Pará à Independência.” *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, ano VI, vol. IV, 1923, pp. 255-260. Eliane Cristina Lopes SOARES. *Roceiros e Vaqueiros na Ilha Grande de Joanes no Período Colonial*. Tese de Doutorado em Planejamento do Desenvolvimento. Belém: UFPA-NAEA, 2002, capítulo 3.

O envio de uma esquadra portuguesa ao norte do Brasil se mostraria um empreendimento inviável em 1823. Os conflitos políticos em Portugal, quando as Cortes foram dissolvidas e D. João VI reassumiu a condição de monarca absoluto a partir de junho, criaram obstáculos para a organização de uma força militar destinada a combater os partidários de D. Pedro nas províncias americanas.²⁸⁶ Além disso, a vitória dos grupos alinhados à causa da independência nas províncias de Goiás e Mato Grosso pôs fim aos planos de se formar um amplo bloco regional que se contrapusesse ao novo governo do Rio de Janeiro. As dissensões na cúpula do poder provincial, opondo entre si a Junta e o governador das armas, culminaram com o golpe de 1º de março daquele ano, quando a Junta foi destituída por um movimento militar, organizando-se uma nova, mais alinhada ao governador das armas, dando início a um período de intensa perseguição aos opositores políticos acusados de defenderem a independência.²⁸⁷

Entre 1821 e 1823, além das preocupações das autoridades provinciais quanto à segurança interna e manutenção da ordem entre os habitantes do Grão-Pará, as fronteiras internacionais da província impunham um cuidado maior, tendo em vista as guerras políticas em curso na América espanhola e o perigo de que tais experiências se espraiassem pelo território provincial, agravando uma conjuntura por si só instável e ameaçadora. No Rio Negro, a defesa militar das fronteiras passou a merecer uma atenção mais acurada por parte das autoridades locais e de Belém. Da raia fronteiriça com a Província de Maynas chegavam informações perturbadoras sobre as lutas que grassavam naquela parte do Peru. Um emigrado espanhol que fugiu de Maynas para o Rio Negro, o capitão Mariano Lopes, relatou ao governador das armas, em Belém, alguns pontos essenciais dos conflitos nos anos de 1821 e 1822. Mariano Lopes noticiou para os portugueses a derrota sofrida pelas tropas reais para os insurgentes na batalha de Higos Urcos, e como isso forçou a dispersão das forças espanholas. Além disso, o oficial espanhol destacou, em seu relato, quais seriam as forças sob o comando dos insurgentes, uma informação primordial para que as autoridades do Grão-Pará avaliassem a capacidade ofensiva do grupo que naquele momento controlava a província espanhola fronteiriça. Informou Mariano Lopes:

²⁸⁶ Jorge PEDREIRA, Fernando Dores COSTA. *D. João VI*. Op. cit., pp. 387-400.

²⁸⁷ André Roberto de Arruda MACHADO. *A Quebra da Mola Real das Sociedades*. Op. cit., pp. 169-170; Domingos Antonio RAIOL. *Motins Políticos*. Op. cit., p. 27.

Que na capital Moyobamba existe reunido um regimento completo de milícias da força de mil praças, gente toda bem armada e disciplinada, e com bons comandantes. Que os soldados de que se compõem o referido regimento é gente escolhida, mestiça de europeus. Que o Protetor da Liberdade dos Povos do Peru tinha enviado de Lima para a mesma capital três mil armas de infantaria, com o seu competente cartuxame, e que igualmente havia enviado um parque de artilharia, porém que ignorava ainda o seu calibre, e números de boca de fogo²⁸⁸

Mas o que despertou a preocupação dos oficiais portugueses foi a provável invasão dos insurgentes a Tabatinga, algo que, no depoimento de Mariano Lopes, estaria na mira das novas autoridades de Maynas e do Peru. Afirmou o oficial espanhol:

Que no mês de março pretérito o governador interino de Moyobamba, D. Joaquim Ramos, tinha feito baixar sobre Loreto um destacamento com um capitão de milícias, um ajudante maior e um alferes afim, segundo conjecturava, de fazerem um reconhecimento sobre Tabatinga, e apoderarem-se desta fortaleza do território português, se as circunstâncias favorecessem a execução do plano.²⁸⁹

O que parecia dar suporte aos planos de invasão foi outra medida, determinada pelo próprio San Martín: o Protetor do Peru havia “mandado de Guayaquil (...) à Província de Maynas calafates e construtores para fabricarem na mesma província canoas e barcos para navegação dos rios.”²⁹⁰ Contar com um número maior de embarcações seria uma medida essencial para ampliar a capacidade de locomoção de tropas em um espaço como o de Maynas, algo importantíssimo na realização da guerra contra os realistas, mas que poderia ser utilizado também contra a fronteira do Rio Negro. Mesmo que as conjecturas do oficial espanhol fossem infundadas, ou tivessem sido transmitidas às autoridades portuguesas com o objetivo de conquistar o apoio delas contra os insurgentes, essas informações não poderiam, de modo algum, ser menosprezadas, o

²⁸⁸ AHU_ACL_CU_013, Cx. 152, D. 11781. Ofício do governador das armas da Província da Pará, brigadeiro José Maria de Moura, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 28/04/1822.

²⁸⁹ AHU_ACL_CU_013, Cx. 152, D. 11781. Ofício do governador das armas da Província da Pará, brigadeiro José Maria de Moura, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 28/04/1822.

²⁹⁰ AHU_ACL_CU_013, Cx. 152, D. 11781. Ofício do governador das armas da Província da Pará, brigadeiro José Maria de Moura, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 28/04/1822.

que levou o governador das armas da Província do Grão-Pará a solicitar a Lisboa maiores orientações sobre como agir naquele cenário incerto nas fronteiras. Como afirmou o governador das armas, as “perturbações populares” em Maynas poderiam “no futuro produzir desassossego aos habitantes da comarca do Rio Negro,” cujos comandantes portugueses dos postos limítrofes eram visitados pelos “chefes dos partidos espanhóis, que umas vezes são realistas, e outras liberais.”²⁹¹

No ano de 1822, o governo do Rio Negro continuou mantendo informadas as autoridades de Belém sobre as preocupantes notícias chegadas da Província de Maynas e o temor de uma ação militar dos patriotas contra Tabatinga. O governo do Rio Negro requeria auxílio para reforçar a defesa da área, tendo em vista que aquele posto fronteiriço era considerado “a chave da comarca do Rio Negro.” O novo comandante de Loreto comunicou-se com o capitão Caetano Alberto Teixeira Cavalcante, comandante de Tabatinga, propondo-lhe que fosse realizado um ajuste dos limites territoriais (a “aviventação”²⁹² dos limites dos territórios português e espanhol,” nas palavras do comandante de Tabatinga) que permitisse aos patriotas melhor reprimir aos espanhóis europeus que emigravam por aquela fronteira. Mas as razões apresentadas pelo novo comandante de Loreto pareceram às autoridades do Rio Negro apenas “um pretexto de rompimento próximo” naquela área. Outro ponto que contribuía para deixar em alerta o governador das armas era o desconhecimento quanto aos limites luso-espanhóis. Sobre isso, o governador das armas, José Maria de Moura, embora soubesse dos trabalhos realizados no século anterior pelas comissões demarcadoras das Coroas ibéricas, admitia desconhecer a existência no arquivo da província dos termos designando os limites territoriais naquela área, o que poderia dar margem para questionamentos sobre os direitos de Portugal sobre Tabatinga.²⁹³ Uma vez mais, a posse sobre Tabatinga (questão marcante nas desavenças entre demarcadores portugueses e espanhóis, como visto no capítulo 2) voltava à tona. Nessa oportunidade, no entanto, tal disputa

²⁹¹ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 152, D. 11781. Ofício do governador das armas da Província da Pará, brigadeiro José Maria de Moura, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 28/04/1822.

²⁹² Entre os significados do verbo “aviventar” registrados no dicionário elaborado por Antônio de Moraes Silva (primeira edição de 1789), consta: “Aviventar os marcos: examinar se estão assentados, e assentá-los de novo donde tiraram.” Cf.: Antônio de Moraes SILVA. *Diccionario da lingua portugueza recopilado dos vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813, p. 243 (disponível on line: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/2/aviventar>).

²⁹³ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 152, D. 11782. Ofício do governador das armas da Província da Pará, brigadeiro José Maria de Moura, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 28/04/1822.

insertava-se em uma redefinição mais ampla de território e soberania, na medida em que a contestação sobre os direitos portugueses sobre aquele posto fronteiriço não partia de representantes da Coroa espanhola, mas de autoridades de um governo e de um país que, naquele momento, figuravam apenas como possibilidades.

Mapa 1.11

Nova carta do Brazil e da América Portuguesa, 1821 [detalhe: a Capitania do Rio Negro no início da década de 1820]. Disponível on line: <http://purl.pt/880/2/>

Para o comandante de Tabatinga, os contatos então mantidos com os patriotas espanhóis traziam a ameaça de uma invasão ao território português, mas também de desestabilização da ordem interna. As visitas eventuais a Tabatinga de patriotas deveriam ser cuidadosamente vigiadas, procurando-se controlar seus passos no posto militar e seus contatos com os homens que lá habitavam. No entanto, um soldado de nome Paulino José levou ao comandante português a denúncia de que, durante uma

visita de patriotas ao posto de fronteira, um certo Gaspar, “servente dos espanhóis, o convidara para o partido espanhol patriota.” E mais: o mesmo Gaspar teria perguntado se outros soldados queriam aderir à sua causa para “tomarem Tabatinga.”²⁹⁴ Não se tratava, assim, de uma disputa territorial tão somente: o perigo maior, do ponto de vista do comandante de Tabatinga e de outros membros da administração portuguesa na região, era conquistar homens para a *causa* dos patriotas, algo muito mais desestabilizador e imprevisível do que as guerras por territórios tão recorrentes na história das monarquias europeias, principalmente nos domínios ultramarinos.

A conquista do apoio do comando de Tabatinga se revelaria um objetivo estratégico para as partes em conflito em Maynas. Se o comandante patriota de Loreto procurou estabelecer um novo acerto dos limites territoriais com o comandante do posto fronteiriço português, esse oficial foi também procurado pelos realistas de Maynas logo após o levante que resultou no assassinato do comandante patriota de Loreto. Em ofício datado de 17 de março de 1822 e dirigido ao governo do Rio Negro, o comandante Caetano Alberto Teixeira Cavalcante informou a visita que recebeu em Tabatinga de dois índios oriundos de Loreto, trazendo uma carta na qual se noticiava “a revolta dali a favor do Rei.” No mesmo documento, os líderes da revolta solicitaram ao comandante português que ele aceitasse os prisioneiros feitos em Loreto pelos realistas, proposta que foi rechaçada pelo comandante Cavalcante.²⁹⁵

Contudo, em outro escrito dirigido a um subordinado seu, o comandante de Tabatinga mostrou-se mais aliviado com a vitória do que chamava de “contrarrevolução realista,” pois ela anularia o intento que os patriotas supostamente nutririam de se assenhorearem daquela fronteira. No entanto, não havia motivo para mostrar-se tão otimista com relação a essa novidade, pois como ponderou o comandante Cavalcante, “seja como for, devemos-nos acautelar, porque talvez não resista muitos dias o amor à causa do Rei.”²⁹⁶

²⁹⁴ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 152, D. 11782. Ofício do governador das armas da Província da Pará, brigadeiro José Maria de Moura, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 28/04/1822.

²⁹⁵ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 152, D. 11782. Ofício do governador das armas da Província da Pará, brigadeiro José Maria de Moura, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 28/04/1822.

²⁹⁶ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 152, D. 11782. Ofício do governador das armas da Província da Pará, brigadeiro José Maria de Moura, para o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 28/04/1822.

O governador das armas do Grão-Pará, José Maria de Moura, propôs que se organizasse uma grande expedição militar dirigida ao Rio Negro, destinada à defesa dos limites da Província. As informações prestadas pelo emigrado capitão espanhol Mariano Lopes de que estaria postado em Moyobamba um regimento de milícias de mil homens, e na mesma cidade existia um depósito com mais de três mil armas enviadas por San Martín, motivavam o receio de que os realistas estivessem projetando um avanço sobre Tabatinga. Afinal, julgava o governador das armas, tratava-se de um contingente significativo em uma província que não contava com mais de 12 mil moradores, e destinado apenas à perseguição de realistas em fuga.²⁹⁷

A forma como deveriam ser conduzidas as medidas defensivas em relação às fronteiras do Rio Negro tornou-se um dos pontos de conflito entre a junta governativa de Belém e o governador das armas, algo recorrente na conturbada vida política do Grão-Pará dos primeiros anos da década de 1820. No entendimento dos membros da junta, as notícias chegadas da fronteira com Maynas estavam sendo superestimadas, não justificando uma mobilização militar tão grande naquela área, conforme defendia o governador das armas. Uma expedição militar para um ponto remoto do território requereria, segundo a Junta, uma extraordinária injeção de recursos para recrutar, armar e transportar homens para as proximidades do Peru, o que estaria além das capacidades financeiras da Província portuguesa naquele momento. Como a avaliação das condições orçamentárias do Grão-Pará era de responsabilidade da Junta, qualquer expedição proposta pelo governador das armas deveria passar pelo crivo dessa instância administrativa a fim de que se medisse a viabilidade financeira da operação militar. E para a Junta tal expedição era não apenas inviável como também arriscada para a segurança provincial, devendo as forças militares permanecerem concentradas nas proximidades de Belém, e não diluídas nos confins do território.²⁹⁸

A argumentação dos membros da junta apoiou-se no parecer dado por autoridades que haviam servido na fronteira, como Teodósio Constantino Chermont,²⁹⁹ oficial veterano das demarcações do século anterior, que foi questionado sobre os planos de defesa do Rio Negro propostos pelo governador das armas. No parecer que

²⁹⁷ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 154, D. 11850. Ofício do governador das armas da Província do Pará, José Maria de Moura, para o secretário de estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 21/06/1822.

²⁹⁸ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 153, D. 11787. Carta da Junta Provisória do Pará para o Rei D. João VI. Belém, 09/05/1822.

²⁹⁹ Ver capítulo 2.

remeteu à Junta governativa, Chermont alertou para o maior perigo de uma invasão pelo rio Orinoco, por ser mais facilmente navegável, e onde seria necessário redobrar as atenções. Em todo caso, um grande plano defensivo para a raia fronteira do Rio Negro mostrava-se, para Chermont, claramente uma tarefa além das possibilidades financeiras e humanas do Grão-Pará daquele momento, parecendo-lhe “imprudente descobrir a cabeça para cobrir os pés,” isto é, deslocar forças de Belém para o interior.³⁰⁰

Para a Junta do Pará, as opiniões emitidas por Chermont corroboravam as críticas ao governador das armas em relação à defesa das fronteiras – críticas que, como foi afirmado, não se limitavam a esse ponto, mas que expunham a profunda discordância que marcava as relações na cúpula administrativa do Grão-Pará. Com relação à defesa de Tabatinga, a argumentação apresentada pelos membros da Junta sustentava-se nas considerações de Chermont, na avaliação sobre as limitações humanas e financeiras da província, mas também nas interpretações sobre as experiências políticas em curso no outro lado da fronteira. As notícias que chegavam a respeito do Peru davam conta de uma guerra interna de resultados ainda incertos, o que tornava pouco provável que os patriotas locais abrissem uma nova frente de batalha com os portugueses em um ponto remoto do território, e, por conseguinte, tão difícil de ser conquistado por uma expedição militar. Além disso, o que se anunciava com mais probabilidade em futuro próximo era o entendimento diplomático com o Peru, e não o embate militar, como avaliava a Junta:

O estado político do Peru parece não ser ao presente assaz próprio para entrar em uma guerra de conquista, as diversas opiniões dos seus habitantes apenas dão lugar ao seu Protetorado a cogitar e executar medidas que hajam de formar a nova ordem do governo, e afastar as discórdias e a mesma guerra civil, a remessa que o Protetorado do Peru fez dos seus Estatutos e do ofício do deputado d’El Rey o Senr. D. João VI junto a Buenos Aires mostram disposições amigáveis, crescem, além disto, as grandes distâncias que se oferecem à marcha das tropas peruanas até chegarem às fronteiras.³⁰¹

Para dar credibilidade à leitura de uma paz nas fronteiras, a Junta sediada em Belém recorreu a documentos enviados por sua congênere do Rio Negro, os quais atestariam o

³⁰⁰ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 153, D. 11787. Carta da Junta Provisória do Pará para o Rei D. João VI. Belém, 09/05/1822.

³⁰¹ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 153, D. 11787. Carta da Junta Provisória do Pará para o Rei D. João VI. Belém, 09/05/1822.

fato de que seus habitantes viviam “em paz e harmonia entre si e com os seus vizinhos limítrofes, de modo que as estrondosas aparências de guerra,” relatadas pelo governador das armas, “murcharam, desapareceram e não se realizaram.” Segundo relatos datados de 22 de junho de 1822 e enviados a Belém pela Junta do Rio Negro, não havia novidades em Tabatinga sobre possíveis ameaças vindas do “Reino do Peru.”³⁰² Uma onerosa e complicada expedição militar seria, além de tudo, desnecessária naquele momento, e, na opinião dos membros da junta, representaria um dispêndio de forças que poderiam guardar a fronteira caso fosse necessário *em outra situação*³⁰³ – o que indica que a possibilidade de conflito nas fronteiras não era algo descartado totalmente, mas sim *naquelas circunstâncias*.

A disputa em torno das representações sobre o estado vigente nas fronteiras, opondo governo das armas e Junta Provisória, estava inserida nas desavenças mais amplas que marcaram a vida política do Grão-Pará, e de modo particular a cúpula político-administrativa (o que não significa afirmar, evidentemente, que os conflitos políticos estivessem restritos a esses segmentos da sociedade). Para os membros da Junta, negar a iminência de uma guerra nas fronteiras esvaziava as justificativas de uma expedição militar para a área, o que também não deixava de solapar o poder político do próprio governador das armas, por se tratar da autoridade militar mais importante no Grão-Pará e o grande responsável por comandar uma mobilização bélica dessa envergadura. Além disso, uma ampla mobilização militar para as fronteiras, além dos custos financeiros que acarretaria para os cofres locais, certamente desagradaria à população, levando-se em conta o peso dos recrutamentos e do serviço das armas na vida de muitas comunidades da região.

Há outro ponto com respeito à polêmica sobre o perigo de uma guerra contra os insurgentes de Maynas. Nos documentos produzidos em Maynas, não há indícios de que houvesse, de fato, um esforço para organizar uma expedição de conquista de Tabatinga. Da mesma forma, como afirmado anteriormente, entre os militares no Grão-Pará não se

³⁰² Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx.155, D. 11902. Carta da Junta Provisória do Governo Civil da Província do Pará para o rei D. João VI. Belém, 05/08/1822.

³⁰³ Nas palavras dos membros da Junta, “esta providência [o envio da expedição ao Rio Negro] vai deixar esta cidade [Belém] sem defesa, vai expor a tropa da expedição e afinal vai esgotar inteiramente o tesouro nacional com as simples aparências de invasão e de guerra, de modo que se um dia as aparências se tornarem em realidade, faltará então inteiramente o dinheiro para se sustentar a guerra, e provavelmente também faltará a gente para fazê-la.” Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 153, D. 11787. Carta da Junta Provisória do Pará para o Rei D. João VI. Belém, 09/05/1822.

rastreia discussões visando conquistar Maynas ou qualquer outro ponto limítrofe ao norte. Tanto no Rio Negro quanto em Maynas, as autoridades locais estavam, naquele momento, mais voltadas para as lutas que ocorriam (ou que poderiam vir a ocorrer) no interior de seus territórios. Em ambos os lados da fronteira, porém, a ameaça de uma possível invasão merecia a mínima credibilidade por parte das autoridades locais, justificando que os postos fronteiriços se mantivessem atentos sobre o que poderia ocorrer no território vizinho. Essa atenção, essa *expectativa da guerra nas fronteiras*, recorrente desde o período de domínio das Monarquias ibéricas, mostrava-se plenamente justificável no contexto de crise do Antigo Regime nas Américas, quando o desenrolar das soluções políticas mostrava-se extremamente incerto, não descartando a possibilidade de conflitos armados. Deve-se sublinhar que a guerra na fronteira, se permaneceu ao norte como uma expectativa, ao sul era uma experiência concreta, tendo em vista os enfrentamentos armados entre portugueses e os grupos políticos na região do Prata. No decorrer dos anos de 1820, tal incerteza ainda seria operante na fronteira norte, contribuindo para consolidar desconfianças no espaço fronteiriço. Para o final dessa década, Henry Lister Maw registrou que em Tabatinga era “opinião geral que Bolívar tencionava apoderar-se de todas as antigas colônias espanholas, e que não era improvável tentasse depois invadir o Brasil.”³⁰⁴

No entanto, as considerações do governador das armas sobre a manutenção da paz nas fronteiras não estavam voltadas apenas para o reforço da presença militar portuguesa no Rio Negro. Além dessas medidas, e talvez mais importante do que elas, seria, na visão de José Maria de Moura, incentivar as relações comerciais com as zonas limítrofes que estavam se independizando da Coroa espanhola. O reforço da presença militar em Tabatinga poderia garantir a segurança necessária para o incremento do fluxo comercial com Maynas, exportando para lá “os produtos das novas manufaturas europeias”. Estabelecendo um porto franco em Tabatinga, previa o governador das armas, “os povos do Peru preferirão antes ir ali comprar os gêneros de que necessitam, do que esperar que eles venham dos portos do oceano.” Com o estreitamento das relações comerciais entre Grão-Pará e Peru, seriam dissipados “os receios de insulto, ou invasão dos mesmos povos,” e o Grão-Pará seria “em poucos anos depositário da prata

³⁰⁴ Henry Lister MAW. *Narrativa da Passagem do Pacífico ao Atlântico*. Op. cit., p. 161.

peruana à troca das mercadorias que pelo Amazonas lhes levaremos à fronteira de Maynas”.³⁰⁵

No entanto, qualquer plano de estabelecimento de acordos comerciais envolvia a questão do reconhecimento ou não dos novos governos que se estavam constituindo. No entendimento do governador das armas, as “províncias de Maynas e Columbia” ainda constituíam parte da Monarquia espanhola, não cabendo aos poderes provinciais, e apenas à Coroa lusa, negociar acordos comerciais voltados para esses territórios, o que, em sua avaliação, respeitava o estipulado no artigo 19º do Tratado de Madri.³⁰⁶ E mesmo que as ditas províncias fossem consideradas “corpos políticos independentes e com governos reconhecidos por Sua Majestade,” a decisão sobre a assinatura de acordos comerciais continuaria fora da alçada da província, dependendo da aprovação do rei e das Cortes.³⁰⁷

O governador das armas do Grão-Pará voltaria ao tema da importância do comércio da província com a vizinhança hispano-americana em 1823, enfatizando não somente as potencialidades econômicas dessas trocas, mas também a importância política desse mercado. Em um momento em que as pressões do Império do Brasil sobre as províncias do norte se avolumavam, colocando em risco a possibilidade de sustentar a fidelidade à Monarquia portuguesa na região, a dinamização do comércio regional nas partes norte e central da América portuguesa, com projeções sobre as zonas limítrofes dos países que estavam nascendo, poderia dar o lastro material para o projeto político de preservação dos laços com Lisboa. Ao defender o comércio com as “províncias espanholas insurgentes” (e citando especificamente Chile, Colômbia e Maynas), José Maria de Moura defendeu que se adotassem medidas semelhantes àquelas dispensadas a Buenos Aires, reconhecendo-se a legitimidade dos novos governos, incentivando-se o comércio com os novos países. Ainda segundo o governador das armas:

³⁰⁵ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 154, D. 11850. Ofício do governador das armas da Província do Pará, José Maria de Moura, para o secretário de estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, Cândido José Xavier. Belém, 21/06/1822.

³⁰⁶ “E toda a Fronteira será vedado, e de contrabando, o Comércio entre as duas Nações [Portugal e Espanha], ficando na sua força e vigor as Leis promulgadas por ambas as Coroas que disto tratam.” *Tratado de Madrid de 13 de janeiro de 1750 entre Portugal e Espanha*. Apud: Arthur Cezar Ferreira REIS. *Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira – Volume 2: A fronteira com as Colônias Espanholas*. Belém: SECULT, 1993, p. 125.

³⁰⁷ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 159, D. 12145. Ofício do governador de armas da província do Pará, José Maria de Moura, para o ministro e secretário de estado dos Negócios da Guerra, Manuel Gonçalves de Miranda. Belém, 11/04/1823.

Esta importante medida, combinada com a necessária proteção e auxílio dados à navegação do Amazonas, Rio Negro, Solimões, Rio Madeira, Tocantins, Araguaia etc., e com a do estabelecimento de feitorias ou depósitos centrais em Santarém, Cametá, Barra [do Rio Negro] e Ega, e de fronteira em S. José de Marabitanas, Rio Içá, Tabatinga, S. João do Crato ou Cachoeira do Salto no Madeira, e S. João do Araguaia, facilitando o comércio do Alto Goiás, Mato Grosso e províncias espanholas limítrofes de nossa fronteira, atrairão à praça do Pará o comércio de todo o interior da América Meridional, faria povoar mais rapidamente as margens dos supracitados rios, e a cidade de Santa Maria de Belém seria em pouco tempo a mais opulenta de todo o Brasil, e a única que desse a direção política a todas as mais províncias do sertão.³⁰⁸

Os planejamentos de futuro lançados por José Maria de Moura, por um lado, dialogavam com outros planos traçados anteriormente para a região, e, por outro, com a análise do quadro político de redefinições e crises vivenciado pela América e pelas Monarquias ibéricas. Com relação aos planejamentos anteriores, a ideia de incentivar o comércio interiorano no extremo norte da América portuguesa, integrando as fronteiras norte e oeste e envolvendo as terras hispano-americanas vizinhas, foi um ponto recorrente na política ilustrada para a região, conforme discutido no primeiro capítulo. Durante as demarcações de limites, e mesmo posteriormente a elas, o controle da Coroa sobre a fronteira previa ainda o usufruto do comércio, cabendo à cidade de Belém, o principal porto do vale amazônico, o protagonismo nesse mercado. Nesse sentido, as propostas apresentadas pelo governador das armas do Grão-Pará não são exatamente novas, dialogando como expectativas sobre a região construídas há muito tempo pelos homens de Estado e autoridades locais. No caso das rotas comerciais, como foi explanado anteriormente, já havia um fluxo comercial que envolvia Belém, as localidades do Rio Negro e Maynas, de modo que não se tratava de criar um mercado na área, mais sim de incentivá-lo e consolidá-lo tendo em vista os objetivos políticos do planejamento de José Maria de Moura.

No entanto, as medidas defendidas por José Maria de Moura respondiam a uma situação nova e desafiadora: a construção de uma nova unidade territorial na América portuguesa, leal à Monarquia lusa e que fizesse o contraponto ao projeto de Império do Brasil. Nessa formulação, não bastava olhar para os projetos concebidos e executados

³⁰⁸ Pará, AHU_ACL_CU_013, Cx. 159, D. 12145. Ofício do governador de armas da província do Pará, José Maria de Moura, para o ministro e secretário de estado dos Negócios da Guerra, Manuel Gonçalves de Miranda. Belém, 11/04/1823.

anteriormente, mas também (ou principalmente) para as experiências vivenciadas naquele tempo presente: o comércio fluvial ligando Maynas-Rio Negro-Pará, a formação de novos países no continente, a necessidade de reconhecer esses novos governos, e conveniência de estabelecer vínculos diplomáticos e comerciais com os mesmos. Não deixa de ser possível traçar um paralelo com o plano apresentado, no mesmo ano de 1823, por José Maria Padilla para reconquistar Maynas, sustentando a ação militar realista com a aproximação diplomática e comercial com os portugueses do Grão-Pará. Tanto o governador de armas quanto o religioso espanhol estavam cientes de que o futuro das áreas que eles almejavam manter leais a seus monarcas (o Grão-Pará e Maynas, respectivamente), dependia, ao menos em parte, da interrelação com os espaços limítrofes. Mas em 1823 os planos, tanto de José Maria de Moura quanto de José Maria Padilla, seriam invalidados pela incorporação do Grão-Pará ao Império do Brasil.

No início de agosto de 1823, chegaram a Belém notícias sobre uma possível intervenção no Maranhão de uma armada enviada pelo Rio de Janeiro, e que teria resultado na dissolução da junta fiel a Lisboa e incorporação da província ao Império do Brasil. O governo provincial foi oficialmente comunicado desse novo dado no dia 10 do mesmo mês, quando chegou ao porto de Belém o brigue de guerra comandado pelo capitão-tenente John Pascoe Grenfell, oficial britânico a serviço do Império do Brasil. Grenfell trouxe documentos de Cochrane dando conta do alinhamento do Maranhão ao governo do Rio de Janeiro, instando os membros da junta paraense a seguirem o mesmo caminho, sob a promessa de que seriam preservadas as propriedades daqueles jurassem obediência ao Imperador. Ao mesmo tempo, Grenfell informou que havia uma grande esquadra nas proximidades de Belém, capaz de impor um bloqueio ao porto caso o governo local insistisse em manter-se fiel a Lisboa – o que, de fato, não passava de um blefe, já que não existia uma poderosa esquadra nas imediações da capital do Grão-Pará. Diante da pressão de uma possível força naval, e temendo a radicalização da luta política na província, as autoridades oficialmente juraram a Independência no dia 16 de agosto, o que, no entanto, não significou a derrota definitiva dos partidários da Monarquia portuguesa, e muito menos o apaziguamento dos conflitos políticos e sociais no Grão-Pará.³⁰⁹

³⁰⁹ André Roberto de A. MACHADO. “Uma província perdida para o Império do Brasil? No Grão-Pará, a crença na viabilidade de múltiplas alternativas políticas: 1823-1825.” In: Cecília Helena de Salles

Em 1824, as informações sobre as mudanças políticas no Grão-Pará chegaram a Maynas. Em maio, o comandante de Loreto foi comunicado pelo de Tabatinga sobre o fato de “haber jurado todo el Brasil la independencia del reino de Portugal.” O padre Bruno de la Guardia,³¹⁰ que então vivia no posto militar da fronteira, também notificou através de carta o comandante de Loreto sobre o reconhecimento da independência do Brasil, relatando que “el día 15 de marzo se juró en la frontera de Tabatinga, y que hubieron tres noches de iluminación.”³¹¹ Uma vez mais, as notícias navegavam para o outro lado da fronteira.

OLIVEIRA, Vera Lúcia Nagib BITTENCOURT, Wilma Peres COSTA (org.). *Soberania e Conflito: Configurações do Estado Nacional no Brasil do século XIX*. São Paulo: Fapesp, Hucitec, 2010, pp. 337-362.

³¹⁰ Conforme visto anteriormente, Bruno de la Guardia fora cura em Tarapoto, onde exercera o papel de contato dos realistas envolvidos na rebelião em Loreto. Além disso, ele certamente era o mesmo “padre Bruno” que Henry Lister Maw conheceu em Tabatinga em fins da década de 1820, indicando que ele, como outros realistas, fugiu de Maynas após a vitória dos patriotas, estabelecendo-se no Rio Negro.

³¹¹ Carta de Nicolás Arriola, governador político de Maynas, al Intendente y Comandante de las Provincias del Norte. Moyobamba, 21/05/1824. Apud: CLDRDL, Tomo VI, pp. 223-224.

CONCLUSÃO

Durante sua travessia da costa peruana para a cidade de Belém, no final da década de 1820, o oficial da marinha britânica Henry Lister Maw enfrentou problemas com as autoridades do Império do Brasil, mais especificamente na vila de Santarém, na Província do Grão-Pará. Por ordem do comandante militar local, Maw e seu companheiro de viagem foram presos, sob o nebuloso argumento (na opinião do oficial britânico) de que eles representavam uma ameaça à “paz e segurança do seu distrito.” Maw julgou possível que o comandante tivesse determinado sua detenção depois de ouvir boatos a respeito dos escusos motivos de sua viagem pelos rios da região, embora não soubesse precisar quais seriam tais boatos. Entre os poucos que chegaram ao conhecimento de Maw, havia o de que ele e seu companheiro de viagem não seriam britânicos, e nem que vinham da República do Peru. Sobre essa dúvida, contribuía decisivamente a imprecisa visão dos brasileiros do extremo norte sobre os vizinhos países hispanoamericanos surgidos naquela década. Como observou Maw:

Será bom dar uma explicação d’alguns termos de que o Comandante se serviu nas observações que dirigiu à Corte. Tem sido costume nesta parte do Brasil, quando falam das antigas colônias espanholas, o chamá-las “Espanha.” Mas como ele tivesse ouvido falar às vezes dos governos do Chile, México e Colúmbia, muitas pessoas, e entre elas o Comandante, ignoravam que países estes eram e aonde estavam situados. Nós tínhamos declarado que vínhamos do Peru, eles entenderam que era Espanha; correu, porém, a notícia de que tínhamos vindo do Chile, ou México, ou para me servir da expressão do Comandante, “d’algum outro lugar que ele ignorava,” tendo-se concordado, contudo, que viemos “da outra costa.”¹

Tais imprecisões registradas por Maw não podem ser entendidas meramente como expressão do desconhecimento sobre o que se passava no entorno da extensa fronteira da Província do Grão-Pará, uma ignorância que afetaria inclusive as autoridades políticas e militares da região. Como foi abordado em diferentes passagens desse trabalho, as comunicações tecidas nas zonas limítrofes permitiam, sim, que se tomasse conhecimento (ainda que de maneira fragmentária) sobre o que ocorria nas terras contíguas. Mais do que uma questão de

¹ Henry Lister MAW. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico através dos Andes nas províncias do norte do Peru e descendo pelo rio Amazonas até ao Pará*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas, 1989, p. 244.

desconhecimento, é possível entender esse relato como um indício sobre a persistência de certas referências identitárias do Antigo Regime nos anos iniciais de construção dos Estados Nacionais na América. O que estava situado para além da fronteira norte do nascente Império do Brasil eram terras espanholas, e seus habitantes seriam simplesmente espanhóis. Eram definições políticas e territoriais secularmente construídas, e que ainda se faziam presentes nas interpretações de homens que, no Grão-Pará, vivenciavam o incerto e polissêmico processo de tornarem-se brasileiros, da mesma forma como ocorria com peruanos, colombianos, chilenos e outros.

Lançando o olhar para o lado “espanhol” da fronteira, é possível identificar um quadro semelhante. As autoridades da jovem República do Peru, ao se reportarem sobre os problemas fronteiriços, continuavam a referirem-se aos conflitos com os *portugueses*, suas atividades ilegais em Maynas, e a necessidade de barrar as incursões *portuguesas*. No ano de 1825, Damián Najar, subprefeito de Maynas, escrevia ao prefeito do Departamento sobre a necessidade de guarnecer os limites do território com os “portugueses”:

Es de mi deber poner en noticia de esa Superioridad que esta Provincia es fronteriza a *los portugueses* por la de Loreto con Tabatinga, y por el Putumayo con la boca del Iza, las cuales por nuestra parte han estado acéfalas más de cuatro años por motivo de la guerra, y por la de *los portugueses han estado como siempre guarnecidas sus fronteras*, y faltando la correspondiente guarnición en nuestra frontera tienen *los portugueses* amplios los ríos para introducirse a nuestro territorio a sacar zarza y a los indios infieles para esclavizarlos, y considerando que con la conclusión de la guerra ya tendrá el Estado algún desahogo siendo US. servido pueda disponer se pongan los dos Destacamentos que son muy precisos para no permitir *la introducción de los portugueses*, estorbar la saca de los infieles y zarza, y por consiguiente evitar el perjuicio de los pueblos inmediatos *a una nación extranjera*.²

Tal como nos escritos das autoridades espanholas da Província de Maynas do século XVIII, reafirmava-se, nesse documento de 1825, a premente necessidade de defesa da região contra os portugueses. Como ocorria há séculos, os portugueses tinham suas fronteiras bem guarnecidas, invadiam Maynas, usurpavam suas riquezas e amedrontavam seus nativos, sendo indispensável, portanto, que suas autoridades evitassem os prejuízos causados por “una nación extranjera,” o que certamente ainda estava longe de significar, na leitura do subprefeito de

² “El subprefecto de Mainas pide el establecimiento de guarniciones militares en Loreto i Putumayo.” De Damián Najar al Prefecto del Departamento. Moyobamba, 21 de febrero de 1825. Apud.: CLDRDL, Tomo VI, p. 275 (grifos meus).

Maynas, a “nação brasileira.” Contudo, mesmo que as referências ao “outro” (os homens que vinham do outro lado da fronteira) ainda operassem segundo identidades políticas “coloniais,” o momento era radicalmente distinto. Como Damián Najar observa no documento, assim que a guerra de independência chegasse ao fim, o Estado peruano poderia voltar-se com mais atenção para a defesa contra os “portugueses” na fronteira.

É extremamente improvável que o comandante de Santarém e o subprefeito de Maynas desconhecêssem os revolucionários desenlaces políticos recentemente ocorridos no outro lado da fronteira. Como visto nesse trabalho, as transformações em curso no mundo hispânico foram acompanhadas por habitantes do Rio Negro, da mesma forma que, em Maynas, chegavam informações sobre as transformações experimentadas na América lusa. Naquele momento, a continuidade do uso de identidades políticas do Antigo Regime para referir-se às terras e habitantes do outro lado da fronteira indica, mais do que o desconhecimento sobre o que ocorrera (a dissolução na América dos Impérios ultramarinos ibéricos e a formação de soberanias políticas locais), as indefinições sobre o resultado dos processos revolucionários.

Para os habitantes de Maynas, seria já seguro afirmar, em 1825, que eram “brasileiros” os homens que invadiam e ameaçavam Maynas? Os governos do Chile, México e Colômbia constituíam, em fins daquela década, entidades territoriais e Estados Nacionais suficientemente estáveis a ponto de serem reconhecíveis por qualquer autoridade do Rio Negro? Nesse último caso, basta recordar que, em 1830, a eclosão da República da Colômbia (da qual emergiram Venezuela, Nova Granada e Equador) demonstrou a instabilidade de certos projetos de Estado Nacional, instabilidade que seria igualmente marcante no Império do Brasil da mesma década. Deve-se também lembrar que Maynas, já a partir da década de 1820, seria disputada entre Peru, Colômbia e Equador, de modo que considerá-la como “fronteira peruana” estava longe de ser ponto pacífico. Nos impasses e imprevisibilidades que marcaram as nações americanas saídas dos conjuntos imperiais ibéricos, ainda parecia mais seguro recorrer a termos de corte antigo para referir-se ao que estava situado além da fronteira (a “Espanha”, os “espanhóis”, os “portugueses”).

A redefinição das identidades políticas e territoriais dependeria também das interações sustentadas na fronteira. Conforme visto, a ação política de conhecimento e demarcação dos limites territoriais no século XVIII, mais do que solucionar a questão das soberanias monárquicas nos espaços limítrofes, contribuiu para as circulações transfronteiriças (econômicas, demográficas, políticas e culturais), dinamizando as relações que fazem da fronteira um espaço fluido e poroso. No entanto, não se pretende afirmar que essas

circulações anularam os intentos de definição das soberanias portuguesa e espanhola nesses espaços, como se elas estabelecessem uma identidade de fronteira imune aos conjuntos políticos (Impérios ultramarinos, e depois Estados Nacionais) dos quais faziam parte. De acordo com o que foi apresentado nesse trabalho, questões amplas vivenciadas pelas Monarquias portuguesa e espanhola, e que faziam parte da agenda diplomática dos Estados monárquicos europeus entre os séculos XVIII e XIX, marcavam presença na formulação das medidas voltadas para a fronteira, e eram comunicadas e discutidas entre as autoridades estabelecidas nesses espaços, sendo igualmente “consumidas” e interpretadas por outros habitantes da região. Os acordos, as rivalidades e os conflitos imperiais assumiam, assim, um papel nada desprezível nas áreas fronteiriças, de modo que seus habitantes não poderiam ficar imunes às influências desse quadro mais amplo.

No entanto, é igualmente importante levar em consideração como as experiências sustentadas no espaço da fronteira também criavam possibilidades e demandas próprias, e nem sempre coincidentes com as orientações políticas gestadas a partir dos centros políticos. As relações estabelecidas nesses espaços criavam acomodações, alianças e conflitos que poderiam impactar nas determinações políticas gerais para os territórios coloniais/nacionais, ajudando a orientar, de certa forma, os planejamentos para a própria fronteira. Dito de outro modo, a dinâmica fronteiriça, da mesma forma que se moldava segundo as experiências e expectativas existentes nos Impérios e Estados Nacionais, exercia sua influência sobre os mesmos. Durante a crise do Antigo Regime e eclosão dos movimentos de independência, as políticas voltadas para zonas limítrofes como o Rio Negro e Maynas deveriam vislumbrar as intensas modificações em curso, ao mesmo tempo em que as relações mantidas nos espaços de fronteira impactavam os encaminhamentos políticos e o próprio desenho territorial dos novos corpos políticos surgidos no continente.

A partir da década de 1820, e ao longo do século XIX, a fronteira continuaria a ser um espaço de entrecruzamento de experiências, sendo influenciada pelo (e influenciando o) processo de formação dos Estados Nacionais. Maynas e Rio Negro, um segmento longínquo da gigantesca e secular raia fronteiriça luso-espanhola na América do Sul, deveria tornar-se o limite territorial peruano-brasileiro, uma história que, novamente, se desenrolaria conectando os dois lados da fronteira.

BIBLIOGRAFIA

Documentação manuscrita

APEP

- Código 29 - Questões de Limites - Fronteira Espanhola_Reinado de D. João V a D. Maria I (1737-1781)
- Código 311- Atos da Junta (1776-1801)
- Código 312- Correspondência do Governo com Diversos (1777)
- Código 360- Questões de Limites - Fronteira Espanhola (1780-1783)
- Código 362- Questões de Limites - Fronteira Espanhola (1780-1785)
- Código 364- Cópia de todas as Ordens Reais expedidas ao Capitão General João Pereira Caldas, relativas à IV Divisão das Demarcações dos Reais Limites da Coroa de Portugal e Espanha (1780-1788)
- Código 376- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1781)
- Código 380- Questões de Limites (1781-1784)
- Código 382- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1781-1790)
- Código 383- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1782)
- Código 384- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1782)
- Código 385- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1782)
- Código 388- Questões de Limites (1782-1783).
- Código 392- Questões de Limites (1783)
- Código 393- Questões de Limites (1783)
- Código 399- Questões de Fronteiras (1783)
- Código 402- Questões de Limites (1783-1784)
- Código 411- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1784)
- Código 412- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1784)
- Código 413- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1784-1785)
- Código 414- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1784-1785)
- Código 415- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1784-1786)
- Código 416- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1784-1786)
- Código 417- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1784-1786)
- Código 427- Questões de Limites (1785-1787)
- Código 455- Questões de Limites (1788-1789)
- Código 456- Correspondência do Governo com Diversos (1788-1790)
- Código 461- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1789-1797)
- Código 462- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1789-1799)
- Código 463- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1789-1799)
- Código 477- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1790-1799)
- Código 481- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1791)
- Código 482- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1791)
- Código 493- Questões de Fronteira (1792-1794)
- Código 503- Questões de Limites (1793-1797)
- Código 563- Questões de Limites – Fronteira Espanhola (1799)
- Código 569 - Petições (1800)
- Código 570 - Correspondências de Diversos com o Governo (1800)
- Código 571 – Correspondências da Metrópole com os Governadores (1800)
- Código 574 - Correspondências de Diversos com o Governo (1800-1801)
- Código 576 - Correspondências de Diversos com o Governo (1800-1802)
- Código 577 - Correspondências de Diversos com o Governo (1800-1802)

- Código 579 - Correspondência dos Governadores com o Governo do Pará (1800-1803) -
 Código 580 - Alvarás, Cartas Régias e Decisões (1800-1803)
 Código 581 - Correspondências de Diversos com o Governo (1800-1805)
 Código 582 - Correspondências de Diversos com o Governo (1800-1805)
 Código 583 - Diversos com o Governo da Província (1800-1806)
 Código 584 - Correspondências de Diversos com o Governo (1800-1814)
 Código 591 - Correspondências da Metrópole com os Governadores (1801)
 Código 592 - Correspondências da Metrópole com os Governadores (1801-1802)
 Código 601 - Correspondência de Diversos com o Governo - 1802-1806
 Código 614 - Provisões, Patentes e Nomeações - 1803-1817
 Código 615 - Decretos e Alvarás (1803-1819)
 Código 616 - Miscelânea (1803-1822)
 Código 617 - Registros Geral (1803-1841)
 Código 618 - Correspondência dos Governadores com Diversos - 1804-1805
 Código 619 - Correspondência dos Governadores com a Metrópole - 1804-1805
 Código 620 - Correspondência da Metrópole com o Governo - 1804-1805
 Código 623 A - Ofício da Secretaria d'Estado dos Negócios Ultramarino - 1805-1806
 Código 625 - Correspondência dos Governadores com a Metrópole - 1806-1807
 Código 626 - Alvarás, Cartas Régias e Decisões - 1806-1807
 Código 633 - Correspondência da Metrópole com os Governadores - 1807
 Código 637 - Têrmos de Juramento - 1807-1820
 Código 639 - Censo de Macapá - 1808
 Código 642 - Correspondência da Metrópole com os Governadores (1808-1813)
 Código 650 - Correspondência de Diversos com o Governo - (1810-1812)
 Código 666 - Alvarás, Cartas Régias e Decisões (1813-1817)
 Código 666 - Alvarás, Cartas Régias e Decisões (1813-1817)
 Código 669 - Provisões, Patentes e Nomeações (1814-1818)
 Código 669 - Provisões, Patentes e Nomeações (1814-1818)
 Código 679 - Correspondências de Diversos com o Governo (1816)
 Código 682 - Correspondência da Corte com os Governadores (1816 - 1817)
 Código 683 - Livro da Ponta, Protocolo da Presidência (1816 - 1819)
 Código 686 - Correspondências da Metrópole Com os Governadores (1816 - 1824)
 Código 690 - Correspondências de Diversos com o Governo da Província do Pará (1817)
 Código 691 - Correspondências de Diversos com o Governo da Província do Pará (1817 - 1819)
 Código 693 - Correspondências do Governo com Diversos (1817 - 1820)
 Código 695 - Correspondências de Diversos com o Governo da Província do Pará (1817 - 1822)
 Código 698 - Registros Previsões e Patentes Imperiais (1816 - 1817)
 Código 700 - Correspondências de Diversos com o Governo da Província do Pará (1818)
 Código 701 - Correspondências de Diversos com o Governo da Província do Pará (1818 - 1819)
 Código 702 - Correspondências de Diversos com o Governo da Província do Pará (1818 - 1820)
 Código 703 - Correspondências de Diversos com o Governo da Província do Pará (1818 - 1820)
 Código 704 - Correspondências da Côrte com os Governadores (1818 - 1820)
 Código 708 - Atas de Vila Franca (1819 - 1829) .
 Código 720 - Correspondências do Comandante das Armas com o Governo (1821)
 Código 724 - Correspondências da Junta Provisória com Diversos (1821 - 1822)
 Código 727 - Registro de Ofícios da Secretaria dos Negócios da Marinha (1821 - 1834)
 Código 733 - Correspondências dos Comandantes das Armas com o Governo (1822)
 Código 740 - Correspondências de Governadores com da Diversos (1822 - 1823)
 Código 744 - Correspondências Juntas com Diversos (1822 - 1823)

Código 755 - Correspondências de Diversos com o Governo da Província do Pará (1823)
 Código 756 - Correspondências da Junta com Diversos (1823 - 1824)
 Código 757 - Correspondência do Governo com a Côrte (1823 - 1824)
 Código 770 – Cartas de Casamento (1770)

PCDL

A 6. Reinado: D. José I. Título: Alvarás, Cartas Régias e Decisões. Data: 1753 – 1789
 A 10. Autor: Reinado: Título: Registro Geral: Diversos com o Governo. Data: 1799 - 1804
 A 11. Reinado: D. João V a D. João VI. Título: Fronteira Francêsa. Data: 1713 – 1842
 A 12. Reinado: D. João V a D. Maria I. Título: Questões de Limites: Fronteira Hespanhola. Data: 1737 – 1781
 A 13. Reinado: D. Maria I. Título: Questões de limites: Fronteira Hespanhola. Data: 1782
 A 14. Autor: Reinado: D. Maria I. Título: Questões de Limites. Data: 1788 - 1789
 A 15. Reinado: D. Maria I. Título: Questões de limites: Fronteira Hespanhola. Data: 1790 - 1799
 A 21. Reinado: D. Maria I. Título: Correspondência dos Governadores com Diversos. Data: 1778 - 1791
 A33. Título: Correspondência de Diversos com os Governadores. Data: 1783
 A34. Título: Correspondência de Diversos com o Governo. Data: 1778 -1784
 A 35. Título: Correspondência de diversos com o Governo. Data: 1767 - 1799
 A 36. Reinado: Título: Correspondência de diversos com o Governo. Data: 1762 - 1803
 A 41. Reinado: D. Maria I. Título: Correspondência dos Governadores com a Metrópole. Data: 1779 - 1780
 A 42. Reinado: Título: Correspondência do Governo com a Metrópole. Data: 1780 - 1783
 A43. Reinado: D. Maria. Título: Correspondência dos Governadores com a Metrópole. Data: 1783 - 1790
 A 44. Reinado: D. João VI. Título: Correspondência dos Governadores com a metrópole. Data: 1798
 A 45. Reinado: D. João VI. Título: Correspondência dos Governadores com a Metrópole. Data: 1797 - 1799
 A 52. Título: Correspondência da Metrópole com os Governadores. Data: 1778 - 1780
 A 53. Título: Correspondência da Metrópole com os Governadores. Data: 1781 - 1788
 A 54. Título: Correspondência da Metrópole com os Governadores. Data: 1784
 A55. Título: Correspondência da Metrópole com os Governadores. Data: 1774 - 1797
 A57. Título: Cópias de todas as Ordens Reaes, expedidas ao Cap. General João Pereira Caldas, relativas à IV Divisão das Demarcações dos Reaes Limites da Corôa de Portugal com a de Hespanha. Data: 1780
 A 87. Título: Coletânea de notas trocadas sobre a demarcação de limites na América Meridional entre a Espanha e Portugal. Data: 1800
 A 88. Título: Extrato de año de 1800, Y memoria de de Dn. Francisco Requena. Data: Dezembro 1799

ANRJ

Caixa 179, pacote 1. Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação.
 Código 68, volume 4. Negócios de Portugal.
 Código 99, volume 14. Negócios de Portugal.
 Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 1 (1764-1767).

- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 2 (1768-1771).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 3 (1781).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 4 (1783).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 5 (1784).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 6 (1785).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 7 (1786).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 8 (1787).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 9 (1788).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 10 (1789).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 11 (1790).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 12 (1791).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 13 (1792).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 14 (1793-1794).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 15 (1795).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 16 (1796).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 17 (1797).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 18 (1797).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 19 (1798).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 20 (1799).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 21 (1800).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 22 (1801).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 23 (1802-1803).
- Código 99. Negócios de Portugal. Correspondência original dos governadores do Pará com a Corte. Cartas e anexos. Volume 24 (1804-1807).
- Código 101, volume 1. Junta da Real Fazenda da Capitania do Pará.
- Código 101, volume 2. Junta da Real Fazenda da Capitania do Pará.
- Código 251, volume 4: Avisos e portarias (1813-1814).
- IG¹⁸. Generalidades. Gabinete do Ministro (1819-1827).
- IG¹⁹. Pará. Correspondência do Presidente da Província (1828-1839).
- IG²⁶⁵. Pará. Correspondência do Comandante das Armas (1827-1829).
- IJJ⁷⁵⁹. Avisos e ofícios do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Guerra (1808).
- IJJ9 105. Ministério do Reino. Pará (1808-1819).
- IJJ9 771. Ministério do Reino e do Império. Capitania do Pará (1808-1833).

*IJJ² 428. Ministério do Império. Correspondência da Junta da Fazenda do Pará (1826-1828).

AHI

Archivo do Conselho Ultramarino (1776-1782)
 Archivo General de Indias (1777)
 Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, volume 12 (1781-1785)
 Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, volume 14 (1802-1848)
 Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, volume 15 (1844-1859)
 Arquivos de Londres.
 Archivo do Conselho Ultramarino.
 Arquivo do Ministério dos Negócios estrangeiros.
 Biblioteca Real da Ajuda.
 Archivo General de Simancas.
 Arquivos Diversos. Archivo Histórico Nacional.
 Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, volume 13 (1797-1802)
 Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, volume 14 (1803-1810)
 Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, volume 15 (1814-1839)
 Arquivo Público do Amazonas (1820-1876).
 Demarcações da parte do norte (1780-1788).
 Diário do Rio Madeira (1790).
 Diário das Expedições feitas na América Meridional (1780-1805)
 Historia de las Demarcaciones en la América entre los Dominios de España y Portugal (1797)
 Memoria de Requena sobre los límites en la América Meridional.
 Correspondência de Francisco de Sousa Coutinho (1791-1797).
 Assuntos de Estrangeiros: Bolívia (1780-1781).
 Assuntos de Estrangeiros: Caiena (1809-1818).
 Capitania do Grão-Pará (1768).
 Descrição geográfica do Mato Grosso (1797).
 Governo do Pará. Ofícios: 1825-1841.

AGI

Santa Fe 663B

Quito 239

Quito 241

Quito 242

Quito 342

AHLPE

LEA11-009

LEA11-030

LEA11-37

LEA11-059

LEA11-061

LEA11-073

LEA11-074

LEA11-089

LEA11-105

LEA11-107
LEA11-162
LEA11-201
LEA11-205
LEA11-223
LEA11-229
LEA11-232
LEA11-236
LEA11-241
LEA11-242
LEA11-261
LEA11-274
LEA11-280
LEA11-306
LEA11-313
LEA11-317
LEA11-319
LEA11-323
LEA11-326
LEB3-006
LEB3-010
LEB3-015
LED2-001
LED2-008
LED2-015
LED2-019
LED2-052
LED2-057
LED2-109
LED2-111
LED2-124
LED2-168
LED2-174
VNG-008
VNG-009
VNG-012
VNG-016
VPE-111
VPE-137
VPE-143
VPE-149

AGN

Cabildo Provincial, Legajo 04, Expediente 258
Superior Gobierno, Legajo 119, Expediente 1903
Superior Gobierno, Legajo 197, Expediente 1846
Superior Gobierno, Legajo 197, Expediente 3101
Superior Gobierno, Legajo 209, Expediente 195
Superior Gobierno, Legajo 209, Expediente 2933
Superior Gobierno, Legajo 210, Expediente 3173
Superior Gobierno, Legajo 213, Expediente 4149
Superior Gobierno, Legajo 37, Expediente 1324
Superior Gobierno, Legajo 37, Expediente 1325

Superior Gobierno, Legajo 37, Expediente 1339
 Superior Gobierno, Legajo 39, Expediente 1513
 O.L.34-3
 O.L.39-4
 O.L.53-40
 O.L.102-16b
 O.L.131-513

Fontes publicadas.

- AMOROSO, Marta Rosa, FARAGE, Nádia (orgs.). *Relatos da Fronteira Amazônica no Século XVIII. Documentos de Henrique João Wilckens e Alexandre Rodrigues Ferreira*. São Paulo: NHII-USP, FAPESP, 1994.
- BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969.
- BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*. Pará: Tipografia de Santos & Menor, 1839.
- CALVO, Carlos. *Colección completa de los Tratados, Convenciones, Capitulaciones, Armisticios y otros actos diplomáticos de todos los Estados de la América Latina, comprendidos entre el Golfo de Méjico y el cabo de Hornos, desde el año de 1493 hasta nuestros días, precedidos de una memoria sobre el estado actual de la América, de cuadros estadísticos, de un diccionario diplomático, y de una noticia histórica sobre cada uno de los tratados más importantes. Tomo II*. París: Librería de A. Durand, 1862, p. 244.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.
- La Descripción de Guayaquil por Francisco Requena, 1774*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1984.
- LABURRE Y CORREA, Carlos. *Colección de Leyes, Decretos, Resoluciones, y otros Documentos Oficiales referentes al Departamento de Loreto*. Loreto: CETA, 2007.
- O Tratado de Limites Brasil-Peru*. Brasília: Editora do Senado, 2009.
- Real Cédula. Reintegración de Maynas al Perú (15 de julio de 1802)*. Edición facsimilar. Estudio introductorio por Juan Miguel Bákula Patiño, Ada Arrieta Álvarez y Hugo Pereyra Plasencia. Lima: Instituto Riva-Agüero, 1996.
- MATTOS, João Wilkens de. *Roteiro da Primeira Viagem do Vapor Monarcha desde a cidade da Barra do Rio Negro, Capital da Província do Amazonas, até a povoação de Nauta, na República do Peru (1854)*. Iquitos: IIAP-CETA, 1984.

- MAW, Henry Lister. *Narrativa da passagem do Pacífico ao Atlântico através dos Andes nas províncias do norte do Peru e descendo pelo rio Amazonas até ao Pará*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas, 1989.
- POEPPIG, Eduard. *Viaje al Perú y al Río Amazonas, 1827-1832*. Iquitos: CETA, 2003.
- RAIOL, Domingos Antonio. *Motins Políticos, ou História dos Principais Acontecimentos Políticos da Província do Pará desde o Ano de 1821 até 1835, 1º Volume*. Belém: UFPA, 1970.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. “Neutralidade e boa vizinhança no início das relações entre brasileiros e venezuelanos. Documentário.” *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 235, abril/junho de 1957, pp. 3-84.
- SPIX, Johann Baptist von, MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil, 1817-1820. Volume III*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1983.

Historiografia.

- ABURTO COTRINA, Carlos Oswaldo. “Régimen Político y Economía en un Espacio Fronterizo Colonial: Maynas durante la Segunda Mitad del Siglo XVIII.” *Histórica*. Vol. XX, n.1, 1 Julio de 1996.
- ACEVEDO MARIN, Rosa (Org.). *A escrita da História Paraense*. Belém: NAEA/UFPA, 1998.
- _____. “A influência da Revolução Francesa no Grão-Pará”. In: CUNHA, José Carlos (Org.). *Ecologia, desenvolvimento e cooperação na Amazônia*. Belém: UNAMAZ, UFPA, 1992, pp. 34-59.
- ADELMAN, Jeremy, ARON, Stephen. “From Borderlands to Borders: Empires, Nation-States, and the Peoples in Between in North American History.” *The American Historical Review*, vol. 104, No. 3, Jun. 1999, p. 815, pp. 814-841
- ADELMAN, Jeremy. *Sovereignty and Revolution in the Iberian Atlantic*. Princeton University Press, 2006.
- AKERMAN, James R. (ed.). *The Imperial Map: Cartography and the mastery of Empire*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2009.
- ALDANA RIVERA, Susana. “Orden y Desorden: Región y ciudad entre el Virreinato y la República. Trujillo del Perú.” In: MAZZEO DE VIVÓ, Cristina (editora). *Las Relaciones de Poder en el Perú: Estado, regiones e identidades locales, siglos XVII-XIX*. Lima: PUCP, 2011.

- _____. “Un Norte diferente para la independencia peruana.” *Revista de Indias*, vol. LVIII, n. 209, 1997, pp. 141-164.
- _____. “La Independencia de un Gran Espacio: una propuesta de investigación para el norte peruano.” *Boletín del Instituto Riva-Agüero*, n. 19, 1992, pp. 29-44.
- ALDEN, Dauril. “The Undeclared War of 1773-1777.” *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 41, No. 1 (Feb., 1961), pp. 55-74.
- _____. *O significado da produção de cacau na região amazônica no fim do período colonial: um ensaio de história econômica comparada*. Belém: NAEA, 1974.
- ALEXANDRE, Valentim. “A carta régia de 1808 e os tratados de 1810.” In: OLIVEIRA, Luís Valente de, RICÚPERO, Rubens (org.). *A Abertura dos Portos*. São Paulo: Editora SENAC, 2007, pp. 100-121.
- _____. *Os Sentidos do Império: Questão nacional e questão colonial na crise do Antigo Regime português*. Porto: Edições Afrontamentos, 1993.
- ALFAGEME ORTELLS, C. et al. *Félix de Azara, Ingeniero y naturalista del siglo XVIII*. España: Colección de Estudios Altoaragoneses, 1987.
- ALJOVÍN DE LOSADA, Cristóbal. “La Constitución de 1823.” In: O’PHELAN GODOY, Scarlett (compiladora). *La Independencia del Perú: De los Borbones a Bolívar*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Instituto Riva-Agüero, 2001, pp. 351-378.
- ALMEIDA, Luís Ferrand de. *A Colónia do Sacramento na Época da Sucessão de Espanha*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973.
- _____. “O Absolutismo de D. João V.” *Páginas Dispersas: Estudos de História Moderna de Portugal*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1995, pp. 183-201.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os Vassallos del Rey nos confins da Amazônia: a colonização da Amazônia Ocidental – 1750-1798*. Dissertação de Mestrado em História. Niterói: PPHS-UFF, 1990.
- _____. “Os índios no tempo da corte: reflexões sobre política indigenista e cultura indígena no Rio de Janeiro oitocentista”. *Revista USP*, n. 79, 2º semestre de 2008, pp. 94-105.
- _____. “A Falácia do Povoamento: ocupação portuguesa na Amazônia Setecentista.” In: COELHO, Mauro Cezar et al. *Meandros da História: trabalho e poder no Pará e Maranhão, séculos XVIII e XIX*. Belém: UNAMAZ, 2005.

- ALMEIDA, Paulo Roberto de. *Formação da Diplomacia Econômica no Brasil: As relações econômicas internacionais no Império*. São Paulo: Editora SENAC; Brasília: FUNAG, 2001.
- ALMEIDA, Rita Heloísa de. *O Diretório dos Índios: um projeto de “civilização” no Brasil do século XVIII*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1997.
- AMOROSO, Marta Rosa. *Guerra Mura no Século XVIII: Versos e Versões. Representações dos Mura no Imaginário Colonial*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.
- _____. “Documentos de Henrique João Wilckens. Introdução.” In: AMOROSO, Marta Rosa, FARAGE, Nádia (orgs.). *Relatos da Fronteira Amazônica no Século XVIII. Documentos de Henrique João Wilckens e Alexandre Rodrigues Ferreira*. São Paulo: NHII-USP, FAPESP, 1994, pp. 09-14.
- ANINO, Antonio. “Soberanías en lucha.” In: Antonio ANINO, François-Xavier GUERRA. *Inventando la Nación: Iberoamérica, siglo XIX*. México: FCE, 2003, pp. 152-184.
- ANNA, Timothy. *La Caída del Gobierno Español en el Perú: El dilema de la independencia*. Lima: IEP, 2003.
- ARAÚJO, Ana Cristina. “Um Império, um Reino e uma Monarquia na América: As vésperas da Independência do Brasil.” In: JANCSÓ, István (org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2005, pp. 235-270.
- ARAÚJO, Renata Malcher de. *As Cidades da Amazônia no Século XVIII: Belém, Macapá e Mazagão*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1998.
- ARBUTO COTRINA, Carlos Oswaldo. “Políticas y métodos de evangelización en Maynas durante el siglo XVIII: definiendo los elementos de la cultura misionera.” In: NEGRO, Sandra, MARZAL, Manuel M. *Un Reino en la Frontera: Las misiones jesuitas en la América colonial*. Lima: PUCP, Ediciones Abya-Yala, 1999.
- ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX. Dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora da Unesp, 1996.
- ARRUDA, José Jobson de Andrade. *Uma Colônia entre Dois Impérios: A Abertura dos Portos Brasileiros, 1800-1808*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.
- ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. “Miguel Bruce e os ‘Horrores da Anarquia’ no Maranhão, 1822-1827.” In: JANCSÓ, István (org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2005, pp. 345-378.
- ÁVILA, Alfredo, TORRES PUGA, Gabriel. “Do francês ao *gachupin*: a xenofobia do discurso político e religioso da Nova Espanha, 1760-1821.” In: PAMPLONA, Marco A.,

- MÄDER, Maria Elisa (org.). *Revoluções de Independências e Nacionalismos nas Américas: Nova Espanha*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, pp. 119-167.
- AVILA, Arthur Lima de. *Território Contestado: a reescrita da história do Oeste norte-americano (c.1985-c.1995)*. Tese de Doutorado em História. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- AZEVEDO, Cecília, RAMINELLI, Ronald (org.). *História das Américas: Novas perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- AZEVEDO, Francisca Nogueira de. “Carlota Joaquina e a política do Prata.” *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 3. Rio de Janeiro: 1999, p. 253-272.
- _____. “Carlota Joaquin, a Herdeira do Império Espanhol na América.” *Estudos Históricos*, 1997, n.20, pp. 251-274.
- AZEVEDO, João Lúcio de. *O Marquês de Pombal e a sua Época*. São Paulo: Alameda, 2004.
- BADER, Thomas M.. “A ‘Second Fiel’ for Historians of Latin America: An application of the theories of Bolton, Turner, and Webb.” *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, Vol. 12, No. 1, Jan. 1970, pp. 47-54.
- BARLETTI, José. “La población de Maynas en tempos de la Independencia: Análisis de Lagunas y Jeberos.” *IIAP, Documento Técnico n.09*. Iquitos, Julio de 1994.
- BASADRE GROHMAM, Jorge. *Historia de la República del Perú (1822-1933): La época fundacional de la República (1822-1842), Tomo I*. Lima: El Comercio, sin fecha.
- BASTOS, Carlos Augusto. “Comerciantes brasileiros y portugueses en el Departamento de Loreto: comercio fronterizo y conflictos locales (c.1840-c.1860).” *Segundo Congreso Latinoamericano de Historia Económica, Ciudad de México – Simposio: Mercados y mercaderes en los circuitos mercantiles hispanoamericanos, 1780-1860*. 2010, pp. 1-19.
- _____. “Nas rotas do Grão-Pará e Loreto: Comércio e fugas nas “Amazônias” peruana e brasileira (c.1840-c.1870).” *Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Vitória: 2008.
- BEERMAN, Eric. *Francisco Requena. La Expedición de Límites: Amazonía, 1779-1795*. Madrid: Compañía Literaria, 1996.
- BELO, André. “Notícias impressas e manuscritas em Portugal no século XVIII: horizontes de leitura da *Gazeta de Lisboa*.” *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n.22, jul./dez. 2004, pp. 15-35.

- BERBEL, Márcia Regina. "Pátria e patriotas em Pernambuco (1817-1822): nação, identidade e vocabulário político." In: JANCÓS, István (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: São Paulo: Hucitec, Unijuí, Fapesp, 2003, pp. 345-364.
- _____. *A Nação como Artefato: Deputados do Brasil nas Cortes portuguesas, 1821-1822*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 1999.
- BERNARDES, Denis Antônio de Mendonça. *O Patriotismo Constitucional: Pernambuco, 1820-1822*. São Paulo: Hucitec, Fapesp; Recife: UFPE, 2006.
- BETHELL, Leslie. *História da América Latina, Volume 1: América Latina Colonial*. São Paulo: EDUSP; Brasília: FUNAG, 2004.
- BEZERRA NETO, José Maia. *Fugindo, sempre fugindo: escravidão, fugas escravas e fugitivos no Grão-Pará (1840-1888)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp-IFCH, 2000.
- _____. *Escravidão Negra no Grão-Pará, Séculos XVII-XIX*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2001.
- BOGUE, Allan G. "Frederick Jackson Turner Reconsidered." *The History Teacher*, Vol. 27, No. 2, Feb. 1994, pp. 195-221.
- BOLTON, Herbert E. "The Mission as a Frontier Institution in the Spanish-American Colonies." *The American Historical Review*, Vol. 23, No. 1, Oct. 1917, pp. 42-61.
- BORCHART DE MORENO, Christiana. "Las reformas borbónicas en la Audiencia de Quito." *La Audiencia de Quito: Aspectos económicos y sociales (Siglos XVI-XVIII)*. Quito: Abya-Yala, 1998, pp. 299-322.
- _____. *La Audiencia de Quito: Aspectos económicos y sociales (Siglos XVI-XVIII)*. Quito: Abya-Yala, 1998.
- BOXER, Charles R.. *A Idade de Ouro do Brasil: Dores de crescimento de uma sociedade colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BRADING, David A.. "A Espanha dos Bourbons e seu Império Americano." In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina, Volume 1: América Latina Colonial*. São Paulo: EDUSP; Brasília: FUNAG, 2004, pp. 404-405.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo, Séculos XV-XVIII – Os Jogos das Trocas*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BREWER, William M.. "The Historiography of Frederick Jackson Turner." *The Journal of Negro History*, vol. 44, No. 3, Jul. 1959, pp. 240-259.

- BRITO, Adilson Júnior Ishihara. “*Vila a Liberté!*”: *Cultura política popular, revolução e sentimento patriótico na independência do Grão-Pará, 1790-1824*. Dissertação de Mestrado em História Social. Recife: UFPE, 2008.
- BRITO, Cecília Maria Chaves. “Índios das “corporações: trabalho compulsório no Grão-Pará no século XVIII.” In: ACEVEDO MARIN, Rosa (Org.). *A escrita da História Paraense*. Belém: NAEA/UFGA, 1998, pp. 115-137.
- BROWN, Richard D. *Knowledge is Power: The Diffusion of Information in Early America, 1700-1865*. New York: Oxford University Press, 1989.
- BRYANT, Sherwin K. “Finding Gold, Forming Slavery: The creation of a classic slave society, Popayan, 1600-1700.” *The Americas*, vol. 6, n.1, July 2006, pp. 81-112.
- CAJÍAS DE LA VEJA, Fernando. “Acomodación, resistencia y sublevación indígena.” In: Margarita GARRIDO (Ed.). *Historia de América Andina, Vol. 5*. Quito: Universidad Simón Bolívar, 2001, pp. 317-360.
- CALDAS, Yurgel. “Eles são muitos e incontáveis: estratégias coloniais e migratórios dos índios Mura contra o processo pombalino para o domínio amazônico, a partir da *Muhuraída*, de Henrique João Wilkens.” *Novos Cadernos do NAEA*, v.13, n.1, p. 171-198, jul. 2010.
- CALMON, Pedro. *O Rei do Brasil: vida de D. João VI*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943.
- CAMACHO BAÑOS, Angel. *Sublevación de Comuneros en el Virreinato de Nueva Granada en 1781. Estudio de investigación histórica a base de documentos inéditos que se conservan en el Archivo General de Indias de Sevilla*. Sevilla: Tip. Giménez y Vacas, 1925.
- CANABRAVA, Alice P.. *O Comércio Português no Rio do Prata (1580-1640)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984.
- CANOVA, Loiva. *Antônio Rolim de Moura e as Representações da Paisagem no Interior da Colônia Portuguesa na América (1751-1764)*. Tese de Doutorado em História. Curitiba: PPGH-UFPR, 2011.
- CAPEL SÁEZ, Horacio. “Los estudios sobre el territorio.” In: José Luís PESET REIG (Dir.). *Historia de la Ciencia y de la Técnica en la Corona de Castilla. Volumen IV: Siglo XVIII*. Junta de Castilla y León: Consejería de Educación y Cultura, 2002, pp.465-497.
- CARDOSO, Alírio. *Maranhão na Monarquia Hispânica: intercâmbios, guerra e navegação nas fronteiras das Índias de Castela (1580-1655)*. Tesis Doctoral. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2012.

- CARDOSO, Ciro Flamarion S.. *Economia e Sociedade em Áreas Coloniais Periféricas: Guiana Francesa e Pará (1750-1817)*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- CARDOSO, José Luís, MONTEIRO, Nuno Gonçalo, SERRÃO, José Vicente (orgs.). *Portugal, Brasil e a Europa Napoleônica*. Lisboa: ICS, 2010.
- _____. (Coordenador). *A Economia Política e os Dilemas do Império Luso-Brasileiro (1790-1822)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.
- _____. “Nas malhas do Império: A economia política e a política colonial de D. Rodrigo de Souza Coutinho.” In: CARDOSO, José Luís (Coordenador). *A Economia Política e os Dilemas do Império Luso-Brasileiro (1790-1822)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, pp. 65-109.
- CARRERA, António. *As Companhias Pombalinas de Navegação, Comércio e Tráfico de Escravos entre a Costa Africana e o Nordeste Brasileiro*. Lisboa: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, 1969.
- _____. *A Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão*. São Paulo: Editora Nacional, 1988.
- CARRERA DAMAS, Germán (editor). *Historia de América Andina. Volumen 4: Crisis del Régimen Colonial e Independencia*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Libresa, 2003.
- CARVALHO, José Murilo de, BASTOS, Lúcia, BASILE, Marcello (org.). *Às Armas, Cidadãos! Panfletos manuscritos da independência do Brasil (1820-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- CAVALCANTE, Paulo. *Negócios de Trapaça: Caminhos e Descaminhos na América Portuguesa (1700-1750)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2006.
- CHAMBOULEYRON, Rafael. *Portuguese colonization of the Amazon region, 1640-1706*. PhD Thesis. University of Cambridge, 2005.
- _____. “Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (séculos XVII e início do século XVIII).” *Revista Brasileira de História*, vol.26, n.52, 2006, pp. 79-114.
- _____. “Plantações, sesmarias e vilas. Uma reflexão sobre a ocupação da Amazônia seiscentista.” *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 14 maio 2006.

- CHAVES, Cláudia Maria das Graças. *Melhoramentos no Brasil: integração e mercado na América Portuguesa (1780-1822)*. Tese de Doutorado em História. Niterói: PPGH-UFF, 2001.
- CHESNEAUX, Jean. “L’insertion de l’histoire dans l’espace: la géopolitique.” *Du passe faisons table rase?* Paris: François Maspero, 1976, 157-167.
- _____. *Du passe faisons table rase?* Paris: François Maspero, 1976.
- CHIARAMONTE, José Carlos. *Pensamiento de la Ilustración: Economía y sociedad iberoamericanas en el siglo XVIII*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1992.
- CHIARAMONTI, Gabriella. *Ciudadanía y Representación en el Perú (1808-1860): Los itinerarios de la soberanía*. Lima: Fondo Editorial UNMSM, 2005.
- CHOCANO, Magdalena. “Población, Producción Agraria y Mercado Interno, 1700-1824.” In: CONTRERAS, Carlos (editor). *Compendio de Historia Económica del Perú, Tomo 3: La Economía del Período Colonial Tardío*. Lima: BCRP; IEP, 2010, pp. 19-101.
- CHUST, Manuel (coord.). *1808: La Eclosión Juntera en el Mundo Hispano*. México: FCE, Colmex, 2007.
- COELHO, Geraldo Mártires. *Anarquistas, Demagogos e Dissidentes: A imprensa liberal no Pará de 1822*. Belém: CEJUP, 1992.
- _____. *Letras e Baionetas: Novos documentos para a história da imprensa no Pará*. Belém: Cultural CEJUP, 1989.
- COELHO, Mauro Cezar et al. *Meandros da História: trabalho e poder no Pará e Maranhão, séculos XVIII e XIX*. Belém: UNAMAZ, 2005.
- _____. *Do Sertão para o Mar: Um estudo sobre a experiência portuguesa na América, a partir da Colônia – o caso do Diretório dos Índios (1751-1798)*. 2005. Tese de Doutorado em História. São Paulo: FFLCH-USP, 2005.
- CONTRERAS, Carlos (editor). *Compendio de Historia Económica del Perú, Tomo 3: La Economía del Período Colonial Tardío*. Lima: BCRP; IEP, 2010.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri, Tomo II*. Brasília: FUNAG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- COSTA, Fernando Dores. *Insubmissão: Aversão ao serviço militar no Portugal do século XVIII*. Lisboa: ICS, 2010.
- COSTA, Wilma Peres, OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles (Org.). *De Um Império a Outro: Formação do Brasil, séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Editora HUCITEC, FAPESP, 2007.

- COSTELOE Michel P. *La Respuesta a la Independencia: La España imperial y las revoluciones hispanoamericanas, 1810-1840*. México: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- CRESPO, Alberto. “La Independencia desde el Sur.” In: Germán CARRERA DAMAS (ed.). *Historia de América Andina. Volumen 4: Crisis del Régimen Colonial e Independencia*. Quito: Universidad Simón Bolívar, 2003, pp. 241-267.
- CUNHA, José Carlos (Org.). *Ecologia, desenvolvimento e cooperação na Amazônia*. Belém: UNAMAZ, UFPA, 1992.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Legislação Indigenista no Século XIX*. São Paulo: Edusp, Comissão Pró-Índio, 1992.
- CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.
- _____. *História do Pará*. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973.
- CRUZ, Miguel Alexandre Dantas da. *Portugal perante o Sistema Internacional dos Finais do Século XVIII – 1792-1807*. Tese de Mestrado em História, Defesa e Relações Internacionais. Lisboa: ISCT, 2008.
- DARNTON, Robert. “Uma precoce sociedade da informação: As notícias e a mídia em Paris no século XVIII.” *Varia Historia*. Belo Horizonte, n. 25, Jul/01, p. 20, 9-51.
- DELGADO BARRADO, José Miguel. “América y el proyecto de compañías privilegiadas de José de Carvajal (1745-1754).” *Brocar: Cuadernos de investigación histórica*, n.22, 1998, pp. 103-120.
- DEMÉLAS, Marie-Danielle. *La Invención Política: Bolivia, Ecuador, Perú en el siglo XIX*. Lima: IFEA, IEP, 2003.
- DENEGRI LUNA, Félix. *Perú y Ecuador: Apuntes para la historia de una frontera*. Lima: Bolsa de Valores de Lima, Instituto Riva-Agüero, PUCP, 1996.
- DESCOLA, Philippe. *Las Lanzas del Crepúsculo: Relatos jíbaros. Alta Amazonía*. México, DF: FCE, 2005.
- DIAS, Joel Santos. *Os “Verdadeiros Conservadores” do Estado do Maranhão: Poder local, redes clientelares e cultura política na Amazônia colonial (primeira metade do século XVIII)*. Dissertação de Mestrado. Belém: PPGH-UFPA, 2008.
- DIAS, Manuel Nunes. “Colonização da Amazônia (1755-1778).” *Revista de História*. São Paulo, v. 34, n. 70, abr./jun. 1967, pp. 471-490.
- DIAS, Maria Odila da S.. “A interiorização da metrópole, 1808-1853.” In: MOTA, Carlos Guilherme (org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

- DINIZ SILVA, Andrée Mansuy. "Portugal e o Brasil: A Reorganização do Império, 1750-1808." In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina, Volume 1: América Latina Colonial*. São Paulo: EDUSP; Brasília: FUNAG, 2004, pp. 479-480.
- _____. "Uma figura central da Corte Portuguesa no Brasil: D. Rodrigo de Sousa Coutinho." In: MARTINS, Ismênia, MOTTA, Márcia (org.). *1808: A Corte no Brasil*. Niterói: Editora da UFF, 2010, pp. 133-157.
- DOMINGUES, Ângela. "Estado do Grão-Pará e Maranhão." In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.). *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa, São Paulo: Editorial Verbo, 1994, pp. 314-319.
- _____. "Rio Negro, Capitania de São José do." In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (coord.). *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa, São Paulo: Editorial Verbo, 1994., pp. 718-722.
- _____. *Quando os Índios eram Vassalos: colonização e relações de poder no Norte do Brasil na segunda metade do século XVIII*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.
- _____. "'Porque ao Mundo veio para castigo hum dilúvio de dicionários e de jornaes:' A imprensa ilustrada e a avaliação da missão de D. João, Príncipe do Brasil." In: *Rio de Janeiro, Capital do Império Português*. Lisboa: Tribuna, Fundação Calouste Gulbekian, 2010, pp. 243-260.
- ELLIOT, J. H. "A Espanha e a América nos Séculos XVI e XVII." In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina. Volume 1: A América Latina Colonial*. São Paulo: EDUSP; Brasília: FUNAG, 2004, p.294.
- _____. *Imperios del Mundo Atlántico: España y Gran Bretaña en América (1492-1830)*. Madrid: Taurus, 2011.
- ESPADA BURGOS, Manuel. "Fernando VI o el reformismo pacifista." *Anales del Instituto de Estudios Madrileños*, III, 1968, pp. 319-330.
- ESPINOZA, Waldemar. *Amazonía del Perú: Historia de la Gobernación y Comandancia General de Maynas (Hoy Regiones de Loreto, San Martín, Ucayali y Provincia de Condorcanqui)*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2007.
- FALCON, Francisco J. C. *Iluminismo*. São Paulo: Ática, 1986.
- FARAGE, Nádia. *As Muralhas dos Sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; ANPOCS, 1991.

- FERNANDES, Ana Claudia. *Revolução em Pauta: o Debate Correo del Orinoco-Correio Braziliense (1817-1820)*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: USP, 2010.
- FERREIRA, Andrey Cordeiro. “Conquista colonial, resistência indígena e formação do Estado-Nacional: os índios Guaicuru e Guana no Mato Grosso dos séculos XVIII-XIX.” *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2009, v. 52, n.1, pp. 97-136.
- FERREIRA, Eliane Ramos. “Estado e administração: a vila de Mazagão.” In: ACEVEDO MARIN, Rosa (Org.). *A escrita da História Paraense*. Belém: NAEA/UFPA, 1998, pp. 93-114.
- FERREIRA, Fábio. *O General Lecor, os Voluntarios Reais e os Conflitos pela Independência do Brasil na Cisplatina (1822-1824)*. Tese de Doutorado em História Niterói: UFF, 2012.
- FIGHERER, Thomas Marc. *The Baron de Carondelet as Agent of Bourbon Reform: a study of Spanish colonial administration in the years of the French Revolution*. University of Tulane. Dissertation. Department of History, 1977.
- FISHER, J. R.. *Government and Society in Colonial Peru: The Intendant System, 1784-1814*. London: University of London, The Athlone Press, 1970.
- FLORES GALINDO, Alberto. *La Ciudad Sumergida: Aristocracia y plebe en Lima, 1760-1830*. Lima: Editorial Horizonte, 1991.
- FLORES GUZMÁN, Ramiro Alberto. “Fiscalidad y gastos de gobierno en el Perú Borbónico.” In: CONTRERAS, Carlos (editor). *Compendio de Historia Económica del Perú, Tomo 3: La Economía del Período Colonial Tardío*. Lima: BCRP; IEP, 2010, 295-380.
- FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. *Contrabando e Contrabandistas na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul (1851-1864)*. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: UFRGS-PPGH, 2007.
- FRAGOSO, João Luís. *Homens de Grossa Aventura: Acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- FRASQUET, Ivana, SLEMIAN, Andréa (eds.). *De las Independencias Iberoamericanas a los Estados Nacionales (1810-1850); 200 años de historia*. Madrid: AHILA, Iberoamerica, Vervuert, 2009.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. *Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGL-UERJ, 2003.

- GÁLVEZ, José Francisco. "Burócratas y Militares en el Siglo XVIII." In: O'PHELAN GODOY, Scarlett (Compiladora). *El Perú en el Siglo XVIII: La Era Borbónica*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Instituto Riva Agüero, 1999.
- GALVEZ MONTERO, José Francisco. *Las Bases del Estado Peruano y el Proceso de Independencia*. Tesis Doctoral. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2002.
- GARCÍA AYLUARDO, Clara (coord.). *Las Reformas Borbónicas*. México, DF: CIDE, FCE, Conaculta, INEHRM, Fundación Cultural de la Ciudad de México, 2010.
- GARCÍA JORDÁN, Pilar. *Cruz y Arado, Fusiles y Discursos: La construcción de los Orientes en Perú y Bolivia, 1820-1940*. Lima: IEP, IFEA, 2001.
- GARCIA, Elisa Frühauf. *As Diversas Formas de Ser Índio: Políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo sul da América portuguesa*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.
- _____. "Os índios e as reformas bourbônicas: entre o 'despotismo' e o consenso." In: AZEVEDO, Cecília, RAMINELLI, Ronald (org.). *História das Américas: Novas perspectivas*. Rio de Janeiro: FGV, 2011, pp. 55-81.
- GARRIDO, Margarita (coord.). *Historia de América Andina. Volumen 3: El Sistema Colonial Tardío*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Libresa, 2001.
- _____. "América y España en el concierto de naciones." In: GARRIDO, Margarita (coord.). *Historia de América Andina. Volumen 3: El Sistema Colonial Tardío*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Libresa, 2001, pp.38-39.
- _____. (Ed.). *Historia de América Andina, Vol. 5*. Quito: Universidad Simón Bolívar, 2001.
- GIL, Tiago. "Sobre o comércio ilícito: a visão dos demarcadores de limites sobre o contrabando terrestre na fronteira entre os domínios lusos e espanhóis no Rio da Prata (1774-1801)." *Segundas Jornadas de História Regional Comparada*.
- _____. *Infieis Transgressores: Elites e contrabandistas nas fronteiras do Rio Grande e do Rio Pardo (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.
- GLAVE, Luis Miguel. "Antecedentes y naturaleza de la revolución del Cuzco de 1814 y el primer proceso electoral." In: O'PHELAN GODOY, Scarlett (compiladora). *La Independencia del Perú: De los Borbones a Bolívar*. Lima: PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2001, pp. 77-96.
- GOYCOCHÊA, L. F. Castilhos. *A Diplomacia de Dom João VI em Caiena*. Rio de Janeiro: Edições GTL, 1963.

- GORENSTEIN, Riva. “Comércio e política: o enraizamento de interesses mercantis portugueses no Rio de Janeiro (1808-1830).” In: MARTINHO, Lenira Menezes, GORENSTEIN, Riva. *Negociantes e caixeiros na sociedade da Independência*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1993, pp. 126-255.
- GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. “As bases institucionais da construção da unidade. Dos poderes do Rio de Janeiro joanino: administração e governabilidade no Império luso-brasileiro.” In: JANCSÓ, István (org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2005, pp. 707-752.
- GRAHAM, Richard. “‘Ao mesmo tempo sitiados e sitiados:’ a luta pela subsistência em Salvador (1822-1823).” In: JANCSÓ, István (org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2005, pp. 411-445.
- GUIMARÃES, Carlos Gabriel. *A Presença Inglesa nas Finanças e no Comércio no Brasil Imperial: Os casos da Sociedade Bancária Mauá, MacGregor & Cia. (1854-1866) e da firma inglesa Samuel Phillips & Cia. (1808-1840)*. São Paulo: Alameda, 2012.
- GODECHOT, Jacques. *Europa e América no Tempo de Napoleão (1800-1815)*. São Paulo: Pioneira Editora, Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- GOES, Synesio Sampaio. *Navegantes, Bandeirantes, Diplomatas: aspectos da descoberta do continente, da penetração do território brasileiro extra-Tordesilhas e do estabelecimento das fronteiras da Amazônia*. Brasília: IPRI, 1991.
- GOMES, Flávio dos Santos. *A Hidra e os Pântanos: quilombos e mocambos no Brasil (sécs. XVII-XIX)*. Tese de Doutorado em História. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1997.
- _____. (org.). *Nas Terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira (séculos XVII-XIX)*. Belém: Editora da UFPA, 1999.
- _____. “Fronteiras e Mocambos: o protesto negro na Guiana Brasileira.” In: GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Nas Terras do Cabo Norte: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana Brasileira (séculos XVII-XIX)*. Belém: Editora da UFPA, 1999, pp. 225-381.
- GÓMEZ GONZÁLEZ, Juan Sebastián. *La Frontera Selvática: Historia de Maynas, siglo XVIII*. Tesis Doctoral. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México, Posgrado en Estudios Latinoamericanos, 2012.
- GÓMEZ URDÁÑEZ, José Luis. “El proyecto político ensenadista en la polémica sobre el despotismo ilustrado en España. Notas sobre el proyecto de investigación ‘Ensenada 2002.’” *Brocar: Cuadernos de investigación histórica*, n.19, pp. 85-130.

- GONZÁLES CRUZ, David. "Propaganda y fuentes de información en la prensa periódica de la América hispana durante las guerras del siglo XVIII." *Obradoiro de Historia Moderna*, n. 20, 2011, 355-384.
- GOULARD, Jean-Pierre. "Los Ticuna." In: SANTOS, Fernando, BARCLAY, Frederica. *Guía Etnográfica de la Alta Amazonía, Volumen I*. Quito: FLACSO-Ecuador, IFEA, 1994, pp.309-354.
- GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. *O Império das Províncias: Rio de Janeiro, 1822-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- GUEDES, Roberto. *Dinâmica Imperial no Antigo Regime Português: Escravidão, governos, fronteiras, poderes, legados (séc. XVII-XIX)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.
- GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e Independencias. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Editorial MAPFRE, Fondo de Cultura Económica, 2001.
- GUMILLA S.J, Joseph. *El Orinoco Ilustrado y Defendido*. Caracas: Biblioteca de la Academia Nacional de la Historia, 1963.
- HALPERIN DONGHI, Tulio. *Revolución y Guerra: Formación de una elite dirigente en la Argentina criolla*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005
- _____. *Reforma y Disolución de los Imperios Ibéricos, 1750-1850*. Madrid: Alianza Editorial, 1985.
- HAMNETT, Brian R. *La Política Española en una Época Revolucionaria, 1790-1820*. México: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- _____. "La Política Contrarrevolucionaria del Virrey Abascal: Perú, 1806-1816." Lima: IEP, 2000.
- _____. *Revolución y Contrarrevolución en México y el Perú: Liberalismo, realeza y separatismo (1800-1824)*. México: FCE, 1978.
- HENNESSY, Alistair. *The Frontier in Latin American History*. Albuquerque: University of New Mexico, 1978.
- HERNÁNDEZ GARCÍA, Elizabeth Del Socorro. *La Elite Piurana y la Independencia del Perú: La lucha por la continuidad en la naciente república (1750-1824)*. Lima: Universidad de Piura, PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2008.
- HERRERA, Jenaro. *El proceso de la independencia en Maynas, 1820-1824*. Iquitos: Impr. y Libr. H. Reátegui, 1917.
- HERZOG, Tamar. *La Administración como un Fenómeno Social: La justicia penal de la Ciudad de Quito (1650-1750)*. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1995.

- HESPAÑA, António Manuel (Coord.). *História de Portugal. Volume IV: O Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.
- HILDAGO LEHUEDÉ, Jorge, LANGUE, Frédérique. “La Reformulación del Consenso: nuevos modelos de integración de comunidades.” In: TANDETER, Enrique. *Historia General de América Latina, Volumen IV: Procesos americanos hacia la redefinición colonial*. Madrid: Ediciones UNESCO, Editorial Trotta, 2007, pp. 407-422.
- HOBBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo I, 1º Volume: Do Descobrimento à Expansão Territorial*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.
- _____. “Os franceses no Maranhão”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo I, 1º Volume: Do Descobrimento à Expansão Territorial*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1976, pp. 231-234.
- _____. “Um mito geopolítico: a ilha Brasil.” In: *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. “A Colônia de Sacramento e a Expansão no Extremo Sul.” In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História Geral da Civilização Brasileira, T. 1, Vol. 1*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- HOORNAERT, Eduardo. (org.). *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. “A Amazônia e a cobiça dos europeus”. In: HOORNAERT, Eduardo. (org.). *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1992, pp. 49-60.
- IGUE TAMAKI, José Luis. *Bandolerismo, Patriotismo y Etnicidad Poscolonial: los “morochucos” de Cangallo, Ayacucho, en las guerras de independencia, 1814-1824*. Tesis de Licenciatura en Historia. Lima: PUCP, 2011.
- JANCSÓ, István (org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2005.
- _____. (org.). *Brasil: Formação do Estado e da Nação*. São Paulo: São Paulo: Hucitec, Unijuí, Fapesp, 2003.
- _____. *Na Bahia, Contra o Império. História do ensaio de sedição de 1798*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: EDUFBA, 1996.
- JANCSÓ, István e PIMENTA, João Paulo G. “Peças de um mosaico (ou apontamentos para o estudo da emergência da identidade nacional brasileira).” In: MOTA, Carlos Guilherme

- (org.). *Viagem Incompleta. A experiência brasileira, 1500-2000. Formação: histórias*. São Paulo: SENAC, 1999, pp. 129-174.
- JAVIER CASTRO, Oscar. *Reconfiguração de Entidades Político-Territoriais e Constitucionalismo Moderno no Novo Reino de Granada, 1808-1816*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: FFLCH-USP, 2013.
- JENSEN, Richard. "On Modernizing Frederick Jackson Turner: The Historiography of Regionalism." *The Western Historical Quarterly*, Vol. 11, No. 3, Jul. 1980, pp. 307-322.
- LENHARO, Alcir. *As Tropas da Moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil (1808-1842)*. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1993.
- KAISER, Wolfgang. "Penser la frontiere – notions et approches.» *Histoire des Alpes-Storia delle Alpi-Geschichte der Alpen*, 1998/3, pp. 63-74.
- KANTOR, Iris. "Usos diplomáticos da ilha-Brasil: polêmicas cartográficas e historiográficas." *Varia Historia*. Belo Horizonte: vol. 23, n.37, Jan/Jun 2007, pp. 70-80.
- _____. *Esquecidos e Renascidos: Historiografia Acadêmica Luso-Americana (1724-1759)*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 2004.
- _____. "Impasses e Repercussões do Reformismo Ilustrado na Segunda Metade do Século XVIII." In: OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles, BITTENCOURT, Vera Lúcia Nagib, COSTA, Wilma Peres (Org.). *Soberania e Conflito: Configurações do Estado Nacional no Brasil do Século XIX*. São Paulo: HUCITEC, FAPESP, 2010, pp. 64-65.
- _____. "Mapas para um Novo Império: Cultura cartográfica na época da transferência da Corte para o Rio de Janeiro (1779-1822)." In: *Rio de Janeiro, Capital do Império Português (1808-1821)*. Lisboa: Tribuna; Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 289-299.
- KOSELLECK, Reinhart. "Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas." In: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, p. 308.
- _____. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.
- KÜHN, Fábio. *Gente da Fronteira: Família, Sociedade e Poder no Sul da América Portuguesa – Século XVIII*. Tese de Doutorado em História. Niterói: PPGH-UFF, 2006.
- LANE, Kris E.. "Captivity and Redemption: aspects of slave life in early colonial Quito and Popayan." *The Americas*, vol. 57, n.2, October 2000, pp. 225-246.

- LAPA, José Roberto Amaral. “Do Comércio em Área de Mineração.” *Economia Colonial*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973, pp.36-43.
- _____. *Economia Colonial*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.
- LEHM ARDAYA, Zulema. “Efectos de las reducciones jesuíticas en las poblaciones indígenas de Maynas y Mojos.” In: SANTOS GRANERO, Fernando (compilador). *Opresión Colonial y Resistencia Indígena en la Alta Amazonía*. Quito: FLACSO-Sede Ecuador, 1992, pp.135-164.
- LEITE, Rosângela F. “A política joanina para a ocupação dos sertões (Guarapuava, 1808-1821)” *Revista de História*, n. 159, 2º semestre de 2008, pp.167-187.
- LEWIN, Boleslao. *La Rebelión de Tupac Amaru y los Orígenes de la Emancipación Americana*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1972.
- LIMA, André Nicácio. *Caminhos da integração, fronteiras da política: a formação das províncias de Goiás e Mato Grosso*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PPGHS-USP, 2010.
- LIMA, Manoel de Oliveira. *D. João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- LIMPO PÍRIZ, Luis Alfonso. “Proyección americana de la Guerra de las Naranjas y Tratado de Badajoz.” *Revista de Estudios Extremeños*, vol. 57, n.3, 2001, pp. 919-962.
- LOPES, Siméia de Nazaré. *As Rotas do Comércio do Grão-Pará: Negociantes e Relações Mercantis (c.1790-c.1830)*. Tese de Doutorado em História. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ, 2013.
- _____. “Sociedades mercantis e as políticas de articulação comercial entre Pará e Mato Grosso (1790-1820).” *Revista Dia-Logos*, n. 05, outubro de 2011, pp. 173-185.
- _____. *O Comércio Interno no Pará Oitocentista: atos, sujeitos sociais e controle entre 1840-1855*. Dissertação de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento. Belém: NAEA-UFPA, 2002.
- LÓPEZ GARCÉS, Claudia Leonor. *Ticunas brasileiros, colombianos y peruanos: Etnicidad y nacionalidade en la región de fronteras del alto Amazonas/Solimões*. Tesis de Doctorado. Brasília: CEPPAC-UnB, 2000.
- LOURENÇO, Jaqueline. *Um Espelho Brasileiro: Visões sobre os povos indígenas e a construção de uma simbologia nacional no Brasil (1808-1831)*. Dissertação de Mestrado em História São Paulo: USP, 2010.
- LUCENA GIRALDO, Manuel. “La Expedición Imaginaria: La ejecución del Tratado de San Ildefonso en la Guayana Española (1776-1784).” In: SOLANO, Francisco de,

- BERNABEU, Salvador (coord.). *Estudios (Nuevos y Viejos) Sobre la Frontera*. Madrid: CSIC, 1991, pp. 249-276.
- _____. *Laboratorio Tropical: La expedición de límites al Orinoco*. Caracas: Monte Ávila Editores, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1991.
- _____. (Editor). *Francisco Requena y otros: Ilustrados y bárbaros. Diario de la exploración de límites al Amazonas (1782)*. Madrid: Alianza Editorial, 1991.
- _____. “La Delimitación Hispano-Portuguesa y la Frontera Regional Quiteña, 1777-1804.” *Procesos, Revista Ecuatoriana de Historia*. Quito: Corporación Editora Nacional, n. 04, 1993.
- _____. “Le réformisme de frontière.” *HSAL*, n.7, premier semestre 1998, 209-220.
- LUCENA SALMORAL, Manuel. “Los movimientos antirreformistas en Suramérica: 1777-1781. De Tupac Amaru a los comuneros.” *Anales de la Universidad de Murcia*. Murcia: Secretariado de Publicaciones, 1981, pp. 5-34.
- _____. “La población del reino de Quito en la época de reformismo borbónico: circa de 1784.” *Revista de Indias*: 54: 200 (1994), pp. 33-81.
- LUQUE TALAVÁN, Miguel. “La intendencia de Puno: de circunscripción colonial a departamento de la República del Perú (1784-1824).” *Revista Complutense de Historia de América*, 1999, 25, pp. 219-252.
- LUSTOSA, Isabel. “Insultos impressos: o nascimento da imprensa no Brasil.” In: MALERBA, Jurandir *A Independência do Brasil: Novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 241-268.
- LYNCH, Jonh. *La España del Siglo XVIII*. Barcelona: Editorial Crítica, 2009.
- _____. *Las Revoluciones Hispanoamericanas, 1808-1826*. Barcelona: Ariel, 2008.
- LYRA, Maria de Lourdes Vianna. *A Utopia do Poderoso Império: Portugal e Brasil, bastidores da política, 1798-1822*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.
- MACHADO, André Roberto de Arruda. *A Quebra da Mola Real das Sociedades: A crise política do Antigo Regime português na Província do Grão-Pará (1821-1825)*. São Paulo: Editora Hucitec, Fapesp, 2010.
- _____. “Uma província perdida para o Império do Brasil? No Grão-Pará, a crença na viabilidade de múltiplas alternativas políticas: 1823-1825.” In: OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles, BITTENCOURT, Vera Lúcia Nagib, COSTA, Wilma Peres (org.). *Soberania e Conflito: Configurações do Estado Nacional no Brasil do século XIX*. São Paulo: Fapesp, Hucitec, 2010, pp. 337-362.

- MACLACHLAN, Colin M. "The Indian Directorate: forced acculturation in Portuguese America (1757-1799). *The Americas*. Washington (DC), v. 28, n.4, pp. 357-387, abr. 1972.
- MACLEAN Y ESTENÓS, Roberto. *Peruanidad de Tumbes, Jaén y Maynas*. Lima: s/e., 1941.
- MAGALHÃES, Joaquim Romero. "Sebastião José de Carvalho e Melo e a economia do Brasil." *Labirintos Brasileiros*. São Paulo: Alameda, 2011, pp. 173-198.
- _____. *Labirintos Brasileiros*. São Paulo: Alameda, 2011
- MAGNAGHI, Russell M. *Herbert E. Bolton and the Historiography of the Americas*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1998.
- MAGNOLI, Demétrio. *O Corpo da Pátria: Imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: Editora da UNESP, Moderna, 1997.
- MALERBA, Jurandir (org.). *A Independência do Brasil: Novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- _____. "De homens e títulos: a lógica das interações sociais e a formação das elites no Brasil às vésperas da independência." In: MALERBA, Jurandir (org.). *A Independência do Brasil: Novas dimensões*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 153-177.
- _____. *A Corte no Exílio: Civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MAMAN RODRIGUEZ, Ítala. *Los Otros Caminos de la Tiranía: Los corregidores en la Audiencia de Quito, 1750-1790*. Tesis de Maestría en Historia Andina. Quito: FLACSO-Sede Ecuador, 1993.
- MARCHENA FERNÁNDEZ, Juan. "La Expresión de la Guerra: El poder colonial. El Ejército y la crisis del régimen colonial." In: CARRERA DAMAS. Germán (editor). *Historia de América Andina. Volumen 4: Crisis del Régimen Colonial e Independencia*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Libresa, 2003, pp. 77-128.
- MARKS, Patricia H.. *Deconstructing Legitimacy. Viceroy, Merchants, and the Military in Late Colonial Peru*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2007.
- MARTIN RUBIO, Maria del Carmen. *Historia de Maynas, Un Paraíso Perdido en el Amazonas*. Madrid: Ediciones Atlas, 1991.
- MARTINHO, Lenira Menezes, GORENSTEIN. Riva. *Negociantes e caixeiros na sociedade da Independência*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1993.

- MARTINS, Heitor. *Neoclassicismo*. Rio de Janeiro: Brasília: Academia Brasileira de Letras, 1982.
- MARTINS, Ismênia, MOTTA, Márcia (org.). *1808: A Corte no Brasil*. Niterói: Editora da UFF, 2010.
- MAURO, Frédéric. “O Peru e a economia brasileira no século XVII.” *Do Brasil à América*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975, pp. 65-74.
- _____. *Do Brasil à América*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.
- MAXWELL, Kenneth e SILVA, Maria Beatriz Nizza da. “A Política.” In: SERRÃO, Joel, MARQUES, A.H. Oliveira. *Nova História da Expansão Portuguesa. Volume VIII: O Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*. Lisboa: Editora Estampa, 1986, pp. 340-342.
- MAXWELL, Kenneth. *Marquês de Pombal: Paradoxo do Iluminismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- MAZZEO DE VIVÓ, Cristina (editora). *Las Relaciones de Poder en el Perú: Estado, regiones e identidades locales, siglos XVII-XIX*. Lima: PUCP, 2011.
- _____. “Las vicisitudes de la guerra de la independencia del Perú, 1817-1824.” *Cuadernos de Investigación, 1/2000*. Lima: PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2003.
- MCEVOY, Carmen, NOVOA, Mauricio, PALTI, Elías. *En el Nudo del Imperio: Independencia y Democracia en el Perú*. Lima: IEP, IFEA, 2012.
- MCFARLANE, Anthony. “Desórdenes civiles e insurrecciones populares.” In: GARRIDO, Margarita (Ed.). *Historia de América Andina, Vol. 5*. Quito: Universidad Simón Bolívar, 2001, pp. 281-313.
- MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *A “Gazeta do Rio de Janeiro” e o impacto na circulação de ideias no Império luso-brasileiro (1808-1821)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 2006.
- MELLO, Evaldo Cabral de. *A Outra Independência. O federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- MELLO e SOUZA, Laura de (org.). *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. “Formas provisórias de existência: a vida cotidiana nos caminhos, nas fronteiras e nas fortificações.” In: NOVAIS, Fernando A., MELLO E SOUZA, Laura de (org.). *História da Vida Privada no Brasil, volume 1: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 42-81.

- MELLO, Marcia Eliane Alves de Souza. "O Regimento das Missões: Poder e negociação na Amazônia portuguesa." *Clio- Revista de Pesquisa Histórica*, n. 27-1, 2009, pp. 46-75.
- MENDONÇA, Marcos Carneiro de. *O Marquês de Pombal e o Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- _____. *A Amazônia na Era Pombalina: Correspondência inédita do governador e capitão-general do Estado do Grão-Pará e Maranhão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, 1751-1759. Tomos I, II e III*. Rio de Janeiro: IHGB, 1963.
- MIRANDA, Marcia Eckert. *A Estalagem e o Império: Crise do Antigo Regime, fiscalidade e fronteira na Província de São Pedro (1808-1831)*. São Paulo: Hucitec, 2009, pp. 117-131.
- _____. "Ao Sul das Cortes: a Independência na Província do Rio Grande de São Pedro." *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, v. 1, p. 65334-20, 2013.
- MYERS, Jorge. "A Revolução de Independência no Rio da Prata e as origens da nacionalidade argentina (1806-1825)." In: PAMPLONA, Marco, MÄDER, Maria Elisa (org.). *Revoluções de Independência e Nacionalismos nas Américas – Região do Prata e Chile*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, pp. 69-92.
- MOLINA MARTÍNEZ, Miguel. "Conflictos en la Audiencia de Quito a finales del siglo XVIII." *Anuario de Estudios Americanos*, 65, 1, enero-junio, 153-173, Sevilla (España), 2008.
- MOLINER PRADA, Antonio. "El movimiento juntero en la España de 1808." In: CHUST, Manuel (coordinador). *1808: La Eclosión Juntera en el Mundo Hispano*. México: FCE, Colmex, 2007, pp. 51-83.
- MONTEIRO, John Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. *A Capitania de São José do Rio Negro*. Manaus: Valer Editora, s/d.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo. *D. José na Sombra de Pombal*. Lisboa: Temas e Debates, 2008.
- MONTOYA, Gustavo. *La Independencia del Perú y el Fantasma de la Revolución*. Lima: IEP/IFEA, 2002.
- MORALES SARAVIA, Francisco. "Forma jurídica de estado en el constitucionalismo peruano del siglo XIX." *Pensamiento Constitucional*, Año IV, n. 4, 1997, pp. 329-350.
- MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. "Reformulações da Missão Católica na Amazônia entre 1750 e 1832." In: HOORNAERT, Eduardo. (org.). *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1992, pp. 210-261.

- MOREL, Marco. "Independência no papel: a imprensa periódica." In: JANCSÓ, István (org.). *Independência: História e Historiografia*. São Paulo: Hucitec; FAPESP, 2005, pp. 617-636.
- MORELLI, Federica. *Territorio o Nación: Reforma y disolución del espacio imperial en Ecuador, 1765-1830*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2005.
- _____. "De Audiencia a Nación: el legado de la crisis imperial en Ecuador." In: Ivana FRASQUET, Andréa SLEMIAN (eds.). *De las Independencias Iberoamericanas a los Estados Nacionales (1810-1850); 200 años de historia*. Madrid: AHILA, Iberoamerica, Vervuert, 2009, 137-138, pp. 131-152.
- MOTA, Carlos Guilherme (org.). *Viagem Incompleta. A experiência brasileira, 1500-2000. Formação: histórias*. São Paulo: SENAC, 1999.
- _____. "O processo de Independência no Nordeste." In: MOTA, Carlos Guilherme. *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1986, pp. 205-250
- _____. (org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- _____. *Nordeste 1817: estruturas e argumentos*. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- MUNIZ, João de Palma. "Adesão do Grão-Pará à Independência." *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, ano VI, vol. IV, 1923.
- NEGRO, Sandra, MARZAL, Manuel. *Un Reino en la Frontera: Las misiones jesuitas en la América colonial*. Quito: Abya-Yala, 2000.
- NEGRO, Sandra. "Maynas, una Misión entre la ilusión y el desencanto." In: NEGRO, Sandra, MARZAL, Manuel. *Un Reino en la Frontera: Las misiones jesuitas en la América colonial*. Quito: Abya-Yala, 2000, pp. 185-203.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Napoleão Bonaparte: Imaginário e política em Portugal, c.1808-1810*. São Paulo: Alameda, 2008.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *The Tukuna*. Berkley and Los Angeles: University of California Press, Publications in American Archaeology and Ethnology, vol. 45, 1952.
- NOGUEIRA, Shirley Maria Silva. *Razões para desertar: institucionalização do exército no estado do Grão-Pará no último quartel do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento. Belém: UFPA-NAEA, 2000.
- _____. "A soldadesca desenfreada": politização militar no Grão-Pará da Era da Independência (1790-1850). Tese de Doutorado. Salvador: PPGH-UFBA, 2009.

- NOVAIS, Fernando A. “Condições da privacidade na colônia.” In: Fernando A. NOVAIS, Laura de MELLO E SOUZA (org.). *História da Vida Privada no Brasil, volume 1: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 13-39.
- _____. “O reformismo ilustrado luso-brasileiro: alguns aspectos.” In: *Aproximações: estudos de história e de historiografia*. São Paulo: Cosacnaify, 2005, pp. 167-182.
- _____. *Aproximações: estudos de história e de historiografia*. São Paulo: Cosacnaify, 2005
- _____. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1750-1777)*. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.
- NOVAIS, Fernando A., MELLO E SOUZA, Laura de (org.). *História da Vida Privada no Brasil, volume 1: Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- OLIVEIRA, Cecília Helena S. *A Astúcia Liberal: Relações de mercado e projetos políticos no Rio de Janeiro (1820-1824)*. Bragança Paulista: Edusf, Ícone, 1999.
- OLIVEIRA, Luís Valente de, RICÚPERO, Rubens (org.). *A Abertura dos Portos*. São Paulo: Editora SENAC, 2007.
- O’PHELAN GODOY, Scarlett. *San Martín y su paso por el Perú*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 2010.
- _____. “El proceso de independencia en el Perú.” In: FRASQUET, Ivana, SLEMIAN, Andréa (eds.). *De las Independencias Iberoamericanas a los Estados Nacionales (1810-1850); 200 años de historia*. Madrid: AHILA, Iberoamerica, Vervuert, 2009, pp. 109-129.
- _____. “Abascal y la reformulación del espacio del virreinato del Perú, 1806-1816.” *Política Internacional – Revista de la Academia Diplomática del Perú*, Ns. 95-96, Enero/Junio 2009, pp. 30-46.
- _____. (compiladora). *La Independencia del Perú: De los Borbones a Bolívar*. Lima: PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2001.
- _____. “Sucre en el Perú: entre Riva-Agüero y Torre Tagle.” In: O’PHELAN GODOY, Scarlett (compiladora). *La Independencia del Perú: De los Borbones a Bolívar*. Lima: PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2001, pp. 379-406.

- _____. “Repensando el Movimiento Nacional Inca del Siglo XVIII.” In: O’PHELAN GODOY, Scarlett. *El Perú en el Siglo XVIII: La Era Borbónica*. Lima: Instituto Reiva-Agüero, PUCP, 1999, pp. 263-277.
- _____. *El Perú en el Siglo XVIII: La Era Borbónica*. Lima: Instituto Reiva-Agüero, PUCP, 1999.
- _____. (Compiladora). *El Perú en el Siglo XVIII: La Era Borbónica*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Instituto Riva Agüero, 1999.
- _____. *Kurakas sin Sucesiones: Del cacique al alcalde de indios (Perú y Bolivia, 1750-1835)*. Cuzco: CBC, 1997.
- _____. *La Gran Rebelión en los Andes: De Túpac Amaru a Túpac Catari*. Cusco: CBC, 1995.
- OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles, BITTENCOURT, Vera Lúcia Nagib, COSTA, Wilma Peres (Org.). *Soberania e Conflito: Configurações do Estado Nacional no Brasil do Século XIX*. São Paulo: HUCITEC, FAPESP, 2010.
- OLIVEIRA, João Rafael Moraes de. “A invasão espanhola na província de Santa Catarina em 1777: reações e mobilidade política.” In: COSTA, Wilma Peres, OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles (Org.). *De Um Império a Outro: Formação do Brasil, séculos XVIII-XIX*. São Paulo: Editora HUCITEC, FAPESP, 2007, pp. 167-179.
- OLIVEIRA, Ricardo de. “Política, diplomacia e o império colonial português na primeira metade do século XVIII.” *História: Questões e Debates*. Curitiba: UFPR, n. 36, 2005, pp. 251-278.
- ORREGO PENAGOS, Juan Luis, ALJOVÍN DE LOSADA, Cristóbal, LÓPEZ SORIA, José Ignacio (compiladores). *Las Independencias Desde La Perspectiva de los Actores Sociales*. Lima: OEI, UNMSM, PUCP, 2009.
- OSÓRIO, Helen. “Estruturas Socioeconômicas Coloniais.” In: WASSERMAN, Claudia (org.). *História da América Latina: Cinco Séculos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 38-76.
- _____. *O Império Português no Sul América: Estancieiros, lavradores e comerciantes*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- ÖZTÜRK, Bayram, ÖZKAN, Resat (eds.). *The Proceedings of the Symposium on the Straits used for International Navigation*. Istanbul, Turkey, 16-17 November 2002.
- PAIVA, Eduardo França, ANASTASIA, Carla Maria Juno (orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver, séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume: PPGH/UFMG, 2002.

- PAMPLONA, Marco A., MÄDER, Maria Elisa (org.). *Revoluções de Independências e Nacionalismos nas Américas: Nova Espanha*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- PAQUETTE, Gabriel B.. *Enlightenment, Governance, and Reform in Spain and its Empire, 1759-1808*. London: Palgrave Macmillan, 2008.
- PATRÓN BOYLAN, Paul Rizo. “La nobleza del Perú ante la Independencia.” In: ORREGO PENAGOS, Juan Luis, ALJOVÍN DE LOSADA, Cristóbal, LÓPEZ SORIA, José Ignacio (compiladores). *Las Independencias desde la Perspectiva de los Actores Sociales*. Lima: OEI, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Pontificia Universidad Católica del Perú, 2009.
- _____. “Las emigraciones de los súbditos realistas del Perú hacia España durante la crisis de la independencia.” In: O’PHELAN GODOY, Scarlett (compiladora). *La Independencia del Perú: De los Borbones a Bolívar*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Instituto Riva-Agüero, 2001, pp. 407-428.
- PEDREIRA, Jorge Miguel Viana. *Estrutura Industrial e Mercado Colonial: Portugal e Brasil (1780-1830)*. Lisboa: DIFEL, 1994.
- PEDREIRA, Jorge, COSTA, Fernando Dore. *D. João VI: Um príncipe entre dois continentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- PEQUENO, Eliane da Silva Souza. “Mura, guardiães do caminho fluvial.” *Revista de Estudos e Pesquisas*, FUNAI, Brasília, v.3, n.1/2, pp.133-155, jul./dez. 2006.
- PERALTA RUIZ, Víctor. *La Independencia y la Cultura Política Peruana (1808-1821)*. Lima: IEP, Fundación Manuel J. Bustamante de la Fuente, 2010.
- _____. “La frontera amazónica en el Perú del siglo XVIII: Una representación desde la Ilustración.” *Brocar: Cuadernos de Investigación Histórica*, n. 30. Logroño: Universidad de la Rioja, 2006.
- _____. “Prensa y redes de comunicación en el Virreinato del Perú, 1790-1821.” *Tiempos de América*, n.12 (2005), pp.113-131.
- _____. *En Defensa de la Autoridad: Política y cultura bajo el gobierno del virrey Abascal. Perú, 1806-1816*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2002.
- _____. “El cabildo de Lima y la política en el Perú, 1808-1814.” In: O’PHELAN GODOY, Scarlett (compiladora). *La Independencia del Perú: De los Borbones a Bolívar*. Lima: PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2001, pp. 29-56.
- PEREIRA, Márcia Leila de Castro. “*Rios de História*”: *Guerra, Tempo e Espaço entre os Mura do Baixo Madeira (AM)*. Tese de Doutorado. Brasília: UnB-PPGAS, 2009.

- PERERA, Miguel Ángel. *El Orinoco Domeñado: Frontera y límite. Guayana, siglo XVIII. Ecología cultural y antropología histórica de una colonización breve e inconclusa, 1704-1816*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Consejo de Desarrollo Científico y Humanístico, 2006.
- PESAVENTO, Fábio, PRADO, Fabrício. "Beyond the Portuguese Atlantic: Trans and Extraimperial Networks in Eighteenth-Century Lisbon, Rio de Janeiro, Rio de la Plata, and London." In: XV Worth Congresso of Economic History, 2009.
- PESAVENTO, Fábio. "Para além do império ultramarino português: as redes trans, extraimperiais no século XVIII." In: GUEDES, Roberto. *Dinâmica Imperial no Antigo Regime Português: Escravidão, governos, fronteiras, poderes, legados (séc. XVII-XIX)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011, pp. 97-111.
- PESET REIG, José Luís (Dir.). *Historia de la Ciencia y de la Técnica en la Corona de Castilla. Volumen IV: Siglo XVIII*. Junta de Castilla y León: Consejería de Educación y Cultura, 2002.
- PIETSCHMANN, Horst. *Las Reformas Borbónicas y el Sistema de Intendencias en Nueva España: Un estudio político administrativo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- PIMENTA, João Paulo G. *Estado e Nação no Fim dos Impérios Ibéricos no Prata (1808-1828)*. São Paulo: HUCITEC; FAPESP, 2002.
- _____. *O Brasil e a América espanhola (1808-1822)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: FFLCH/USP, 2003.
- _____. "Portugueses, americanos, brasileiros: identidades políticas na crise do Antigo Regime luso-americano." *Almanack Braziliense*, n.03, maio de 2006, pp. 69-80.
- _____. *Tempos e Espaços das Independências: a inserção do Brasil no mundo ocidental (c.1780-c.1830)*. Tese de Livre Docência. São Paulo: FFLCH/USP, 2012.
- PINEDA CAMACHO, Roberto, ALZÁTE ÁNGEL, Beatriz (comp.). *Los Meandros de la Historia en Amazonia*. Quito: Abya-Yala, MLAL, 1990.
- PINO, Fermín del, GUIRAO DE VIerna, Angel. "Las Expediciones Ilustradas y El Estado Español." *Revista de Indias*, 1987, vol. XLVII, núm. 180, pp. 379-429.
- PORRAS BARRENECHA, Raúl. *História de los Límites del Perú*. Lima: Fundación M. J. Bustamante De la Fuente, 2011.
- PORRAS P., Maria Elena. *Gobernación y Obispado de Mainas, siglos XVII-XVIII*. Quito: Ediciones Abya-Ayala, Taller de Estudios Historicos, 1987.

- PORRO, Antonio. "História Indígena do Alto e Médio Amazonas, Séculos XVI a XVIII." *O Povo das Águas: Ensaio de Etno-História Amazônica*. Petrópolis: Editora Vozes/EDUSP, 1996, pp. 37-73.
- _____. *O Povo das Águas: Ensaio de Etno-História Amazônica*. Petrópolis: Editora Vozes/EDUSP, 1996.
- PORTILLO VALDÉS, José M.. *Crisis Atlántica: Autonomía e Independencia en la crisis de la Monarquía Hispana*. Madrid: Marcial Pons, 2006.
- POYO, Gerald E., HINOJOSA, Gilberto M. "Spanish Texas and Borderlands Historiography in Transition: Implications for United States History." *The Journal of American History*, Vol. 75, No. 2, Sep. 1988, 393-416.
- PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento: o extremo sul da América portuguesa no século XVIII*. Porto Alegre, 2002.
- PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- PRICE, Richard. "Uneasy Neighbors: Marrons and Indians in Suriname." *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*: Vol. 8, Issue 2, 2012, Article 4.
- PUENTE BRUNKE, José de la. "'Todo fue atolondramiento, todo confusión.' Los militares realistas en la guerra de independencia del Perú y sus desavencias." In: MCEVOY, Carmen, NOVOA, Mauricio, PALTÍ, Elías. *En el Nudo del Imperio: Independencia y Democracia en el Perú*. Lima: IEP, IFEA, 2012, pp.187-206.
- QUECEDO, P. Francisco, OFM. *El Ilustrísimo Fray Hipólito Sánchez Rangel, Primer Obispo de Maynas*. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, Publicaciones del Instituto de Investigaciones Históricas, Número LXXVIII, 1942.
- QUEIROZ, Jonas Marçal, COELHO, Mauro Cezar. "Fronteiras da História, limites do saber: a Amazônia e seus intérpretes. In.: QUEIROZ, Jonas Marçal, COELHO, Mauro Cezar. *Amazônia, modernização e conflito (Séculos XVIII e XIX)*. Belém: Universidade Federal do Pará; Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2001, pp. 157-190.
- _____. *Amazônia, modernização e conflito (Séculos XVIII e XIX)*. Belém: Universidade Federal do Pará; Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2001.
- RAMINELLI, Ronald. "Ciência e colonização: Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira." *Revista Tempo*, n.6, 1998, pp. 157-182.

- RAVENA, Nírvea. “O abastecimento no século XVIII no Grão-Pará: Macapá e vilas circunvizinhas.” In: ACEVEDO MARIN, Rosa (Org.). *A escrita da História Paraense*. Belém: NAEA/UFGA, 1998, pp. 29-52.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. “O processo de Independência no Norte.” In: MOTA, Carlos Guilherme. *1822: Dimensões*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986, pp.187-204.
- _____. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.
- _____. “A ocupação portuguesa do vale amazônico”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (ed.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1976, pp. 283-99.
- _____. *A Política de Portugal no Valle Amazônico*. Belém: SECULT, 1993.
- _____. *Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira – A Fronteira com as Colônias Espanholas*. Belém: SECULT, 1993.
- _____. *Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira: A Fronteira com as Colônias Espanholas (vol. 2)*. Belém: SECULT, 1993.
- _____. *Lobo d’Almada, Um Estadista Colonial*. Manaus: Editora Valer, 2006.
- REVEL, Jacques. “Conhecimento do território, produção do território: França, séculos XIII-XIX.” *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, s/d, pp. 103-158.
- _____. *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, s/d
- REY DE CASTRO, Frederica Barclay. “Olvido de Una Historia: Reflexiones acerca de la historiografía andino-amazónica.” *Revista de Indias*, 2001, vol. LXI, núm. 223, pp. 493-511.
- REYES FLORES, Alejandro. *Hacendados y Comerciantes: Piura, Chachapoyas, Moyobamba, Lamas, Maynas (1780-1820)*. Lima: Juan Brito, 1999.
- RIO BRANCO, Miguel Paranhos de, MARIZ, Vasco. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de 1750 e A Tormentosa Nomeação do Jovem Rio Branco para o Itamaraty*. Brasília: FUNAG, 2010.
- RIO BRANCO, Miguel Paranhos de. “Alexandre de Gusmão e o Tratado de 1750.” In: RIO BRANCO, Miguel Paranhos de, MARIZ, Vasco. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de*

- 1750 e A Tormentosa Nomeação do Jovem Rio Branco para o Itamaraty*. Brasília: FUNAG, 2010, p.21-26.
- RÍO SARDONIL, José Luis del. "Don Francisco Requena y Herrera: una figura clave en la Demarcación de los Límites Hispano-Lusos en la cuenca del Amazonas (s. XVIII)." *Revista Complutense de Historia de América*. Madrid: 2003, n. 29, 51-75.
- ROCA, José Luis. *Ni con Lima ni con Buenos Aires: La formación de un Estado nacional en Charcas*. La Paz: IFEA, Plural Editora, 2007.
- RODRÍGUEZ O, Jaime E. *La Independencia de la América Española*. México: FCE, Colmex, FHA, 2005.
- _____. *La Revolución Política Durante la Época de la Independencia: El Reino de Quito, 1808-1822*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Corporación Editora Nacional, 2006.
- ROJAS, Beatriz. "Orden de gobierno y organización del territorio: Nueva España hacia una nueva territorialidad, 1786-1825." In: GARCÍA AYLUARDO, Clara (coord.). *Las Reformas Borbónicas*. México, DF: CIDE, FCE, Conaculta, INEHRM, Fundación Cultural de la Ciudad de México, 2010, pp. 131-163.
- ROLLER, Heather Flynn. "Colonial Collecting Expeditions and the Pursuit of Opportunities in the Amazonian Sertão, c.1750-1800." *The Americas*, vol. 66, n. 4, April 2010, pp. 435-467.
- _____. *Colonial Routes: spatial mobility and community formation in the Portuguese Amazon*. PhD Dissertation in History. Stanford University, 2010.
- _____. "River Guides, Geographical Informants, and Colonial Field Agents in the Portuguese Amazon." *Colonial Latin American Review*, vol. 21, n. 1, April 2012, pp. 101-126.
- ROMANO, Ruggiero. *Mecanismos y elementos del sistema económico colonial americano, siglos XVI-XVIII*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- ROSA, Carlos Aberto. *A Vila do Bom Jesus do Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: FFLCH-USP, 1996.
- ROSAS LAURO, Claudia. *Del Trono a la Guillotina: El Impacto de la Revolución Francesa en el Perú (1789-1808)*. Lima: IFEA, Fondo Editorial de la PUCP, Embajada de Francia en el Perú, 2006.
- ROSAS MOSCOSO, Fernando. *Del Rio de la Plata al Amazonas: El Perú y el Brasil en la Época de la Dominación Ibérica*. Lima: Universidad Ricardo Palma, 2008.

- RUIZ TORRES, Pedro. *Historia de España, volumen 5: Reformismo e Ilustración*. Barcelona: Crítica, Marcial Pons, 2008.
- RUIZ-PEINADO, José Luis. "Amazonía Negra." In: SANTOS PÉREZ, José Manuel, PETIT, Pere (org.). *La Amazonía Brasileña en Perspectiva Histórica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2006, pp. 23-59.
- SAFIER, Neil. "Subalternidade tropical? O trabalho do índio remador nos caminhos fluviais amazônicos". In: PAIVA, Eduardo França, ANASTASIA, Carla Maria Juno (orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver, séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume: PPGH/UFGM, 2002, pp. 427-443.
- _____. "The Confines of the Colony: Boundaries, Ethnographic Landscapes, and Imperial Cartography in Iberoamerica». In: AKERMAN, James R. (ed.). *The Imperial Map: Cartography and the mastery of Empire*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2009.
- SAHLINS, Peter. "Natural Frontiers Revisited: France's Boundaries since the Seventeenth Century." *The American Historical Review*, vol. 95, n. 5, 1990, pp. 1423-1451.
- SALA I VILA, Nuria. *Revueltas Indígenas en el Perú Tardocolonial*. Tese de Doutorado em História. Barcelona: Universitat de Barcelona, Facultat de Geografia e Historia, 1989.
- SALLES, Vicente. *O Negro no Pará sob o Regime da Escravidão*. Rio de Janeiro: FGV, UFPA, 1971.
- SAMPAIO, Patrícia Maria Melo. *Espelhos Partidos: etnia, legislação e desigualdade na Colônia – Sertões do Grão-Pará, c. 1755-c.1823*. Tese de Doutorado. Niterói: PPGHS-UFF, 2001.
- _____. "Entre a Tutela e a Liberdade dos Índios: Relendo a Carta Régia de 1798." In: COELHO, Mauro Cezar et al. *Meandros da História: trabalho e poder no Pará e Maranhão, séculos XVIII e XIX*. Belém: UNAMAZ, 2005, pp. 67-84.
- SANCHES AGESTA, Luis. *El Pensamiento Político del Despotismo Ilustrado*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1953.
- SÁNCHEZ GÓMEZ, Julio. "Invisibles y Olivados: Indios e Independencia de Brasil." *História Regional*, Goiânia, v. 16, n.1, p. 81-131, jan./jun. 2011.
- SANTOS GRANERO, Fernando, BARCLAY, Frederica. *La Frontera Domesticada: Historia económica y social de Loreto, 1850-2000*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 2002.
- SANTOS GRANERO, Fernando (compilador). *Opresión Colonial y Resistencia Indígena en la Alta Amazonía*. Quito: FLACSO-Sede Ecuador, 1992.

-
- _____. "Anticolonialismo, mesianismo y utopía en la sublevación de Juan Santos Atahualpa, siglo XVIII." In: SANTOS GRANERO, Fernando (compilador). *Opresión Colonial y Resistencia Indígena en la Alta Amazonía*. Quito: FLACSO-Sede Ecuador, 1992., pp. 103-134.
- SANTOS PÉREZ, José Manuel, PETIT, Pere (org.). *La Amazonía Brasileña en Perspectiva Histórica*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2006.
- SANTOS, Corcino Medeiros dos. *A Produção das Minas do Alto Peru e a Evasão de Prata para o Brasil*. Brasília: Thesaurus Editora, 1998.
-
- _____. "A Amazônia nas relações hispano-portuguesas: o secretíssimo plano de comércio do Marquês de Pombal." *Três Ensaio de História Colonial*. Brasília/DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007, pp. 85-143.
-
- _____. *Três Ensaio de História Colonial*. Brasília/DF: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.
- SANTOS, Fabiano Vilaça dos. "Uma vida dedicada ao Real Serviço: João Pereira Caldas, dos sertões do Rio Negro à nomeação para o Conselho Ultramarino (1753-1790)." *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 26, n. 44, jul/dez. 2010, pp.499-521.
- SANTOS, Fernando, BARCLAY, Frederica. *Guía Etnográfica de la Alta Amazonía, Volumen I*. Quito: FLACSO-Ecuador, IFEA, 1994.
- SANTOS, Francisco Jorge dos. *Além da Conquista: Guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.
- SECKINGER, Ron. *The Brazilian Monarchy and the South American Republics, 1822-1831: Diplomacy and State Building*. Baton Rouge and London, Louisiana State University Press, 1984.
- SEINER LIZÁRRAGA, Lizardo. "La rebelión de Tacna de 1811." In: Scarlett O'PHELAN GODOY (compiladora). *La Independencia del Perú: De los Borbones a Bolívar*. Lima: PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2001, pp. 57-75.
- SERRÃO, Joel, MARQUES, A.H. Oliveira. *Nova História da Expansão Portuguesa. Volume VIII: O Império Luso-Brasileiro, 1750-1822*. Lisboa: Editora Estampa, 1986.
- SERRERA, Ramón María. "La definición de regiones y las nuevas divisiones políticas." In: TANDETER, Enrique. *Historia General de América Latina, Volumen IV: Procesos americanos hacia la redefinición colonial*. Madrid: Ediciones UNESCO, Editorial Trotta, 2007, pp. 231-249.
- SERULNIKOV, Sergio. *Revolución en los Andes: La Era de Túpac Amaru*. Buenos Aires: Sudamericana, 2010.

- SCHULTZ, Kirsten. *Versalhes Tropical: Império, Monarquia e a Corte Real portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- SILVA, Ana Cristina Nogueira da, HESPANHA, António Manuel. “A identidade portuguesa.” In: HESPANHA, António Manuel (Coord.). *História de Portugal. Volume IV: O Antigo Regime (1620-1807)*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992, pp.19-37.
- SILVA, Ana Cristina Nogueira da. *O Modelo Espacial do Estado Moderno: Reorganização Territorial em Portugal nos Finais do Antigo Regime*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- SILVA, Ana Rosa Cloclet da. *Inventando a Nação: Intelectuais Ilustrados e Estadistas Luso-Brasileiros na Crise do Antigo Regime Português (1750-1822)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2006.
- SILVA, Augusto da. *Rafael Pinto Bandeira: de Bandoleiro a Governador. Relações entre os poderes privado e público em Rio Grande de São Pedro*. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- _____. *A Ilha de Santa Catarina e sua Terra Firme: Estudo sobre o governo de uma capitania subalterna (1738-1807)*. Tese de Doutorado em História Econômica. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo, 2007.
- SILVA, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da. “A Guerra da Independência dos E.U.A. e os diplomatas portugueses. Luís Pinto de Sousa Coutinho e os primórdios do conflito (1774-1776).” *Actas do XV Colóquio de História Militar -Portugal Militar nos Séculos XVII e XVIII até às Vésperas das Invasões Francesas*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2006, pp. 913-928.
- SILVA, Luiz Geraldo. “Pernambucanos, sois portugueses!” *Almanack Braziliense*, n.1, maio de 2005.
- _____. “Esperança e Liberdade: interpretações populares da abolição ilustrada (1773-1774).” *Revista de História*, 144 (2001), pp.107-149.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. “A Corte no Rio de Janeiro: o perigo francês, o perigo espanhol e o poder inglês.” In: CARDOSO, José Luís, MONTEIRO, Nuno Gonçalo, SERRÃO, José Vicente (orgs.). *Portugal, Brasil e a Europa Napoleônica*. Lisboa: ICS, 2010, pp. 297-321.
- _____. *D. João V*. Lisboa: Temas e Debates, 2009.
- _____. (coord.). *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa, São Paulo: Editorial Verbo, 1994.

- _____. *Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- SILVA, Renán. *Los Ilustrados de Nueva Granada, 1760-1808: Genealogía de una comunidad de interpretación*. Medellín: Fondo Editorial EAFIT, coedición Banco de la República, 2008.
- SLAUTER, William. *News and Diplomacy in the Age of the American Revolution*. PhD Thesis. Princeton University, 2007.
- SLEMIAN, Andréa. *Sob o Império das Leis: Constituição e unidade nacional na formação do Brasil (1822-1834)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2006.
- SLEMIAN, Andréa, PIMENTA, João Paulo G. *A Corte e o Mundo: Uma história do ano em que a família real portuguesa chegou ao Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008.
- _____. *O “nascimento político” do Brasil: as origens do Estado e da nação (1808-1825)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SOARES, Eliane Cristina Lopes. *Roceiros e Vaqueiros na Ilha Grande de Joanes no Período Colonial*. Tese de Doutorado em Planejamento do Desenvolvimento. Belém: UFPA-NAEA, 2002.
- SOBREVILLA PEREA, Natalia. “Questionando o significado de *Pátria*: tornando-se peruano durante a guerra, 1809-1824.” In: PAMPLONA, Marco, MÄDER, Maria Elisa (org.). *Revoluções de Independência e Nacionalismos nas Américas – Peru e Bolívia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, pp. 19-62.
- SOLANO, Francisco de, BERNABEU, Salvador (coord.). *Estudios (Nuevos y Viejos) Sobre la Frontera*. Madri: CSIC, 1991.
- SOMERS, Eddy. “The Legal Regime of the Danish Straits.” In: ÖZTÜRK, Bayram, ÖZKAN, Resat (eds.). *The Proceedings of the Symposium on the Straits used for International Navigation*. Istanbul, Turkey, 16-17 November 2002, pp. 12-19.
- SOMMER, Barbara A.. *Negotiated Settlements: native Amazonians and Portuguese policy in Pará, Brazil, 1758-1798*. PhD in History. University of New Mexico, Albuquerque, 2000.
- SOUBLIN, Jean. *Caiena 1809*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2010.
- SOUZA, Iara Lis de Carvalho. *Pátria Coroada: o Brasil como corpo político autônomo – 1780-1831*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- SOUZA JÚNIOR, José Alves de. *Tramas do Cotidiano: Religião, política, guerra e negócios no Grão-Pará do Setecentos. Um estudo sobre a Companhia de Jesus e a política pombalina*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC-SP, 2009.

- _____. *Constituição ou Revolução: os projetos políticos para a emancipação do Grão-Pará e a atuação política de Filipe Patroni (1820-1823)*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Unicamp, 1998.
- _____. “O Projeto Pombalino para a Amazônia e a Doutrina do Índio-Cidadão.” *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas* – Revista do CFCH/UFPa. Belém, v.12, n.1/2, pp. 85-98, jan./dez. 1993.
- STOIANI, Raquel. *Napoleão visto pela luneta d’El-Rei: construção e usos políticos do imaginário francês e napoleônico na América portuguesa (ca.1808-1821)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: USP, 2009.
- STEIMAN, Rebeca. *A Geografia das Cidades de Fronteira: um estudo de caso de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia)*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Rio de Janeiro: PPGG-UFRJ, 2002.
- STERN, Steve (comp.). *Resistencia, rebelión y conciencia campesina en los Andes, siglos XVIII al XX*. Lima: IEP, 1990.
- _____. “La era de la insurrección andina, 1742-1782: una reinterpretación.” In: Steve STERN (comp.). *Resistencia, rebelión y conciencia campesina en los Andes, siglos XVIII al XX*. Lima: IEP, 1990, pp. 50-117.
- STOCKS, Anthony Wayne. *Los Nativos Invisibles. Notas sobre la historia y realidad actual de los Cocamilla del río Huallaga, Perú*. Lima: CAAAP, 1981.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. “Connected Histories: Notes toward a reconfiguration of Early Modern Eurasia.” In: *Beyond Binary Histories*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999, pp. 289-316.
- SWEET, David G (comp.). *Lucha por la supervivencia en la América colonial*. México: FCE, 1987.
- _____. “Juan de Silva y Fernando Rojas: baqueanos africanos de la selva americana (Perú y Gran Pará, siglo XVIII)” In: SWEET, David G (comp.). *Lucha por la supervivencia en la América colonial*. México: FCE, 1987, pp. 234-246.
- _____. “Native Resistance in 18th-Century Amazonia: The ‘Abominable Muras’ in War and Peace.”
- TANDETER, Enrique. “Economía minera en el espacio andino.” In: GARRIDO, Margarita (coord.). *Historia de América Andina. Volumen 3: El Sistema Colonial Tardío*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Libresa, 2001, pp.61-86.

- _____. *Historia General de América Latina, Volumen IV: Procesos americanos hacia la redefinición colonial*. Madrid: Ediciones UNESCO, Editorial Trotta, 2007.
- TARDIEU, Jean-Pierre. *El Negro en la Real Audiencia de Quito, Siglos XVI-XVIII*. Quito: Abya-Yala, IFEA, COOPI, 2006.
- TAYLOR, Anne-Christine, DESCOLA, Philippe. "El conjunto jivaro en los comienzos de la conquista española del Alto Amazonas." *Bulletin de l'Institut Français d'Etudes Andines*, 1981, X, N.3-4, pp.7-54.
- THOMSON, Sinclair. "Cuando Sólo Reinasen los Indios": Recuperando la variedad de proyectos anticoloniales entre los comuneros andinos (La Paz, 1740-1781)." *Argumentos (Méx.)*, México, v. 19, n.50, abr. 2006, 15-47.
- TORRE CUEVA, Oscar de la. *Freedom in Amazonia: The black peasantry of Pará, Brazil, 1850-1950*. PhD dissertation. University of Pittsburgh, 2011.
- TORRES, Simeia Maria de Souza. "Dominios y Fronteras en la Amazonía Colonial. El Tratado de San Ildefonso (1777-1790)." *Fronteras de la Historia*, año/vol.8, 2003, pp. 198-205.
- _____. *Onde os Impérios se Encontram: Demarcando fronteiras coloniais nos confins da América (1777-1791)*. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo: PUC, 2011.
- TORRES-LONDOÑO, Fernando. "Trabalho indígena na dinâmica de controle das reduções de Maynas no Marañón do século XVII." *História*. São Paulo, v. 25, n.1, pp. 15-43, 2006.
- _____. "De Gentis a Defensores da Missão: Os Jeberos e as Missões de Maynas." *CLIO – Série Revista de Pesquisa Histórica* – N.27-1, 2009, pp. 51-62.
- TUMA, Sofia Valdez. *A Neutralidade Portuguesa no Século XVIII: de Huco Grócio à Acção Política e Diplomática*. Tese de Doutorado em História. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História; Paris: Université Paris 1, Pantheon-Sorbonne UFR Histoire, 2010.
- USECHE LOSADA, Mariano. "Colonización española e indígenas en el Alto Orinoco, Casiquiare y Río Negro." In: PINEDA CAMACHO, Roberto, ALZATE ANGEL, Beatriz (comp.). *Los Meandros de la Historia en Amazonía*. Quito: ABYA-YALA, 1990, pp. 95-124.

- VALCÁRCEL, Carlos Daniel. "Garcilaso Chimuoclo." *Boletín de la Biblioteca Nacional*. N° 37-38, pp. 7-11. Lima, 1966.
- VARNHAGEN, Francisco Adolpho de. *História Geral do Brazil. Tomo II*. Rio de Janeiro, em caza de E. e H. Leammert, R. da Quitanda, MLCCCLVII.
- VELOSO, Euda Cristina Alencar. "Estrutura de apropriação de riqueza em Belém do Grão-Pará, através do recenseamento de 1778." In: ACEVEDO MARIN, Rosa (Org.). *A escrita da História Paraense*. Belém: NAEA/UFPA, 1998, pp.7-28.
- VENTURA, António. "Deus Guarde V. Ex^a Muitos Anos: Manoel Godoy e Luís Pinto de Sousa (1796-1798)." *Revista de Estudios Extremeños*, vol. 57, n.3, 2001, pp. 963-989.
- VERGOLINO-HENRY, Anaiza, FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. *A Presença Africana na Amazônia Colonial: Uma notícia histórica*. Belém: Arquivo Público do Pará, 1990.
- VICENTE, António Pedro. "A política de Godoy em relação a Portugal. Do Tratado de Basileia à Invasão de Junot (1795-1807)." *Revista de Estudios Extremeños*, vol. 57, n.3, 2001, pp. 1117-1153.
- VIDAL, Josep Juan, MARTINEZ RUIZ, Enrique. *Política Interior y Exterior de los Borbones*. Madrid: Ediciones Istmo, 2001.
- VIDALES, Carlos. "Corsarios y piratas de la Revolución Francesa en las aguas de la emancipación hispanoamericana." *Coloquio Internacional 'L'Amérique Latine face a la Revolution Française*, Paris-Sorbonne, 28-30 de junio de 1989, pp. 3-18.
- VILLALOBOS R., Sergio. *Comercio y Contrabando en el Río de la Plata y Chile*. Buenos Aires: EUDEBA, 1986.
- _____. *El Comercio y la Crisis Colonial*. Santiago: Editorial Universitaria, 1990.
- VILLALTA, Luiz Carlos. "O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura." In: MELLO e SOUZA, Laura de (org). *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 382, pp. 331-385.
- _____. *Reformismo Ilustrado, Censura e Práticas de Leitura: Usos do Livro na América Portuguesa*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: USP, 1999.
- VIVIANA TEJERINA, Marcela. "La lucha entre España y Portugal por la ocupación del espacio: una valoración alternativa del Tratado de San Ildefonso de 1777." *Revista de História*. São Paulo: n. 135, dez. 1996, pp. 31-39.
- WALKER, Charles F. *De Túpac Amaru a Gamarra: Cusco y la Formación del Perú Republicano, 1780-1840*. Cusco: CBC, 1999.

- _____. *Smoldering Ashes: Cuzco and the Creation of Republican Peru, 1780-1840*. Duke University Press, 1999.
- WALL, Helena M. "Confessions of a British North Americanist: Borderlands Historiography and Early American History." *Reviews in American History*, Vol. 25, No. 1, Mar. 1997, pp. 1-12.
- WASSERMAN, Claudia (org.). *História da América Latina: Cinco Séculos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- WEBER, David J. "Turner, the Boltonians, and the Borderlands." *The American Historical Review*, Vol. 91, No. 1, Feb. 1986, pp. 66-81.
- _____. "The Spanish Borderlands, Historiography Redux." *The History Teacher*, Vol. 39, No. 1, Nov. 2005, pp. 43-56.
- _____. *Bárbaros. Los españoles y sus salvajes en la Era de la Ilustración*. Barcelona: Crítica, 2007.
- WEBER, David J., RAUSCH, Jane M. *Where Cultures Meet: Frontiers in Latina American History*. Wilmington, Delaware: Jaguar Books, 1994.
- WHITEHEAD, Neil L.. "Indigenous Cartography in Lowland South America and the Caribbean." In: WOODWARD, David, LEWIS, G. Malcolm (ed.). *The History of Cartography, Volume Two, Book Three: Cartography in the Traditional African, American, Arctic, Australian, and Pacific Societies*. Chicago and London: The University of Chicago Press, pp. 301-326.
- WISIAK, Thomas. *A Nação Partida ao Meio: tendências políticas na Bahia na crise do Império Luso-Brasileiro*. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo: USP, 2001.
- WITHERS, Charles W. J. *Placing the Enlightenment: Thinking Geographically about the Age of Reason*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2007.
- WOODWARD, David, LEWIS, G. Malcolm (ed.). *The History of Cartography, Volume Two, Book Three: Cartography in the Traditional African, American, Arctic, Australian, and Pacific Societies*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- ZÁRATE BOTÍA, Carlos Gilberto. "Movilidad y Permanencia Ticuna en la Frontera Amazónica Colonial del Siglo XVIII." *Journal de la Société des Américanistes*, 1998 (1), pp. 73-98.